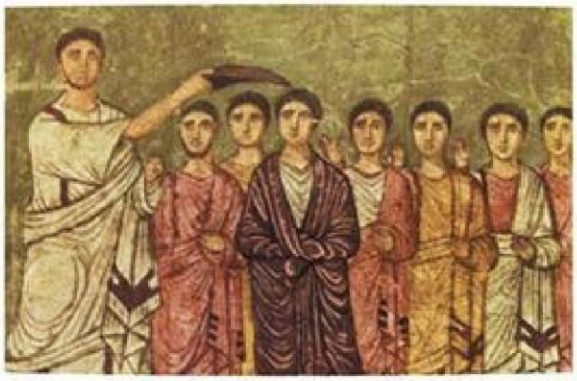
TEACH THE TEXT
COMMENTARY SERIES

# JOB


Daniel J. Estes

Mark L. Strauss *and* John H. Walton, *General Editors*

## TEACH THE TEXT COMMENTARY SERIES

**John H. Walton**
*Old Testament General Editor*

**Mark L. Strauss**
*New Testament General Editor*

*When complete, the* TEACH THE TEXT COMMENTARY SERIES *will include the following volumes:*

### Old Testament Volumes

*Genesis* ..... Richard S. Hess
*Exodus* ..... T. Desmond Alexander
*Leviticus and Numbers* ..... Joe M. Sprinkle
*Deuteronomy* ..... Michael A. Grisanti
*Joshua* ..... Kenneth A. Mathews
*Judges* ..... Kenneth C. Way
*Ruth and Esther* ..... Andrew J. Schmutzer
*1 & 2 Samuel* ..... Robert B. Chisholm Jr.
*1 & 2 Kings* ..... David W. Baker
*1 & 2 Chronicles* ..... Robert R. Duke
*Ezra and Nehemiah* ..... Douglas J. E. Nykolaishen
*Esther* ..... (see *Ruth*)
*Job* ..... Daniel J. Estes
*Psalms*, two volumes ..... C. Hassell Bullock
*Proverbs* ..... Richard L. Schultz
*Ecclesiastes and Song of Songs* ... Edward M. Curtis
*Isaiah* ..... Frederick J. Mabie
*Jeremiah and Lamentations* .. J. Daniel Hays
*Ezekiel* ..... John W. Hilber
*Daniel* ..... Ronald W. Pierce
*The Minor Prophets* ..... Douglas Stuart

### New Testament Volumes

*Matthew* ..... Jeannine K. Brown
*Mark* ..... Grant R. Osborne
*Luke* ..... R. T. France
*John and 1–3 John* ..... David L. Turner
*Acts* ..... David E. Garland
*Romans* ..... C. Marvin Pate
*1 Corinthians* ..... Preben Vang
*2 Corinthians* ..... Moyer V. Hubbard
*Galatians and Ephesians* ..... Roy E. Ciampa
*Philippians, Colossians, and Philemon* ..... Linda L. Belleville
*1 & 2 Thessalonians, 1 & 2 Timothy, and Titus* ..... Philip H. Towner
*Hebrews* ..... Jon C. Laansma
*James, 1 & 2 Peter, and Jude* ..... Jim Samra
*1–3 John* ..... (see *John*)
*Revelation* ..... J. Scott Duvall

Para ver quais títulos estão disponíveis, visite o site da série em www.teachthetextseries.com.



TEACH THE TEXT
COMMENTARY SERIES

# Job

Daniel J. Estes

Mark L. Strauss and John H. Walton
General Editors

Rosalie de Rosset
Associate Editor



BakerBooks
a division of Baker Publishing Group
Grand Rapids, Michigan

© 2013 por Daniel J. Estes
Legendas e Ilustrando as seções © de texto 2013 por Baker Publishing Group

Publicado pela Baker Books, uma
divisão do Baker Publishing Group
Caixa Postal 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287
www.bakerbooks.com

# Edição de ebook criada em 2013

Correções de ebook 20.09.2013

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio — por exemplo, eletrônico, fotocópia, gravação — sem a permissão prévia por escrito do editor. A única exceção são breves citações em resenhas impressas.

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso estão arquivados na Biblioteca do Congresso, Washington, DC.

versão impressa ISBN 978-1-4412-4277-8

Salvo indicação em contrário, as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®. VNI.® Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 por Biblica, Inc. ™ Todos os direitos reservados mundialmente. www.zondervan.com

As citações das Escrituras rotuladas ESV são da Bíblia Sagrada, Versão® Padrão em Inglês (ESV®), copyright © 2001 pela Crossway, um ministério editorial da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados. Edição de Texto ESV: 2007.

As citações das escrituras rotuladas como NJPS são da New Jewish Publication Society Version © 1985 pela The Jewish Publication Society. Todos os direitos reservados.

Contrato de licença de fonte "Perspective Sans": http://www.fontsquirrel.com/license/Perspective-Sans.

Ao Rev. George Hattenfield:

pastor fiel, sábio

mentor e amigo

amado,

que através de quarenta e dois anos de ministério em Clintonville Baptist

A Igreja e a Igreja Batista de Linworth demonstraram o que significa pastorear o rebanho de Deus.

1 Pedro 5:1–4

Lucas 6:40

# Conteúdo


Capa i

Série Página II

Página de Título iii

Direitos Autorais Página iv

Dedicação v

Bem-vindo à Série de Comentários Ensine o Texto ix

Introdução ao Ensine o Texto Série de Comentários xi

Abreviaturas xiii

Introdução ao Trabalho 1

Emprego 1 8

*Adversidade de um Homem Justo*

Emprego 2 14

*Aumentando a pressão*

Emprego 3 20

*Job quebra o silêncio*

Emprego 4 26

*Como Elifaz explica a adversidade de Jó*

Emprego 5 32

*Elifaz acha que sabe a resposta*

Emprego 6 38

*A frustração de Jó com seus amigos*

Emprego 7 44

*A Queixa de Jó a Deus*

Emprego 8 50

*Bildad tem a resposta (ele acha!)*

Emprego 9 56

*Jó considera uma disputa legal com Deus*

Emprego 10 62

*O que Jó quer dizer a Deus*

Emprego 11 68

*Zophar rejeita as queixas de Jó*

Emprego 12 74

*Job apresenta provas contra o princípio da retribuição*

Emprego 13 80

*Jó se vira para falar com Deus*

Emprego 14 86

*Jó tenta ter esperança, mas acaba em desespero*

Emprego 15 92

*Elifaz faz críticas a Jó*

Emprego 16 98

*Jó se sente sob ataque de Deus*

Emprego 17 104

*Jó não encontra esperança na vida ou na morte*

Emprego 18 110

*Bildad novamente bate o tambor de retribuição*

Emprego 19 116

*A esperança de Jó contra a esperança*

Emprego 20 122

*As Palavras Finais de Zophar para Jó*

Emprego 21 128

*Jó destrói o principal argumento dos amigos*

Emprego 22 134

*Elifaz condena e aconselha Jó*

Emprego 23 140
*Jó sente confiança e terror*

Emprego 24 146
*Jó Pergunta Por Que Deus Permite que o Pecado Permaneça Impune*

Emprego 25 152
*A última tentativa de Bildad de responder a Job*

Emprego 26 158
*Jó Ouve os Sussurros das Obras de Deus*

Emprego 27 164
*Jó fala no lugar de Zophar*

Emprego 28 170
*Mas onde a sabedoria pode ser encontrada?*

Emprego 29 176
*Jó relembra os bons velhos tempos*

Emprego 30 182
*Das alturas da honra às profundezas da humilhação*

Emprego 31 188
*O Juramento Final de Inocência de Jó*

Emprego 32 194
*Eliú faz sua aparição*

Emprego 33 200
*Eliú pede a Jó que escute*

Emprego 34 206
*Eliú Argumenta que Deus Sempre Age com Justiça:*

Emprego 35 212
*Eliú descreve Deus como muito distante e desapegado para ouvir Jó*

Emprego 36 218
*Eliú aponta para o benefício corretivo do sofrimento*

Emprego 37 224
*Elihu termina com um floreio*

Emprego 38 230
*Javé Fala como Mestre Mestre*

Emprego 39 236
*Javé pergunta a Jó sobre animais*

Emprego 40 242
*Javé dirige a atenção de Jó para o gigante*

Emprego 41 248
*Javé aponta emprego para o Leviatã*

Emprego 42 254
*O trabalho chega ao fim*

Bibliografia 263

Créditos da Imagem: 265

Colaboradores 266

Índice 267

Voltar para 273

Capa Traseira 274

# Bem-vindo à Série de Comentários Ensine o Texto

Por que outra série de comentários? Essa foi a pergunta que os editores gerais fizeram quando a Baker Books nos pediu para produzir esta série. Há algo que podemos oferecer a pastores e professores que não está sendo oferecido atualmente por outras séries de comentários, ou que pode ser oferecido de uma maneira mais útil? Depois de pesquisar cuidadosamente as necessidades dos pastores que ensinam o texto semanalmente, concluímos que sim, mais pode ser feito; Este comentário é cuidadosamente projetado para preencher uma lacuna importante.

A tecnicidade dos comentários modernos muitas vezes sobrecarrega os leitores com detalhes tangenciais ao objetivo principal do texto. Discussões sobre fontes e críticas de redação, bem como levantamentos detalhados da literatura secundária, parecem distantes da pregação e do ensino da Palavra. Em vez de passar por discussões técnicas, os pastores muitas vezes recorrem a comentários devocionais, que podem conter fraquezas exegéticas, mau uso das línguas grega e hebraica e falta de sofisticação hermenêutica. Há a necessidade de um comentário que utilize o melhor da erudição bíblica, mas também apresente o material em um formato claro, conciso, atraente e fácil de usar.

Este comentário foi projetado para esse propósito – fornecer uma referência pronta para a exposição do texto bíblico, dando acesso fácil às informações de que um pastor precisa para comunicar o texto de forma eficaz. Para esse fim, o comentário é dividido em unidades de pregação cuidadosamente selecionadas, cada uma coberta em seis páginas (com contagens de palavras cuidadosamente reguladas tanto na passagem como um todo quanto em cada subseção). Pastores e professores engajados na preparação semanal, portanto, sabem que lerão aproximadamente a mesma quantidade de material semana a semana.

Cada passagem começa com um resumo conciso da mensagem central, ou "Grande Ideia", da passagem e uma lista de seus principais temas. Isso é seguido por uma interpretação mais detalhada do texto, incluindo o contexto literário da passagem, material de fundo histórico e insights interpretativos.

Embora se baseie no melhor da erudição bíblica, esse material é claro, conciso e direto ao ponto. O material técnico é reduzido ao mínimo, com notas de fim apontando o leitor para uma discussão mais detalhada e recursos adicionais.

Um segundo grande foco deste comentário é sobre o processo de pregação e ensino em si. Poucos comentários hoje ajudam o pastor/professor a passar do significado do texto para sua comunicação efetiva. Nosso objetivo é preencher essa lacuna. Além de interpretar o texto na seção "Entendendo o Texto", cada unidade de seis páginas contém uma seção "Ensinando o Texto" e uma seção "Ilustrando o Texto". A seção de ensino aponta para os principais temas teológicos da passagem e maneiras de comunicar esses temas para o público de hoje. A seção de ilustração fornece ideias e exemplos para manter o interesse dos ouvintes e conectar a mensagem à vida diária.

O formato criativo deste comentário surge de nossa crença de que a Bíblia não é apenas um registro dos negócios de Deus no passado, mas é a Palavra viva de Deus, "viva e ativa" e "mais afiada do que qualquer espada de dois gumes" (Hb. 4:12). Nossa oração é para que este comentário ajude a liberar esse poder transformador para a glória de Deus.

Os Editores Gerais

# Introdução à Série de Comentários Ensine o Texto

Esta série é projetada para fornecer uma referência pronta para ensinar o texto bíblico, dando fácil acesso às informações que são necessárias para comunicar uma passagem de forma eficaz. Para tanto, o comentário é cuidadosamente dividido em unidades que são fiéis às ideias dos autores bíblicos e de duração apropriada para o ensino ou pregação.

As seguintes seções padrão são oferecidas em cada unidade.

1. *Grande ideia.* Para cada unidade, o comentário identifica o tema principal, ou "Grande Ideia", que impulsiona tanto a passagem quanto o comentário.
2. *Temas-chave*. Junto com a Grande Ideia, o comentário aborda de forma pontual as ideias-chave apresentadas no trecho.
3. *Entenda o texto*. Esta seção enfoca a exegese do texto e inclui várias seções.
    a. O texto em contexto. Aqui, o autor dá uma breve explicação de como a unidade se encaixa no fluxo do texto ao seu redor, incluindo referência à estratégia retórica do livro e à contribuição da unidade para o propósito do livro.
    b. Esboço/Estrutura. Para alguns gêneros literários (por exemplo, epístolas), um breve esboço exegético pode ser fornecido para guiar o leitor através da estrutura e fluxo da passagem.
    c. Contexto Histórico e Cultural. Esta seção aborda informações históricas e culturais que podem iluminar um versículo ou passagem.
    d. Insights interpretativos. Esta seção fornece informações necessárias para uma compreensão clara da passagem. A intenção do autor é ser altamente seletivo e conciso, em vez de exaustivo e expansivo. e. Insights teológicos. Nesta brevíssima seção, o comentário identifica alguns insights teológicos cuidadosamente selecionados sobre a passagem.
4. *Ensinando o texto*. Sob este segundo título principal, o comentário oferece orientações para o ensino do texto. Nesta seção,

o autor expõe os principais temas e aplicações da passagem. Estes estão ligados cuidadosamente à Grande Ideia e estão representados nos Temas-Chave.

5. *Ilustrando o texto*. Aqui, o comentário fornece sugestões de onde ilustrações úteis podem ser encontradas em campos como literatura, entretenimento, história ou biografia. Destinam-se a fornecer ideias gerais para ilustrar os temas-chave da passagem e, assim, servir como um catalisador para ilustrar eficazmente o texto.

# Abreviaturas

| | |
|---|---|
| b. | nascer |
| Ca. | aproximadamente |
| cf. | *conferir*, comparar |
| cap(s). | capítulo(s) |
| por exemplo, | *exempli gratia* , por exemplo |
| Esp. | especialmente |
| ESV | Versão Standard em Inglês |
| KJV | Versão King James |
| MT | Texto Masorético |
| NASB | Nova Bíblia Padrão Americana |
| NIV | Nova versão internacional |
| NJPS | *O Tanakh: As Sagradas Escrituras: A Nova Tradução JPS de acordo com o Texto hebraico tradicional* |
| NKJV | Nova versão King James |
| *T. Emprego* | *Testamento de Jó* |
| v(v). | verso(s) |

# Introdução ao trabalho

## Autoria, data e configuração

O livro de Jó não identifica seu autor nem indica a data em que foi escrito. A história se passa fora de Israel, provavelmente na terra de Edom, então as narrativas históricas no Antigo Testamento não podem ser usadas para determinar especificamente quando a ação ocorreu. Além disso, a data em que o livro foi composto pode não ter sido a mesma do cenário literário da ação, pois os autores muitas vezes colocam seus textos em períodos históricos diferentes dos seus. Além disso, o tema do sofrimento que domina o livro de Jó é um assunto comum discutido pelos seres humanos em todas as épocas.



Devido a esses fatores incertos, os intérpretes ao longo da história chegaram a uma grande variedade de opiniões sobre quem escreveu este livro e quando.[1] O Talmud Babilônico judaico atribui o livro a Moisés, mas vários rabinos sugerem inúmeras outras alternativas. O pai da igreja primitiva Eusébio afirma que o livro contém transcrições precisas de discursos que foram gravados na época em que foram falados, o que ele acredita ter sido na época de Abraão. Outros intérpretes sugeriram datas ao longo da história de Israel, com alguns datando Jó tão tarde quanto o período pós-exílico (século VI a.C. e mais tarde).

Muitos dos detalhes do livro parecem se encaixar melhor na era patriarcal de

Abraão, Isaque e Jacó. Por exemplo, os antigos nomes divinos El, Eloá e Shaddai são usados na maior parte do livro. Além disso, as posses de Jó se assemelham muito às posses dos patriarcas, e seu tempo de vida é comparável ao deles. No entanto, os temas do livro de Jó estão melhor relacionados com os livros de sabedoria do Antigo Testamento de Provérbios e Eclesiastes, enquanto Jó e seus amigos lutam com o ensinamento da sabedoria tradicional de que Deus abençoa os justos, mas pune os ímpios.

Quando todos esses fatores são considerados em conjunto, talvez seja melhor considerar o livro de Jó como escrito por um mestre de sabedoria não identificado, provavelmente durante o período em que a sabedoria floresceu em Israel, começando no tempo de Salomão (século X a.C.) e continuando pelo menos até o tempo de Ezequias no século VIII a.C. (Cf. Prov. 25:1). Fazendo uso de uma história ambientada no antigo período patriarcal, mas fora de Israel, o escritor aborda a questão secular e universal do sofrimento humano no contexto da infinita sabedoria, autoridade e justiça de Javé.

## Unidade e Estrutura

Muitos intérpretes do livro de Jó argumentaram que ele é composto de textos díspares que foram costurados por um ou mais editores.[2] Em particular, afirmam que o retrato de Jó como modelo de paciência no quadro prosa do livro se choca com o desafio de Jó na seção poética central. Muitas vezes, o poema louvando a sabedoria no capítulo 28 e os discursos de Eliú nos capítulos

32–37 são considerados como adições posteriores, e alguns dos discursos no terceiro ciclo (caps. 22–27) são reconfigurados e reatribuídos a diferentes oradores.

Deve-se reconhecer, no entanto, que a evidência real do manuscrito suporta

Deve-se reconhecer, no entanto, que a evidência manuscrita real apoia a disposição do livro como o temos agora, e não há dados textuais que corroborem as reconstruções hipotéticas de Jó. De fato, quando o livro de Jó é lido atentamente, ele produz um desenvolvimento coerente e profundo do pensamento.

Seguindo inúmeros exemplos em textos antigos e mais recentes, o livro de Jó envolve um prólogo em prosa e um epílogo em torno de um centro poético incorporado. O quadro da prosa remete a dados da poesia. A poesia pressupõe o conhecimento do prólogo, e seus conflitos são resolvidos no epílogo.

No prólogo (caps. 1–2), o caráter justo de Jó é repetidamente descrito pelo narrador (1:1) e por Javé (1:8; 2:3). O desafio do adversário sobre a motivação que motiva o comportamento justo de Jó é revelado, bem como a permissão de Javé para que o adversário traga calamidade à experiência de Jó, a fim de testar a sinceridade de seu compromisso com Javé. O adversário passa a causar destruição nos bens, na família e no corpo de Jó.

A longa seção poética começa com o lamento inicial de Jó (cap. 3), e então seus três amigos tentam explicar a Jó por que ele experimentou essa adversidade e o que ele precisa fazer para resolver sua condição miserável. Jó e os amigos passam por três rodadas de discursos nos capítulos 4 a 27, com todos ficando mais agitados, de modo que, no final da seção, sua comunicação desmorona.

Neste ponto, o narrador interjeita um poema em louvor à sabedoria no capítulo 28, que serve para redirecionar a atenção para o tema-chave do temor do Senhor, o princípio fundamental da sabedoria (ver Prov. 9:10). Jó então fala nos capítulos 29–31, culminando com um desafio a Deus para respondê-lo (31:35). Um jovem, Eliú, então inesperadamente fala nos capítulos 32–37, em uma tentativa valente, mas vã, de fornecer uma visão juvenil onde os mestres de sabedoria mais velhos falharam. Finalmente, Javé quebra seu silêncio, nos capítulos 38–41. Ao fazer mais de setenta perguntas sem resposta a Jó, Javé leva Jó à percepção de que, embora ele seja inocente do pecado, ele é ignorante dos caminhos de Javé. No capítulo final do livro, Jó retira sua

reivindicação legal contra Javé e, em seguida, Javé restaura a reputação de Jó, sua fortuna e sua família.

## Esboço do Trabalho

1. Prólogo (1–2)
2. Diálogo: primeiro ciclo (3–14)
    a. Trabalho (3)
    b. Elifaz (4–5)
    c. Jó (6–7)
    d. Bildad (8)
    e. Jó (9–10)
    f. Zophar (11)
    g. Jó (12–14)
3. Diálogo: segundo ciclo (15–21)
    a. Elifaz (15)
    b. Jó (16–17)
    c. Bildad (18)
    d. Trabalho (19)
    e. Zophar (20)
    f. Emprego (21)
4. Diálogo: terceiro ciclo (22–27)
    a. Elifaz (22)
    b. Jó (23–24)
    c. Bildad (25)
    d. Jó (26–27)
5. Interlídio (28)
6. Jó (29–31)
7. Eliú (32–37)
8. Joia (38–41)
9. Epílogo (42)

## Literatura

O escritor de Jó combina tão magistralmente grandes temas com linguagem requintada e estrutura intrincada que este livro é legitimamente considerado como um dos melhores textos literários já escritos. Não se encaixa em nenhum tipo literário específico; pelo contrário, combina o melhor dos provérbios, hinos, lamentos, poesia da natureza e retórica jurídica em uma composição única e brilhante.

Uma questão interpretativa debatida para este livro é sua relação com a história factual. Ele registra o relato literal da calamidade que sobrecarregou um homem chamado Jó em um momento e lugar específicos, juntamente com transcrições das palavras reais ditas por Jó e seus amigos enquanto se esforçavam para chegar a um acordo com sua tragédia? Ou melhor, o livro comunica a verdade teológica por meio da literatura imaginativa? Estudiosos que defendem a Bíblia como a inspirada e inerrante Palavra de Deus têm tomado posições diferentes sobre essa questão.

A historicidade do livro de Jó não deve ser rejeitada a priori. As referências bíblicas a Jó em Ezequiel 14:14, 20 e Tiago 5:11 referem-se a ele apenas como uma figura histórica seria indicada. A questão da factualidade histórica do livro de Jó, então, deve ser decidida por um exame cuidadoso dos dados textuais do livro.



Jó foi colocado no gênero da literatura de sabedoria. Para entender Jó mais plenamente, os estudiosos têm procurado paralelos mesopotâmicos. O texto mesopotâmico mostrado aqui, conhecido como Ludlul bel Nemeqi ("Louvarei ao Senhor da Sabedoria"), também apresenta um homem piedoso, embora não irrepreensível, que suporta o sofrimento e a calamidade, mas louva seu deus.

As palavras iniciais no livro de Jó são semelhantes às expressões em ambos 1 Samuel 1:1, que introduz a narrativa histórica do nascimento de Samuel, e 2 Samuel 12:1, quando Natã começa a contar a Davi uma história imaginária sobre um homem pobre e seu cordeiro que é roubado por seu vizinho rico. O cenário do livro é fora de Israel, na terra de Uz, e Jó não é apresentado como um membro da família do convênio. O narrador passa a descrever Jó e sua situação inicial em termos ideais, seguido por uma série de catástrofes que destroem praticamente tudo o que Jó possui e ama. Enquanto Jó e seus amigos dialogam sobre sua situação, eles se revezam na fala através de três ciclos, em uma linguagem que parece sugerir arte consciente em vez de ser a transcrição de respostas reais e extemporâneas. A resolução no epílogo aborda e corrige claramente muitos dos conflitos levantados no diálogo.

Na Bíblia, há inúmeros exemplos de narrativas históricas que descrevem eventos reais no tempo e no espaço, e este poderia ser o caso no livro de Jó. Por outro lado, também há usos frequentes de histórias fictícias, como as parábolas que Jesus contou nos Evangelhos, e Jó poderia plausivelmente ser lido dessa maneira. É evidente que na Bíblia o Espírito Santo empregou tanto a narrativa histórica quanto a literatura imaginativa para ensinar a verdade divina; o que não está tão claro é que tipo de literatura está representada no livro de Jó.

## Propósito

O livro de Jó não declara seu propósito em termos explícitos, mas fornece várias pistas sobre por que foi escrito. Mesmo uma leitura superficial do livro indica que ele é um suplemento ao ensino da sabedoria como o encontrado no livro de Provérbios. O tema predominante de Provérbios é que Javé abençoa aqueles que são sábios e justos, mas ele pune aqueles que são tolos e maus; Esse ensinamento é conhecido como teologia da retribuição. Em Jó, a teologia da retribuição é testada para ver até onde ela pode ser legitimamente aplicada. Os amigos de Jó insistem que a retribuição é uma

fórmula fixa que se aplica a todos os casos, então o sofrimento de Jó indica que ele deve ter pecado. Jó está confuso, porque está confiante de que é inocente e, no entanto, está sofrendo terrivelmente. Um dos principais propósitos do livro dele é inocente e, no entanto, ele está sofrendo terrivelmente. Um dos principais propósitos do livro de Jó é demonstrar que, embora a retribuição seja verdadeira como um padrão geral, o governo soberano do mundo de Javé não pode ser reduzido a uma fórmula rígida de retribuição.

Este livro também foi escrito para ensinar que os seres humanos são limitados em seu conhecimento do que Javé está fazendo. A maior parte do livro é encenada no palco terreno, enquanto Jó e seus amigos discutem sua adversidade e sua provável causa. O leitor, no entanto, aprende com o prólogo que há muito mais acontecendo do que os humanos imaginam. Javé afirmou claramente o caráter justo de Jó, e o adversário acusou Jó de motivações insinceras para suas ações piedosas. No final do livro, Jó chega à conclusão de que o que ele sabe como humano é minúsculo em comparação com o que o onisciente Javé sabe, então Jó se rende a ele.

O livro de Jó também revela que Javé, como o Senhor Soberano, é livre para agir de maneiras que podem parecer surpreendentes para os humanos. Mesmo que seu modo padrão de operação seja a retribuição, como ensinado em Provérbios, Javé não está vinculado à fórmula da retribuição. Ele pode permitir um caso como o de Jó, em que uma pessoa justa sofre adversidades, para fins que são conhecidos apenas por ele. Por outro lado, Javé também é livre para agir na graça, concedendo bênção àqueles que não merecem nada além do julgamento divino.

O livro de Jó, então, serve para complementar a sabedoria tradicional ensinada em

Provérbios, orientando o leitor a confiar em Javé, mesmo quando ele não parece agir de acordo com seu padrão padrão. Como Javé é justo, pode-se confiar que ele aja de acordo com seu santo caráter. No entanto, seu conhecimento ultrapassa o que os humanos podem entender, e ele é livre para agir de maneiras que os humanos podem não ser capazes de compreender com sua perspectiva finita. Os humanos podem confiar em Javé mesmo quando não conseguem entender seus caminhos misteriosos.

## Tema

Em seus temas, o livro de Jó toca em muitos assuntos importantes. Um de seus tópicos principais é a infinita sabedoria de Javé, que transcende o que os humanos são capazes de compreender. Jó e seus amigos discutem a condição de Jó como se pudessem entender como Javé governa seu mundo. Quando Javé fala com Jó, no entanto, suas inúmeras perguntas sem resposta demonstram que seu conhecimento excede em muito o que qualquer ser humano pode entender. O livro de Provérbios revela muitas características no mundo de Javé que são observáveis para os humanos, mas o livro de Jó explica que além de tudo o que pode ser conhecido, existem vastas áreas que Javé conhece perfeitamente, mas que permanecem misteriosas para os humanos.
que Javé sabe perfeitamente, mas que permanecem misteriosos para os humanos.

O livro também altera a teologia da retribuição para dar conta do conhecimento transcendente de Javé e de sua liberdade soberana. A bênção que Javé restaura a Jó no epílogo indica que a retribuição é um padrão geral válido de como Javé governa em seu mundo. Nos detalhes específicos, no entanto, há aspectos da vida em que a retribuição não deve ser pressionada em uma fórmula rígida e absoluta. Existem outros fatores no trabalho que alteram o padrão típico de causa e efeito na vida. Por essa razão, uma pessoa boa como Jó pode sofrer adversidades, e os malfeitores podem ter sucesso, mas Javé levará as coisas a uma resolução adequada em seu próprio tempo, maneira e propósito.

Embora o livro de Jó não aborde formalmente o problema do mal, que pergunta por que pessoas inocentes sofrem em um mundo governado por um Deus que é todo bom e todo-poderoso, ele fornece vários insights que se relacionam com a questão. O livro ensina que o sofrimento nem sempre é atribuível ao pecado pessoal. Também indica que fatores fora do controle humano podem se intrometer, como o sofrimento que Jó experimentou por instigação do adversário. A resposta final de Jó revela que o sofrimento pode resultar em instrução e crescimento, pois Deus tira o bem do mal. Em última análise, o livro de Jó leva o leitor a perceber que a explicação para por que as pessoas boas sofrem deve ser deixada no reino do mistério divino, mas que Javé pode ser confiável, mesmo quando os humanos não conseguem compreender todos os seus caminhos.

### Obras Baseadas no Livro de Jó

Muitas obras literárias e artísticas foram baseadas e se referem ao livro de Jó. Entre eles, destaca-se o drama em versos *J.B.* (1958), vencedor do Prêmio Pulitzer, de Archibald MacLeish (1892-1982). MacLeish reformula assustadoramente os sofrimentos de Jó no mundo moderno. Mais crucialmente, a atitude de MacLeish em relação ao que ele percebe ser a questão básica envolvida – a questão de por que os humanos sofrem – não se limita à tradição do Antigo Testamento. MacLeish não está afirmando a fé tradicional; Ele sugere que é necessária uma nova fé, que muitas pessoas no mundo contemporâneo acham atraente. Uma comparação com *J.B.* poderia ser usada substancialmente ao longo de um estudo de Jó para mostrar a diferença de perspectiva entre a visão tradicional de Jó tomada neste comentário e a de MacLeish. (*J.B.* foi especificamente referenciado algumas vezes nas seções "Ilustrando o Texto".)

Uma segunda obra literária é um conto de William Humphrey (n. 1924) chamado "A Job of the Plains" (1965). Esta história conta o relato de Jó a partir da perspectiva de um fazendeiro terroso e trabalhador chamado Dobbs. Contém ironia e um toque de cinismo.

Finalmente, o renomado poeta britânico William Blake (1757-1827) publicou um livro de vinte e duas gravuras do livro de Jó (*Ilustrações do Livro de Jó*, 1826). São consideradas obras-primas.

## Ensinar e Pregar Jó

Quando o livro de Jó é ensinado ou pregado, ele deve ser comunicado de uma maneira que seja fiel ao seu significado pretendido. O livro deve ser lido como uma unidade completa, com o prólogo em prosa e o epílogo enquadrando os discursos poéticos no corpo principal da obra. O quadro, reforçado pelo interlúdio do narrador no capítulo 28, fornece as pistas interpretativas que permitem ao leitor avaliar o que Jó, os amigos e Eliú dizem. Os discursos de Javé são cruciais para levar Jó e o leitor atual a uma compreensão do conhecimento divino transcendente e do mistério que os humanos devem aceitar.

É útil começar um estudo de Jó com uma visão geral do livro como um todo. O prólogo deve ser analisado em detalhes para fornecer uma lente interpretativa através da qual se possa visualizar o resto do livro. À medida que os discursos se desenrolam na longa seção de diálogos, eles devem ser relacionados de volta à síntese do livro. Se isso não for feito, então as afirmações e argumentos defeituosos de Jó e dos outros oradores podem ser erroneamente tomados como verdade, quando, na verdade, uma consideração cuidadosa do que todo o livro ensina os desmascara.

O livro de Jó é principalmente poesia antiga, que apresenta alguns desafios significativos para o professor ou pregador moderno. A poesia faz uso de

muitas figuras de linguagem que podem ser difíceis de serem compreendidas pelo leitor contemporâneo. Uma boa ferramenta para desvendar o significado das imagens em Jó é o *Dicionário de Imagens Bíblicas* (InterVarsity, 1998). O livro de Jó também alude a muitos costumes antigos que eram compreensíveis para seu público original, mas não são familiares para as pessoas de hoje. Dois guias úteis para esses tópicos são o *IVP Bible Background*
*Comentário: Antigo Testamento* (InterVarsity, 2000), e o *Zondervan Ilustrado Comentário sobre Antecedentes Bíblicos* (Zondervan, 2009).[3º]

Também é importante ler o livro de Jó dentro de seu contexto bíblico maior, porque outras passagens da Escritura podem preencher o quadro que só é esboçado em Jó. Embora não se deva ler os ensinamentos posteriores do Novo Testamento de volta a Jó de maneiras acríticas (por exemplo, transformando as palavras de Jó em 19:25 em uma clara antecipação da ressurreição de Cristo, como na famosa ária no Messias de Händel), deve-se reconhecer que passagens posteriores na Bíblia podem muito bem ser relevantes para explicar o significado das características em Jó (por exemplo, a revelação bíblica subsequente sobre o caráter e a carreira de Satanás pode iluminar a ação narrada em Jó 1–2). Para ajudar a compreender as dimensões teológicas mais amplas de Jó, um recurso útil é o *Dicionário do Antigo Testamento: Sabedoria, Poesia e Escritos* (InterVarsity, 2008).[4º]

O livro de Jó tem sido muitas vezes negligenciado no ensino e pregação da igreja. Isso é lamentável, porque Jó aborda questões importantes que a igreja. Isso é lamentável, porque Jó aborda questões importantes que as pessoas na igreja contemporânea estão fazendo. Sua literatura poderosa e sua história convincente se combinam para direcionar o leitor a confiar no Senhor, que sozinho conhece e controla tudo o que afeta a vida dos humanos em seu mundo. Este livro maravilhoso é a palavra de Deus e por todos os meios deve ser estudado cuidadosamente e comunicado com clareza. O objetivo deste comentário é equipar pastores, professores e alunos para fazer exatamente isso.



O desenho de William Blake de Jó e sua família, placa 1 do Livro de Jó (ca. 1825)

1 . Para um resumo sucinto da história da interpretação do livro de Jó desde os tempos bíblicos até a época de João Calvino, ver Joel S. Allen, "Jó 3: História da Interpretação", pp. 361–71.

2 . Kidner, *Wisdom*, pp. 75–89, fornece uma discussão útil e uma avaliação da variedade de argumentos levantados contra a unidade do livro de Jó.

3º . Ryken et al., *Dicionário de Imagens Bíblicas*; Walton, *Comentário de Fundo Bíblico do IVP*; Walton, *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, 5:246–301.

[4]. Longman e Enns, *Dicionário.*

**Trabalho 1**

# Adversidade de um Homem Justo

## Grande ideia *Diante de severas adversidades, Jó faz jus à confiança do Senhor em seu caráter.*

## Temas-chave do trabalho 1

- Javé elogia o padrão de vida justo de Jó.
- O adversário questiona os motivos de Jó por trás de suas práticas.
- A adversidade de Jó é causada por fatores muito além de seu controle.
- Jó responde à sua calamidade com profunda dor, mas também com compromisso inabalável com Javé.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 1 e 2 servem de prólogo para o livro. O capítulo inicial apresenta o protagonista, Jó, como um homem de caráter exemplar. Tanto o narrador (1:1) quanto Javé (1:8) descrevem Jó como irrepreensível, justo e temente a Deus. O resto do livro destina-se a ser lido com esta introdução em mente. Sob a intensa pressão que enfrenta, Jó fará algumas declarações que soam duras para com Deus, mas o prólogo deixa claro que Jó é um homem profundamente justo.

Tanto o prólogo (Jó 1-2) quanto o epílogo (42:7-17) são escritos em prosa, mas o resto do livro é predominantemente poesia. O prólogo e o epílogo,

então, funcionam como um quadro literário e interpretativo para este longo e intrincado livro. De fato, sem a estrutura da prosa, seria difícil ler o resto do livro como uma história coerente com começo, desenvolvimento e resolução.

**Contexto histórico e cultural** As antigas religiões do Oriente Próximo fora de Israel eram politeístas, e a maioria desses sistemas de pensamento retratava um concílio divino que tomava decisões importantes que afetavam os seres humanos.[5] Jó 1 retrata uma reunião de seres que são chamados de "filhos de Deus", e essa comitiva inclui uma figura chamada *satanás*, um termo hebraico que se refere a um adversário ou acusador. Em vez de ser igual a eles, no entanto, Javé é claramente apresentado como superior aos filhos de Deus. Todos eles têm que responder a Javé, e devem trabalhar dentro dos limites que Ele lhes impõe. O *satanás*, então, não é independente de Javé ou igual a Javé, ele é uma criatura celestial subserviente ao único Deus verdadeiro.

**Insights Interpretativos 1:1** *Este homem era irrepreensível.* Geralmente no Velho
Testamento Quando uma figura importante é introduzida, sua genealogia é traçada. No caso de Jó, no entanto, é seu caráter exemplar que se destaca. No primeiro verso do livro, o narrador descreve Jó em termos brilhantes: "Este homem era irrepreensível e reto; temia a Deus e evitava o mal". Mais tarde, em 1:8 e 2:3, Javé repete essa descrição, afirmando o caráter impecável de Jó como um homem íntegro e piedoso. Como um excelente exemplo de sabedoria bíblica, Jó ama o que Javé ama e evita o que desagrada a Javé. Esta não é uma afirmação de que Jó é moralmente perfeito como Javé é perfeito, mas sim, dentro dos limites da queda humana, a justiça de Jó é elogiada por Javé.

**1:3** *Ele era o maior homem entre todos os povos do Oriente.* Por todas as medidas tangíveis, Jó é próspero. Quando essa descrição é lida no contexto do livro de Provérbios, Jó está realmente vivendo, no mais alto nível, a boa vida que a sabedoria promete como uma bênção de Javé (Prov. 10:22).

**1:6** *Satanás também veio com eles.* No Novo Testamento, Satanás é o líder das forças do mal que se esforça para frustrar a vontade de Deus. Satanás é retratado como tentando tentar, sem sucesso, Jesus (Mt. 4:1–11) e como resistindo ao governo de Deus (Ap 12:9; 20:2, 7–8). Em outras partes do Antigo Testamento, além das referências a Satanás em 1 Crônicas 21:1 e Zacarias 3:1–2, o termo hebraico *satanás* é traduzido como uma expressão

descritiva (por exemplo, "adversário" em 1 Reis 5:4; "acusador" em Sl. 109:6) em vez de como um nome pessoal (Satanás) para o inimigo de Deus e seu povo.

Em Jó 1–2, a expressão hebraica inclui o artigo definido antes do termo *satanás*, que significa um adversário ou, em um contexto jurídico, um acusador. Porque o *satanás* aqui parece estar incluído no grupo celestial dos filhos de Deus, muitos estudiosos concluíram que este é um membro da assembleia de Javé que não ataca maliciosamente Jó, mas apenas expressa dúvidas sobre a política de Deus de recompensar a justiça. Nessa visão, ele funciona como um advogado de acusação que levanta preocupações sobre os motivos de Jó em ser piedoso diante de Deus.

Isso pode ser verdade, mas também se deve considerar que o mesmo termo hebraico é usado com frequência nas narrativas do Antigo Testamento e nos Salmos para se referir a inimigos que fazem acusações verbais contra os justos. Além disso, das trinta e quatro referências do Novo Testamento a Satanás, vinte e oito usam o artigo definido quando falam dele (por exemplo, em Apocalipse 20:2, 7, quando o Senhor derrota seu antigo inimigo, Satanás, e o amarra por mil anos). No Antigo Testamento, o artigo definido também é usado às vezes dessa maneira, como por exemplo quando "o Deus" se refere a Deus ou "o baal" se refere à divindade cananeia Baal. Em vista disso, parece haver evidências significativas para ver o adversário em Jó como um antagonista de Javé e seu servo Jó.

**1:9** *Jó teme a Deus por nada?* Quando Javé aponta a vida exemplar de Jó, o adversário sugere que Jó pode estar usando Javé para obter as bênçãos materiais que deseja. Não declarado, mas talvez insinuado implicitamente, é que Javé pode estar usando Jó para obter a adoração que ele deseja dos humanos. Se este é o caso, então o adversário está fazendo uma acusação sobre a motivação que leva à piedade aparentemente exemplar de Jó.

**1:10–11** *Você não colocou uma cerca em torno dele?* A Bíblia fala muitas vezes sobre como Deus é o protetor do seu povo (cf. Sls. 91; 121). Aqui, o adversário faz uma pergunta sobre a motivação para a piedade de Jó, e então ele corajosamente acusa que se Javé removesse essa cerca de Jó e permitisse que a vida perfeita de Jó fosse tocada pela calamidade, então a adoração de Jó se transformaria em maldição. Curiosamente, o termo hebraico que o adversário usa para "maldição" normalmente tem o significado oposto, "abençoar"; o mesmo termo também tem o significado de "maldição" em 1:5, quando Jó oferece sacrifícios por seus filhos caso eles tenham pecado e *amaldiçoado* a Deus em seus corações.

**1:12** *Tudo o que ele tem está em vosso poder.* Porque somente Javé é Deus e o soberano supremo sobre todos, ele poderia rejeitar o desafio do adversário completamente. Como um ser criado, o adversário não é igual a Javé e ele não pode obrigar Javé a fazer nada. Javé, no entanto, não se esquiva do desafio, mas permite que o adversário toque nas posses de Jó. Neste momento, Javé proíbe o adversário de afligir o corpo de Jó. Jó desconhece totalmente essa conversa celestial que provoca a calamidade que se seguirá.

**1:13–19** *Eu sou o único que escapou para lhe dizer!* A literatura narrativa no Antigo Testamento normalmente se concentra na ação e no diálogo em vez da descrição, o que certamente é o caso em Jó 1:13–19. Neste episódio, o relato da adversidade de Jó soa como um noticiário dando os fatos gritantes da calamidade e omitindo qualquer referência aos sentimentos de Jó diante dessa imensa tragédia humana. A cena muda do céu (1:12) para a terra (1:13-19) quando quatro servos chegam a Jó em rápida sucessão, cada um com notícias devastadoras. Em poucos instantes, Jó é reduzido de riquezas a trapos, de deleite a desastre, de celebração a tristeza. Jó nada sabe da conversa no céu entre Javé e o adversário. Tudo o que ele pode ver é a devastação de seu sustento e de sua família. Se o adversário estiver correto, a fé de Jó em Javé também entrará em colapso em breve. Por outro lado, se o comportamento piedoso de Jó estiver realmente enraizado em seu coração, então sua fé em Javé sobreviverá em meio aos escombros de sua experiência.



Em 1:17, entre as calamidades que se abatem sobre Jó estão a perda de seus camelos e a morte de seus servos por grupos de ataque caldeus. Este relevo assírio mostra uma mulher e uma manada de camelos capturados durante uma das campanhas militares de Tiglath-Pilesser (palácio central em Nimrud, 728 a.C.).

**1:20–22** *Então ele caiu no chão em adoração.* A resposta de Jó a esta profunda calamidade é dupla. Sentindo toda a força da dor, rasga a roupa e raspa os cabelos, que são ritos habituais de luto no mundo antigo (Gn 37,34; Isaías 15,2; Jr. 7,29). Ao mesmo tempo, Jó também cai no chão e humildemente adora a Deus. Tudo o que ele possui foi dado por Javé em vez de ganho por seus próprios esforços, e tudo o que ele acabou de perder foi levado por Javé em vez de meramente pelos agentes secundários que lhe infligiram danos. Ele conclui abençoando Javé, não amaldiçoando-o como o adversário previu em 1:11. O narrador coloca um ponto final de exclamação

na resposta de Jó: "Em tudo isso, Jó não pecou acusando Deus de malfeito" (1:22).

**Insights teológicos** Apenas em raras ocasiões a Bíblia abre as cortinas para que o leitor possa vislumbrar o que está acontecendo nos bastidores da história humana. Em Efésios 6:12, Paulo diz que os cristãos lutam contra as forças espirituais da iniquidade nos reinos celestiais. O profeta Eliseu ora em 2 Reis 6:17 para que Javé abra os olhos de seu servo para ver as forças divinas invisíveis que protegem Eliseu. Daniel 10 fala do conflito angelical que afeta o sucesso das nações.

Embora o livro de Jó possa ter sido escrito como uma parábola imaginativa em vez de uma narrativa histórica literal (veja a discussão na introdução), em ambos os casos a referência ao adversário em Jó 1–2 pode ser comparada a outras passagens bíblicas. Se o adversário é um membro do conselho divino que ajuda Javé no governo de seu mundo, então ele desempenha um papel comparável ao espírito em 1 Reis 22:19–23. Por outro lado, se suas ações em relação a Jó são maliciosas, então o conceito de adversário aqui poderia ser visto como um precursor para uma compreensão mais plenamente formada de Satanás, cuja atividade como acusador do povo de Deus é desenvolvida explicitamente no Novo Testamento (Ap 12:9-10).

## Ensinando o texto

Embora cada pessoa enfrente um conjunto único de circunstâncias, a adversidade é uma experiência que atravessa toda a história humana. Algumas pessoas enfrentam problemas médicos; para outros, o desafio pode ser financeiro, psicológico ou interpessoal. Mais cedo ou mais tarde, todos experimentam dor. A história de Jó ressoa conosco, porque Jó trilhou o mesmo caminho de adversidade que todos os seres humanos. Como Jó, nós também nos encontramos perguntando por que coisas ruins acontecem em um ser humano. Como Jó, também nós nos encontramos perguntando por que coisas ruins acontecem em um mundo no qual o Deus bom está no controle.

O livro de Jó define o cenário no capítulo 1 ao narrar como, diante de severas adversidades, Jó faz jus à confiança do Senhor em seu caráter. O bom caráter de Jó é evidenciado por seus padrões justos de vida. Tanto o narrador (1:1) quanto Javé (1:8) descrevem Jó em termos brilhantes. Mesmo que a

riqueza de Jó seja impressionante, esse não é o foco. Em vez disso, seu currículo destaca seu caráter mais do que suas posses, uma diferença gritante de como nossa cultura contemporânea mede sucesso e valor. Em seus padrões de vida, Jó demonstra integridade, compromisso com os padrões morais de Deus, reverência a Deus e aversão ao mal, que na literatura de sabedoria do Antigo Testamento são os componentes essenciais da vida sábia e justa.

À medida que o adversário questiona a política de Deus de recompensar a justiça, ele também questiona os motivos de Jó. Muitas pessoas estão interessadas em parecer generosas, bondosas, atenciosas e justas, mas podem ser motivadas por motivos impuros (compare a condenação de Jesus de práticas feitas para serem notadas por outras pessoas [Mt. 6:1–6]). Por exemplo, uma doação generosa para caridade pode ser dada principalmente para o benefício fiscal que ela fornece. Um gesto aparentemente gentil pode realmente fazer parte de uma estratégia de marketing para produzir uma venda. O adversário no livro de Jó argumenta que a adversidade provará que a reputação de retidão de Jó é apenas superficial, que não é realmente o caráter de Jó, mas apenas sua resposta a uma política divina falha.

As adversidades que vivenciamos podem vir de muitas fontes. Alguns resultam de nossos próprios erros e escolhas. Outros estão além do nosso controle pessoal, como muitos problemas médicos, problemas financeiros causados por fatores macroeconômicos ou acidentes de trânsito. O livro de Jó indica que algumas adversidades que os humanos experimentam podem estar enraizadas em questões cósmicas que vão muito além da responsabilidade individual de cada um.

A resposta inicial de Jó à sua calamidade reflete profunda dor, mas também compromisso inabalável com o Senhor (1:21-22). A fé em Deus não significa que enfrentamos a dor com uma resposta estoica e insensível. Quando a adversidade atinge nossas vidas, podemos e devemos sentir toda a extensão da dor. A fé não nega a dor, mas leva a dor ao Senhor. Os numerosos salmos de lamento, como os Salmos 3, 13, 22, 42 e 142, nos fornecem exemplos de pessoas piedosas expressando sua profunda dor ao Senhor e depois confiando nEle com suas dificuldades. Como Jó e os salmistas aprenderam, nossa adversidade pode nos levar a novas fronteiras em nosso conhecimento e confiança no Senhor.

## Ilustrando o texto

***Todos os seres humanos enfrentam a adversidade de uma forma ou de outra.***

Notícias: Estatísticas recentes sobre problemas médicos, dificuldades financeiras e desastres naturais ilustram o princípio de que todas as pessoas enfrentam adversidades. O poder da adversidade para reduzir rapidamente uma pessoa da prosperidade à pobreza foi testemunhado no crash do mercado de ações de 1929, quando as pessoas ricas perderam tudo.

***Embora a reputação seja muitas vezes baseada em como alguém aparece para os outros, o caráter é como ele realmente é.***

Literatura: ***Sentido e Sensibilidade*, de Jane Austen.** Na escritora britânica Jane O primeiro romance publicado por Austen (1775-1817), *Sense and Sensibility* (1811), Marianne Dashwood percebe John Willoughby como galanteador, mas na realidade suas ações provam que ele é um homem de mau caráter. Logo no início (cap. 10) ela pensa nele: "Quando ele estava presente, ela não tinha olhos para mais ninguém. Tudo o que ele fez foi certo. Tudo o que ele disse foi inteligente." Outro personagem, Elinor, finalmente observa: "O mundo o tornara extravagante e vaidoso – a extravagância e a vaidade o haviam tornado frio e egoísta. A vaidade, enquanto buscava seu próprio triunfo culpado às custas de outrem, o envolvera em um apego real, cuja extravagância, ou pelo menos sua necessidade de descendência, exigira ser sacrificada. Cada propensão defeituosa em conduzi-lo ao mal, levara-o igualmente ao castigo" (cap. 44).

Literatura: Paraíso ***Perdido*, de John Milton.** A arte e a malícia de Satanás são apresentadas em Paraíso *Perdido* (1667), de John Milton, na maior escala. Na verdade, Satanás é tão grandioso e maior do que a vida neste épico que alguns críticos o chamaram de herói do poema, uma contenção que C. S. Lewis contesta seriamente em *A Prefácio ao Paraíso Perdido* (1942). No entanto, poucas obras em qualquer lugar tão poderosamente exibem Satanás em toda a sua glória demoníaca e decaída. Muitas passagens trazem leitura; uma sugestão seria do Livro I, que descreve a queda desse ser enorme e poderoso que escolheu competir com Deus.

> Quem primeiro os seduziu [Adão e Eva] para aquela revolta suja?
> Serpente infernal; ele era, cuja astúcia
> Invejado e vingado, enganado
> A mãe da humanidade, que tempo seu orgulho
> Expulsou-o de Heav'n, com todo o seu anfitrião
> De anjos rebeldes, por cuja ajuda aspiram
> Colocar-se na glória acima de seus pares
> Ele confiava ter igualado o Altíssimo,
> Se ele se opôs; e com objetivo ambicioso
> Contra o trono e monarca de Deus

Levantou guerra ímpia em Heav'n e batalha orgulhosa
Com vã tentativa. Ele, o Poder Todo-Poderoso
Arremessado de cabeça flamejante do céu etéreo
Com ruína hedionda e combustão para baixo
À perdição sem fundo, ali habitar em
correntes adamantina e fogo penal,

Que desafiam o Onipotente às armas.[6º]

Arte: **Gustave Doré.** O ilustrador, escultor, artista e gravador francês Doré (1832-83) ilustrou *Paradise Lost*. As imagens de Doré podem reforçar o poder de Satanás para destruir e enganar.



Ilustração de Satanás sendo expulso do céu (por Gustave Doré para John Milton Paraíso Perdido, 1866)

[5]

. Michael S. Heiser apresentou uma excelente e breve discussão sobre o concílio divino no pensamento religioso antigo em Longman e Enns, *Dicionário*, pp. 112–16.

6º. Milton, *Paraíso Perdido*, 1.34–48.

## Trabalho 2

# Aumentando a pressão

## Grande ideia *Apesar do aumento das adversidades, Jó reafirma seu compromisso completo com o Senhor soberano.*

## Temas-chave do trabalho 2

- O adversário aumenta seu desafio ao caráter de Jó.
- O trabalho sofre dores físicas, sociais e emocionais.
- Jó aceita sua adversidade com submissão a Deus.
- Os amigos de Jó vêm confortá-lo em seu momento de grande necessidade.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 2 completa o prólogo, que prepara o cenário para uma discussão aprofundada de uma resposta piedosa à adversidade. Grande parte da linguagem de 1:6-22 é repetida e intensificada em 2:1-10, quando o escritor usa a técnica da repetição com variação para construir suspense e interesse. Quando as palavras de Javé em 2:3 são comparadas com sua descrição anterior de Jó em 1:8, é evidente que a primeira rodada de adversidades não subverteu o caráter justo de Jó.

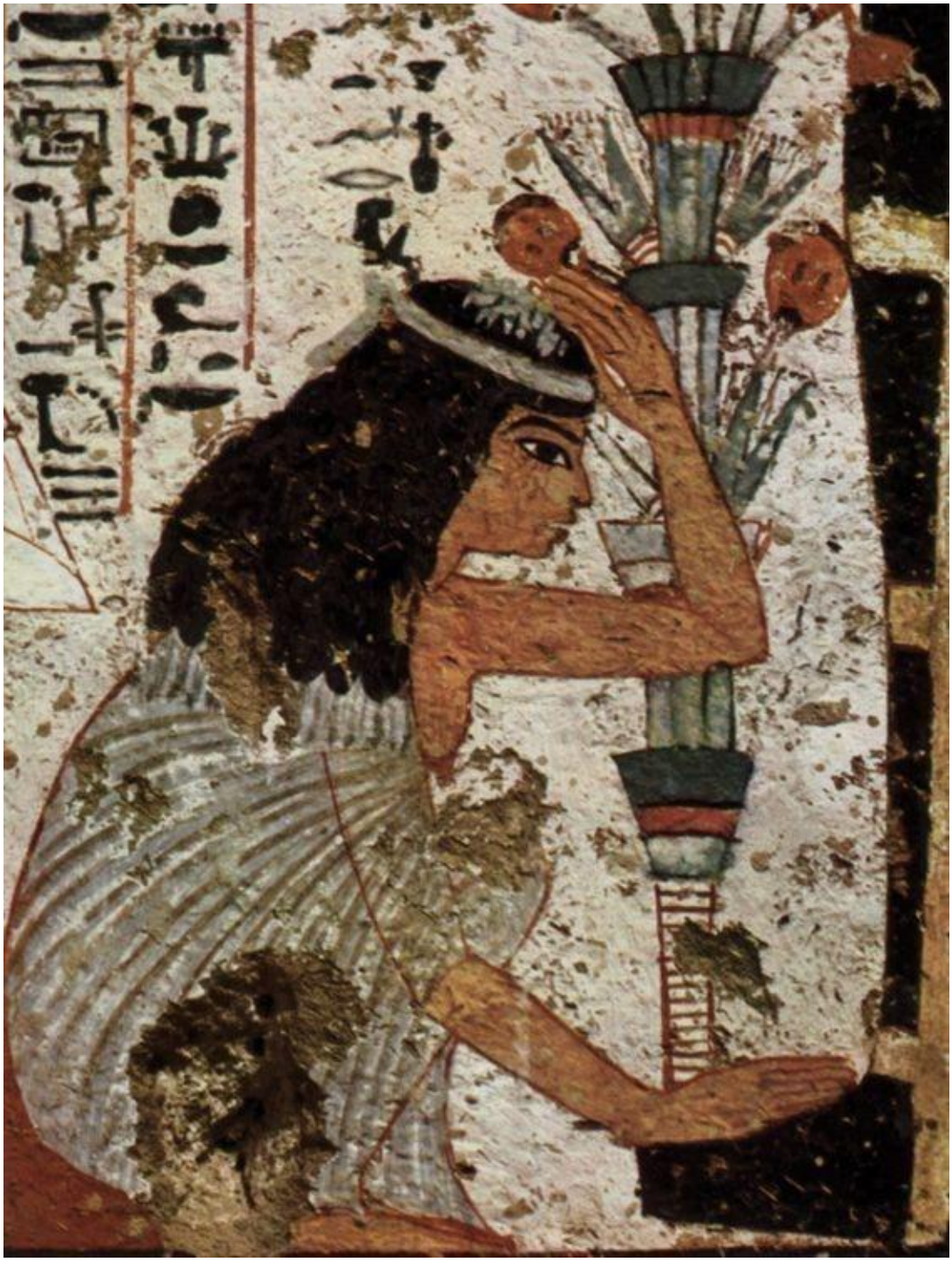
A chegada dos três amigos de Jó em 2:11–13 serve como uma ponte literária para a seção de diálogo estendido nos capítulos 3–31. Enquanto esses especialistas em sabedoria se sentam em silêncio com Jó por sete dias, a

tensão dramática aumenta, até que Jó quebra o silêncio com seu lamento de coração partido no capítulo 3. É evidente que a dor de Jó é muito grande (2:13), o que é um eco irônico de 1:3, onde Jó é descrito como o maior dos filhos do Oriente.

**Contexto histórico e cultural** A técnica literária de repetição e variação era frequentemente usada por contadores de histórias antigos (cf. 1 Sam. 3:1-14; 2 Reis 1:1-16 e 2:1-8), e pode muito bem ter sido cultivada pela prática de contar e recontar histórias oralmente. No prólogo do livro de Jó, o narrador em 2:1-10 repete com variações significativas o que ele relatou anteriormente em 1:6-22.

Em 2:8, Jó raspa suas feridas com uma panela enquanto se senta nas cinzas do lixão, que era um lugar que párias como mendigos e leprosos frequentavam no mundo antigo. Este quadro gráfico da quebrantamento de Jó revela que ele é rejeitado e indigente, isolado da vida comunitária.

Em 2:12, os amigos de Jó choram, rasgam suas vestes e jogam poeira sobre suas cabeças, todas expressões tradicionais de tristeza e luto (cf. Josué 7:6; 1 Sam. 4:12; 2 Sam. 13:19; Ez 27:30). Por esses símbolos visuais de sepultamento e decadência, eles se identificam com a pessoa morta, ou, no caso de Jó, aquela que parece tão boa quanto morta. Da mesma forma, o silêncio (2:13) era muitas vezes um ato tradicional de luto (Lam. 2:10; cf. Is. 3:26; Ez 8:14), e sete dias era um período típico de luto depois que uma pessoa havia morrido (Gênesis 50:10; 1 Sam. 31:13; Sir. 22:12; Jud. 16:24).



Em 2:12, quando os amigos de Jó observam seu sofrimento, começam a chorar em voz alta, rasgam suas vestes e borrifam poeira sobre suas cabeças. Essas são maneiras típicas de expressar publicamente o luto e o luto no antigo Oriente Próximo. Nesta pintura do túmulo egípcio, uma mulher enlutada coloca poeira em sua cabeça como sinal de sua tristeza (túmulo de Nebamun, ca. 1350 a.C.).

**Insights Interpretativos 2:1** *Em outro dia.* A narrativa em 2:1–3 é quase idêntica à de 1:6–8, mas inclui três mudanças sutis e significativas. Em 2:1, o

adversário vem entre os filhos de Deus com aparente ânsia de continuar sua disputa com Javé sobre Jó. Em 2:3, Javé diz que Jó ainda mantém sua integridade, mesmo tendo sido arruinado "sem qualquer razão", usando o mesmo termo que o adversário declarou em 1:9 ("para nada"). Também em 2:3, Javé diz que o adversário o incitou a arruinar Jó.

**2:3** *Você me incitou contra ele*. O verbo hebraico *sut* que Javé usa aqui para "incitado" tem a nuance de levar alguém a agir de uma maneira diferente do que essa pessoa teria escolhido fazer sem a provocação. Em 2 Reis 18:32 e Jeremias 43:3, os humanos são o sujeito do verbo, mas em 1 Samuel 26:19 e 2 Samuel 24:1 Javé é apresentado como incitando as pessoas a fazerem o que é errado. O paralelo em 1 Crônicas 21:1 é instrutivo, porque indica que, embora Javé permita ações malignas dentro de seu plano soberano geral, ele não é diretamente responsável por causar o mal. Não é do prazer de Javé que Jó seja aflito, mas Javé permitiu que o adversário seguisse sua estratégia contra Jó em sua tentativa de demonstrar que Jó não tem o caráter brilhante que Javé pensa que tem.

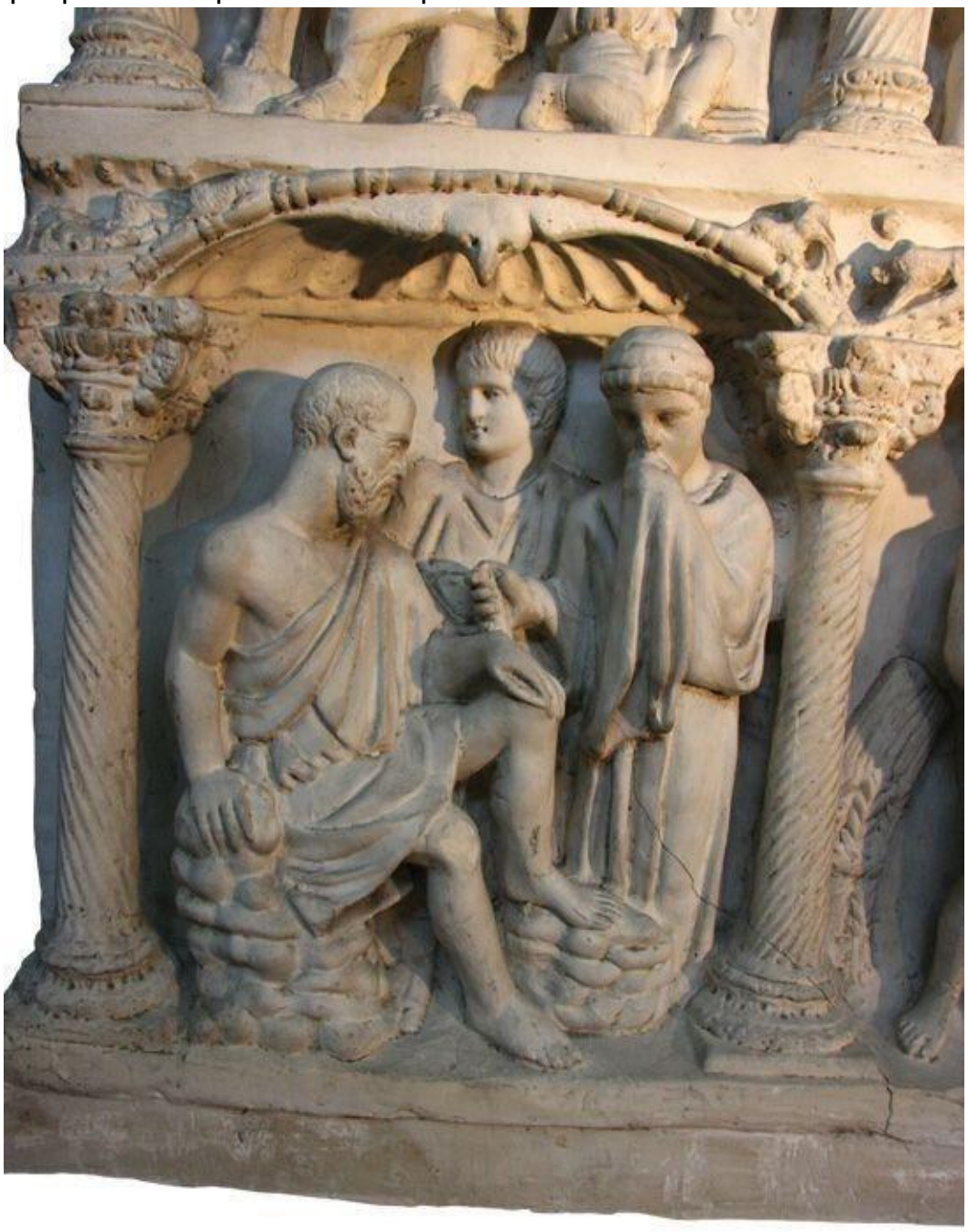
**2:4–5** *Pele por pele!* Rejeitando a avaliação favorável de Javé sobre Jó, o adversário retruca com uma expressão proverbial insistindo que Jó não sentirá a aflição até que sua própria saúde esteja em perigo. Em outras palavras, o adversário alega que Jó valoriza seu próprio bem-estar físico mais do que seus bens, seus servos ou mesmo seus filhos.

**2:6** *você deve poupar a vida dele.* Mesmo que o adversário instigue a aflição sobre Jó, ele não é livre para trabalhar independentemente do controle de Javé. É claro que Javé é soberano sobre o adversário e que ele coloca limites sobre até onde o adversário pode ir.

**2:7** *Então Satanás... afligiu Jó com feridas dolorosas.* Não perdendo tempo, o adversário sai da presença de Javé e ataca Jó com um grave distúrbio de pele, provavelmente uma erupção cutânea ardente. Esta doença dolorosa (Cf. Exod. 9:9-11; Lev. 13:18-20; Deut. 28:27-28) traz um desconforto avassalador para aqueles a quem aflige. Dicas em Jó 7:5; 16:16; e 30:30 sugerem que isso dá a Jó dor intensa e uma aparência horrível.

**2:9** *Amaldiçoe a Deus e morra!* A esposa de Jó fala isso apenas uma vez no livro, e suas palavras motivaram uma ampla gama de interpretações. Agostinho a considerava negativamente como uma agente do diabo, porque sem perceber, ela assume a postura do adversário ao desafiar Jó a se voltar contra Javé (cf. 1:11; 2:5). Alguns interpretam sua pergunta, "Você ainda está mantendo sua integridade?" como uma declaração ("Você ainda está mantendo sua integridade"), mas isso não explica a resposta afiada de Jó a ela

em 2:10. Talvez seja melhor ver suas palavras como procedentes de sua compreensível simpatia por seu marido, e como expressando seu desejo de que ele não tenha que sofrer mais. No entanto, mesmo que seja isso que motivou o que ela diz, ela está disposta a fazer com que Jó entregue seu compromisso de fazer o que é certo, para que sua dor possa ser aliviada. Jó se recusa a fazer isso. Na época em que Jó já perdeu tanto, ele agora sente que perdeu o apoio de sua esposa também.



Em 2:9, a esposa de Jó o exorta a "amaldiçoar a Deus e morrer!" Esta cena do sarcófago de Junius Bassus mostra o sofrido Jó com sua esposa e amigo (359 d.C.).

**2:10** *Jó não pecou no que disse.* Jó responde à esposa que ela está falando como uma mulher tola, ou seja, seu discurso não adere ao caminho da sabedoria de Deus. Por outro lado, o discurso de Jó, que é uma janela para seu coração, demonstra sua integridade inabalável, assim como Javé antecipou em seu desafio ao adversário. Em termos literários, a esposa de Jó articula a tentação de Jó agir de forma contrária à sua integridade.

**2:11** *Os três amigos de Jó . . . ouviu falar de todos os problemas.* O termo hebraico para "Amigo" (*rea'*) refere-se a um vizinho, um amigo ou um colega. De seus discursos subsequentes, parece evidente que esses três homens são pares intelectuais de Jó como professores de sabedoria. No entanto, sua intenção principal no encontro com Jó não é erudita, mas pastoral, pois eles passam a simpatizar com ele para que possam trazer conforto a ele.

**2:13** *Ninguém lhe disse uma palavra.* Os instintos iniciais dos amigos estão à flor da pele. Percebendo que as palavras não podem explicar a trágica situação de Jó, eles escolhem se identificar com Jó em sua dor enquanto se sentam com ele por sete dias, seu silêncio provavelmente uma parte de seu luto por Jó. Somente depois que Jó quebrar seu silêncio é que eles tentarão explicar por que ele experimentou uma perda tão severa.

**Insights teológicos** O tema predominante da sabedoria bíblica tradicional, conforme ensinado no livro de Provérbios, é que Deus abençoa a justiça e pune a maldade. No entanto, mesmo em Provérbios há indícios de que esse padrão geral, muitas vezes chamado de teologia da retribuição, não deve ser pressionado em uma fórmula fixa em que coisas boas sempre acontecem com pessoas boas e coisas ruins sempre acontecem com pessoas ruins. O livro de Jó testa a legitimidade da fórmula de retribuição, apresentando o caso de um homem completamente justo que suporta adversidades impensáveis. Em outras palavras, coisas ruins estão acontecendo com uma pessoa boa. Os três amigos representam os melhores esforços da sabedoria tradicional para explicar a situação de Jó. Jó percebe que tanto o bem quanto o mal estão sob a autoridade soberana de Javé (2:10). Quando o texto afirma que Jó "não pecou no que disse" (2:10), isso deve ser lido como uma declaração do caráter de Jó, porque na sabedoria ensinar o que se diz é um reflexo de quem se é (Prov. 13:3; 18:4; 21:23). Isso não sugere que, embora Jó dê as respostas verbais certas, ele está realmente pecando em seu coração.

## Ensinando o texto

A adversidade muitas vezes vem como uma série de golpes em cascata que desgastam a pessoa física, emocional, financeira e espiritualmente. Em Jó 2, Jó sofre os golpes da adversidade crescente, mas é fortalecido por sua fé no Senhor. Uma lição importante deste capítulo é que, apesar do aumento das adversidades, Jó reafirma seu compromisso completo com o Senhor soberano. Como o resto do livro ensinará, Deus pode ser confiado mesmo quando os humanos não conseguem entender tudo o que acontece em suas vidas.

À medida que o adversário conversa com Javé em 2:1–6, ele intensifica seu desafio ao caráter de Jó. A fé de Jó não foi derrubada quando seu mundo desabou ao seu redor no capítulo 1, mas o adversário cinicamente insiste que, como qualquer humano, Jó é motivado em última instância por interesse próprio. O adversário recebe permissão de Javé para ir além de tocar o que Jó possui para afligir sua pessoa, confiante de que, se Jó sentir pessoalmente o calor da aflição, então ele certamente abandonará seu compromisso com Javé e o amaldiçoará. É quando a adversidade se concentra em nós pessoalmente que demonstramos a qualidade do nosso compromisso com Deus.

A dor que Jó sofre como resultado de sua aflição pelo adversário tem dimensões físicas, sociais e emocionais. Os aspectos físicos são os mais óbvios, pois sua pele é desfigurada por feridas que o cobrem da cabeça aos pés. Socialmente, ele é consignado a conviver com os párias entre as cinzas do lixão da cidade, isolado da honra e estima que já desfrutou na comunidade. Emocionalmente, ele se sente abandonado até pela família. Finalmente, sua esposa, talvez falando por motivos simpáticos, questiona a persistência de Jó em se agarrar a Deus, enquanto o exorta a amaldiçoar a Deus e morrer. A adversidade muitas vezes nos atinge em várias frentes simultaneamente. Para responder a isso com sucesso, devemos confiar no Senhor de todo o nosso coração (Prov. 3:5), isto é, com todo o nosso ser interior, em vez de permitir que a adversidade mine nosso compromisso com o Senhor.

Jó não deixa que sua adversidade cegue sua percepção espiritual, mas aceita sua dor com submissão a Deus. A fé genuína não se apega a Deus apenas quando o tempo está bonito, o mercado de ações está em alta, nossa saúde é robusta e as crianças estão se comportando. Em vez disso, a verdadeira fé se apega ao Senhor durante os momentos bons e ruins, reconhecendo que Ele é soberano sobre todas as experiências da vida. Como nós, Jó não pode controlar o que acontece com ele, mas ele escolhe honrar a Deus em como ele responde às suas circunstâncias.

O objetivo de Jó 2 não é ensinar a ministrar aos amigos com dor. No entanto, apesar de todas as suas falhas subsequentes, os três amigos de Jó vêm com boas intenções para confortá-lo em seu momento de grande necessidade. Embora logo se tornem intenções de consolá-lo em seu momento de grande necessidade. Embora logo se tornem frustrados e duros, eles começam bem. Ao sentar-se com Jó em silêncio por sete dias, eles procuram salvar a pessoa, mesmo que não consigam resolver o problema. Sua presença silenciosa é muito mais útil para Jó do que as palavras que falam a ele mais tarde. No Novo Testamento, os cristãos são chamados a confortar-se uns aos outros e, ao fazê-lo, encarnam o amor de Deus ao se identificarem e encorajarem os irmãos necessitados. A simpatia inicial demonstrada pelos amigos de Jó sugere um pouco do que o conforto cristão genuíno deve implicar.

## Ilustrando o texto

***Quando não podemos controlar as circunstâncias, podemos honrar a Deus com nosso espírito.***

Filme: ***O Homem Elefante*****.** Neste drama de 1980 baseado na história real de Joseph Merrick (interpretado por Anthony Hopkins) na Inglaterra do século XIX, um homem terrivelmente desfigurado é tratado pelos outros como se não fosse um humano. Tão deformado que precisa usar um capuz e acaba sendo colocado em um freak show vitoriano, ele é administrado por um bruto que pensa que é um. Merrick é, de fato, brilhante e um homem de bom e gentil caráter. No filme – existem algumas discrepâncias entre o filme e a história real – Merrick tem um efeito profundo em seus socorristas. Além disso, Merrick se dirige a uma multidão de zombadores em uma cena profundamente comovente, dizendo: "Eu não sou um elefante. Eu não sou um animal. Eu sou um ser humano. Eu sou um homem."

***A adversidade muitas vezes atinge várias frentes, exigindo grande confiança no Senhor.***

Notícia: A notícia fornece exemplos atuais de pessoas sobrecarregadas por uma série de aflições. Em 2011, o Japão sofreu um grande desastre na forma de um terremoto, incluindo réplicas, uma série de tsunamis e o colapso de reatores nucleares. Milhares de pessoas foram mortas e milhares de outras foram deslocadas ou feridas.



A adversidade pode acontecer a qualquer momento. Esta foto foi tirada enquanto a Marinha dos EUA estava fazendo um levantamento dos danos em Sukuiso, Japão, uma semana após o terremoto de magnitude 9,0 em 11 de março de 2011. Esta vista aérea mostra a destruição causada pelo tsunami.

***A adversidade leva a novos conhecimentos e fortalece nossa confiança no Senhor.***

Biografia: ***Something Beautiful for God*, de Malcolm Muggeridge.** Em seu pequeno livro *Something Beautiful for God* (1971), sobre a obra e a vida de Madre Teresa (1910-97), o jornalista, escritor, personalidade da mídia e satirista inglês Muggeridge (1903-90) relata sua conversão do ateísmo ao

cristianismo, atribuindo as mudanças em grande parte à influência de Madre Teresa. Ele conta um pouco de sua história, escrevendo que sem a graça de Deus ela poderia ter sido difícil, até mesmo "agarrada". Depois de visitar as ruas cheias de miséria de Calcutá, percebeu que pertencia ali, não ao agradável convento onde trabalhava. Abrindo mão de tudo, ela foi para o bairro mais miserável da cidade, reuniu algumas crianças abandonadas e começou seu ministério. Ela escolheu viver sua vida dentro das favelas de Calcutá. Muggeridge testemunhou horrores em Calcutá dos quais teve que se afastar, mas ele escreve que Madre Teresa ficou e estendeu a mão, parecendo ficar mais forte a cada ano.

## Trabalho 3

# Job quebra o silêncio

## Big Idea *Jó traz seus pensamentos mais perturbadores e dores mais profundas para as palavras e vê sua adversidade à luz de seu compromisso com Deus.*

## Principais Temas do Trabalho 3

- Diante de adversidades extremas, Jó não nega sua dor, mas a expressa honestamente.
- As perguntas de Jó indicam sua ignorância diante de Deus.
- A dor de Jó turva sua percepção de Deus.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 3 inicia uma extensa seção de poesia na qual Jó e seus três amigos falam por sua vez. Após o prólogo em prosa em Jó 1–2, o narrador desaparece de vista, e ouvimos as vozes dos falantes individuais. Sem o narrador, os leitores não têm intérprete para explicar o que está sendo dito, por isso têm que ouvir atentamente os fios do diálogo.

Depois de um silêncio de sete dias, Jó libera suas emoções reprimidas, amaldiçoando o dia em que nasceu (3:1-10). Ele não amaldiçoa diretamente a Deus, como o adversário previu (1:11; 2:5), mas sua linguagem túrgica evidencia que ele sente como se toda a ordem criada do mundo tivesse se desfeito. Jó passa de xingamento a questionamento em 3:11–26, usando

uma série de perguntas retóricas que todos os oradores tentarão responder. Sua palavra-chave ao longo desta seção é *por quê.* Jó conclui seu lamento inicial com quatro facadas retóricas expressando sua dor e frustração: "Não tenho paz, nem sossego; Não tenho descanso, mas apenas tumulto." Somente quando Javé reaparecer com seu próprio conjunto de perguntas em Jó 38-41 é que Jó encontrará a paz que agora lhe escapa.

**Contexto histórico e cultural** Em seu lamento de abertura, Jó várias vezes faz uso de conceitos familiares ao seu cenário no antigo Oriente Próximo. Sua referência ao Leviatã em 3:8 lembra os mitos cananeus babilônicos sobre um monstro marinho de sete cabeças (ver, na unidade de Jó 41, a barra lateral "Linguagem mitológica na Bíblia"). Esta besta era frequentemente usada como símbolo do caos, mas no Antigo Testamento o Leviatã foi criado e controlado por
Javé (Cf. Jó 41; Sl 74,14; 104,26; Is. 27,1).[7º]

As "estrelas da manhã" em 3:9 são provavelmente Vênus e Mercúrio, que muitas vezes aparecem antes do nascer do sol, e talvez os planetas mais fracos e distantes também.

Como ilustra Êxodo 1:15–19, nos tempos do Antigo Testamento as crianças eram tipicamente entregues por parteiras. Em sua angústia, Jó deseja que nenhuma parteira tenha sido ajoelhada por sua mãe para recebê-lo quando ele nasceu (3:12). Alternativamente, este versículo também poderia se referir ao costume de uma criança ser colocada sobre os joelhos de sua mãe que amamenta (Is. 66:12) ou de seu pai (Cf. Gn 50:23, onde os netos de José são colocados de joelhos).

O mundo antigo normalmente via a morte como um lugar de escuridão e escuridão (veja a barra lateral). A dor de Jó é tão grande, no entanto, que ele inverte esse conceito, de modo que espera a morte como paz, sono e descanso (3:13), uma grande melhora em relação aos horrores de sua vida diante de intensas adversidades.



O costume de uma criança ser colocada de joelhos de sua mãe para amamentar é visualizado nesta estatueta de bronze de Ísis amamentando Hórus (Egito, 664-332 a.C.). Jó 3:12 pode se referir a esse costume.

**Insights Interpretativos 3:1** *Jó . . . amaldiçoou o dia de seu nascimento.* Em vez de xingar
Javé, como o adversário previu (2:5) e a esposa de Jó exortou (2:9), Jó em seu primeiro discurso amaldiçoa e lamenta o dia em que nasceu. Seus dias de dor deram tempo para que toda a enormidade de sua perda se afundasse, e neste solilóquio Jó revela a extensão de sua angústia e isolamento. Ele não é um estoico insensível, mas sim seus sentimentos honestos e profundos emergem. A transparência que ele exibe é semelhante à linguagem de muitos dos lamentos e salmos imprecatórios, bem como das confissões de Jeremias (por exemplo, Jr. 20:14-18).

**3:4** *Que esse dia se transforme em trevas.* Jó usa os antônimos luz e escuridão como metáforas para a vida e a morte. Em contraste com a narrativa da criação em Gênesis 1:3-4, na qual Deus diz: "Haja luz", ao separar a luz das trevas, Jó agora deseja algo que é impossível, que de alguma forma o dia de seu nascimento possa ser transformado de volta em trevas, isto é, que possa ser desfeito. A linguagem de Jó, com seu desejo irreal por uma ação que ele não pode realizar, reflete a intensidade da dor que ele está sentindo.

**3:5** *escuridão total.* A frase hebraica é uma expressão superlativa que significa literalmente "sombra da morte", como no Salmo 23:4 (ver nota de rodapé aqui). Aqui, Jó se refere a uma sombra especialmente escura que dominaria e obscureceria de vista o dia de seu nascimento, assim como um eclipse solar total transforma a luz do dia em escuridão.

**3:6** *não pode ser incluído entre os dias do ano.* Jó deseja que a noite de sua concepção esteja ausente do calendário, semelhante a 29 de fevereiro em anos que não são anos bissextos. É claro que, se isso acontecesse, ele nunca teria nascido e, consequentemente, não teria experimentado a dolorosa adversidade que afligiu sua vida.

**3:11–12** *Por que não pereci ao nascer?* Em 3:11, Jó se lança em uma série de perguntas retóricas começando com "por quê?" Essas perguntas são carregadas de profunda emoção, enquanto Jó revela a frustração em seu espírito. Além disso, ao fazer perguntas, Jó involuntariamente implica que há aspectos de sua experiência que ele não entende. Mais tarde no livro, quando Javé finalmente fala e faz suas próprias perguntas a Jó (Jó 38–41), Jó percebe o quão ignorante ele é dos caminhos do Senhor.

**3:14** *com reis e governantes da terra.* À medida que Jó vê a morte, ele a percebe como um passo acima de sua condição atual. Jó sente-se isolado de sua comunidade enquanto se senta no monte de cinzas (2:8), mas ele considera a morte como o grande nivelador social. A morte, supõe, liberta todos os seres humanos das iniquidades da vida, porque na morte todas as pessoas são igualmente desprovidas de posses, poder e proeminência.

**3:18** *já não ouvem o grito do condutor de escravos.* À medida que Jó percebe a morte através das lentes de sua adversidade, ele vê ex-cativos desfrutando de sua facilidade longe da opressão de seus mestres de tarefas anteriores. Ele usa o mesmo termo para "motorista de escravos" que é empregado em Êxodo 3:7 para descrever os duros egípcios que maltratam os escravos israelitas.

**3:21** *os que anseiam pela morte.* Embora Jó claramente veja a morte como preferível ao tipo de vida que está vivendo, ele não dá o próximo passo para acabar com sua própria vida. Sua esposa chegou perto de recomendar o suicídio, exortando-o a amaldiçoar a Deus e morrer (2:9), mas não há nenhuma evidência clara de que Jó cogite ou tente o suicídio.

**3:23** *cujo caminho está oculto . . . a quem Deus se protegeu.* Na literatura de sabedoria do Antigo Testamento, o termo "caminho" (*derek*) frequentemente se refere ao caminho de sabedoria de Deus que leva à vida. Por exemplo, Provérbios 4:18 afirma que o caminho dos justos fica cada vez mais claro até o dia perfeito. Em contraste, Jó pergunta por que a vida é dada a um homem cujo caminho está escondido, que não consegue entender para onde seu doloroso caminho de vida está indo.

Em 1:10, Satanás diz que Javé colocou uma cerca protetora em torno de Jó, abençoando-o tão generosamente. Jó aqui usa a mesma imagem para expressar seu sentimento de que Deus o prendeu e restringiu. Esta metáfora pode muito bem referir-se à prática de um pastor construir uma sebe espinhosa para cercar e proteger o seu rebanho de intrusos (cf. 1 Sam. 25, 16). Ao considerar a sua adversidade incessante, Jó sente que Deus o confinou, não para a sua proteção, mas para que não possa escapar às suas restrições (Oséias 2, 6). Jó sente-se preso e aprisionado por Deus.

**3:26** *Não tenho descanso, mas apenas tumulto.* Jó conclui seu lamento inicial focando em sua crise pessoal. Ele não lamenta os bens ou mesmo as pessoas que perdeu, mas está atento à turbulência interior que o consome. Em contraste com a ordem criada por Javé que está em evidência no prólogo, Jó 3 termina com *rogez*, tumulto ou agitação. Jó, dessa forma, revela que enfrenta mais do que apenas circunstâncias trágicas. No fundo, esta é uma luta

espiritual dentro dele, enquanto Jó tenta conciliar o que aconteceu com o que ele acredita sobre Javé e seu governo.

**Insights teológicos** A narrativa de Jó se passa em um tempo muito anterior ao ensino do Novo Testamento sobre a ressurreição. Passagens como a explicação de Paulo sobre o significado da ressurreição de Cristo em 1 Coríntios 15 fornecem detalhes sobre o que vem para os humanos após sua existência temporal atual. Essa revelação do futuro é uma fonte de grande esperança para os cristãos que agora sofrem adversidades. No Antigo Testamento, no entanto, as poucas dicas sobre esperança após a morte (Sl. 49:15; 73:24) são oblíquas e discutíveis, e apenas Daniel fala de uma ressurreição futura (Dn 12:2-3). Os crentes do Antigo Testamento viam a morte como uma existência sombria, na qual todos os mortos estavam reunidos no submundo (Sl 32:22; Sl. 89:48), então seu foco estava centrado em desfrutar da bênção de Deus na terra dos vivos (Sl. 27:13).

### O Seol e a vida após a morte

No antigo pensamento do Oriente Próximo, o Sheol era visto como o submundo sombrio, que era uma pálida imitação da vida genuína na terra e um lugar sem retorno. Quando Jó diz em 7:9 que "aquele que desce ao túmulo [Seol] não volta", ele está refletindo a concepção limitada da vida após a morte encontrada em grande parte do Antigo Testamento. Antes da ressurreição de Jesus e do ensino do Novo Testamento que expunha seu significado teológico para o povo de Deus, a morte humana era vista como definitiva e irreversível (por exemplo, 10:22; 16:22).

Há algumas insinuações do Antigo Testamento sobre a vida após a morte em passagens como Salmos 49:15; 73:24; e Daniel 12:2, mas estes não são tão claros quanto o que é revelado mais tarde, no Novo Testamento.

## Ensinando o texto

A linguagem do discurso inicial de Jó é surpreendente em sua intensidade e, por essa razão, pode ser preocupante para os leitores. Como emoções fortes e perguntas incisivas como essa se encaixam na vida de fé? Visto dentro do contexto mais amplo do livro de Jó e de toda a Bíblia, Jó 3 levanta alguns temas teológicos e práticos importantes. No geral, este capítulo mostra Jó trazendo seus pensamentos mais perturbadores e dores mais profundas às palavras, para que ele possa procurar entender sua adversidade à luz de seu compromisso com Deus.

Jó não nega ou dilui a dor que sente, mas a expressa honestamente. Neste capítulo, Jó não dirige seu lamento a Deus, mas seu reconhecimento sincero de sua dor é um primeiro passo necessário na direção da fé. A linguagem de Jó é emocional e não friamente analítica, e ecoa o mesmo nível de intensidade encontrado em alguns dos salmos e em Jeremias. Como esses exemplos bíblicos da fala de indivíduos piedosos indicam, sentir profundamente e falar de dor não são inerentemente pecaminosos. Assim como os pais entendem quando seus filhos estão falando por frustração e mágoa, e eles querem que seus filhos se voltem para eles nesses momentos difíceis, assim Deus deseja que sejamos filhos abertos para nos voltarmos para eles nesses momentos difíceis, assim Deus deseja que sejamos abertos e honestos em nossas relações com Ele. Não precisamos esperar até que nos acalmemos e tenhamos as coisas sob controle antes de podermos falar com Deus. Ele sabe perfeitamente o que está em nossos corações, por isso entende como ouvir até mesmo nossos tons estridentes quando clamamos por um espírito amargurado. Nossa dor e frustração podem nos tentar a evitar a Deus ou a ficar com raiva Dele, mas o que Ele quer é que corramos para Seus braços, onde podemos receber Seu conforto.

As perguntas de Jó indicam sua ignorância de Deus. Embora as perguntas de Jó sejam, sem dúvida, retóricas ao expressar sua agitação, no contexto do livro elas implicam o quanto ele não entende sobre sua situação. Quando Deus mais tarde faz setenta perguntas sem resposta a Jó, Jó finalmente reconhece e admite que ele não está em posição de chamar Deus para prestar contas. Como Jó, precisamos aprender e lembrar que o conhecimento de Deus é infinito, muito acima de nossa compreensão humana finita, então nunca seremos capazes de compreender tudo o que Ele está fazendo em nossas vidas. Em vez de ver Deus através das lentes de nossa compreensão limitada, precisamos aprender a confiar Nele humildemente, mesmo quando não podemos entender o que Ele está fazendo, lembrando que a Bíblia ensina que Deus é sempre grande, bom e no controle.

A dor que Jó suporta turva sua percepção de Deus. Em 3:23, Jó vê Deus como aprisionando-o, em vez de se lembrar de que a cerca de Deus ao seu redor tem a intenção de protegê-lo. Ao fazer isso, Jó olha para Deus através da extremidade errada dos binóculos. Ao perceber Deus através das lentes de sua experiência, Jó vê Deus como indiferente. Se ele visse sua experiência através das lentes do caráter de Deus, ele veria as coisas de uma maneira muito diferente. Em nossas vidas, somos propensos a diminuir Deus quando deixamos que nossos sentimentos sobre o que está acontecendo em nossas

vidas se tornem a medida pela qual avaliamos Deus. Precisamos lembrar que, quaisquer que sejam nossas circunstâncias, o caráter de Deus é imutável.



A metáfora de uma sebe de proteção em 3:23 pode vir da prática do pastor de criar sebes de pedras ou paus e galhos espinhosos para fazer um recinto no qual manter as ovelhas a salvo de predadores e impedi-las de vagar. Aqui é mostrado um curral de ovelhas com paredes de rocha para proteção.

## Ilustrando o texto

***Jó expressa sua dor honestamente; a dor às vezes turva sua percepção de Deus.***

Poesia: ***#50*, de Gerard Manley Hopkins.** Nessas linhas, Hopkins (1844-89) expressa uma dor honesta sobre o trato de Deus com ele:

> Tu és de fato justo, Senhor, se eu contendo
> contigo; mas, senhor, então o que eu peço é
> justo. Por que os caminhos dos pecadores

prosperam? E por que a Decepção deve acabar?

Tu és meu inimigo, ó meu amigo,

Como é que tu me atrapalhas pior, pergunto-me, do que tu me derrotas?

Embora cheio de dor, a última linha do poema é uma declaração de crença no meio da dor, como Hopkins diz: "Ó senhor da vida, manda chover as minhas raízes".[8º]

Bíblia: **Salmo 109.** A linguagem do Salmo 109, um dos mais proeminentes salmos imprecatórios (maldição), é ainda mais chocante do que o lamento de Jó neste capítulo. É uma expressão sincera dos sentimentos angustiados do salmista.

Filme: ***Violinista no Telhado*.** Este filme (1971) é baseado em um musical anterior da Broadway, que foi baseado em *Tevye e Suas Filhas*, um livro de Sholem Aleichem. Na história ambientada na Rússia czarista em 1905, Tevye tenta criar sua família de filhas nas tradições religiosas judaicas diante das influências culturais que pressionam ele e sua comunidade. Tevye mantém uma conversa contínua com Deus enquanto questiona por que Deus trouxe tanta adversidade para sua vida. Em uma das cenas do filme, ele diz a Deus: "Eu sei, eu sei. Nós somos o Teu povo escolhido. Mas, de vez em quando, você não pode escolher outra pessoa?"

***Quaisquer que sejam nossas circunstâncias, o caráter de Deus é imutável.***

Filosofia: **Existencialismo.** "Existencialismo" é um termo aplicado a um conjunto de atitudes, filosóficas, religiosas e artísticas, começando por volta da época da Segunda Guerra Mundial e continuando depois. É um ponto de vista que vê a inadequação da razão humana para explicar o enigma da existência humana e do universo. Como resultado, o que se torna importante é o que um indivíduo sente, faz e pensa e pelo que ele ou ela assume a responsabilidade. Embora existam diferenças substanciais entre os existencialistas, sua ênfase é subjetiva e não objetiva. Tal subjetivismo pode levar a um sentimento de absurdo e falta de propósito. Em contraste com esse pensamento difundido, o cristão entende que pode encontrar amarração no caráter imutável de Deus.

Um exemplo de obra literária conhecida de um existencialista é o drama de quatro personagens *No Exit* (1944), do autor francês Jean-Paul Sartre (1904-80). Quando a peça começa, um manobrista traz um personagem chamado Joseph Garcin para uma sala que, logo fica claro, é um inferno, sem janelas e

equipada com apenas uma porta. Dois outros personagens se juntam a Garcin, e juntos eles se cercam com perguntas sobre os pecados, paixões e memórias dolorosas um do outro. Deixados à própria sorte, fazem de seu mundo uma câmara de tortura. Mas os cristãos não são deixados aos seus próprios desígnios; as circunstâncias de suas vidas dizem respeito a algo que transcende o sentimento; há sentido por causa de quem Deus é.

---

7. Balentine, *Jó*, 87, fornece uma discussão sucinta do Leviatã no pensamento antigo e na interpretação literária posterior.

8º. Hopkins, *Poemas e Prosa*, 67.

**Trabalho 4**

# Como Elifaz explica a adversidade de Jó

## Grande Ideia *Elifaz explica a adversidade de Jó como um caso padrão da retribuição de Deus pelo pecado.*

## Temas-chave do trabalho 4

- O conselho de Elifaz começa bem, mas vacila rapidamente.
- Na observação de Elifaz, o bem sempre vem para as pessoas boas e o mal sempre vem para as
- pessoas ruins.
- Elifaz vê todos os seres criados como incapazes de agradar a Deus.

  Elifaz não deixa espaço para Jó ter esperança.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Os três amigos de Jó, que chegaram ao local em 2:11-13, esperam até depois do lamento inicial de Jó no capítulo 3 antes de falarem. Do capítulo 4 ao capítulo 27, os amigos e Jó falam alternadamente, enquanto todos tentam explicar a adversidade de Jó. Elifaz é o orador principal em cada um dos três ciclos de discursos, e suas palavras introduzem os pontos-chave que são desenvolvidos posteriormente por Bildad e Zophar. Por essa razão, no epílogo, Javé se dirige especificamente a Elifaz e lhe diz que sua explicação está errada (42:7-8).

Os três amigos representam o principal ensinamento da sabedoria tradicional, que muitas vezes é chamado de princípio da retribuição ou teologia

da retribuição. Esse princípio, expresso em passagens como Provérbios 28:10 e Salmo 1, ensina que, porque Javé é justo, em seu mundo ordenado os justos serão abençoados e os ímpios sofrerão adversidades. Todos os amigos de Jó concordam que o princípio da retribuição é verdadeiro, e que é aplicável a Jó. Na verdade, eles chegam ao ponto de concluir que aqueles que prosperam são piedosos e aqueles que sofrem são necessariamente pecadores. No entanto, ignoram o que o leitor sabe do prólogo, que no caso de Jó há outros fatores envolvidos. Elifaz defende sua posição nos capítulos 4 e 5, e então Jó responde a ele nos capítulos 6 e 7.

**Contexto histórico e cultural** Embora outras antigas religiões do Oriente Próximo discutissem o problema da adversidade humana, elas se moviam em direções bem diferentes daquela tomada no livro de Jó. Como as divindades em culturas antigas fora de Israel não eram consideradas necessariamente justas, e muitas vezes tinham os mesmos vícios que os humanos, aqueles que adoravam falsos deuses não tentavam apresentá-las como justas em seu tratamento dos humanos. Muitas vezes, a injustiça era vista como sendo perpetuada pelo comportamento inconsistente dos deuses, pelos demônios, ou por humanos malignos, ou mesmo como o mundo era. No Antigo Testamento, o caráter justo de Javé e sua soberania sobre todo o mundo significam que a resposta para o problema de um justo sofredor como Jó deve, de alguma forma, envolver Javé.



As sociedades pagãs do antigo Oriente Próximo muitas vezes atribuíam calamidade e injustiça às atividades de divindades demoníacas. Este amuleto da Mesopotâmia apresenta a deusa demoníaca Lamashtu, que causou doenças e enfermidades.

**Insights Interpretativos 4:3–4** *Pense em como você instruiu muitos.* Como líder dos amigos (cf. 42,7, onde Javé o destaca), Elifaz começa com um tom positivo

e quase apologético, elogiando Jó por sua instrução passada dos outros em seus momentos de necessidade. Mais tarde no livro, quando Jó profere sua confissão final de inocência, ele também se lembra de como aconselhou os aflitos (29:21-23). Adotando o mesmo tom de voz conciliador, Elifaz tenta aconselhar Jó a ouvir seus conselhos, em vez de descartar o que ele tem a dizer. A intenção inicial de Elifaz, parece ser construtiva, fazer por Jó como Jó fez pelos outros. Infelizmente, o tom da conversa se deteriora muito rapidamente em acusação.

**4:5** *Mas agora o problema vem até você.* Após suas primeiras palavras elogiando Jó, Elifaz muda o tom para condenar o amigo. Elifaz assume que o que Jó está vivendo é simplesmente mais um caso rotineiro com uma explicação padrão. De acordo com Elifaz, Jó não seguiu o conselho que deu aos outros, e não está disposto a aplicar a verdade que ensinou aos outros à sua própria situação. Em essência, Jó precisa praticar o que prega.

**4:6** *Não deveria a vossa piedade ser a vossa confiança e os vossos caminhos irrepreensíveis a vossa esperança?* Neste versículo, Elifaz usa uma linguagem que deve ser dolorosa para Jó. A palavra hebraica para "piedade" é o principal termo de sabedoria para o medo, ou reverência, de Javé em Provérbios 1:7; 9:10. O termo "irrepreensível" vem da mesma raiz hebraica que é usada para pessoas que honram a Deus como Noé (Gn 6:9), Abraão (Gn 17:1) e os justos que são abençoados por Javé no Salmo 84:11 (84:12 MT). O que torna a pergunta de Elifaz, irônica, é que essas mesmas descrições foram usadas de Jó em 1:8 e 2:3, quando Javé o recomendou ao adversário. Além disso, o termo "confiança" está relacionado a um termo que se refere à loucura em Eclesiastes 7:25 (cf. Prov. 9:13), mas à confiança (NVI: "confiança") em Jó 8:14 e 31:24, para que Jó possa ouvir uma mensagem mista no que Elifaz lhe diz.

**4:7** *Quem, sendo inocente, já pereceu?* Elifaz está tão convencido da validade do princípio da retribuição que o aplica absolutamente. De acordo com Elifaz, não há exceções a essa regra moral férrea. Sem considerar as especificidades da situação de Jó, ele a trata como um caso genérico que pode ser adequadamente explicado apenas pela teologia da retribuição. Sua pergunta retórica pressupõe que a resposta seja "Ninguém". No entanto, mais adiante no livro, Jó aduzirá numerosos contraexemplos que minam a afirmação absoluta de Elifazes (ver cap. 21).

**4:8** *Como observei.* Aqui e em 5:3 Elifaz apela para a observação pessoal como fonte de seu conhecimento. Com isso, ele está empregando o procedimento predominante da sabedoria tradicional, que examinou o mundo

a fim de discernir sua ordem divina incorporada (por exemplo, Prov. 6:6-11). Elifaz assume que o que observou fornece a chave para explicar o que Jó viveu. O que o leitor percebe é que, além da observação disponível para Elifaz, está a conversa entre Javé e o adversário no prólogo. Como a observação de Elifaz, as conclusões que ele tira são falhas.

**4:8** *os que semeiam problemas colhem-na.* Elifaz está firmemente comprometido com a validade do princípio da retribuição. Ecoando versículos como Provérbios 22:8 e antecipando o ensinamento de Paulo em Gálatas 6:7, ele afirma que aqueles que agem maldosamente trazem problemas para si mesmos. Sua implicação é que Jó está recebendo de Deus apenas o que suas ações pecaminosas merecem. Embora a retribuição seja válida como um princípio geral, Elifaz insiste incorretamente que ela pode ser pressionada a se aplicar a todas as situações particulares, sem exceção, incluindo a de Jó.

**4:9** *Ao sopro de Deus perecem.* Em Gênesis 2:7 o sopro de Deus dá vida a Adão. Aqui, como em Isaías 40:7 e Oséias 13:15, o sopro de Deus é comparado a um vento destrutivo que destrói aqueles que são maus.

**4:10–11** *Os leões podem rugir e rosnar.* Nos Salmos, o leão é muitas vezes uma metáfora para uma pessoa má (Sl. 7:2; 17:12; 22:13). Usando várias referências aos leões em 4:10–11, Elifaz tenta empregar uma linguagem colorida para apoiar seu ponto de vista e torná-lo convincente. No entanto, como ele insinua que as palavras apaixonadas de Jó no capítulo 3 eram apenas o rosnar de um leão desdentado, a retórica de Elifaz soa mais pomposa do que persuasiva.

**4:12–16** *Uma palavra me foi trazida secretamente.* Depois de argumentar a partir da observação (4:7-9) e da retórica (4:10-11), Elifaz apela para uma revelação divina secreta que ele recebeu em um sonho (4:12-21; compare a revelação de Deus por sonhos com Faraó em Gênesis 41 e com Nabucodonosor em Dn 2). Por esse meio, ele sustenta que Deus fundamentou sua avaliação de todos os seres humanos como estando aquém do padrão justo de Deus. Para o leitor, no entanto, a linguagem bizarra que Elifaz usa soa mais estranha do que convincente, e na verdade soa muito como uma paródia do método tradicional de revelação aos profetas que lhes permitiu dizer com confiança: "Assim diz o Senhor".

**4:17** *Pode um mortal ser mais justo do que Deus?* Elifaz afirma que nenhum ser humano, incluindo Jó, pode ser considerado justo quando medido em relação ao padrão da própria justiça de Deus. Por esse raciocínio, Elifaz realmente oblitera a distinção feita na literatura de sabedoria entre os sábios, que são justos, e os tolos, que são maus (Sl. 1), e ele a substitui por uma única

categoria de humanidade pecadora. Para justificar sua avaliação de Jó como culpado, Elifaz pinta com um pincel muito largo e, assim, ele implica todos os humanos como desesperados diante de Deus. Mais uma vez, Elifaz não compreende nem aprecia a recomendação de Deus a Jó no prólogo, pois ele não tem consciência disso.

**4:18** *Ele acusa seus anjos de erro.* Elifaz amplia o escopo de seu argumento para incluir até mesmo os anjos, mensageiros de Deus (ver, por exemplo, Gênesis 18; Zc 1–2). Uma vez que Deus examina todas as suas criaturas e considera culpados até os anjos exaltados (cf. 2 Pe 2, 4; Judas 6), então os humanos, que são feitos de pó (Jó 4:19; cf. Gn 2:7; 3:19) e, portanto, são inferiores aos anjos, não podem resistir ao exame divino.

**4:19** *que são esmagados mais facilmente do que uma mariposa!* O termo que Elifaz usa para "mariposa" (*'cinza*) é usado em outras partes do Antigo Testamento como um quadro de fraqueza e fragilidade. Por exemplo, em Jó 27:18 as realizações dos seres humanos pecadores são tão frágeis quanto o casulo de uma mariposa. Em contraste, o Salmo 8 celebra o lugar exaltado dos humanos no mundo ordenado de Deus.

**4:21** *Os cordões de sua tenda não são puxados para cima?* Elifaz afirma que diante do Deus santo os humanos são tão vulneráveis quanto uma tenda sustentada por frágeis cordões, ou talvez, por estacas de tenda. Assim que a adversidade sopra sobre eles, os seres humanos são propensos ao colapso, antes de adquirirem sabedoria.



Elifaz afirma que a vida é curta e frágil, como uma tenda que cairá rapidamente quando suas estacas forem arrancadas do chão, afrouxando as cordas (4:21).

Neste registro de um relevo assírio onde um acampamento árabe está sendo atacado, as tendas estão desmoronando e em chamas (palácio norte em Nínive, 645-635 a.C.).

**Insights teológicos** O livro de Jó é muitas vezes considerado como um exemplo de teodiceia, que é a tentativa de defender ou explicar os caminhos de um Deus bom à luz da existência do mal. No final do livro, Jó não recebe uma explicação sobre sua adversidade, mas ele chega à conclusão de que Javé é

todo-sábio e todo-poderoso e, acima de tudo, que ele pode ser confiável para situações que os humanos não podem entender (veja a barra lateral).

### Teodiceia e o Livro de Jó

A teodiceia pergunta como coisas ruins podem acontecer em um mundo que é controlado por um Deus bom (cf. exemplos em Hab. 1 e Jr. 12). No entanto, o livro de Jó não responde realmente a essa pergunta, porque deixa a situação de Jó no reino do mistério, no qual os seres humanos devem manter a fé em Deus mesmo quando não conseguem entender completamente seus caminhos. Para complicar o problema, o Antigo Testamento não apresenta uma teologia bem desenvolvida da vida após a morte, então o princípio da retribuição é empregado em passagens como o Salmo 27:13 na tentativa de trazer um fechamento satisfatório dentro dos limites da vida humana na Terra. No Novo Testamento, a explicação de Jesus sobre o cego de nascença (João 9:1-3) aponta para longe do princípio de retribuição ao propósito maior de Deus em ação na vida do cego.

## Ensinando o texto

Após o lamento inicial de Jó no capítulo 3, o capítulo 4 começa a seção principal do livro de Jó, na qual Jó e seus amigos tentam explicar por que Jó está sofrendo adversidades. Todos os oradores partilham algum ponto em comum, mas cada um deles tem ênfases individuais. Em seu primeiro discurso, Elifaz explica a adversidade de Jó como um caso claro da retribuição de Deus pelo pecado de Jó.

Para as pessoas que querem ajudar outras pessoas que estão passando por dificuldades, Elifaz oferece exemplos positivos e negativos. Seu conselho começa bem, pois ele afirma Jó por seu ministério passado para aqueles que estão sofrendo. No entanto, Elifaz vacila rapidamente quando tira conclusões precipitadas sem saber todos os fatos da situação de Jó. Embora o objetivo principal deste capítulo não seja ser um manual para aconselhar pessoas com dor, o que Elifaz diz fornece um conto de advertência sobre as consequências prejudiciais de falar além do que se sabe ao tentar ministrar a uma pessoa que está sofrendo adversidade. Além disso, seu exemplo negativo nos desafia a seguir a admoestação de Tiago 1:19, sendo "rápidos para ouvir, lentos para falar e lentos para nos irritarmos". Em vez de pular para o julgamento, a verdadeira compaixão se sente com a dor daqueles que estão sofrendo.

Baseando-se no que observou, Elifaz determina que o bem sempre vem para as pessoas boas e o mal sempre vem para as pessoas ruins. Ao ver a vida como

tão preto e branco, Elifaz é obrigado a concluir que Jó deve ter pecado, já que está sofrendo. Elifaz assume que o padrão geral de retribuição que ele observou é uma lei absoluta necessária na ordem moral de Deus. Ele não percebe que há informações relevantes sobre Jó que estão além de sua observação.Como o leitor já conhece o caráter exemplar de Jó e a conversa entre Javé e o adversário no prólogo, é evidente que a conclusão de Elifaz sobre Jó é falha. Ao julgar mal Jó, Elifaz só aumenta a dor do amigo.

Para fundamentar sua conclusão sobre Jó, Elifaz recorre ao raciocínio linear que o apoia em um canto lógico. Ao insistir que Deus acusa seus anjos e todos os humanos de erro, Elifaz está a apenas um passo lógico de uma conclusão que ele provavelmente não pretende, que nenhum ser humano pode agradar ao Deus santo. Sua lógica, então, leva a uma conclusão que contradiz a afirmação de Deus sobre os humanos no Salmo 8 e sua recomendação de figuras bíblicas como Jó e Enoque (Gn 5:22, 24).

Ao aconselhar pessoas que estão sofrendo adversidades, um dos objetivos iniciais é manter ou reconstruir um senso de esperança. Aqueles que não conseguem ver nada além de sua dor avassaladora atual precisam recuperar uma visão de que as coisas podem melhorar, que um novo dia pode substituir as tempestades que sobrecarregaram suas vidas. Elifaz deixa pouco espaço para Jó ter esperança; em vez disso, ele aumenta o sentimento de desesperança. Não é à toa que a resposta de Jó a Elifaz expressa sua amargura ao sentir que foi chutado quando está caído. Em vez de levar Jó à esperança em Deus, Elifaz imagina Deus como implacável contra pecadores como Jó.

## Ilustrando o texto

***O dano pode resultar de falar além do que sabemos sobre o sofrimento do outro.***

Citação: Escape ***from Loneliness*****, de Paul Tournier.** Tournier (1898-1986) foi um médico e escritor suíço que teve seguidores em todo o mundo com base em seus livros eloquentes e sábios e por causa de seu aconselhamento pastoral. Ele escreve o seguinte sobre como devemos nos aproximar uns dos outros no amor, particularmente quando o abordado é problemático. "Na comunhão de fé estamos todos na mesma encruzilhada, mas chegamos lá por caminhos diferentes. Um ministério espiritual não significa dizer às pessoas: 'Tome o mesmo caminho que eu tomei; é o melhor'.Significa antes segui-los por todas as voltas de seu caminho tortuoso com amor e paciência, nunca

perdendo a esperança, mesmo quando parecem estar indo na direção errada."[9º]

***Um objetivo do aconselhamento é manter ou reconstruir um sentimento de esperança.***

Notícias: Durante desastres naturais como o furacão Katrina (2005) e o terremoto do Haiti de 2010, algumas pessoas respondem com compaixão heroica e altruísta para ministrar a pessoas em grande necessidade, assim como Jó fez. Isso contrasta com a notícia sobre uma personalidade proeminente da televisão que declarou que o desastre do Haiti foi o resultado de anos de prática oculta e, portanto, algo que estava fadado a acontecer eventualmente. Esta é uma ilustração da crítica que, em um momento de crise, foi considerada altamente inadequada e não construtiva para ajudar as pessoas que estavam sofrendo.



O pensamento de algumas pessoas hoje ainda é guiado pelo princípio da retribuição. Isso é ilustrado pela declaração de que o terremoto de 2010 no Haiti foi o resultado de anos de prática oculta (ilustrado por este altar vodu haitiano). Não podemos conhecer a mente de Deus o suficiente para tirar tais conclusões com qualquer confiança.

Hino: **"Aquiete-se minha alma".** As belas palavras de "Be Still My Soul", um hino popular de reavivamento escrito por Katharine von Schlegel (1697–ca.

1768) e traduzido para o inglês por Jane L. Borthwick (1813–97), poderiam ser citadas nesse contexto. A música foi composta por Jean Sibelius, a partir de seu poema sinfônico *Finlandia*. A referência bíblica deste hino encontra-se no Salmo 46:10: "Aquietem-se e saibam que eu sou Deus; Serei exaltado entre as nações, serei exaltado na terra". Algumas das palavras apropriadas são as seguintes:

> Aquiete-se, minha alma — o Senhor está do teu lado!
> Suportai pacientemente a cruz da dor e da
> dor; Deixai ao teu Deus ordenar e prover —
> Na mudança de Deus, Ele permanecerá fiel.
> Aquiete-se, minha alma – o teu melhor, o teu
> amigo pesado através de caminhos
> espinhosos leva a um fim alegre.

---

9º. Tournier, *Fuga da Solidão*, 109.

**Trabalho 5**

# Elifaz acha que sabe a resposta

## Grande Ideia *Elifaz sabe muita verdade sobre Deus, mas interpreta mal Jó como tolo e pecador.*

## Temas-chave do trabalho 5

- Elifaz salta para a falsa conclusão de que Jó é tolo.
- Elifaz reconhece os grandes e graciosos atos de Deus.
- Elifaz percebe que a disciplina de Deus pode resultar em bênção.
- Elifaz está excessivamente confiante de que sabe a resposta para o problema de Jó.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em Jó 5, Elifaz continua seu primeiro discurso do capítulo anterior. Elifaz se apega ao princípio da retribuição, argumentando que o pecado de Jó deve ser genuíno, porque trouxe o intenso castigo de Deus sobre ele. O riff de Elifaz sobre o tolo em 5:3–7 é claramente direcionado a Jó pessoalmente. Embora Elifaz tenha começado seu discurso com sensibilidade em relação a Jó, a essa altura sua linguagem se tornou crítica e até mesmo dolorosa. Na verdade, suas referências insensíveis aos filhos de Jó em 5:4, 25 devem parecer punhais para o coração de Jó.

O corretivo do que Elifaz diz não vem até que Javé finalmente fale nos capítulos 38–41. No contexto mais amplo do livro, muito do que Elifaz diz é

altamente irônico (veja a discussão de 5:26 abaixo). Muitas vezes, Elifaz diz que é altamente irônico (veja a discussão de 5:26 abaixo). Muitas vezes, Elifaz acha que sabe mais do que realmente sabe, mas às vezes fala mais verdade do que pretende.

**Contexto Histórico e Cultural** Quando Elifaz se refere a faíscas (literalmente, "os filhos de *Resheph*") voando para cima (5:7), ele provavelmente toma emprestado suas imagens de Resheph, o deus ugarítico (cananeio) da peste. Essa alusão não significa necessariamente que o escritor aceitou que esse deus cananeu realmente existia. Em vez disso, ele usou essa imagem bem conhecida para imaginar os efeitos prejudiciais, mas inevitáveis, da doença nos seres humanos.[10º]



Elifaz pode estar tomando emprestado imagens do deus egípcio da peste, Resheph, cuja imagem está inscrita nesta estela (Egito, Décima Nona Dinastia, ca. 1200 a.C.).

No Oriente Médio, tanto na antiguidade quanto hoje, a chuva é sempre uma preocupação. Por exemplo, em 1 Reis 18 Elias desafia os profetas de Baal a

uma disputa para determinar qual divindade pode enviar chuva para quebrar a seca e, assim, demonstrar que ele é o verdadeiro Deus. Elifaz diz com razão que é Deus quem dá chuva à terra (5:10).

Uma das principais armas ofensivas para o antigo soldado era a espada, então isso era frequentemente usado como uma metáfora para o mal, e especialmente para as palavras maliciosas de homens maus (5:15). Exemplos adicionais são encontrados em Salmos 57:4; 64:3; Provérbios 12:18.

**Insights interpretativos 5:1,** *mas quem responderá a você?* A resposta implícita a essa pergunta retórica é "Ninguém", e há uma pitada de sarcasmo no tom de Elifaz. Elifaz indica que é inútil para Jó chamar um intercessor no céu para intervir e ajudá-lo, porque seu pecado o desqualificou da assistência. Nenhum dos santos anjos (ver 4:18; cf. 1:6; 2:1) aceitará a causa de Jó. Mais tarde, Jó expressa seu desejo de que tal mediador apresente seu caso diante de Deus (9:33; 16:19-21).

**5:2–3** *O ressentimento mata um tolo.* Elifaz usa duas categorias familiares da sabedoria tradicional (tolo, simples) para sugerir que Jó não é sábio, então ele será destruído por suas atitudes tolas. Elifaz sugere que Jó se ressente da adversidade que recebeu de Deus, pois sua resposta agitada no capítulo 3 evidenciou sua loucura. Elifaz também implica que Jó inveja os outros que não precisam sentir dor como ele e, portanto, Jó não aceita o que Deus trouxe para sua vida. Aparentemente, Elifaz iguala sabedoria a uma atitude serena e estoica, e a reação apaixonada de Jó no capítulo 3 não se encaixava nesse perfil.

**5:4** *Seus filhos estão longe da segurança.* Elifaz deseja um mundo sem complexidade moral ou ambiguidade. Sua referência aos filhos vulneráveis do tolo, se intencionalmente dirigida a Jó, é um jab cruel. Mesmo que não intencional, é insensível e prejudicial, porque faz da morte dos filhos de Jó (1:19) sua culpa.

**5:7** *tão certo quanto faíscas voam para cima.* De acordo com Elifaz, assim como faíscas voam naturalmente de um incêndio, o tipo de problema que Jó experimentou é uma consequência natural do pecado humano. Ser humano é ser corrompido e, portanto, nascer para o problema. Assumindo essa posição fatalista, Elifaz indica que o que Jó viveu não é surpresa ou acidente, pois o problema faz parte da condição humana que aflige todas as pessoas, até mesmo Jó. Essa observação é consistente com o ensino bíblico de que, quando o pecado entrou na raça humana, ele trouxe corrupção à natureza humana.

**5:8** *Eu apelaria a Deus.* Elifaz fala de si mesmo, mas claramente pretende instruir Jó com essas palavras. De acordo com Elifaz, a única esperança de Jó é buscar a Deus, para que Deus lhe conceda misericórdia ou dê a conhecer a ofensa que Jó cometeu. Mais tarde no livro, Jó coloca seu caso legal nas mãos de Deus (31:35), não confessando seus pecados, mas invocando a Deus para reivindicar sua inocência (27:5-6; 31:6). O julgamento legal de Javé em 42:7–8 inocenta Jó, em contraste com as acusações levantadas contra ele por Elifaz e os outros amigos.

**5:9** *maravilhas que não podem ser compreendidas.* Ao louvar a incompreensibilidade de Deus, Elifaz na verdade enfraquece sua conclusão que foi baseada na observação
(4:8). Os caminhos de Deus estão além da compreensão humana, como se tornará ainda mais evidente quando Javé falar nos capítulos 38–41. Elifaz tem boa teologia, mas não a aplica adequadamente à situação de Jó.

**5:11–16** *O humilde ele põe no alto.* Deus é tão soberano sobre o reino humano quanto sobre o mundo natural (5:9-10). Muitos dos salmos de lamento imploram pela intervenção de Deus contra inimigos poderosos. Como observa Elifaz, uma das maravilhas de Deus é que ele reverte as desigualdades sociais ao socorrer os necessitados, transformando suas adversidades em bênçãos. Mas se é isso que Deus faz, então ele deveria estar do lado de Jó!

**5:17–18** *não despreze a disciplina do Todo-Poderoso.* Elifaz agora muda de conferencista para conselheiro, falando diretamente com Jó. Usando a frase padrão de sabedoria "Bem-aventurado é o único" (por exemplo, Sl. 1:1), ele exorta Jó a aceitar a disciplina divina, pois como ensina Provérbios 3:11-12 (Cf. Hb. 12:5-11), a disciplina é uma expressão do amor de Deus e um meio para o crescimento. No entanto, para aceitar a correção, Jó terá que admitir que pecou, o que ele não acredita. Esta é a primeira de trinta e uma vezes em Jó que o título Shaddai (NIV: "Todo Poderoso"; ver nota de rodapé NIV) é usado para Deus. Este título é usado mais tarde em Jó para falar do poder transcendente de Deus (37:23) e de seu justo governo sobre os humanos (8:3-6).

**5:19** *De seis calamidades . . . em sete.* A literatura de sabedoria do Antigo Testamento várias vezes usa sequências numéricas como esta para apresentar uma lista abrangente com características comuns (por exemplo, as coisas que Javé odeia em Provérbios 6:16–19). O sentido aqui é que Deus salvará completamente aquele a quem ele corrige (5:17-18), então Jó não deve desprezar sua disciplina.



Elifaz fala sobre a disciplina de Deus, mas também fala sobre o resgate de Deus. Por exemplo, em 5:20 ele diz: "Na fome ele te livrará da morte". A fome era uma preocupação real no antigo Oriente Próximo, como mostrado nesses relevos egípcios (Saqqara, Egito, 2375-2345 a.C.). Aqui as pessoas são retratadas em estado de fome, com costelas à mostra e braços e membros magros. No canto superior esquerdo, uma criança implora por algo para comer, enquanto no canto inferior esquerdo uma mulher come os piolhos que pega de sua cabeça.

**5:24–25** *sua tenda está segura.* Em 4:21 e 18:6 a tenda é um retrato da vulnerabilidade humana. Elifaz quer assegurar a Jó que, se ele se submeter à correção de Deus, então ele recuperará a prosperidade segura (*shalom*) de sua vida anterior sob a bênção de Deus (1:1-5). No entanto, ao se referir aos bens de Jó que foram destruídos e aos filhos de Jó, que foram mortos, Elifaz é imprudente e impensado. Sua suposta solução o cega para o profundo sofrimento que Jó experimentou e o leva a dizer coisas que esfregam sal nas feridas de Jó.

**5:26** *Você virá ao túmulo com pleno vigor.* Ironicamente, o epílogo descreverá Jó em termos semelhantes como Javé o abençoa com uma vida longa e boa (42:12-17). No entanto, essa bênção não vem porque Jó confessa seus supostos pecados, como Elifaz insiste que é necessário.

**5:27** *Examinamos isso, e é verdade.* Falando no plural em nome dos três amigos, e provavelmente como a voz da sabedoria em geral, Elifaz diz enfaticamente que sua avaliação da condição de Jó é precisa. Soando como um promotor confiante concluindo sua declaração inicial, Eliphaz patrocina Jó sugerindo que o que ele disse é a única resposta que Jó precisa considerar, então Jó precisa ouvir o que Eliphaz disse e aplicá-lo a si mesmo.

**Insights teológicos** As palavras de Elifaz, no capítulo 5, se conectam com outras passagens bíblicas em vários pontos. Seu hino em 5:9–16 soa muito como um salmo de louvor descritivo e, em particular, é comparável a salmos da natureza, como o Salmo 29 e o Salmo 104. A ênfase no cântico de Elifaz sobre a intervenção de Deus ao lado dos necessitados encontra eco no Cântico de Ana (1 Sam. 2:1-10), no Magnificat de Maria (Lucas 1:46-55) e nas bem-aventuranças de Jesus em Mateus 5:3-12. A declaração de Elifaz, em 5:13, de que Deus "pega os sábios em sua astúcia" é citada por Paulo em 1 Coríntios 3:19, ao argumentar que a sabedoria dos humanos é insuficiente para sua salvação.

O retrato de Elifaz, tanto ferindo quanto curando, lembra a autodescrição de Javé em Deuteronômio 32:39. De fato, o tema da correção e disciplina de Deus é previsto no Deuteronômio, realizado em Juízes, ameaçado nos profetas e aplicado aos cristãos em Hebreus 12:5-11.

## Ensinando o texto

Todos os falantes humanos no livro de Jó compreendem alguns aspectos da verdade de Deus, mas também têm pontos cegos em sua compreensão. Quando Elifaz completa seu primeiro discurso em Jó 5, é evidente que ele conhece a verdade sobre Deus, mas ele interpreta erroneamente Jó como tolo e pecador. Ao ler este capítulo, é preciso distinguir claramente entre onde Elifaz está certo em sua teologia e onde ele é falho em sua aplicação.

Embora Elifaz neste momento não venha logo e chame Jó de tolo, sua descrição da morte de um tolo em 5:3-7 alude a Jó e sua adversidade. Ao medir a experiência de Jó pelo princípio da retribuição, Elifaz chega à conclusão de que Jó deve ter sido tolo e pecaminoso para merecer tal resultado em sua

vida. Ele não considera a possibilidade de que existam fatores relevantes adicionais que precisam ser compreendidos para avaliar a situação de Jó com precisão. Muitas vezes seguimos a pressa de Elifaz em criticar os outros em vez de tomar o tempo necessário para compreender os fatos completamente.

O hino de Elifaz, em 5:9–16, evidencia sua alta visão de Deus. Ele observou o hino de Elifaz, em 5:9–16, evidenciando sua alta visão de Deus. Ele observou as grandes e graciosas obras de Deus enquanto Deus cuida do mundo natural e intervém ao lado das pessoas necessitadas. Mesmo que Elifaz julgue mal Jó e seja reprovado por Deus por isso (42:7-8), Elifaz vê claramente muitos dos maravilhosos atributos e atividades de Deus. Assim, há muita verdade a ser aprendida no que ele diz, juntamente com alguns erros trágicos em como ele aplica seu conhecimento à situação de Jó.

Elifaz está errado quando pede a Jó que confesse seus pecados, mas ele está certo em exaltar como a disciplina de Deus pode resultar em bênção. Tanto no Antigo Testamento (Prov. 3:11-12) quanto no Novo Testamento (Hb. 12:5-11), a Bíblia ensina que a disciplina de Deus é uma marca de Seu cuidado paterno e cuidado de Seus filhos. A adversidade de Jó não é motivada por seu pecado, como Elifaz erroneamente supõe, mas Deus usa essa dura experiência para aumentar a fé de Jó nele, mesmo quando Jó não consegue entender os caminhos de Deus. Este não é o tipo de disciplina punitiva de que Elifaz está falando em Jó 5, mas Deus transforma a aflição de Jó em bênção.

Quando Elifaz conclui este primeiro discurso, ele está excessivamente confiante de que sabe a resposta para o problema de Jó. O leitor do livro percebe que Elifaz está errado em sua análise de Jó, mas o próprio Elifaz é cego para o que não sabe. Ele prega um princípio teológico que é válido em muitos casos, mas depois o extrapola para uma regra rígida que não dá conta da natureza específica da adversidade de Jó.

## Ilustrando o texto

***A sabedoria de Deus combina a verdade certa com a situação certa, no momento certo e no Espírito certo; os seres humanos muitas vezes não conseguem fazê-lo.***

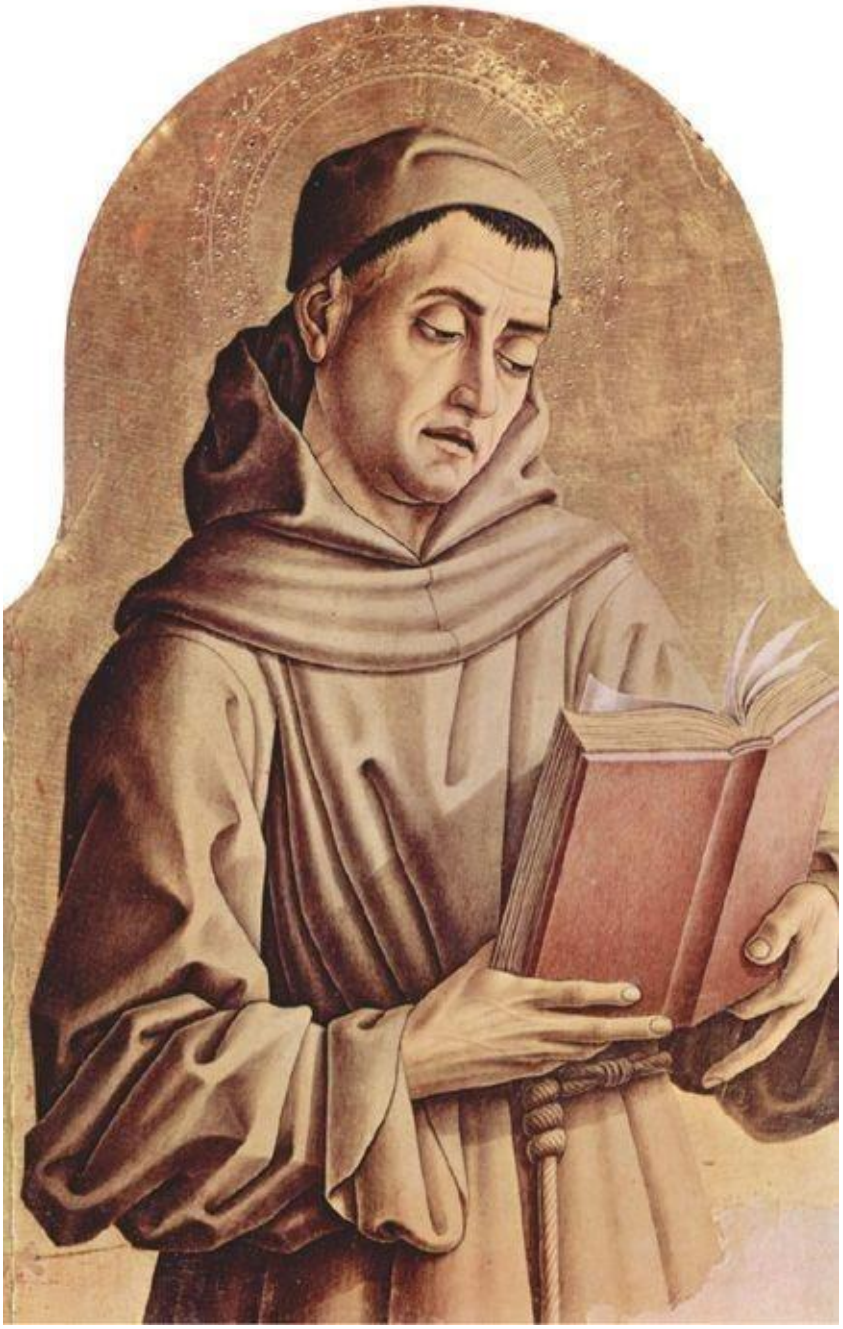
Humor: Escolha um ditado comum de sabedoria popular ou senso comum como "Não adie para amanhã as coisas que você pode fazer hoje". Reconheça a verdade clara e a sabedoria na declaração. Em seguida, pergunte aos ouvintes o que poderia acontecer se uma pessoa tentasse forçar

essa verdade a se encaixar nos seguintes tipos de situações em sua vida: "Eu me sinto tão sozinha e estou pensando em fazer as malas e deixar esta cidade para sempre". "Eu fico muito brava no trabalho e às vezes sinto que vou estrangular meu chefe."O óbvio descompasso entre o conselho e a situação criará humor e destacará a maneira pela qual nós, como humanos, muitas vezes somos tão ineptos em combinar a sabedoria com nossas circunstâncias. Em contraste, Deus deseja trabalhar em nossas vidas por meio de Seu Espírito residente e nos ajudar a discernir adequadamente quais verdades se encaixam nos tempos que estamos enfrentando.

Lição de objeto: Sugira uma tarefa doméstica comum que exija alguma delicadeza, como trocar uma lâmpada ou remover uma lasca da pele. Em seguida, diga que precisa da ajuda dos ouvintes para escolher a ferramenta que melhor se encaixaria no trabalho. Mostre uma série de ferramentas desajeitadas e extremas (como uma motosserra, marreta, cortador de parafusos, etc.) e brinque de burro sobre por que elas não funcionariam. Use a incongruência das ferramentas com a tarefa para mostrar como ferramentas (verdades) muito úteis e legítimas ainda podem falhar em atender às necessidades de uma determinada tarefa (encontrar sentido e direção em tempos de luta). Reflita com os ouvintes sobre como somente o Espírito Santo tem a sabedoria para combinar as ferramentas com a tarefa.

***As pessoas que sofrem precisam ouvir boas notícias sobre o Deus que se importa e intervém em tempo real.***

Testemunho: Você provavelmente conhece alguém que pode dar um testemunho sobre a maneira como "o Senhor está perto dos quebrantados de coração e salva aqueles que são esmagados em espírito". (Salmos 34:18) Aproxime-se dessa pessoa e peça que ela compartilhe brevemente (ao vivo ou por vídeo) sobre a maneira como Deus a encontrou e a consolou em um momento de sofrimento. Especificamente, peça-lhes que se concentrem em como o conforto de sua presença tornou a experiência distintamente construtiva e substancialmente diferente da disciplina ou do castigo. Conclua com um breve comentário que liga o que foi compartilhado à passagem e às boas novas de que, independentemente do que humanos como Elifaz possam dizer, Deus ouve seus clamores e conhece suas aflições, e deseja dar-lhes o dom de si mesmo em meio aos seus sofrimentos.



Alguns dos temas do louvor de Elifaz a Deus em 5:9–16 estão incluídos no hino "Todas as Criaturas do Nosso Deus e Rei", de São Francisco de Assis. Esta pintura de São Francisco de Carlo Crivelli é de um retábulo em San Francesco (Montefiore dell' Aso, Itália, ca. 1470).

---

10º. Clines, *Jó 1–20*, 142, apresenta uma discussão útil sobre Resheph em Jó 5:7, juntamente com bibliografia adicional para um estudo mais aprofundado.

## Trabalho 6

# A frustração de Jó com seus amigos

**A** *adversidade de Jó molda como ele vê Deus, seus amigos e a si mesmo.*

## Temas-chave do trabalho 6

- Jó sente intensamente a dor de sua adversidade.
- A visão de Jó sobre Deus é distorcida por sua dor.
- Jó não pode depender da lealdade de seus amigos.
- Jó mantém sua retidão apesar da rejeição que sente.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Após o primeiro discurso de Elifaz, em Jó 4–5, Jó responde nos capítulos 6 e 7. No capítulo 6, Jó se refere indiretamente em alguns lugares ao que Elifaz disse, mas ele não o refuta ponto por ponto. A fala de Jó, ao contrário, é um desabafo emocionado em que ele se defende e ataca os amigos. Jó está claramente frustrado com sua situação dolorosa (6:1-13) e com o que ele vê como a deslealdade de seus amigos (6:14-23). Ele exige que falem honesta e gentilmente com ele (6:24-30).

Como os amigos, Jó assume a validade geral do princípio da retribuição. Ele não consegue entender por que sua vida se transformou tão dramaticamente de bênção em adversidade. Em contraste com seus amigos,

que insistem que ele é pecaminoso e merecedor de punição, Jó sustenta que ele é tão justo quanto sempre foi.
Consequentemente, ele sente que está sob ataque de Deus, e isso faz com que Deus pareça injusto para ele.

**Histórico e cultural** Os comerciantes do mundo antigo usavam balanças para pesar mercadorias à venda. Jó diz em 6:2-3 que deseja colocar toda a areia dos mares de um lado da balança para medir contra a dor de sua miséria.
O boi (6:5) era uma parte vital da antiga agricultura do Oriente Próximo (Prov. 14:4), e os quinhentos jugos de bois de Jó (1:3) eram uma medida de sua vasta riqueza. O significado da linha final em 6:6 é debatido, mas pode se referir à planta malva, que tinha folhagem comestível, mas pouco sabor.

Os córregos intermitentes, ou wadis, que Jó descreve em 6:15–20 são leitos de riachos que estavam secos durante a maior parte do ano, mas depois de tempestades eles podem se tornar torrentes furiosas. Esses wadis eram como os amigos de Jó, porque não podiam ser contados como uma fonte confiável de apoio. Caravanas que cruzavam o deserto árabe de Tema, no noroeste, ou Sabá, no sudoeste, muitas vezes se decepcionavam com possíveis fontes de água que vislumbravam a uma distância que se revelou ser wadis seco.

**Insights Interpretativos 6:2–3** *Se ao menos minha angústia pudesse ser ponderada.* O termo hebraico traduzido como "angústia", *ka'as*, tem o sentido de vexame ou desespero. Nos salmos de lamento, as pessoas na adversidade recorrem a Deus em seus *ka'as* para implorar por sua intervenção em seu favor (Sl. 6:7; 10:14), mas o mesmo termo é usado em Provérbios 12:16 para advertir que "os tolos mostram seu aborrecimento imediatamente". Elifaz advertiu em 5:2 que *ka'as* mata o tolo, mas Jó aqui afirma que seu desespero o obriga a falar impetuosamente (6:3). O leitor deve, portanto, levar em conta suas fortes emoções, porque elas às vezes fazem com que Jó expresse seus sentimentos à custa de ver as coisas claramente. Embora as palavras de Jó revelem com precisão sua dor, elas nem sempre refletem o que Deus está realmente fazendo em sua vida. Assim, nem tudo o que Jó diz deve ser tomado como exemplo de como devemos responder às adversidades em nossas vidas.

**6:4** *As flechas do Todo-Poderoso estão em mim.* O Antigo Testamento muitas vezes retrata Javé como um guerreiro divino que luta por seu povo (Zf. 3:17),[11] como ele faz notavelmente no êxodo quando derrota o Faraó e o exército do Egito (Êx. 15:1-18). Jó, no entanto, sente que, em vez de ser seu fiel protetor, Deus tem sido seu inimigo feroz. Dobrando a imagem familiar do

Antigo Testamento de Deus como o guerreiro divino lutando pelo benefício de seu povo, Jó o retrata como um inimigo atacando-o com flechas envenenadas que penetram tanto em seu corpo quanto em seu espírito. Ele sente que se tornou alvo de Deus. Jó não vê isso como o tipo de ferimento benéfico provocado pela disciplina do Todo-Poderoso que Elifas descreveu em 5:17–18.

**6:6–7** *Comi-se comida insípida sem sal?* Com essa pergunta retórica, Jó dá a entender que as palavras de Elifazes são insípidas. Seu amigo não o alimentou com instrução que dava vida; o que ele disse é inútil, insípido e totalmente antipático para Jó. Consequentemente, Jó se recusa a aceitá-la (6:7).

**6:8–10** *Oh . . . que Deus estaria disposto a me esmagar!* Jó quer uma resolução clara para sua situação, seja ela qual for, então ele pede a Deus que o abençoe ou o esmage, mas não o deixe na condição miserável em que se encontra. Como Moisés (Nm 11:15) e Elias (1 Reis 19:4), ele deseja que Deus tire sua vida, porque isso proporcionará grande alívio de sua dor. No entanto, ele não expressa a opção do suicídio, mas deixa sua vida nas mãos de Deus. Tudo o que importa para Jó é sua integridade diante de Deus (6:10), e ele não quer chegar ao ponto de ruptura em que nega a Deus.

**6:14–15** *Qualquer um que retenha bondade de um amigo.* Usando a forma proverbial tipicamente empregada por professores de sabedoria, Jó denuncia seus três críticos como falsos amigos que mostraram suas verdadeiras cores por sua deslealdade a ele. Ao interpretar mal a situação e acusar Jó de pecado, eles falham em fortalecer Jó com bondade fiel quando ele está lutando física e espiritualmente.



Os córregos de que Jó fala em 6:15–17, que são conhecidos como "wadis", são leitos secos na maior parte do ano, mas se tornam canais de água de agitação rápida quando a chuva chega. Este wadi faz parte do sistema Nahal Zaror no Neguev.

**6:21** *Você vê algo terrível e tem medo.* Tanto Jó quanto os três amigos acreditam na validade do princípio da retribuição. A confiança de Jó em sua integridade faz com que ele comece a questionar se o princípio da retribuição realmente vale para todos os casos. Ao falar do medo de seus amigos, Jó pode

estar sugerindo que eles têm medo de repensar o que acreditavam e ensinavam anteriormente. Eles acham difícil considerar a possibilidade de que o princípio da retribuição não seja adequado para explicar toda a vida. Alternativamente, Jó pode estar dizendo que os amigos viram sua adversidade, então eles correm para falar contra ele, para que algo terrível não aconteça com eles também.

**6:22–23** *Dê algo em meu favor.* Apesar de suas perdas financeiras avassaladoras, Jó nunca é registrado como pedindo aos amigos seu apoio monetário ou para que eles o resgatem de um inimigo, mas ele espera e deseja sua devoção fiel (6:14). Eles, no entanto, não estão dispostos a pagar o preço para ajudá-lo. Jó os vê como curiosos para observar, mas não comprometidos em ajudá-lo.

**6:25–26** *Mas o que provam seus argumentos?* Elifaz falou apenas sobre como todos os seres humanos são corruptos diante do Deus justo, mas ele não mostrou que esse é o caso específico na vida de Jó. Através da fala de Elifaz, os amigos fizeram muitas acusações contra Jó, mas não provaram nada. Jó insiste que eles não têm provas para fazer suas acusações contra ele pegarem. Portanto, ele contrasta suas próprias palavras dolorosas, mas honestas, com suas acusações levianas e infundadas.

**6:27** *Você até lançaria sortes para os órfãos.* Sentindo-se frustrado e insultado, Jó dirige uma farpa aos amigos. O tratamento que dão a ele, diz Jó, revela como eles realmente são. Eles são tão impiedosos que até apostariam por órfãos, tratando humanos indefesos como meras mercadorias a serem vendidas como pagamento de dívidas (ver, por exemplo, 2 Reis 4:1; veja a barra lateral). Essa cobrança indica o quão tensa a situação já se tornou. Mais tarde, em 22:5–9, Elifas usará uma linguagem ainda mais dura ao acusar Jó de maltratar pessoas impotentes.

### Órfãos e marginalizados

Em todo o Antigo Testamento, "os órfãos" referem-se aos órfãos, que, como viúvas e estrangeiros, são vulneráveis, indefesos e impotentes. Javé mostra uma preocupação especial com essas classes de pessoas marginalizadas, e insiste que elas sejam tratadas com bondade e generosidade.

Deuteronômio 24:17–18 explicita esse cuidado: "Não priveis o estrangeiro ou o órfão de justiça, nem tomem o manto da viúva como penhor. Lembre-se de que vocês eram escravos no Egito e o SENHOR, seu Deus, os redimiu de lá. É por isso que eu ordeno que você faça isso." (Ver também Exod. 22:21–24; Lev. 19:9–10; Deut. 24:19–22.)

**6:28** *Mas agora seja tão gentil que olhe para mim.* Jó sente que estão falando *dele* como um objeto, e não *para* ele como uma pessoa. Ele implora para que olhem para ele em vez de desviar os olhos de sua aparência horrível, para reconhecer que ele é realmente Jó, seu amigo, uma pessoa real com necessidades genuínas. Há também a implicação de que, como os amigos sabem que suas acusações são falsas, eles não ousam olhar Jó nos olhos.

**6:29** *Minha integridade está em jogo.* Jó apela ao seu senso de justiça, porque se sente injustamente acusado por seus amigos. Ele pede que avaliem seu personagem corretamente como inocente, não se apressem em condená-lo como culpado. O termo traduzido como "integridade" aqui não é a palavra usada anteriormente de Jó em 2:3; antes, fala da justiça de Jó. Em 6:29 o termo pode muito bem ter a nuance da reivindicação de Jó, ou seja, a declaração pública de que ele está certo. Aplicando o princípio da retribuição, os amigos de Jó interpretam sua adversidade como evidência de sua culpa, mas Jó afirma que sua conclusão é injusta e não fiel aos fatos.

**Insights teológicos** A razão pela qual Jó luta teologicamente com seu sofrimento é que ele vê toda a vida como sob o controle soberano de Deus, e Jó não consegue entender por que o Deus justo o trataria como ele o tratou. Jó percebe suas aflições como as flechas de Deus (6:4), linguagem que ecoa Salmos 38:2 e 120:4. Jó está expressando o que tem sido chamado de noite escura da alma, e seus sentimentos são muito semelhantes aos do Salmo 88:13-18.

Quando Jó diz que uma pessoa em desespero precisa da devoção de seus amigos (6:14), ele usa o termo *hesed* (NVI: "bondade"), um termo que é frequentemente empregado no Antigo Testamento para a bondade fiel de Javé (Exod. 20:6; 34:6–7; Jr. 9:24). A instrução de sabedoria em Provérbios 3:3 exorta: "Que o amor e a fidelidade nunca vos deixem", mas os amigos de Jó falham em fazer isso em sua resposta a Jó.

## Ensinando o texto

A adversidade muitas vezes revela como uma pessoa é realmente no coração. Mas a adversidade também pode moldar e mudar as atitudes. No prólogo, a resposta inicial humilde de Jó à adversidade claramente fundamentou o elogio de Javé ao seu caráter irrepreensível. Quando chegamos a Jó 6, no entanto, a dor persistente está começando a afetar como Jó vê Deus, seus amigos e a si mesmo. Embora nem tudo o que Jó diz seja um exemplo

positivo de como devemos lidar com a dor em nossas vidas, ele nos ajuda a pensar em como responder a Deus e aos outros em tempos de adversidade.

As palavras iniciais de Jó neste discurso expressam o peso de seu desespero. Ele sente intensamente a dor de sua grande adversidade, e é aberto e vocal em dizer como se sente. Nisso, Jó segue o padrão dos salmos de lamento, nos quais os salmistas dão voz aos seus sentimentos enquanto derramam seus corações diante do Senhor. Em salmos imprecatórios (por exemplo, Sls. 7, 58 e 137), os adoradores piedosos expressam seus sentimentos ainda mais vividamente, voltando-se para Deus com sua raiva. Esses padrões bíblicos demonstram que Deus quer que sejamos sinceros e honestos ao trazermos nossas emoções mais esfarrapadas diante dele, o que Jó fará ao se dirigir a Deus diretamente no capítulo 7. Esta não é uma licença para atacar em retaliação aos outros, mas nos dá permissão para colocar palavras no que está em nossos corações ao levarmos nossas petições a Deus. Assim como um pai amoroso quer que seus filhos feridos se voltem para Ele com suas dores mais profundas, assim Deus quer que seu povo traga seus corações dilacerados para Ele.

Ao mesmo tempo, a adversidade de Jó está começando a distorcer sua visão de Deus. Em vez de lembrar que o Senhor é o guerreiro divino que luta por seu povo, Jó vê Deus através das lentes de seu sofrimento. Nessa perspectiva, Deus parece um combatente inimigo cujas flechas envenenadas penetram no espírito de Jó. Embora o Senhor seja realmente soberano sobre toda a vida, Jó extrapola essa verdade em um senso errôneo de que Deus é o agente culpado, ou culpável, pelo mal que está experimentando. Nisso, ele fala além de seu conhecimento, porque o prólogo diz ao leitor que essas adversidades vieram sobre ele por instigação do adversário.

Jó aprende com suas adversidades que não pode depender da lealdade de seus amigos. Sem dúvida, isso foi uma surpresa e uma profunda decepção para ele, pois ele supunha que, em seu desespero, poderia contar com o apoio deles. Mesmo os melhores amigos podem decepcionar aqueles que confiam neles, mas como ensina Lamentações 3:22, a lealdade do Senhor nunca cessa. Uma das principais lições do livro de Jó é que Javé pode ser confiável, mesmo quando seus caminhos não podem ser compreendidos. Por outro lado, os seres humanos muitas vezes provam não ser confiáveis, apesar de suas melhores intenções.



Jó imagina Deus apontando flechas para ele, em vez de oferecer proteção divina contra um inimigo. Isso contrasta com a visão usual da divindade como um guerreiro divino lutando em nome de seu povo, que é um motivo comum no antigo Oriente Próximo. Aqui é mostrado o deus assírio Assur com arco desenhado, indo antes do rei Ashurnasirpal em batalha (palácio noroeste em Nimrud, 865-860 a.C.).

Mesmo que Jó se sinta rejeitado por Deus e por seus amigos, ele mantém um senso de sua própria justiça diante do Senhor. Ele não desmorona sob a pressão, mesmo quando parece que Deus o está usando para a prática do alvo e quando seus amigos o machucam mais do que ajudam. Jó é humilde o

suficiente para estar disposto a ser ensinado onde está errado, mas não está disposto a abrir mão de sua integridade apenas para silenciar as críticas infundadas dos outros quando não consegue entender por que está sofrendo tamanha aflição. Ele sabe onde está com Deus e não deixa que sua adversidade altere essa convicção. No entanto, sua experiência coloca em sério questionamento a teologia da retribuição que ele acreditava anteriormente, produzindo confusão significativa em seu pensamento. Ao longo do resto do livro, Jó lutará com essas questões difíceis enquanto procura resolver a dissonância entre sua piedade para com Deus e o aparente tratamento que Deus dá a ele.

## Ilustrando o texto

***Deus quer que sejamos sinceros diante d'Ele e que coloquemos palavras no que está em nossos corações.***

Bíblia: Dois dos livros mais autobiográficos da Bíblia são Jeremias e 2 Coríntios. Em ambos os livros, homens piedosos expressam honestamente seus sentimentos em meio a uma dor profunda.

***Devemos corrigir quaisquer distorções em nossa visão de Deus que a adversidade causou.***

Literatura: ***Moby Dick,* de Herman Melville.** O conhecimento de Melville (1819-91) sobre Jó parece ter sido significativo. *Em Moby Dick* (1851), o protagonista é o capitão Ahab, um homem cheio de raiva contra a grande baleia branca, Moby Dick, porque a baleia destruiu o navio do capitão e mordeu sua perna. Embora ele tenha sido avisado sobre sua visão icônica de uma experiência que poderia acontecer com qualquer baleeiro, Acabe persegue a baleia – que muitos críticos acreditam ser um símbolo de Deus – acreditando que ele é totalmente mau. Em resposta a um aviso sobre sua blasfêmia, o capitão Ahab clama por vingança: "A baleia branca é aquele muro, empurrado perto de mim... Ele me incumbe; ele me amontoa; Vejo nele uma força ultrajante, com uma malícia inescrutável a sorrateira.Essa coisa inescrutável é principalmente o que eu odeio... Vou causar esse ódio nele".[12] Em contraste, a experiência de Jó com a perda aponta para sua fé em um Deus que o fortalece.

***Devemos depender de Deus quando os amigos são desleais ou nos falham.***

Literatura: ***O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas.** Em *O Conde de Monte Cristo* (1844), Dumas (1802-70) conta a história de um homem que é

traído por um amigo em quem confiava, e que então gasta grande esforço exigindo vingança sobre ele. Jó tem uma experiência semelhante de deslealdade daqueles de quem dependeu, mas não retalia contra eles.

Poesia: **"Invictus", de William Ernest Henley.** Este poema estoico frequentemente citado (1888) do poeta inglês William Ernest Henley (1849-1903) fornece um grande contraste com a atitude de Jó. Aos doze anos, Henley contraiu tuberculose do osso. À medida que a doença progredia para seu pé, os médicos determinaram que, para salvar sua vida, deveriam amputar diretamente abaixo do joelho, um evento que ocorreu quando ele tinha vinte e cinco anos. Os livros didáticos vitorianos que defendiam o estoicismo eram populares na época e inspiraram o ideal estoico de Henley de indiferença diante do sofrimento. O poema diz o seguinte:

> Fora da noite que me cobre
> Preto como o poço de poste em
> poste, agradeço a todos os
> deuses que possam ser por
> minha alma invencível.
>
> Na garra da circunstância não
> ganhei nem chorei em voz alta.
> Sob as pancadas do acaso, minha
> cabeça está ensanguentada, mas
> sem curvas.
>
> Além deste lugar de ira e lágrimas
> E ainda a ameaça dos anos Encontra
> e me achará sem medo.
>
> Não importa quão estreito o portão,
> como encarregado de castigos o
> pergaminho, eu sou o senhor do meu
> destino:
> Eu sou o capitão da minha alma.

A fé de Jó em Deus o sustentava, algo profundamente diferente desse estoicismo.

---

11º. Dois estudos importantes sobre Javé como guerreiro são Miller, *Guerreiro Divino*, e Longman e Reid, *Deus é um Guerreiro*.

12. Melville, *Moby Dick*, 161.

**Trabalho 7**

# A Queixa de Jó a Deus

## Big Idea *Jó traz seus sentimentos, medos e frustrações diante de Deus.*

## Temas-chave do trabalho 7

- Jó dá palavras ao que sente na adversidade.
- Jó se volta para Deus em sua dor, em vez de se afastar dele.
- Jó expressa a Deus os temores que surgiram em sua mente.
- Jó afirma as frustrações em seu espírito sobre como ele percebe que Deus o está tratando.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Depois de falar diretamente com seus três amigos em 6:24–30, Jó se afasta deles no capítulo 7. Em 7:1–6, Jó revela seus sentimentos internos falando em um solilóquio, assim como um ator de uma peça pode se dirigir ao público em um aparte para que eles possam entender o que o personagem está pensando ou sentindo. Embora Jó realmente tenha problemas com seus amigos, sua queixa primordial é contra Deus (7:7-21), a quem ele acha que não o tratou corretamente. Ao longo do restante do livro, Jó cada vez mais se afastará dos amigos para se dirigir a Deus, e no final do livro apenas Javé e Jó ficam falando.

**Contexto Histórico e Cultural** Como em 3:17–20, em 7:9 "a sepultura" refere-se ao Seol, o lugar dos mortos. No antigo pensamento do Oriente Próximo, isso

era visto como o submundo sombrio (veja a barra lateral, "Sheol and the Afterlife", na unidade em Jó 3).

Em 7:12, Jó alude ao motivo familiar da batalha entre o Deus criador e o caos (ver também 3:8; 9:8, 13; 26:12–13; 38:8–11; 41:1–34). Na mitologia cananeia, o mar (Yamm) e o monstro marinho (Tannin) são suprimidos por Baal e Anath, respectivamente, e sua vitória estabelece a ordem na terra. Da mesma forma, na mitologia babilônica, Marduk derrota Tiamat e a aprisiona. No relato bíblico da criação em Gênesis, Deus faz os monstros marinhos
(*tanninim*; Gn 1:21), demonstrando seu poder e autoridade sobre eles.

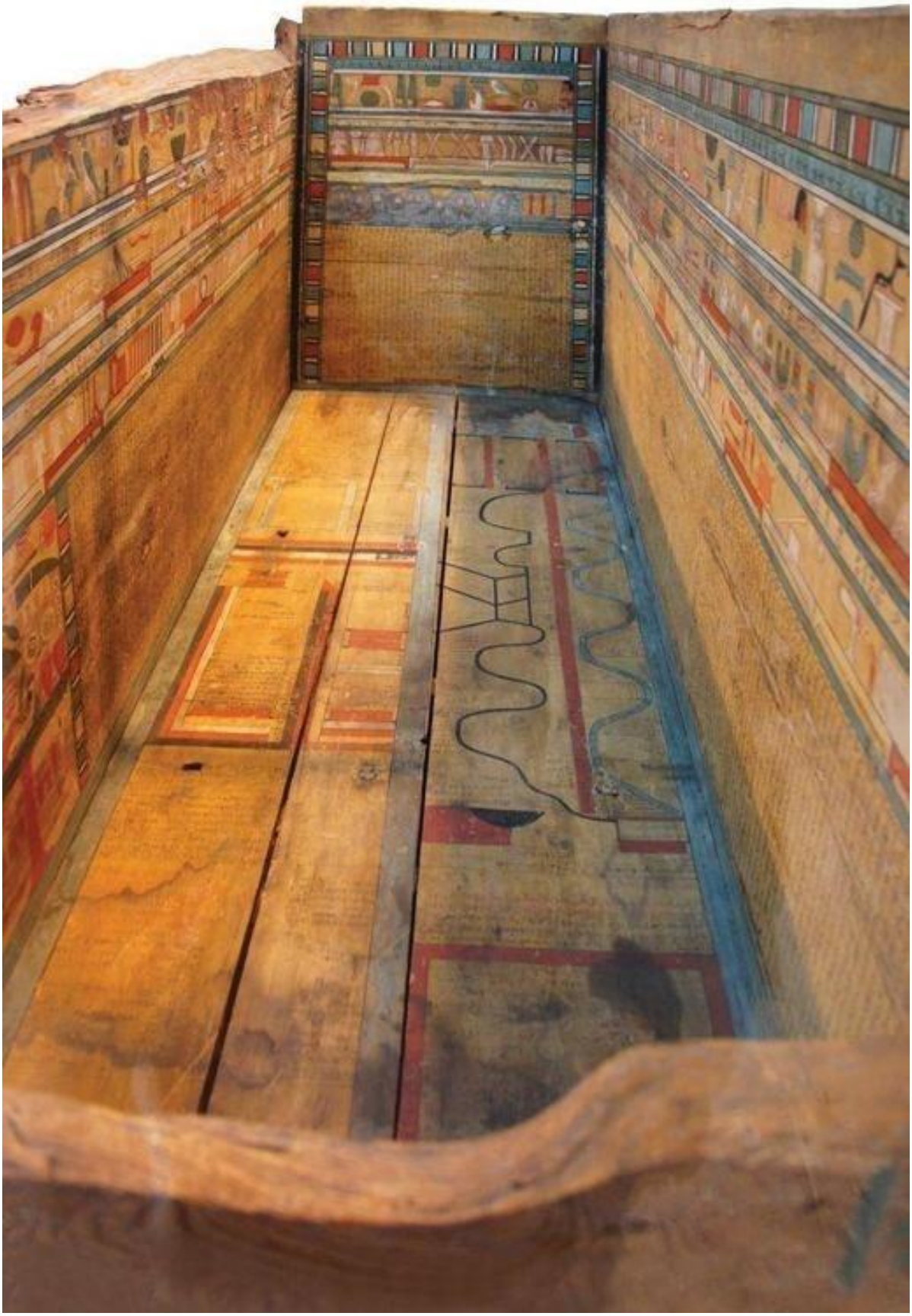


Jó alude a uma batalha entre Deus e o caos (7:12). A batalha semelhante entre Marduk e Tiamat na mitologia babilônica é registrada em uma série de tabuletas cuneiformes conhecidas como a Epopeia da Criação. Esta tábua descreve o banquete comemorativo onde Marduk é nomeado campeão dos deuses (Neo-Assírio, século VII a.C.).

**Insights Interpretativos 7:1–2** *Os mortais não têm serviço árduo na Terra?* Jó usa a linguagem do alistamento militar (ver Nm 1:3; 1 Cron. 5:18; 7:11) para reclamar que viver é ser escravo. Esta mesma linguagem é usada em 1 Reis 5:13–14 para se referir aos trabalhadores forçados sob Salomão que cortavam madeira e pedras de pedreira para o templo. A imagem de humanos trabalhando por longos dias para ganhar parcos salários é um contraste gritante com a posição exaltada dos humanos feitos à imagem de Deus (Gn 1:26-27). Da perspectiva de Jó, que é distorcida por sua dor, Deus parece usar os humanos como se fossem meros agentes do trabalho, um conceito também encontrado na Epopeia mesopotâmica de Atrahasis.

**7:3** *Foram-me atribuídos meses de futilidade.* Na maior parte, o foco no livro de Jó é na intensidade da dor de Jó e não em sua duração no tempo. O termo "meses" pode ser um marcador geral para a duração da angústia de Jó, pois sua vida parece totalmente vazia e inútil. No *Testamento de Jó* (uma obra posterior, pseudepigráfica), diz-se que o calvário de Jó durou quarenta e oito anos (*T. Jó* 21.1), mas isso é provavelmente um embelezamento especulativo do texto bíblico.

**7:5** *Meu corpo está revestido de vermes e crostas.* O verme (*rimmah*) é uma imagem de decomposição, porque os vermes se alimentam de cadáveres em decomposição (Jó 21:26; cf. Is. 14:11). O mesmo termo, que Jó usa aqui para descrever sua aflição física, é mais tarde empregado por Bildad (25:6; NIV: "larva") em sua descrição depreciativa final dos seres humanos, a quem ele descarta como uma larva e um verme.



Em contraste com a maioria do antigo Oriente Próximo, o Egito desenvolveu uma visão sofisticada do mundo do nether e da vida após a morte, embora eles ainda o considerassem um lugar sem retorno. No interior do caixão de Gua, mostrado aqui, um mapa foi pintado para guiar os mortos para a vida após a morte (Deir el-Bersha, Egito, Décima Segunda Dinastia, 1985-1795 a.C.).

**7:6** *Meus dias . . . chegar ao fim sem esperança.* O termo hebraico *tiqwah* é um trocadilho que significa "fio" e "esperança". Jó parece tão inútil quanto as pequenas pontas do fio que são arrancadas de um tear depois que a tecelagem é concluída (Cf. Josué 2:18, 21).Assim, a vida de Jó é frágil e precária. Porque a sua vida está no fim do fio, ele está sem esperança (cf. 1 Cr. 29, 15; Is. 38, 12). Os amigos de Jó, refletindo a instrução de sabedoria de Provérbios 10:28, insistem que os justos são aqueles que têm esperança (4:6; 11:18), mas os ímpios não têm esperança (8:13; 11:20). Embora Jó admita prontamente seu sentimento de desesperança, ele argumenta fortemente contra a dedução deles de que ele então necessariamente deve ser perverso.

**7:7** *minha vida é apenas um sopro.* Em Gênesis 2:7, Deus sopra em Adão seu sopro ou força vital, mas Jó usa a linguagem da respiração de uma maneira muito diferente como uma imagem da natureza transitória da mortalidade humana. Mais tarde, ele repete que a vida é passageira (9:25-26; 14:1-2), um sentimento que se assemelha à oração do salmista no Salmo 39:4-5.

**7:11–12** *Falarei na angústia do meu espírito.* Como os salmistas dos salmos imprecatórios, que invocam a condenação divina sobre aqueles que os afligem (por exemplo, Sls. 58:6-8; 59:3-5), Jó não se detém quando expressa seus sentimentos amargos a Deus. Isso, no entanto, é um movimento arriscado, porque a tradição da sabedoria ensina que a pessoa prudente é contida na fala (Prov. 10:19; 17:27). Jó, no entanto, se recusa a ser amordaçado, como os mitológicos Yamm e Tanino eram (correspondendo ao "mar" e ao "monstro das profundezas", respectivamente; 7:12).

**7:14** *mesmo assim você me assusta com sonhos.* Como no versículo 4, Jó espera que o sono traga alívio de sua dolorosa adversidade, mas isso não acontece. Quando ele está jogando e virando até o amanhecer, ele também se assusta com pesadelos e visões. No pensamento antigo, os pesadelos eram muitas vezes considerados como obra de demônios ou agentes divinos,13 mas aqui Jó os atribui ao próprio Deus. É possível que ele também esteja olhando de lado para a perturbadora revelação noturna que Elifaz descreveu em 4:12–16. De qualquer forma, o que Jó suporta é o oposto do conforto que ele esperava (7:13).

**7:15** *Prefiro o estrangulamento e a morte.* Anteriormente, em seu lamento inicial (3:11-16), Jó expressou seu desejo de que tivesse morrido ao nascer, em vez de viver para experimentar sua adversidade. Aqui, a dor de Jó é tão severa que ele vê uma morte violenta por estrangulamento como preferível à continuação da vida em sua condição dolorosa. Seu pensamento tornou-se turvo e dominado por seu desespero para ser libertado de alguma forma de sua dor.

**7:16** *meus dias não têm sentido.* Usando um termo familiar de Eclesiastes, Jó reclama que seus dias são *hebel*. Este termo, que em seu sentido literal significa respiração, era tipicamente usado para se referir ao que é passageiro, fútil ou enigmático. Nesse contexto, Jó provavelmente pretende a sensação negativa de futilidade ao falar da vida que passou a desprezar. Ele só quer que Deus o deixe em paz (cf. 10, 20). O que é irônico é que Jó não tem consciência de que no final da história ele será restaurado para viver muitos anos (42:17).

**7:20** *você que vê tudo o que fazemos.* Ao se dirigir a Deus nessas palavras, Jó expande como ele vê Deus no versículo 8, como "o olho que agora me vê". Os salmistas frequentemente apelam a Javé para vigiar Israel (Sl. 12:7; 25:20; 40:11; 61:7), e no Salmo 139:1–6 a onipresença de Deus é um grande conforto. Jó, por outro lado, não se sente confortado pelo olhar vigilante de Deus sobre ele, mas sim marcado pelo escrutínio incessante de Deus. Como em 6:4, Jó se sente atacado e ferido por Deus, assim a vigilância constante de Deus sobre ele produz em Jó uma sensação de distância e tensão em vez de proximidade e segurança. Jó, portanto, quer que Deus pare de olhar para ele, em contraste com o salmista que suplicou a Javé: "Olhai para mim e respondei" (Sl. 13:3).

Em 6:4 Jó reclamou que as flechas do Todo-Poderoso o perfuraram, e agora ele pergunta por que Deus o tratou dessa maneira. Assumindo a validade básica da teologia da retribuição, que diz que o castigo vem como resultado da maldade, Jó indaga qual pecado seu justificou o castigo divino sobre ele. Pelo prólogo, o leitor sabe mais do que Jó enquanto suporta sua dor. De fato, dentro do contexto de todo o livro, Jó nunca recebe uma resposta de Deus a essa pergunta sobre o motivo de sua adversidade.

**7:21** *Por que não perdoais as minhas ofensas?* Jó não está consciente de nenhum pecado não confessado em sua vida, ou ele admitiria isso a Deus. Ele não está disposto a seguir o conselho de seus amigos e confessar pecados que não cometeu. Falando hipoteticamente, Jó pergunta que, se ele pecou, por que Deus não está disposto a perdoá-lo? Nos versículos 20–21, Jó usa os três principais termos do Antigo Testamento para pecado (cf. Sl. 32:1–2, 5) ao se

referir a perder a marca da vontade de Deus ("pecado"; v. 20), resistir ao governo de Deus ("ofensas"; v. 21) e distorcer os desejos de Deus ("pecados"; v. 21).

**Insights teológicos** A visão de Jó da vida como fútil (7:3) é amplamente paralela aos sentimentos encontrados no livro de Eclesiastes, que vê a vida "debaixo do sol" (ver Eclesias. 1:3). Essa percepção da vida humana na Terra como uma dura labuta (Jó 7:1) contrasta com o domínio original que Deus deu aos humanos em Gênesis 1:26-28 e 2:15. Ele vê a vida como sob a maldição (Gn 3:17-19).

Em 7:17-18, Jó parodia as palavras do salmista no Salmo 8:4 (Cf. Sl. 144:3-4). Em vez de os humanos desfrutarem de um status exaltado sob Deus, no qual exercem o domínio sobre sua criação, Jó diz que eles são examinados e examinados perpetuamente por Deus. Enquanto os salmistas exultavam em admiração e adoração enquanto refletiam sobre o status dado por Deus aos humanos, Jó neste lugar do livro explode em amarga angústia e agravamento. A visão negativa de Jó sobre a humanidade será intensificada por Elifaz (15:14-16) e Bildad (25:4-6).

## Ensinando o texto

Quando as pessoas estão com dor, muitas vezes, mas nem sempre, acham relativamente fácil desabafar com outras pessoas sobre seus problemas. Eles também frequentemente falam *sobre* Deus e como eles percebem a Sua parte no que eles estão suportando. Mas muitas vezes durante a adversidade as pessoas acham mais difícil falar direta e honestamente *com* Deus sobre suas reações ao que estão vivendo. Jó neste capítulo fornece um exemplo de franqueza corajosa ao trazer seus sentimentos, medos e frustrações a Deus. Ele de forma alguma exemplifica um padrão perfeito para imitar, mas nos desafia a nos voltarmos para Deus com nossos problemas. Como os salmos de lamento demonstram, este é um primeiro passo necessário no caminho da dor ao louvor.

Este capítulo é angustiante de ler, porque Jó dá palavras ao que sente em sua adversidade. Ao contrário de muitos de nós que costumamos dizer "estou bem" quando não estamos indo bem, Jó descreve em termos específicos e imagens incisivas a profundidade de sua dor física, emocional, psicológica e espiritual. Em seu solilóquio em 7:1-6, Jó abre seu coração para revelar as

profundezas de suas emoções intensas. Ele não tenta manter uma aparência falsa e estoica, mas é sincero ao expressar o que sente. Ao assumir esse risco, Jó abre a oportunidade para que outros o entendam e o ajudem. Infelizmente, seus amigos não respondem com a compaixão e a assistência que ele precisa deles.

Jó não guarda seus sentimentos para si mesmo ou se contenta em conversar com outras pessoas. Em vez disso, ele leva toda a força de sua dor a Deus. Jó não se preocupa em ofender a Deus sendo honesto com ele, então ele articula toda a medida do que está em seu coração e mente.Ao fazer isso, Jó se lança completamente em Deus, esperando que Deus não o rejeite por suas perguntas honestas e difíceis e medos profundamente perturbadores. Jó reconhece que o Deus onisciente conhece e vê todas as coisas, então o que ele diz já é conhecido por Deus. Mas seu próprio ato de dizer essas coisas diretamente a Deus indica que Jó está confiante de que seu relacionamento com Deus está intacto. Esse relacionamento contínuo significa que Jó pode e deve compartilhar livre e plenamente de seu coração. De maneira semelhante, Pedro mais tarde desafia seus leitores a lançar toda a sua ansiedade sobre Deus, confiante de que Deus cuida deles (1 Pe 5:7).

À medida que Jó compartilha o que está em seu coração, ele inclui até mesmo as frustrações em seu espírito sobre como ele percebe que Deus o está tratando. Jó reconhece que, embora a adversidade muitas vezes tenha aspectos físicos, emocionais, sociais e financeiros, ela também inevitavelmente tem uma dimensão teológica. Porque Deus é soberano sobre o seu mundo, de alguma forma a adversidade deve ser entendida dentro dessa estrutura teológica. Jó não ameniza sua frustração ao falar com Deus, mas levanta questões difíceis e sondadoras para ele. Embora Jó não obtenha as respostas específicas que deseja, o resto do livro fornece uma ampla estrutura teológica para abordar as questões que ele levanta. Mudando a discussão de "por quê?" para "quem?" Javé, no final do livro, apontará Jó para fora de sua frustração e de volta à fé.

## Ilustrando o texto

***O olhar atento de um Deus que tudo vê pode ser opressivo se não confiarmos nele.***

Literatura: ***O Senhor dos Anéis*****, de J. R. R. Tolkien.** Sauron é o personagem titular e o principal antagonista deste romance épico de fantasia de Tolkien

(1892–1973). O mau-olhado de Sauron (que é vividamente retratado na versão cinematográfica de Peter Jackson do romance de Tolkien) lança seu olhar em todas as direções. Estar sob o escrutínio de Sauron era aterrorizante, e faz paralelo com o sentimento que Jó expressa em 7:20.



Por causa de seu sofrimento, Jó percebe a vigilância de Deus negativamente, como um exame minucioso. No mundo antigo, no entanto, para o deus vigiá-lo geralmente significava que lhe era oferecida proteção. No Egito, o olho de Hórus tornou-se um símbolo de proteção usado para amuletos, como o mostrado aqui.

Literatura: ***O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald.** O romance *O Grande Gatsby* (1925), de Fitzgerald (1896-1940), tem como uma de suas imagens proeminentes um outdoor com um olho, o do doutor T. J. Eckleburg, que

parece observar sem pestanejar os personagens do livro. A descrição principal pode ser encontrada no capítulo 2.

***Devemos levar toda a nossa dor a Deus, articulando-a de forma honesta e específica.***

Christian Living Book: ***Abba's Child*, de Brennan Manning**. Neste livro eloquente, com o subtítulo *O Grito do Coração pelo Pertencimento Íntimo*, Brennan Manning exorta o leitor a "sair do esconderijo". Essa decisão, ele afirma, "é nosso rito de iniciação no ministério de cura de Jesus Cristo... Estamos na Verdade que nos liberta e vivemos fora da Realidade que nos torna inteiros."[14º]

Música: A música country, os espirituais afro-americanos e o blues são conhecidos por suas letras que revelam os sentimentos profundos das pessoas em dor, em contraste com tantos contextos da vida onde as pessoas mascaram o que está em seus corações. As canções de blues sugeridas são "Nobody Knows You When You're Down and Out" de Ida Cox (terceiro verso) e "Worried Life Blues" de Bessie Smith. Músicas country recomendadas são as músicas do álbum Hurt, de Johnny Cash. Uma sugestão espiritual é "Ninguém Sabe o Problema que Vi". Também é bom olhar a letra e a história por trás de "Precious Lord, Take My Hand", de Thomas A. Dorsey.

---

[13º]. Walton, *Comentário de Antecedentes Bíblicos do IVP*, pp. 498–99.

[14]. Manning, *filho de Abba*, 27.

## Trabalho 8

# Bildad tem a resposta (ele acha!)

## Big Idea *Bildad se concentra tanto na justiça de Deus que ele é cego para a falta de culpa de Jó.*

## Temas-chave do trabalho 8

- A análise lógica de Bildad o dessensibiliza para a dor de Jó.
- Bildad constrói seu caso através da lógica, tradição e analogias.
- Bildad prescreve a cura de Jó sem antes diagnosticar sua doença.
- Bildad mistura boa teologia com aplicação imprecisa.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em contraste com o discurso apaixonado de Jó em Jó 6-7, o primeiro discurso de Bildad, no capítulo 8, é calmo e analítico. Com um tom quase insensível, Bildad é mais o professor de ensino do que o pastor consolador. Ao contrário de Elifaz, que pelo menos começou afirmando Jó (4:3-4), Bildad é cáustico desde o início, descartando as palavras de Jó como um "vento brilhante" (8:2). Bildad intensifica o princípio de retribuição que Elifaz declarou em uma fórmula rígida de dupla retribuição, na qual Deus sempre prospera os justos (8:20) e sempre destrói os ímpios (8:13). Bildad usa lógica (8:3-7), tradição (8:8-10) e analogias da natureza (8:11-19) para argumentar sua posição, e ele se recusa a considerar evidências que contradizem sua

fórmula de como Deus mantém a justiça no mundo. Zofar, no capítulo 11, e Elifaz, no capítulo 22, assumirão a validade do ensinamento de Bildad sobre a retribuição e, em seguida, desenvolverão implicações adicionais a partir dele.

**Contexto histórico e cultural** Em todo o antigo mundo do Oriente Próximo, a sabedoria das gerações anteriores era especialmente valorizada, porque representava o acúmulo de sabedoria ao longo do tempo. Essa avaliação da sabedoria antiga é refletida em Deuteronômio 4:32, quando Israel é exortado a perguntar sobre o que Deus fez em tempos passados desde o dia em que criou os humanos na Terra.



A sabedoria das gerações anteriores era muito valorizada no mundo antigo. Na Mesopotâmia, os sábios primitivos, conhecidos como apkallu, trouxeram sabedoria à humanidade; eles são representados nesta bacia de água culta pelas figuras vestindo roupas tipo peixe (704-681 a.C.).

A analogia de Bildad com a planta do papiro (8:11–12) refere-se a uma planta que cresceu profusamente no delta do Nilo no Egito e também em algumas partes da terra de Israel profusamente no delta do Nilo no Egito e também em algumas partes da terra de Israel (ver Exod. 2:3; Is. 18:2). Foi usado para uma variedade de produtos, incluindo cestos, barcos e materiais de escrita. A planta de papiro pode crescer até quase vinte metros de altura, mas requer uma fonte constante e ampla de água para prosperar. Sem umidade abundante, a planta murcha rapidamente e morre.

**Insights Interpretativos 8:3** *Deus perverte a justiça?* A pergunta retórica de Bildad espera claramente uma resposta negativa. Distorcendo a queixa de Jó contra Deus em 7:7-21, Bildad implica que Jó difamou o caráter justo de Deus e seu governo (cf. Sls. 89:14-15; 99:4). Bildad é tanto quanto dizer que se Deus não pode fazer o que é injusto, então Jó necessariamente deve ser pecador. Do compromisso total de Bildad com a teologia da retribuição, só isso poderia explicar o castigo divino que Jó sofreu. No final do livro, Javé faz a mesma pergunta a Jó (40:8), mas a avaliação divina de Jó é diferente do que Bildad alega. Bildad realmente faz a pergunta certa, mas ele dá uma resposta incompleta para ela.

**8:4** *Quando seus filhos pecaram.* Como Bildad veio de longe para confortar Jó, é provável que ele não conhecesse pessoalmente os filhos de Jó. No entanto, ele está tão confiante na legitimidade da fórmula de retribuição que raciocina do efeito observável para o que considera a causa necessária. Impelido por sua lógica, Bildad conclui que os filhos de Jó devem ter pecado. A referência insensível de Bildad aos filhos de Jó evidencia que ele está olhando para o caso de Jó com um olhar frio e analítico. Sua teologia abstrata, sem sensibilidade pastoral e compaixão, deve doer terrivelmente a Jó.

**8:6** *se você é puro e reto.* Mesmo que Bildad não entenda realmente o que motivou a calamidade de Jó, ele fala como se o entendesse completamente. Para o pensamento de Bildad, se a vida de Jó tivesse sido marcada pela pureza moral (Cf. Sl. 119,9), então Deus já teria saído em sua defesa. O que é irônico é que o prólogo deixou claro que Jó é realmente reto, porque o próprio Javé disse isso duas vezes (1:8; 2:3).

**8:8** *Pergunte à geração anterior.* Tomando o tom condescendente de um professor repreendendo um aluno recalcitrante, Bildad instrui Jó a rever as lições de sabedoria passada que ele, como um sábio professor, deveria ter dominado. A sabedoria tradicional via Deus como a fonte última de toda sabedoria (Prov. 8:22–31). Deus havia revelado um pouco de sua sabedoria,

e ele havia embutido outros aspectos de sua sabedoria no universo para que os humanos pudessem acessá-los através do processo de observação (por exemplo, Prov. 6:6–11). Como os humanos individuais são limitados no que eles mesmos podem observar diretamente, eles precisam fazer uso das observações acumuladas transmitidas por aqueles que vieram antes deles (Deut. 32:7; Prov. 4:1–9). Embora muitas versões da Bíblia tenham traduzido "gerações anteriores" como um plural em 8:8, a expressão hebraica é o singular, "geração anterior". Poderia muito bem se referir à sabedoria original possuída por Deus desde o início (Deut. 4:32; Is. 40:21).

**8:9** *Nossos dias na Terra são apenas uma sombra.* É crucial ouvir a tradição, porque uma vida individual é demasiado fugaz para que os indivíduos acumulem sabedoria substancial por conta própria. Usando a imagem de uma sombra alongada para retratar os breves dias na Terra (cf. 1 Cr. 29:15; Sls. 102:11; 144:4; Ecles. 6:12; 8:13), Bildad declara que um curto tempo de vida é uma lente muito pequena através da qual se pode ver a sabedoria. Ela precisa ser complementada pelas experiências e percepções agregadas das gerações passadas.



Bildad usa a imagem de uma sombra para descrever a brevidade da vida (8:9). Este relógio de sol do Egito marcou o tempo medindo o comprimento da sombra do sol projetada pela pequena peça vertical quando o relógio de sol foi apontado para o sol (1540-1075 a.C.).

**8:10** *palavras do seu entendimento.* O termo traduzido como "compreensão" é o hebraico *leb*, que muitas vezes é traduzido como "coração". No pensamento do Antigo Testamento, o *leb* é o centro de toda a pessoa, e incorpora os aspectos pensantes, sentimentais e decisórios da personalidade. Neste verso, o sentido intelectual é mais proeminente.

**8:13** *Tal é o destino de todos os que se esquecem de Deus.* Esquecer Deus aqui significa mais do que um mero lapso de memória. Em vez disso, tem o sentido de oposição consciente a Deus que faz com que alguém o exclua (veja a barra lateral). Por essa razão, é paralelo ao "ímpio" na próxima linha.

**8:14–15** *O que eles confiam é uma teia de aranha.* Bildad compara a confiança dos ímpios em suas posses à frágil teia de uma aranha. Ao usar essa imagem, Bildad afirma que os recursos humanos são incapazes de fornecer confiança confiável. Ele provavelmente usa essa linguagem para aludir à perda de Jó de seus vastos bens, com a implicação de que Jó colocou sua confiança no que ele possuía em vez de em Deus.

**8:16–19** *Eles são como uma planta bem regada.* Nos versículos 16–19, Bildad desenvolve uma imagem estendida de uma planta luxuriante que prospera, mas depois é arrancada e murcha. Essa imagem parece se basear na analogia anterior da teia de aranha para demonstrar que a alegria dos prósperos será de curta duração se sua confiança estiver em seus próprios recursos e não em Deus. Na verdade, o teste do que se confia é como ele se sustenta sob o calor da adversidade. O ponto implícito de Bildad nesta imagem é que Jó foi desenraizado porque não depositou sua confiança em Deus.

**8:20** *Certamente Deus não rejeita aquele que é irrepreensível.* Nos versículos 20–22, Bildad resume seu argumento e apela diretamente a Jó. Ao insistir que Deus não rejeita aquele que é irrepreensível, Bildad ironicamente argumenta contra si mesmo, porque Javé já descreveu Jó como irrepreensível (1:8; 2:3). Bildad prevê corretamente a restauração de Jó à bênção de Deus (42:7–17), mas ele perde completamente como essa restauração acontecerá. Bildad não tem lugar em sua rígida teologia da retribuição para exceções, como os bons que morrem jovens, os maus que saem impunes de assassinatos ou uma pessoa irrepreensível como Jó que experimenta adversidades.

**8:21–22** *Ele ainda encherá sua boca de riso.* No final do seu primeiro discurso, Bildad deixa a porta aberta para a esperança de Jó, mas apenas se ele se arrepender do seu pecado (cf. 8, 5-7). Sugerindo que a situação de Jó pode ser redimida, Bildad pinta um quadro esperançoso de como seria a vida de Jó restaurada à bênção de Deus.

**Insights teológicos** Bildad pega o padrão geral de retribuição ensinado na sabedoria tradicional (por exemplo, Prov. 26:27), e reduz toda a vida a ele. Ao fazer isso, Bildad não deixa espaço para Deus trabalhar fora do padrão padrão, tornando a ação divina completamente previsível e automática. O livro de Jó, no entanto, continuará a demonstrar que há mistério na obra de Deus no

mundo e que o princípio da retribuição, embora válido em geral, não deve ser pressionado em uma fórmula inflexível de como Deus *deve* agir em cada caso.

A ênfase de Bildad na justiça de Deus concorda com a teologia do Antigo Testamento, na qual Javé é apresentado como justo e justo (Deut. 32:4). Porque ele é justo, Javé governa por justiça e retidão (Sl. 89:14; 97:2; 99:4).

O apelo de Bildad à tradição em 8:8–10 se encaixa bem na abordagem da sabedoria tradicional. Porque a sabedoria está enraizada na observação da vida, aqueles que acumularam muitas observações são sábios. O sábio professor aprende com as muitas observações acumuladas são sábias. O professor sábio aprende com as observações feitas por outros no passado, adiciona observações pessoais e, em seguida, ensina tudo isso para a próxima geração. Embora essa abordagem seja válida em geral, Jesus critica os mestres de sua época que valorizam suas tradições acima da palavra revelada de Deus (Mt. 15:1-9).

### Esquecer e Lembrar de Deus

A lei mosaica pede a Israel que não se esqueça de Javé (Deut. 4:23; 6:12; 8:11), mas que se lembre dele e de suas obras (Deut. 5:15; 7:18; 8:2). Assim como esquecer é um conceito ativo, lembrar também inclui atividade. Por exemplo, em Gênesis 8:1 Deus se lembra de Noé depois do dilúvio e, portanto, ele tira Noé da arca. Da mesma forma, Eclesiastes exorta os jovens a lembrarem-se de seu criador, temendo-O e guardando Seus mandamentos (Eclesiastes 12:1, 13).

Infelizmente, o Antigo Testamento frequentemente traça o triste padrão de Israel esquecer o Deus que os abençoou (Judg. 2:8-19; Sls. 78; 106).

## Ensinando o texto

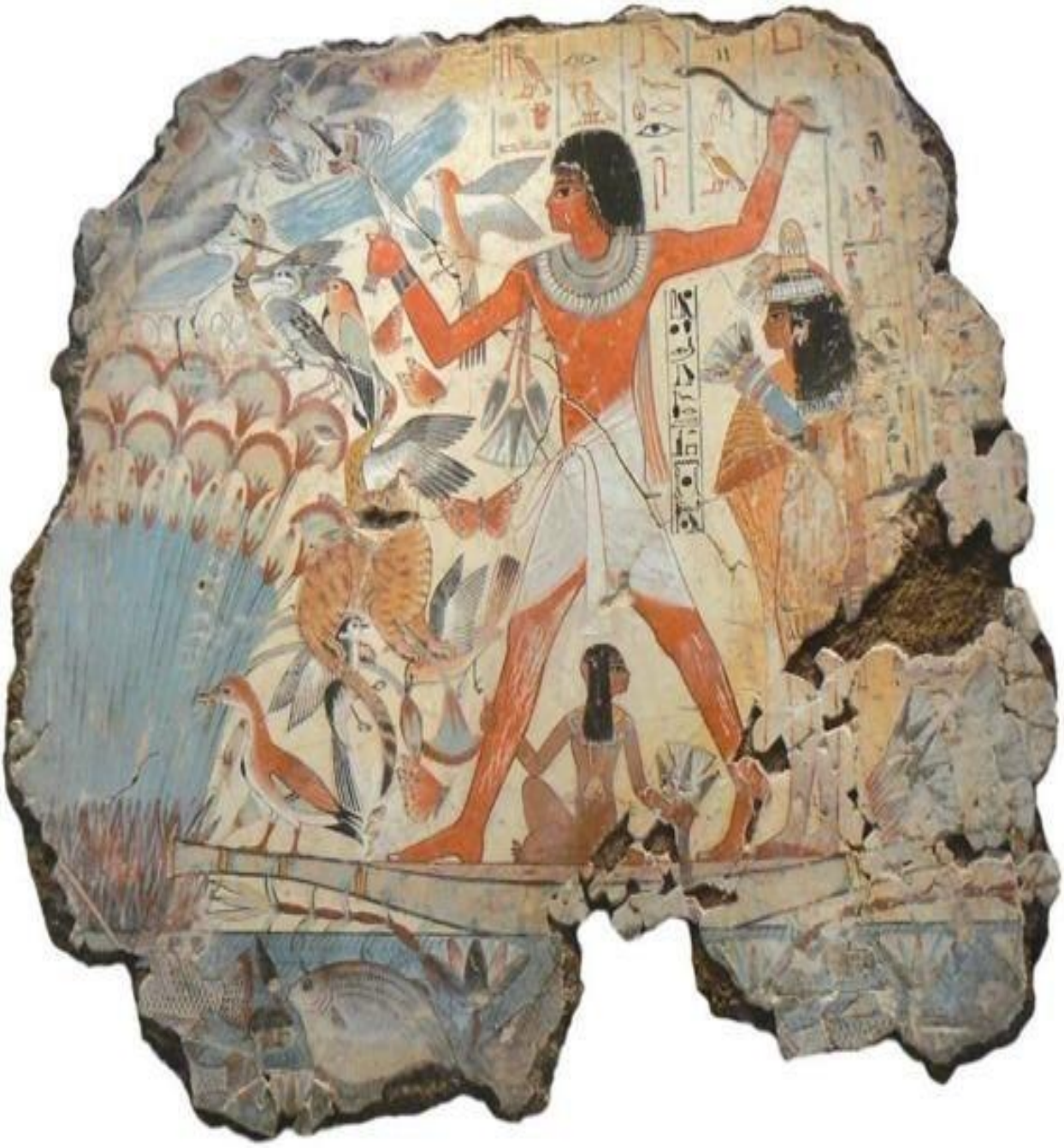
Muitas vezes tem sido observado que o erro frequentemente se insinua quando um aspecto da verdade é enfatizado em detrimento de outros aspectos. Isso pode acontecer na teologia quando, por exemplo, a soberania de Deus é exaltada com a exclusão de qualquer responsabilidade humana, ou quando a vontade humana é focalizada a ponto de diminuir o plano e o controle de Deus. Isso também ocorre quando as pessoas tentam entender e responder às experiências humanas, como demonstra o primeiro discurso de Bildad (Jó 8). Neste capítulo, Bildad está tão focado em defender a justiça de Deus que está cego para a falta de culpa de Jó. Sua aplicação de rígida

teologia da retribuição à situação de Jó faz com que ele faça julgamentos sobre Jó que mais tarde serão provados falsos.

A força de Bildad é sua análise lógica, pela qual ele pode desenvolver argumentos que são convincentes, pelo menos para ele e os outros amigos. No entanto, sua força também prova ser sua fraqueza, porque sua lógica faz com que ele veja Jó apenas como um caso a ser resolvido e não como uma pessoa com dor que precisa de apoio. Como resultado, Bildad surge com um tom condescendente que só faz Jó se machucar ainda mais. Em seu entusiasmo por afirmar a resposta correta, Bildad ignora seu propósito original, que era confortar seu amigo (2:11). Da mesma forma, quando ministramos a pessoas com dor, devemos lembrar que, embora não sejamos capazes de resolver o problema, sempre podemos salvar a pessoa.

Bildad constrói seu caso através de três meios: pela aplicação de

Bildad constrói seu caso através de três meios: pela aplicação de um pensamento lógico rigoroso, por um apelo ao ensino tradicional e pelo uso de analogias do mundo natural. Esses tipos de argumentos podem parecer muito convincentes, mas, para serem precisos, precisam ser relevantes para a situação que abordam. Todas as três linhas de argumento tratam de padrões gerais de vida, mas Bildad falha em considerar que o caso de Jó poderia ser uma exceção que não se encaixa nas explicações padrão. Como Bildad começa com a suposição errônea de que a experiência de Jó pode ser entendida apenas dentro da fórmula da teologia da retribuição, e os argumentos que ele usa fundamentam essa suposição, ele consegue construir um caso lógico, mas isso não se aplica a Jó. Com efeito, Bildad é como um médico que prescreve com confiança a cura de Jó sem antes cuidar de diagnosticar corretamente sua doença. Não é à toa que Jó está tão frustrado com ele! Ao tentar dar a resposta certa aos outros, devemos ter o cuidado de dar respostas que sejam verdadeiramente relevantes para suas situações.



A esperança dos que não têm Deus perece tão depressa como uma planta de papiro sem água. Esta é uma das analogias da natureza que Bildad usa ao apresentar seu caso a Jó (8:11). A planta de papiro, que requer grandes quantidades de água para sobreviver, cresceu abundantemente nas áreas pantanosas ao longo do delta do Nilo, no Egito. O papiro é retratado nesta pintura egípcia de uma cena de caça do túmulo de Nebamun (ca. 1350 a.C.).

Pode ser tentador descartar Bildad e os outros amigos como inúteis porque eles não conseguem entender a situação especial de Jó. No entanto, é preciso reconhecer que Bildad apresenta muita boa teologia no que diz, particularmente quando expõe sobre a justiça de Deus. O problema de Bildad é que ele pega uma boa teologia e a mistura com uma aplicação imprecisa. Como leitores, precisamos valorizar a verdade que ele ensina, mas ao mesmo tempo reconhecer onde ele escorrega da verdade para o erro. Sua verdade teológica não significa que ele seja preciso no que aconselha Jó a fazer, mas também não nega a qualidade de seu ensino sobre o compromisso de Deus com a justiça.

## Ilustrando o texto

***Mesmo uma análise lógica de uma situação pode ficar aquém de todo o quadro da verdade de Deus.***

Literatura: ***Tempos Difíceis*****, de Charles Dickens.No romance** Hard Times *(1854), do autor britânico Dickens (1812-70* ), ele se preocupou em apontar, de forma irônica, as falhas dos utilitaristas extremos de sua época. Ele os descreveu como "vendo números e médias, e nada mais".[15] O Sr. Gradgrind, o infame mestre da história, é descrito como "eminentemente prático". Na verdade, Gradgrind não quer praticamente nada além de dados; Ele é obcecado por fatos e estatísticas e por isso parece "quadrado" pessoal e fisicamente. Assim como Bildad em Jó, Gradgrind se concentra exclusivamente nos fatos, não deixando espaço para os aspectos mais humanos da educação de seus alunos, aquelas coisas que os conectariam a suas almas e espíritos e ao mundo cheio de relacionamentos em que devem viver. A verdade de Deus é inteira e redonda, não quadrada e truncada, para continuar a metáfora usada acima. Inclui a razão e a imaginação, e incorpora mente, corpo e espírito: é multidimensional.

Livro: ***Unchristian*****, de David Kinnaman e Gabe Lyons.** O recente estudo de Kinnaman e Lyons, do Grupo Barna, *Unchristian* (2007), documenta as grandes desconexões entre o que os cristãos acreditam e como se comportam. Sua pesquisa é sobre os pensamentos, atitudes e crenças de crianças de dezesseis a vinte e nove anos sobre questões de fé, teologia e moralidade. O que é particularmente impressionante é que as pessoas de fora percebem esses cristãos como "não cristãos". Como Bildad, os cristãos muitas vezes articulam uma boa teologia, mas depois não conseguem aplicar a teologia com precisão à vida.

Citação: ***Reflexões sobre os Salmos,* de C. S. Lewis.** Nesta série de reflexões, Lewis escreve sobre o ensinamento de Cristo de que ele "não nos é dado daquela maneira cortada, infalível, sistemática que poderíamos esperar ou desejar... Não podemos reduzi-los a um sistema... Seu ensinamento não pode ser apreendido apenas pelo intelecto."[16º]

***A boa teologia pode ser misturada com aplicação imprecisa, prescrevendo uma cura antes de diagnosticar a doença.***

Histórias médicas: Existem muitas histórias de médicos que operaram indevidamente ou que administraram medicamentos errados por causa de diagnósticos errados, erros que podem ter consequências terríveis. Tal ilustração não é usada para apontar o dedo à profissão médica, mas para fazer este ponto: o diagnóstico – físico, emocional ou espiritual – deve ser feito com astúcia antes de prescrever a cura.

História militar: A invasão da Baía dos Porcos a Cuba (1961) sob o governo do presidente

John F. Kennedy e a Batalha de Mogadíscio (1993) durante a presidência do presidente Bill Clinton variou de malsucedido a parcialmente malsucedido por causa de conhecimento incompleto ou diagnóstico problemático. O resultado foi a perda de vidas para muitos. A Batalha de Mogadíscio inspirou um livro (1999) de Mark Bowden e um filme (2001), ambos chamados *Blackhawk Down.*

---

15º. Ver Dickens, *Hard Times*, xi.

16. Lewis, *Reflexões sobre os Salmos*, pp. 112–13.

## Trabalho 9

# Jó considera uma disputa legal com Deus

## Grande ideia *Jó quer que Deus o declare justo, mas ele não pode imaginar como fazer isso.*

## Temas-chave do trabalho 9

- Jó reconhece a sabedoria transcendente e o poder de Deus.
- Jó percebe que não pode invocar Deus para limpá-lo.
- A experiência de Jó o leva a questionar como Deus trata os seres humanos.
- Jó não vê uma boa alternativa para resolver sua situação.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Nos capítulos 9 e 10, Jó retoma o desafio lançado por Bildad em 8:5 para suplicar ao Todo-Poderoso. Ao contemplar essa possibilidade, Jó se concentra em seu status legal diante de Deus. Neste discurso, ele começa a descobrir em sua mente como ele poderia se aproximar de Deus com sua situação, e como Deus poderia responder a ele. Em seu solilóquio no capítulo 9, Jó se pergunta se deve entrar com uma queixa legal como demandante contra Deus (Jr. 12:1-4), porque Deus parece ser quase arbitrário em seu tratamento dos seres humanos. Enquanto pensa nisso, Jó se vê com três alternativas insatisfatórias. Jó poderia desistir de sua queixa contra Deus (9:27-28), mas então ele não teria a oportunidade de ser

declarado inocente por Deus. Jó poderia tentar purificar-se (9:29-31), mas ele sente que isso ainda não satisfaria as exigências de Deus. Ou Jó poderia encontrar um árbitro imparcial para mediar o caso (9:32-35), mas onde ele poderia encontrar uma pessoa adequada para preencher esse papel? Ao longo do livro, Jó considera outras estratégias legais, até que finalmente usa a tática da confissão negativa ao colocar seu caso na mão de Deus no capítulo 31.

**Contexto Histórico e Cultural** O hino de Jó exaltando a sabedoria e o poder de Deus (9:5-10), seguido de sua reflexão sobre esse tema nos próximos versículos, alude a vários motivos mitológicos antigos familiares do Oriente Próximo. A descrição de Deus pisando nas ondas do mar (9:8) retrata Deus submetendo seu inimigo pisando em suas costas, como na literatura ugarítica Baal quebra o poder de Yamm (o mar). A referência a quatro constelações em 9:9 é paralela ao estudo avançado da astronomia na antiga Mesopotâmia e no Egito, onde se pensava que as estrelas representavam o destino, mas na Bíblia Javé é superior às estrelas, porque foi ele quem as criou e quem as chama pelo nome (Is. 40:26). Em 9:13, Raabe, como Leviatã e Tanino em outras passagens de Jó, é citado como um símbolo do caos que foi conquistado decisivamente por Javé (Jó 26:12; Sl. 89:10; Is. 51:9).

**Insights interpretativos 9:2** *como os meros mortais podem provar sua inocência diante*
*Deus?* Ao iniciar este discurso, Jó reconhece que o que Bildad acabou de dizer em
8:20–22 é verdade, mas então ele coloca novamente a pergunta de Elifaz em 4:17. Enquanto Elifaz argumentou que nenhum ser humano pode ser considerado justo por Deus, a experiência pessoal de Jó o leva a fazer uma pergunta um pouco diferente: como um homem inocente como ele pode ser legalmente vingado diante de Deus se Deus não está disposto a abençoá-lo como o princípio da retribuição insiste que ele deveria?

**9:3** *não puderam responder-lhe uma vez em mil.* A linguagem desta frase é ambígua, e os comentadores tomaram-na de duas maneiras opostas. A leitura da VNI sugere que a finitude humana coloca aquele que disputa com Deus em desvantagem decidida. Mais tarde, em Jó 38–41, Jó não pode responder a uma única pergunta feita por Javé. Alternativamente, e talvez melhor, o assunto poderia ser levado a se referir a Deus e não a Jó. Nesse caso, Deus como réu não responderia a Jó, o autor humano, uma vez em mil. Nessa

interpretação, Jó está lamentando que Deus se recusaria a responder suas perguntas, e Jó não poderia obrigá-lo a fazê-lo.

**9:5–6** *Ele move as montanhas sem que elas saibam.* Como o salmista faz no Salmo 46, Jó aqui retrata Deus como elevando-se sobre o mundo natural (ver também Jó 26:7–14). As montanhas representam a característica mais inexpugnável da natureza, mas Deus pode movê-las à vontade. A descrição em 9:5-6 pode muito bem referir-se a erupções vulcânicas (cf. Sl. 18:7; 97:5; 104:32; 144:5). Linguagem semelhante é usada em Salmos 18:6–15 e 29:3–11 para falar da poderosa intervenção de Javé em favor de seu povo em sua aflição, mas aqui Jó não obtém tal conforto do impressionante poder de Deus sobre a natureza.



Em 9:8, Jó fala sobre Deus pisando nas ondas do mar. Aqui, o deus da tempestade Baal pode estar andando sobre as ondas do oceano em que uma serpente (monstro marinho) habita.

John Walton sugeriu uma alternativa à leitura da VNI "move as montanhas".[17] Ele argumenta que a expressão hebraica é melhor traduzida como "atravessa as montanhas", e que na segunda linha desse versículo Deus derruba aqueles que lhe resistem (v. 4), mesmo que isso exija que Deus os surpreenda passando por cima do que parecem ser regiões montanhosas intransitáveis. Ambas as leituras se encaixam bem no ensino do livro de Jó, mas a segunda alternativa está mais alinhada com o tema do julgamento divino em Jó 9.

**9:10–12** *Ele realiza maravilhas que não podem ser compreendidas.* Jó concorda com Elifaz (5:9) que o poder de Deus está além da medida. Portanto, se Jó apresentasse uma queixa legal contra Deus, ele teria que lidar com o soberano transcendente do universo, o que é uma perspectiva intimidadora de fato! Esse pensamento está por trás da pergunta de Jó no versículo 2: "Como os meros mortais podem provar sua inocência diante de Deus?" É irônico que Jó esteja se esforçando para compreender a obra insondável de Deus em sua experiência pessoal.

**9:14** *Como, então, posso disputar com ele?* Jó está convencido de que é inocente (v. 15), mas não consegue imaginar como poderia vencer na corte de Deus. Ele sente que não seria capaz de responder às perguntas de Deus (9:15), garantir uma audiência legal (9:16) ou manter sua posição sob a barragem das palavras de Deus (9:17-18). Como um estudante do primeiro ano de Direito argumentando um caso perante a Suprema Corte, Jó não está à altura do desafio desse alto nível de processos judiciais.

**9:15** *Eu só podia suplicar misericórdia ao meu Juiz.* A insistência de Jó em sua integridade e seu reconhecimento da supremacia de Deus o deixam com poucas alternativas. Ele não poderia considerar admitir o pecado, porque isso significaria abandonar o que ele sabe ser a verdade. Ele não podia obrigar Deus a declará-lo justo. Tudo o que ele poderia fazer seria implorar a Deus contra Deus, sabendo que Deus está julgando seu caso. Neste estranho caso jurídico que Jó está contemplando, Deus de fato está funcionando como promotor, réu, juiz e júri ao mesmo tempo.

**9:17–18** *Ele me esmagaria com uma tempestade.* No prólogo, uma tempestade matou os filhos de Jó (1:19). Ao olhar para o futuro, Jó só pode vislumbrar mais do mesmo tratamento por parte de Deus, porque sente que está sob ataque divino (6:4; 7:20). Embora Jó antecipe que a situação só vai piorar para ele, quando a tempestade que ele teme realmente chegar, Javé fala dela a Jó (o termo hebraico para "tempestade" em 9:17 é quase idêntico à palavra em 38:1 e 40:6).O que Jó vê aqui com ansiedade eventualmente se tornará o cenário para a restauração da bênção de Deus para ele.

**9:19–20** *Quem pode desafiá-lo?* Jó argumenta que ele não tem possibilidade de litigar com sucesso sua queixa contra Deus. Mesmo que ele esteja no direito, ele não pode forçar Deus a vingá-lo. Porque os seres humanos não são iguais a Deus, eles não têm nenhuma influência para obrigá-lo a comparecer ao tribunal.

**9:21** *Embora eu seja irrepreensível.* Usando o mesmo termo de 1:1, 8; 2:3, Jó insiste que ele é irrepreensível. Em contraste com seus amigos, que exigem que ele confesse seu pecado, Jó consistentemente afirma que seu pecado não é a questão que provocou sua catástrofe (10:7; 13:23; 23:11-12). Jó, no entanto, não pode provar sua inocência ou fazer com que Deus limpe seu nome. Resigna-se ao que lhe parece inevitável, mesmo que lhe seja insatisfatório.

**9:22–23** *Ele destrói tanto os irrepreensíveis quanto os ímpios.* Jó rejeita a afirmação simplista de Bildad em 8:20 de que Deus não rejeita a pessoa irrepreensível nem apoia os malfeitores. Para Jó, parece que Deus destrói os seres humanos independentemente de sua condição moral, e pode ser por isso que Javé mais tarde descreve Jó como alguém que obscurece seus planos (38:2). O trabalho anseia que a vida funcione de acordo com padrões justos; Ele, como os outros, quer que a fórmula da retribuição funcione! No entanto, sua experiência pessoal não se encaixa no princípio da retribuição. A tensão entre o governo soberano e justo de Deus e a experiência aparentemente arbitrária de adversidade de Jó produz profunda dissonância na mente de Jó, porque ele não consegue conciliar essas duas realidades conflitantes.

**9:24** *Se não é ele, então quem é?* Jó não pode conceber nem como o Deus justo poderia tratar os irrepreensíveis e os ímpios, ou como qualquer outra pessoa poderia frustrar a justiça de Deus. Como Jó não tem consciência da disputa entre Javé e o adversário no prólogo, Deus lhe parece arbitrário e caprichoso em seu tratamento dos humanos.

**9:25** *Meus dias são mais rápidos do que um corredor.* Em um aspecto, a dor de Jó parece retardar sua vida (7:4). Mas sua vida também parece estar escapando rapidamente sem qualquer progresso. Jó tem a amarga sensação de que sua vida logo acabará sem qualquer resolução para suas adversidades ou respostas para suas perguntas.

**9:26** *Passam como barcos de papiro.* Os barcos construídos a partir de papiro eram muito leves e rápidos (Cf. Is. 18:1-2), mas também eram frágeis e facilmente destruídos. A vida sob aflição de Jó carrega esses dois traços.

**9:30–31** *Mesmo que eu me lavasse com sabão e . . .com pó de limpeza.* Os termos "sabão" e "pó de limpeza" indicam dois agentes de limpeza muito fortes, a erva-sabão e a soda cáustica (Cf. Is. 1:25; Mal. 3:2). Usá-los em vez da água ou óleo típicos é como limpar com amônia e água sanitária. Mesmo tais medidas extremas, no entanto, não seriam suficientes para tornar Jó limpo diante de Deus (Jr. 2:22), porque Jó sente que nada seria capaz de torná-lo aceitável para Deus (9:31).



Jó sente que nenhuma quantidade de esfregação o tornará aceitável para Deus (9:30). Lavar para se tornar ritualmente puro era uma prática importante no mundo antigo. Aqui está uma banheira com um assento interior que foi encontrado em Tel Dan, Israel (século IX a.C.). Pode ter sido usado para imersão ritual e purificação.

**9:33–34** *Se ao menos houvesse alguém para mediar entre nós.* Jó e seus amigos compartilham concepções semelhantes sobre os seres celestiais. Elifaz refere-se aos santos (5:1), e Eliú fala de um anjo mediador para libertar os humanos (33:23-28). Em 16:19 Jó contemplará uma testemunha celestial que poderia defender sua causa. Aqui em 9:33, Jó anseia por um terceiro,

provavelmente um ser celestial, que pudesse ouvi-lo e a Deus, e então fazer um julgamento como árbitro entre os dois contendores. Na verdade, esse mediador funcionaria como um árbitro quebrando dois boxeadores que estão juntos em uma luta.

**9:35** *Então eu falava sem medo dele.* Jó sente-se intimidado por Deus, porque Deus parece ser hostil em seu castigo a Jó. Jó teme uma desaprovação divina adicional se ele falasse o que pensava. Somente se a aflição de Deus fosse removida dele (9:34) Jó se sentiria livre para falar sem medo sobre Deus.

**Insights teológicos** A linguagem jurídica e a imagem de um julgamento que permeiam
Jó 9 também é encontrado com frequência nos profetas do Antigo Testamento. Na maioria dos casos, Javé inicia um processo contra seu povo pecador (Cf. Is. 1:2-26; Mic. 6:1-4). Aqui, no entanto, Jó contempla assumir o papel de demandante apresentando uma queixa legal contra Deus, assim como Jeremias faz em Jeremias 12:1–4.

A descrição da sabedoria e do poder de Deus em Jó 9:5–10 é muito parecida com os salmos de louvor descritivo (por exemplo, Sl. 145) e, em particular, com os salmos da natureza (por exemplo, Sl. 104). Ao longo da Bíblia, Deus é apresentado como o criador e o soberano sobre o mundo da natureza. A natureza, então, não funciona independentemente de Deus, mas está sujeita ao seu controle. Deus fez o mundo e governa sobre ele.



Jó reconhece que Deus fez e governa o mundo quando diz que Deus é o "Criador do Urso e de Órion, [e] das Plêiades" (9:6). As Plêiades são um aglomerado de estrelas na direção da constelação de Touro. É representado pelos sete círculos no canto superior esquerdo desta impressão moderna de um selo de cilindro mesopotâmico.

## Ensinando o texto

Ao ensinar este capítulo, deve-se ter o cuidado de explicar que as palavras sinceras de Jó refletem com precisão o que ele sente e pensa, mas não necessariamente fornecem um padrão de como as pessoas piedosas devem responder às suas adversidades. No contexto de todo o livro, as percepções de Jó sobre Deus no capítulo 9 são posteriormente corrigidas quando Javé finalmente fala com Jó e o restaura à bênção. No entanto, neste ponto da ação, Jó quer que Deus o declare justo, mas Jó não pode imaginar como fazer isso.

O conflito na mente de Jó emerge quando sua teologia e sua experiência colidem. Por um lado, sua teologia ensina corretamente que Deus é transcendente em sua sabedoria e poder. Mas, por outro lado, a experiência de adversidade de Jó, mesmo sendo irrepreensível, suscita perguntas que ele não pode responder. Como muitos cristãos que experimentam dor, Jó não pode resolver em sua mente como Deus poderia ser todo-sábio e todo-poderoso e, no entanto, poderia permitir que um ser humano justo sofresse tanto. Aqueles que experimentam grande dor física e psicológica muitas vezes também lutam com profundas dúvidas teológicas.

Parte da frustração de Jó é que ele não pode obrigar Deus a limpar seu nome das falsas acusações de seus amigos. Como humano, Jó não pode forçar Deus Todo-Poderoso a cumprir sua agenda pessoal, mesmo que ele queira desesperadamente que Deus aja em seu nome. Na verdade, Jó não vê uma boa alternativa para resolver sua situação. Como o resto do livro continuará a indicar, a resolução que ele deseja virá apenas no tempo de Deus e à maneira de Deus. Jó tem que aprender a viver na humilde dependência de Deus, mesmo que ele não possa entender ou apreciar o que Deus está fazendo em sua vida. Nós também devemos aprender a confiar em Deus quando não conseguimos entender o que Ele trouxe para nossa experiência ou como Ele responderá às nossas perguntas e acalmará nossos medos.

## Ilustrando o texto

***Nossos espíritos entram em conflito quando nossa teologia e nossa experiência colidem.***

Citação: ***Decepção com Deus*, de Philip Yancey.**

> Descobri que, para muitas pessoas, há uma grande lacuna entre o que esperam de sua fé cristã e o que realmente experimentam. A partir de uma dieta constante de livros, sermões e testemunhos pessoais, todos prometendo triunfo e sucesso, eles aprendem a esperar evidências dramáticas de Deus operando em suas vidas. Se não o fizerem... sentem decepção, traição e, muitas vezes, culpa.[18º]

Literatura: ***O Processo*, de Franz Kafka.** Em *O Julgamento* (1925), o escritor alemão Franz Kafka (1923-84) desenha o retrato de um personagem chamado Joseph K., que é preso e depois processado por uma autoridade que é desapegada e incomunicável. Além disso, o crime que Joseph K. cometeu nunca fica claro para ele ou para o leitor. Joseph K. sente-se totalmente

incapaz de obter uma audição justa, uma realidade que o leva ao desespero. Até mesmo seu tio, que inicialmente é simpático, fica apático, e um indivíduo que deveria ser seu defensor acaba zombando dele. Pode ser assim que Jó se sente no capítulo 9.

Poesia: São João da Cruz (1542-91) foi um místico espanhol e um frade e sacerdote carmelita que aprendeu com sua mãe e seu pai a beleza e o significado do amor sacrificial.Na verdade, o pai de John abandonou as riquezas e a reputação quando se casou fora de sua classe social, o que fez com que sua família o renegasse. João experimentou muita pobreza e sofrimento ao crescer, mas deu sua vida pelos outros. Em seus poemas, ele é sempre honesto e às vezes expressa a ocultação de Deus em sua vida.

---

17. John Walton, mensagem de e-mail para o autor, 4 de novembro de 2011.

18º. Yancey, *Decepção com Deus*, 9.

## Trabalho 10

# O que Jó quer dizer a Deus

## Big Idea *Jó quer dizer a Deus como ele se sente julgado injustamente.*

## Temas-chave do trabalho 10

- Jó quer saber quais acusações Deus tem contra ele.
- Jó sente-se julgado mesmo não sendo culpado.
- Jó não consegue entender por que o Deus que o fez agora parece querer destruí-lo.
- Jó anseia pela morte em vez de continuar sofrendo sem sentido.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó continua a resposta a Bildad que ele começou no capítulo 9. No capítulo 10, Jó fala da amargura de sua alma (10:1), e expressa o que diria a Deus se tivesse a oportunidade (10:2-19). Jó, no entanto, está pessimista de que Deus o absolva, porque o tratamento dado por Deus a Jó parece ter virado o princípio da retribuição de cabeça para baixo. Como Jó percebe o caráter de Deus através das lentes de sua experiência pessoal, o que ele vê em Deus é distorcido, levando Jó a questionar se Deus é bom afinal. Desanimado por esse pensamento, Jó só quer que Deus o deixe em paz, mesmo que brevemente, antes que ele morra (10:20-22). Quando Jó finalmente tem a oportunidade de falar diretamente com Deus em 40:3–5 e

42:1–6, sua resposta é profundamente diferente do que ele imagina aqui em Jó 10.

**Contexto Histórico e Cultural** Enquanto Jó discute como Deus moldou seu corpo, em 10:10 ele usa uma imagem que também é empregada em parte na Sabedoria apócrifa de Salomão 7:1–2. Jó imagina Deus derramando sêmen como leite e, em seguida, fazendo com que ele se congeal como queijo para formar o embrião a partir do qual Jó se desenvolveu. Em 10:21-22, Jó mais uma vez (cf. 3:4-9) retrata a morte como um lugar de escuridão e escuridão, uma imagem encontrada em muitos textos antigos do Oriente Próximo.



Jó usa a imagem do leite sendo coalhado para descrever sua criação por Deus (10:10). Churns, como o mostrado aqui, eram usados para agitar o leite para separar a porção sólida (Berseba, Israel, quarto milênio a.C.).

**Insights Interpretativos 10:1** *Detesto minha própria vida.* No capítulo 10, Jó intensifica sua retórica ao dar total controle à sua queixa. Ecoando sua descrição anterior em 7:11, Jó fala a Deus a partir de sua profunda e dolorosa emoção. Em contraste com Bildad, que analisou clinicamente o sofrimento

de Jó como punição pelo pecado, Jó se expressa em linguagem altamente emocional. A amargura penetrou seu *nepesh*, seu ser interior, fazendo com que Jó se sentisse com medo, frustrado, irritado e decepcionado. Ele agora decide levar todas essas fortes emoções para Deus enquanto apresenta seu caso legal a ele.

**10:2** *Diga-me que acusações você tem contra mim.* No capítulo 9, Jó imaginou ser um demandante contra Deus, não percebendo que o prólogo revelou que o adversário é o promotor nessa situação e Deus é o réu. Neste capítulo, Jó vê Deus como o promotor e ele mesmo como o réu. Ele se sente condenado por Deus, e não consegue entender por que Deus o condenaria. Jó, portanto, ensaia o que quer dizer a Deus caso tenha oportunidade. Porque Jó não consegue entender por que Deus o condenou ao sofrimento, ele implora a Deus que declare explicitamente como ele é culpado.

**10:3–4** *Agrada-te oprimir-me... enquanto você sorri nos planos dos ímpios?* As perguntas de Jó a Deus em 10:3–4 antecipam a inquisição de Javé sobre Jó nos capítulos 38–41, mas o que Jó pergunta é irrisório por comparação. Em outra parte da Bíblia, "oprimir" é usado para se referir aos maus-tratos severos das pessoas que Deus condena (Ez 22:29; Amós 4:1). Da mesma forma, o Salmo 5:4 afirma que Deus não tem prazer no mal. No entanto, no caso de Jó, Deus parece violar seu próprio caráter justo, sem mencionar o princípio de retribuição que Jó aceitou anteriormente. Jó sente que Deus o desprezou, e isso coloca em questão tudo o que Jó acredita sobre o caráter e a conduta de Deus.

**10:7** *você sabe que eu não sou culpado.* Meros humanos, como os três amigos de Jó, podem fazer julgamentos errados (10:4-6), mas o Deus onisciente não pode. Jó está confiante de que o Deus onisciente sabe muito bem que Jó não é culpado. No entanto, Deus não tratou Jó como se ele fosse inocente. Em Deuteronômio 32:39 e Isaías 43:13 a expressão "ninguém pode libertar da minha mão" refere-se à finalidade do julgamento de Deus. Usando a mesma frase hebraica aqui ("ninguém pode me resgatar de sua mão"; 10:7) Jó reflete seu próprio sentimento de desesperança diante do juiz divino.

**10:8–12** *Suas mãos me moldaram e me fizeram.* Jó reconhece que Deus o formou com muito cuidado e habilidade (10:9-12; cf. Sl 139:13-16; Jr. 18:5-12). O que deveria ter sido um grande consolo, na verdade, faz com que Jó se sinta ameaçado por Deus, porque Deus parece estar destruindo o que ele criou tão habilmente.Jó não consegue compreender por que Deus se voltaria tão

diametralmente contra ele. Ele não tem conhecimento do fato de que foi o adversário que incitou Javé a destruir Jó sem causa (2:3).

**10:13–14** *Mas isto é o que você escondeu em seu coração.* Nesses versículos, Jó se afasta bruscamente da ação beneficente passada de Deus que providencialmente o fez e protegeu e, em vez disso, se concentra na dor que ele está experimentando no presente. Jó argumenta que o tratamento dado por Deus a ele demonstra que, por trás do aparente cuidado de Deus, ele tem uma agenda oculta e sinistra. Enquanto parece mostrar bondade a Jó, Deus na verdade está examinando-o a fim de desenterrar evidências incriminatórias para justificar sua destruição. Jó suspeita que a bênção passada de Deus não indica como Deus realmente se sente em relação a ele. Com essas palavras, Jó revela que sua adversidade distorceu seriamente a forma como ele vê Deus.

**10:15–16** *Mesmo que eu seja inocente, não posso levantar a cabeça.* Apesar de sua irrepreensividade, Jó se sente cheio de desgraça e roubado de toda a sua dignidade. Ele sente que, independentemente de sua culpa ou inocência, Deus estaria contra ele mesmo assim. Mesmo que ele ficasse alto e sem vergonha diante de sua adversidade, Deus o caçaria como um leão (10:16; a caça ao leão era um esporte comum dos antigos reis do Oriente Próximo).



Jó sente como se Deus o estivesse perseguindo como um leão (10:16). Este relevo assírio mostra um leão perseguindo a carruagem do rei Ashurnasirpal (palácio em Nimrud, 865-860 a.C.).

**10:18–19** *Por que então me tiraste do ventre?* A ênfase dessa pergunta retórica está em "você". Jó pergunta por que Deus, aquele que tão cuidadosamente o criou (10:8-11), o tiraria do ventre apenas para experimentar um sofrimento tão vergonhoso. Com estas palavras amargas, Jó expressa sua profunda frustração com a forma como Deus o tratou. Ele quer continuar se apegando a Deus, mas sua confiança em Deus foi severamente abalada. Como em 3:11–16, Jó deseja ter nascido morto, em vez de ter nascido apenas para suportar as adversidades.

**10:20** *Afaste-se de mim para que eu possa ter um momento de alegria.* Jó sente que a presença intimidadora de Deus destruiu sua capacidade de alegria.

Como um prisioneiro no corredor da morte que recebeu o prazer final de uma refeição especial antes de sua execução, Jó pede a Deus que ceda e lhe dê alguns dias de paz antes de sua morte (cf. 7, 16).

**10:21–22** *a terra da escuridão e das trevas absolutas.* Nos dois versículos finais deste capítulo, Jó usa cinco termos paralelos para enfatizar a escuridão da morte. A expressão "escuridão total" é o mesmo termo hebraico usado no Salmo 23:4 para falar de uma sombra intensa que não pode ser penetrada pela luz. Até onde Jó pode dizer, não há nada convidativo ou prazeroso na morte (veja a barra lateral). No entanto, por mais sombria que seja a perspectiva da morte, Jó a considera muito preferível à miséria e à frustração que sua vida sob adversidades lhe oferece.

**Insights teológicos** O retrato estendido de Jó da formação de Deus de seu corpo (10:8–11) pode ser comparado com o Salmo 139:13–16. No salmo, o cuidado íntimo de Deus pela pessoa que ele formou leva o salmista a voltar-se para Deus para apelar por sua intervenção durante um momento de aflição (Sl. 139:19-22). Em contraste, a experiência de adversidade de Jó fez com que ele recuasse do Deus que o moldou, mas que agora parece empenhado em destruí-lo.

## Ensinando o texto

Quando as pessoas estão chateadas com uma injustiça, elas podem muito bem ensaiar em suas mentes o que diriam se tivessem a oportunidade de falar com alguém que poderia fazer a diferença. Isso é o que Jó faz no capítulo 10, ao expressar seus pensamentos internos sobre o que quer dizer a Deus (10:2). Neste capítulo fica claro que Jó quer dizer a Deus como ele se sente julgado injustamente por ele. Ao lermos este capítulo, somos capazes de ouvir o que está acontecendo na mente e no coração de Jó enquanto ele enfrenta sua severa adversidade.

### Morte e esperança

No Antigo Testamento, a morte é regularmente descrita como um lugar de escuridão e escuridão (Jó 38, 17). A morte é cheia de tristeza (Sl. 116:3) e inatividade (Ecles. 9:10) e é desprovida do louvor de Deus (Sl. 30:9; 115:17). No Novo Testamento, a ressurreição de Jesus introduz a expectativa de esperança além do túmulo (cf. o argumento de Paulo em 1 Coríntios 15:20-28, 35-

58). Crentes do Antigo Testamento como Jó, no entanto, não tiveram o benefício de saber o que o Novo Testamento deveria elucidar mais tarde.

Jó sente-se condenado por Deus, mas não consegue entender as acusações que Deus tem contra ele. Muitas pessoas são cegas para seus próprios pecados, mas este não é o caso de Jó, pois o prólogo três vezes o descreve como irrepreensível. Sem dúvida, Jó buscou em sua vida qualquer coisa que pudesse ter desagradado a Deus, mas ele não pode inventar nada para explicar o sofrimento extremo que recebeu. Isso coloca em questão a validade do princípio da retribuição, de que Deus abençoa os justos e pune os ímpios. Até onde Jó pode ver, Deus tem prazer em oprimi-lo, mesmo que ele tenha sido justo, e ao mesmo tempo Deus sorri sobre os esquemas dos ímpios. Jó não consegue entender como isso pode estar certo.

A aflição contínua de Jó faz com que ele se sinta julgado por Deus, mesmo que ele saiba, e ele esteja confiante de que Deus também sabe, que ele não é culpado. A experiência de Jó faz com que ele perceba Deus como sondando impiedosamente para desenterrar o pecado em sua vida, mesmo que Jó não esteja consciente de que ele pecou em tudo.



Em 10:8–9, Jó pergunta a Deus por que, depois de moldá-lo cuidadosamente como barro, Deus gostaria de destruí-lo. A ideia de moldar a vida e o destino das pessoas

é ilustrada por este relevo egípcio, que mostra o deus Khnum ao lado de sua roda de oleiro e sua criação acabada (Templo Khnum, Esna, Egito).

Em uma das passagens mais emocionantes do livro, Jó contrasta o cuidado com que Deus formou seu corpo desde o momento de sua concepção até seu nascimento com a atual atitude hostil de Deus, já que Deus parece determinado a destruí-lo. Em outras palavras, o Deus que antes demonstrava grande ternura e amor agora parece ser antagônico em relação a Jó. A dor de Jó o levou a ver Deus negativamente em vez de lembrar que Deus não muda em seu caráter e plano.

A adversidade pode colocar a pessoa de joelhos, seja em oração ou em desespero. Nessa revelação sincera dos sentimentos de Jó, ele chega ao ponto de que anseia pela morte em vez de uma continuação do que parece um sofrimento sem sentido. Jó não vê caminho a seguir, então ele procura a única saída, na morte.

Ao lermos este capítulo, é crucial lembrar que há muito mais por vir no livro de Jó. Jó 10 comunica com precisão como Jó está se sentindo neste momento em sua adversidade, mas não é a resposta final para Jó ou para nós hoje. Para chegar a essa resposta, Jó terá que suportar sua dor por mais algum tempo, mas no final sua fé em Deus será renovada. Mesmo que ele se sinta sem esperança neste momento, ele aprenderá que sua esperança em Deus não será em vão. Nisso, ele serve de exemplo para os cristãos que estão sobrecarregados com as adversidades e questionando se Deus ainda se importa com eles.

## Ilustrando o texto

***Podemos questionar a bondade de Deus, mesmo quando entendemos que Ele nos moldou.***

Mitologia grega: Os mitos gregos muitas vezes descrevem deuses e deusas como se deslocando entre apoiar os humanos e trabalhar contra eles, assim como Jó sente em 10:8. Por exemplo, Afrodite, a deusa do amor, tem controle sobre mortais e imortais e exerce seu poder no que muitas vezes pode ser lido como maneiras inconstantes. Ela é capaz de causar atração entre quase quaisquer dois indivíduos e às vezes se deleita em fazer um deus/deusa se apaixonar por um humano ou vice-versa, às vezes de maneiras preocupantes ou por razões mesquinhas. Zeus usa sua arma poderosa, o raio, de maneiras igualmente caprichosas.

Demonstração: A imagem de Jó de Deus moldando-o como barro reflete o trabalho de um oleiro. Um videoclipe ou demonstração ao vivo de um oleiro trabalhando poderia dar vida a essa analogia para o público. Embora essa imagem seja frequentemente usada (quase em excesso), ela raramente é mostrada.

***Como Jó, podemos nos sentir condenados por Deus e até desejar morrer.***

Filme: ***The Green Mile*****.** Neste grande e duradouramente popular filme (1999) baseado em um romance de Stephen King (n. 1947), John Coffey é um preso negro no corredor da morte condenado injustamente à cadeira elétrica. Conhecendo a beleza do espírito de Coffey, observa-se agonizante como ele é maltratado. Certamente, a dor de John Coffey é como a de Jó em alguma medida.

Notícias: Vários julgamentos de alto risco e muito tensos ocorreram diante do público nos últimos anos. As absolvições de O. J. Simpson e de Casey Anthony são exemplos da gritante disparidade que pode ocorrer entre a percepção pública de culpa e a decisão legal que é proferida pelo júri. Jó também insiste que ele é inocente, embora seus amigos estejam convencidos de que ele é culpado diante de Deus.

Literatura: ***A Prova de Deus*****, de Elie Wiesel.** *A Prova de Deus* é uma peça de teatro

Escritor judeu-americano, ganhador do Prêmio Nobel e sobrevivente do Holocausto Elie

Wiesel. Wiesel escreveu muitos romances e obras em outros gêneros, entre eles *Night*, um livro de memórias sobre sua terrível experiência em vários campos de concentração, um relato que inclui a morte de seu pai. Em *A Prova de Deus*, Wiesel nos dá uma ideia da procedência da *din torá* ("julgamento segundo a Torá"): "Sua gênese: dentro do reino da noite, testemunhei uma estranha provação. Três rabinos – todos homens eruditos e piedosos – decidiram em uma noite de inverno acusar Deus por permitir que seus filhos fossem massacrados. Lembro-me: eu estava lá e tive vontade de chorar. Mas ninguém chorou."[1] Os dilemas desta peça têm sido muitas vezes comparados ao livro de Jó.

---

[1]. Wiesel, *Prova de Deus*, xxv.

Não ficção: Terças ***com Morrie*****, de Mitch Albom.** Nesta narrativa best-seller, o jornalista e radialista americano Mitch Albom retrata um idoso em dor que expressa seu desejo pelo alívio que a morte trará. Embora as circunstâncias de Morrie sejam diferentes das de Jó, suas emoções ilustram bem o que Jó está sentindo em 10:20-22.

---

**Trabalho 11**

# Zophar rejeita as queixas de Jó

## Big Idea *Zophar descarta as queixas de Jó como ilógicas.*

## Temas-chave do trabalho 11

- Zophar distorce o que Jó disse anteriormente a Deus.
- Zophar insiste que Jó merece ainda mais punição por seu pecado do que recebeu.
- Zophar aponta Jó para o arrependimento.
- Zophar contrasta a esperança do arrependido com a desesperança do ímpio.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em suas primeiras respostas a Jó, Elifaz apela à experiência e à revelação pessoal (Jó 4–5), Bildad aduz o ensino tradicional (Jó 8) e Zophar aplica uma lógica dedutiva estrita para avaliar a situação de Jó (Jó

11). Zophar parece ser o mais covarde e insensível dos três amigos ao falar com Jó. Ao levar o princípio da retribuição à sua conclusão lógica, Zophar insiste que o sofrimento procede necessariamente do pecado. Soando muito confiante em seu raciocínio, como se falasse por Deus (11:6),
Zophar observa que, uma vez que Jó está sofrendo, ele necessariamente deve ter pecado (11:1-6). Ele louva a sabedoria ilimitada de Deus, implicando a loucura de Jó por comparação (11:7-12). Se Jó simplesmente se arrependesse, então Deus o restauraria à bênção (11:13–20). Como Bildad, Zophar é um teólogo abstrato que tem pouco instinto pastoral. Ele interpreta mal o problema de Jó, então ele faz uma prescrição errônea para ele.

**Contexto histórico e cultural** Em 11:13, Zophar encoraja Jó a estender as mãos a Deus. Na antiga arte do Oriente Próximo, os adoradores orantes são frequentemente retratados levantando as mãos como um sinal de sua humildade e súplica. Essa ação é encontrada em outras partes do Antigo Testamento (Esdras 9:5; Sls. 28:2; 143:6; Jr. 4:31), e Paulo também a exorta no Novo Testamento (1Tm 2:8).



Como sinal de sua humildade e súplica, os antigos adoradores do Oriente Próximo são frequentemente retratados com as mãos levantadas. Aqui, o rei assírio Tukulti-Ninurta (1243-1207 a.C.) é mostrado com um braço erguido enquanto se levanta e se ajoelha diante de uma representação do deus Nusku.

**Insights Interpretativos 11:2** *Todas essas palavras devem ficar sem resposta?*
Zophar percebe que Elifaz e Bildad não responderam adequadamente a Jó,

então ele decide aceitar o desafio. Na verdade, ele considera seu dever moral defender a justiça de Deus silenciando os argumentos de Jó. Zophar impacientemente descarta os longos discursos de Jó como "todas essas palavras", dando a entender que a quantidade de palavras não mede a qualidade de sua percepção. Na literatura de sabedoria, falar muitas palavras é muitas vezes conectado com a loucura e não com a sabedoria (Prov. 10:19; 17:27; Ecles. 5:2). Assim, por sua pergunta retórica no versículo 2, Zophar implica que ele considera Jó como um tolo que fala demais.

**11:3** *Sua conversa ociosa reduzirá os outros ao silêncio?* Zophar rejeita as palavras de Jó como tanta retórica vazia em vez de argumento substantivo. Em sua opinião, o que Jó diz é mero balbucio enquanto Jó tenta continuar falando até que os outros lhe cedam por seu silêncio. Zophar, então, tenta envergonhar Jó para aceitar o que os amigos alegaram sobre ele. Ironicamente, no terceiro ciclo de discursos, é Zophar quem é reduzido ao silêncio e que não participa da rodada final do capítulo 27.

**11:4** *Tu dizes a Deus: "... Eu sou puro aos teus olhos".* Como Zophar pretende citar as palavras de Jó a Deus, ele acrescenta ao que Jó disse em 9:20–21 e 10:7, e atribui motivos negativos a ele. Jó disse que ele é *tam*, irrepreensível, mas Zophar substitui o termo *bar*, que se refere à ausência de pecado (NIV: "puro"). Ao exagerar a afirmação de Jó, Zophar faz um retrato dele que é impreciso, descuidado e até cruel.

**11:5–6** *Deus até esqueceu um pouco do seu pecado.* Zophar fala como se pudesse ler os pensamentos de Deus. Ele prevê que, se Deus falasse como Jó desejava, então ele diria que Jó realmente merece muito mais punição do que recebeu (veja a barra lateral). A implicação de Zofar, então, é que, em vez de reclamar, Jó deveria ser grato pela leniência de Deus para com ele. Zophar avalia a situação em termos exclusivamente teológicos, e ele parece desprovido de qualquer compaixão pessoal. Ele parece ter pouca sensibilidade para a dor profunda de Jó. **11:7–8** *Você consegue compreender os mistérios de Deus? . . . O que você pode saber?* Em 10:13, Jó sugeriu que ele conhece os pensamentos de Deus que estão por trás de suas ações em relação a ele. Zofar, no entanto, exagera o que Jó disse em uma afirmação de que Jó acha que ele sabe tudo o que Deus sabe. As perguntas de Zofar nos versículos 7–8, então, são um ataque retórico agressivo contra Jó, em vez de perguntas genuínas para Jó responder. Ao fazer essas perguntas como ele faz, Zophar pretende menosprezar Jó em vez de ajudá-lo. Mais tarde, nos capítulos 38–

41, quando Javé faz muitas perguntas a Jó, seu propósito é educar Jó, não humilhá-lo como Zofar.

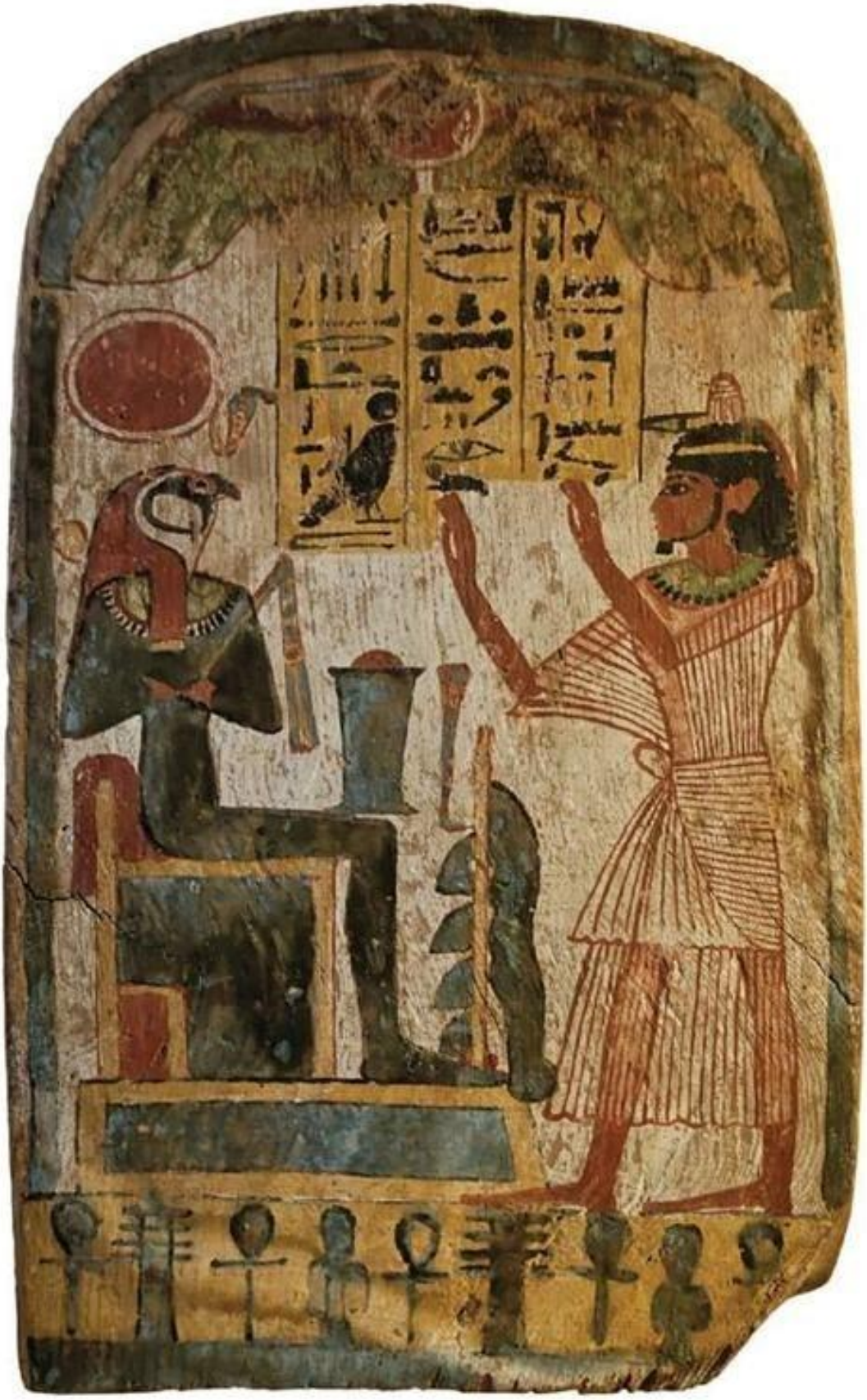
**11:12** *os espertos não podem mais tornar-se sábios.* Neste versículo, Zophar provavelmente usa um provérbio antigo para levar para casa seu ponto de vista de que é impossível para uma pessoa teimosa como Jó se tornar sábio, assim como um burro selvagem não pode dar à luz um humano. Com esse tiro retórico barato, Zophar chama Jó de um incorrigível que não consegue alcançar a sabedoria. Ele implica que Jó funciona abaixo do nível humano.

### Se ao menos Deus falasse!

Em 9:16 e 10:2, Jó expressou seu desejo de que Deus falasse com ele. Esse desejo continua a crescer no livro, até que em sua confissão final em 31:35 Jó chama a Deus para responder tanto à sua queixa quanto à acusação que foi apresentada contra ele. Em 11:5, Zophar expressa seu próprio desejo de que Deus fale, porque ele está confiante de que Deus provaria correta a avaliação de Zofar sobre Jó. Mal Zophar percebe que, quando Yahweh finalmente der sua avaliação do caso em 42:7–8, ele encontrará Zophar e os outros amigos imprecisos no que alegaram sobre Jó.

**11:13–14** *se você dedicar seu coração a Ele.* Zophar aqui deixa de acusar Jó para exortá-lo com o tom de profeta. Seguindo os exemplos de Elifaz e Bildad, Zophar implora a Jó que se arrependa de seu pecado. Esse conselho implica que o coração de Jó não está voltado para Deus. Usando uma lógica estrita de causa e efeito, Zophar diz que se Jó se arrependesse (11:13–14), então Deus restauraria a bênção a ele (11:15–19). Esse arrependimento precisaria incluir tanto a vida privada de Jó (coração) quanto sua vida pública (mãos).

**11:15** *então, livre de falta, levantarás o rosto.* De acordo com Zofar, foi o pecado de Jó que o fez perder sua posição diante de Deus. Para Zofar, a resposta para esse problema é simples: Jó precisa se arrepender de seu pecado. O arrependimento de Jó permitirá que ele se levante na presença de Deus (em contraste com a queixa de Jó em 10:15–16). O termo "falha" indica uma mancha ou uma desfiguração. Isso provavelmente se refere principalmente à suposta vergonha moral de Jó diante do Deus santo, mas secundariamente também pode se relacionar com a hedionda desfiguração física de Jó (2:7-8; 7:5), que é um dos aspectos de sua adversidade.



Zophar encoraja Jó a estender as mãos a Deus e arrepender-se (11:13). Nesta pintura egípcia, o sacerdote Renpetmaa levanta os braços enquanto reza ao deus RaHorakhty (Vinte e Segunda Dinastia, século X a.C.).

**11:17** *A vida será mais brilhante que o meio-dia.* No final de seu discurso anterior, Jó refletiu sobre sua perspectiva de uma morte sombria e sombria (10:21-22). Em contraste, Zophar declara que o arrependimento de Jó resultará em uma vida de luz brilhante. No Oriente Médio, o sol do meio-dia é especialmente intenso e brilhante.

**11:20** *sua esperança se tornará um suspiro moribundo.* Em contraste com as conclusões esperançosas de Elifaz (5:25-26) e Bildad (8:20-22), o primeiro discurso de Zofar termina com uma nota decididamente negativa ao descrever o destino dos ímpios e implicitamente adverte Jó sobre sua iminente desgraça. Jó disse em 7:6 que seus dias estão passando sem esperança, e Zophar falou em 11:18 sobre a esperança da pessoa arrependida, mas aqui ele indica que não há esperança para pessoas como Jó que se recusam a se arrepender. Ao falar na terceira pessoa, em vez de diretamente para Jó, Zophar trai sua abordagem impessoal de Jó e sua dor. Para Zophar, Jó é mais um estudo de caso previsível do que uma pessoa angustiada.

**Insights teológicos** Como os outros oradores do livro, Zophar exalta a transcendência de Deus. Para Zofar, o status exaltado de Deus significa que Jó não pode conhecer seus caminhos, ao contrário do Salmo 8, no qual o salmista extrai força e conforto do fato de que o Deus da criação conhece e cuida dos seres humanos. O conselho de Zofar a Jó para direcionar seu coração a Deus e afastar o pecado em sua vida (11:13-14) compara bem com a exortação de sabedoria em Provérbios 3:7 (cf. também Sl. 34:14; 37:27; Ecles. 12:13) para temer ao Senhor e afastar-se do mal. A teologia de Zofar é, em muitos pontos, ortodoxa, mas ele não a aplica adequadamente à situação específica de Jó.

## Ensinando o texto

Os três amigos de Jó estão cada vez mais insensíveis no que dizem a Jó. Como terceiro orador, Zophar leva o princípio da retribuição à sua conclusão lógica, e ele o usa para descartar as queixas de Jó como inválidas. Em vez de realmente sentir a dor de Jó e entender seu pensamento, Zophar responde a

ele com raciocínio impessoal e abstrato. Como resultado, ele se mostra de pouco conforto para o amigo.
Zofar, então, é um exemplo de como *não* ministrar a um amigo em grande necessidade.

Embora Zophar tenha ouvido o que Jó disse em seus discursos anteriores, ele não ouviu com atenção o suficiente para entender o verdadeiro significado de Jó. Consequentemente, ele distorceu cuidadosamente o suficiente para compreender o verdadeiro significado de Jó. Consequentemente, ele distorceu o que Jó disse a Deus, fazendo Jó parecer que ele acha que é perfeito diante de Deus. Aparentemente, Zophar está tão empenhado em corrigir Jó que ele distorce o que Jó disse em uma caricatura que pode ser deixada de lado. Com isso, Zophar demonstra que um bom conselho requer uma escuta cuidadosa, em vez de tirar conclusões precipitadas que não são apoiadas pelos fatos.

Ao enfatizar a transcendência de Deus, Zophar chega à conclusão lógica de que a sabedoria de Deus é tão exaltada acima dos humanos que Deus realmente deu a Jó apenas parte do castigo que seu pecado realmente merece. Zophar não dá nenhuma evidência da vida de Jó para apoiar essa afirmação audaciosa; ao contrário, ele a deriva como um corolário lógico de sua visão de Deus. Na verdade, o próprio Javé revelou no prólogo o quanto ele valoriza a integridade de Jó, mas o sistema lógico arrumado de Zophar não leva a essa conclusão. Em outras palavras, Zophar está mais comprometido com a lógica de seu sistema teológico do que com a precisão da conclusão que ele produziu. Em sua avaliação de Jó, Zophar está de fato errado, apesar do que sua lógica sustenta.

De acordo com sua lógica, Zophar aponta Jó na direção do arrependimento. O princípio da retribuição sustenta que coisas ruins acontecem com pessoas pecadoras e que somente uma mudança de coração pode levar alguém para longe da loucura e seu destino de morte para a sabedoria e seu destino de vida. Pelas lentes de sua teologia, Zophar vê isso como um caso claro. No entanto, ele sente falta das circunstâncias especiais da situação de Jó, então seu conselho de arrependimento é ao mesmo tempo fora do padrão e doloroso para o amigo a quem ele se propôs a ajudar.

Zophar é preciso em seu contraste entre a esperança dos justos e a desesperança dos ímpios. Ao longo da Bíblia, os dois caminhos que levam à vida e à morte são muitas vezes colocados diante dos seres humanos, que são desafiados a escolher a vida. A lógica de Zophar, no entanto, o cegou para o

fato de que Jó escolheu o caminho da sabedoria que leva à vida, mesmo que, ao que tudo indica, ele tenha de alguma forma acabado no destino ao qual a loucura leva. O conselho de Zofar de se arrepender é precisamente o que muitas pessoas na adversidade precisam ouvir, mas não se encaixa no caso especial de Jó.

## Ilustrando o texto

***A sabedoria de Deus pesa adequadamente as circunstâncias do sofrimento de uma pessoa, mesmo quando os críticos humanos não o fazem.***

Literatura: ***Os Miseráveis*****, de Victor Hugo.** Nesta obra amada, um dos personagens inesquecíveis é o Inspetor Javert, que ao longo do romance caça incansavelmente o comovente personagem central Jean Valjean. Na obsessão de Javert com o dever em detrimento da compaixão, ele se torna uma força maníaca e vingadora. Como Zophar, ele não leva em conta as circunstâncias da pessoa que caça. No musical baseado no romance de Hugo, a ferocidade e rigidez de Javert são especialmente exemplificadas por sua canção "Stars".

Conceito contrastante: Reserve um tempo para apontar que o inverso da afirmação acima também é verdadeiro: Deus pesa as circunstâncias da aparente bênção e sucesso de uma pessoa adequadamente, mesmo quando os admiradores humanos não o fazem. Basta olhar para o noticiário diário para encontrar exemplos de pessoas outrora idolatradas por milhões em que a corrupção é posteriormente exposta e cujo sucesso não dá em nada, mesmo neste mundo. Saliente que Deus não é zombado, e tanto o inocente obstinadamente perseguido quanto o charlatão supostamente encantado são plenamente conhecidos por ele e ambos serão plenamente amados e disciplinados com sabedoria infalível.


HALT
BEIT MACHT FREI

Esta placa na entrada de Auschwitz, o famigerado campo de concentração alemão, proclama: "Arbeit macht frei" ("O trabalho liberta").Essas palavras, como as de Zophar, descartam completamente as queixas aplicando um raciocínio impessoal e abstrato.

***A sabedoria bíblica é lenta para diagnosticar a causa por trás da adversidade e aberta à possibilidade de sofrimento justo.***

Bíblia: Reserve um momento para esboçar alguns perfis de personagens bíblicos que sofreram por serem justos ou obedientes (Abel, Jeremias, Estêvão, Maria, etc.). Em cada caso que você cita, descreva primeiro como a sociedade percebia aquela pessoa na época e, em seguida, o que a Bíblia nos revela sobre o diagnóstico de Deus sobre a justiça daquele personagem e o valor redentor do sofrimento. Termine apontando a falácia do princípio da retribuição, afirmando que se todos os sofredores estão sendo punidos por seu próprio pecado, então Jesus nunca deveria ter pendurado em uma cruz.

Histórias: Considere compartilhar uma história sobre alguém que você conhece cujo sofrimento foi amplamente incompreendido. Tente ficar longe de celebridades ou pessoas notórias sobre as quais seus ouvintes já podem ter uma opinião. O ponto principal dessa história deve ser a transformação que você realmente experimentou em sua compreensão dessa pessoa e como uma desconfiança inicial ou senso de julgamento que você sentiu com base em seu sofrimento deu lugar ao respeito e à compaixão uma vez que você aprendeu a verdade sobre sua situação.

Destaque do Evangelho: Este é um ótimo momento para apontar o caminho pelo qual Deus fez aquele que não conhecia pecado para ser pecado por nós. Você pode ler a passagem de Isaías 53 sobre o Servo Sofredor e pedir aos ouvintes que reflitam sobre como outras pessoas a quem eles ministram podem realmente estar "preenchendo o que falta nas aflições de Cristo" (Cl 1:24) ou participando "abundantemente dos sofrimentos de Cristo, de modo que, por meio de Cristo, também compartilhamos abundantemente em conforto" (2 Cor. 1:5).

## Trabalho 12

# Job apresenta provas contra o princípio da retribuição

## Grande Ideia *Jó aponta para evidências na vida onde a sabedoria e o poder de Deus trabalham de forma contrária ao princípio da retribuição.*

## Temas-chave do trabalho 12

- Jó insiste que sua sabedoria não é inferior ao que seus amigos declararam.
- Jó identifica exemplos de coisas boas acontecendo com pessoas más.
- Jó exalta a sabedoria transcendente e o poder soberano de Deus.
- Jó define as dimensões do governo de Deus sobre os seres humanos.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Quando a discussão chega ao final do primeiro ciclo (Jó 3-14), Jó não é persuadido pelos argumentos de Elifaz, Bildad e Zofar. Todos os três amigos concordam que Jó deve se arrepender de seu pecado e então Deus irá restaurá-lo à bênção que ele desfrutou anteriormente. Na primeira parte deste longo discurso de setenta e cinco versículos, Jó fala a seus amigos (12:1–13:12). Depois de uma seção de transição (13:13–19), na qual Jó decide se afastar de seus amigos, ele se dirige a Deus (13:20–14:22). Jó vê que sua única esperança é argumentar seu caso diante de Deus, porque ele não consegue convencer seus amigos de que ele é inocente.
No capítulo 12, Jó apresenta evidências de sua observação da vida que indicam que Deus muitas vezes age de maneiras que não se encaixam no princípio da

retribuição, que os amigos insistiram em usar como medida para avaliar a situação de Jó.

**Contexto histórico e cultural** O hino de Jó exaltando a Deus em 12:13–25 pode ser comparado de certa forma ao Hino Egípcio ao Sol de Aquenáton, mas numerosos exemplos mais próximos podem ser encontrados nos salmos bíblicos de louvor descritivo (por exemplo, Sl. 104). Tanto a literatura quanto a história antigas do Oriente Próximo contêm exemplos de líderes como os que Jó descreve em 12:24 – líderes que partiram em missões malfadadas (por exemplo, o lendário herói sumério Gilgamesh, que buscou a imortalidade, e Xerxes, o imperador persa que passou muitos anos em sua vã tentativa de conquistar a Grécia).



Jó exalta Deus como soberano sobre as nações do mundo e seus líderes (12:23-24). O livro de Ester alude ao controle de Deus sobre os acontecimentos durante o reinado

do poderoso rei Xerxes (486-465 a.C.), mostrado aqui com seus assistentes em um alívio nos restos de seu palácio em Persépolis, Irã.

**Insights Interpretativos 12:2** *Sem dúvida, vocês são as únicas pessoas que importam.* Usando o pronome pessoal no plural, Jó fala sarcasticamente com seus três amigos. Jó sente nojo deles, então ele usa o mesmo tom de desdém que eles usaram com ele anteriormente (8:2; 11:3). Ele implica que eles se consideram como a elite intelectual que possui sabedoria e que eles falsamente supõem que, quando morrerem, a sabedoria morrerá com eles. As palavras cáusticas e o tom de nojo de Jó sugerem que os amigos são sábios apenas aos seus próprios olhos (Prov. 3, 7) e não na realidade.

**12:3** *Quem não conhece todas estas coisas?* Rejeitando o insulto de Zofar em 11:12, Jó insiste que ele não é inferior a eles em seu entendimento, apesar do que eles pensam. Ele descreve o que eles disseram como meros chavões em vez de insights genuínos. Como Jó está confiante em sua própria compreensão da sabedoria, ele não cede aos seus argumentos. Em vez disso, ele mantém sua posição e não recua sob sua barragem verbal. No entanto, Jó finalmente perceberá que ele também não entende tanto quanto supunha (42:1-6).

**12:4** *Tornei-me motivo de chacota para os meus amigos.* Jó sente que sua honra foi agredida, já que seus amigos o tratam como uma mera piada. Mesmo que ele seja justo e irrepreensível (ver a avaliação de Javé sobre Jó em 1:8; 2:3), outros o ridicularizaram. O que torna isto especialmente humilhante é que os seus amigos são os principais ofensores (Cf. Sl. 55, 12-15). Em vez de levar a sério a afirmação de Jó, zombaram de seus clamores a Deus (Sl. 22:6-8). Claramente, essa traição de seus amigos é dolorosa e traumática para Jó.

**12:6** *aqueles que provocam a Deus estão seguros.* Em 11:15–20, Zophar declarou que somente aqueles que estão certos com Deus podem desfrutar de segurança. Jó contrapõe, no entanto, que às vezes os malfeitores, aqueles que provocam a Deus, estão seguros, em contraste com o que a fórmula de retribuição prevê (veja a barra lateral). Ao apresentar essas evidências, Jó se esforça para questionar a validade das conclusões que os amigos tiraram de sua adversidade. Na visão de Jó, os amigos realmente não consideraram todas as evidências observáveis. Assim, eles são falhos como mestres da sabedoria.

**12:7–8** *Mas pergunte aos animais, e eles vos ensinarão.* Aludindo a ditos de sabedoria como Provérbios 6:6, Jó usa a abordagem observacional da

sabedoria tradicional para contrariar as conclusões de seus amigos. Jó diz que se os animais pudessem falar, eles poderiam dizer como Deus opera em seu mundo. Ou seja, os animais sabem melhor do que os amigos. Com essas palavras, Jó parodia a afirmação de Zofar em 11:7–12 de que a sabedoria de Deus é muito misteriosa para os humanos entenderem. Na realidade, indica Jó, os animais entendem, mesmo que Zophar não consiga! Ironicamente, no final do livro (Jó 38–41), Javé usará o mesmo tipo de evidência no mundo natural para levar o próprio Jó a entender e reconhecer os limites de seu conhecimento de como Javé governa seu mundo. Empregando o mesmo termo em 40:15–24 que é usado aqui para "animais" (*behemot*), Yavé apontará para Behemoth para ensinar a Jó o quão pouco ele compreende os caminhos de Deus.

### Por que coisas boas acontecem com pessoas ruins?

A Bíblia muitas vezes aborda o problema do mal, por que coisas ruins acontecem com pessoas boas. Mas passagens como Salmos 49 e 73, bem como Jó 12, olham para o inverso e perguntam por que coisas boas acontecem com pessoas ruins no mundo de Deus. Ambos são exceções ao princípio da retribuição que podem ser observadas prontamente na vida.

> Pois invejei os arrogantes quando vi a
> prosperidade dos ímpios.
> Eles não têm lutas; Seus corpos são
> saudáveis e fortes.
> Estão livres dos fardos humanos comuns; não
> são atormentados por males humanos...
> É assim que os ímpios são – sempre livres de
> cuidados, eles continuam acumulando riqueza.
> Certamente em vão mantive meu coração puro e lavei minhas
> mãos na inocência. (Sl 73:3–5, 12–13)

**12:9** *a mão do LORD fez isso.* Este versículo contém o único uso do nome pessoal Javé (traduzido como "o SENHOR") em Jó fora do prólogo, epílogo e dos discursos de Javé nos capítulos 38–41. Jó afirma que tudo na ordem criada, incluindo sua própria adversidade, em última análise, volta à atividade de Javé. Jó não está disposto a diminuir a soberania de Javé sobre tudo para explicar sua adversidade por algum outro meio. Ele prossegue a expandir esse ponto nos versículos 13–25 em um hino que exalta o controle de Javé sobre toda a vida.

**12:12** *Não se encontra sabedoria entre os idosos?* Tanto Jó quanto os três amigos trabalham dentro dos parâmetros da sabedoria tradicional, e há muito em que eles concordam. Por exemplo, todos eles sustentam que os seres humanos podem obter sabedoria através do processo de observação e que a vida longa deve permitir que uma pessoa adquira sabedoria extensa. O objetivo de Jó nessa pergunta é indicar aos amigos que eles não usaram as fontes de conhecimento confiáveis que estão disponíveis para eles. Se eles tivessem realmente observado a vida e levado a sério o que os outros antes deles tinham visto (compare o apelo de Bildad à tradição em 8:8-10), eles teriam reconhecido que há muitas situações na vida que colocam em dúvida a validade do princípio da retribuição. Embora seja um princípio geral útil, a retribuição não leva em conta todos os casos específicos da vida.

**12:13** *A Deus pertencem a sabedoria e o poder.* Essas palavras iniciam um salmo de louvor descritivo20 a Deus que se concentra em sua sabedoria e poder em governar o mundo. É evidente que Jó acredita que Deus não é frustrado em seu plano e que ele não comete erros em seu governo. Em seu controle soberano, no entanto, Deus nem sempre trabalha de acordo com a fórmula da retribuição, punindo aqueles que são maus e abençoando aqueles que são justos. Três das quatro qualidades atribuídas a Deus neste versículo (sabedoria, conselho, compreensão) também são aplicadas ao Messias em Isaías 11:2, que é capacitado pelo Espírito de Javé.

**12:17–21** *Ele conduz os governantes despojados.* Não há nenhuma esfera de vida fora do alcance do controle de Deus e nenhuma pessoa muito exaltada para ser isenta do governo de Deus. Em 12:17–21, Deus é descrito como controlando as atividades e os resultados de todos os seres humanos, mesmo o maior deles. Sob o controle de Deus estão governantes e juízes (v. 17), reis (v. 18), sacerdotes (v. 19), anciãos (v. 20) e nobres (v. 21). Ao humilhar os governantes e conduzi-los despojados para o cativeiro (Cf. Is. 20:2-4; Mic. 1:8), Deus manifesta sua superioridade em relação à suposta sabedoria dos humanos, assim como fez na Torre de Babel (Gn 11:1-9). Dentro do contexto do livro de Jó, a implicação é que mesmo Jó, "o maior homem entre todos os povos do Oriente" (1:3), está sob o controle de Deus.

**12:23** *Ele faz grandes as nações e as destrói.* Essa descrição afirma que nenhuma instituição humana está isenta do controle soberano de Deus. Assim como Deus governa sobre indivíduos poderosos (vv. 17–21), assim Ele governa sobre as nações que eles lideram (vv. 22–23). Em Daniel 2, esse princípio é explicitado em detalhes no sonho que Daniel interpreta para o rei

Nabucodonosor. Nenhum grupo de humanos, por mais poderosos que sejam, pode frustrar com sucesso o propósito de Deus Todo-Poderoso.

**12:24** *Ele priva os líderes da terra de sua razão.* Assim como Deus demonstra seu poder transcendente (v. 13) sobre os seres humanos e as nações nos versículos 17–23, assim ele manifesta sua sabedoria superior (v. 13) sobre os líderes da Terra nos versículos 24–25. Como em Daniel 4, onde Deus reduz o orgulhoso Nabucodonosor à loucura, Deus pode transformar a sabedoria humana em mera bobagem. Quando Deus retira a razão dos líderes, eles são entregues a vagar e tatear sem luz. Como resultado, eles saem do caminho para um deserto (*tohu*, traduzido como "sem forma" em Gênesis 1:2).

**12:25** *Eles tateiam nas trevas sem luz.* Jó neste hino é realista sobre as limitações humanas no mundo de Deus. Apesar de todo o seu poder e sabedoria, os seres humanos são ineptos e estão no escuro diante de Deus. Deus realizará Seu plano, independentemente dos melhores esforços e recursos que os seres humanos possam mobilizar.

**Insights teológicos** Neste capítulo, Jó oferece uma refutação à aplicação absoluta do princípio da retribuição. Como seus amigos, Jó aceita a retribuição como um padrão geral de como a vida funciona no mundo ordenado de Deus, mas ele difere deles ao argumentar que também há muitas evidências de que a retribuição não se aplica a todas as situações. Ao aplicar a abordagem sábia da observação cuidadosa (Cf. Prov. 6, 6), Jó conclui que o exame preciso da vida demonstra que a conexão entre como uma pessoa age e as consequências que uma pessoa recebe nem sempre é mantida. Alguns dos ditos de sabedoria em Provérbios (por exemplo, Provérbios 20:24) sugerem essa qualificação de retribuição, mas Jó agora desenvolve tais sugestões em uma reavaliação mais extensa da teologia da retribuição.

## Ensinando o texto

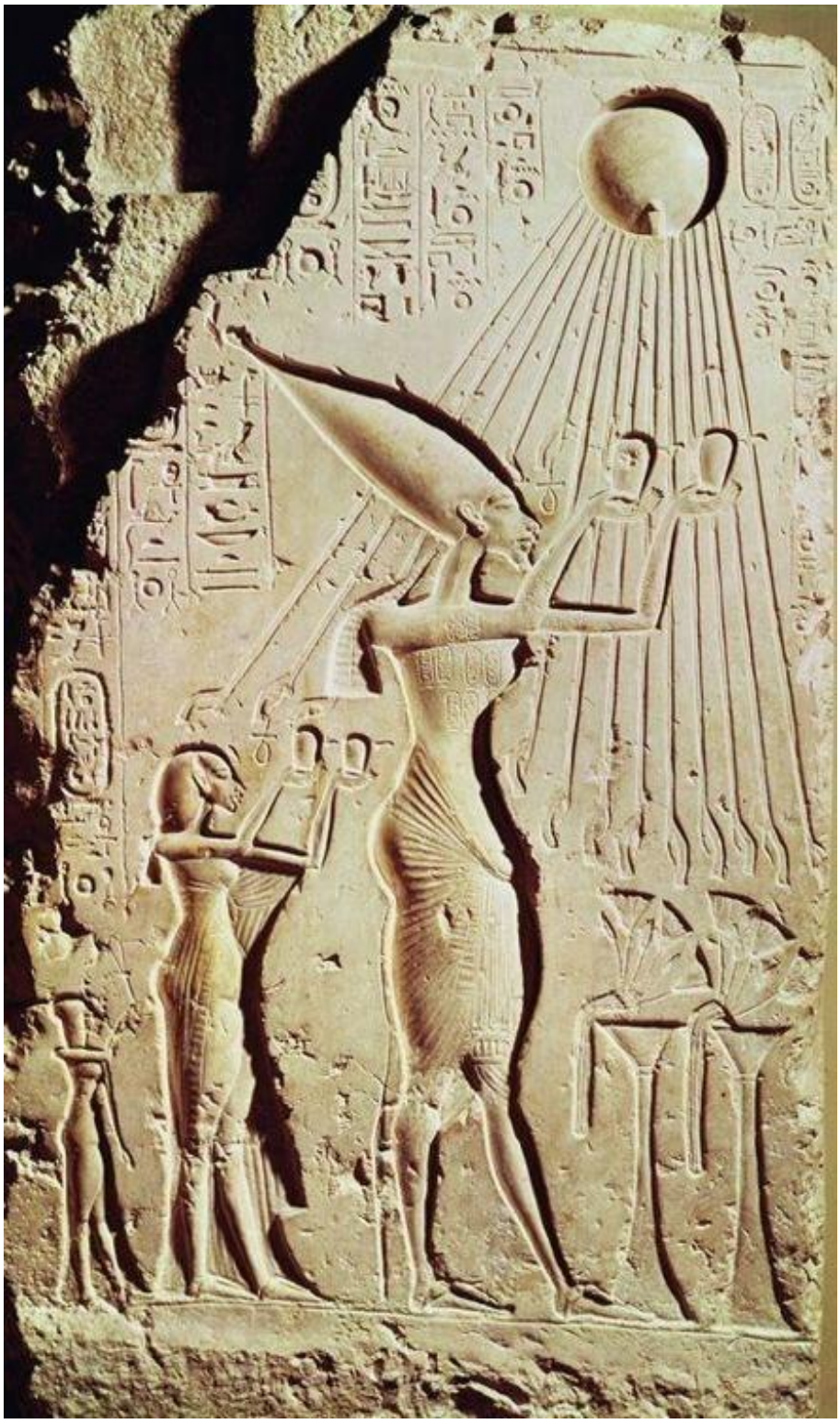
Jó e seus amigos aprenderam bem o princípio de retribuição da sabedoria tradicional, mas a experiência de adversidade de Jó, apesar de viver uma vida justa e irrepreensível, o leva a pensar mais cuidadosamente sobre como Deus opera nos assuntos humanos. Neste capítulo, Jó cita linhas de evidência específicas que demonstram que o princípio da retribuição precisa ser qualificado. Embora seja correto em geral, ele não pode ser pressionado para

se adequar a todos os casos. Ao fazer isso, Jó abre a porta para uma compreensão mais precisa e matizada de como Deus governa seu mundo. Não é tão simples e claro como ensina a teologia da retribuição.

Mesmo que seus amigos o tenham criticado severamente, alegando que ele é um pecador que precisa se arrepender diante de Deus, Jó não abre mão de sua integridade quando ele responde a eles. Ele insiste em examinar os fatos em vez de simplesmente extrapolar da teologia abstrata, como eles fizeram. Jó está confiante de que sua sabedoria não é inferior ao que eles declararam. Ao olhar cuidadosamente para a vida e ao considerar o caráter imutável de Deus, Jó tenta dar sentido ao que está vivendo.

Quando Jó olha para a vida, ele não pode ignorar situações que colocam em questão o princípio de retribuição que lhe foi ensinado e que ele sem dúvida ensinou aos outros. Ao considerar exemplos de pessoas pecadoras que desfrutam de vidas seguras e prósperas, ele percebe que, de acordo com a fórmula de retribuição, elas devem estar experimentando a adversidade de Deus. Assim, sua situação é um espelho da imagem de Jó. Jó reconhece a partir disso que seu sistema teológico terá que ser alterado para dar conta de como Deus realmente trabalha com as pessoas em seu mundo. Muitas vezes somos tentados a reduzir como Deus normalmente funciona em uma fórmula simples e, em seguida, aplicá-la geralmente para insistir em como Deus deve agir em outras situações. O livro de Jó nos adverte que os caminhos de Deus podem diferir do que nossas expectativas exigem.

Ao observar a vida com suas complexidades inesperadas, Jó também tem o cuidado de manter uma visão clara do caráter e do controle de Deus. Em seu salmo exaltando a sabedoria transcendente e o poder soberano de Deus, Jó define o ponto de partida para avaliar a vida. No Antigo Testamento, o temor de Javé é consistentemente apresentado como o princípio fundamental para a sabedoria (Prov. 1:7; 9:10; cf. Jó 28:28; Ecles. 12:13). Ao se concentrar em Deus, Jó retorna ao ponto inicial necessário para entender a vida no mundo de Deus. Nossas adversidades podem nos fazer perder de vista Deus, mas o que mais precisamos durante nossos momentos de dor é uma imagem clara de como Deus é verdadeiramente, como Ele se revelou na Bíblia.



Em 12:13–25, Jó louva a Deus por sua soberania. Outras culturas no antigo Oriente Próximo também escreveram hinos aos seus deuses. Um exemplo é o Hino ao Sol de Aquenáton, onde ele elogia Aten pelo poder criativo e atividade no

mundo. Este relevo egípcio mostra Akhenaton (Amenophis IV, ca. 1364–1347 a.C.), Nefertiti, e sua filha Meritaton adorando Aton, o disco do sol (palácio real em Tell El-Amarna, Egito, Décima Oitava Dinastia).

Quando Jó considera como Deus governa seu mundo com sabedoria e poder, ele vê inúmeros exemplos do controle de Deus sobre os seres humanos individuais e sobre as nações. Mesmo as pessoas mais poderosas estão sob o governo soberano de Deus, e nenhuma nação pode frustrar Seu plano. Se Deus dirige o curso da história de uma maneira tão abrangente como esta, então Jó pode ter certeza de que o governo de Deus se estende sobre sua vida também. Mesmo quando nossas circunstâncias parecem mais fora de controle, elas estão firmemente sob o controle de Deus.

## Ilustrando o texto

***Os ímpios, de fato, podem prosperar, e os justos sofrerem.***

Memórias: ***Estas Estranhas Cinzas*****, de Elisabeth Elliot.** Neste relato menos conhecido da esposa do mártir Jim Elliot (1927-56), Elisabeth Elliot luta com a questão da perda e o que ela é tentada a ver como desperdício. Chamada aos índios do Colorado do Equador quando solteira, ela passou quase um ano reduzindo a língua dos índios a um alfabeto para que a tradução da Bíblia ocorresse. Não só suas condições de vida eram difíceis, mas enquanto permanecia entre os índios, ela também viu aqueles que amava morrerem, seu guia assassinado e, finalmente, o manuscrito concluído – o trabalho de seu ano, carregado em uma mala – perdido do topo de um ônibus. O julgamento está quase além de sua tolerância. Ela escreve, após suas perdas, sobre sua tentação de "encurtar as promessas [de Deus], de procurar algum cumprimento imediato do princípio da perda-ganho".[21] A mala nunca foi encontrada.A história é inesquecível em sua narrativa honesta da batalha de uma mulher com a confiança em Deus na adversidade.

Filme: Os caminhos de Deus contrastam muito com muitos filmes de vingança, em que bons personagens decidem se vingar daqueles que os prejudicaram, que os roubaram ou assassinaram aqueles que amam. Esses "heróis" promulgam o princípio da retribuição. Alguns exemplos são os filmes O *Poderoso Chefão*, *Dirty Harry* (1971) e, mais recentemente, *Gran Torino* (2008).

***O mesmo Deus que dirige o curso da história governa nossas vidas pessoais.***

Mitologia: Em contraste com o Deus das Escrituras, nos mitos gregos (histórias específicas da *Mitologia de Bulfinch* poderiam ser usadas) os numerosos deuses e deusas influenciam os assuntos dos humanos e das nações. No entanto, muitas vezes eles trabalham com propósitos cruzados, levando a consequências confusas. Na Bíblia, Javé é o único Deus, e somente ele dirige o curso da história para o seu fim determinado.

Filme: ***Star Wars*.** Nos filmes *de Star* Wars, Yoda, o venerável mestre Jedi, vive até os novecentos anos antes de morrer. Obviamente, ele é um personagem semelhante a Deus. Ele é conhecido por sua grande sabedoria como um Grão-Mestre Jedi, e ele usa essa visão para treinar Luke Skywalker, ensinando-lhe o que ele sabe sobre a força e, ao fazê-lo, colocando Luke no caminho para conhecer a si mesmo.

---

20. Para uma breve discussão sobre salmos de louvor descritivos, ver Estes, *Handbook*, pp. 155–58.

21º. Elliot, *Essas Estranhas Cinzas*, 129, 131.

# Emprego 13

# Jó se vira para falar com Deus

## Grande ideia *Descartando os insights de seus amigos, Jó leva seu caso diretamente a Deus.*

## Temas-chave do trabalho 13

- Jó considera o que seus amigos disseram como inútil e vazio.
- Jó decide levar seu caso diante de Deus.
- Jó está ansioso para que Deus fale com ele.
- Jó tenta entender por que Deus parece tê-lo abandonado.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 13 é uma continuação do longo discurso de Jó que começou em 12:1 e continua até 14:22. No capítulo 13, Jó começa falando com seus amigos (13:1-12), como fez no capítulo anterior. Ele conclui sua resposta a eles descrevendo suas palavras como meros "provérbios de cinzas" (13:12). Em 13:13–19, Jó pensa em se afastar de seus amigos para se dirigir a Deus. A partir de 13:20, Jó fala diretamente a Deus.

**Contexto histórico e cultural** Em 13:4, Jó descarta seus amigos como "médicos inúteis". No mundo antigo, a medicina não era a profissão científica

respeitada que se tornou nos tempos modernos. Os médicos antigos normalmente usavam uma variedade de ervas e medicamentos para tratar doenças (cf. 1 Tm 5,23), mas às vezes tomavam emprestadas técnicas de magos e usavam encantamentos ao tratar seus pacientes.

No mundo antigo, um substituto barato para a tinta poderia ser feito misturando cinzas e água. Esta substância semelhante a giz era solúvel em água e, portanto, facilmente apagada ou lavada, por isso era usada apenas para escrita informal em vez de para contratos legais ou outras declarações formais.[22] Quando Jó fala dos provérbios de cinzas dos amigos (13:12), sua imagem sugere que o que eles disseram não deve ser levado a sério.



Jó chama seus amigos de "médicos inúteis" porque eles não podem diagnosticar ou tratar sua aflição (13:4). No mundo antigo, o tratamento médico incluía o uso de remédios naturais e amuletos protetores, bem como encantamentos aos deuses, como o registrado nesta tabuleta cuneiforme da Mesopotâmia (século V a.C.).

Aqui Gula, a deusa da cura, é convidada a conceder bem-estar.

**Insights Interpretativos 13:3** *Desejo falar ao Todo-Poderoso.* Jó perdeu toda a confiança em seus amigos, os "especialistas" humanos, então ele expressa seu fervoroso desejo de que Deus ouça seu caso, assim como no Novo Testamento Paulo apela do governador provincial Festo ao imperador César (Atos 25:11). Jó está convencido o suficiente da legitimidade de seu caso para levá-lo a Deus, para que ele possa resolver as coisas adequadamente.Jó acredita que Deus responderá a ele de forma diferente de como os amigos têm. Ele propõe argumentar seu caso diante de Deus, para que Deus possa determinar o que é certo, em contraste com o que os amigos alegaram falsamente contra Jó.

**13:4–5** *Se ao menos você ficasse completamente em silêncio!* Jó fica frustrado ao ouvir os amigos falarem quando eles não entendem verdadeiramente sua situação. Eles começaram bem, sentados com Jó em silêncio (2:13), mas quando começaram a falar, suas acusações injustificadas arruinaram o impacto positivo que haviam causado anteriormente. São como charlatães se passando por médicos (13:4), fazendo um diagnóstico impreciso e prescrevendo um tratamento que não se aplica à doença de Jó. Comparado às suas palavras vazias, o silêncio soaria como sabedoria, porque "até os tolos são considerados sábios se se calarem" (Prov. 17:28).

**13:6** *Ouça agora o meu argumento.* Aqui, como nos versos 13 e 17, Jó quer que seus amigos parem de falar e comecem a ouvi-lo com atenção. Eles ouviram suas palavras, e até citaram algumas delas em seus discursos, mas não entenderam realmente o argumento de Jó. Em vez de realmente ouvir, eles apenas esperam até sua vez de falar, sem considerar seriamente o que Jó disse. O segundo e o terceiro ciclos de discursos não mostram muitas evidências de que os amigos atenderam ao apelo de Jó a eles neste versículo.

**13:7–10** *Você falará maldosamente em nome de Deus?* Embora os amigos sem dúvida presuma que estão defendendo a causa de Deus, Jó acusa que eles estão contando mentiras em uma tentativa vã de encobrir Deus. Na visão de Jó, eles estão cometendo perjúrio ao dar falso testemunho contra ele (Cf. Deut. 19:16-19), distorcendo os fatos para expor seus pontos. Jó os acusa de condená-lo para proteger a reputação de Deus (13:8). Ele continua a adverti-los de que Deus os responsabilizará por seu falso testemunho (13:9-10), como Deus realmente faz em 42:7-8.

**13:12** *Suas máximas são provérbios de cinzas.* Com essas palavras, Jó ataca diretamente a competência desses três mestres da sabedoria. Eles não ouviram Jó claramente. Eles não conhecem a Deus corretamente. Suas críticas a Jó são infundadas. O que eles disseram não tem substância, mas é tão

efêmero quanto cinzas. Jó pode muito bem ter acompanhado essas palavras com lições de objetos, pegando algumas das cinzas e pedaços de cerâmica onde ele estava sentado, para ilustrar como suas palavras serão queimadas e suas defesas serão quebradas como panelas de barro.

**13:15** *Ainda que ele me mate, ainda assim esperarei nele.* Veja a barra lateral "Esperança ou Não Esperança em Deus?"

**13:18** *Sei que serei vingado.* Jó fala como um advogado que está totalmente confiante no caso que preparou. Em sua mente, ele está convencido de que, quando argumentar seu caso, Deus o declarará inocente, admitindo assim que tratou Jó injustamente, e que os amigos serão mostrados como errados. No final do livro, Javé justifica Jó (42:7-8), mas Jó também aprende o quanto ele não sabe sobre Deus e seus caminhos (42:3). Embora Jó esteja certo sobre o veredicto final, ele não antecipa corretamente o caminho que Javé tomará para chegar a essa conclusão.

### Esperança ou nenhuma esperança em Deus?

Jó 13:15 contém um problema textual difícil e muito debatido. Os escribas conhecidos como Masoretas estudaram os primeiros documentos bíblicos e estabeleceram o texto hebraico que se tornou a base padrão para as traduções modernas. Ocasionalmente, como neste versículo, eles não podiam decidir entre duas leituras alternativas. Assim, eles colocam no texto hebraico as consoantes de uma variante com as vogais da outra alternativa. O texto hebraico consonantal (a *leitura de Kethib*) produz a tradução do NJPS: "Ele pode muito bem me matar; Posso não ter esperança." O verbo hebraico *yahal* ("esperança") poderia ter a nuance de "esperar em silêncio", como acontece em 32:11, 16 da deferência de Eliú para com seus anciãos. Se esse for o caso, então Jó aqui está insistindo que, mesmo que Deus o matasse, ele não esperaria em silêncio, mas continuaria a levar seu caso legal diante de Deus (13:3, 18). Esse versículo, então, contrasta com o versículo 19, no qual Jó diz que se alguém puder apresentar acusações contra ele, então ele ficará em silêncio e morrerá.

Por outro lado, a NVI e a KJV adotaram uma tradução baseada na variante representada pelas vogais no texto hebraico (a leitura *Qere*), que diz o contrário do texto escrito, esta leitura apresenta a confiança indomável de Jó em Deus (Cf. Tiago 5:11). Embora os comentaristas discordem há muito tempo sobre como esse versículo deve ser lido, a atitude de Jó nesta seção não é esperançosa em relação a Deus, e na segunda linha do versículo 15 ele resolve se defender diante de Deus. Pode ser que a leitura sugerida pelas vogais e que se tornou aceita por muitas traduções posteriores tenha sido, na verdade, uma interpretação piedosa que alterou significativamente o que Jó realmente diz neste ponto de sua experiência.[um]

um

Comentários críticos sobre o livro de Jó fornecem uma discussão detalhada do problema textual em Jó 13:15. Um excelente tratamento sucinto da questão está em Balentine, *Jó*, 212.

**13:20–21** *Só me conceda estas duas coisas, Deus.* No versículo 21, Jó começa o discurso direto a Deus que ele antecipou nos versículos 3 e 15. Jó acredita que ele não pode argumentar seu caso se Deus exerce pressão indevida sobre ele que subverte um julgamento justo. Ele, portanto, pede duas condições pré-julgamento, que ele explicita no versículo 21: Deus deve retirar de Jó sua mão pesada de aflição, e Deus deve remover o pavor avassalador que faz Jó se sentir intimidado.

**13:22** *Então me chame e eu responderei, ou deixe-me falar, e você me responderá.* O que Jó mais valoriza é a comunicação com Deus no lugar do silêncio divino que ele experimentou desde que suas adversidades começaram. Jó está disposto a assumir o papel do réu para responder às perguntas de Deus, ou para assumir o papel do autor dirigindo sua queixa contra Deus. De qualquer forma, Jó e Deus falarão, e o terrível silêncio entre eles será quebrado. Isso não ocorre, no entanto, até que Javé finalmente fale no capítulo 38.

**13:24** *Por que você esconde seu rosto e me considera seu inimigo?* Como os salmistas em Salmos 13:1 e 27:9, Jó sente como se Deus intencionalmente tivesse desviado seu rosto dele. Jó não consegue compreender a ocultação de Deus, por isso sente-se abandonado e negligenciado por Deus (Cf. Deut. 31,17; Sl. 30,7). Como esse tipo de retirada de Deus é muitas vezes motivado pela ira divina contra o pecado (Is. 59:2; Jr. 33:5; Mic. 3:4), Jó pensa que Deus o está tratando como um inimigo culpado. Além de se esconder de Jó, Deus parece atacá-lo também (Jó 7:12; 10:16).

**13:26** *Porque escreves coisas amargas contra mim e fazes-me colher os pecados da minha juventude.* Jó reconhece que cometeu pecados na sua juventude (Cf. Sl. 25, 7), mas, como homem irrepreensível, sem dúvida os confessou muito antes deste tempo. Ele agora se pergunta se sua adversidade pode ser um castigo há muito adiado por seus pecados quando jovem, que Deus registrou e lembrou. Mais tarde, em 31:35, Jó usará a mesma metáfora da escrita, enquanto escreve e assina sua confissão de inocência e coloca seu caso nas mãos de Deus.



Em 13:27, Jó acusa Deus de prender os pés em algemas. Este relevo assírio retrata prisioneiros núbios sendo levados com algemas nos pés (palácio em Nínive, 645-635 a.C.).

**Insights teológicos** Em 13:21, Jó pede a Deus que retire a mão dele. Em toda a Bíblia, a mão de Deus é uma imagem que fala de sua poderosa atividade. Deus pode usar sua mão para trazer bênção, ou a mão de Deus pode ser o arbítrio de Seu julgamento e punição. No prólogo do livro de Jó, o adversário desafia Javé a estender a mão para tocar os bens de Jó (1:11) e seu corpo (2:5). Em 6:9; 10:7; e 19:21 Jó sente a mão da aflição de Deus em

sua vida. No mesmo sentido, em 13:21 Jó pede a Deus que lhe retire a aflição. No Salmo 32:4 o salmista recorda como a mão da convicção divina pesava sobre ele. Da mesma forma, no Novo Testamento, o escritor de Hebreus adverte que é aterrorizante cair nas mãos do Deus vivo, que pune severamente o pecado (Hb. 10:31). Em um sentido positivo, no Salmo 139:5 a mão de Deus é considerada como a proteção contínua do salmista.

## Ensinando o texto

Embora os amigos muitas vezes possam nos ajudar a entender questões em nossas vidas quando estamos cegos para nossas próprias falhas, toda a percepção humana tem seus limites. Assim como Provérbios 3:5 nos adverte a não nos apoiarmos em nosso próprio entendimento, também precisamos ter cuidado para não nos apoiarmos muito no que os outros pensam que entendem sobre nossas vidas. Em última análise, só Deus sabe totalmente o que estamos vivendo, então somente Ele tem a resposta final para nossas perguntas. Em Jó 13, Jó percebe que seus amigos não podem fornecer a percepção de que precisa, então ele decide se afastar deles e levar sua causa diretamente a Deus.

É evidente que os três amigos têm boas intenções, mas sua avaliação da situação de Jó é distorcida por sua teologia de retribuição excessivamente estreita. Eles transformaram o padrão geral de retribuição na tradição da sabedoria em uma fórmula fixa que não pode explicar verdadeiramente a experiência específica de Jó. No entanto, eles insistem em espremer a situação de Jó na fórmula, como as irmãs de Cinderela tentando em vão encaixar seus próprios pés em seu chinelo de vidro. Como resultado, Jó conclui que o que lhe disseram é tão inútil quanto as prescrições de um médico charlatão e tão vazio quanto cinzas, porque não lhe falaram a verdade. Respostas simplistas podem se encaixar em muitas situações, mas podem não responder à complexidade dos casos individuais de adversidade que ocorrem na vida.

Em vez de andar por aí com seus amigos, Jó decide levar seu caso diretamente a Deus. Ao se aproximar de Deus, ele não pode antecipar como Deus lhe responderá, mesmo que Jó esteja confiante de que ele é inocente. Sua experiência virou de cabeça para baixo os pressupostos teológicos que ele tinha antes. Jó, no entanto, também sabe que somente Deus o entende

corretamente, e se ele quiser obter respostas precisas para suas perguntas, então elas terão que vir de Deus, não de seus amigos.

Jó está muito chateado com o silêncio de Deus. Para Jó, parece que Deus se afastou dele, tratando-o como um inimigo e não como um amigo. Acima de tudo, Jó quer que Deus fale com ele, não apenas para responder às suas perguntas, mas para tranquilizar Jó de que o relacionamento deles está intacto. Como muitas pessoas em dor hoje, Jó se sente afastado de Deus, pois não pode ouvir a voz de Deus falando com ele, e Deus não parece responder aos clamores de Jó. É quando Deus parece ausente que estamos mais propensos a entrar em desespero, pois perdemos de vista Sua provisão e proteção.

Ao longo deste capítulo e de grande parte do livro, Jó tenta entender *por que* Deus parece tê-lo abandonado. O sentimento de abandono é bastante difícil de suportar, mas ainda mais difícil é não saber nenhum motivo que possa levar Deus a negligenciar alguém que foi fiel a Ele. Nisso, Jó antecipa os gritos de muitos cristãos de hoje que suportam a noite escura da alma, quando Deus parece distante deles e de suas necessidades.

## Ilustrando o texto

***A perspicácia humana, mesmo bem intencionada, falha.***

História: Quando George Washington se aproximava do fim de sua vida, seu médico usou sanguessugas na tentativa de remover o sangue doente, um tratamento comum da época. Em vez de ter um efeito positivo, o procedimento enfraqueceu o líder e apressou sua morte. De forma semelhante aos amigos de Jó, o médico tinha boas intenções, mas era ineficaz no tratamento de um homem em grande necessidade.

Televisão: Desde a série televisiva *Perry Mason*, os programas apresentam advogados preparando e apresentando casos em que eles têm grande confiança. Essa confiança, lembram-nos por vezes, nem sempre se traduz num veredicto bem-sucedido.

***Podemos passar por momentos em que sentimos que Deus está em silêncio.***

Livro: ***Decepção com Deus*, de Philip Yancey.** Este livro útil contém numerosos relatos de pessoas, incluindo Jó, que perguntaram se Deus está em silêncio. Na verdade, as três perguntas centrais que o livro coloca são: Deus é injusto? Deus está escondido? Deus está em silêncio? Em um exemplo, Yancey relata

a história de Richard, que sofreu um lar quebrado, doenças, um relacionamento fracassado e a perda de seu emprego, levando não a uma perda de fé, mas a um sentimento de traição. Embora nenhuma delas constituísse uma grande tragédia, Yancey começou a perceber que as três perguntas apontadas eram aquelas "alojadas em algum lugar dentro de todos nós".[23º]

Drama: ***À Espera de Godot*, de Samuel Beckett.** Nessa poderosa peça da tradição absurdista, os dois protagonistas, Vladimir e Estragon, esperam inutilmente hora após hora, dia após dia, a chegada de alguém que chamam Godot. Essa e outras facetas da obra suscitaram uma série de interpretações desde a primeira apresentação da peça. A peça é vista como um dos dramas mais importantes do século XX. Certamente uma das interpretações é que os dois estão esperando por Deus, que nunca aparece. Alusões bíblicas aparecem por toda parte.

***Quando passamos por uma noite escura da alma, devemos perseverar.***

Literatura: ***A Odisseia*, de Homero.** Na *Odisseia* (ca. 800 a.C.), Penélope espera por vinte anos que seu marido Ulisses retorne da Guerra de Tróia. Muitas pessoas tentam convencê-la de que ele morreu. Na verdade, ela é perseguida incansavelmente por pretendentes durante esses anos. Ela finalmente inventa um esquema inteligente em que ela começa a tecer uma mortalha funerária, anunciando que, quando isso for feito, ela escolherá um pretendente. Todas as noites, no entanto, ela destrincha um pouco de seu trabalho, ainda acreditando no retorno de Ulisses. A fé de Penélope persevera através dos anos de silêncio até que ela e Ulisses de fato se reúnam.



Jó permanece fiel a Deus, apesar de sentir que Deus o abandonou e está longe.

Encontramos outra ilustração de perseverança no poema épico grego antigo A Odisseia. Penélope acredita que Odisseu não morreu na Guerra de Tróia e espera pacientemente por seu retorno, apesar da pressão de muitos homens que tomariam seu lugar. Este relevo de terracota mostra Ulisses, disfarçado de mendigo, diante de Penélope, onde descobre que ela permaneceu fiel (Melos, Grécia, 450 a.C.).

Filme: ***Sem noção*****.** Neste filme (1995) sobre a vida no ensino médio, Cher (Alicia Silverstone) é questionada: "O que é um Monet?" Ela responde: "É como uma pintura, viu? De longe, tudo bem, mas de perto, é uma grande bagunça antiga." Que descrição apropriada da natureza da pintura impressionista – quando se está muito perto, tudo é detalhe visual em bruto. Visto de longe, tudo é harmonioso e evocativo. Nossa perspectiva na noite escura da alma está muito próxima para que possamos ver o quadro completo.

---

22. Walton, *IVP Comentário de Fundo Bíblico*, 501.

23. Yancey, *Decepção com Deus*, 35.

# Emprego 14

# Jó tenta ter esperança, mas acaba em desespero

## Grande ideia *Apesar de seus melhores esforços para encontrar esperança, Jó só pode se desesperar em sua adversidade.*

## Temas-chave do trabalho 14

- Jó lamenta que todos os seres humanos experimentem problemas em suas vidas fugazes.
- Job vê os seres humanos não como árvores renováveis, mas como leitos de rios que não podem
- ser revividos.
- Jó não pode transcender as limitações de seu conhecimento.

  Jó sente-se desesperado diante da adversidade que Deus permitiu que entrasse em sua vida.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** No capítulo 14, Jó continua o discurso direto a Deus que ele começou em 13:20. Ele agora amplia o escopo de seu lamento para refletir sobre a condição humana em geral, em vez de apenas considerar sua própria experiência individual (14:1-6). Usando a técnica observacional da sabedoria tradicional, Jó olha para a natureza para discernir se há esperança à qual os humanos podem se agarrar durante suas adversidades. Ele observa

que uma árvore pode crescer novamente depois de cortada, mas os humanos não podem (14:7-10). Os seres humanos, como mares secos ou leitos de rios, não têm esperança de renovação (14:11-12). Embora Jó tente, através de sua imaginação, vislumbrar a esperança para o futuro após a morte (14:13-17), ele termina em uma nota desanimada (14:18-22). No final do primeiro ciclo de discursos, Jó se vê em desespero por causa dos limites que Deus colocou sobre todos os seres humanos.

**Contexto histórico e cultural** Outras culturas antigas do Oriente Próximo tinham várias noções de vida após a morte, mas não desenvolveram a ideia de ressurreição humana após a morte. Por exemplo, na Epopeia Mesopotâmica de Gilgamesh, o herói recebe uma planta de Utnapishtim, mas uma serpente a tira dele antes que Gilgamesh possa comê-la e receber o dom de uma juventude renovada. Alguns Velhos
Os textos testamentários contêm indícios de imortalidade para os humanos (Gn 5:24;
2 Reis 2:11; Sl 49:15; 73:24; Ez 37:1–14; Dn 12:1–3; veja a barra lateral "Sheol and the Afterlife", na discussão de Jó 3 acima). No entanto, somente após a ressurreição de Jesus no Novo Testamento a doutrina da ressurreição dos humanos foi desenvolvida explicitamente. Precisamos ter cuidado para não ler a revelação posterior do Novo Testamento de volta ao texto de Jó e, assim, ver Jó como se ele entendesse e acreditasse no que só foi revelado por Deus muito mais tarde.

**Insights Interpretativos 14:1–2** *Os mortais, nascidos de mulher, são de poucos dias e cheios de problemas.* Em contraste com o versículo final do livro, que descreve Jó como sendo cheio de dias e bênçãos (42:17), aqui no capítulo 14 Jó conclui que os seres humanos são entregues a vidas breves e conturbadas.
Jó fala de modo geral, referindo-se não apenas a si mesmo, mas a todos os humanos, incluindo os justos e os ímpios. Bildad disse em 8:13 que os ímpios perecerão, mas aqui Jó insiste que todos os humanos enfrentam uma vida cheia de problemas. Ou seja, o problema não é apenas uma irritação menor, mas para os humanos é a característica dominante da vida. Para agravar o problema, a vida humana é também breve (14, 2), como uma flor que murcha (Cf. Sl. 37, 2; 90, 5-6) e uma sombra fugaz (Cf. Sl. 102, 11; 144, 4).

**14:3** *Você fixa seu olho neles?* A pergunta retórica de Jó implica uma resposta positiva, que Deus realmente examina os seres humanos durante suas breves e

conturbadas vidas. Jó disse anteriormente (10:20-22) que ele tem estado sob a vigilância constante de Deus e que Deus simplesmente não sairá de seu caso. Em contraste com o prazer do salmista na constante vigilância de Deus sobre ele (Sl. 8:4), Jó percebe que Deus procura todas as oportunidades de encontrar falhas nos humanos (Jó 7:17-21).

**14:5** *Os dias de uma pessoa são determinados.* Em contraste com a eternidade de Deus, os seres humanos vivem na terra por meros dias (Cf. Sl. 39:4; 103:15). O salmista do Salmo 31:15 está confiante de que seus tempos estão nas mãos de Javé, mas Jó considera os seres humanos impotentes para transcender os limites divinos que restringem suas vidas. Em vez disso, eles devem viver dentro dos estreitos limites que Deus colocou ao seu redor.



Em 14:5, Jó declara que Deus determinou a duração da vida de todos. No Épico de Gilgamesh, Gilgamesh busca a vida eterna, mas descobre que os deuses destinaram a humanidade para a morte. Ele tenta deixar seu legado de outras maneiras, como matar o monstro/deus Huwawa. Esta placa pode mostrar Gilgamesh de pé na cabeça de Huwawa.

**14:6** *até que ele tenha colocado seu tempo como um trabalhador contratado.* Diante de sua grande adversidade, Jó sentiu prazer quando a amizade de Deus pairou sobre sua tenda (29:4). Neste momento, ao contrário, Jó sente uma grande distância social e emocional de Deus. Consequentemente, ele imagina os humanos como trabalhadores contratados que são obrigados a dedicar seu tempo a um duro mestre de tarefas. Nesse cenário, a vida se torna mero tédio movido pela obrigação e pelo medo, e não um serviço alegre para um mestre amoroso e atencioso.

**14:7–10** *Mas um homem morre e é abatido.* Ao contrário de uma árvore, que pode reviver depois de cortada (14:7-9; cf. Is. 11:1), uma vez que um humano morre, a esperança acaba.

Não há esperança de renovação para a vida após a morte. Como Jó diz também em 10:21 e 16:22, o túmulo é um lugar sem volta. Jó não tem a doutrina da ressurreição para apelar, pois ele está limitado em sua compreensão ao que Deus revelou neste momento da história. Devido ao seu conhecimento limitado, a sua única esperança é que Deus intervenha por ele antes de morrer (Cf. Sl. 27, 13). Depois disso, será tarde demais.

**14:13** *Se ao menos você me escondesse na sepultura.* Esse desejo hipotético e imaginativo expresso por Jó contrasta com sua repulsa à sepultura em outras partes de seus discursos (7:9; 17:16). Para Jó, a vida após a morte não é uma antecipação alegre, mas sim a perspectiva desagradável de uma semi-existência sem alegria. Enquanto Jó se agarra a qualquer aparência de esperança, ele torce a imagem do túmulo em uma direção positiva, esperando que talvez nos recessos escuros do Seol ele possa encontrar ocultação temporária da ira de Deus. Se ele pudesse ser escondido na sepultura, talvez pudesse ser mantido em segurança fora da linha de fogo divino.

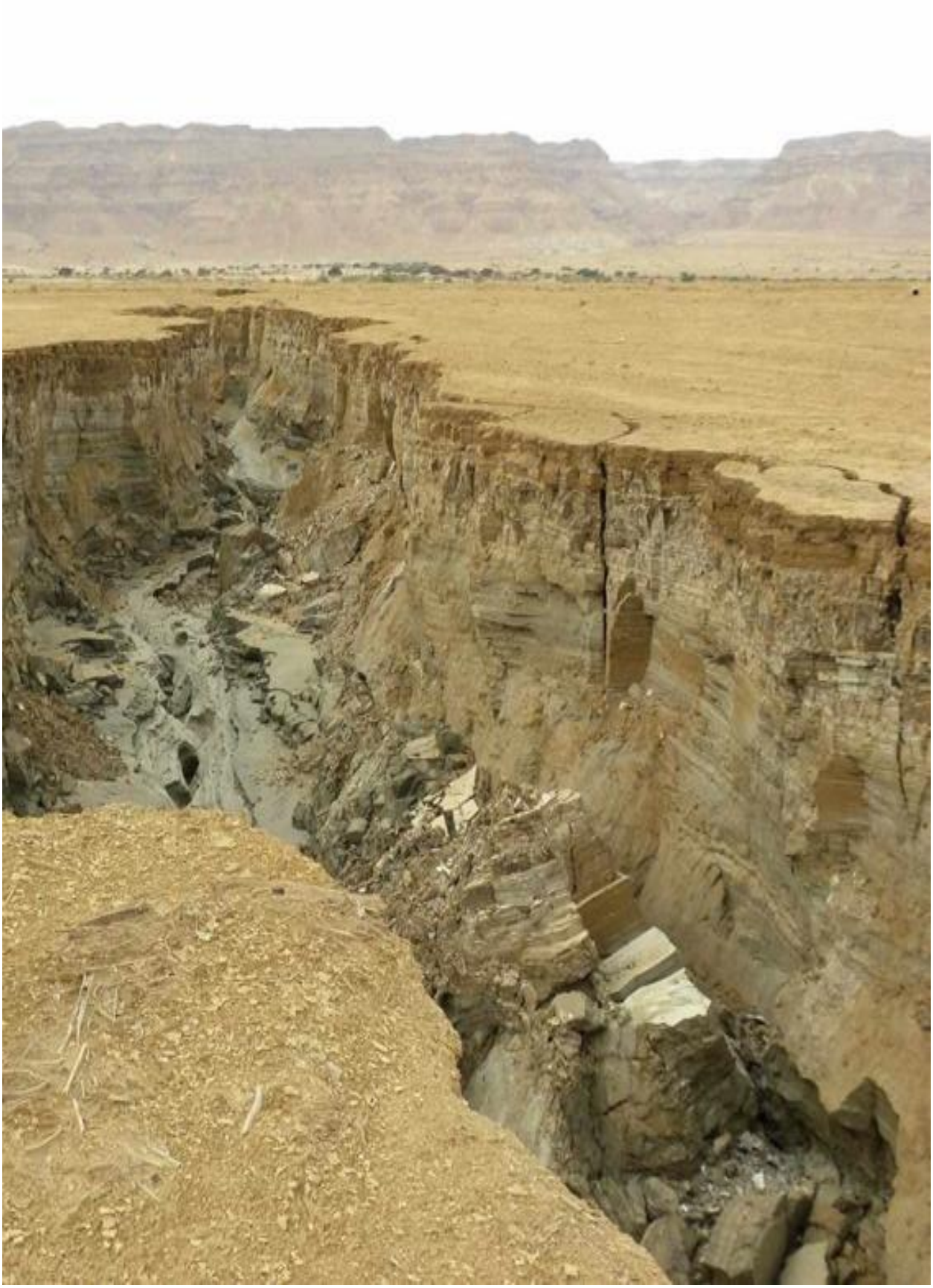
**14:14** *Vou esperar a minha renovação chegar.* Jó vê sua vida como uma labuta que deve ser suportada (7:1-3). Embora a esperança da ressurreição ainda não tenha sido revelada em sua época, Jó decide esperar por sua restauração ou libertação por Deus, aparentemente esperando que essa virada

positiva ocorra durante sua vida, não após a morte. Aqui, a resistência de Jó sobre a qual Tiago 5:11 fala mostra através de sua dor intensa.

**14:15** *Você vai ligar e eu vou te responder.* Enquanto Jó tenta encontrar esperança em sua situação adversa, ele antecipa que Deus acabará quebrando seu silêncio e falando. Essa renovação da comunicação remediaria o terrível silêncio que Jó suportou por tanto tempo. No livro, a esperança de Jó é realmente cumprida nos capítulos 38 –
41. Jó, porém, não é capaz de responder às numerosas perguntas que Javé lhe coloca, como ele aqui supõe que será capaz de fazer.

**14:17** *Minhas ofensas serão lacradas em um saco.* No mundo antigo, itens importantes, incluindo documentos e tabuletas de argila, eram lacrados em um saco para guarda. Jó se refere a essa prática para descrever como ele espera que Deus mantenha os pecados de Jó fora de vista ou os expurge para que não sejam apresentados como provas incriminatórias contra ele.

**14:18–19** *quando uma montanha se corrói e desmorona.* A esperança ousada de Jó em 14:13-17 não pode sustentá-lo diante de sua grande adversidade. Mais uma vez usando o procedimento de observação, Jó observa que uma montanha erodida não pode ser reconstruída, mas apenas os escombros permanecem em sua base. Se uma montanha não pode sobreviver à erosão, então que chance um ser humano débil poderia ter diante das leis inexoráveis de Deus? Esta realidade destrói a esperança humana (14:19).



Em 14:19, Jó diz que Deus destrói a esperança de uma pessoa da mesma forma que as torrentes lavam o solo. Esta ravina perto do Mar Morto, em Israel, foi esculpida pelas águas agitadas das inundações da primavera.

**14:22** *Eles . . . choram apenas por si mesmos.* Apesar de seus melhores esforços para imaginar a esperança, Jó termina este longo discurso com uma nota desanimada, assim como fez seus discursos anteriores no primeiro ciclo (3:20-26; 7:19-21; 10:18-22). A morte, diz ele, separará as pessoas de tudo o que amam. Eles então não terão comunicação com aqueles que estão vivos (14:21), então eles não saberão nada sobre a honra ou humilhação de seus filhos. Essa referência às crianças deve ter sido de partir o coração para Jó em sua dor. Na morte, ele terá apenas sua dor corporal e profunda solidão, isto é, profunda perda física e psicológica, em contraste com as ricas conexões sociais de que desfrutava anteriormente (1:2-5; 29:4-5).

**Insights teológicos** O foco de Jó na brevidade da vida humana (14:5–6) utiliza um motivo que é comum no Antigo Testamento e especialmente na literatura de sabedoria (por exemplo, 1 Cron. 29:15; Jó 7:6; 8:9; Sl 90:10; 103:15–16; Êx. 6:12). Na época em que o livro de Jó foi escrito, Deus não havia revelado explicitamente a ressurreição futura dos humanos. Jó tinha que funcionar dentro de suas limitações teológicas, mas agora o Novo Testamento nos proporcionou uma maior compreensão do que Deus fará pelos crentes após sua morte (1 Cor. 15). Da mesma forma, hoje temos limitações no que podemos saber (1 Coríntios 13:12), então, como Jó, precisamos confiar em Deus para o que não podemos entender. Em última análise, a fé deve estar enraizada no Deus que tudo conhece, não no conhecimento que possuímos, porque nosso conhecimento é parcial e incompleto.

## Ensinando o texto

À medida que Jó processa sua adversidade, ele passa pela mesma variedade de pensamentos e sentimentos que qualquer ser humano faz quando confrontado com dor severa e decepção. No capítulo 14, Jó tenta desesperadamente encontrar esperança em sua situação. No entanto, quer ele olhe para os padrões no mundo natural ou projete um cenário imaginativo, ele vem ao mesmo lugar. Suas linhas de pensamento levam à desesperança, e isso faz com que Jó se desespere em sua adversidade. Essa expressão franca e

transparente dos pensamentos de Jó faz um paralelo com o que muitas pessoas hoje pensam enquanto lutam contra as adversidades em suas vidas.

A observação de Jó da vida humana pode ser resumida em dois princípios: a vida passa rápido e a vida é difícil. Na visão de Jó, os humanos realmente têm o pior de ambos

rápido, e a vida é difícil. Para Jó, os humanos realmente têm o pior dos dois mundos, pois suas vidas são como uma flor frágil que murcha rapidamente.

A sabedoria observa o mundo natural e procura discernir lições para a vida do que vê lá no mundo ordenado de Deus. Enquanto Jó examina a natureza, ele percebe que, quando as árvores são cortadas, uma nova vida pode brotar do toco. Os humanos, no entanto, não são assim; assemelham-se ao padrão de um corpo de água que evapora, deixando para trás uma cama ressequida e sem vida. Em vez de tirar um falso otimismo da analogia defeituosa da árvore, Jó aceita a realidade de que os humanos são mais como o leito do rio que não pode ser revivido.



Jó observa que, uma vez que os humanos morrem, eles são mais como leitos de rios ressecados do que como tocos de árvores (14:7-12). As árvores às vezes geram nova vida mesmo a partir de um membro cortado, como demonstra o novo broto desta oliveira.

Enquanto Jó tenta lidar com sua adversidade, ele tem que trabalhar dentro das limitações do conhecimento que Deus revelou até agora. Os leitores de hoje podem querer inserir o ensinamento do Novo Testamento sobre a

ressurreição como um encorajamento a Jó para não abandonar a esperança, mas Jó não poderia saber disso
um encorajamento para Jó não abandonar a esperança, mas Jó não podia conhecer essa teologia em sua época. Ele tinha que viver dentro do conhecimento finito que estava disponível para ele. Da mesma forma, há aspectos da verdade que Deus ainda não nos deu a conhecer hoje. Como Jó, precisamos viver pela verdade que temos, mas também confiar em Deus pelo que Ele ainda não escolheu compartilhar conosco. Nossa confiança deve estar no próprio Deus, que é o único que sabe todas as coisas.

Ao concluir o primeiro ciclo de discursos, Jó se sente desesperado diante da adversidade que Deus permitiu que entrasse em sua vida. Jó não entende por que está experimentando o tipo de dor que a sabedoria sempre associou ao castigo dos ímpios. Ele não consegue ver nenhuma razão para esperança, nem em sua vida, nem depois. Ele não é convencido por seus amigos de que ele precisa se arrepender de seu pecado. Assim, ele fica com muitas perguntas e poucas respostas. Para entender mais, Jó terá que ouvir de Deus, mas até este ponto Deus está em silêncio.

## Ilustrando o texto

***Por termos conhecimento finito, às vezes sentiremos desespero durante a adversidade.***

Hino: **"Está bem com a minha alma", de Horácio Spafford.** Durante um período de profunda adversidade pessoal, Spafford (1828-88) obteve grande conforto do ensino do Novo Testamento sobre a volta de Cristo e a ressurreição dos cristãos. Spafford, um proeminente advogado de Chicago, não só perdeu grande parte de seu investimento imobiliário no Grande Incêndio de Chicago, mas também perdeu todas as suas quatro filhas quando o navio em que viajavam foi atingido por um veleiro de ferro e afundou. Ele escreveu este belo hino em resposta à sua tragédia. Considere as seguintes palavras:

> Para mim, seja Cristo, seja Cristo, portanto, para viver:
> Se a Jordânia acima de mim rolar,
> Nenhuma dor será minha, pois na morte como
> na vida sussurrarás a tua paz à minha alma.

Citação: **William Shakespeare.** As palavras de Shakespeare (1564-1616) em *Macbeth* (1611), falado por um Macbeth desesperado, tem uma semelhança impressionante com a visão de Jó sobre a vida em 14:1-2: "A vida não passa de

uma sombra ambulante, um pobre jogador, que se atrapalha e se aflige com sua hora no palco, e depois não é mais ouvido;  É um conto contado por um, cheio de som e fúria, que nada significa" (Ato 5, cena 5).

Filme: ***O Show de Truman*****.** Neste filme (1998), o personagem principal, interpretado por Jim Carrey, vive dentro de um mundo com limites que ele não consegue perceber até o fim. Mesmo que ele tenha a ilusão de liberdade, na verdade ele está vivendo em um mundo
onde os eventos são escritos e dirigidos por outros.  Isso faz um paralelo com como Jó se sente em 14:5 sobre os limites impostos à sua vida.

Geografia: Os leitos ressecados do lago deixados para trás no Vale da Morte, na Califórnia, e nas Grandes Salares em Utah são exemplos apropriados do lago seco ou leito do rio que Jó observa em 14:11.

## Emprego 15

# Elifaz faz críticas a Jó

## Grande ideia *Elifaz insiste que Jó é um pecador que merece o castigo de Deus.*

## Temas-chave do trabalho 15

- Elifaz vê o pecado de Jó como uma rejeição da sabedoria de Deus.
- Elifaz culpa Jó por sua queixa apaixonada contra Deus.
- Elifaz vê todos os seres humanos como inerentemente pecaminosos.
- Elifaz acusa Jó de ter sido enganado por sua busca de riqueza.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 15 contém o segundo discurso de Elifazes a Jó, e é evidente que a discussão civil entre eles se desfez consideravelmente. Na verdade, no segundo ciclo (Jó 15-21) o diálogo entre Jó e seus amigos se torna mais tenso, abusivo e insultuoso à medida que os amigos se concentram quase completamente no castigo divino devido a pessoas más como Jó. No capítulo 15, Elifaz não é tão cortês quanto quando se dirigiu a Jó pela primeira vez nos capítulos 4–5. Ele agora afirma que Jó está sofrendo o que qualquer pessoa má merece. Tomando o tom de um promotor beligerante determinado a provar seu caso, Elifaz ataca Jó com uma enxurrada de perguntas humilhantes destinadas a provar que Jó é culpado (15:1-13). Expandindo seu escopo em

15:14–16, Elifaz descreve todos os seres humanos como vis e corruptos diante do Deus santo. Em 15:17–35, Elifaz ensina Jó especificamente sobre o que ele observou na vida, que os pecadores no presente recebem o castigo divino que merecem.

**Contexto histórico e cultural** Quando Elifaz pergunta a Jó se ele é o primeiro homem nascido (15:7), ele pode estar aludindo ao mito mesopotâmico de que Ea, o deus da sabedoria, deu Adapa como modelo para a humanidade. Indícios disso também podem ser encontrados em Ezequiel 28, quando o rei de Tiro é condenado por causa de suas aspirações à autoridade e sabedoria divinas. Ao usar essa alusão mitológica, Elifaz provavelmente insinua que Jó, em seu orgulho, tentou elevar-se a um status rival ao de Deus.[24º]



Em 15:7, Elifaz pode aludir a Adapa, que no mito mesopotâmico foi um dos sete sábios enviados pelo deus Ea para ensinar sabedoria à humanidade. Esses sábios foram retratados em relevos assírios como homens vestindo capas de peixe, como a mostrada aqui do templo de Ninurta em Nimrud (865–860 a.C.).

O solo rochoso do mundo mediterrâneo faz com que as oliveiras cresçam profusamente naquela região.Azeitonas e uvas são dois dos principais alimentos cultivados no Oriente Próximo, então quando essas culturas falham, a vida fica desesperada. Uma oliveira que perdeu suas flores e uma videira despida de uvas verdes (15:33) refletem itens básicos da vida que ficaram muito aquém de seu potencial.

**Insights Interpretativos 15:2** *Uma pessoa sábia responderia com noções vazias?* Em 12:2 Jó dispensou os amigos dizendo que eles pensam que com suas palavras a sabedoria chegará ao seu fim final. Agora, Elifaz usa o mesmo tom sarcástico em relação a Jó, dizendo na verdade que Jó está apenas cheio de ar quente. De acordo com Elifaz, as palavras de Jó são como o escaldante e destrutivo "vento quente do leste" que sopra do deserto árabe. Em Oséias 12:1 a mesma imagem é usada para falar do engano e da mentira de Israel.Aparentemente, Elifaz acha que a sabedoria genuína deve ser fria, analítica e objetiva, em contraste com a intensidade apaixonada de Jó.

**15:4** *Mas você até mesmo mina a piedade e impede a devoção a Deus.* Preocupado com o potencial efeito negativo que as palavras de Jó poderiam ter sobre os outros, Elifaz acusa Jó de contradizer o princípio fundamental da sabedoria do temor do Senhor (cf. Prov. 1:7; 9:10; o termo hebraico para "medo" é traduzido em Jó 15:4 como "piedade") e, assim, minar a fé em Deus. Elifaz aqui ataca diretamente a piedade de Jó, que o próprio Javé elogiou no prólogo (1:8; 2:3). Elifaz não percebe que seu pensamento rígido o levou a uma conclusão que rejeita a avaliação de Javé sobre o caráter de Jó. Ironicamente, Tiago 5:11 mais tarde apontará Jó como um exemplo positivo de perseverança diante do sofrimento, não o exemplo negativo que Elifaz denuncia.

**15:5–6** *O teu pecado provoca a tua boca, adota a língua do astuto.* Distorcendo as palavras de Jó em 9:20, Elifaz acusa Jó de ser levado por seu pecado a palavras perigosas. Para Elifaz, o pecado de Jó é o que motiva seu discurso, então Jó é condenado pelo testemunho de sua própria boca. Elifas ainda acusa Jó de adotar a língua do "astuto", usando o mesmo termo hebraico que é empregado em Gênesis 3:1 para descrever a serpente que tenta Adão e Eva ao pecado.

**15:7** *Você é o primeiro homem a nascer?* A sabedoria é muitas vezes considerada como pertencente aos idosos (Cf. 119, 100), que podem invocar uma longa vida de observações como base para a sua perspicácia e instrução. A própria sabedoria foi possuída por Javé desde a eternidade (Prov. 8:22–31).

Talvez aludindo a antigas histórias do Oriente Próximo do primeiro ser humano como alguém que foi especialmente dotado por Deus de sabedoria, Elifaz pergunta retoricamente a Jó se ele é o epítome da sabedoria. Obviamente, Elifaz está convencido de que não é bem assim.

**15:9** *O que você sabe que nós não sabemos?* Em 13:2 Jó insistiu que ele é não inferior aos seus amigos em seu conhecimento, mas que ele sabe o que eles sabem. Elifaz agora exagera o que Jó disse, enquanto indaga sarcasticamente não sobre o suposto conhecimento igual de Jó, mas sobre seu suposto conhecimento *superior*. Na verdade, todos os personagens parecem se orgulhar do que sabem, ou acham que sabem, sem que nenhum deles evidencie um excesso de humildade a esse respeito.

**15:10** *Os cabelos grisalhos e os idosos estão do nosso lado.* Elifaz afirma que todos os mestres da sabedoria idosa concordam com ele contra Jó (ver também 15:17–18). Esses especialistas são ainda mais velhos do que o pai de Jó, o que significa que eles são muito mais experientes do que Jó em sua relativa juventude.

**15:11** *As consolações de Deus não são suficientes para você?* Elifaz afirma estar falando em nome de Deus e trazendo a Jó palavras divinas de consolação. Jó, no entanto, não o ouve dessa maneira, mas sim Jó rejeitou o que Elifaz lhe disse nos capítulos 4-5. Ao avaliar a resposta de Jó a ele, Elifaz percebe que o que Deus disse por meio dele não é bom o suficiente para Jó. Isso implica orgulho da parte de Jó, pois ele descartou como irrelevante para ele o que Deus disse. Na avaliação de Elifaz, quando Jó rejeita seu conselho, ele rejeita o conforto pretendido por Deus para ele.

**15:14–16** *O que são os mortais, para que possam ser puros?* Em 7:17–18, Jó parodiou o Salmo 8 ao insistir que os seres humanos são examinados continuamente por Deus. Em 15:14–16, Elifaz também alude ao Salmo 8 ao retratar os humanos como vis e corruptos diante do Deus santo. De fato, na visão de Elifaz, os humanos pecam com tanta frequência e casualidade quanto bebem água (15:16). O intenso foco de Elifaz, na retribuição, distorceu sua concepção dos humanos diante de Deus. No pensamento de Elifaz, como Jó é um humano, ele é necessariamente um pecador, então ele não pode ser justo diante de Deus. Segundo Elifaz, todos os seres humanos merecem apenas o julgamento divino.

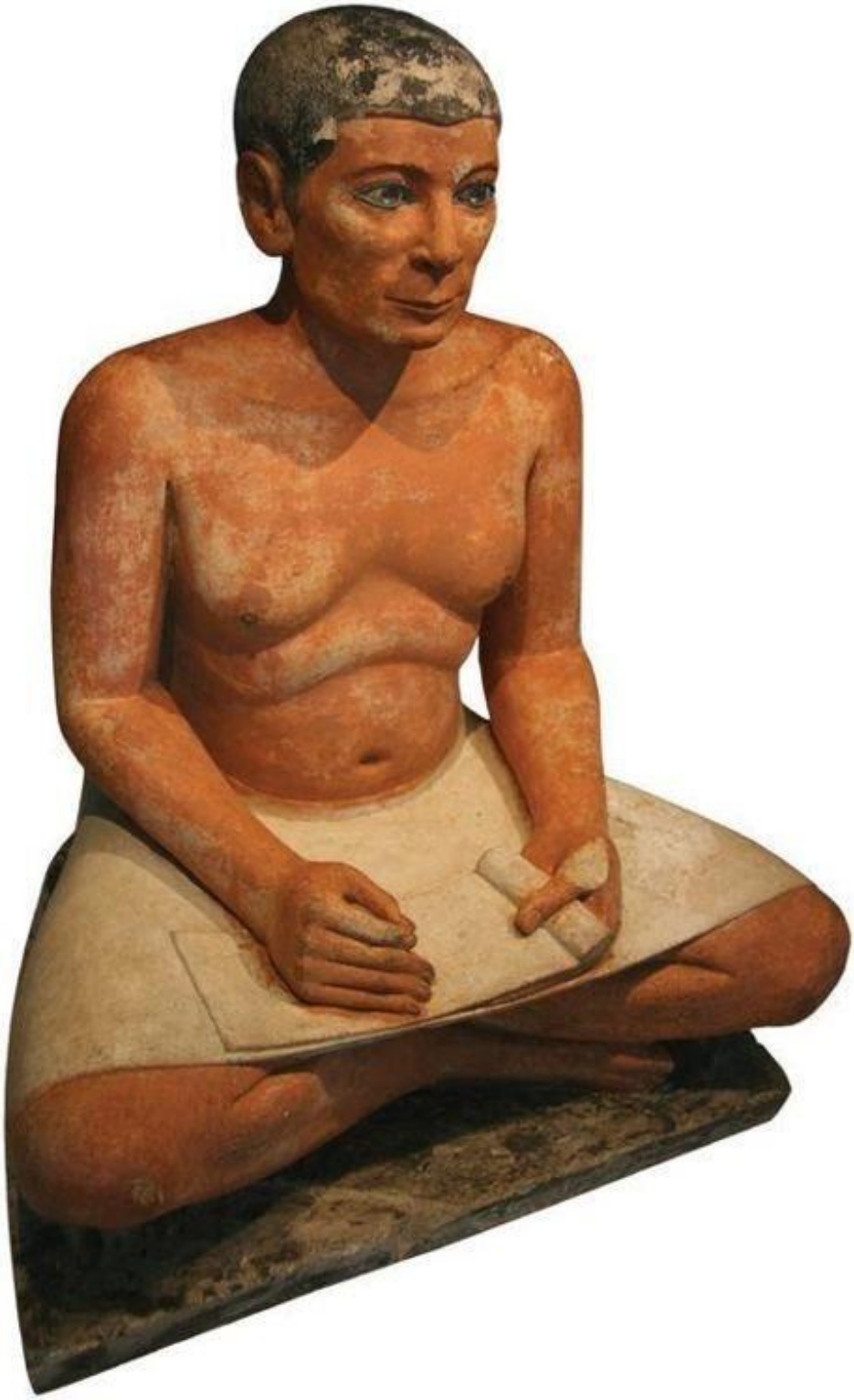
**15:17–18** *Ouçam-me e eu vos explicarei.* Baseando-se no que ele mesmo observou (v. 17) e no que aprendeu com a tradição (v. 18), Elifaz afirma ser o porta-voz da sabedoria. Ao exortar Jó a ouvir, Elifaz assume o papel do professor erudito, e coloca Jó no papel do aluno ignorante. Se Jó

simplesmente parasse de falar, então ele poderia ouvir Elifaz e aprender com alguém que realmente entende como a vida funciona.

**15:20–24** *Todos os seus dias o homem ímpio sofre tormento.* Em 8:13–19, Bildad descreveu o que os ímpios podem esperar no futuro. Aqui em 15:20–24, Elifaz usa uma linguagem surpreendente ao expor como os ímpios, não apenas no futuro, mas no presente, recebem o tormento que merecem. Usando um termo vívido que fala de contorções no parto (Cf. Sl. 51,5), Elifaz afirma que pessoas más como Jó terão uma vida miserável. Eles experimentarão o tipo de calamidades terríveis que se abateram sobre Jó.

**15:25** *ele sacudiu o punho contra Deus e se vingou contra o Todo-Poderoso.* A lógica reta de Elifaz, acaba transformando Jó irrepreensível (cf. 1,8; 2,3) no pior dos infiéis ímpios. De acordo com o raciocínio de Elifaz, na raiz do comportamento perverso está a rebelião contra a autoridade de Deus. Jó, então, declarou sua independência de Deus e tratou a Deus com desprezo.

**15:27–30** *Embora seu rosto esteja coberto de gordura.* Em uma cultura em que a maioria das pessoas vivia da mão à boca, a gordura era um sinal tangível de prosperidade. Aqui, como no Salmo 73:3–4, 7, é levantada a questão dos ímpios prósperos, aqueles que são ao mesmo tempo injustos e ricos. Elifaz parece insinuar que a maldade de Jó está relacionada à sua riqueza, como ele a acumulou, como confiou nela e como isso o tornou insensível aos outros necessitados. Elifaz continua nos versículos 28–30 para dizer que Deus destrói a riqueza dos ímpios, aludindo claramente às perdas de Jó no capítulo 1.



Elifaz declara que os ímpios, embora gordos e aparentemente prósperos, enfrentarão o julgamento de Deus (15:27-28). A obesidade era sinal de riqueza; esta estátua de um escriba sentado retrata-o com rolos de gordura em seu abdômen superior para transmitir sua riqueza e prosperidade (Saqqara, Egito).

**Insights teológicos** Em sua referência ao concílio de Deus em 15:8, Elifaz pergunta se Jó está a par das conversas entre Deus e seus anjos exaltados quando Deus descreve seus planos secretos. Alusões semelhantes ao concílio divino são encontradas em 1 Reis 22:19–22 e Salmos 82:1–4, bem como em outras partes do Antigo Testamento. O prólogo em Jó 1–2 também apresenta tal cena, enquanto Javé debate com o adversário o caráter e a motivação de Jó. Assim, fica claro para o leitor que Elifaz está errado em sua condenação de Jó.

## Ensinando o texto

Quanto mais Elifaz fala, mais ele soa como uma conclusão em busca de uma causa que a justifique. Sua teologia da retribuição o leva a considerar a adversidade como o castigo divino pelo pecado de uma pessoa. Olhando através dessa lente, Elifaz pode ver Jó apenas como um pecador que merece o castigo de Deus. Mesmo que essa conclusão signifique que Elifaz tem que desconsiderar o que ele observou anteriormente na vida de Jó, ele ainda assim mergulha adiante em seus equívocos sobre seu amigo.
Como resultado, ele traz dor desnecessária para a pessoa que ele se propôs a confortar.

O pensamento rígido de Elifaz, inclusive, faz com que ele perceba Jó rejeitando a sabedoria divina e voltando as pessoas contra Deus. Ele não percebe que as perguntas que Jó fez e as queixas que ele proferiu emergiram de sua dor e de sua incapacidade de entender por que Deus está agindo de maneira contrária a tudo o que Jó conheceu. Deus mais tarde instruirá Jó em uma compreensão mais avançada da sabedoria divina, mas Elifaz não pode ver nada além da fórmula básica de retribuição. Para ele, qualquer questão levantada contra a retribuição é uma renúncia à sabedoria, em vez de uma busca por uma declaração mais precisa e matizada de como Deus lida com os humanos.

Como Elifaz está convencido de que entende como Deus opera em seu mundo, ele adota uma abordagem objetiva e analítica da vida. Para ele, a vida é um cálculo que produz resultados definitivos. Jó, no entanto, sente que sua compreensão passada de como o mundo funciona foi virada de cabeça para baixo por sua experiência de adversidade. Sua paixão agitada reflete a turbulência em seu coração e mente. Elifaz culpa Jó por essa emoção intensa, interpretando-a erroneamente como uma rejeição a Deus, quando na

verdade é um reflexo da confusão interna e da dor de Jó. Uma comparação com os salmos de lamento demonstra que as pessoas piedosas muitas vezes têm sentimentos intensos de dor, que trazem ao Senhor quando suplicam por Sua intervenção em suas vidas.

A análise de Elifaz, leva-o à conclusão de que todos os seres humanos são inerentemente pecadores e, portanto, incapazes de estar diante do Deus santo. Para seu pensamento, Jó como humano é pecador, e isso explica completamente por que Deus o está punindo. O que Elifaz não consegue refletir, no entanto, é que sua linha de argumento obliterou a possibilidade de qualquer ser humano experimentar a bênção de Deus, que a sabedoria ensina ser dada aos justos. Se Jó merece o julgamento divino, então Elifaz, assim como todos os outros humanos. Ao construir seu caso lógico contra Jó, Elifaz consegue destruir qualquer possibilidade de comunhão entre Deus e os humanos.

Em seu esforço para convencer Jó de que ele é pecador, Elifaz salta para a conclusão injustificada de que Jó foi enganado por sua busca de riqueza, como de fato muitas pessoas são. Elifaz não afirma diretamente essa acusação, mas dá a entender claramente que esse é o caso. É verdade que Jó era rico (1:3) e que seus bens foram destruídos, mas Elifaz falha completamente em levar em conta o importante papel do envolvimento do adversário na calamidade de Jó. Sem essa informação crucial, Elifaz conecta os pontos de uma maneira que parece plausível para ele, mas que julga grosseiramente os valores e motivações de Jó. Embora o que Elifaz diz possa ser verdade para muitas pessoas, não é relevante para o caso de Jó. Da mesma forma, devemos ter cuidado para que, em nossas tentativas de aconselhar os outros, não interpretemos mal o que está acontecendo em suas vidas e, assim, os apontemos na direção errada.

## Ilustrando o texto

***Os seres humanos muitas vezes julgam mal os outros, uma realidade com a qual Jó deve se conformar.***

História: Durante a Guerra Civil Americana, o presidente Lincoln foi submetido a intensas críticas e acusações que devem tê-lo feito às vezes vacilar. No entanto, ele persistiu em manter o que estava convencido de que estava certo, assim como Jó faz diante dos discursos feitos por seus amigos. Na verdade, Lincoln escreveu as seguintes palavras: "Se eu tentasse ler, muito menos responder, todos os ataques feitos a mim, esta loja poderia muito bem ser

fechada para qualquer outro negócio. Faço o melhor que sei – o melhor que posso; e pretendo continuar a fazê-lo até ao fim. Se o final me deixar bem, o que for dito contra mim não vai valer nada. Se o final me trouxer errado, dez anjos jurando que eu estava certo não faria diferença."[25º]

Filosofia: ***Pensées*, de Blaise Pascal.** Pascal (1623-62), em sua famosa e muito citada obra *Pensées* (publicada postumamente em 1669), admoesta aqueles que dão conselhos como Elifaz a "corrigir com vantagem... percebendo de que lado ele vê o assunto", e ainda comenta que "ninguém" deveria se "ofender por não ver tudo", palavras que teriam afastado Elifaz do erro grosseiro de julgamento mencionado nesse princípio.[26º]



Escultura de Blaise Pascal (1623-62) por Augustin Pajou. Páginas de seu manuscrito Pensées jazem em seu pé direito.

Drama: Nesta passagem e em todas as seções de conselhos de Jó, poderia ser muito útil ter um grupo encenando a cena para que o público pudesse ver a dinâmica de conselhos espirituais e teológicos falhos.

Literatura: ***O Progresso do Peregrino*, de John Bunyan.** No início desta alegoria inglesa atemporal, quando o personagem principal, Christian, decide começar sua jornada para fora da Cidade da Destruição para encontrar alívio de seu fardo de culpa, ele é ridicularizado e ridicularizado por seus amigos. Eles fazem todo tipo de acusações falsas contra ele, assim como os amigos de Jó fazem com ele em sua adversidade. Isso é contrastado com o conselho muito bom logo no início do Evangelista, que resgata Christian do Esfacelo do Desânimo e o aponta na direção certa. Evangelista é duro, mas terno.

---

24. Mais explicações e bibliografia sobre o mito de Adapa encontram-se em Balentine, *Jó*, p. 236.

25. Lincoln, *Discursos e Cartas*, 235.

26. Pascal, *Pensées de Pascal*, 4, n. 9.

# Emprego 16

# Jó se sente sob ataque de Deus

## Grande Ideia *Jó se sente exausto sob o ataque de Deus, mas ainda ousa esperar pela justiça de Deus.*

## Temas-chave do trabalho 16

- Jó descarta as falas de seus amigos como inúteis.
- Jó percebe que Deus, como guerreiro, está atacando-o em vez de defendê-lo.
- Jó sente-se como se estivesse tão bom quanto morto.
- Jó ousa continuar esperando a justiça de Deus.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em sua refutação a Elifaz em Jó 16-17, Jó começa rebatendo muitas das acusações feitas anteriormente por seus amigos. Ele rejeita vigorosamente suas alegações de possuir conhecimento superior ao seu, e descarta seus argumentos como irrelevantes para seu caso específico. A linguagem forte de Jó indica que ele está indignado e revoltado com eles (16:1-6). Jó então se dirige diretamente a Deus, expressando seus sentimentos de que Deus está oprimindo sua vida como um guerreiro atacante (16:7-17). Em 16:18–22, Jó expressa seu desejo de uma testemunha para defender sua inocência diante de Deus.

**Contexto histórico e cultural** Nas antigas culturas pagãs, não era incomum que os deuses agissem por raiva e até crueldade. Por exemplo, os épicos gregos a *Ilíada* e a *Odisseia* estão cheios de divindades lutando a favor e contra vários humanos, muitas vezes com consequências devastadoras. Em contraste, no Antigo Testamento, Javé é retratado como justo e justo (por exemplo, Exod. 34:6–7) e como um guerreiro que sai em defesa de seu povo oprimido (por exemplo, Exod. 15:2–7). A adversidade de Jó, no entanto, fez com que ele visse Deus como agredindo-o com raiva (16:9), em termos que lembram mais como os pagãos frequentemente descreviam os deuses que adoravam do que como a Bíblia apresenta o verdadeiro Deus.

**Insights interpretativos 16:2–3** *Seus discursos prolixos nunca acabarão?* Como uma indicação da tensão crescente entre Jó e seus amigos, Jó lança o insulto de Elifaz, em 15:2, de volta para ele. Jó insiste que Elifaz é o verdadeiro saco de vento nesta polêmica. Os amigos inicialmente pretendiam trazer conforto a Jó (2:11), mas em vez disso esses "consoladores" (16:2) conseguiram trazer apenas problemas para Jó. A última coisa que Jó precisa ouvir deles é uma acusação de falsa culpa que só aumenta sua dor já profunda.

**16:4–5** *Eu também poderia falar como você, se estivesse em meu lugar.* Jó diz que sua fala é barata, porque é fácil criticar alguém que tem o problema. Os amigos sabem falar, mas não entendem verdadeiramente do que estão falando. Jó continua dizendo no versículo 5 que, se seus papéis fossem invertidos, Jó faria melhor por eles do que eles fizeram por ele. Jó afirma que lhes daria palavras para consolá-los em sua dor, não acusações que esfregam sal nas feridas, como fizeram com ele.

**16:6** *Mas se eu falar... e se eu me abstenho.* Jó sente que, não importa o que tente, ele não consegue encontrar alívio para sua dor. Quando ele fala sobre sua adversidade, isso não alivia a dor que sente, mas apenas lhe traz críticas de seus amigos. Quando ele sofre em silêncio, sua dor continua inabalável. Sente-se como se estivesse preso, sem alternativas favoráveis. Ele está profundamente magoado de qualquer maneira.

**16:8** *Você me encolheu — e tornou-se testemunha.* A partir do versículo 7, Jó se afasta de seus amigos para falar diretamente com Deus. Ele reclama que Deus tocou tanto seu corpo que, de acordo com o princípio da retribuição, é a exibição A de sua culpa (cf. a pergunta dos discípulos de Jesus em João 9:2). Seu corpo franzino parece um fantasma se erguendo como testemunha contra Jó. As pessoas que observam Jó não podem olhar além de sua aparência

hedionda para ver qualquer coisa além do que eles erroneamente supõem ser evidência incontestável da condenação divina.

**16:9–12** *Deus me ataca e me rasga em sua ira.* Em vez de sair em defesa de Jó, Deus parece estar lutando como um guerreiro contra ele. A linguagem vívida que Jó usa descreve Deus como agressor, isto é, odiando ou guardando rancor contra ele (Gn 27,41). Além disso, Deus parece persegui-lo como um animal feroz que se prepara para agredi-lo com um golpe letal. Com essas descrições, Jó ecoa a linguagem intensa dos salmos imprecatórios enquanto os salmistas clamam a Deus para protegê-los dos ataques de seus inimigos cruéis (por exemplo, Sl. 57:4, 6).



Em 16:9, Jó descreve Deus atacando-o como um leão poderia fazer, com dentes rangendo sua carne, muito parecido com a cena dessa placa de marfim (Nimrud, 800–750 a.C.).

**16:14** *ele corre para mim como um guerreiro.* Ao longo do Antigo Testamento, Javé é retratado como um guerreiro que sai em defesa de seu povo necessitado (Exod. 15:1–21; Deut. 33; Judg. 5; Ps. 46; Hab. 3). Da mesma forma, o livro de Apocalipse retrata o retorno de Jesus Cristo à Terra como o Rei conquistador dos reis (Ap 19:11–16). Aqui, ao contrário, Jó descreve Deus como um guerreiro que o ataca (cf. os muitos paralelos com a linguagem de Lam. 3), que parece contradizer o caráter justo de Deus. Jó insiste consistentemente que ele é inocente e, portanto, não merecedor do castigo de Deus. Ele não consegue entender como Deus poderia estar envolvido no que parece ser uma grande injustiça.

### Pano de saco e luto

No antigo Oriente Próximo, usar pano de saco era o sinal convencional de luto (Gn 37:34; Ester 4:1; Jonas 3:8). Jó em 16:15 usa pano de saco sobre suas crostas como expressão de sua profunda dor diante da adversidade extrema que está vivendo. Como uma indicação externa dos sentimentos internos de Jó, o pano de saco representa sua sensação de que ele é tão bom quanto morto. Por extensão, também poderia imaginar um profundo senso de humildade, já que Jó sente que não tem como se defender de Deus.



No antigo Oriente Próximo, usar pano de saco era o sinal convencional de luto. Este painel final do sarcófago do rei Ahiram mostra mulheres enlutadas usando pano de saco (século X a.C.).

**16:15–17** *Minha oração é pura.* Jó rejeita consistentemente como imprecisas as alegações de seus amigos (Bildad em 8:5–6 e Elifaz em 15:4–5) de que ele é um pecador que precisa se arrepender. Em vez disso, Jó insiste que ele é inocente e seu coração é puro (veja a barra lateral), cumprindo assim os padrões exigidos daqueles que teriam comunhão com Javé (Sl. 24:4). Além disso, é evidente que Jó não desistiu de Deus, porque continua a orar a ele.

**16:18** *Terra, não cubra o meu sangue.* Ao longo desse discurso, Jó oscila entre o desânimo e a esperança, refletindo seus sentimentos, que estão em uma montanha-russa emocional. Como Abel (Gn 4:10), ele é inocente e seu sangue clama a Deus por justiça. Jó, portanto, apela à terra para servir como testemunha objetiva de sua inocência. Ele quer que as provas que o justificam sejam preservadas, para que ele acabe recebendo a justiça que merece. Se seu sangue fosse coberto, o crime contra ele seria ocultado, e Jó não quer que seu caso seja obscurecido e esquecido.

**16:19** *Ainda agora o meu testemunho está no céu, o meu advogado está no alto.* Jó quer uma testemunha que defenda sua inocência (cf. 9:33; 19:25), como Abraão apela a Javé por seu sobrinho Ló em Gênesis 18. Mesmo que ele não tenha ideia de que Javé já falou em seu nome contra o adversário no prólogo, Jó se apega à esperança de que ele terá um advogado para testemunhar por ele no céu. A interpretação cristã posterior lê a obra mediadora de Cristo nesta declaração, bem como em Jó 19:25–27, mas Jó não tem a vantagem de conhecer essa revelação subsequente.

**16:20** *meus olhos derramam lágrimas para Deus.* Os amigos de Jó falharam em ministrar-lhe com compaixão (cf. 6, 14), por isso Jó dirige seus olhos cheios de lágrimas para olhar para Deus. Embora Jó perceba que Deus o está atacando como um inimigo (16:9-14), ele, no entanto, se volta para Deus em sua necessidade.

**16:22** *Apenas alguns anos se passarão antes que eu tome o caminho do não retorno.* Jó tem a profunda sensação de que o tempo está se esgotando para que Deus venha em seu auxílio, por isso, mais uma vez (cf. 3:25-26; 7:21; 10:21-22), ele expressa seu desejo de uma resolução rápida para sua situação antes de morrer. Jó não tem a revelação posterior de Deus sobre a vida após a morte ou a ressurreição futura, então sua compreensão limitada torna sua

situação mais difícil de suportar. Ele tem que viver e pensar dentro das restrições do que Deus tornou conhecido neste momento da história.

**Insights teológicos** O politeísmo que caracterizava o pensamento pagão antigo poderia conceber o mal como o conflito entre divindades rivais. Jó, no entanto, acredita em um só Deus, que é soberano sobre toda a vida. Assim, quando confrontado com severas adversidades, Jó é compelido a traçar seus problemas de volta à sua causa final no próprio Deus. A formulação clássica do problema do mal faz esta pergunta: se Deus é todo-poderoso e todo-bom, então por que coisas ruins acontecem com pessoas boas no mundo de Deus? (Compare o intercâmbio entre Habacuque e Javé em Hab. 1:2–2:3.) Jó não está disposto a diminuir nem o poder de Deus nem sua bondade, nem admitirá pecados que não cometeu. Este enigma está no centro da consternação de Jó, que vê a sua experiência pessoal no contexto teológico do carácter e da regra de Deus, e leva-o a apelar a Deus para que exerça a justiça em seu favor (cf. os salmos de lamento, esp. Ps. 44).

## Ensinando o texto

À medida que Jó sofre os golpes contínuos de sua adversidade, ele se sente cada vez mais fraco. Em Jó 16, ele está exausto sob o ataque implacável que o afetou física, psicológica, social e espiritualmente. Não seria surpresa para o leitor se Jó decidisse neste momento desistir da vida e de Deus, mas ele não o faz. Pelo contrário, mesmo em sua grande dor, Jó persiste em procurar ajuda de Deus. No que parecem ser circunstâncias desesperadoras, Jó continua esperando na justiça de Deus. Jó aprenderá e crescerá muito em sua fé em Deus ao longo do resto do livro, então o que ele diz no capítulo 16 às vezes é surpreendente de ler. No entanto, sua expectativa fervorosa da justiça de Deus é um bom padrão a ser seguido.

Jó começa sua resposta a Elifaz descartando as falas dos amigos como inúteis. Em vez de encorajá-lo, como Jó teria feito se estivesse em seu lugar, os amigos proferem longos discursos que só trazem problemas e dor a Jó. Eles começaram com a boa intenção de ser um conforto para Jó, mas na verdade exacerbaram seu problema. Como resultado, Jó se sente isolado das próprias pessoas que ele precisa se aproximar dele em seu momento de dificuldade.

O que é ainda mais excruciante para Jó é sua percepção de que Deus, como guerreiro, está atacando-o em vez de defendê-lo. Usando uma linguagem

vívida, Jó descreve como Deus parece um inimigo cruel que continua a abordá-lo repetidas vezes. Sob essa barragem, Jó se curva de dor. Em vez de vir como um campeão para defendê-lo, Deus parece tomar a ofensiva contra Jó, e Jó não consegue entender por que isso deveria ser. Como muitos cristãos experimentam, a dor e a adversidade suscitam questões teológicas profundas e preocupantes que não são facilmente descartadas ou respondidas.

Mesmo que Jó insista que suas mãos não são culpadas de violência e sua oração é pura, sob o ataque divino ele se sente tão bom quanto morto. Ele entra em luto por causa de sua terrível situação, e seu rosto é manchado por seu choro incessante.

Ele não tem nenhuma razão visível para esperar, pois até onde ele pode ver tudo está perdido.



Jó descreve Deus como um guerreiro que o ataca. Aqui é mostrada uma estatueta de bronze representando o deus Baal usando uma espada, carregando um escudo e pronto para atacar com seu machado de batalha.

No entanto, Jó ousa continuar esperando a justiça de Deus. Ele pede à terra que preserve as provas de sua inocência e da punição injusta que tem preservar as provas de sua inocência e da punição injusta que recebeu. Olhando para o céu, Jó deposita sua esperança em um advogado a quem ele deseja que pleiteie sua causa diante de Deus, como Abraão implorou anteriormente pela libertação de Ló do julgamento divino dirigido a Sodoma. Jó não tem uma revelação clara sobre quem será esse advogado ou quando ele poderá surgir, mas Jó espera justiça divina mesmo assim. Sua esperança está em Deus, embora ele não tenha ideia de como sua esperança pode ser cumprida.

## Ilustrando o texto

***Jó fica exausto diante dos ataques verbais dos amigos.***

Filme: ***My Fair Lady*****.** O musical *My Fair Lady*, assim como o filme de mesmo nome estrelado por Rex Harrison e Audrey Hepburn (1964), é baseado na peça *Pigmaleão, de George Bernard Shaw*. Na versão musical e cinematográfica, em uma música chamada "Show Me", Eliza Doolittle reclama de como o professor Higgins é tudo conversa e nada de ação, um paralelo com a descrição de Jó dos discursos prolixos de seus amigos.

***Jó percebe que Deus é um guerreiro que o ataca incansavelmente.***

Filme: ***A Lista de Schindler*****.** Neste filme de 1993 dirigido por Steven Spielberg, o ator britânico Ralph Fiennes interpreta o papel de um comandante alemão de um campo de concentração que tem alegria sádica ao atacar e agredir os prisioneiros incansavelmente. Não é, talvez, exagerado sugerir que Jó sente esse tipo de ataque de Deus.

***Embora Jó não veja nenhuma razão visível para a esperança, ele ousa esperar pela justiça de Deus.***

Citação: ***Decepção com Deus*****, de Philip Yancey.**

> Apesar do fato de que todas as páginas de Jó, exceto algumas, lidam com o problema da dor, estou chegando à conclusão de que Jó não é realmente sobre o problema da dor. O sofrimento contribui com os ingredientes da história, não com o tema central. Assim como um bolo não é sobre ovos, farinha, leite e encurtamento, mas usa esses ingredientes no processo de criação de um bolo, Jó não é "sobre" sofrimento; apenas usa tais ingredientes em sua história maior... A batalha mais importante, como mostrado em Jó, acontece dentro de nós.
>
> Jó ensina que no momento em que a fé é mais difícil e menos provável, então a fé é mais necessária.[27º]

Filme: ***Convicção*****.** Este filme (2010) contém a inspiradora história real da devoção inabalável de uma irmã ao irmão. Quando Betty Anne Waters (interpretada por Hilary Swank) descobre que seu irmão mais velho Kenny (Sam Rockwell) é preso por assassinato e condenado à prisão perpétua em 1983, Betty Anne, uma esposa de Massachusetts e mãe de dois filhos, dedica sua vida a anular a condenação por assassinato, algo que ela consegue fazer após anos extenuantes de persistência.

---

27º. Yancey, *Decepção com Deus*, 163, 173.

# Emprego 17

# Jó não encontra esperança na vida ou na morte

## Grande ideia *Para onde quer que olhe, Jó não vê esperança.*

## Temas-chave do trabalho 17

- Jó considera seus amigos como zombadores hostis e inúteis.
- Jó sente que Deus o fez objeto de ridículo.
- Jó sente que sua vida está passando sem que suas esperanças sejam cumpridas.
- Jó não pode prever nenhuma esperança na morte.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** No capítulo 17, Jó continua o discurso que iniciou no capítulo 16. No capítulo anterior, Jó reclamou principalmente do tratamento dado por Deus a ele. No capítulo 17, embora ele ainda fale de Deus, sua ênfase mudou para como seus amigos o maltrataram em seu momento de grande necessidade. A linguagem de Jó é forte e amarga ao descrever como os amigos zombaram dele (17:1-10). Ele termina seu discurso dizendo que não pode ver esperança nem na vida nem na morte (17:11-16).

**Contexto histórico e cultural** Em 17:3, Jó usa a linguagem da antiga lei comercial quando pede a Deus que aceite uma promessa por ele contra as acusações de seus amigos de que ele é culpado de pecar. Ele supôs que os amigos ficariam como referências de caráter para defendê-lo, mas em vez disso testemunharam para a acusação contra ele. Jó, então, se apresenta como um devedor que oferece garantia para um empréstimo que atualmente não pode pagar (Cf. Gênesis 38:17-18; Exod. 21:2-6; Deut. 24:10-15). Suas palavras refletem o costume de que um bem poderia ser dado por um devedor a um credor como penhor até que o devedor pudesse pagar sua obrigação (Jó 24:9). Jó aqui pede a Deus que confie nele até que sua inocência possa ser provada.



A linguagem jurídica que Jó usa para falar sobre um penhor e colocar segurança (17:3) também é encontrada em antigos contratos do Oriente Próximo. Esta tábua cuneiforme (direita), juntamente com seu envelope (esquerda), é um contrato que trata do empréstimo de prata e da promessa de reembolso na época da colheita (Kültepe, Turquia, ca. 1850 a.C.).

**Insights Interpretativos 17:2** *Certamente zombadores me cercam.* No capítulo 17, Jó muda seu foco das palavras inúteis dos amigos (16:3) para a atitude dolorosa que eles demonstraram em relação a ele. Embora pretendam ser seus amigos e
eles vieram originalmente para consolá-lo (2:11), Jó agora os ouve como escarnecedores que falam com hostilidade contra ele. Jó sente-se desonrado por eles, como os salmistas são por pessoas que zombam deles (por exemplo, Sl. 22:7, 13; 119:51).

**17:3** *Quem mais colocará segurança para mim?* Como Jó considera os três amigos como zombadores (17:2), ele não pode recorrer a eles para pedir ajuda. Embora se sinta atacado por Deus (16:9-14), Jó ainda acredita que Deus sabe que ele é inocente. Sem nenhum humano para testemunhar em seu nome, Jó na verdade pede a Deus que seja um cosigner para ele, para fornecer segurança até que a inocência de Jó possa ser provada. O único recurso de Jó está em Deus, mesmo que Deus pareça ter falhado com ele (17:6) ao torná-lo um objeto de ridículo.

**17:5** *Se alguém denunciar seus amigos por recompensa.* Talvez empregando um provérbio familiar de sua época, cujo significado preciso agora é difícil de entender, Jó usa uma linguagem dura para criticar seus amigos. Aparentemente, Jó percebe que eles estão tentando impressionar a Deus mantendo a fórmula de retribuição ao condenar Jó. Por sua vez, Jó considera suas alegações contra ele como perjúrio, e ele diz que se eles o denunciaram erroneamente como tolo, então seus filhos terão que arcar com as consequências de seu falso e prejudicial testemunho contra ele.

**17:8** *Os retos estão chocados com isso.* Jó insiste que, como sua situação é uma aberração preocupante do princípio da retribuição, as pessoas justas devem ficar chocadas com a adversidade que ele está vivendo. De acordo com a fórmula da retribuição, aqueles que são justos são abençoados por Deus, mas aqueles que são maus recebem adversidade de Deus. Jó diz que se uma pessoa justa como ele pudesse sofrer como ele, então outros que são justos também poderiam sofrer. Ao dizer isso, Jó implicitamente questiona o suposto caráter justo de seus amigos, porque eles defenderam seu dogma teológico ao preço de difamar a inocência de Jó.

**17:10** *Não encontrarei um homem sábio entre vós.* Longe de admitir a avaliação negativa dos amigos sobre ele como culpado, Jó descarta todos como tolos. Eles pretendem ser sábios mestres, mas na verdade são tolos (Rm 1,22), de modo que Jó perdeu toda a confiança em seus conselhos. Ele os

desafia a trazer seus melhores argumentos, mas está convencido de que nada do que eles poderiam dizer seria sábio. Jó rejeita-os categoricamente e tudo o que eles disseram como tolos.

**17:11** *Meus dias passaram, meus planos foram destruídos.* Antes de sua adversidade extrema, Jó supôs que viveria seus dias em prosperidade e paz (29:18-20), mas o que realmente aconteceu é o oposto de suas expectativas otimistas. Ao examinar sua vida, ele a vê passar rapidamente sem que seus sonhos se concretizem. Em vez disso, tudo o que ele planejou agora está destruído e em pedaços. Incapaz de encontrar esperança em sua vida, Jó voltou-se esperançosamente para seus amigos, mas eles não forneceram nenhuma ajuda para ele.

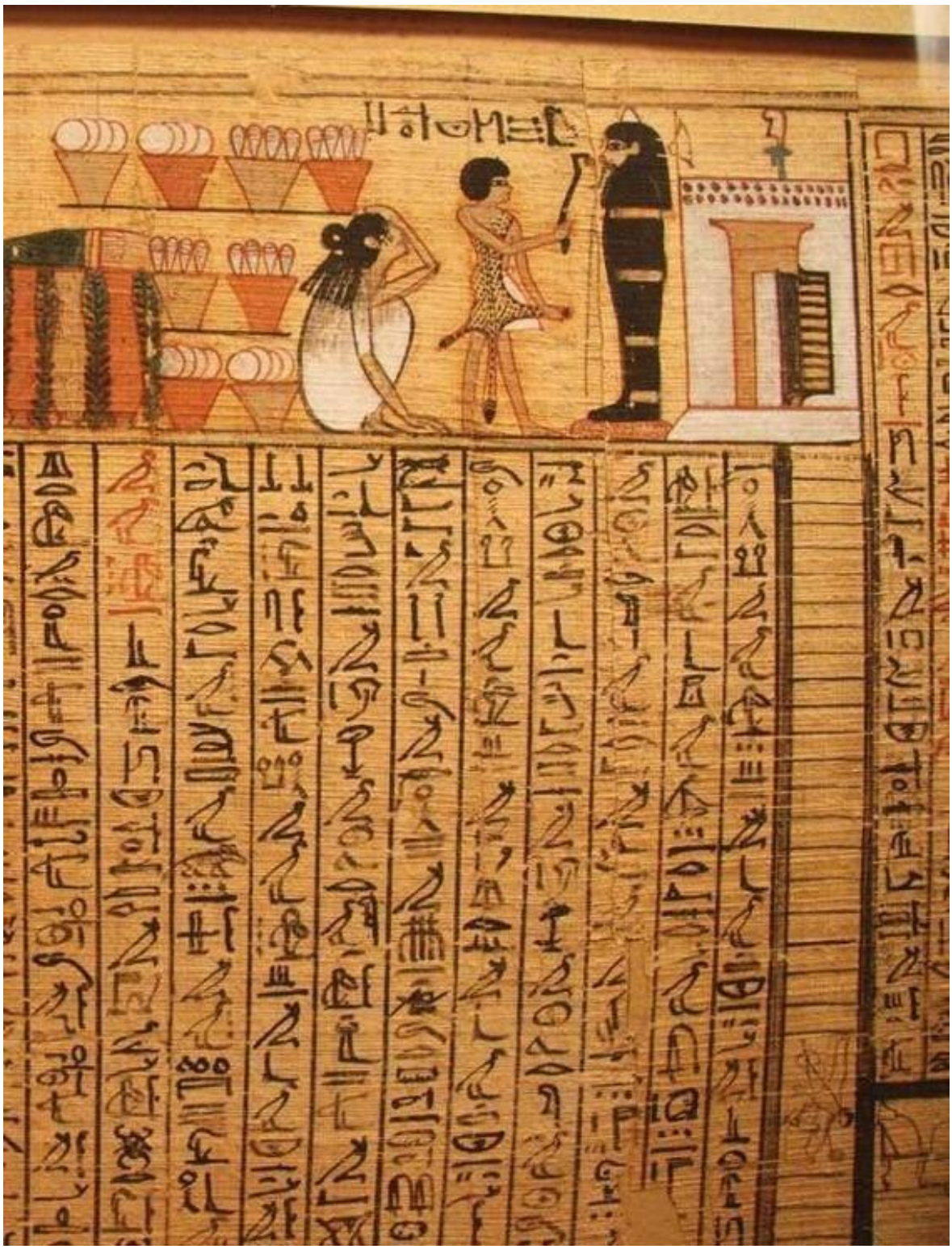
**17:12** *Transforme a noite em dia.* Jó insiste que seus amigos interpretaram totalmente mal sua situação. Em Isaías 5:20, Isaías pronuncia um oráculo de julgamento divino contra as pessoas de sua época que substituem as trevas éticas pela luz e a luz pelas trevas. Usando a mesma linguagem, Jó diz que o que é ruim os amigos chamam de bom, e o que é bom eles rejeitam como ruim. Enquanto tentam desesperadamente manter o princípio da retribuição (cf. as palavras de Bildad em 8:5-7), apesar da adversidade de Jó que o coloca em questão como uma fórmula absoluta, eles conseguiram concluir que Jó deve ser culpado, quando na verdade não é esse o caso. Eles erraram exatamente.

**17:14** *se eu disser . . . ao verme, "Minha mãe" ou "Minha irmã".* Ao longo do livro de Jó, o verme é usado como metáfora para a decadência. Em 7:5, a carne de Jó é revestida de vermes. Vermes comem cadáveres em decomposição em 21:26. Vermes comem os ímpios em 24:20. A avaliação final de Bildad sobre os humanos é que eles são meras larvas e vermes diante do Deus transcendente (25:6). Aqui, Jó pergunta sobre a implicação de estar intimamente relacionado com o verme, ou seja, ser um humano que sofrerá decadência na morte. Se isso é tudo o que há para ele antecipar, então que tipo de esperança é essa?

**17:15** *onde está então a minha esperança?* No início do livro, Jó considerou a morte como uma fuga bem-vinda de sua intensa dor (3:11-13). A essa altura, no entanto, ele já percebeu que a morte é, na realidade, corrupção e que não é uma fonte de esperança genuína. Jó fica, portanto, sem perspectiva esperançosa de vida para o presente ou de morte no futuro. Se ele não tem esperança nem na vida nem na morte, então ele deve ceder ao desespero ou encontrar esperança em alguma outra fonte. Perguntando

"Onde está então a minha esperança?" Job enquadra a pergunta certa, mas ainda não sabe a resposta certa. Essa resposta só chegará a Jó quando Javé finalmente falar com ele nos capítulos 38–41.

**17:16** *Vamos descer juntos ao pó?* Jó está sentindo a dor aguda da perda de sua família, e ele percebe que a morte não pode devolver seus filhos a ele. Como em 3,17-19 e 7,9 (Cf. Sl. 6,5), a morte é vista como uma semiexistência sombria e sem alegria, na qual os mortos estão presos. A esperança de Jó não virá em sua morte, pois o túmulo não pode restituir-lhe um sentimento de família.



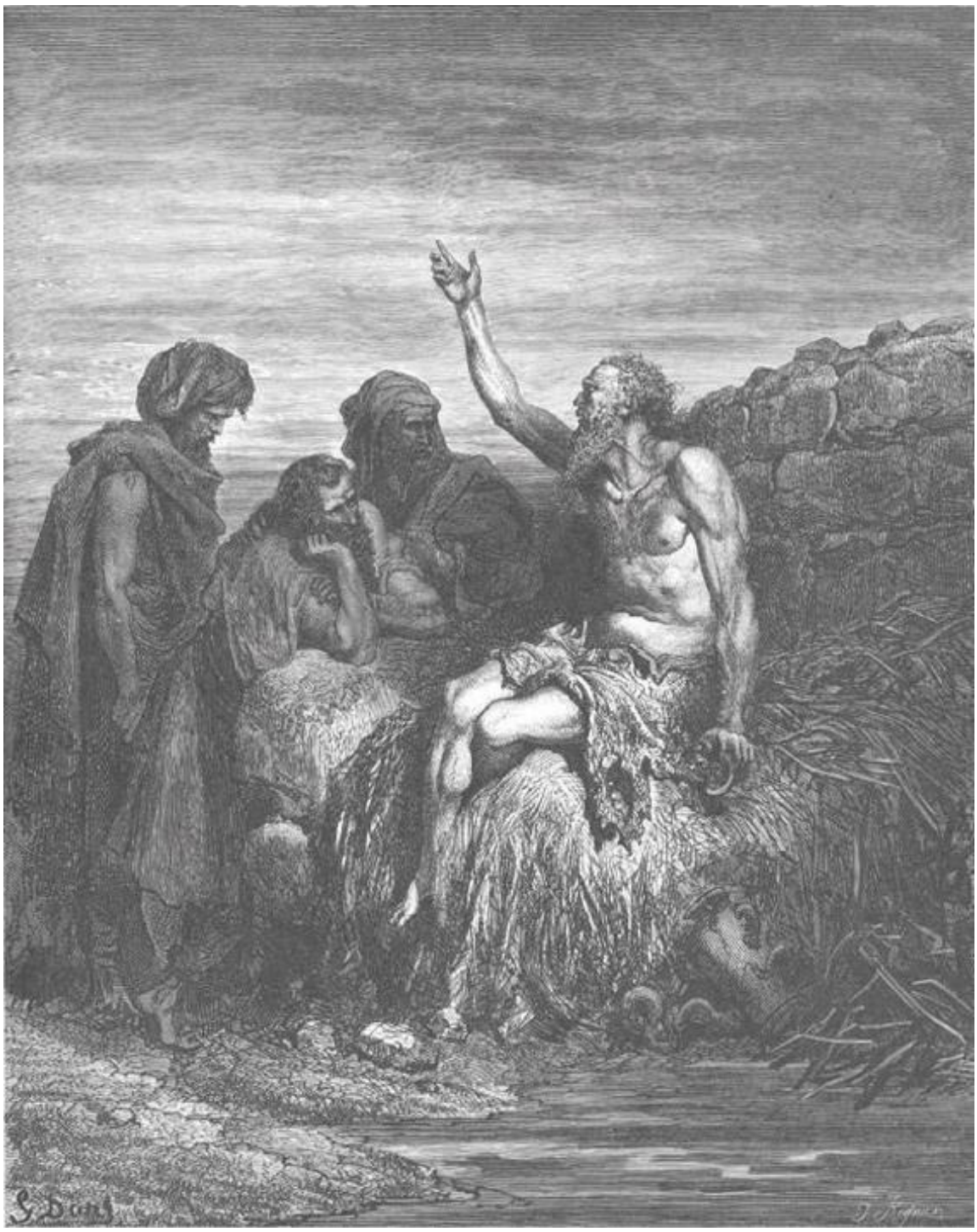
Em 17:16, Jó fala sobre descer às portas da morte. Nesta cena do Livro dos Mortos do escriba Nebqed, uma porta é mostrada descendo pelo poço do túmulo, no qual desce a alma do morto, retratada como um pássaro (Egito, Dinastia XVIII, século XIV a.C.).

**Insights teológicos** Jó sente que foi tão mal tratado pelos outros que as pessoas até cuspiram em seu rosto (17:6), que foi a expressão máxima de desprezo em sua cultura, como em muitas culturas desde então. Em vez de receber o respeito que seu comportamento nobre merece (Jó 29), Jó é objeto de insultos desprezíveis que ele não merece (Jó 30). O que Jó descreve em linguagem provavelmente exagerada é o que Jesus realmente suportou ao ser tratado vergonhosamente durante seu julgamento. Especificamente, Jesus foi cuspido por membros do conselho judaico (Mt. 26:67) e pelos soldados romanos (Mt. 27:30), ao se humilhar tornando-se obediente até a morte na cruz (Fp 2:8).

## Ensinando o texto

Enquanto Jó continua a lutar contra a adversidade que o afligiu, ele tenta encontrar esperança para sustentá-lo. Em seus discursos, Jó olha em várias direções para ver se consegue discernir uma razão para ser otimista. Sua mente persegue uma direção após a outra, mas cada vez ele chega à percepção sóbria de que não pode antecipar nenhum alívio da dor que está experimentando. Para onde quer que olhe, Jó não vislumbra esperança. Os leitores do livro de Jó que se sentem presos por uma condição médica grave, dificuldades financeiras, tristeza profunda ou profunda solidão podem se relacionar com os sentimentos de desesperança que Jó expressa neste capítulo.

Os três amigos de Jó chegaram com a boa intenção de lhe trazer conforto. No entanto, quanto mais falam, menos insight parecem comunicar. À medida que Jó os ouve, ele fica cada vez mais chateado com eles. A essa altura do livro, Jó considera seus amigos como zombadores hostis que só pioram seus problemas com o que dizem. Ele não encontra esperança neles. Quando até mesmo seus amigos falharam com ele, Jó cada vez mais tem que se voltar para Deus.



Jó sente que, em vez de trazer conforto, seus amigos o maltrataram em seu momento de grande necessidade. Gustave Doré interpreta a cena de Jó falando com seus amigos nesta ilustração da Bíblia em inglês de Doré (1866).

Jó, no entanto, também sente que Deus não o ajudou em seu momento de necessidade.

Em vez disso, as ações de Deus em relação a Ele só fizeram de Jó um objeto de ridículo.

A piedade de Jó parece um desperdício, e sua confiança em Deus parece infundada, porque a adversidade de Jó continua inabalável. Aqueles que vêem Jó através das lentes da teologia da retribuição só podem concluir que Jó é pecaminoso e autoenganado. Assim, nesta fase do livro, Jó não encontra esperança em Deus.

Enquanto Jó considera sua vida, ele sente que ela está escapando rapidamente sem que suas esperanças sejam cumpridas. Mesmo que a compreensão de sabedoria de Jó o leve a procurar esperança nesta vida, tudo o que ele encontra é decepção. Por mais que queira desfrutar dos desejos do seu coração durante a sua vida na terra (Cf. Sl. 27, 13; 37, 3-5), tem de admitir que não encontra esperança na vida.

No início do livro, Jó expressou sua esperança de que a morte proporcionasse alívio para as adversidades que está vivendo. No entanto, ao ponderar essa ideia, Jó chega à conclusão de que a morte significa decadência e o túmulo não é um lugar de vida, alegria ou louvor. Portanto, Jó conclui que, se ele deve ter esperança, ela não pode ser encontrada na morte.

Este capítulo é triste, porque descreve o problema de Jó sem revelar a solução para o seu problema. Jó tem uma compreensão clara de onde a esperança não pode ser encontrada, mas ainda não consegue ver onde está sua esperança. Somente à medida que o livro continua a se desenrolar, Jó descobrirá onde pode encontrar a esperança de que precisa para sustentá-lo. Como leitores, não devemos apertar o botão de pausa neste ponto, mas devemos avançar com Jó para aprender a resposta final, que é encontrada apenas em Deus no final do livro.

## Ilustrando o texto

***É possível saber onde a esperança ainda não pode ser encontrada para não ser capaz de ver onde está a esperança.***

Poesia: **"Um Homem Dito ao Universo", de Stephen Crane.** O romancista, contista e poeta americano Stephen Crane (1871-1900) foi um escritor influente que morreu antes dos trinta anos. Crane era considerado um realista e um naturalista, sendo o naturalismo geralmente definido pela crença

de que o mundo natural é toda a realidade. Muitos de seus contos, poemas e outras obras mostram o que poderia ser interpretado como amargura e raiva ou, mais triste ainda, uma espécie de resignação à ideia de que Deus está ausente. O breve poema a seguir indica tal filosofia.

> Um homem disse ao universo:
> "Senhor, eu existo!"
> "No entanto", respondeu o universo,
> "O fato não criou em mim
> Um sentimento de obrigação."

Pode-se imaginar que Jó pode ter sido tentado a se sentir assim.

Literatura: ***A Carta Escarlate*, de Nathaniel Hawthorne.** Na maioria das culturas, um dos piores insultos que uma pessoa pode receber é ser cuspido por outros. Tanto Jó quanto Jesus sofreram tal insulto. O livro *The Scarlet Letter* (1850) de Hawthorne (1804-64) retrata o drama de Hester Prynne, uma jovem puritana que vive na Nova Inglaterra e é condenada a usar para sempre em suas roupas o rótulo de adúltera, em retribuição por transgredir os laços de seu casamento sem amor com Roger Chillingworth. Hester Prynne comete o ato com um homem inicialmente desconhecido na história, o reverendo Arthur Dimmesdale. Enquanto, ao contrário de Jó e Jesus, Hester é certamente culpada de infringir uma lei, ela se torna uma figura cuspida, abertamente ridicularizada e odiada, mesmo quando aceita total responsabilidade e vive com dignidade.

Biografia: ***John McCain: Um Ensaio em História Militar e Política,* de John Karaagac.** Neste livro, Karaagac cita as palavras de John McCain descrevendo seu confinamento solitário depois de ser abatido em sua primeira missão sobre Hanói. Ele já havia completado vinte e três missões solo sobre o Vietnã. Karaagac cita McCain dizendo: "É uma coisa horrível, solitária. Ela esmaga seu espírito e enfraquece sua resistência mais do que qualquer outra forma de maus-tratos. As primeiras semanas são as mais difíceis. O início do desespero é imediato, e é um inimigo formidável."[2] Jó deve ter sentido que estava em confinamento solitário. O corpo infectado e doente de Jó provavelmente o confinou a viver sozinho, um contraste acentuado com a saúde vigorosa e o estilo de vida que ele desfrutava anteriormente. Além disso, mesmo que seus amigos estivessem fisicamente presentes e falando com

---

[2]. Caracac, *John McCain,* 92.

ele, sua incapacidade de compreender e simpatizar com sua situação fez com que Jó se sentisse emocionalmente isolado.

## Emprego 18

# Bildad novamente bate o tambor de retribuição

**O** *sistema teológico de Big Idea Bildad não deixa espaço para uma pessoa justa sofrer como Jó.*

## Temas-chave do trabalho 18

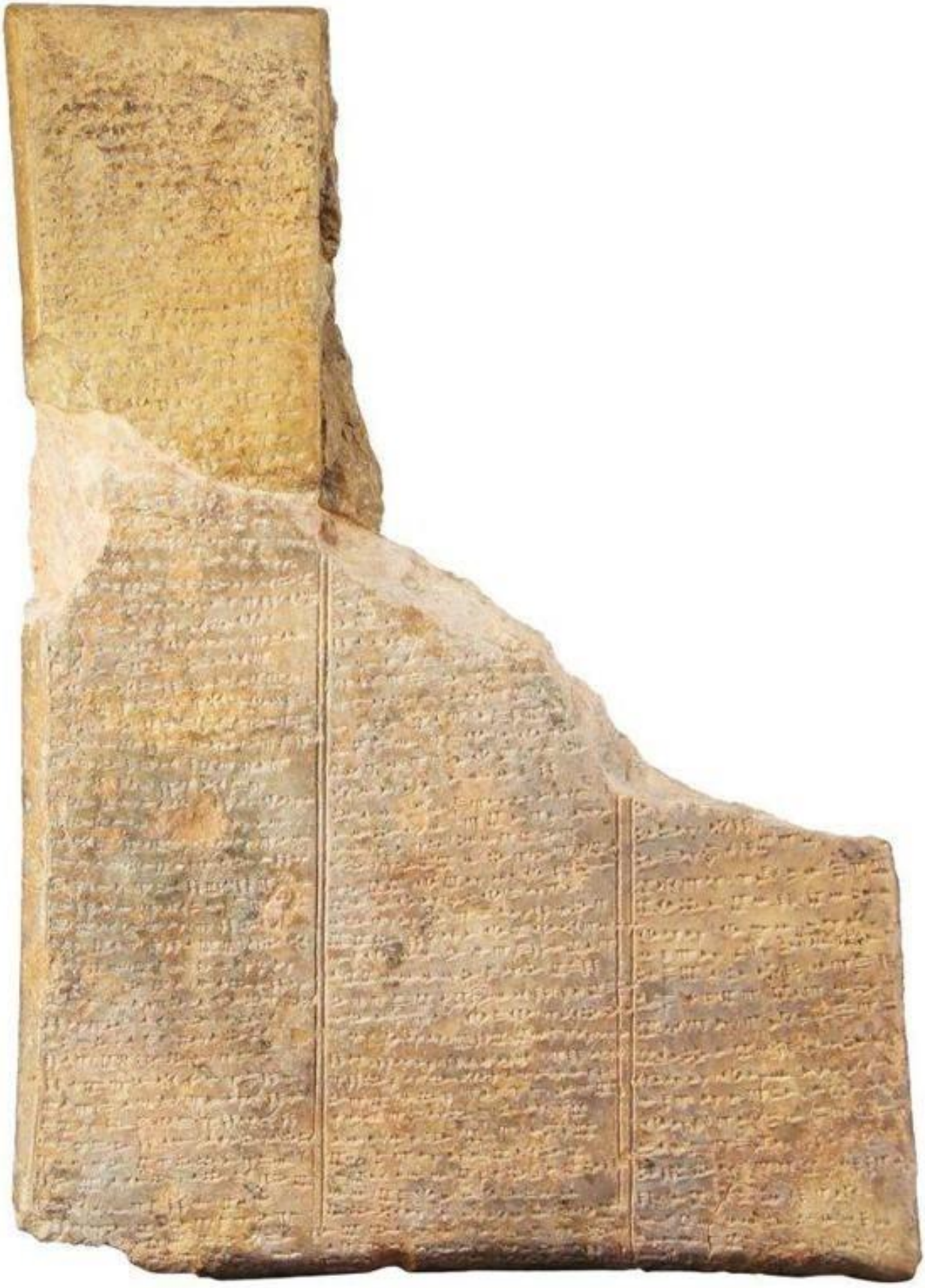
- Bildad descarta Jó como falando bobagens.
- Bildad insiste que os ímpios estão sempre a um passo da calamidade.
- Bildad não oferece nenhuma esperança para Jó no passado ou no futuro.
- O ponto de vista de Bildad marginaliza a atividade de Deus em seu mundo.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** A segunda resposta de Bildad a Jó, neste capítulo, ecoa muitos dos pontos levantados por Elifaz em seu segundo discurso, em Jó 15. Como um pensador teórico, Bildad vê a situação de Jó como um estudo de

caso genérico de retribuição, não como a tragédia única e pessoal que é. O pensamento rígido de Bildad, portanto, lhe deixa pouco espaço para encorajar Jó. Bildad começa com uma forte réplica contra Jó (18:1-4), rejeitando como absurdo o que Jó disse. A maior parte do discurso de Bildad (18:5-21) é uma palestra; ele afirma que o mundo funciona como uma máquina na qual a maldade é sempre julgada por Deus. Nesse discurso, Bildad considera apenas o lado negativo do princípio da retribuição, de que coisas ruins acontecem com pessoas ruins. Sem dúvida, ele acredita que o lado positivo da equação, que Deus abençoa aqueles que são justos, é irrelevante para a situação de Jó. No terceiro ciclo, Bildad falará apenas brevemente (25:2-6), de modo que o capítulo 18 constitui a principal declaração de sua posição.

**Contexto histórico e cultural** Em 18:13–14, Bildad usa duas vezes descrições que lembram o deus cananeu Mot. Ao aludir à debilitante doença de pele de Jó, Bildad fala do primogênito da morte devorando os membros da pessoa má (18:13). Na literatura cananeia, Mot é o deus do submundo, que tem um apetite voraz por humanos. No contexto de Jó 18, o termo "primogênito" poderia se referir à doença, mas é mais provável que fale do status exaltado de Mot como o deus da morte (contraste com Cristo, que é descrito como "o primogênito sobre toda a criação" em Cl 1:15). Mot também é descrito como o rei dos demônios que traz dor aos vivos (cf. 18:14).[29º]



Em Jó 18, Bildad usa descrições que lembram o deus cananeu Mot. O Baal Epic, no tablet mostrado aqui, conta a história da morte de Baal e sua vitória sobre Mot.

**Insights interpretativos 18:2** *Quando você terminará esses discursos?* Jó terminou seu discurso anterior, no capítulo 17, com uma lista de perguntas retóricas, e Bildad abre seu segundo discurso da mesma maneira. Mais uma vez, também, o orador começa com uma enxurrada verbal de insultos (cf. Elifaz em 15:2-3 e Jó em 16:2-3). Bildad acusa Jó (ou talvez os outros amigos, porque "você" é plural) de ter jogado jogos de palavras inteligentes em vez de entrar em um debate sério. Ao instar Jó a ser sensato, Bildad implica que as palavras de Jó são absurdas e que, portanto, não há motivos razoáveis para conversar com ele. É evidente que, a essa altura, todos os oradores estão frustrados, enrolados e ineficazes uns com os outros.

**18:4** *A terra deve ser abandonada por tua causa?* Agora usando os pronomes singulares e distorcendo as palavras anteriores de Jó em 14:18 e 16:9, Bildad erroneamente retrata Jó como insistindo que a ordem moral de Deus deve ser derrubada apenas para ele. De acordo com Bildad, Jó sustenta que todos os outros estão errados, e apenas ele está certo, fazendo-o soar como uma criança petulante que exige seu próprio caminho. Ele vê Jó como consumido por suas emoções raivosas em vez de pensar na questão razoavelmente.

**18:5** *A lâmpada de um homem mau é apagada.* No sistema de pensamento de Bildad não há espaço para ambiguidades ou exceções. Pelo contrário, a vida é completamente previsível, porque a maldade é sempre punida sem falhas (Cf. Sl 1,6; Prov. 12,21). O fato de que Deus não é mencionado até o versículo 21, e então apenas de passagem, sugere que Bildad vê a fórmula de retribuição como uma lei natural inflexível, muito parecida com a lei da gravidade. Da perspectiva de Bildad, Deus pôs em movimento o universo moral, e agora ele procede pelo princípio da retribuição, quase como uma máquina sem intervenção divina.

**18:6** *A luz em sua tenda torna-se escura.* Bildad usa a imagem da vida como uma tenda em 8:22, e ele se referirá a ela novamente em 18:14, 15. Como Bildad continua a usar a mesma metáfora, o leitor se pergunta se ele realmente ouviu algo que Jó disse no intervalo, ou se Bildad apenas esperou impaciente e desatento até que fosse sua vez de falar novamente. No livro de Jó, a luz muitas vezes se refere à vida e as trevas à morte (3:5; 10:21; 17:13). Os ímpios serão conduzidos da luz para as trevas, isto é, da vida para a morte

(18:18). Esta é a única possibilidade no mundo arrumado de Bildad, que é impulsionado pela fórmula da retribuição.

### Fogo e enxofre

A linguagem gráfica de Bildad lembra a descrição da destruição de Deus das cidades iníquas de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19:24, 28, bem como as previsões dos julgamentos escatológicos em Ezequiel 38:22 e Apocalipse 9:17–18; 14:10. A queima de enxofre, ou enxofre, produziu devastação total e catastrófica que deixou esterilidade de longo prazo na terra. Por esta razão, às vezes era usado por exércitos antigos para destruir a capacidade de reconstrução de uma cidade vencida. Portanto, fogo e enxofre se tornaram um clichê para um agente de destruição total.

**18:8–10** *Seus pés o empurraram para uma rede.* Bildad continua a enfatizar que não há como os ímpios evitarem a justa retribuição pelo pecado. Nos versículos 8–10, seis termos diferentes para armadilha são usados. Essa concentração de linguagem semelhante indica que, onde quer que os ímpios vão, eles estão a um passo de serem pegos e enredados em uma armadilha que eles não podem prever. Não há como evitar o julgamento que seu pecado merece. Para Bildad, o julgamento pelo pecador é completamente previsível.

**18:14** *Ele é arrancado da segurança de sua tenda.* Pegando sua referência à tenda dos ímpios no versículo 6, Bildad continua no versículo 14 para dizer que a pessoa ímpia é arrebatada da suposta segurança da morada dessa pessoa. Ao longo deste extenso poema em 18:5–21, Bildad alude repetidamente aos detalhes da calamidade de Jó, e os conecta com as consequências destrutivas que chegam aos ímpios. Bildad claramente insinua que o pecado de Jó desencadeou as calamidades que ele experimentou. Para o pensamento de Bildad, Jó está recebendo apenas o que seu pecado merece.

**18:15** *enxofre ardente está espalhado sobre sua morada.* Veja a barra lateral, "Fogo e Enxofre."

**18:17–19** *A lembrança dele perece da terra.* Bildad diz que os ímpios morrerão e serão esquecidos. Eles não têm descendentes físicos (18:19), descendentes que poderiam fornecer um futuro biológico para eles. No Antigo Testamento, a esterilidade ou a morte sem descendentes sobreviventes era considerada uma dor profunda (cf. os gritos angustiados de Raquel em Gênesis 30:1 e Ana em 1 Sam. 1:11-16). Aqueles que não tinham posteridade

física para carregar seu nome recorreram a outros meios para obter alguma forma de imortalidade social. Por exemplo, Absalão constrói um monumento pelo qual ele pode ser lembrado (2 Sam. 18:18). No Salmo 49:11 os ricos chamam suas terras de seus próprios nomes. Bildad nesta passagem conclui que os ímpios ficam sem futuro, porque ninguém se lembra deles (18:17) e eles não têm descendência para sobreviver a eles (18:19).

**18:21** *tal é o lugar de quem não conhece a Deus.* A única referência de Bildad a Deus neste discurso vem em sua última palavra. Este mero aceno passageiro a Deus sugere que Bildad construiu um sistema deísta que funciona mecanicamente, e no qual Deus não intervém ativamente para alterar a fórmula de retribuição. No mundo completamente previsível de Bildad, a justiça requer a punição dos ímpios, e a adversidade é uma prova positiva de que uma pessoa é pecadora. O sistema de pensamento de Bildad é tão rigidamente dogmático que nenhuma exceção é considerada, de modo que a perspectiva de um homem justo sofrer o que Jó sofreu é descartada por definição. Em vez de ver a situação de Jó pelo que ela realmente é, o caso de um homem justo sofrendo uma terrível calamidade, Bildad insiste em ver Jó em termos estereotipados que se encaixam em sua fórmula de retribuição.

**Insights teológicos** Em Jó 18, Bildad retrata em termos vívidos o triunfo da morte sobre a maldade dos humanos. No contexto mais amplo da Bíblia, no entanto, a morte não dá a resposta final, porque tanto o Antigo Testamento (Is. 25:8) quanto o Novo Testamento (1 Coríntios 15:50-57; Ap 21:4) prometem que a própria morte será derrotada pelo Senhor. A morte, que entrou na experiência humana devido à desobediência de Adão e Eva (Gn 3), acabará por ser vencida em virtude da morte e ressurreição substitutivas do Filho de Deus. Enquanto Bildad fala confiantemente com Jó neste capítulo, ele não consegue entender como o que Jó está experimentando se encaixa na narrativa maior de redenção de Deus.

## Ensinando o texto

Quando Bildad apresenta seu segundo discurso, é evidente que seu sistema teológico não deixa espaço para uma pessoa justa sofrer como Jó. Bildad pensa em categorias claramente definidas, em preto e branco. Para seu modo de pensar, o princípio da retribuição é uma fórmula fixa que sempre se aplica em todas as situações. Assim, as pessoas más sempre recebem a adversidade, e a

adversidade só vem sobre as pessoas más. Para Bildad, Jó é simplesmente outro caso que pode ser facilmente categorizado.

Bildad usa uma linguagem poética para desenhar um retrato de uma pessoa perversa que está sempre a um passo da calamidade em um mundo governado pela retribuição. Usando uma variedade de termos que descrevem diferentes tipos de armadilhas, Bildad indica que para os ímpios é apenas uma questão de tempo até que seu pecado seja punido como eles merecem. A questão não é *se* eles receberão punição, mas apenas *quando* isso os ultrapassará. Obviamente, Bildad acha que Jó já foi preso por causa de seu pecado.



Bildad usa as imagens de vários dispositivos de armadilha para descrever o destino dos ímpios. Este relevo assírio mostra veados sendo presos com uma rede. Do lado direito, junto ao caçador assírio, um cervo ficou enredado em sua malha (palácio em Nínive, 645-635 a.C.).

Bildad não oferece a Jó nenhuma esperança para o presente ou para o futuro. Aludindo cruelmente à destruição dos filhos de Jó, Bildad insiste que os ímpios não têm futuro, nem biológica nem socialmente. Jó não terá a

alegria dos filhos para sobreviver a ele, e nem os outros se lembrarão dele depois de sua morte. Jó, então, fica sem esperança à qual possa se agarrar. A primeira regra para confortar os outros é dar-lhes motivos de esperança. Bildad é um exemplo vívido de como *não* proporcionar conforto a uma pessoa com dor.

Ao longo de seu discurso, Bildad não fala de Deus até que finalmente o mencione em sua última palavra. Esse padrão verbal no discurso de Bildad é paralelo à maneira como Bildad marginaliza a atividade de Deus no mundo. Bildad descreve com confiança como o mundo funciona de acordo com uma fórmula rígida de retribuição que continua a funcionar quase como uma máquina. À fórmula de retribuição de Bildad que continua a funcionar quase como uma máquina. Para o pensamento de Bildad, Deus iniciou um sistema que passa a funcionar como um relógio sem qualquer intervenção de Deus. O que Bildad apresenta como se fosse uma lei imutável está muito longe do que o prólogo indica sobre o governo ativo de Javé sobre seu mundo. Para as pessoas piedosas e sofridas, o cuidado providencial do Senhor é o terreno para uma esperança confiante, mesmo quando tudo parece sem esperança. A contínua superintendência de Deus sobre o mundo está muito longe da posição de Bildad que relega Deus aos cantos da vida, quando na verdade ele opera todas as coisas de acordo com seu plano, embora esse plano seja muitas vezes inescrutável para os humanos.

## Ilustrando o texto

***Os cristãos não são poupados do sofrimento; argumentar o contrário não é bíblico.***

Filme: ***Indiana Jones e a Última Cruzada*****.** A imagem de Bildad das armadilhas que ameaçam a pessoa perversa pode ser ilustrada por *Indiana Jones e a Última Cruzada* (1989), em que Indiana Jones (interpretado por Harrison Ford) tem que tomar decisões perfeitas sobre onde pisar ao se aproximar do Santo Graal. Mesmo o menor passo em falso trará sua morte imediata. Tais representações não são reconfortantes para um amigo que sofre adversidades.

***Deus é um Deus pessoal envolvido em nossas vidas, ao contrário do retrato de Deus de Bildad.***

Literatura: ***Tess dos D'Urbervilles*****, de Thomas Hardy.** Hardy apresenta uma visão deísta e naturalista implacável em todos os seus romances, uma versão totalmente desenvolvida do que Bildad retrata. Nesta obra literária, Tess está condenada por uma noção impessoal de justiça que não considera quaisquer

atenuantes em sua experiência (sua juventude, seu estupro). O destino parece movê-la implacável e cruelmente para o seu fim. Ela diz a certa altura: "Você, e aqueles como você, tomam seu máximo de prazer na terra, tornando a vida de tais como eu amarga e negra de tristeza; e então é uma coisa boa, quando você já se cansou disso, pensar em garantir seu prazer no céu convertendo-se!"[30º]

Poesia: **"Aflição (IV)", de George Herbert.** Em um poema maravilhoso chamado "Affliction (IV)", o poeta metafísico britânico e amado pastor George Herbert (1593-1633) escreveu as seguintes linhas indicando sua confiança no envolvimento de Deus até mesmo com o sofrimento mais profundo. Estes são os dois últimos versos do poema:

> Oh socorro, meu Deus! não deixe o seu enredo
> Matem-nos e a mim,
> E também tu,
> Quem arte a minha vida: dissolver o
> nó, como o sol espalha pela sua
> luz todas as rebeliões da noite.
>
> Então os poderes, que trabalham para o luto,
> Introduza o teu salário,
> E dia a dia
> Trabalhai o teu louvor e o meu alívio;
> Com carinho e coragem me construindo,
>
> Até que eu chegue a ti e muito mais.[31º]

Geografia: O versículo 15 poderia ser ilustrado por meio de uma fotografia ou descritor. O local tradicional de Sodoma e Gomorra ao longo da costa do Mar Morto é até hoje inabitável, como as imagens da região demonstram claramente.



Aqui é mostrado o local conhecido como Bab edh Drha, um possível local da antiga Sodoma.

29. Clines, *Jó 1–20*, 416–19, elucida o antigo contexto do Oriente Próximo para a referência à morte em Jó 18:13–14.

30. Hardy, *Tess dos D'Urbervilles*, 323.

31. Herbert, "Aflição (IV)", linhas 19–30.

# Emprego 19

# A esperança de Jó contra a esperança

## Grande ideia *Em uma situação que parece sem esperança, Jó mantém um raio de esperança em Deus.*

## Temas-chave do trabalho 19

- Jó sente-se humilhado pelos amigos.
- Jó percebe que Deus o aflige injustamente.
- Jó é tratado com desprezo por sua comunidade.
- Jó antecipa um defensor legal que lhe permitirá ver a Deus.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** No capítulo 19, Jó responde ao segundo discurso de Bildad. Jó usa uma mistura de lamento e linguagem legal para expressar o quão abandonado ele se sente por seus amigos (19:1-6), por Deus (19:7-12) e por toda a gama de pessoas em sua comunidade (19:13-19).Nos versículos finais do capítulo, Jó implora a seus amigos por compaixão (19:20-22), ele articula sua esperança de que um redentor assuma sua causa (19:23-27) e adverte seus amigos que eles terão que enfrentar o julgamento de Deus (19:28-29). Jó expressa alguma tênue esperança em Deus, embora sua emoção predominante neste momento seja a desesperança. Somente depois que

Javé falar com ele nos capítulos 38–41 a esperança de Jó encontrará seu cumprimento.

**Contexto histórico e cultural** Em Jó 19:25 "redentor" é uma tradução da palavra hebraica *go'el*. Este termo foi usado na literatura jurídica do Antigo Testamento para se referir a um parente próximo que foi chamado para desempenhar vários papéis importantes. Se um membro da família foi forçado à escravidão devido a dívidas, o *go'el* era responsável por pagar a dívida e libertá-lo (Lv. 25:47-48). O *go'el* também foi obrigado a remover uma hipoteca da propriedade de um parente (Lv. 25:25), a se casar com uma viúva sem filhos e produzir um herdeiro para o falecido (Rute 4:3-5), e a vingar a morte de um parente que havia sido morto injustamente (Nm 35:12). Além disso, o *go'el* provavelmente serviu como advogado de seu parente.O termo passou a ser aplicado figurativamente a Javé quando ele libertou o povo de Israel da escravidão no Egito (Êx. 6:6) e, mais tarde, de seu cativeiro babilônico (Is. 49:7-9).

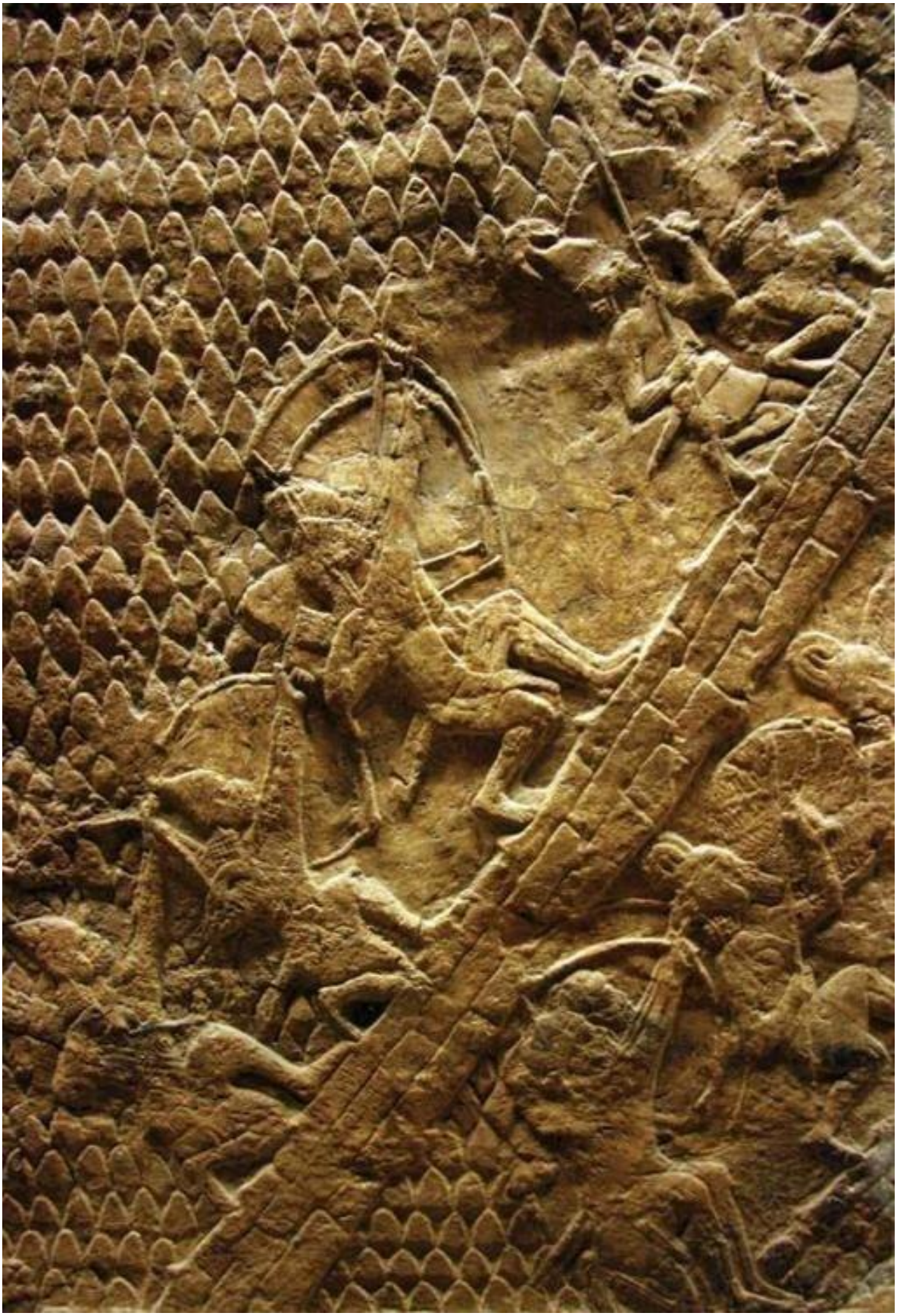
**Insights Interpretativos 19:2–3** *Até quando você vai me atormentar?* Com essas palavras, Jó ecoa as perguntas iniciais de Bildad em 8:2 e 18:2. Jó, no entanto, usa a forma plural de "você" para indicar que está reclamando contra todos os amigos. Usando o número redondo "dez" para se referir a um número indefinido, mas grande (19:3; cf. Gn 31:7), Jó os acusa de repetidamente magoá-lo e humilhá-lo pelo que disseram e como falaram. Jó já foi quebrado por sua calamidade, e agora ele também se sente esmagado por suas palavras descaradas. Ele não tem mais paciência para esses amigos decepcionantes.

**19:4** *Meu erro continua sendo minha preocupação somente.* Jó sugere que os amigos falem como se ele os tivesse ofendido. Usando linguagem hipotética em vez de admitir qualquer pecado, Jó insiste que se ele cometeu um erro menor e inadvertido (cf. Lev. 5:18; Nm 15:28), não o tipo de crime hediondo e intencional que o acusaram de cometer, então seria uma questão apenas entre Deus e ele. Os amigos não têm legitimidade para processá-lo como fizeram. No entanto, eles estão se intrometendo onde não pertencem. Jó tanto quanto diz a eles para cuidar de seus próprios negócios e deixá-lo em paz.

**19:6–7***, então, saiba que Deus me fez mal.* Neste capítulo, Jó se sente injustiçado tanto por seus amigos (19:3) quanto por Deus (19:6). Rejeitando a implicação anterior de Bildad de que Deus não perverte a justiça (8:3), Jó percebe que Deus está quebrando suas próprias regras justas na forma como trata Jó. Apesar do grito de indignação de Jó (19:7), Deus parece se esquivar

de absolver Jó, e ele mantém Jó pendurado para uma resolução para seu caso. Em suma, aos olhos de Jó, Deus falhou em dar-lhe um julgamento justo.

**19:8–12** *Ele bloqueou meu caminho para que eu não pudesse passar.* Em linguagem pitoresca e vívida, Jó reclama que Deus o tratou como se fosse um inimigo (19:11). Em vez de vingar Jó, Deus trabalhou contra ele de várias maneiras. Deus não o deixará escapar, mas ele impede a fuga de Jó (19:8). Isso é o oposto da proteção divina em torno de Jó que o adversário reclamou em 1:10. Deus também removeu a honra de Jó (19:9), em contraste com o lugar exaltado dos humanos no Salmo 8:5. Em suma, Jó sente como se estivesse sob um ataque frontal dos exércitos em massa de Deus, que o ameaçam tanto que ele não tem esperança de sobrevivência (19:12).



Jó sente como se Deus o estivesse tratando como inimigo, enviando tropas e construindo rampas de cerco (19:12). Nesta parte do relevo assírio mostrando o ataque à cidade israelita de Laquis, soldados assírios estão avançando por uma rampa de cerco (palácio de Senaqueribe, 700-692 a.C.).

## "Eu Sei Que Meu Redentor Vive"

Este versículo é tanto o mais familiar quanto o mais debatido no livro de Jó, e a capitalização de "Redentor" em muitas traduções em inglês (por exemplo, ESV, NASB, NKJV) só aumenta os desafios interpretativos. Muitas pessoas tomaram esse versículo, juntamente com 9:33–34; 16:19–21; e 33:23–28, como uma referência messiânica a Cristo. No entanto, a teologia do Novo Testamento que é frequentemente lida nesta referência ainda não foi revelada no momento da escrita do livro de Jó. Além disso, o redentor (*go'el*) aqui provavelmente não tem o senso de libertação da escravidão ao pecado como em Romanos 3:24, mas tem um senso mais amplo de resgate do mal, como em Salmos 103:4 e 107:2-3.Em meio à sua desesperança, Jó tem aqui um vislumbre de esperança, muito parecido com a confissão de confiança que muitas vezes emerge em meio aos salmos de lamento.[a] O redentor que Jó imagina levantar-se-á para defendê-lo (cf. 16, 19). Este defensor legal assumirá a causa de Jó mesmo após sua morte, e por causa disso Jó se sente seguro de que ele acabará sendo vingado. Jó não tem clareza sobre quem será seu redentor, mas tem confiança de que alguém se levantará para defendê-lo finalmente.

um

Estes, *Handbook*, 165–69, discute os salmos de lamento e como a confiança emerge do contexto da adversidade do salmista.

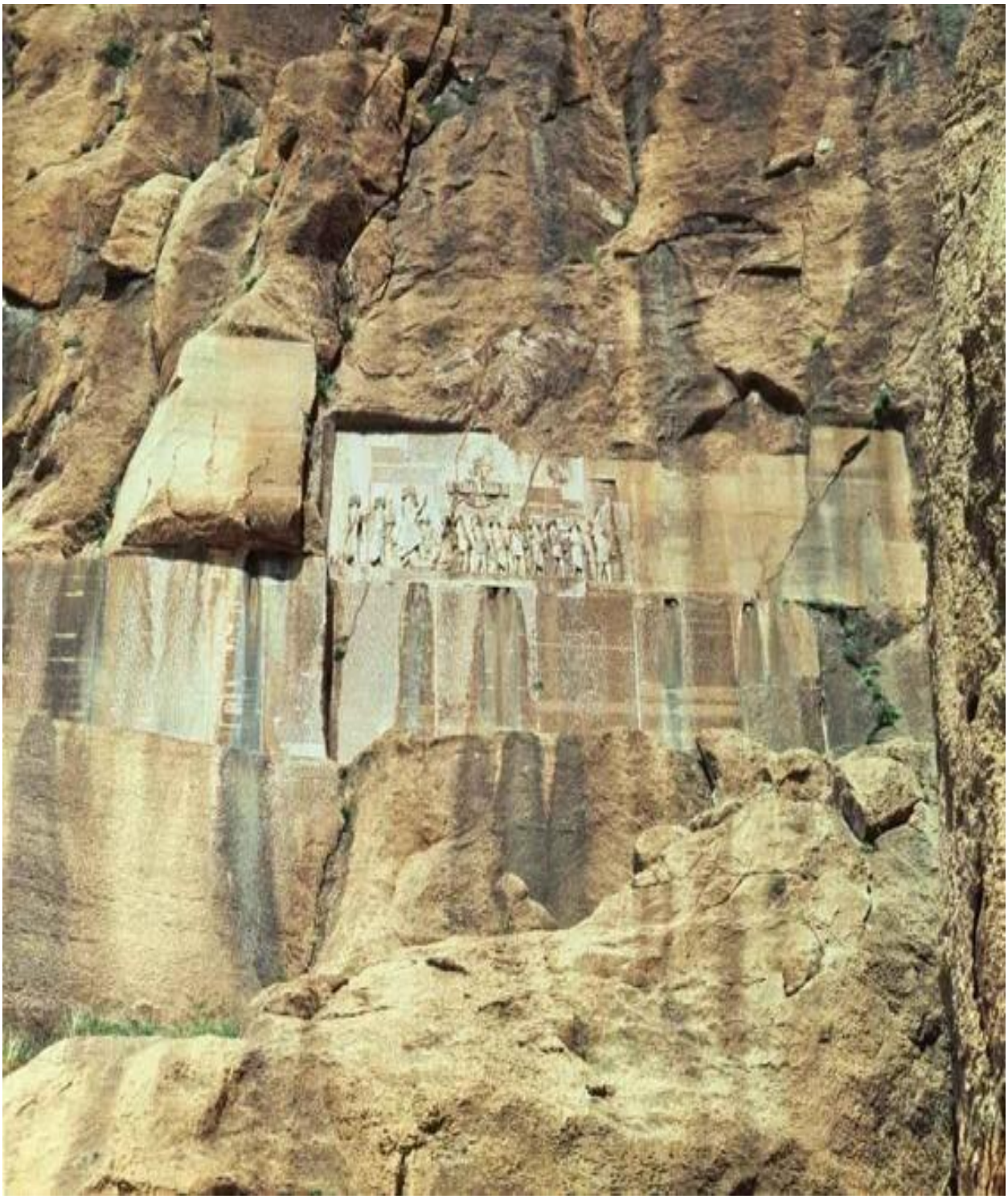
**19:13–19** *Ele alienou minha família de mim.* Em 19:13–19, Jó reflete o profundo e generalizado isolamento social que está sentindo. Ao citar doze indivíduos ou grupos de pessoas, Jó indica que seu senso de comunidade foi totalmente quebrado à medida que seu mundo social entrou em colapso. Seus parentes e amigos o abandonaram (19:13-14). Em vez de tratar Jó com respeito e obediência ávida (Sl 123,2), seus servos o ignoram (19,15-16). Sua família imediata o considera repulsivo (19:17). Até mesmo os meninos de sua sociedade o ridicularizam (19:18), e seus amigos mais próximos o detestam (19:19). Jó sente que todos aqueles de quem ele pensava que poderia depender se voltaram contra ele.
Consequentemente, ele é deixado sozinho como um pária social para enfrentar sua grande adversidade.

**19:21–22** *Tende piedade de mim, meus amigos, tende piedade.* Com essas palavras patéticas, Jó chama seus amigos a agirem como verdadeiros camaradas, sendo compassivos com ele. Apesar de tudo o que lhe disseram e

fizeram, Jó ainda olha para eles com esperança. Ele pergunta por que eles se uniram a Deus para persegui-lo (19:22). Jó se vê atingido pela mão de Deus, então ele precisa que seus amigos estejam ao lado dele, não contra ele.

**19:23–24** *Oh, que minhas palavras foram registradas!* Jó insiste que ele é inocente,

mas ele não tem expectativa de que alguém se levante com ele em sua defesa (19:13-22). Sentindo que poderia muito bem perder essa disputa legal porque o baralho parece estar empilhado contra ele, Jó anseia por um registro permanente que possa testemunhar para sempre seu personagem. Ele não quer que a justiça morra com ele; em vez disso, ele quer que sua pretensão continue falando mesmo depois de sua morte.



Jó deseja que suas palavras possam ser registradas em um pergaminho ou gravadas em rocha, onde permaneceriam para sempre (19:23). A Inscrição Behistun, mostrada aqui, foi uma tentativa do rei Dario, o Grande, de ter suas vitórias lembradas para sempre. Depois que o relevo e a inscrição foram esculpidos, a face do penhasco foi cortada (Bisitun, Irã, 520–519 a.C.).

**19:25** *Sei que meu redentor vive.* Veja a barra lateral.

**19:26–27** *ainda em minha carne verei a Deus.* A esperança de Jó, no entanto, não é apenas para o futuro. Aqui, Jó pode muito bem estar pensando, ou pelo menos desejando, que, depois de seu severo sofrimento, Deus intervirá em seu favor para restaurá-lo durante sua vida na terra (Sl. 27,13). De fato, em 42:5 Jó finalmente consegue ver Javé e ele recebe a restauração pela qual ansiava, incluindo o pronunciamento legal de Deus de sua inocência (42:7-8). Como a linguagem de Jó fala sobre ver a Deus depois que sua pele foi destruída, muitos tomaram este versículo como uma antecipação do Antigo Testamento da ressurreição pessoal do cristão, mas isso provavelmente está adicionando muito ao que o próprio Jó quer dizer.

**Insights teológicos** Jó 19:25 pode ser o versículo mais conhecido do livro de Jó, mas muitas vezes tem sido lido através das lentes da doutrina da ressurreição do Novo Testamento, mais famosa na ária de Händel em seu oratório *Messias*. O conteúdo do livro de Jó torna altamente improvável que Jó esteja aqui pensando em ressurreição no fim dos tempos, porque isso só seria revelado por Deus muito mais tarde na história. Da mesma forma, somente no Novo Testamento o conceito de redenção seria desenvolvido para falar do que Cristo realizou para os seres humanos como a provisão divina para a justificação dos pecadores (Rm 5:8-9); como o último redentor para os seres humanos pecadores, Cristo é capaz de suplicar com sucesso por eles sobre os méritos de sua própria expiação substitutiva perfeita pelo pecado.

## Ensinando o texto

O livro de Jó terminará com uma nota otimista quando Javé falar com Jó nos capítulos 38–41 e, em seguida, restaurá-lo a um lugar de bênção no capítulo 42. Neste ponto da história, no entanto, Jó é quase consumido por um sentimento de desesperança. Para onde quer que olhe, encontra motivos de sobra para desistir. A maioria das pessoas nesse tipo de situação traumática abandonaria toda a esperança, mas mesmo quando tudo parece sem esperança, Jó mantém um raio de esperança que o sustenta. Embora uma análise cuidadosa de Jó 19 em seu contexto não apoie a leitura como uma referência à ressurreição e ao julgamento final de Cristo, no entanto, Jó, com a revelação limitada disponível para ele, é capaz de continuar esperando que ele verá Deus, ou seja, que ele será restaurado para favorecer com Deus.

As tentativas equivocadas dos amigos de Jó de explicar por que Jó está sofrendo são imprecisas e insensíveis. Como resultado, Jó não sente conforto deles, mas sim humilhação. Suas palavras esmagam Jó à medida que os amigos se tornam mais duros e estridentes em suas acusações. Ao falar além do que realmente entendem, os amigos só aumentam a dor profunda que Jó está sentindo. Ele reclama que eles estão entrando onde não pertencem e falando de maneiras que não o ajudam.

Ainda mais preocupante para Jó é sua sensação de que Deus o está tratando injustamente. Jó não consegue compreender por que Deus traria adversidades para sua vida e depois se recusaria a responder às suas queixas. Jó clama pela justiça de Deus, mas tudo o que recebeu de Deus foi silêncio. Da perspectiva de Jó, parece que Deus enviou seus exércitos para sitiá-lo como inimigo. Tudo isso está além do que Jó pode entender. Não se encaixa no sistema teológico de retribuição que Jó anteriormente considerava verdadeiro. Não faz sentido para ele que Deus o trate como se fosse mau, quando Jó sabe em seu coração que ele é inocente diante de Deus.

Enquanto Jó descreve seu tratamento por várias pessoas em sua comunidade, toda a gama de seu isolamento social entra em foco. Ele é afastado de seus parentes, esquecido por seus amigos, ignorado por seus servos, ofensivo para sua esposa e irmãos, e ridicularizado até mesmo pelos meninos da cidade. Física e emocionalmente, Jó é reduzido a pele e ossos, e ele precisa desesperadamente de compaixão humana. Apesar da aparente desesperança de sua situação, Jó é capaz de imaginar um futuro desejável pelo qual ele pode esperar, mesmo que vagamente. Ele afirma que sabe que alguém se levantará como seu defensor legal. Ele não consegue identificar quem será esse defensor, mas está confiante de que, depois da profunda adversidade que destruiu sua vida, ele finalmente verá a Deus e será restaurado para favorecer o Senhor, que parecia abandoná-lo. Esta é a esperança de Jó contra a esperança que o sustenta nos dias mais profundos de sua adversidade. Enquanto isso, Jó terá que esperar, colocando a si mesmo e sua causa nas mãos de Deus. Nisto, Ele nos serve de exemplo hoje, pois devemos esperar no Senhor enquanto suportamos as nossas adversidades (Cf. Sl. 27, 14; Is. 40, 31).

# Ilustrando o texto

***Como Jó, podemos nos sentir injustiçados por Deus quando passamos por adversidades.***

Hino: **"Como as horas são tediosas e insípidas", de John Newton.** Este hino foi escrito por Newton (1725-1807), que talvez seja mais conhecido por seu hino "Graça incrível." O que se segue são os primeiros e últimos versos da canção. Frank Boggs, um músico tradicional, fez uma gravação maravilhosa desta canção.

> Que tediosas e insípidas as horas,
> Quando Jesus eu não vejo mais;
> Doces perspectivas, doces pássaros e doces flores,
>
> Todos perderam a doçura para mim;
> O sol do meio do verão brilha, mas
> escurece, Os campos se esforçam em
> vão para parecer gay.
> Mas quando estou feliz nele, dezembro
> é tão agradável quanto maio.
>
> Querido Senhor, se de fato eu sou Tua,
> Se tu és o meu sol e o meu canto,
> Diga, por que definhar e pinho?
> E por que meus invernos são tão longos?
> Ó expulsar estas nuvens escuras do céu,
> Tua alma aplaudindo a presença
> restaura; Ou leva-me a ti lá no alto,
> Onde o inverno e as nuvens não existem mais.

***Devemos olhar além do presente para um futuro esperançoso, baseado em nosso conhecimento de Deus.***

Autobiografia: ***O Esconderijo*, de Corrie ten Boom.** Ten Boom (1892-1983) conta a história de como sua irmã Betsie foi capaz de manter a esperança em Deus enquanto sofria privações inimagináveis em um campo de concentração alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Betsie, nunca forte na saúde, ficou cada vez mais fraca e morreu no campo em 16 de dezembro de 1944. Algumas de suas últimas palavras a Corrie olharam para o futuro: "Devemos dizer a eles o que aprendemos aqui. Devemos dizer-lhes que não há poço tão profundo que Ele não seja ainda mais profundo. Eles vão nos ouvir, Corrie, porque estivemos aqui."[32º]

Filme: ***O Fugitivo*.** Este filme de suspense (1993), estrelado por Harrison Ford e Tommy Lee Jones, é baseado na série de televisão de mesmo nome. Nesta história, um proeminente médico foi injustamente acusado e condenado pelo

assassinato de sua esposa. Escapando de seus captores, ele é perseguido incansavelmente. Ele mantém um senso de esperança e resistência que o ajuda a permanecer vivo, escapar de seus acusadores e, finalmente, trazer justiça. Essa esperança é baseada nos fundamentos sólidos de sua inocência e na profunda crença de que ele será capaz de provar essa inocência a seus perseguidores, um feito que ele realiza. Essa esperança o mantém calmo e focado.

História: **Monumento Nacional da Estátua da Liberdade.** O desejo de Jó de que suas palavras sejam inscritas permanentemente pode ser ilustrado pelo memorável poema de Emma Lazarus inscrito em uma tábua na base da Estátua da Liberdade na Ilha Ellis. Algumas das famosas palavras dessa inscrição diziam: "Dá-me o teu cansaço, o teu pobre, / Tua massa amontoada ansiando por respirar livre". Assim como as palavras de Jó "Eu sei que meu Redentor vive" se tornam o grito de guerra de sua vida, um grito baseado no que ele sabia sobre Deus, também as palavras de Emma Lazarus, baseadas nos objetivos declarados de uma nação, deram esperança a milhões de imigrantes.



[32]. Ten

Boom, *Esconderijo*, 217.

## Emprego 20

# As Palavras Finais de Zophar para Jó

## Grande Ideia *Zophar insiste que Deus sempre pune os ímpios.*

## Temas-chave do trabalho 20

- Zophar afirma que os pecadores experimentam, na melhor das hipóteses, apenas alegria
- temporária.
- Zophar afirma que aqueles que são orgulhosos serão humilhados por Deus.
- Zophar prevê que os apetites dos humanos pecadores levarão à sua ruína.

Zophar não deixa espaço para Jó esperar qualquer coisa além do julgamento divino.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em Jó 20, Zophar fala com Jó pela segunda e última vez, porque no terceiro ciclo Zophar opta por não respondê-lo. Portanto, este capítulo constitui a resposta final de Zophar ao seu amigo. Inúmeras vezes ele alude a detalhes nos discursos anteriores de Jó, muitas vezes tentando virar as palavras de Jó contra ele, mas em particular Zophar responde indignado à repreensão de Jó em 19:28-29. No entanto, ele descarta o que Jó diz em vez de realmente interagir seriamente com os pontos que ele levantou. Para Zophar, não há espaço para uma exceção à fórmula de retribuição, como Jó afirma ser. Zofar insiste que o orgulho dos ímpios será humilhado (20:1-11), o apetite dos ímpios os destruirá (20:12-23), e a destruição dos ímpios é certa (20:24-29). Considerando apenas o lado negativo do princípio da retribuição (cf. Elifaz em 15:17-35 e Bildad em 18:5-21), Zophar afirma que é uma lei fixa pela qual Deus sempre decreta julgamento sobre os humanos ímpios.

**Contexto histórico e cultural** Quando Zophar descreve o julgamento de Deus como uma "flecha com ponta de bronze" (20:24), ele alude a uma das principais armas do antigo guerreiro. Para o combate corpo a corpo, a espada e o punhal foram usados, e no médio alcance a lança foi a primeira escolha. Mas para causar um impacto de longo alcance, o guerreiro empregaria um arco e flechas (ver Sl. 127:4–5 para um uso metafórico dessa imagem para falar do efeito que um pai pode ter através de seus filhos).[33] Uma arma feita de bronze seria especialmente letal. Embora Zophar fale especificamente de um arco de bronze, que seria pesado e rígido demais para lançar flechas com força potente, muitas traduções parafraseiam a expressão para fazê-la se referir a uma flecha que foi equipada com uma cabeça de bronze.



Em 20:24, Zophar descreve o julgamento de Deus como uma "flecha com ponta de bronze". No antigo Israel, as pontas de flecha eram feitas de sílex, osso ou metal. Aqui são mostradas pontas de flechas de bronze encontradas durante as escavações da cidade de Davi em Jerusalém (séculos IX a VIII a.C.).

**Insights interpretativos 20:3** *Ouço uma repreensão que me desonra.* Quando os primeiros versos de cada discurso no livro de Jó são examinados, parece que todos os falantes têm uma pele fina. Acham fácil desmentir insultos, mas queixam-se de serem desonrados quando alguém lhes diz o mesmo tipo de coisas. Seu elevado senso de honra e vergonha não lhes permite aceitar

uma repreensão silenciosa ou graciosamente. Como resultado, à medida que o livro avança, o tom da conversa degenera rapidamente em maldade e ridículo. Nesta passagem, Zophar parece muito mais preocupado com seu próprio ego ferido do que com a dor e humilhação dolorosas de Jó.

**20:4–5** *A alegria dos ímpios é breve.* Zophar não pode tolerar nem mesmo o raio cintilante de esperança que Jó expressa no capítulo 19. Procurando extinguir o que ele considera otimismo injustificado, Zophar insiste que qualquer felicidade que os ímpios desfrutam é, na melhor das hipóteses, temporária. Na visão de Zofar, os ímpios sempre morrem jovens, não cheios de dias (mas contrastam com a longa vida de Jó em 42:17). Zophar assume que a fórmula de retribuição é bem estabelecida pela tradição (20:4), mas no versículo 5 ele involuntariamente enfraquece seu próprio argumento. Se os ímpios desfrutam de alegria mesmo temporária, então a fórmula da retribuição não é tão absoluta quanto Zophar presume. Com efeito, ele está concordando em princípio com Jó, embora não no mesmo grau; Jó argumenta que sua adversidade, apesar de sua irrepreensividade, demonstra que não há uma correlação perfeita entre como uma pessoa se comporta e as consequências recebidas.

**20:6–11** *Embora o orgulho da pessoa ímpia chegue aos céus.* Em 20:6–11, Zophar desenvolve o princípio de que quanto mais alto uma pessoa má se eleva, mais difícil ela cairá, provavelmente aludindo sutilmente ao antigo status elevado de Jó como "o maior homem entre todos os povos do Oriente" (1:3). Usando uma linguagem vívida, Zophar retrata o ímpio orgulhoso perecendo como esterco (20:7). Insensível à recente perda de sua família por Jó, Zophar continua dizendo que os filhos dos ímpios terão que compensar os pobres, sem dúvida pelo que seu pai extraiu injustamente deles (20:10). Embora o princípio de Zofar possa ser visto em ação no julgamento de Deus sobre a arrogância de várias pessoas (por exemplo, Gênesis 11:1-9; Is. 14:12-20; Ez 28:1-19), e ecoa a sabedoria que diz que o orgulho precede a destruição (Prov. 16:18), ele está fora do padrão quando implica que é isso que está acontecendo na experiência de Jó.

**20:12–19** *sua comida azedará em seu estômago.* Em 20:12–19, Zophar descreve como Deus usa os pecados dos ímpios para provocar sua destruição. A imagem proeminente nesta passagem é comer, como Zophar diz que o que eles comem vai comer neles. Por esse meio, Zofar aplica vividamente a máxima de Provérbios 26:27, que observa que as pessoas recebem o que merecem, porque os atos maus contêm em si a semente de sua própria

punição. Assim, o próprio alimento que é ingerido pelos ímpios se tornará a fonte de veneno dentro deles.

**20:20–22** *No meio de sua fartura, a aflição o dominará.* Em 20:20–22, Zophar afirma confiantemente que os ímpios, apesar de sua breve prosperidade, inevitavelmente sofrerão uma reversão trágica. Sua ganância levará a desejos que não podem ser satisfeitos (20:20), seu tesouro não suportará (20:21) e sua abundância será superada pela miséria (20:22). Mais tarde, no capítulo 30, Jó lamentará como suas bênçãos passadas se deterioraram em sua adversidade atual. Como Zophar descreve o julgamento divino sobre os ímpios, seu ponto é evidente: o que Jó sofreu é devido ao seu pecado pessoal, e não é uma anomalia, como Jó erroneamente sustentou.

**20:24–25** *uma flecha com ponta de bronze o perfura.* Semelhante à imagem na queixa anterior de Jó em 6:4, Deus é retratado aqui como um arqueiro que ataca os ímpios. A flecha fala de uma arma que pode causar um impacto de longo alcance, e uma ponta de bronze na flecha lhe daria força especialmente letal. Esta imagem, portanto, retrata o julgamento repentino e inesperado de Deus sobre os pecadores, e ecoa linguagem semelhante nos Salmos (18:14; 21:12; 64:7; 77:17). A implicação de Zofar é que os ímpios podem fugir, mas não podem escapar do julgamento de Deus (Cf. Amós 5:18-19).



De acordo com Zofar, os ímpios não poderão fugir da ira de Deus. O julgamento de Deus, como flechas bem direcionadas, encontrará seu alvo pretendido. Esta cena de batalha assíria mostra o rei e seu deus com arcos desenhados e um inimigo caído com duas flechas nas costas (palácio em Nimrud, 865-860 a.C.).

**20:26** *Um fogo não aceso o consumirá.* Com essas palavras, Zofar, intencionalmente ou insensivelmente, alude ao fogo de Deus que destruiu as ovelhas e servos de Jó em 1:16. Parece que Zophar está tão preso em seu argumento que sua retórica atropela os sentimentos de Jó enquanto ele lamenta suas profundas perdas.

Como resultado, Zophar faz seu próprio ponto chutando Jó quando ele está caído.

**20:27** *Os céus exporão sua culpa, a terra se levantará contra ele.* Nos antigos tratados do Oriente Próximo, os céus e a terra eram as testemunhas tradicionais do acordo de aliança, e essa mesma linguagem é usada na Bíblia (Deut. 32:1; Is. 1:2). Quando Jó manteve sua inocência em 16:18–19, ele apelou para os céus e a terra como testemunhas que poderiam corroborar suas alegações. Zophar agora insiste que toda a criação testemunhará a culpa da pessoa má. Por causa disso, não há lugar para os ímpios se esconderem da justiça de Deus.

**20:29** *Tal é o destino que Deus atribui aos ímpios.* Zophar não condena diretamente Jó neste capítulo, mas todas as suas alusões à experiência de Jó deixam evidente que ele não está apenas falando sobre teologia abstrata, mas está implicando sua relevância para a situação de Jó. Zofar considera Jó tão desesperançoso que nem sequer o exorta a arrepender-se, como fez em seu primeiro discurso (11:13-19). Na opinião de Zofar, Jó está longe demais, e ele só pode antecipar a destruição total de Deus, porque Deus invariavelmente destrói os ímpios. A rígida ordem moral de Deus garante o destino de Jó, porque o sistema apertado de Zofar não deixa lugar para um caso excepcional ou para a graça divina para o pecador. Como Zophar já deu sua última palavra, ele permanece em silêncio quando é sua hora de responder a Jó no terceiro ciclo de discursos.

**Insights teológicos**: A descrição de Zophar sobre os ímpios perderem as riquezas que acumularam (20:15) se conecta com um tema familiar na Bíblia. O problema do mal pergunta por que coisas ruins acontecem com pessoas boas no mundo de Deus, mas passagens como Salmos 49 e 73 perguntam por que coisas boas acontecem com pessoas ruins (veja a barra lateral "Por que coisas boas acontecem com pessoas ruins?" na discussão de Jó 12 acima). Da mesma forma, em Lucas 16:19–31, Jesus conta a história do rico ímpio e do mendigo Lázaro, na qual os papéis dos dois indivíduos são invertidos após a morte. Tanto Ana (1 Sam. 2:1-10) quanto Maria (Lucas 1:46-55) celebram como Deus eleva os pobres justos acima dos ricos iníquos. Em todos esses casos, Deus equilibra a balança para que a justiça seja feita, às vezes durante a vida terrena e outras vezes após a morte.

## Ensinando o texto

Jó 20 contém o discurso final de Zophar, e é evidente que ele está resolutamente fixado em sua posição. Zophar vê a vida em termos preto e branco, pois apresenta uma forma extrema de teologia da retribuição. Olhando apenas para o lado negativo da equação, Zophar insiste que Deus sempre destrói os ímpios. Zophar não pode conceber um caso especial, como Jó afirma ser, em que uma pessoa justa poderia sofrer adversidades no mundo ordenado de Deus. Para Zophar, tudo o que se precisa fazer para determinar o caráter interior de uma pessoa é observar o que essa pessoa experimenta na vida. Se uma pessoa recebe os tipos de aflição que vieram sobre Jó, então essa pessoa é realmente má, porque Deus sempre retribui aos pecadores com aflição. Em tempos de adversidade, é tentador buscar respostas claras e definitivas. No entanto, o livro de Jó nos ensina que Deus nem sempre explica o que está fazendo, e seus planos podem se desviar dos padrões gerais que observamos na vida. Algumas coisas devemos deixar nas mãos de Deus, pois são misteriosas de nossa perspectiva limitada.

Apesar de sua conclusão inflexível, Zophar tem que reconhecer que os ímpios desfrutam de alguma felicidade às vezes. No entanto, ele afirma que os pecadores podem, na melhor das hipóteses, experimentar apenas alegria temporária (20:4-5). Zophar parece não perceber que essa concessão contraria a certeza que insiste mais adiante no capítulo. Ele não percebe que uma observação cuidadosa da vida realmente apoia a afirmação de Jó de que o princípio da retribuição tem exceções. Zophar fecha os olhos para essa evidência que deveria tê-lo levado a rever as categorias absolutas em seu sistema de pensamento. Ao avaliarmos a vida e ao aconselharmos os outros, devemos ter o cuidado de considerar todos os fatos, não apenas aqueles que concordam com a conclusão que queremos manter.

Zophar concentra sua atenção em como os ímpios orgulhosos são humilhados (20:6–11). Aqueles que são elevados em sua condição, como Jó foi estimado como o maior homem do Oriente, terão que sofrer uma queda que se encaixa em seu grande pecado. Aqueles que em algum momento os viram com respeito passarão a desprezá-los. O que eles extorquiram dos pobres, seus filhos terão que retribuir. Zophar retrata uma inversão, na qual aqueles que antes eram ricos e poderosos terão que ir de boné na mão para aqueles que antes oprimiam.

As ilustrações vívidas de Zofar em 20:12–23 desenvolvem o ponto de que os atos pecaminosos carregam em si a semente da destruição daqueles que os

perpetram. Assim, a punição dos pecadores não é arbitrária ou errática, mas é uma consequência consistente e necessária de fazer o mal. Os desejos que levam as pessoas a fazer o que está errado farão com que elas comam o que acabará por destruí-las, assim como um peixe ao consumir a isca também engole o anzol que traz sua morte.

No final do discurso de Zofar, ele não deixa espaço para Jó esperar nada além do julgamento de Deus. Na mente de Zophar, Jó é culpado e condenado, sem qualquer outro resultado possível. Zophar não implora a Jó que se arrependa, como os outros amigos fizeram, mas pinta um quadro de destruição certa e total. No que diz respeito a Zofar, a adversidade de Jó é uma prova positiva de que ele é perverso, e sua maldade exige que ele necessariamente seja punido por Deus. Nada do que Jó disse poderia alterar a conclusão firme a que Zophar chegou. Ao argumentar que o salário do pecado é a morte, Zophar está em bases bíblicas sólidas. Mas também devemos lembrar que Romanos 6:23 continua dizendo que o dom de Deus é a vida eterna. Junto com seu julgamento, Deus também estende sua graça aos pecadores.

## Ilustrando o texto

***A punição é resultado de um delito; A entrega ao mal destruirá o pecador.***

Filme: ***Os Dias do Vinho e das Rosas*****.** Neste filme antigo lindamente atuado e convincente (1962) estrelado por Jack Lemmon e Lee Remick (refilmado como *Quando um Homem Ama uma Mulher* em 1994), vemos as consequências do vício, uma condição que é provavelmente um dos exemplos mais poderosos da destruição do pecado. No filme, Lemmon, um alcoólatra, introduz uma garota inocente a beber; ela acaba capitulando à pressão dele. No final, ele foi reabilitado, mas deve viver com a consciência de que ela pode nunca sair do vício.

Esportes: Muitos atletas nos escândalos de doping dos últimos anos consumiram drogas para melhorar o desempenho, mas as próprias drogas que lhes permitiram alcançar o sucesso atlético não só os prejudicaram fisicamente, mas também os despojaram de suas honras, arruinando a reputação que haviam trabalhado para alcançar.

Na história recente, dois governadores de Illinois (representando ambos os partidos políticos) foram julgados por algum tipo de manipulação política (George Ryan e Rod Blagojevich). George Ryan foi mandado para a cadeia,

mesmo tendo que ficar lá enquanto sua esposa estava morrendo de câncer. Rod Blagojevich também foi preso. Vários senadores e membros do Congresso tiveram suas reputações arruinadas por atividades sexuais perversas e indignas. A desfaçatez do comportamento em tantos casos indica que eles devem ter pensado que iriam se safar.

Filme: ***O Principal* (1987).** Nesse tratamento nada sentimental de um colégio do centro da cidade, dominado pelo crime, chega um novo diretor, interpretado por James Belushi. Não tendo nada a perder por causa do fracasso passado em sua vida pessoal, ele começa a desafiar os estudantes brutais que tomaram conta da base de poder. "Não mais" torna-se o seu tema. É uma batalha dura, cheia de perigo, mas Belushi (com a ajuda de um segurança, interpretado por Louis Gossett Jr.) é implacável. As más escolhas tornam o mal, mas podem ser derrotadas através de boas escolhas.

***Deus trará justiça, seja durante a vida terrena ou após a morte.***

Literatura: ***Shane*, de Jack Schaefer.** Nos antigos filmes de faroeste, o enredo padrão era que os mocinhos (geralmente usando chapéus brancos) sempre conseguiam no final, e os bandidos eram mortos ou levados à justiça. Tudo foi resolvido em categorias arrumadas, assim como no sistema de Zofar no livro de Jó. Ao contrário do sistema de Zofar, no entanto, o de Deus não é arrumado ou previsível. O dele é mais parecido com o clássico romance de faroeste *Shane* (1949), de Jack Schaefer, considerado o faroeste mais bem escrito de todos os tempos. Enquanto o mocinho vence de maneiras que não são estereotipadas, a batalha é complexa e mostra grande contenção.

---

33 . Estes, "Como flechas".

## Emprego 21

# Jó destrói o principal argumento dos amigos

## Big Idea *Job demonstra que as evidências observáveis argumentam contra a aplicação absoluta do princípio da retribuição.*

## Temas-chave de Jó 21

- Jó observa que os ímpios muitas vezes vivem muito e bem.
- Jó argumenta que Deus nem sempre parece julgar os ímpios, como insiste a retribuição.
- Jó argumenta que os seres humanos não estão em posição de ensinar a Deus como ele deve
- governar seu mundo.

  Jó conclui que a posição que os amigos defendem está vazia.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Até este ponto do livro, Jó esteve na defensiva enquanto seus amigos argumentam que o princípio da retribuição é um padrão absoluto para a vida. Em particular, os amigos insistiram que Jó deve ser um pecador, porque os ímpios são sempre julgados por Deus com adversidade. Em seu discurso no capítulo 21, Jó destrincha a conexão necessária entre os atos de uma pessoa e as experiências que se seguem. Jó afirma repetidamente pontos que foram feitos pelos amigos, e então ele refuta os pontos citando

exemplos observáveis específicos que claramente contradizem seu argumento principal. Repetidamente, Jó mostra que, de fato, os ímpios muitas vezes prosperam, em contraste com o que o princípio da retribuição ensina. No final do capítulo, Jó rejeita as respostas dos amigos como vazias. Com essas palavras de desdém, Jó encerra o segundo ciclo de discursos.

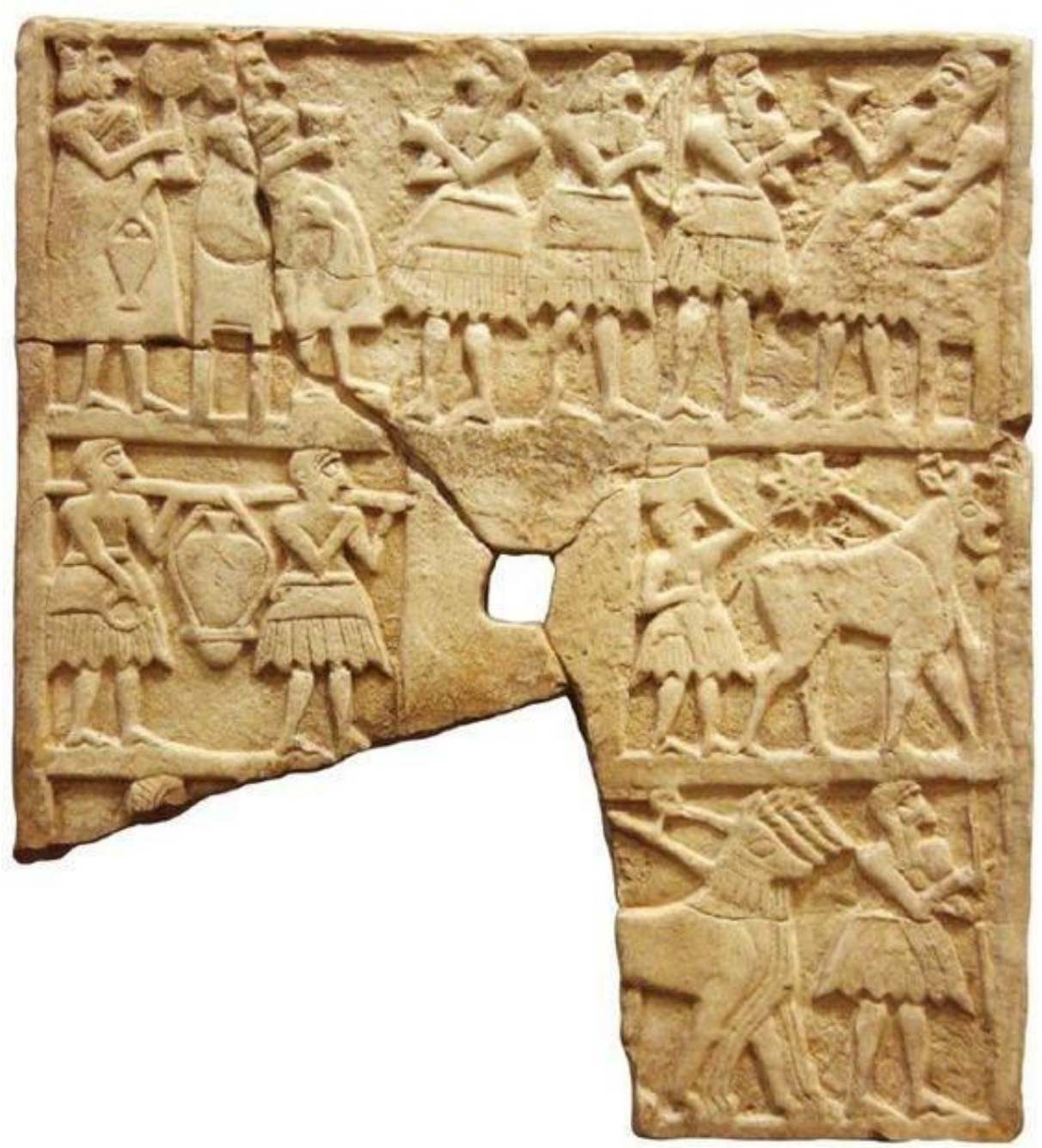
**Contexto histórico e cultural** Enquanto Jó descreve a vida idílica que observou sendo desfrutada por muitas pessoas más, ele retrata a família dos ímpios cantando ao som do pandeiro, da harpa e da flauta (21:12; VNI: timbre, lira e cachimbo). No antigo mundo do Oriente Próximo, esses três instrumentos comuns representavam as famílias de percussão, corda e sopro. Mais significativamente, em um contexto cultural em que a maioria das pessoas tinha que trabalhar longas horas apenas para subsistir, fazer música representava uma vida rara de riqueza privilegiada. Os ímpios sobre os quais Jó fala são capazes de desfrutar da boa vida, como fez a família de Jó no prólogo (1:4), um contraste gritante com a situação miserável de Jó depois que sua adversidade se instalou.

**Insights interpretativos 21:3** *Tenha paciência comigo enquanto falo.* Enquanto Jó reflete sobre o que seus amigos disseram, ele sente que eles desistiram dele. Eles não parecem estar interessados em ouvir Jó, mas apenas em falar com ele. Sem dúvida, suas palavras são pontuadas por frustração, pois ele os exorta a ficar em silêncio e a ouvir atentamente o que ele está tentando lhes dizer. Depois disso, eles podem continuar a ridicularizá-lo. Assim como os amigos descartaram Jó como arrogante e blasfemo (cf. as acusações de Elifaz, em 15:2-13), também ele os classifica como zombadores que só querem ridicularizá-lo.

**21:4** *Minha reclamação é dirigida a um ser humano?* Jó percebe que, se sua disputa fosse com os amigos ou com qualquer outro ser humano, então haveria procedimentos legais estabelecidos para lidar com o caso. A queixa de Jó, no entanto, está com Deus, então ele não consegue descobrir como resolver o assunto. Como o resto do capítulo revelará, a prosperidade dos ímpios, juntamente com a adversidade que Jó, embora justo, suportou levanta profundos problemas teológicos para ele. Ele esperava que os amigos ficassem como aliados dele em sua aflição, mas eles de fato aumentaram seu trauma culpando-o (21:5-6).

**21:7–15** *Por que os ímpios continuam vivos?* O compromisso inabalável dos amigos com a teologia da retribuição os levou a acusar Jó de maldade. A essa

altura da história, Jó já levou bastante de seus socos retóricos, então no capítulo 21 ele lança uma contraofensiva contra sua posição. Ao apontar inúmeros exemplos na vida, Jó demonstra que os amigos são cegos para o que realmente ocorre na experiência humana. Na verdade, a descrição de Jó da prosperidade dos ímpios (21:7-15) se assemelha ao retrato de Elifaz, da pessoa justa, em 5:17-27, e contradiz diretamente a afirmação de Zofar, em 20:5-11, de que a alegria dos ímpios é apenas passageira. Jó ressalta que os ímpios muitas vezes vivem até a velhice e prosperam (21:7), têm famílias felizes e bens seguros (21:8-9), seu gado suporta profusamente (21:10), desfrutam de tranquilidade familiar (21:11-12), não sofrem doenças debilitantes, mas morrem sem dor (21:13), e desfrutam de tudo isso mesmo quando rejeitam a Deus (21:14-15). Os fatos observáveis, então, não apoiam as afirmações dos amigos de Jó de que atos pecaminosos e consequências dolorosas estão invariavelmente ligados.



Jó ressalta que mesmo na morte os ímpios ainda podem receber honra em vez de castigo, com cortejos fúnebres e túmulos guardados (21:32). No Egito, cortejos fúnebres elaborados eram comuns, como o mostrado nesta reprodução do Livro dos Mortos (Papiro de Ani, século XIII a.C.).

**21:16** *Eu me afasto dos planos dos ímpios.* Ecoando a linguagem do Salmo 1:1, Jó rejeita enfaticamente as acusações dos amigos de que sua adversidade prova que ele é mau. Pelo contrário, Jó não atrapalha os pecadores, mas é justo, rejeitando os ímpios e repudiando tudo o que eles representam. **21:17–**

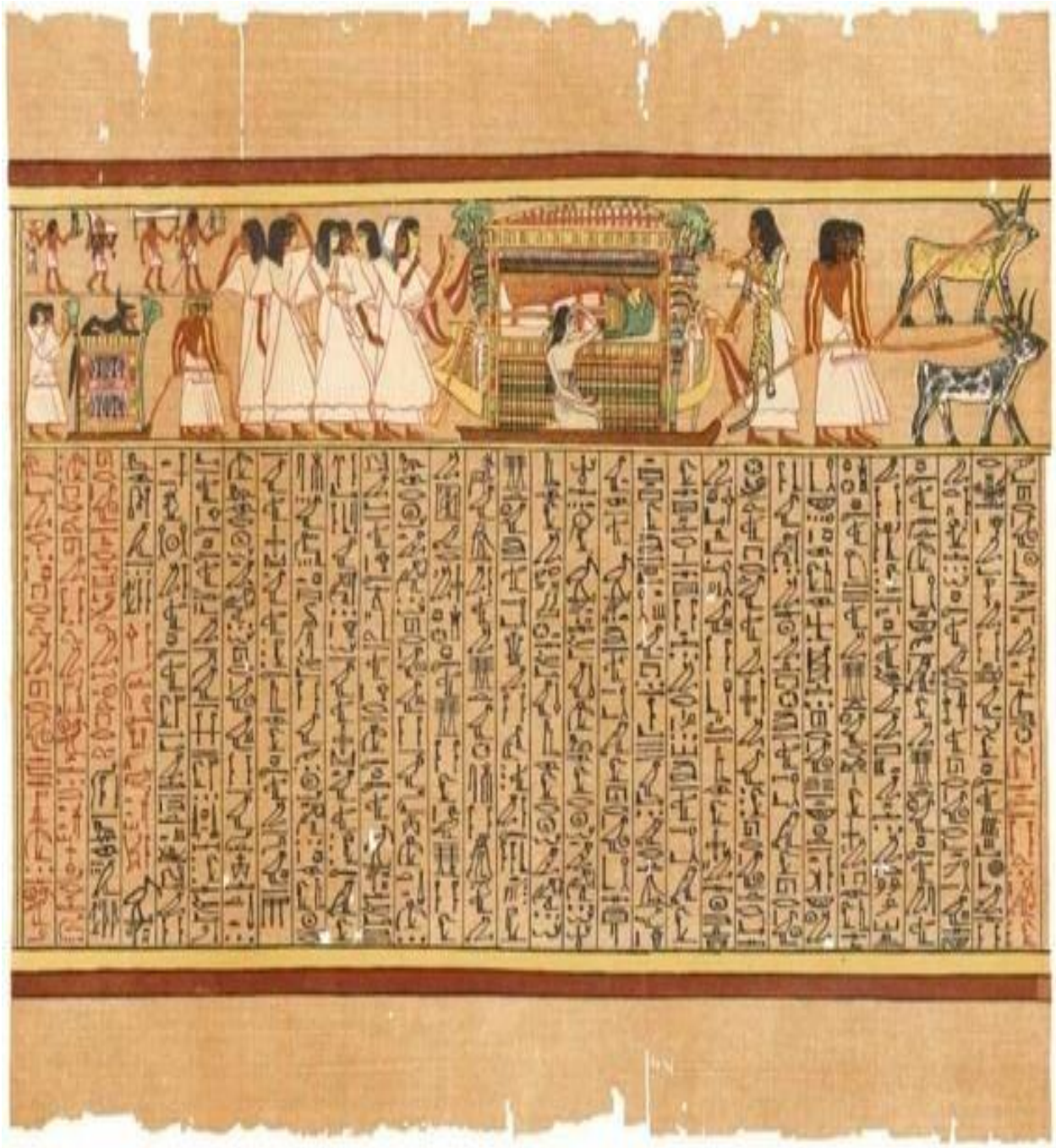
**21** *Mas com que frequência a lâmpada dos ímpios é apagada?* Em 18:5–6, Bildad afirmou que a luz dos ímpios se apaga. Ao fazer essa pergunta, Jó agora indaga retoricamente se a alegação de Bildad está bem fundamentada em evidências. Jó continua a usar a observação, o meio típico para adquirir conhecimento na sabedoria tradicional (Prov. 6:6-8), para contrariar o que Bildad disse. Da mesma forma, Zophar em 20:23 afirmou que Deus envia sua ira contra os ímpios, então Jó pergunta com que frequência a calamidade divina realmente vem sobre os pecadores.Além disso, em 5:4 Elifaz afirmou que Deus pune os filhos dos ímpios, mas Jó rebate dizendo que isso não é realmente julgamento sobre os próprios ímpios (21:19-21; cf. Ez 18:1-4, que insiste que aquele que peca é aquele que será punido). A conclusão de Jó é que, quando a experiência real é avaliada, o princípio da retribuição não se sustenta de forma consistente.

**21:22** *Alguém pode ensinar conhecimento a Deus?* A pergunta retórica de Jó claramente antecipa uma resposta negativa, porque os dados que Jó discutiu demonstram que o exercício da justiça de Deus transcende o que os humanos podem compreender. O ponto que Jó tira disso é que a fórmula de retribuição assumida por seus amigos não é adequada para explicar como Deus sempre funciona. Consequentemente, sua insistência em aplicar a fórmula de retribuição à situação de Jó não é válida. Mais tarde, o próprio Jó terá que admitir que também não entende os caminhos de Deus (42:2-3).

**21:23–26** *Lado a lado, eles jazem no pó.* A teologia da retribuição tenta avaliar os atos e consequências de uma pessoa como preto e branco, mas Jó demonstra, a partir de exemplos reais na vida, que uma distinção tão rígida não se sustenta sob um escrutínio cuidadoso. Em 21:23–26, Jó insiste que não há uma correlação estrita entre a moralidade de alguém e a prosperidade ou adversidade que vem à vida. Duas pessoas vivendo de forma muito diferente podem chegar ao mesmo fim aparente
(Cf. Ecles. 9:1-3). Portanto, dentro dos limites da vida observável, o princípio da retribuição nem sempre é verdadeiro.

**21:29** *Você nunca questionou quem viaja?* Job desafia os amigos a expandir seu leque de observação para perguntar às pessoas que estiveram por perto o que viram em outros lugares. Sua implicação é que a perspectiva da torre de marfim teológica dos amigos é muito estreita para que eles vejam plenamente o que a vida pode lhes ensinar. Seu compromisso com a teologia da retribuição os cegou para alguns dos dados relevantes, de modo que negligenciaram evidências que contradizem a conclusão que tiraram.

**21:32** *Eles são levados para o túmulo.* Jó continua insistindo em seu ponto de que a fórmula dos amigos não se encaixa em todos os fatos. Longe de serem punidos de forma consistente, os ímpios são frequentemente homenageados, mesmo com grandes funerais. Apesar do que os amigos têm afirmado, quando a vida é considerada em sua totalidade, as pessoas más muitas vezes evitam punições durante suas vidas. Parecem, às vezes, evitar o momento da verdade diante do divino Juiz.



Jó ressalta que mesmo na morte os ímpios ainda podem receber honra em vez de castigo, com cortejos fúnebres e túmulos guardados (21:32). No Egito, cortejos fúnebres elaborados eram comuns, como o mostrado nesta reprodução do Livro dos Mortos (Papiro de Ani, século XIII a.C.).

**21:34** *Nada resta de suas respostas, a não ser a falsidade!* Jó não se conforta nem se convence com o que os amigos disseram. Na verdade, quanto mais ele avalia a questão, mais problemas ele tem com a legitimidade da fórmula de

retribuição, porque ela não se encaixa em sua situação pessoal, e não explica muitos outros casos que ele observou. Jó, portanto, rejeita suas respostas como absurdas (*hebel*, talvez melhor traduzidas como "enigmáticas", como muitas vezes é seu sentido em Eclesiastes) e falsidade, uma traição à verdadeira amizade.

**Insights teológicos** Este capítulo traz em alto relevo o contraste entre, por um lado, o princípio da retribuição encontrado com frequência em Provérbios e mantido absolutamente pelos amigos e, por outro lado, a posição de Jó de que o princípio da retribuição deve ser significativamente alterado. Assim como Jó argumentou que sua adversidade não significa que ele é mau, agora ele demonstra a partir da observação que os ímpios muitas vezes desfrutam de toda a gama de bênçãos que a retribuição reservaria para aqueles que são justos diante de Deus. Quando Jó aponta para a prosperidade dos ímpios, ele ecoa outras passagens do Antigo Testamento, como Salmos 49 e 73 e Jeremias 12:1–4. Todas essas passagens reclamam que os ímpios às vezes prosperam e os justos às vezes sofrem adversidades no mundo de Deus. Embora levantem questões profundas e preocupantes, em seus contextos mais amplos todos apontam na direção da vontade soberana de Deus, mas às vezes inescrutável. O exemplo clássico dessa desconexão entre o caráter pessoal e a forma como se é tratado é a morte de Cristo, na qual o Filho de Deus sem pecado sofreu crucificação nas mãos de homens maus, tudo dentro do plano predeterminado de Deus (Atos 2:22-24).

## Ensinando o texto

Neste capítulo, Jó usa evidências observáveis para demonstrar que os fatos argumentam contra a aplicação absoluta do princípio da retribuição que os amigos aplicaram vigorosamente à sua situação.Eles têm insistido que a adversidade de Jó prova que ele é um pecador, porque coisas ruins invariavelmente acontecem com pessoas ruins. Jó vira seus ensinamentos de cabeça para baixo examinando o que realmente acontece com as pessoas más. O que ele tem observado repetidamente é que as pessoas más muitas vezes prosperam na vida. Se esse for o caso, então o elo necessário entre os atos de uma pessoa e as consequências que essa pessoa recebe de Deus é quebrado. Por esse meio, Jó se esforça para mostrar que as condenações dos amigos a ele não são válidas. Embora a retribuição seja um padrão geral na

vida, não devemos pressioná-la em uma fórmula rígida. Pode muito bem haver fatores adicionais em ação no plano soberano de Deus, como Jesus observa em João 9:1–3.

Ao observar as pessoas más, Jó vê que elas muitas vezes vivem muito e bem. Eles prosperam em toda a gama da vida, incluindo suas famílias, seus
Eles prosperam em toda a gama da vida, incluindo suas famílias, seus bens e sua felicidade pessoal. Não se trata de uma anomalia; É uma ocorrência frequente que põe seriamente em causa o princípio da retribuição. A sabedoria tradicional baseada na observação ensinou que a retribuição é o padrão que Deus usa ao governar seu mundo. Jó adota essa mesma abordagem, mas olha com mais cuidado para a vida, e o que vê com uma observação mais precisa o leva a uma conclusão diferente. A teologia muitas vezes tenta dar respostas claras e definitivas, mas ao mesmo tempo deve ser aberta e flexível o suficiente para incluir tudo o que Deus está fazendo em seu mundo.

Com essa evidência em mente, Jó argumenta que Deus nem sempre julga os ímpios durante suas vidas. Mesmo aqueles que não têm interesse nas coisas de Deus às vezes desfrutam de prosperidade não diluída, e às vezes até chegam ao túmulo ilesos pelo julgamento divino. Como Deus realmente lida com os humanos, então, não pode ser explicado pela fórmula arrumada da retribuição, porque isso não se encaixa em todas as evidências observáveis que Jó aduziu.

Por causa disso, Jó argumenta que os humanos não estão em posição de ensinar a Deus como ele deve lidar com os humanos. O que Deus faz transcende o conhecimento disponível para os seres humanos. Tanto as pessoas justas quanto as pessoas más podem chegar ao mesmo fim aparente — isso não pode ser explicado pela mente humana. Os seres humanos devem, portanto, admitir que os caminhos de Deus são inescrutáveis, em vez de tentar agrupar os caminhos de Deus em categorias que satisfaçam o que os humanos finitos podem compreender. Como Jó aprenderá no final do livro, os humanos precisam aceitar que o que Deus faz pode transcender o que eles podem entender. Porque Deus é confiável, devemos deixar em Suas mãos as coisas que ultrapassam nosso entendimento, confiantes de que nosso sábio e bom Senhor conhece e controla todos os fatores que escapam à nossa compreensão.

Enquanto Jó avalia o que os amigos disseram à luz das evidências que observou, ele conclui que eles falam com ele de forma enigmática e insatisfatória. Aqui, no final do segundo ciclo de discursos, Jó rejeita sua

linha total de argumentação e rejeita suas respostas a ele. Seu ataque frontal à posição que os amigos tão confiantemente afirmaram marca o profundo impasse que se aproxima entre Jó e os amigos. O argumento de Jó devastou a fórmula da retribuição como única explicação para sua adversidade. No entanto, Jó ainda não tem outra alternativa convincente para colocar em seu lugar. Ele, como nós, terá de confiar em Deus por aquilo que ainda não compreende, em vez de se apoiar na sua própria compreensão defeituosa (Cf. Prov. 3, 5).

## Ilustrando o texto

***O princípio da retribuição é, como Jó descobriu, falso.***

Pode-se citar muitos exemplos contemporâneos de líderes mundiais proeminentes, atores, músicos, heróis esportivos e políticos que são completamente ímpios em seu estilo de vida, mas ainda parecem prosperar em suas vidas. Idi Amin (1925-2003), líder militar e presidente de Uganda, é um exemplo. O governo de Amin foi caracterizado por abusos de direitos humanos, repressão política, perseguição étnica, execuções extrajudiciais, nepotismo, corrupção e má gestão econômica. O número de pessoas mortas como resultado de seu regime é estimado por observadores internacionais e grupos de direitos humanos entre cem mil e quinhentos mil. Ele morreu no exílio, mas não foi realmente levado à justiça. O mesmo vale para inúmeros outros líderes despóticos.

Astronomia: Nos tempos antigos, observações de astrônomos e astrólogos dos céus levavam à visão ptolomaica do sistema solar, no qual a Terra era o centro. No entanto, observações mais cuidadosas feitas por Copérnico no século XVI fizeram com que as pessoas vissem o sistema solar como girando em torno do Sol, uma perspectiva diferente e finalmente precisa. Da mesma forma, Jó argumenta que uma melhor observação contraria o princípio da retribuição, em contraste com o que a observação menos rigorosa sugeria anteriormente.

***Os caminhos inescrutáveis de Deus às vezes transcendem o conhecimento disponível para os seres humanos.***

Poesia Clássica: **Emily Dickinson.** Esta grande poetisa americana (1830-86) escreveu mais de mil poemas, mas teve apenas um punhado publicado em vida. Ao longo de seu trabalho, ela manteve conversas significativas, muitas

vezes conturbadas, com Deus.Em vários de seus poemas curtos, como #1551, ela trabalha sobre a ocultação de Deus:

> Aqueles — morrendo então,
> Sabia para onde eles iam – Eles
> foram para a Mão Direita de
> Deus – Essa Mão está amputada
> agora
> E Deus não pode ser encontrado...

Em versos de outro, #1601, ela expressa o problema de nem saber o que fez de errado:

> De Deus pedimos um favor,
> Para que sejamos perdoados...
>
> Para quê, presume-se que ele saiba —[34]



Emily Dickinson (1830-86) luta com a ocultação de Deus em vários de seus poemas curtos.

[34º]. Dickinson, *Poemas Completos*, 646, 662.

## Emprego 22

# Elifaz condena e aconselha Jó

## Grande Ideia *Elifaz acusa Jó de pecados que ele não cometeu e dá a Jó conselhos que não se aplicam a ele.*

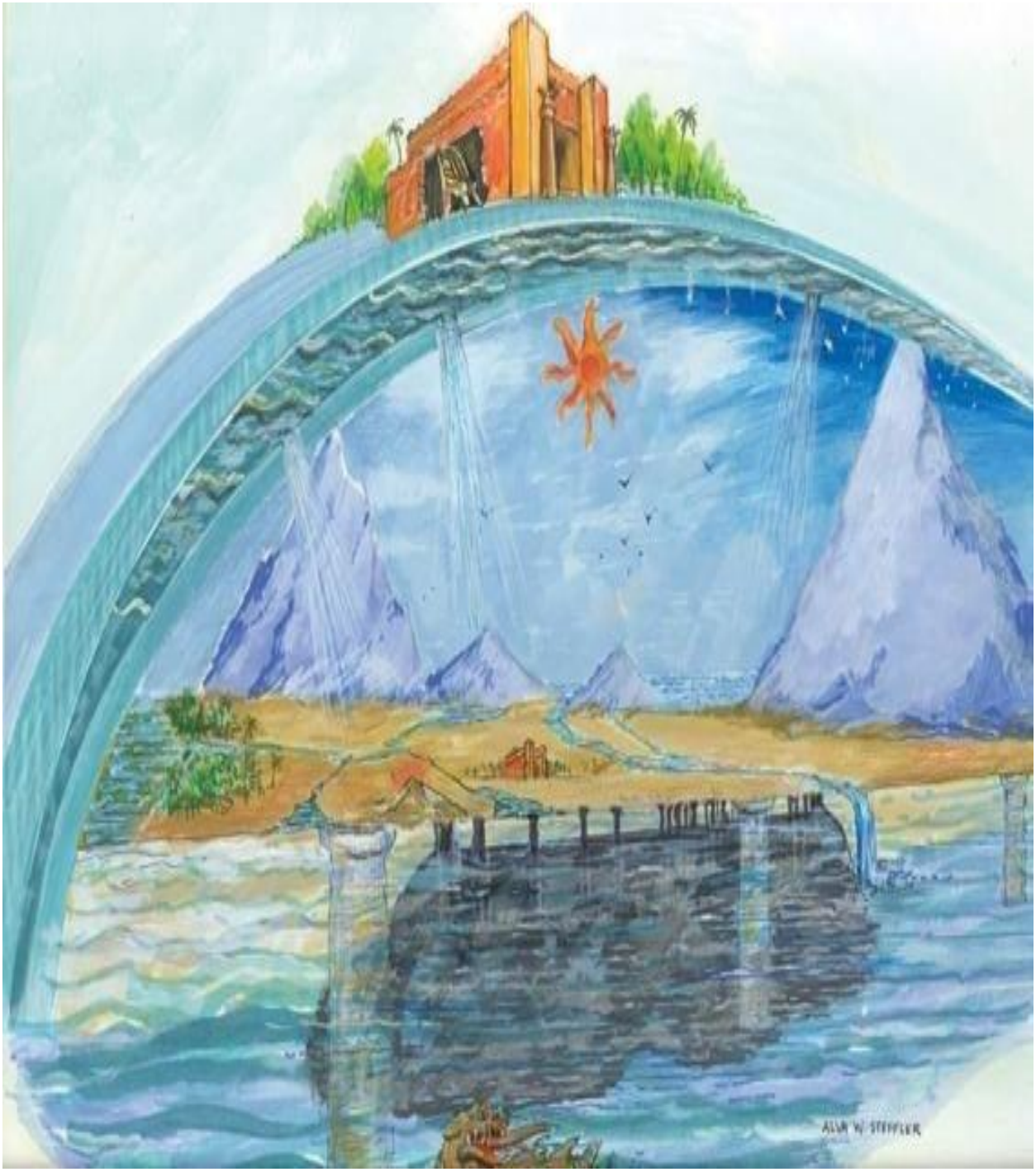
## Temas-chave de Jó 22

- Elifaz vê Deus como muito exaltado para se preocupar com a forma como os humanos vivem.
- Elifaz acusa erroneamente Jó de pecados graves contra pessoas necessitadas.
- Elifaz acusa Jó de viver como se Deus não visse seus pecados.
- Elifaz aconselha Jó como se ele precisasse confessar seus pecados.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 22 inicia o terceiro e último ciclo de discursos, e é evidente que Jó e seus amigos estão rapidamente chegando a um impasse. Na terceira rodada, os discursos são muito mais curtos do que antes, e eventualmente o diálogo se desintegra completamente quando chega a vez de Zophar, mas ele não fala (após o capítulo 26). Além disso, os palestrantes estão cada vez mais frustrados e cáusticos uns com os outros. Em Jó 22, Elifaz adota um tom hostil de condenação ao procurar manter seu próprio dogma teológico, atacando a integridade de Jó. Ele começa afirmando que a situação de Jó é de pouca preocupação para Deus Todo-Poderoso (22:1-5). Ele passa a acusar Jó de estar eticamente errado em seu comportamento (22:6-11) e teologicamente errado em suas crenças (22:12-20). Elifaz termina aconselhando Jó a submeter-se a Deus para que sua prosperidade possa ser restaurada (22:21–30).

**Contexto histórico e cultural** Em Jó 22:14, como em Isaías 40:22, Deus é retratado como reinando na abóbada do céu acima da terra. Descrições semelhantes podem ser encontradas em outros textos literários antigos do Oriente Próximo. Na Mesopotâmia, o deus sol Shamash dirige a terra a partir do círculo do céu, que pode ser interpretado como um disco plano ou como uma cúpula acima da terra. No Egito, o deus sol Rá ou Aton exerce praticamente a mesma função em termos que lembram o Salmo 104. A partir dessa posição exaltada, Deus deveria ser capaz de observar toda a atividade humana (Jó 22:12), mas Elifaz falsamente acusa Jó de dizer que a visão de Deus é obscurecida por nuvens, de modo que Deus não pode ver o que está ocorrendo no reino humano da vida (22:14).



Elifaz descreve a morada de Deus em termos que refletem a cosmologia antiga de sua época. Este desenho ilustra uma perspectiva israelita sobre essa geografia cósmica. A Terra era considerada como um disco moldado e sustentado por pilares, com o netherworld abaixo dela e águas cósmicas ao seu redor.

Montanhas nas bordas sustentavam uma sólida cúpula, que separava o céu dos céus. Deus governou a partir de seu templo e trono, que estavam localizados acima das águas superiores.

**Insights Interpretativos 22:2–3** *Um homem pode ser benéfico para Deus?* Esta é a primeira de oito perguntas rápidas que Elifaz faz a Jó em 22:2–5. Como em seus discursos anteriores (4:2, 6–7; 15:2–3), Elifaz não dá a Jó tempo para responder às suas perguntas, mas agora suas perguntas se tornam ainda mais agressivas e acusatórias. Com efeito, Elifaz usa suas perguntas como um taco para bater em Jó e não como uma estratégia pedagógica para levá-lo a uma maior compreensão, como Yavé faz mais tarde por suas perguntas nos capítulos 38-41. Quando ele pergunta se um homem pode ser benéfico para Deus, Elifaz implica que o Deus transcendente está tão distante que o bem ou o mal que os humanos fazem não lhe diz respeito (22:3). Elifaz não percebe que, se o comportamento humano não significa nada para Deus, então todo o princípio da retribuição, que insiste que Deus sempre recompensa os justos e sempre pune os ímpios, é invalidado.

**22:4** *É por tua piedade que ele te repreende?* Com essa pergunta sarcástica, Elifaz demonstra que julgou totalmente mal o caráter e a atitude de Jó em relação a Deus. Elifaz pretende atacar o coração da autodefesa de Jó de que ele é inocente diante de Deus, mas Elifaz não percebe que foi a piedade de Jó, elogiada pelo próprio Deus em 1:8 e 2:3, que levou o adversário a acusá-lo. Na realidade, a piedade de Jó está na raiz da adversidade que ele sofreu, mas não no sentido que Elifaz erroneamente supõe.

**22:5–9** *Sua iniquidade não é grande?* Depois de fazer essa pergunta retórica, Elifaz continua em 22:6-9 para acusar Jó de uma série de ofensas éticas flagrantes.

Sem reconhecer que ele está contradizendo como ele anteriormente elogiou Jó em 4:3-4, Elifaz inventa crimes para justificar de sua perspectiva os castigos extremos que Jó recebeu (embora o prólogo afirme que Jó evitou o mal [1:1, 8; 2:3]). Não dando nenhuma evidência objetiva para sustentar suas graves acusações, Elifaz acusa Jó de extorsão (22:6), retenção de caridade (22:7), abuso de poder (22:8) e opressão de viúvas e órfãos indefesos (22:9). Todas essas supostas ofensas dizem respeito ao tratamento dado por Jó a pessoas necessitadas, e todas elas estão ligadas a questões financeiras de alguma forma. No capítulo 31, Jó negará categoricamente todas essas acusações.

## Pregando para o público errado

Em 22:21, Elifas começa a pregar um grande sermão, mas infelizmente ele o dirige ao público errado. Sem dúvida, Elifaz tem uma preocupação sincera com o bem-estar de Jó, mas seu diagnóstico da situação de Jó é falho, então sua prescrição para Jó também está fora do padrão.

Ele presume que o que Jó experimentou está enraizado em sua falta de piedade, mas na

realidade há forças muito maiores em ação, como detalha o prólogo. Sem perceber, Elifaz chega ao mesmo ponto do que o adversário alegou em 1:9, que a aparente piedade de Jó é simplesmente uma manobra calculada para manter a prosperidade que Deus poderia lhe dar.

Elifaz pressiona Jó a submeter-se a Deus, confessando seus pecados, para que ele possa recuperar seu antigo estado de bênção divina. No entanto, o elogio final de Javé a Jó e sua crítica a Elifaz no epílogo (42:7-8) deixarão evidente que Elifaz errou em sua prescrição para Jó.

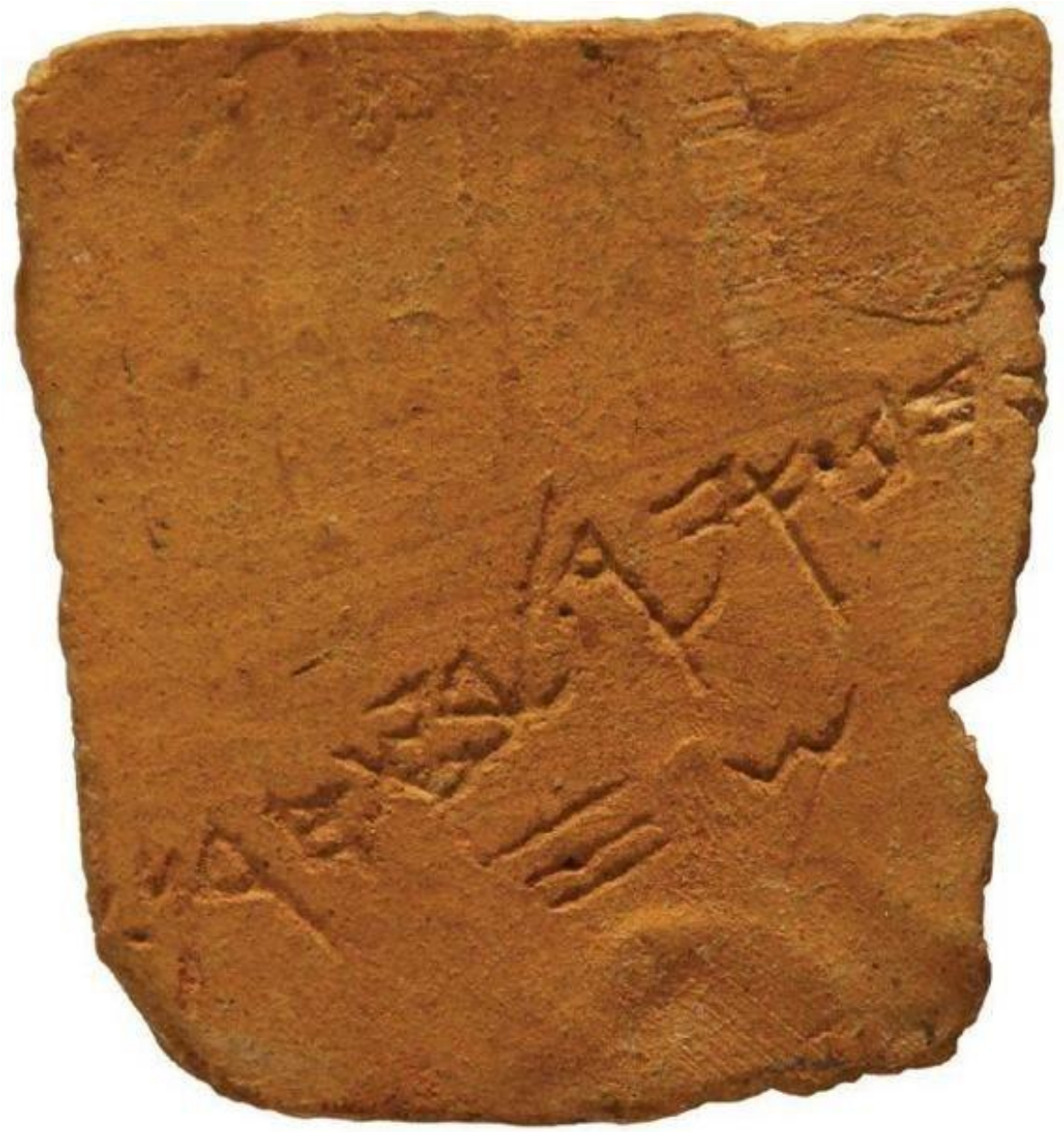
**22:10** *É por isso que as armadilhas estão ao seu redor.* Elifaz parece não ter ouvido ou compreendido o ponto de Jó no capítulo 21 de que os ímpios muitas vezes prosperam, juntamente com seu corolário implícito de que os justos podem sofrer adversidades. Usando a mesma imagem de armadilhas que Bildad enfatizou em 18:8–11, Elifaz continua a insistir que a adversidade de Jó é uma prova positiva de seus pecados graves, e que Deus está trazendo sobre Jó o julgamento que seus pecados merecem.

**22:13–14** *Mas você diz: "Que Deus sabe?"* Neste versículo, Elifaz interpreta mal as queixas anteriores de Jó sobre o silêncio de Deus. Ele acusa Jó de dizer que Deus é incapaz de saber o que Jó está fazendo, então ele pode pecar impunemente. Em contraste, Jó falou em 7:17–20 sobre como se sente sob constante escrutínio de Deus. Em vez de ouvir Jó com precisão, Elifaz realmente sobrepôs sua própria posição extrema sobre a transcendência de Deus sobre Jó, quando isso não é de todo o que Jó acredita.

**22:15–17** *Eles foram levados antes de seu tempo.* Elifaz pergunta retoricamente a Jó no versículo 15 se ele vai seguir o mesmo caminho que os maus humanos tomaram no passado. Em seguida, Elifaz alude à geração de Noé, quando praticamente toda a raça humana foi destruída por Deus por causa de sua profunda maldade (Gn 6). Eles também presumiram que o julgamento de Deus não os tocaria (Jó 22:17; cf. Mt. 24:37-39), mas sofreram castigo divino, como Elifaz implica que também virão sobre Jó.

**22:21–22** *Submeta-se a Deus e fique em paz com Ele, assim a prosperidade virá até você.* Veja a barra lateral "Pregando para o público errado".

**22:23–25** *então o Todo-Poderoso será o seu ouro.* Com estas palavras, Elifaz sugere que o amor à riqueza é a raiz do mal de Jó (cf. 1 Tm 6, 10). Elifaz presume que o ouro de Jó se tornou seu deus, afastando seu coração do Todo-Poderoso. De acordo com Elifaz, Jó precisa renunciar ao seu desejo de riqueza e fazer Deus em primeiro lugar em seu coração. Isso, supõe Elifaz, resolverá o problema de Jó e removerá sua adversidade.



Em 22:24, Elifaz diz a Jó para descartar seu "ouro de Ofir". Este ostracon, que menciona o "ouro de Ofir", foi encontrado em Tel Qasile, perto de Tel Aviv (século VIII a.C.). A localização de Ophir é debatida, mas era conhecida pelo ouro de altíssima qualidade.

**22:26** *Certamente então você encontrará prazer no Todo-Poderoso.* Elifaz completa seu discurso final em um rolo retórico, enquanto pinta para Jó um quadro idílico de sua renovação espiritual e prosperidade restaurada. Tudo o que Jó precisa fazer é confessar e abandonar seu pecado de amar a riqueza, e então tudo pode ficar bem. À luz do epílogo do livro, o que Elifaz diz é

irônico, porque Jó vem para desfrutar das bênçãos divinas que Elifaz descreve (42:10-17), mas não porque ele segue o caminho que Elifaz traça para ele.

**22:27–28** *Você orará a ele, e ele o ouvirá.* Elifaz dá uma resposta simplista à complexa situação de Jó. Aplicando a fórmula de retribuição, Eliphaz não leva em consideração a possibilidade de que possa haver quaisquer outros fatores relevantes em ação no que Jó experimentou. O que Elifaz aconselha de fato se encaixaria em muitas situações, mas não se encaixa em todos os casos e, em particular, não aborda o caso específico de Jó. Na verdade, Jó já orou fervorosamente a Deus, mas Deus não lhe respondeu. Ironicamente, no final do livro, Jó ora a Deus, não para se arrepender de seu pecado, mas para interceder por Elifaz, que Javé diz não ter falado a verdade (42:7-10).

**Insights teológicos**: Em 22:14, Elifaz retrata Jó dizendo que Deus é velado por espessas nuvens, de modo que ele não pode ver o comportamento humano. Inúmeras vezes no Antigo Testamento, Javé é retratado como em ou acompanhado por nuvens de tempestade. Ele fala os Dez Mandamentos de uma terrível tempestade no topo do Monte Sinai (Êx. 19:18–20:18). No Salmo 29, o transcendente Javé é descrito como uma tempestade que se move através da terra de Israel. Javé se envolve de nuvens no Salmo 97:2, e cavalga sobre as nuvens como sua carruagem no Salmo 104:3. No momento culminante do livro de Jó, quando Javé finalmente quebra seu silêncio, ele fala de uma tempestade (38:1). Embora ele seja exaltado muito acima de sua criação, Javé é o Deus onisciente que sabe completamente tudo o que acontece no mundo que ele criou (Sl. 139:1-6).

## Ensinando o texto

Elifaz tem boas intenções, mas não consegue fornecer o tipo de ajuda que Jó realmente precisa. Elifaz insiste em ver a experiência de Jó apenas através das lentes da teologia da retribuição, e ao fazer isso, seu foco fica turvo e sua visão distorcida. Ele não percebe com precisão as razões que motivaram a adversidade de Jó, então ele acusa Jó de pecados que ele não cometeu, e ele dá a Jó conselhos que não se aplicam a ele. Por causa disso, Elifaz não consegue dar o conforto que Jó esperava receber dele. Elifaz evidencia que respostas simples podem não resolver com precisão as questões complexas da vida.

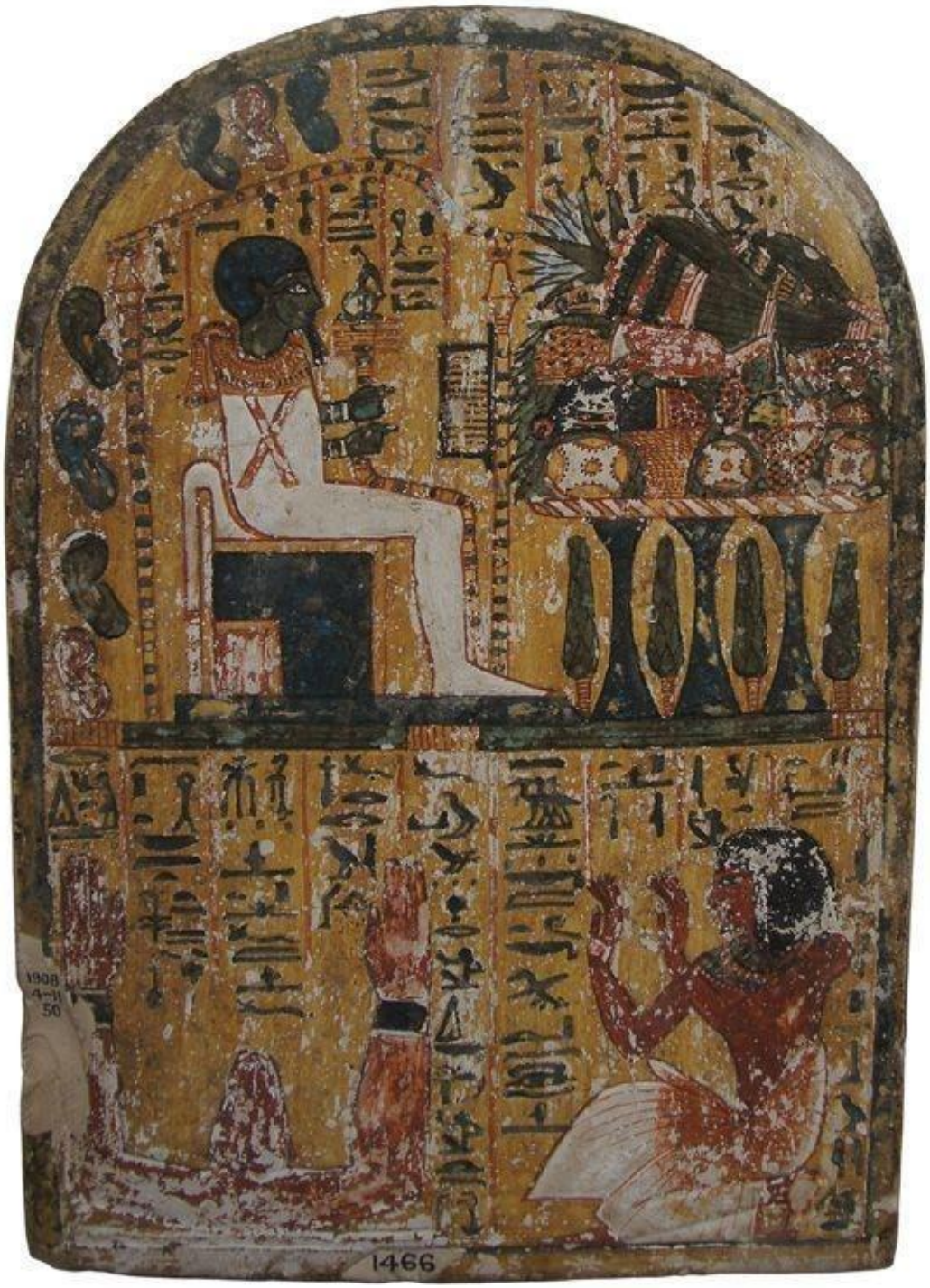
Além de não ver a situação de Jó claramente, Elifaz também tem equívocos sobre Deus. Ao tentar defender o princípio da retribuição, seu raciocínio o leva à conclusão de que a retribuição funciona de forma tão consistente que até mesmo Deus não é afetado pelo bem ou mal que os humanos fazem. Elifaz quer imprimir a Jó que Deus não é arbitrário, mas que age por leis morais fixas. No entanto, Elifaz acaba retratando Deus como tão exaltado que o que os humanos fazem não lhe interessa particularmente. Em vez de manter o equilíbrio teológico que mantém todos os atributos de Deus, Elifaz eleva um aspecto do caráter de Deus acima de outro. Esse desequilíbrio leva Elifaz a uma visão inadequada e distorcida de Deus. Da mesma forma, devemos ter cuidado para manter juntas verdades bíblicas que podem parecer contraditórias. Por exemplo, a Bíblia ensina que Deus é justo e gracioso, que Deus é soberano e, no entanto, os seres humanos são responsáveis por suas ações, e que a salvação é por eleição divina, mas também é oferecida a quem quer que a aceite.

No início do livro de Jó, Elifaz elogiou Jó por seu tratamento generoso com as pessoas necessitadas. No entanto, contradizendo o que ele já sabia ser verdade, Elifaz neste capítulo acusa Jó de todos os tipos de pecados graves contra os outros. Mais uma vez, Elifaz deixa que seu raciocínio lógico o obrigue a uma conclusão que não é precisa. Em vez de falar sobre o que *sabe*, Elifaz afirma o que acha que *deveria ser* o caso. Por esse meio, ele falsamente representa Jó como um terrível pecador e não como o generoso benfeitor que ele admirava anteriormente.

Elifaz também julga mal Jó colocando palavras erradas em sua boca em vez de ouvir o que Jó realmente disse e quis dizer. O que Elifaz diz sobre Jó se encaixa em sua própria linha de raciocínio, mas não é um registro preciso do que o próprio Jó acredita. Se Elifaz fosse mais cuidadoso em ouvir Jó do que deixar que seu compromisso teológico com a retribuição determinasse o que Jó deve estar pensando, então ele não acusaria Jó como ele faz. Um conselho eficaz para as pessoas que estão sofrendo requer uma escuta cuidadosa do que elas estão dizendo e do que elas realmente significam.

Como Elifaz errou nesses aspectos fundamentais, não é surpreendente que seu conselho final a Jó esteja bem fora do padrão. Elifaz exorta Jó a submeter-se a Deus, isto é, a confessar seus pecados. Se Jó fizer isso, então, como manda o princípio da retribuição, sua prosperidade será restaurada. Isso faz todo o sentido dentro do sistema de teologia da retribuição que Elifaz assume. No entanto, o resto do livro deixará evidente que Elifaz não

compreende a situação de Jó tão bem quanto ele pensa que compreende. Como resultado, o conselho de Elifaz ao amigo não é útil, mas prejudicial.




No final de seu discurso, Elifaz encoraja Jó a "levantar seu rosto para Deus. Você orará a ele, e ele te ouvirá" (22:26-27). Esta estela mostra um egípcio orando ao seu deus. Observe as orelhas ao longo do lado superior esquerdo. Estes foram incluídos na pintura para ajudar o deus a ouvir as orações (Tebas, 1200 a.C.).

# Ilustrando o texto

***Elifaz conclui falsamente que Deus é elevado demais para se preocupar com a atividade humana.***

Filosofia: ***Além do Bem e do Mal*, de Friedrich Nietzsche.** No livro *Além do Bem e do Mal* (1886), o filósofo alemão Nietzsche (1844-1900) defende que o bem e o mal não devem ser medidos por referência a Deus ou aos valores cristãos. As palavras de Elifaz, escritas muito antes de Nietzsche viver, mas Elifaz também assume uma grande distância entre a moral humana e Deus quando pergunta se um ser humano poderia ser benéfico para Deus.

Conto: **"O Barco Aberto", de Stephen Crane.** Neste conto sombrio do grande autor americano (1871-1900), quatro homens são jogados em um bote salva-vidas de um navio afundado, o *Commodore*. Seu destino parece ser aleatório; não há transcendência. Um deles diz: "Se esta velha mulher de ninny, o Destino, não pode fazer melhor do que isso, ela deve ser privada da gestão da fortuna dos homens". [35º]

***Discerna se aqueles que aconselham oferecem uma visão distorcida de Deus ou usam raciocínios imprecisos.***

Filme: ***É uma vida maravilhosa*.** Neste amado filme (1946) dirigido por Frank Capra, George Bailey (interpretado por Jimmy Stewart) é bem visto por sua lendária generosidade para com o povo de Bedford Falls. Em seguida, ele é falsamente acusado por Potter de peculato. Sua vida se desfaz e ele é jogado em desespero. Enquanto a história eventualmente se resolve, a jornada é difícil, já que Bailey não mantém a cabeça sobre ele e depende da verdade que ele sabe sobre si mesmo. Ele não só leva muito a sério a avaliação imprecisa do Sr. Potter, mas também cai em raciocínios imprecisos sobre si mesmo.

Literatura: ***O Progresso do Peregrino*, de John Bunyan.** Um dos temas que se vê com frequência nessa alegoria clássica é a importância de ter discernimento. Ninguém vê consistentemente através do raciocínio impreciso que pode ouvir, Bunyan parece argumentar, então a companhia é necessária. Um dos personagens enganadores, que hipnotiza com suas palavras, mas que é insubstancial em suas crenças e procura confundir, é Talkative, que conversa longamente com o personagem Faithful. Fiel, discernindo a visão enviesada de Deus de Talkative, finalmente diz: "Eu te vi para falar, e porque eu sabia não que você tinha ensinado outra coisa senão noção... sua conversa dá a essa sua profissão de boca a mentira."[36º]

35. Guindaste, "Barco Aberto", p. 25.

36º. Bunyan, *O Progresso do Peregrino*, 111.

# Emprego 23

# Jó sente confiança e terror

## Grande ideia *A justiça de Deus atrai Jó para a confiança, mas a soberania de Deus o intimida.*

## Temas-chave de Jó 23

- Jó está confiante de que é inocente diante de Deus.
- Jó não sabe como encontrar Deus.
- Jó insiste que sua adversidade demonstrará a qualidade piedosa de sua vida.
- Jó não pode prever ou controlar o que o Deus Soberano fará em seu caso.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em Jó 23, Jó rejeita o que Elifaz acaba de dizer no capítulo anterior, quando aconselhou Jó a "submeter-se a Deus e ficar em paz com ele" (22:21). Este é mais um indicador de que a comunicação entre Jó e seus amigos está quebrando. Em vez de falar diretamente com seus amigos ou com Deus, Jó fala em um solilóquio, como fez no capítulo 3. Sua conversa interna reflete o quão solitário e solitário ele se sente, pois está cada vez mais isolado dos humanos e de Deus. Nos primeiros doze versículos, Jó expressa confiança diante de Deus, mas também sua incapacidade de encontrar Deus para apresentar seu caso diante dele. Nos versículos 13–17, no entanto, Jó revela que também sente terror diante de Deus Todo-Poderoso.

**Contexto histórico e cultural** Em 23:10, Jó alude ao refinamento do ouro ao expressar o que Deus parece estar fazendo em sua vida. No mundo antigo, o ouro era refinado colocando-o em um cadinho junto com chumbo. À medida que grande calor era aplicado a ele, o ouro derretia e, quando esfriava, a escória aderia ao chumbo, deixando o ouro purificado (Ez 22:17-22). Em 23:10, esse processo é usado para imaginar como Deus emprega a adversidade para refinar Jó de seu pecado (como os amigos insistem), ou, melhor, para revelar a excelente qualidade de vida de Jó, o que será indicado pela repreensão de Javé aos amigos em 42:7–8. A mesma imagem é usada no Salmo 66:10, apenas com a adversidade sendo comparada ao refinamento da prata, em vez do ouro.



Em 23:10, Jó diz que Deus o está refinando como ouro. Este relevo egípcio do túmulo de Mereruka mostra metalúrgicos em uma forja (ca. 2350–2181 a.C.).

**Insights Interpretativos 23:3–4** *Se eu soubesse onde encontrá-lo!* Jó não segue o conselho de seus amigos, que o exortam a arrepender-se dos pecados que Jó sabe que não cometeu. Confiante de sua própria inocência, Jó tem um forte desejo de encontrar Deus face a face, para que possa apresentar seus argumentos legais diante dele (23:4). Jó está preparado para argumentar por sua própria inocência, mas não consegue encontrar o juiz. Jó não sugere que ele possa manipular ou enganar Deus para que ele faça seu pedido,

mas ele quer um julgamento justo que o liberte das falsas acusações que os amigos levantaram contra ele.

**23:5** *Eu descobriria o que ele me responderia.* Como Jó não consegue localizar Deus, ele é incapaz de apresentar as provas de sua própria inocência. Pior do que isso, Deus não falará com Jó, então Jó é deixado para especular o que Deus diria se ele quebrasse seu silêncio. Quando Javé finalmente fala, começando em 38:1, o que ele diz é diferente do que tanto Jó quanto os amigos anteciparam.

**23:6–7** *Não, ele não iria apresentar acusações contra mim.* Jó aqui é mais otimista do que era anteriormente, no capítulo 9, quando pensou que Deus o declararia culpado, mesmo sendo irrepreensível. Ele agora está confiante de que Deus prestará atenção a ele e o tratará com justiça (23:7). Como Jó antecipa que será capaz de estabelecer sua inocência diante de um juiz imparcial, ele acredita que pode vir diante de Deus com confiança.

**23:8–9** *Mas se eu for para o oriente, ele não está lá.* Nos versículos 8–9, Jó procura Deus em todas as direções, mas não consegue encontrá-lo onde quer que o procure. Porque Deus parece inacessível, Jó sente-se frustrado. Se Jó não consegue localizar a sala de audiência e o juiz, então como ele será capaz de resolver seu caso? Jó terá que esperar até que Deus escolha se revelar, e não há como Jó obrigá-lo a fazer isso.

**23:10** *Mas ele sabe o caminho que eu tomo.* Essa afirmação de Jó foi interpretada de duas maneiras diferentes. A NVI interpreta-a como referindo-se ao Deus onisciente sabendo o caminho que Jó toma, em contraste com a falta de conhecimento de Jó sobre o paradeiro de Deus (23:8-9). Literalmente, o hebraico diz: "Deus sabe o [seu] caminho comigo", o que significa que Deus sabe o que está fazendo na vida de Jó. Esta leitura mais provável indica que Deus é soberano ao dirigir Jó de acordo com o caminho que Ele ordenou para o seu servo (cf. 23, 11-12). Jó aqui reflete sua confiança de que Deus sabe o que está fazendo, mesmo que Jó não possa discernir como tudo isso faz sentido.

*quando ele me testar, eu sairei como ouro.* Jó está claramente convencido de que Deus não o está punindo por seus pecados, então não é provável que ele esteja aqui se referindo ao processo de Deus de refinar a impureza de sua vida. Em vez disso, o que Deus está fazendo através dessa adversidade intensa demonstrará que o caráter de Jó tem sido ouro o tempo todo. Através dessa dolorosa experiência, será reconhecida a qualidade exemplar do caráter de Jó, que tem estado em disputa. Isso, então, não é o refinamento que

transformará Jó em ouro, mas é uma avaliação que revelará que Jó já é ouro aos olhos de Deus.

**23:11** *Mantive-me no seu caminho sem me desviar.* A literatura de sabedoria do Antigo Testamento muitas vezes fala de andar no caminho do Senhor. Jó não se desvia para a direita ou para a esquerda (Prov. 4, 26-27), mas continua no caminho de Deus. O caminho de Deus significa seguir a palavra de Deus (23:12; cf. Sl. 119:105). Por seu compromisso com o caminho de Deus, Jó demonstra que a avaliação original de Javé de sua vida em 1:8 e 2:3 era precisa.

**23:12** *Tenho estimado mais as palavras da sua boca do que o meu pão de cada dia.*

A forma como uma pessoa vive reflete o que a pessoa ama, porque as ações seguem valores. O coração de Jó é dedicado a Deus, então seu comportamento é direcionado de acordo com o caminho de Deus. Com o seu compromisso com as palavras de Deus, Jó evidencia que valoriza a sabedoria de Deus mais do que o seu alimento diário (Prov. 8, 10-11). Jó vive uma vida piedosa porque ama a Deus e a tudo o que Deus diz.

**23:13** *Ele faz o que lhe aprouver.* Os amigos de Jó insistiram que a fórmula de retribuição é uma descrição rígida e confiável de como Deus sempre opera no mundo. Pelos seus cálculos, Deus sempre recompensa aqueles que são justos, e Ele sempre pune aqueles que são maus, de modo que quando uma pessoa como Jó experimenta adversidade, isso significa que ela deve ter pecado. Jó argumenta contra seus amigos que Deus como soberano é livre para trabalhar de acordo com seu próprio plano, e ele não está vinculado por alguma regra externa, como retribuição. Mesmo que Deus normalmente aja de forma consistente com o princípio da retribuição, suas ações não podem ser reduzidas a uma fórmula limpa e previsível que dita como ele deve agir em todos os momentos. Jó ainda não chegou lá, mas em seu pensamento ele está começando a se mover em direção ao reconhecimento disso que ele virá no final do livro. Ninguém é capaz de manipular ou coagir Deus a agir de uma maneira particular, porque as ações de Deus estão totalmente sob seu próprio controle.

**23:15–16** *quando penso em tudo isso, temo-o.* Ao refletir sobre o conhecimento e o poder transcendentes de Deus, Jó sente-se confiantemente atraído por Deus, mas também se sente intimidado por Ele. O termo "medo" neste versículo é uma palavra diferente daquela usada na expressão "temor do Senhor", que é o início da sabedoria (Jó 28:28; Prov. 9:10). Jó fala aqui do terror que é evocado em seu coração pelo poder avassalador de Deus; no

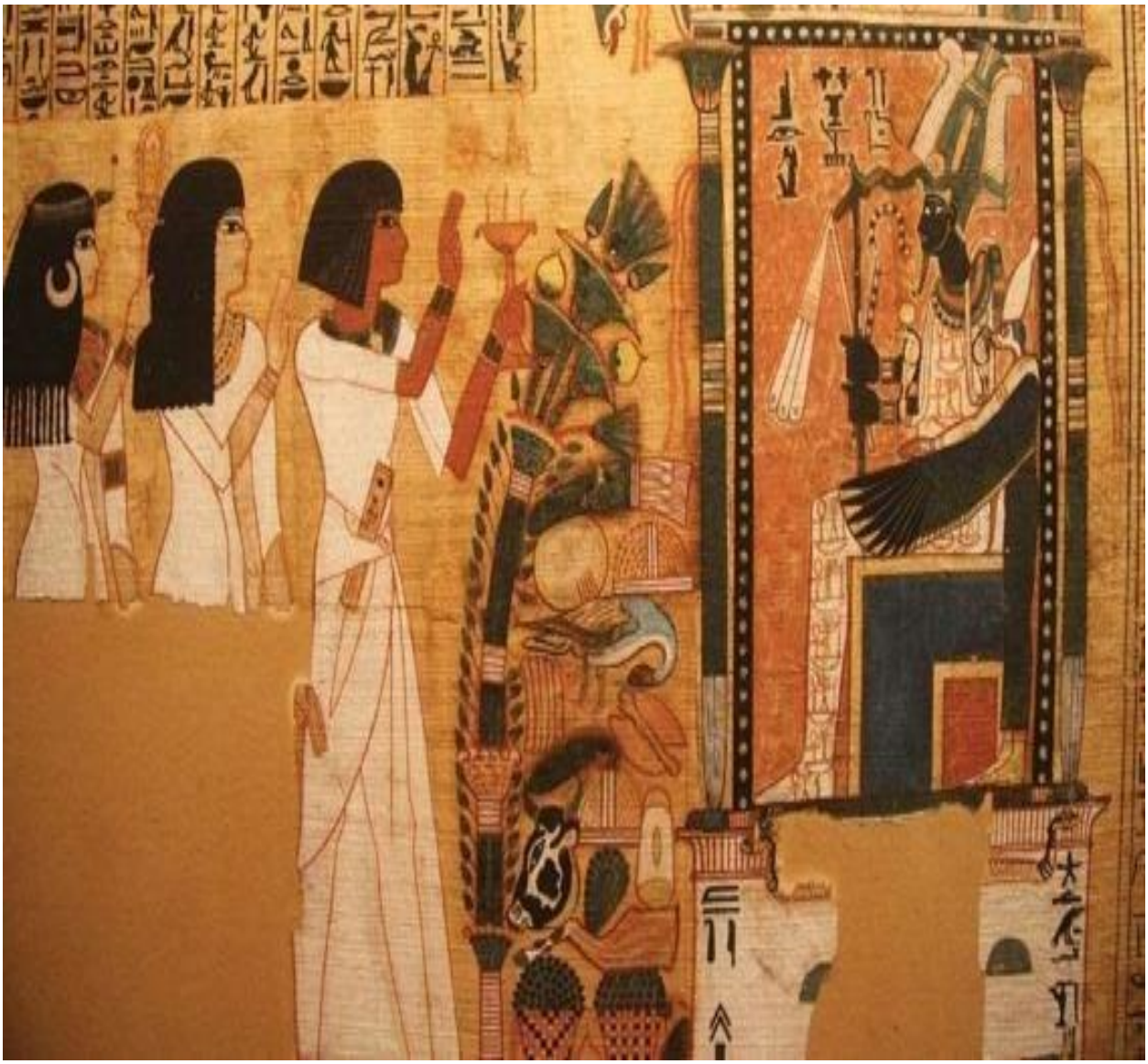
versículo 16, ele continua dizendo: "Deus fez meu coração desmaiar; o Todo-Poderoso me apavorou".

**Insights teológicos** No Salmo 139:7–12, o salmista afirma que não importa em que direção ele possa ir, Deus certamente estará lá. A onipresença de Deus é um grande conforto para o salmista.Em contraste, em Jó 23:8–9, Jó procura Deus no leste, oeste, norte e sul, mas é incapaz de encontrá-lo. Essa ocultação de Deus leva Jó a se perguntar se Deus não está lá, ou se ele está lá, mas não está disposto a se comunicar com Jó. Esse silêncio de Deus é difícil para Jó entender ou aceitar, assim como é para muitos dos salmistas (por exemplo, Sl. 13:1-2).

A linguagem da prova divina é usada com frequência no Antigo Testamento. Em Gênesis 22, Deus testa a fé de Abraão, orientando-o a oferecer seu filho Isaque como sacrifício. Salmos 66:10 retrata Deus testando os humanos, usando a linguagem de como sacrifício. Salmos 66:10 retrata Deus testando os humanos, usando a linguagem do refinamento da prata. Porque a Bíblia revela Deus como onisciente, conhecendo todas as coisas, esse teste não é projetado para ensinar a Deus algo que ele ainda não sabe. Em vez disso, o teste, como em Jó 23:10, é uma demonstração do que realmente está no coração da pessoa que experimenta a aflição de Deus.

## Ensinando o texto

No capítulo 23, Jó está dividido entre dois sentimentos fortes e conflitantes. Por um lado, ao refletir sobre a justiça de Deus, Jó sente-se confiante. Ao contrário dos deuses pagãos do antigo Oriente Próximo, que são moralmente arbitrários e caprichosos, Javé é justo em seu caráter. Como Javé é justo, Jó pode ter certeza de que Javé fará a coisa certa por ele. Por outro lado, como Soberano
Deus, Javé é livre para fazer o que quiser. Jó, portanto, não pode manipular o que Javé faz, e ele acha isso desconcertante e até intimidador. Podemos ter certeza de que o Senhor sempre será fiel ao Seu caráter santo imutável, mas também devemos lembrar que Seus caminhos são mais altos do que nossos caminhos (Is. 55:9).



Jó pode ter confiança nas ações de Deus porque o caráter de Deus é justo. Isso contrasta com os deuses pagãos, que poderiam ser caprichosos e arbitrários, exigindo que rituais religiosos (ilustrados nesta pintura egípcia) fossem realizados justamente para ganhar seu favor. Aqui as oferendas são apresentadas ao deus Osíris pelo escriba Nebqed (século XIV a.C.).

Os amigos muitas vezes podem ser um espelho útil para nós, porque eles podem ver aspectos de nossas vidas que estamos propensos a negligenciar. Em particular, eles podem nos alertar sobre falhas e defeitos que convenientemente deixamos de observar em nós mesmos. Os amigos de Jó pensam que estão ajudando Jó insistindo que ele precisa confessar os pecados que trouxeram adversidade em sua vida, mas na verdade eles estão vendo

coisas que não estão realmente lá. Enquanto Jó vasculha seu coração, ele não pode concordar com eles. Quando ele examina suas ações, atitudes e motivos, Jó não detecta o pecado, mas examina suas ações, atitudes e motivos, Jó não detecta o pecado, mas encontra a justiça genuína. Por causa desse rigoroso autoexame, Jó está confiante de que é inocente diante de Deus enquanto procura se aproximar de Deus com sua defesa legal.

Como muitos dos salmistas, Jó reclama que Deus parece silencioso e escondido. Enquanto Jó ora e clama a Deus, Deus não lhe responde. Não importa onde ele procure por Deus, Jó não pode localizá-lo. Jó anseia por recuperar a comunicação com Deus, e ele quer estar diante de Deus para apelar de seu caso, mas Deus não está em nenhum lugar para ser encontrado. O tempo prolongado de espera de Jó é muitas vezes ecoado na vida dos cristãos que têm de aprender, através de uma longa e dolorosa experiência, a confiar em Deus, mesmo quando Ele parece silencioso e escondido.

Apesar de todas as suas perguntas sem resposta, Jó também tem algumas respostas para compartilhar. Ele insiste que Deus sabia o que estava fazendo ao ordenar a vida de Jó. Jó também sabe que sua adversidade, por mais dolorosa que seja, demonstrará claramente a qualidade de sua vida como um homem justo. Ele está confiante de que seguiu os passos de Deus e valorizou as palavras de Deus. Jó não sabe o que Deus está fazendo em sua vida, mas está convencido de que Deus sabe o que Jó está fazendo. Com isso, Jó nos ensina a depositar nossa confiança no próprio Deus, mesmo quando não conseguimos entender o que Ele está fazendo em nossas vidas.



Em 23:11, Jó diz: "Meus pés seguiram de perto seus passos". Embora esta seja uma linguagem figurativa, podemos encontrar uma imagem visual nas ruínas de um

templo em Ain Dara, Síria. Aqui vemos pegadas gigantes, como se o próprio deus estivesse entrando no templo. Aqueles que serviam no templo podiam então seguir os passos do deus.

Jó está começando a perceber que Deus é justo e livre. Jó sente que, em sua soberania, Deus age de maneiras que podem divergir de seu padrão geral. Este aspecto imprevisível da atividade de Deus pode ser desconcertante, mas para uma pessoa que confia verdadeiramente em Deus, essa soberania divina pode ser um mistério bem-vindo. Toda vez que recebemos uma resposta surpreendente à oração ou uma bênção inesperada, experimentamos a liberdade soberana de Deus como Seu dom para nós.

## Ilustrando o texto

***Às vezes, Deus parece silencioso e escondido para seus filhos, como faz com Jó.***

Memórias: ***Lamento por um Filho*, de Nicholas Wolterstorff.** Wolterstorff é um filósofo americano e professor emérito de teologia filosófica em Yale. Nesta comovente e belíssima peça, composta após a trágica morte de seu filho em um acidente de alpinismo, Wolterstorff registra o processo de luto, semelhante ao de Jó. Em um tempo sombrio, Wolterstorff escreve: "Estou em um impasse, e você, ó Deus, me trouxe até aqui. Desde os meus primeiros dias, acreditei em vós, partilhei a vida do vosso povo: nas suas orações, no seu trabalho, nos seus cânticos... Para mim seu jugo foi fácil. Sobre mim sua presença sorriu. O meio-dia escureceu... E onde você está nessa escuridão? Não consigo encontrá-lo". Ele conclui esta passagem: "As canções que aprendi foram todas de louvor, ação de graças e arrependimento. Ou no escuro, é melhor esperar em silêncio?"[37º]

Música: **"I Still Haven't Found What I'm Looking For", do U2.** Em uma das músicas mais famosas do grupo de música contemporânea U2, o vocalista, Bono, canta que ainda não encontrou o que procura. Ele ilustra com vários cenários, voltando às falas "mas ainda não encontrei o que estou procurando". A busca do artista por um sentido para a vida é comparável à de Jó; no entanto, Jó busca explicitamente por Deus, enquanto a busca de Bono e as repetidas decepções acabam por levá-lo a Deus.

***Mesmo quando Deus está em silêncio, podemos confiar na soberania divina como um mistério bem-vindo.***

Experiência Humana: Adversidades tão diferentes como inundações, vulcões, terremotos, recessão, perda de empregos e doenças têm o mesmo efeito: revelam quem as pessoas realmente são por dentro. Quando a saúde e a riqueza são retiradas, a forma como uma pessoa reage acaba mostrando bom ou mau caráter dentro dessa pessoa. A resposta de Jó à sua adversidade demonstra que ele é, de fato, o homem justo que Javé disse ser no início do livro. Nos últimos tempos, as várias respostas ao atentado de 11 de Setembro falaram muito sobre os verdadeiros valores de muitas pessoas. Toda semana é possível encontrar histórias das respostas das pessoas às dificuldades.

Literatura: ***O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, de C. S. Lewis.** Nas Crônicas de Nárnia, Lewis (1898-1963) retrata Aslam (que representa Cristo) como um leão poderoso. Quando a pergunta é se Aslam deve ser temido, fica claro que Aslam é ótimo, mas ele também é bom. Ele não abusará de seu poder para fazer o que é mau, mas sua bondade significa que ele pode ser confiável para usar seu poder para abençoar, assim como o Senhor faz.

---

37º. Wolterstorff, *Lamento por um filho*, 69.

# Emprego 24

# Jó Pergunta Por Que Deus Permite que o Pecado Permaneça Impune

## Grande Ideia *A injustiça desenfreada no mundo leva Jó a desejar que Deus traga justiça.*

## Temas-chave do trabalho 24

- Jó observa que Deus parece permitir que a injustiça continue sem detê-la.
- Jó acha que não é difícil encontrar exemplos na vida dos poderosos oprimindo os pobres.
- Jó observa que, porque Deus permite que a injustiça continue, os ímpios agem como se não
- houvesse Deus.

  Jó anseia que Deus faça valer sua autoridade judicial contra os ímpios.

## Entendendo o texto

**O ponto** final do capítulo 23 de Jó foi que o Deus Soberano é livre para agir de maneiras que podem não se encaixar em uma fórmula arrumada de retribuição. No capítulo 24, Jó se baseia nesse ponto ao demonstrar que o sistema de retribuição de seus amigos não explica toda a vida. A observação mostra claramente que as pessoas pecam, mesmo de maneiras graves, e ainda assim não são levadas a julgamento. Em 24:1–12, Jó aponta para a opressão generalizada dos pobres e necessitados. Em 24:13–17, ele

descreve pessoas que se rebelam flagrantemente contra os padrões morais de Deus. Em 24:18–24, Jó expressa seu anseio pelo julgamento divino sobre esses malfeitores ou prevê que Deus acabará por julgá-los. Ele encerra seu discurso com um desafio ardente a seus amigos, desafiando-os a prová-lo falso se puderem (24:25). O discurso final perfunctório de Bildad no capítulo 25 e o fracasso de Zophar em falar no terceiro round indicam que os amigos não estão à altura do desafio de Jó.

**Antecedentes históricos e culturais** A descrição de Jó das ações brutais e impiedosas dos ímpios é muito parecida com crimes que foram amplamente condenados nos antigos códigos legais do Oriente Próximo. Essas ações que fraudavam os necessitados de sua propriedade, paz e proteção negavam direitos humanos básicos e dignidade àqueles que eram impotentes – os órfãos, a viúva e os pobres. Mesmo que comportamentos como esses tenham sido condenados por praticamente todas as culturas, Jó reclama que Deus não intervém para acusar os perpetradores de irregularidades (24:12). Consequentemente, Deus parece aplicar padrões morais mais baixos do que as culturas pagãs exigem, e Jó não consegue entender por que isso deveria ser.

**Insights Interpretativos 24:1** *Por que o Todo-Poderoso não estabelece tempos para o julgamento?* Com essa pergunta retórica, Jó implica que, ao negligenciar o julgamento regular e rápido sobre os malfeitores, Deus parece não impor seus próprios padrões justos. Parece que não há um dia de julgamento iminente marcado para aqueles que agem injustamente.[38] Isso serve para desencorajar aqueles que são justos, que esperam em vão a sua vindação divina.

**24:2** *Há quem mova pedras de fronteira*. No mundo antigo, como em muitos lugares hoje, as pedras de fronteira eram usadas para marcar linhas de propriedade. Por esse meio, as sociedades protegiam a terra e a segurança financeira das famílias.

Em todo o antigo Oriente Próximo era considerado um crime grave mover uma pedra de fronteira, porque isso equivalia a roubar uma parte da propriedade de outro. No Antigo Testamento, essa prática ilegal é duramente condenada (Deut. 19:14; 27:17; Prov. 22:28; 23:10). Jó observou pessoas fazendo isso e ainda não sendo julgadas por Deus por seus pecados.



Em todo o antigo Oriente Próximo era um crime mover uma pedra de fronteira. Esta é uma pedra de fronteira do rei babilônico Marduk-aplaiddina II (século VIII a.C.).

**24:5** *Os pobres fazem seu trabalho de forrageamento de alimentos.* Em contraste com a acusação de Elifaz contra ele em 22:5-7, Jó claramente tem empatia com a situação daqueles que são oprimidos e em extrema necessidade financeira. Ele viu como os ímpios reduziram os pobres à miséria abjeta, em vez de usar seus recursos para ajudar os necessitados, como ele fez (cf. 29:14-16). Como resultado, os pobres são reduzidos a ter que procurar no deserto para seu sustento como se fossem animais selvagens, embora haja muito pouco alimento para seus filhos famintos.

**24:9–11** *O Menino dos Pobres é penhorado por uma dívida.* Em várias culturas antigas do Oriente Próximo, os filhos podiam servir como garantia para o empréstimo de seu pai e, assim, poderiam ser levados para liquidar uma dívida. Em 2 Reis 4:1, a queixa de uma viúva a Eliseu indica que ela teme perder seus filhos por causa da dívida de seu falecido marido. Jó aqui aponta para um exemplo particularmente horrível de opressão, já que os credores insistem em apreender uma criança amamentando como pagamento de uma dívida. Ele continua mostrando como os pobres sofrem a perda de sua família, casa, roupas e dignidade (24:10-11). No entanto, nesta situação extrema, Deus não intervém, nem mesmo quando o sofrimento dos pobres atinge um nível tão terrível.

**24:12** *Mas Deus não acusa ninguém de malfeito.* Depois de descrever a condição desesperada dos pobres ao serem oprimidos por aqueles que são maus, Jó afirma no versículo 12 que Deus não intervém para impedir os erros que eles cometem. Eles parecem se safar de sua maldade, e isso é profundamente preocupante para Jó. Jó conseguiu demonstrar que a fórmula de retribuição dos amigos não se sustenta sob escrutínio, mas ao fazer isso Jó chega a uma observação ainda mais preocupante, de que o Deus justo não parece insistir na justiça em seu mundo. Muitas vezes as pessoas fazem o que está errado e saem impunes. Muitas vezes aqueles que são oprimidos injustamente clamam esperando que Deus intervenha em seu favor, e ainda assim Ele não responde a eles, em contraste com sua resposta aos clamores dos israelitas em seu cativeiro egípcio (Êx. 2:23-25). Este é realmente um estado de coisas preocupante para Jó, porque a inatividade de Deus contra a injustiça parece entrar em conflito com seu caráter santo.

**24:13–17** *Para todos eles, a meia-noite é a manhã.* Nos versículos 13–17, Jó descreve a iniquidade desimpedida daqueles que desrespeitam os padrões justos de Deus. Eles maliciosamente planejam fraudar os outros por assassinato, adultério e roubo. Eles são irrestritos pela lei de Deus e não têm medo de serem chamados a prestar contas por seus atos criminosos. Trabalhando sob o manto das trevas (cf. João 3:19, onde Jesus diz que "as pessoas amavam as trevas em vez da luz porque suas obras eram más"), eles supõem que, se nenhum ser humano puder vê-las, então seus erros permanecerão indetectados. Eles agem como se não houvesse Deus que pudesse ver através das trevas para observar seu pecado.

**24:20–21** *o verme se banqueteia neles, os ímpios não são mais lembrados.* No livro de Jó, o verme é repetidamente usado para imaginar a decadência (7:5), porque se alimenta de cadáveres apodrecidos (21:26). Em Salmos 22:6 e Jó 25:6, "verme" é uma expressão depreciativa para o que é revoltante ou desprezado.Ao retratar os ímpios dessa maneira, Jó deseja que Deus traga destruição total e humilhação para eles, ou ele antecipa que isso é o que Deus fará com eles eventualmente.

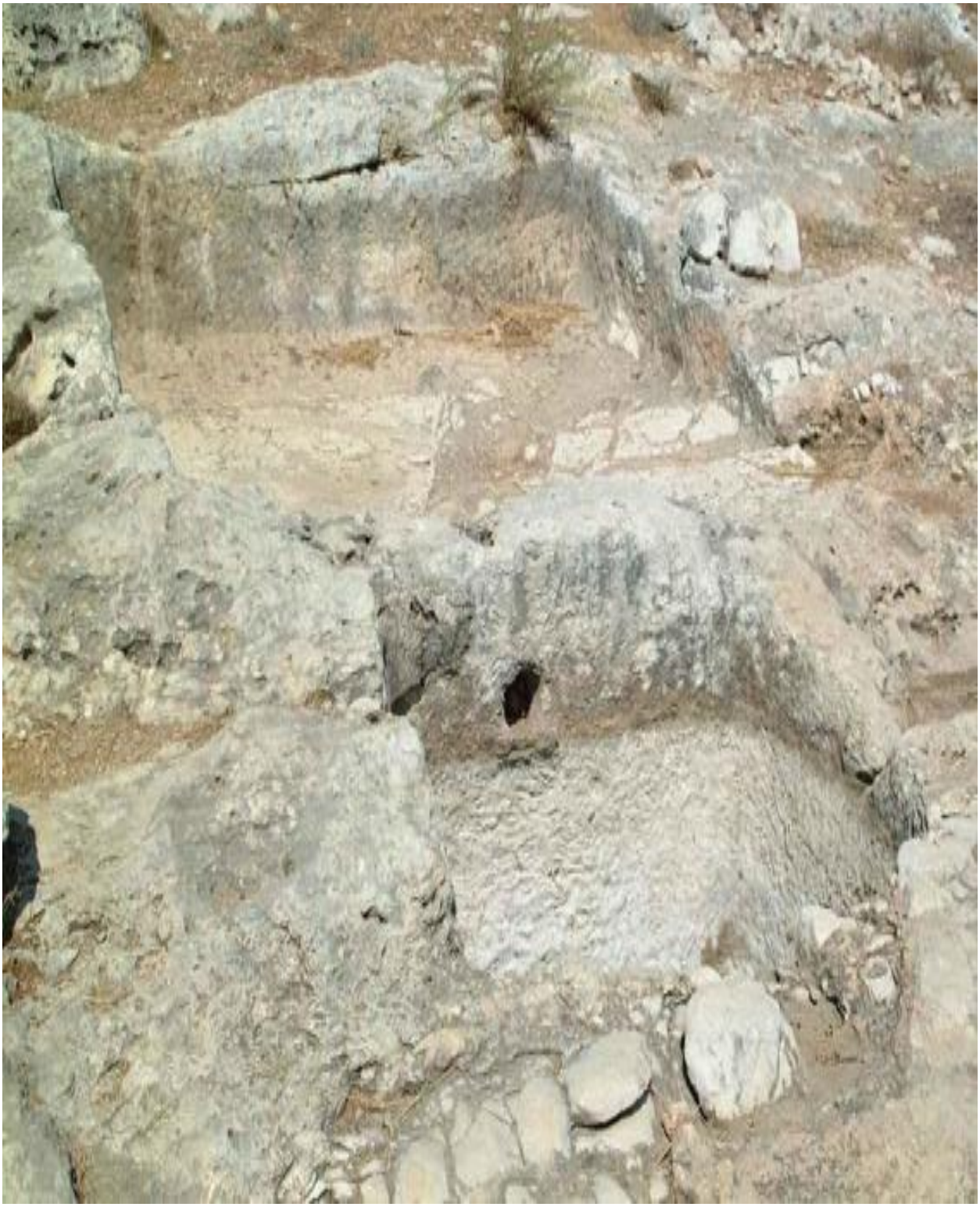
No mundo antigo, muita ênfase era colocada em ser lembrado pelas gerações futuras. Normalmente, isso era realizado por meio de crianças, e é por isso que não ter filhos é considerado uma grande dor por Abraão (Gênesis 15:2-3) e por Ana (1 Sam. 1:1-20). Alguns tentam obter uma forma de imortalidade social construindo monumentos para si mesmos (cf. Absalão em 2 Sam. 18:18, que não tem filho para preservar seu nome) ou chamando suas terras de seus próprios nomes (Sl. 49:11). No Salmo 83:4, os inimigos de Israel querem derrotá-los tão completamente que seu nome não será lembrado. Este é o grau de julgamento divino que Jó quer ver sobre os ímpios que oprimem os outros tão severamente.

**24:22–24** *Mas Deus arrasta os poderosos pelo seu poder.* Mesmo que Jó esteja sofrendo profundamente, e ele não possa entender por que Deus não exige um julgamento rápido sobre os malfeitores, ele não se torna cínico contra Deus. Jó deriva a esperança de sua fé de que Deus agirá de forma justa e poderosa para derrubar os pecadores. Jó acredita que, no quadro geral, Deus fará o que a doutrina da retribuição ensina. No entanto, no curto prazo, há aparentes anomalias em que Deus opera de maneiras que escapam à compreensão humana à medida que realiza seu propósito geral, que é justo e bom.

**24:25** *Se não é assim, quem pode me provar falso?* Quando Jó completa seu discurso nos capítulos 23–24, ele lança um desafio a seus amigos. Ele os

desafia a tentar refutar seu argumento de que há injustiça observável no mundo de hoje, mas que Deus acabará equilibrando a balança da justiça em seu mundo. Se eles não puderem enfrentar o desafio de Jó, então seu silêncio reconhecerá tacitamente que ele está certo. É significativo que nenhum dos amigos aceite Jó em seu desafio.

**Insights teológicos** Ao longo do Antigo Testamento, Deus é repetidamente apresentado como cuidador daqueles que são pobres e necessitados. Como Êxodo 2:23–25 demonstra, a compaixão de Deus pelos israelitas que estão clamando a Ele em seu cativeiro egípcio o leva a intervir poderosamente para livrá-los de sua opressão. O Senhor é o defensor daqueles que são mais vulneráveis na sociedade, como os órfãos e as viúvas (Sl. 113:5-9; 146:8-9). Tendo como pano de fundo teológico, o argumento de Jó neste capítulo assume um significado ainda maior. O mesmo Deus que está do lado dos necessitados também às vezes parece deixar a opressão contra os necessitados passar sem contestação e sem condenação. Enquanto Jó observa esse padrão frequente, ele pergunta por que Deus permanece em silêncio enquanto a injustiça corre solta em seu mundo. O que Jó está experimentando e observando parece contradizer o caráter justo de Deus, e ele não consegue entender por que essa antítese deve continuar.



Em 24:11, Jó cita um exemplo de como os ímpios oprimem os que estão sob eles, deixando-os passar sede no sol quente enquanto pisam uvas. Aqui é mostrado um lagar antigo; A depressão na rocha superior é onde as uvas eram esmagadas e, em seguida, o suco fluía para a bacia inferior.

## Ensinando o texto

Jó quer demonstrar aos seus amigos que coisas ruins podem acontecer com pessoas boas como ele, mas ao expor seu ponto ele abre um problema maior e mais preocupante. À medida que Jó identifica vários exemplos na vida que contrariam a fórmula da retribuição, ele percebe que há *muitos* casos em que a injustiça parece triunfar na vida. Na verdade, a injustiça muitas vezes corre solta, e isso leva tanto Jó quanto os cristãos de hoje a ansiar por Deus para trazer justiça ao mundo.

A descrição de Jó da injustiça em sua época soa muito familiar para nós, porque ouvimos falar do mesmo tipo de coisas todos os dias nos noticiários. Como Jó, vemos pessoas hoje que enganam os outros, mesmo as pessoas mais vulneráveis de nossa sociedade, como os pobres, os idosos e os sem-teto. Enquanto muitas pessoas desfrutam de uma boa medida de prosperidade, há outras que são entregues à pobreza desesperada e esmagadora. Dentro da mesma cidade, algumas crianças lucram com uma educação excelente, enquanto outras são remetidas para escolas inferiores, nas quais ficam mais para trás a cada ano. Essas condições deploráveis e injustas continuam sem que Deus intervenha para detê-las. Para Jó e para nós hoje, isso levanta profundas questões teológicas. Por que Deus permite que esse estado de coisas continue? Por que Deus não leva a julgamento aqueles que oprimem e exploram as pessoas vulneráveis? Deus está realmente no comando do mundo, como afirma a Bíblia?

Nos últimos anos, o problema do bullying nas escolas tem sido cada vez mais destacado pelas notícias. Quando os agressores são autorizados a intimidar outras crianças, eles são apenas encorajados a fazer coisas cada vez piores, e suas vítimas são atormentadas ainda mais. Porque eles não têm medo de punição, eles vivem como uma lei para si mesmos. Jó fala do mesmo padrão em assassinos, adúlteros e ladrões que saem impunes de seus crimes. Porque Deus não intervém para detê-los, eles supõem que Ele não os vê, ou que, se os vê, é impotente para impedir o que eles estão fazendo. Como resultado, eles agem como se Deus não existisse, e passam a fazer mal aos outros. Quando as pessoas vivem como se não houvesse um juiz divino a quem devem responder, então elas se livram de toda restrição. Seu comportamento criminoso atropela os direitos dos outros, e todos são vulneráveis à sua opressão.

Em vez de se inclinar para o seu nível, retribuindo o mal com o mal, Jó coloca essa situação injusta nas mãos de Deus. Ele anseia que Deus faça valer seu

poder contra os ímpios e traga justiça ao mundo. Com seu exemplo, Jó aponta na mesma direção que Jesus faz mais tarde quando ensina seus discípulos a orar para que o reino de Deus venha, e a vontade de Deus seja feita, na terra como no céu (Mt. 6:10). Como cristãos, somos obrigados a fazer tudo o que pudermos para encorajar e insistir para que a justiça seja feita, mas também devemos lembrar que apenas o Soberano insiste em que a justiça seja feita, mas também devemos lembrar que somente o Deus Soberano tem o poder de fazer a justiça por completo. Para que a justiça venha à Terra, é necessário mais do que esforço humano. Somente Deus é suficiente para combater plenamente os esquemas e ações perversas dos seres humanos e para trazer justiça verdadeira e duradoura para aqueles que são oprimidos.

## Ilustrando o texto

***Em muitos casos, a injustiça parece triunfar neste mundo.***

Literatura: ***O Senhor das Moscas*, de William Golding.** Neste conhecido romance, o romancista, poeta e dramaturgo britânico Golding conta a história de um grupo de estudantes britânicos que estão presos em uma ilha deserta após o que parece ser uma guerra nuclear. Deixados sozinhos e sem a contenção da supervisão adulta, eles disputam a liderança, formam panelinhas e passam a ser corrompidos pelo poder e se machucam terrivelmente, o mais sensato e sensível deles morrendo no processo. É um estudo profundo sobre o mal nativo dos seres humanos e sua vontade de poder.

***Muitas vezes ansiamos por justiça de Deus e ficamos intrigados com sua ausência.***

Letra da canção: Os espirituais dos escravos afro-americanos frequentemente invocavam a Deus para trazer justiça e alívio da opressão que eles tinham que suportar nos tempos pré-abolição. Em um deles, "Buked and Scorned", as palavras ilustram bem a saudade de Jó.



Assim como Jó expressa seu desejo de que o Todo-Poderoso administre a justiça, os espirituais compostos e cantados por escravos afro-americanos expressam seu desejo de que Deus os liberte da opressão.  Esta foto mostra descendentes desses escravos colhendo algodão na Geórgia.

***Devemos lembrar que somente Deus pode trazer justiça duradoura.***

Texto do Hino: **"Hino de Batalha da República", de Julia Ward Howe.** As palavras desta canção (1862), muitas vezes cantada apenas em ocasiões patrióticas, têm uma mensagem atemporal sobre o chamado de Deus ao seu povo para se lembrar da verdade da justiça de Deus.

> Meus olhos viram a glória da vinda do Senhor,
> Ele está pisoteando a safra onde as uvas da ira são armazenadas;
> Ele soltou o fatídico relâmpago de Sua terrível espada rápida; Sua verdade está marchando.
>
> Ele soou a trombeta que nunca chamará retiro;
> Ele está peneirando o coração dos homens diante de Seu assento de julgamento; Ó seja rápido, minha alma, para lhe responder! Jubila-te meus pés, Nosso Deus está marchando.

---

38 . Clines, "Quarter Days Gone", compara a linguagem de Jó com os antigos trimestres de dias em inglês em que as contas são liquidadas.

## Emprego 25

# A última tentativa de Bildad de responder a Job

## Big Idea *Bildad conclui que os humanos não têm esperança diante de Deus.*

## Temas-chave do trabalho 25

- Bildad se concentra unicamente na transcendência de Deus.
- Bildad insiste que o governo de Deus não permite nenhuma desordem em seu mundo.
- Bildad ignora a evidência da injustiça no mundo de Deus.
- Bildad considera todos os seres humanos como moralmente repulsivos ao Deus santo.

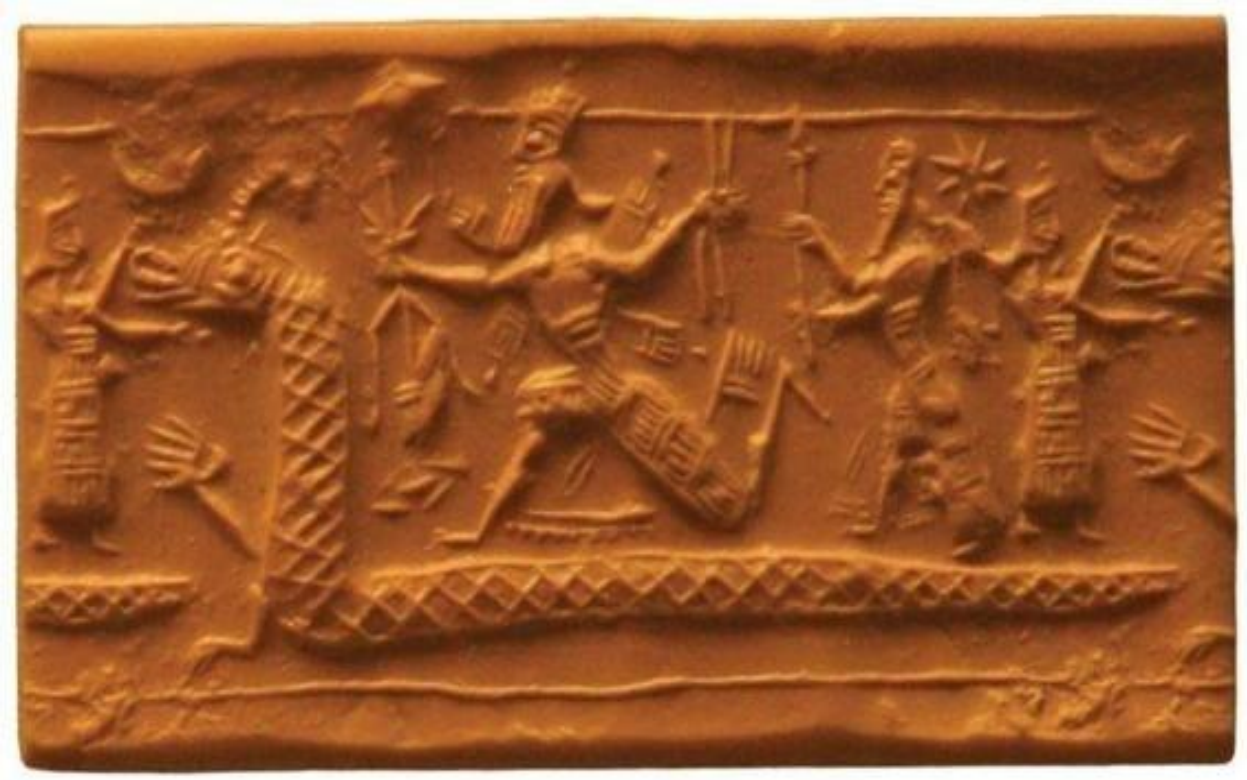
## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 25 contém o terceiro e último discurso de Bildad, mas ele tem pouco a dizer a Jó. Claramente sem fôlego, Bildad fala apenas brevemente antes que ele e os amigos entrem em silêncio. Para todos os efeitos práticos, o diálogo acabou, com Jó e seus amigos não um pouco mais próximos um do outro em suas posições. O firme compromisso de Bildad com a teologia da retribuição leva-o a concluir que, diante do Deus transcendente, os humanos são inúteis e desprezíveis, uma conclusão que dificilmente satisfaz

ou conforta Jó. Muitos estudiosos especularam que Bildad também falou as palavras atribuídas a Jó em

26:5–14 e que Zophar também teve um terceiro discurso em 27:13–23,39, mas não há nenhuma evidência textual para apoiar essas teorias. A atual disposição dos discursos no terceiro ciclo sugere que o diálogo entre Jó e seus amigos entrou em colapso total.

**Contexto Histórico e Cultural A** referência de Bildad em 25:2 a Deus estabelecendo a ordem (literalmente, "paz") nas alturas do céu pode ser comparada aos mitos babilônicos e cananeus da derrota dos poderes do caos por Marduk ou Baal. Ao contrário das antigas religiões do Oriente Próximo que defendiam o politeísmo, na Bíblia Javé é revelado como o único Deus verdadeiro, que é supremo sobre todos os outros poderes subordinados. Embora a linguagem da derrota do caos possa ser usada como uma figura literária em textos como Gênesis 1:2-3; Jó 9:13; e 26:12–13, a Bíblia afirma consistentemente que somente Javé é Deus.



Bildad afirma a soberania de Deus afirmando que Deus estabeleceu a ordem nas alturas do céu (25:2), o que implica que o caos foi derrotado. Essa ideia de vencer o caos para estabelecer a ordem é retratada nesta impressão de selo, que mostra um deus guerreiro lutando contra as forças do caos retratadas pela figura da serpente/dragão (900-750 a.C.).

**Insights interpretativos 25:2** *O domínio e o temor pertencem a Deus.* Em vez de responder às evidências de injustiça que Jó detalhou no capítulo 24, Bildad apenas reafirma seus pontos anteriores de forma mais enfática. Aparentemente, Bildad não está disposto ou não pode rever sua posição à luz dos fatos claros que Jó apresentou. Para a mente de Bildad, Deus é tão poderoso que é inconcebível que alguém possa se rebelar contra seu governo. Bildad se concentra tanto na transcendência de Deus que Deus se torna inacessível e insondável, e seu controle soberano provoca um sentimento de temor terrível de suas criaturas. Como resultado, como Bildad vê, não há conflito no reino de Deus, porque seu poder estabelece a ordem nas alturas do céu, e isso sugere que há ordem necessária na terra também. Para Bildad, a alegação de Jó de que sua situação é uma exceção à regra da retribuição é uma impossibilidade.

**25:3** *Sobre quem não se eleva a sua luz?* Ao fazer duas perguntas retóricas no versículo 3, Bildad expressa a convicção de que Deus é ilimitado em seu poder e controle sobre o mundo. Onde quer que o sol brilhe, a regra de Deus está em vigor. Os inúmeros anjos de Deus são Seus olhos e ouvidos para detectar e expor qualquer maldade em Seu mundo. No sistema teológico de Bildad, ninguém pode escapar do longo alcance de A justiça de Deus. Essa posição, no entanto, não dá conta dos males observáveis no mundo de Deus que Jó descreveu no capítulo 24. Em vez de responder a Jó, ou tentar qualquer explicação para a opressão para a qual Jó apontou, Bildad simplesmente evita a questão como se ela realmente não existisse. Não admira que Eliú mais tarde esteja zangado com os amigos por não terem respondido a Jó (32:3–5, 11–16).

**25:4** *Como, então, um mortal pode ser justo diante de Deus?* Mais uma vez (Cf. Elifas em 4:15-19; 15:14-16), as palavras consoladoras do Salmo 8:4 são distorcidas por um dos amigos de Jó. Ao medir os humanos contra a perfeita justiça de Deus Todo-Poderoso, Bildad conclui que os humanos são impotentes corruptos. A Bíblia ensina que todos os seres humanos são pecadores e culpados diante de Deus (Sl. 14:1-3; Rm 3:10-12), mas Bildad deixou de fora o que a Bíblia ensina sobre a graça divina e o perdão, e também o elogio de Deus àqueles que lhe obedecem. A teologia de Bildad pinta em preto e branco, não com a paleta completa da verdade de Deus. Como Bildad está tão empenhado em defender a validade da fórmula de retribuição, ele tem que concluir que a adversidade de Jó se deve ao seu pecado pessoal. E para fundamentar sua condenação de Jó, Bildad recorre à condenação de toda a raça humana como inerente e incorrigivelmente corrupta diante de Deus.

Claro, a implicação clara do ponto de Bildad é que ele mesmo deve ser desesperado diante de Deus, mas ele não leva seu argumento para o próximo estágio lógico.

**25:5** *e as estrelas não são puras aos seus olhos.* "Puro" aqui provavelmente se refere não à pureza moral, mas ao brilho das estrelas. As duas linhas no versículo 5 são paralelas, pois tanto a lua quanto as estrelas podem ser obscurecidas por nuvens, de modo que podem ser vistas apenas fracamente. Da mesma forma, os seres humanos (25:4, 6) são moralmente impuros diante do Deus justo.

**25:6** *um ser humano, que é apenas um verme!* Com estas duras palavras, Bildad completa o seu terceiro e último discurso. Bildad quer deixar claro que nenhum ser humano, incluindo Jó, está em posição de chamar a justiça de Deus em consideração. No entanto, Bildad ultrapassa sua marca, porque para apoiar sua posição ele tem que desvalorizar profundamente toda a raça humana. Esse, então, é um argumento de desespero que levanta mais questões do que resolve. Segundo Bildad, na grande pirâmide do ser, Deus está no topo e os humanos estão na base. O que Jó está sofrendo no monte de cinzas é tudo o que qualquer ser humano merece. Bildad interpreta erroneamente Deus como vendo os humanos como Jó com total repulsa, como apenas larvas e vermes, quando na verdade Deus criou os humanos à sua própria imagem e lhes deu a responsabilidade de governar a terra (Gn 1:26-27). Se Bildad pudesse ter ouvido como Yavé elogiou Jó no prólogo (Jó 1:8; 2:3), ele teria percebido que Javé considera Jó com muita atenção, não com o desprezo com que Bildad vê os humanos.

**Insights teológicos** Em 25:3, Bildad retrata Deus como o guerreiro celestial cujas forças angélicas derrotam seus inimigos. Quando essa imagem é usada em outras partes da Bíblia, o Senhor triunfa sobre os inimigos de seu povo oprimido. Por exemplo, em Êxodo 15:3 Javé livra os israelitas de seu cativeiro egípcio. Bildad, no entanto, não apresenta os humanos como resgatados pelo Senhor compassivo, mas os retrata como meras larvas e vermes diante do Deus transcendente. Ao enfatizar demais a transcendência de Deus, Bildad subestima tanto sua imanência quanto o valor que ele dá aos seres humanos, que ele fez à sua imagem. Em contraste, o Cântico de Ana (1 Sam. 2:1-10), o Magnificat de Maria (Lucas 1:46-55) e muitos dos Salmos enfatizam que Javé se importa profundamente com os seres humanos, especialmente aqueles que são oprimidos. Em particular, o Salmo 113:5–9 relaciona a transcendência

de Javé e sua imanência na linguagem que é um grande conforto para seu povo:

> Que é como o SENHOR, nosso Deus,
> Aquele que está entronizado no alto,
> Quem se abaixa para olhar os céus
> e a terra?
> Ele levanta os pobres do pó e levanta os necessitados do monte de cinzas;
> senta-os com príncipes, com
> príncipes de seu povo.
> Ele instala a mulher sem filhos em sua casa como uma mãe feliz de filhos.
> Louvado seja o SENHOR.



Em 25:3, Bildad reflete sobre o grande número de forças angélicas que Deus tem sob seu comando. Esta pintura retrata a milícia celestial de Deus pisoteando uma serpente longa e retorcida (Ridolfo di Arpo Guariento, pintura para uma capela privada, 1357 d.C.).

## Ensinando o texto

Em seu discurso final, Bildad é curto e direto ao ponto, ao concluir que os seres humanos não têm esperança diante de Deus. Bildad e os outros amigos vêm originalmente para
não tenhais esperança diante de Deus. Bildad e os outros amigos vêm originalmente para confortar e encorajar Jó, mas em vez disso, Bildad acaba oferecendo o oposto. De acordo com Bildad, nenhum ser humano, incluindo Jó, é capaz de satisfazer o padrão justo de Deus.

Ao falar sobre o impressionante domínio de Deus e suas poderosas forças angélicas, Bildad enfatiza que Deus é grande. No entanto, Bildad se concentra exclusivamente na transcendência de Deus, então ele sente falta de outros aspectos da natureza de Deus que estão registrados na Bíblia. O Deus de Bildad é tão exaltado que está distante e distante dos humanos. Seu Deus exige justiça a tal ponto que não há espaço para sua graça ou perdão. A doutrina unilateral de Deus de Bildad o leva a tirar conclusões falsas sobre como Deus considera os seres humanos em geral e, por implicação, Jó em particular. A visão de Deus afetará inevitavelmente a forma como vemos os seres humanos, que Deus criou.

Bildad parece querer defender seu sistema teológico de retribuição a todo custo. Construindo sobre a realidade da transcendência de Deus, Bildad insiste que o governo de Deus não permite nenhuma desordem em seu mundo. Deus tem inúmeros anjos para cumprir o seu pedido, e o seu reino se estende onde quer que o sol brilhe. Portanto, é lógico para Bildad que ninguém jamais poderia frustrar a vontade de Deus. De acordo com Bildad, tudo é pacífico no reino de Deus. Isso faz todo o sentido para ele, e se fosse verdade, isso validaria sua teologia da retribuição.

O que Bildad deixa de fazer é considerar as evidências que Jó acaba de citar (Jó 24) dos muitos casos em que ações pecaminosas parecem ficar impunes. Em vez de responder a Jó, ou tentar explicar as evidências que Jó apresentou, Bildad ignora os fatos de injustiça observável no mundo de Deus. Ao simplesmente afirmar sua própria posição de forma mais enfática, ele mantém seu sistema de crenças inadequado, mesmo que seja contradito pelos fatos.

Bildad também vai um passo trágico além. Aplicando a lógica à sua posição teológica de retribuição, Bildad chega à terrível conclusão de que nenhum ser humano pode ser justo diante do Deus transcendente. Portanto, ele conclui que Deus vê todos os humanos como larvas e vermes repulsivos. Essa avaliação contradiz diretamente o Salmo 8, no qual os seres

humanos são exaltados por Deus, de acordo com sua criação original deles à sua imagem (Gn 1:26-27). A conclusão de Bildad pode seguir logicamente suas suposições, mas como suas premissas são incompletas, sua conclusão está bem fora do padrão. Todos os sistemas teológicos devem usar a lógica para raciocinar desde os ensinamentos explícitos na Bíblia até as questões da vida contemporânea que não são abordadas especificamente nas Escrituras. Implicações lógicas, no entanto, não devem ser mantidas se contradizem outros ensinamentos claros da Palavra de Deus. Nossas conclusões teológicas devem sempre ser avaliadas e consistentes com a revelação total que Deus deu na Bíblia.

## Ilustrando o texto

***Bildad erroneamente se concentra na transcendência de Deus para a exclusão de outros atributos.***

Citação: ***Renovado Dia a Dia*, por A. W. Tozer.** No trecho a seguir, Tozer (1897-1963) corrige a afirmação de Bildad com base na teologia da retribuição.

> Deus é incriado, auto-existente, infinito, soberano, eterno; esses atributos são somente Dele e, por sua própria definição, não podem ser compartilhados com outro. Mas há outros atributos que Ele pode transmitir a Suas criaturas e, em alguma medida, compartilhar com Seus filhos redimidos.
>
> Intelecto, autoconsciência, amor, bondade, santidade, piedade, fidelidade – esses e alguns outros atributos são os pontos onde a semelhança entre Deus e o homem pode ser alcançada. É aqui que se experimenta a amizade divino-humana. Sem dúvida, o maior privilégio concedido ao homem na terra é ser admitido no círculo dos amigos de Deus.[40º]

***Bildad conclui imprecisamente que Deus vê os humanos como larvas e vermes.***

Literatura/Televisão: Em muitos romances e histórias, tanto na literatura britânica e americana quanto na ficção popular, cristã e não cristã, há um grande abismo entre os aristocratas de elite e as pessoas comuns, de modo que alguém que nasce plebeu é muito desencorajado a aspirar a ascender à classe alta ou à importância. Muitos anos atrás, uma popular série de televisão pública britânica chamada *Upstairs, Downstairs* dizia respeito aos acontecimentos da classe de servos que vivia no andar de baixo e da classe aristocrática que vivia no andar de cima. Há uma nítida distinção; os que estão no andar de baixo devem manter sua consciência de estação e nunca cruzar linhas, mesmo que sejam mais espertos e astutos. Outra série britânica recente que ganhou grande popularidade, *Downton Abbey*, se passa em uma mansão fictícia em Yorkshire, Inglaterra. Mais uma vez, as distinções são nítidas entre os servos e seus senhores: quando uma das filhas de classe alta se apaixona por um dos criados, há uma grande quantidade de

problemas. Quando Bildad argumenta que todos os seres humanos são incorrigivelmente corruptos diante de Deus, então eles nunca podem ser aceitáveis para ele, ele cria uma espécie de sistema de classes espirituais que é ainda mais extremo e desdenhoso do que uma mentalidade no andar de cima, no andar de baixo.



Bildad conclui erroneamente que Deus vê todos os humanos como larvas e vermes repulsivos (25:6), como as larvas de besouro mostradas aqui.

História: Há muitos exemplos ao longo da história humana em que um grupo de pessoas escravizou outros e os tratou como propriedade ou animais. Às vezes, eles os desumanizaram tanto que realizaram pesquisas semelhantes a animais sobre eles (como na Alemanha nazista, onde Hitler acreditava na superioridade ariana) ou os criaram como gado (como na escravidão na América do século XIX). Estas são analogias modernas com a visão de Bildad dos humanos como larvas e vermes, que são controlados, não seres criados à imagem de Deus com dignidade e responsabilidade.

***Devemos verificar nossas conclusões teológicas contra a totalidade da revelação de Deus.***

Livro: ***O Amor Vence*, de Rob Bell.** Em 2011, Bell, então um pastor proeminente de uma grande congregação em Grand Rapids, Michigan, publicou um livro best-seller, *Love Wins: A Book about Heaven, Hell, and the Fate of Every Person Who Ever Lived*, que provocou um debate feroz sobre pecado, salvação e julgamento.Seu livro é frequentemente caracterizado como um compêndio problemático de pedaços de verdade e erro que faz uma injustiça com toda a revelação de Deus, que parece ser voltada mais para evangélicos descontentes do que para não-cristãos. Entre as críticas ao seu livro está que sua teologia é heterodoxa, sua história muitas vezes imprecisa e seu uso das Escrituras falho. Ele dilui o evangelho, redefine o conceito de inferno e parece pintar um Deus universalista. Aqui está uma obra humana que deve ser lida com a verdade reveladora de Deus como padrão.

---

39 . Balentine, *Job*, 382, discute brevemente várias visões acadêmicas proeminentes sobre os palestrantes em Jó 25-27, e ele fornece bibliografia adicional sobre o assunto.

40 . Tozer, *renovado dia a dia*, 20 de abril.

# Emprego 26

# Jó Ouve os Sussurros das Obras de Deus

## Grande ideia *Quando Jó considera a grandeza de Deus, ele percebe o quão pouco ele mesmo sabe.*

## Temas-chave do trabalho 26

- Jó rejeita Bildad como inútil e sem discernimento.
- Jó reconhece o conhecimento infinito de Deus.
- Jó reconhece o poder avassalador de Deus.
- Jó percebe que os humanos podem entender apenas uma parte dos caminhos de Deus.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Quando Bildad diz em Jó 25:6 que os humanos são meras larvas e vermes diante do Deus transcendente, Jó aparentemente o interrompe. Embora Jó concorde com grande parte da visão elevada de Bildad de Deus, ele extrai implicações diferentes de sua teologia compartilhada. Bildad afirma que a grandeza de Deus significa que nada pode frustrar sua justiça, então a vida no mundo de Deus é completamente previsível, mas Jó declara que a grandeza de Deus implica que os humanos não podem entender tudo o que ele está fazendo, então alguns aspectos da vida devem ser deixados em mistério. Em 26:1–4 Jó descarta a capacidade de Bildad de falar sabiamente, e em 26:5–14 Jó descreve a atividade de Deus como

ultrapassando a compreensão humana. Nesta seção final do capítulo, as palavras de Jó antecipam o que Javé dirá quando finalmente falar nos capítulos 38–41.

**Contexto histórico e cultural** No mundo antigo, o universo era frequentemente visto como consistindo de três partes: os céus, a terra e o submundo. A Terra era considerada um disco plano que dividia uma grande esfera em duas partes. Acima da terra estava a meia esfera do céu, onde os deuses habitavam. Debaixo da terra estava a meia esfera do submundo, onde residiam os mortos. O uso que Jó faz dessa linguagem familiar não significa que é exatamente assim que o mundo existe no conhecimento perfeito de Deus, mas sim que é assim que é percebido por Jó e seus antigos contemporâneos do Oriente Próximo (veja a barra lateral).



A antiga visão do mundo do Oriente Próximo retratava a terra como um disco plano cercado por água. Nesta tábua do século VII a.C., a Terra é desenhada como um círculo com a Babilônia no centro. O círculo é cercado por outro círculo, que marca os limites do antigo oceano.

**Insights Interpretativos 26:2–4** *Como você ajudou os impotentes!* É bem possível que, como Bildad estava falando de humanos como larvas e vermes (25:6), Jó com nojo o interrompeu. Jó sarcasticamente descarta Bildad como

não dando nenhuma ajuda prática e como não expressando nenhuma visão sábia (26:3), embora Jó tenha repetidamente se referido à sua própria fraqueza (6:11-13; 9:19; 12:16; 24:22). Aos ouvidos de Jó, as alegações de Bildad soam falidas, e seu conselho parece equivocado. Jó se pergunta sobre a fonte das palavras de Bildad (26:4), porque elas não têm o anel da autenticidade. As palavras intensas e amargas de Jó deixam evidente que, à medida que o diálogo se aproxima de um final incômodo, ninguém mais está tentando ser educado com os outros.

**26:7** *Ele espalha os céus do norte sobre o espaço vazio.* Como Jó descreve A grandeza de Deus no mundo natural, ele usa um pouco da linguagem encontrada na literatura mitológica cananeia. Os cananeus consideravam o norte, o local do Monte Zaphon, como o local da assembleia dos deuses, semelhante ao Monte Olimpo grego. Isso se reflete no Salmo 48:2, quando o Monte Sião, a cidade de Javé, o Rei, é comparado às alturas de Zafon. Em Isaías 14:13–15, o rei da Babilônia é insultado por seu esforço em vão para ser entronizado em Zaphon. O Deus da Bíblia se eleva sobre tudo o que há em seu mundo criado, até mesmo Zaphon.

**26:8** *Ele envolve as águas em suas nuvens.* Enquanto Jó descreve vários aspectos do controle de Deus sobre seu mundo, o discurso de Jó reflete um tom de espanto. Em contraste com seus amigos, que supõem que eles podem definir exatamente como Deus opera em seu mundo, Jó percebe, através de sua observação, que Deus transcende a descrição e explicação humanas. Nosso conhecimento científico moderno do ciclo da água compreende mais do que Jó pode, mas quando Deus coleta o vapor de água e o suspende nas nuvens, nós, humanos, devemos perguntar em pergunta: "Como ele faz isso?" Como as nuvens que flutuam pelo céu podem conter todo o vapor de água pesado que se condensa em chuva que pode inundar a terra com efeito devastador?
Essas são perguntas que continuam a intrigar os seres humanos hoje.

**26:10** *Ele marca o horizonte na face das águas.* O relato da criação em Gênesis 1 retrata a terra flutuando sobre as águas, até que Javé marca o horizonte da terra sobre a face das profundezas (Prov. 8:27-29), estabelecendo assim uma fronteira entre a terra e o mar.

### A Criação do Mundo por Deus

A descrição de Jó da atividade de Deus na criação do mundo em 26:12–13 usa imagens poéticas extraídas da antiga literatura mitológica do Oriente Próximo. Como nos capítulos 9, 38 e 41 (ver também Sls. 74:13–14; 89:9–10; 104:5–9, 25–26; Prov. 8:29; Is. 51:9–10), Jó nesta passagem

retrata Deus subjugando o mar e o monstro ou dragão que vive nele. Ambas as imagens representam o caos que foi colocado sob o controle do Deus Soberano. Deus é consistentemente retratado na Bíblia como o soberano sobre todos os potenciais ou supostos rivais, sejam eles as forças da natureza ou os falsos deuses das nações vizinhas.

**26:11** *As colunas dos céus tremem, horrorizadas com a sua repreensão.* Ao descrever o governo de Deus sobre o mundo natural, Jó emprega uma linguagem colorida que reflete antigas concepções do cosmos. Ele retrata o mundo como uma casa ou templo, com os céus como um vasto telhado sustentado por pilares. Quando Deus criou o mundo, sua voz repreendeu a água do caos que cobria a terra (Gênesis 1:2; Sl. 104:5-9), e toda a criação tremeu em resposta. Como o Salmo 46:6 indica, a voz divina que criou o mundo é a mesma voz que agora controla até mesmo as poderosas nações e reinos da terra. O Deus Criador é também o Senhor Soberano.



Enquanto Jó exalta o poder de Deus, ele fala sobre Deus fazer tremer os pilares da terra e subjugar o caos, que é representado pelo mar e seus monstros, como o Leviatã. Isso reflete a crença no antigo Oriente Próximo de que a terra repousava sobre pilares. Estes pilares podem ser vistos verticalmente perto das bordas

desta pequena estela de pedra da Mesopotâmia conhecida como kudurru. Também é vista aqui uma criatura marinha cósmica sob o controle de Marduk (século XII a.C.).

**26:12–13** *Por sua sabedoria, cortou Raabe em pedaços.* O termo *hebraico raabe* (não confundir com o nome Raabe em Josué 2, que é grafado de forma diferente em hebraico) significa "orgulho", mas também é usado como um substantivo próprio várias vezes no Antigo Testamento. Às vezes, "Raabe" é uma referência metafórica ao Egito (Sl. 87:4; Is. 30:7), provavelmente por causa da atitude arrogante daquela nação. Aqui, no entanto, o paralelo com o mar indica que o termo é usado para se referir ao monstro marinho mitológico que é um quadro do caos subjugado por Deus (cf. Jó 9:13; Sl. 89:9-10; Is. 51:9-10). Raabe está intimamente ligado ao Leviatã, que é apresentado nos discursos de Javé em Jó 38:8–11 e 41:1–34. Em todas essas passagens, Deus está firmemente no controle desses símbolos do caos.

**26:14** *Quem, então, pode entender o trovão do seu poder?* Ao concluir este discurso, Jó reconhece que a forma como Deus opera no mundo natural só aponta para a sua grandeza, que não pode ser descrita plenamente por humanos finitos. O que Jó pode ver e compreender apenas sugere a medida plena da grandeza de Deus. Como Isaías 55:8–9 afirma, os caminhos de Deus estão além da fronteira do entendimento humano, então há muito que deve ser deixado no reino do mistério. Jó percebeu que ele e seus amigos não são especialistas, afinal, e que eles devem tomar seu lugar humilde como alunos na escola de Deus, o Mestre Mestre. Essa declaração, então, é um prenúncio de Jó 38–41, no qual as inúmeras perguntas sem resposta de Javé obrigarão Jó a admitir que ele não entende verdadeiramente como Javé governa seu mundo (42:2–3). Jó começa agora a reconhecer os limites do conhecimento humano.

Em contraste com Bildad, para quem a grandeza de Deus leva a ver os humanos como inúteis (25:6), Jó tem um senso de admiração pela grandeza de Deus. Jó está começando a se afastar da pergunta "por quê?", que dominou seus discursos até este ponto, e agora ele está mudando seu foco para o próprio Deus. Jó percebe que Deus é grande, então os humanos estão oprimidos por seu poder estrondoso, mas Jó também sente que há muito mais no governo de Deus do que os humanos perceberam, porque eles podem ouvir apenas um leve sussurro de seus caminhos.

**Insights teológicos** O Antigo Testamento ensina que Javé é onisciente, possuindo conhecimento completo de tudo o que há no mundo que ele criou e

sobre o qual ele governa. Em Salmos 139:7–12, o conhecimento de Javé está ligado à sua presença em todos os lugares o tempo todo. Esse conhecimento divino se estende até o Seol, ou a sepultura (Sl. 139:8), porque "o reino dos mortos está nu diante de Deus" (Jó 26:6). O conhecimento perfeito de Deus é um grande conforto para o seu povo que depende dos seus cuidados, porque sabe que nunca está fora dos olhos de Deus. Em contraste, no entanto, aqueles que são maus desejam ser escondidos da vista do Deus santo (Ap 6:15-17), porque temem Seu julgamento sobre seus pecados.

## Ensinando o texto

A essa altura do livro, Jó perdeu a paciência com respostas irrelevantes e simplistas para seu problema. Assim, quando o foco exclusivo de Bildad na transcendência de Deus o leva a considerar os humanos como meras larvas e vermes diante de Deus, Jó já ouviu o suficiente. Ele pula, rejeitando Bildad como inútil e sem discernimento. Sem dúvida, Bildad significa bem, mas seu compromisso dogmático com seu sistema teológico unidimensional faz com que ele tire conclusões que contradizem o que Jó sabe ser verdade. A exasperação de Jó é evidente em suas palavras fortes e sarcásticas ao amigo.

À medida que Jó muda sua atenção para Deus, ele exalta a Deus por seu conhecimento infinito. O reino dos mortos está além da observação humana, mas está completamente aberto a Deus. Deus não é limitado em seu conhecimento, como os seres humanos são; Seu conhecimento vai muito além do que os humanos são capazes de compreender. Qualquer necessidade que experimentamos, Deus sabe tudo sobre isso. Qualquer que seja a pergunta que tenhamos, Deus tem a resposta. Qualquer que seja o medo que espreita em nosso coração, Deus o vê completamente.

Jó enfatiza particularmente o poder avassalador de Deus. Tanto em sua criação original, quando Deus venceu o poder do caos, quanto em seu governo contínuo do mundo, o poder de Deus é imensurável. Jó não diminuirá a grandeza de Deus apenas para resolver sua própria situação. Ele não dirá que, embora Deus seja bom, ele não é poderoso o suficiente para proteger Jó das adversidades. Em seu popular livro intitulado *When Bad Things Happen to Good* People,41 Harold Kushner conclui que Deus deve pedir desculpas aos humanos porque ele não é capaz de prevenir as adversidades que eles experimentam. Ao sustentar que o mal é real e que Deus é bom, Kushner

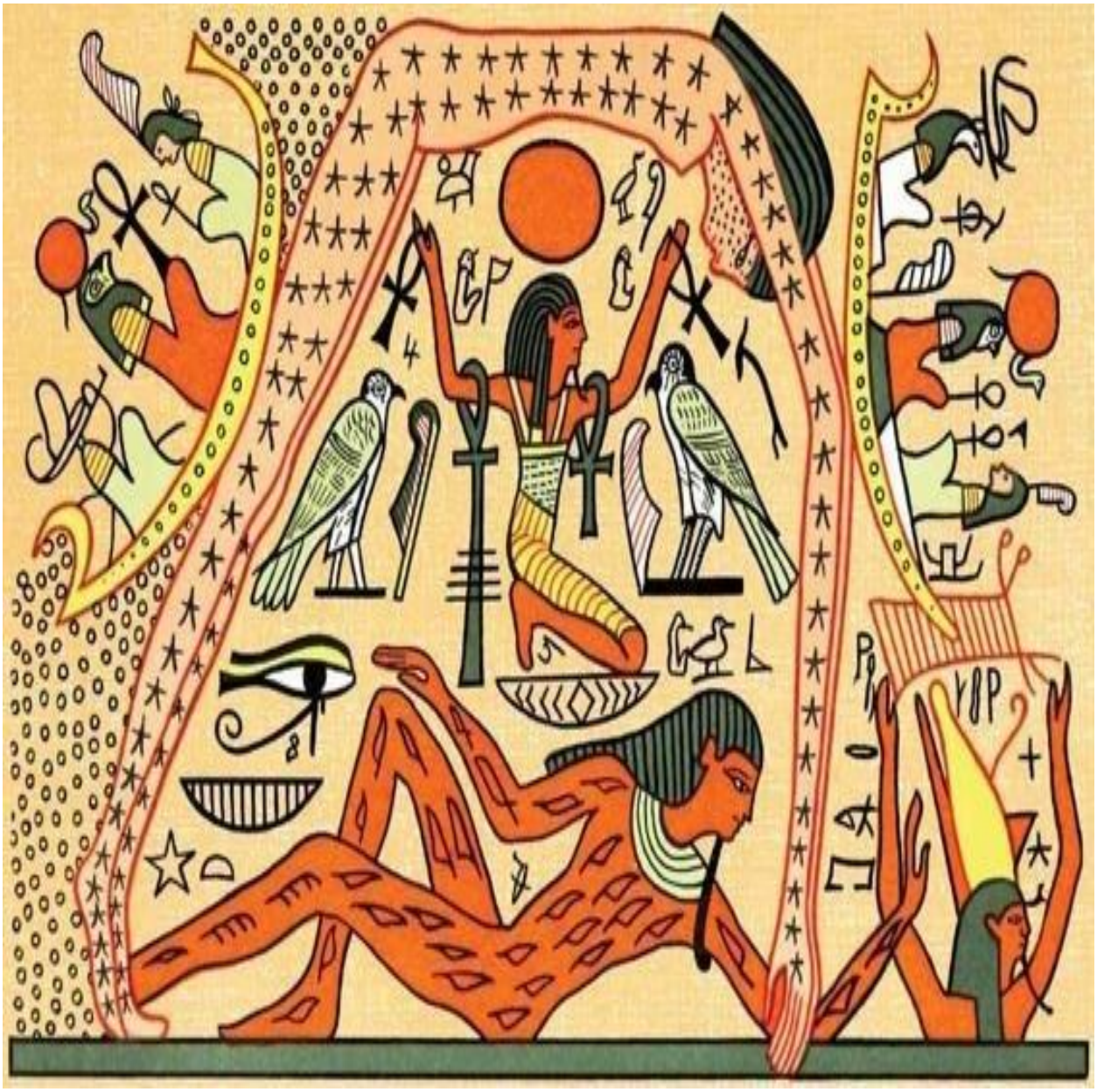
rejeita que Deus é todo-poderoso e está no comando do mundo. Como Jó e ao contrário de Kushner, devemos resistir ao impulso de ver Deus através das lentes de nossa experiência, mas devemos ver nossa experiência através das lentes da grandeza e bondade de Deus.

Ao considerar as implicações do conhecimento infinito e do poder avassalador de Deus, Jó conclui que os seres humanos são limitados naquilo que são capazes de saber. Os seres humanos podem saber em parte, mas não podem saber totalmente, como o Deus onisciente sabe. Da mesma forma, os seres humanos podem agir, mas não podem realizar o que Deus sabe onisciente. Da mesma forma, os seres humanos podem agir, mas não podem realizar o que Deus faz, porque seu poder é limitado. Jó está começando a perceber que ele e todos os seres humanos têm que assumir uma posição humilde diante de Deus, reconhecendo que há muito que Deus faz e sabe que está fora do alcance de nossa capacidade e conhecimento limitados. Em vez de encontrar falhas em Deus, Jó reconhece que muito do que Deus faz tem que ser deixado no reino do mistério, porque os humanos podem entender apenas uma parte dos caminhos de Deus. Os seres humanos nem sempre conseguem compreender o que está acontecendo, ou por que está acontecendo, mas podem confiar em Deus, que está sempre no comando. Para Jó e para nós, tudo volta à fé no Deus que tudo conhece e que controla tudo em seu mundo.

## Ilustrando o texto

***Avalie o conselho até mesmo daqueles que parecem sábios e teologicamente sofisticados.***

Histórias abundaram ao longo dos anos, e continuam a fazê-lo, de líderes políticos e religiosos proeminentes que começaram bem, pareceram sólidos e depois desviaram suas nações ou congregações. Os seguidores, confiando no que lhes fora originalmente prometido ou no que tinham ouvido, tornaram-se passivos e sem discernimento, levando à sua desilusão com o cristianismo ou mesmo à sua eventual destruição.



Em Jó 26, a atividade de Deus no mundo antigo é descrita em termos semelhantes aos usados em outras literaturas antigas do Oriente Próximo. Nesta reprodução de um desenho do Egito, o cosmos é retratado com o deus do ar Shu ajoelhado no deus da terra Geb. Os braços erguidos de Shu apoiam a deusa do céu Nut, que tem estrelas em todo o corpo. Nut está estendido sobre a terra, e o deus do sol Ra viaja em sua barca solar pelas águas superiores, que ela retém.

***Refletir sobre a grandeza e o poder de Deus pode nos trazer de volta a quem Deus realmente é.***

Revista: ***National Geographic*****.** Esta bela revista muitas vezes contém artigos sobre as maravilhas do mundo natural. Artigos e imagens sobre a Terra no

espaço e sobre nuvens podem ilustrar a descrição de Jó da atividade de Deus em 26:7–9.

Mitologia: A maioria das culturas contém mitos sobre a origem do mundo. Seria interessante comparar histórias da criação de culturas antigas como Grécia, Roma, Egito, Canaã e Mesopotâmia com a descrição de Jó em 26:12-13. Além disso, nações como China e Índia e culturas como os astecas e os maias poderiam fornecer paralelos.

Filme: ***Poderes dos Dez*****.** Este elogiado curta-metragem documental (1968) foi escrito e dirigido pelos americanos Charles Eames e sua esposa, Ray, adaptado do livro de Kees Boeke *Cosmic View* (1957). O filme apresenta o universo em uma escala relativa em unidades de dez. Este vídeo é um retrato dramático de quão pouco os humanos podem realmente ver, ou quão raramente o escopo significativo do mundo é apreciado. Como Jó 26:14, o filme demonstra como os humanos podem ver apenas a franja exterior das obras de Deus.

---

41º. Kushner, *quando coisas ruins acontecem com pessoas boas*.

## Emprego 27

# Jó fala no lugar de Zophar

## Grande Ideia *Jó anseia que Deus traga justiça a ele e aos ímpios.*

## Temas-chave de Jó 27

- Jó insiste que não abrirá mão de sua alegação de inocência.
- Jó quer que seus falsos acusadores sejam julgados por Deus por seus pecados.
- Jó resolve ensinar a seus amigos os caminhos do Todo-Poderoso.
- Jó descreve o destino que Deus atribui aos ímpios.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 27 traz a seção de diálogos do livro a uma conclusão esfarrapada. É claro que Jó e os amigos se tornaram completamente polarizados em suas perspectivas. Apesar de toda a conversa, eles não conseguiram convencer um ao outro; em vez disso, sua comunicação é interrompida quando eles chegam a um impasse. Os amigos não se afastam de seu compromisso com o princípio da retribuição e sua aparente condenação de Jó, a quem consideram sofrer por causa de seu pecado. Jó, por outro lado, insiste tenazmente em sua integridade, então ele se recusa a confessar pecados fabricados apenas para ter sua bênção anterior restaurada por Javé. Ao contrário do que o adversário sugeriu no prólogo (1:9-11), a justiça de Jó é realmente genuína, e não meramente calculada para garantir as bênçãos divinas, como o adversário sugeriu no prólogo (1:9-11).

A declaração introdutória em 27:1 é incomum quando comparada a outros capítulos do livro, pois retrata Jó continuando seu discurso. Isso sugere que Jó esperou Zophar falar, mas quando o amigo permanece em silêncio, então Job resume conversando. Enquanto fala, Jó primeiro insiste novamente em sua inocência (27:2-6). Então, em linguagem forte, Jó condena seus críticos (27:7-12). A seção final do capítulo (27:13–23) poderia muito bem ser uma citação do "discurso sem sentido" ao qual Jó se refere no versículo 12. Ao citar o que seus amigos dizem sobre o destino dos ímpios, Jó declara o que ele acha que Zophar diria se falasse novamente.

**Contexto histórico e cultural** Quando Jó descreve como é precária a vida dos ímpios, ele diz que as casas que eles constroem são como casulos de mariposas e como cabanas feitas por vigias (27:18). Antigamente, durante a colheita os trabalhadores erguiam abrigos temporários como alojamento nos campos. Estas não se destinavam a ser estruturas substanciais e permanentes adequadas às necessidades a longo prazo;em vez disso, eram barracos frágeis que eram suficientes apenas para fornecer proteção mínima contra os elementos. Jonas faz esse tipo de cabana para fornecer sombra do sol em Jonas 4:5. Javé profetiza em Isaías 1:8 que, quando vier em juízo, então o povo de Judá será como uma cabana em um campo de pepino, não capaz de resistir ao seu castigo. Jó indica que, embora os ímpios possam supor que tenham proteção segura, seu abrigo desmoronará diante do julgamento de Deus.



Jó compara o destino da casa de uma pessoa má à cabana de um vigia. Esta torre de vigia tem uma plataforma elevada sobre a qual um abrigo temporário poderia ser construído.

**Insights interpretativos 27:1** *E Jó continuou seu discurso.* Depois de completar seu discurso no capítulo anterior (26:14), Jó aparentemente espera que Zophar faça seu terceiro discurso. Como Zophar não fala, Jó continua falando. Seu discurso neste momento é descrito como um "discurso". O termo hebraico usado aqui, *mashal*, neste contexto, sugere um pronunciamento formal perante um tribunal, pois introduz o juramento formal de Jó nos versículos 2–6. Com essa linguagem forte, Jó indica sua intenção de entregar seu caso para Deus julgar. Depois de um interlúdio no capítulo 28, em 29:1 Jó continua seu *mashal*, que não é concluído até 31:40, mas o veredicto terá que esperar até 42:7, quando finalmente Javé exonera publicamente Jó.

**27:2–5** *Tão certo quanto Deus vive.* Ao usar o nome de Deus, Jó expressa o

juramento mais solene e vinculativo possível. Se Jó estivesse jurando falsamente, então este juramento em nome de Deus invocaria sobre ele a calamidade divina (cf. 1 Sam. 28:10). Jó reforça esse juramento positivo com um juramento negativo no versículo 5 (cf. 1 Sam. 12:23; 26:11, que usam a mesma expressão hebraica).Com essa linguagem intensa, Jó apela a Deus para que o declare no direito contra todos aqueles que o acusaram, e também contra o que o próprio Deus parece indicar por todas as adversidades que Jó sofreu. Com efeito, Jó insiste que é inocente e coloca seu caso nas mãos daquele que até agora lhe negou a justiça que acredita merecer. Jó ousa a Deus fazer o que é justo para com ele.

**27:6** *Manterei minha inocência e nunca a abandonarei.* Embora os amigos de Jó o tenham repetidamente instado a confessar que pecou contra Deus, Jó se recusa a assumir pecados inventados que, de fato, ele não cometeu. Ele não falará palavras inautênticas de contrição apenas para obter a bênção de Deus de volta em sua vida. Em contraste com a acusação cínica do adversário em 1:9-10 de que Jó anseia por sua prosperidade acima de tudo, e que ele estava apenas usando Javé para obter as bênçãos que poderia obter dele, Jó insiste que nunca abandonará sua convicção de que é inocente, não importa o que isso possa lhe custar. Jó tem certeza de que não pecou contra Deus, por isso se recusa terminantemente a ceder sua alegação de inocência. Ele não pecará contra sua consciência, independentemente da pressão que seus amigos exercem sobre ele ou quão dolorosamente sua adversidade pesa sobre ele.

**27:7** *Que meu inimigo seja como os ímpios!* Assim como Jó está convencido de sua própria inocência, ele também está certo de que aqueles que o acusaram estão errados. Chateado com suas falsas acusações de que ele é culpado de pecado, Jó profere uma poderosa imprecação, ou maldição, contra eles. Jó quer que Deus os trate como homens maus que merecem o julgamento divino. Todos os três amigos chamaram Jó de perverso, então agora ele vira o jogo sobre eles e diz que eles são os que são maus.
Ele pede a Deus que os puna por seus pecados contra Ele.

**27:8–10** *Pois que esperança têm os ímpios quando são cortados, quando Deus lhes tira a vida?* Embora Jó tenha apontado muitos exemplos observáveis da vida em que o princípio da retribuição não se sustenta (cap. 24), ele não abandona sua crença de que Deus governa o mundo em justiça. Para os amigos, tudo é preto ou branco, mas Jó percebe que alguns fatores da vida, como sua própria situação, não são tão claros e previsíveis. Em vez de descartar totalmente a retribuição, Jó a qualifica. Jó afirma que Deus

inevitavelmente pune a iniquidade (Cf. Sl. 1:4-6; 73:3, 16-20; Prov. 24:20), mas também que no curto prazo pode haver anomalias aparentes, como o que ele está experimentando.



Em 27:16–17, Jó diz que, embora os ímpios amontoem prata como pó, seu destino será que os inocentes dividirão sua prata. Aqui é mostrado um tesouro de lingotes de prata de En Gedi (séculos VIII a VII a.C.).

**27:13–23** *Ela se lança contra ele sem piedade.* A visão da retribuição apresentada em 27:13–23 retrata o julgamento de Deus como um vento poderoso (27:21) que leva os ímpios à destruição, assim como o grande vento que destruiu os filhos de Jó em 1:18–19. O que é particularmente significativo é que este julgamento foi sem piedade. Os amigos entendem corretamente

que o Deus justo julga o pecado, mas eles não têm espaço em seu sistema arrumado para a misericórdia divina. Também não podem explicar casos em que a adversidade envolve um homem justo como Jó. Veja a barra lateral para uma discussão mais aprofundada desses versículos.

### Quem fala em Jó 27:13–23?

Jó 27:13–23 soa muito parecido com o que Zophar disse anteriormente no capítulo 20, e as palavras finais de Zofar em 20:29 são repetidas quase exatamente por Jó em 27:13. Muitos estudiosos que analisam os dados sugerem que este é, na verdade, o terceiro discurso de Zophar, mas não há evidências textuais que demonstrem isso. Outros apontam para a referência de Jó à fala sem sentido no versículo 12 e concluem que Jó agora está zombando de Zophar papagueando sarcasticamente as palavras vãs anteriores de Zofar. No entanto, deve-se notar que Jó concorda com os amigos sobre a legitimidade do quadro geral de retribuição, e é por isso que Jó está tão confuso e chateado com a adversidade que experimentou. Jó tem a visão de longo prazo da retribuição, de que Deus acabará recompensando os justos e punindo os ímpios. Os amigos querem insistir que a retribuição é uma fórmula fixa que se aplica a cada incidente específico da vida, mas a experiência de adversidade de Jó, apesar de sua inocência, fez com que ele resistisse a aceitar retribuição nessa medida. Jó concorda que a doutrina geral da retribuição é sólida, mas ele acredita que aplicá-la especificamente a casos como o dele é pressionar a retribuição longe demais.

**Insights teológicos** O Antigo Testamento várias vezes ensina que aqueles que acumulam riqueza por suas ações perversas a perderão e, ironicamente, a perderão para aqueles que viveram em retidão (27:16-17). Este princípio é ensinado nos ditos tradicionais de sabedoria em Provérbios 13:22 e 28:8. Também ocorre em Eclesiastes 2:26, que observa que Deus deu ao pecador a tarefa de reunir e recolher para que aquele que agrada a Deus seja o beneficiário. No curto prazo, os ímpios podem parecer prosperar, mas a longo prazo Deus cuida para que a justiça seja feita.

## Ensinando o texto

Enquanto Jó encerra a seção de diálogos do livro no capítulo 27, ele anseia que Deus traga justiça tanto para ele quanto para os ímpios. Mesmo que Jó tenha apontado para muitos casos observáveis em que as pessoas cometem o mal e ainda não são imediatamente punidas, ele ainda acredita que Deus é justo. Por causa dessa confiança, Jó quer que Deus faça por ele o que é certo e por aqueles que pecaram contra ele o que é justo. Jó não acredita que Deus seja moralmente arbitrário e não quer viver em um mundo em que a justiça

seja abandonada. Ele deseja que o Deus justo traga justiça a todos. Nisto, Jó é um exemplo para continuarmos a manter a justiça de Deus mesmo quando a vida parece terrivelmente injusta (cf. os justos mártires que suplicam pela justiça do Senhor em Ap 6, 9-11).

A integridade de Jó foi duramente atacada por seus amigos, mas ele sabe em seu coração que é inocente. Ele não proferirá uma confissão insincera pelos pecados em seu coração de que é inocente. Ele não proferirá uma confissão insincera por pecados que de fato não cometeu. Ele insiste que está certo, não importa o que os amigos digam ou por quanto tempo sua adversidade persista. Por mais que ele queira ser aliviado de sua dor, ele não comprometerá sua integridade apenas para obter alívio. Com seu exemplo, Jó nos desafia a sermos honestos diante de Deus, lembrando que Deus examina nossos corações e conhece nossos pensamentos (Sl. 139:23-24).

Assim como Jó quer que Deus o inocente de falsas acusações, ele quer que aqueles que o acusaram falsamente sejam julgados por Deus. Ao interpretar mal suas ações e motivos, eles mentiram contra Jó, então Jó pede a Deus que os puna como as pessoas más que provaram ser. Embora sua linguagem seja muito intensa, ecoando os salmos imprecatórios, Jó coloca seus adversários nas mãos justas de Deus em vez de exigir sua própria vingança sobre eles, adotando assim a mesma abordagem ordenada em Romanos 12:17-21.

Os amigos tentaram instruir Jó sobre como Deus opera em seu mundo, mas Jó resolve agora ensiná-los sobre os caminhos do Todo-Poderoso. Jó não entende todos os meandros do governo de Deus no mundo, mas está confiante de que, em termos gerais, o Deus justo julgará aqueles que são maus. Onde Job parte companhia com seus amigos é sobre a questão de até que ponto o princípio da retribuição pode ser estendido em casos específicos na vida. Ao contrário dos amigos, que dizem que a retribuição se aplica universalmente, Jó já demonstrou que as pessoas más nem sempre sofrem imediatamente por seus pecados. Isso sugere que algumas pessoas justas, como ele, podem sofrer adversidades apesar de suas vidas piedosas. Precisamos lembrar que o princípio da retribuição é apenas um padrão geral de como Deus funciona, mas que outros fatores complicadores também podem afetar casos individuais (por exemplo, João 9:1–3).

Na maior parte, Jó concorda com o ponto geral de Zofar, de que Deus punirá os ímpios. Zofar, no entanto, não deixou espaço para a misericórdia divina em sua visão da retribuição de Deus. Jó implica que, dentro da estrutura de retribuição maior, Deus também mostra graça aos pecadores e, às vezes,

permite adversidades na vida dos justos. Ao aconselharmos as pessoas com dor, ou ao avaliarmos nossas próprias adversidades, precisamos nos basear em tudo o que Deus revela na Bíblia sobre Sua natureza e plano.

## Ilustrando o texto

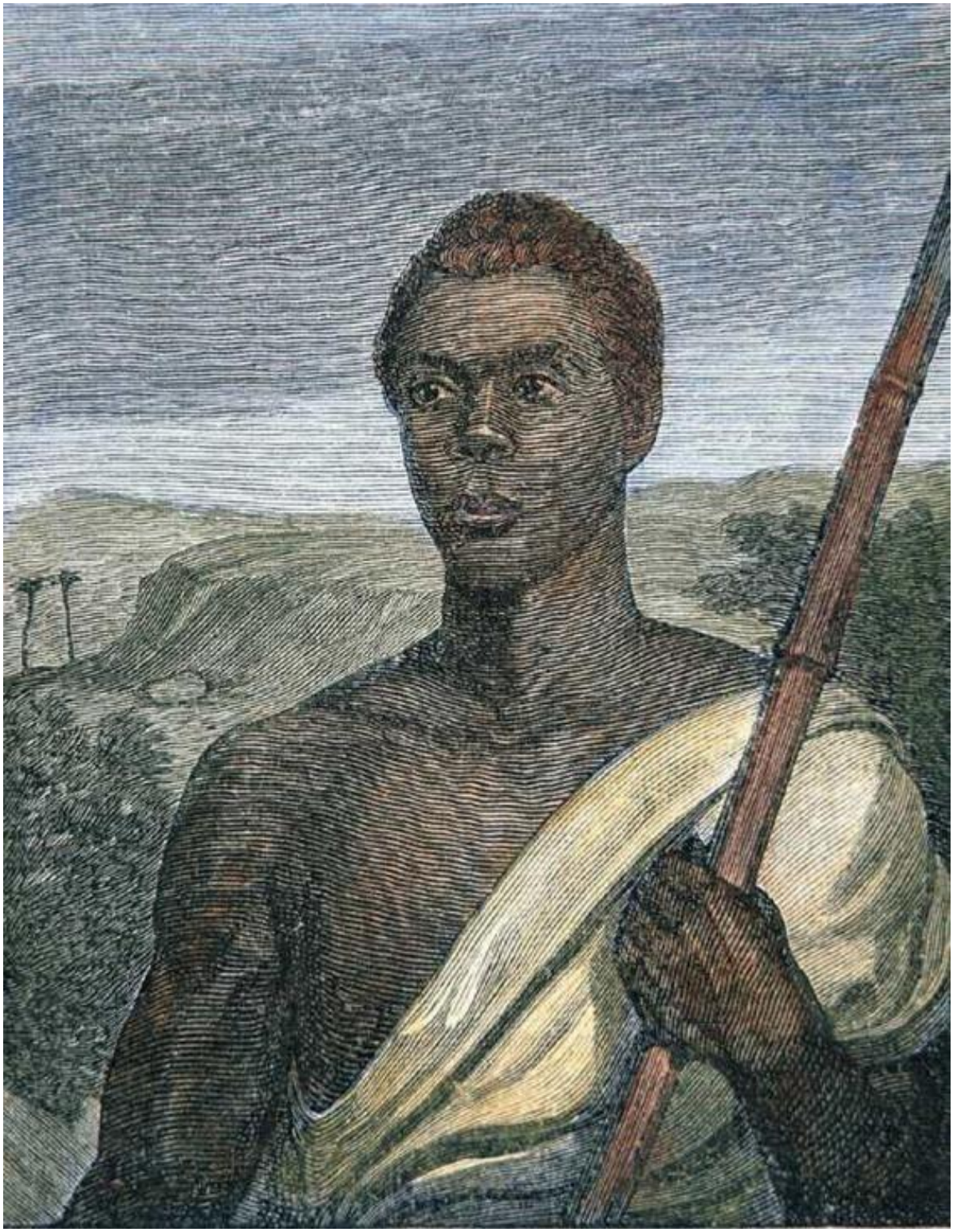
***Há quem, como Jó, não se comprometa diante de falsas acusações.***

Nos noticiários, é comum encontrar relatos de acusados de crimes que se recusam a aceitar uma delação premiada porque insistem em sua inocência. Mesmo que isso signifique que eles são enviados para a cadeia, eles não admitirão crimes que sustentam que não cometeram. Alguns deles são posteriormente inocentados quando surgem novas provas; outros passam anos, até décadas na cadeia, presos injustamente. Noventa e cinco desses casos são relatados e descritos em um site, "O Falsamente Acusado e o Injustamente Preso". Alguns permanecem na prisão; outros foram libertados, em alguns casos após duas ou três décadas.[42] Um caso bem conhecido é o de Nelson Mandella, um político sul-africano e ativista antiapartheid, que passou vinte e sete anos na prisão por acusações falsas.

História: O chamado de Jó a Deus para fazer justiça aos seus falsos acusadores pode ser comparado ao destino das vítimas de discriminação racial nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, indivíduos que recorreram aos tribunais para a aplicação igualitária da lei. Eles queriam justiça para si mesmos, mas também queriam que aqueles que os maltrataram fossem levados à justiça por seus delitos. Mamie TillMobley, a mãe de Emmett Till (1941-55), lutou pela causa de seu filho injustamente e brutalmente assassinado até morrer, uma luta que foi recompensada muito mais tarde com um reconhecimento do delito contra seu filho, embora ninguém nunca tenha sido preso. O caso ainda é um catalisador nas relações raciais.

Filme: ***Amistad*.** Neste filme (1997) baseado em eventos históricos, *Amistad* é um navio que transportava escravos entre Cuba e os Estados Unidos em 1839. Durante a travessia, um dos africanos chamado Cinque, um ex-líder tribal, incita aqueles com ele a se amotinar, e eles assumem o comando do navio. Eles navegam em direção ao que esperam que seja um lugar onde serão aceitos. No entanto, ao desembarcar nos Estados Unidos, eles são levados para a prisão como escravos fugitivos, sem muita esperança de futuro, já que não sabem falar inglês. Então, um advogado que é abolicionista vem em seu socorro e apresenta um caso em que ele afirma que eles não são escravos

porque foram cidadãos livres em outra terra. Finalmente, a Suprema Corte recebe o caso, e John Quincy Adams pleiteia com linguagem poderosa e paixão por sua liberdade.



Esta gravura colorida retrata Joseph Cinque (ca. 1814–79), o líder do motim a bordo do *Amistad* que foi preso injustamente após sua chegada aos Estados Unidos.

***Podemos ter certeza de que Deus é justo, mesmo em meio ao nosso sofrimento.***

Hino: **"Momento a Momento", de Daniel W. Whittle.** Este antigo hino (1893) expressa o núcleo do princípio de que se é guardado pelo amor de Deus, independentemente da circunstância. A seguir estão as estrofes 2 e 3:

Nunca uma provação de que Ele não está lá,
Nunca um fardo que Ele não carregue,
Nunca uma tristeza que Ele não compartilhe,
Momento a momento estou sob seus cuidados.

Nunca uma mágoa e nunca um gemido,
Nunca uma lágrima e nunca um gemido;
Nunca um perigo, mas lá no trono, momento a momento, Ele pensa nos seus.

---

42. http://mickydee.hubpages.com/hub/The-Falsely-Accused-And-Wrongly-Imprisoned.

# Emprego 28

# Mas onde a sabedoria pode ser encontrada?

## Grande ideia *Apesar dos melhores esforços dos seres humanos, só Deus entende a sabedoria.*

## Temas-chave de Jó 28

- A extensão da busca humana é ilustrada pelos esforços heroicos dos humanos na mineração.
- A busca humana não é capaz de encontrar sabedoria.
- A riqueza humana não é suficiente para comprar sabedoria.
- A sabedoria é encontrada no temor do Senhor.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Jó 28 não tem um orador especificado, então os estudiosos o têm visto de várias maneiras. Alguns comentaristas consideram Jó como o orador do capítulo 26 ao capítulo 31, incluindo este capítulo. No entanto, o tom de Jó 28 é calmo, em contraste com as emoções túrgidas dos discursos de Jó tanto no capítulo 27 quanto nos capítulos 29-31, e seu conteúdo também é bastante distinto. Pode ser, então, que Jó 28 seja um interlúdio falado pelo narrador. Se assim for, serve como uma transição das

três rodadas de diálogo (Jó 3–27) para os três monólogos estendidos de Jó (caps. 29–31), Eliú (caps. 32–37) e Javé
(caps. 38–41). O solilóquio neste interlúdio faz uma pausa e reflete sobre onde a sabedoria pode ser encontrada, dando a entender que Jó e seus amigos ainda não encontraram a sabedoria, e aponta para a necessidade de Javé falar, porque a sabedoria é um mistério que só Deus compreende plenamente.
O capítulo é dividido em três seções: a busca humana não pode encontrar sabedoria (28:1-12), a riqueza humana não pode comprar sabedoria (28:13-22) e somente Deus entende o caminho para a sabedoria (28:23-28).

**Contexto Histórico e Cultural** Jó 28:1–11 apresenta uma descrição vívida da tecnologia antiga que era usada na mineração de metais preciosos e pedras preciosas. Israel não fez muita mineração (cf. 1 Sam. 13:19-22), porque seus recursos naturais eram limitados, mas no Egito havia uma extensa atividade de mineração, começando por volta de 2000 a.C. Normalmente, os mineiros afundavam poços verticais na terra até que eles se cruzassem com veios de minério ou pedras preciosas. Em seguida, eles usariam uma variedade de técnicas, incluindo fogo e redirecionamento de córregos subterrâneos, a fim de expor os objetos desejados. Mais tarde na história, poços horizontais foram perfurados nas laterais das montanhas. A mineração era uma ocupação perigosa no mundo antigo, assim como é hoje.

Jó 28:1–11 faz uma extensa descrição da mineração. Este mapa, desenhado em papiro, mostra as minas de ouro na região de Wadi Hammamat, no Egito (séculos XII a XI a.C.).

**Insights Interpretativos 28:1–5** *Os mortais põem fim às trevas.* Ao descrever mineiros que trabalham nas profundezas da superfície da terra em sua busca por metais preciosos e pedras preciosas, o narrador retrata como os humanos sondam assiduamente até os limites mais distantes em seu esforço para descobrir o que eles valorizam muito. Nesse esforço, eles empregam técnicas criativas e arriscadas, até mesmo pendurados precariamente em cordas enquanto tentam alcançar os tesouros que almejam (28:4). Eles usam o fogo para abrir a rocha subterrânea, a fim de expor seu minério e pedras preciosas (28:5).

**28:7–11** *Nenhuma ave de rapina conhece esse caminho oculto.* É difícil imaginar ver melhor ou mais longe do que um falcão, mas os humanos superam até mesmo as aves de rapina perspicazes enquanto buscam riqueza. Nenhum dos quatro tipos de animais selvagens citados nos versículos 7–8 foi tão longe quanto os humanos têm em sua tentativa de encontrar sabedoria. Embora os seres humanos busquem em todo o mundo em sua busca diligente, eles inevitavelmente retornarão decepcionados.

**28:12** *Mas onde pode ser encontrada a sabedoria?* Embora os seres humanos tenham sido bem-sucedidos em encontrar a fonte do tesouro mineral, esse sucesso não pode ser transferido para sua busca por sabedoria. Na verdade, o sucesso que os seres humanos alcançaram em tantas outras áreas da vida só torna sua incapacidade de encontrar sabedoria ainda mais irritante para eles. Os humanos podem entender como encontrar riqueza, mas ninguém parece saber onde e como encontrar sabedoria. A pergunta no versículo 12 é repetida no versículo 20, e depois é respondida no versículo 23, quando o narrador afirma que somente Deus entende o caminho para a sabedoria.

**28:13–14** *não pode ser encontrada na terra dos vivos.* A sabedoria não pode ser discernida no reino humano ou mesmo no mundo da natureza (28:14). Este capítulo deixa evidente que a fonte da sabedoria não está localizada dentro da criação física, mas está além do mundo criado. A criação de fato aponta para a sabedoria, mas a própria sabedoria reside em Deus, o Criador. Assim, para encontrar sabedoria, os seres humanos devem olhar além de si mesmos e além do mundo material, enquanto elevam seu olhar para Deus. Enquanto os seres humanos tentarem encontrar sabedoria longe de Deus, eles

serão frustrados;  o livro de Eclesiastes ilustra isso de forma pungente, pois o professor se esforça, sem sucesso, para descobrir o sentido da vida sob o sol (Eclesiastes 1:3).

**28:15–19** *Não pode ser comprado com o melhor ouro.* Nos tempos antigos, como hoje, o ouro era altamente valorizado, então várias palavras para ouro são usadas nos versículos 15-17 para indicar que nenhuma quantidade de riqueza humana pode comprar sabedoria (cf. Prov. 8:10-11). Ao contrário de tantas áreas da vida contemporânea em que o dinheiro fala, a sabedoria não está à venda ao maior lance;  tem que ser recebido como um dom de Deus. O sábio mestre em Provérbios 4:5–7 exorta o jovem a obter sabedoria ao preço de tudo o que possui, mas mesmo isso pode não ser suficiente para obtê-la. É preciso vir a Deus e receber dele sabedoria em seus termos.



O ouro era muito valorizado no mundo antigo, mas não podia comprar sabedoria. Nesta pintura do túmulo de Sebekhotep (ca. 1400 a.C.), pepitas de ouro e anéis de ouro são levados diante do rei egípcio.

**28:21–22** *A destruição e a morte dizem: "Só um boato chegou aos nossos ouvidos".* Como em Jó 26:6; 31:12; Provérbios 27:20; e Apocalipse 9:11, Destruição e Morte representam as forças no submundo. Quando os versículos 21 e 22 são lidos juntos, nenhuma pessoa, viva ou morta, compreendeu a sabedoria, embora haja rumores de que a sabedoria de fato existe. Essas insinuações de sabedoria podem ser atribuídas ao sentido de eternidade que Deus implantou no coração humano (Ecles. 3:11).

**28:23–24** *Deus entende o caminho para ela e só Ele sabe onde ela habita.* Este versículo fornece a resposta à pergunta feita nos versículos 12 e 20 sobre onde a sabedoria pode ser encontrada. Nem Jó nem os amigos encontraram sabedoria, porque os humanos são limitados em seu conhecimento. Somente Deus sabe onde mora a sabedoria, porque seu conhecimento é ilimitado (28:24). A saída para o impasse a que Jó e os amigos chegaram não virá de uma fonte humana (apesar da tentativa valente de Eliú nos capítulos 32-37), mas apenas do próprio Deus, quando ele finalmente fala nos capítulos 38-41.

**28:25–27** *Quando estabeleceu a força do vento e mediu as águas.* Os versículos 25–27 retratam a atividade de Deus na criação e controle de aspectos do mundo natural que estão além da compreensão humana (Prov. 8:22–31). Como Provérbios 3:19–20 declara, a sabedoria de Deus abrange toda a esfera de sua criação original do mundo e sua soberania contínua sobre o mundo, de modo que não é de admirar que os humanos finitos não possam compreendê-la. Os versículos 25–27 prenunciam, em breve, os extensos discursos de Javé que virão nos capítulos 38–41.

**28:28** *O temor do Senhor — isso é sabedoria, e evitar o mal é compreensão.* Neste verso final do interlúdio, o narrador quebra indiretamente o silêncio divino ao citar as palavras de Deus à raça humana. Com essas palavras, o narrador aponta o leitor para a definição tradicional de sabedoria encontrada em Provérbios 1:7 e 9:10. A sabedoria não se descobre conhecendo tudo sobre o mundo, pois isso está além do alcance da compreensão humana. Em vez disso, a sabedoria reside em Deus, e é encontrada no relacionamento com Ele como uma pessoa reverencia e obedece a Deus. A verdadeira sabedoria, portanto, não é a compreensão total de como a vida funciona, mas a reverência fiel ao Senhor, que controla soberanamente o mundo que Ele

criou. Quando este versículo é comparado com a descrição de Javé de Jó em 1:8 e 2:3, é evidente que Javé considera Jó como um homem verdadeiramente sábio, porque Jó teme a Deus e evita o mal.

**Insights teológicos** Jó 28 conclui com o tema do temor do Senhor, que é um foco proeminente na literatura de sabedoria do Antigo Testamento. O prólogo de Provérbios destaca o temor do Senhor como o início do conhecimento (Prov. 1:7) e da sabedoria (Prov. 9:10), e o livro termina com o retrato estendido da mulher virtuosa que teme ao Senhor (Prov. 31:30). Depois de procurar em vão um sentido para a vida sob o sol, o livro de Eclesiastes conclui dizendo que temer a Deus e guardar seus mandamentos é todo o dever dos humanos (Eclesias. 12:13). No livro de Jó, o personagem-título é descrito tanto pelo narrador (1:1) quanto por Javé (1:8; 2:3) como alguém que teme a Deus. Cada uma dessas referências tem uma nuance ligeiramente diferente, mas todas elas indicam a necessidade de os humanos reverenciarem a Deus por seu comportamento moral. Assim, a sabedoria bíblica é teológica, pois ensina os seres humanos a viver de uma maneira que honre a Deus; não é apenas um conselho secular sobre como ter sucesso nos assuntos pragmáticos da vida, como as outras culturas antigas do Oriente Próximo normalmente viam a sabedoria.[43]

## Ensinando o texto

Jó 28 é estabelecido como um contraste entre o que os humanos podem saber e o que só Deus sabe. Sabemos bem como o conhecimento está explodindo no mundo contemporâneo. Quase todos os dias ouvimos falar de novas descobertas em toda a ampla gama de pesquisas. Todos os anos, os livros didáticos da faculdade e do ensino médio são ampliados e revisados à medida que os alunos têm um campo de informações em expansão para aprender. Apesar de todo esse aprendizado, no entanto, há tanta coisa que os humanos não sabem, então eles devem manter um espírito de humildade. Somente o Deus onisciente compreende verdadeiramente a vida em sua totalidade.

Enquanto o narrador ilustra a extensão da busca humana, ele descreve os processos usados pelos mineiros nos tempos antigos. Em sua busca por metais preciosos e gemas, os mineiros criaram todos os tipos de procedimentos criativos e arriscados. Sua tecnologia permitiu que eles investigassem profundamente a terra, muito além de onde até mesmo os pássaros e animais

vão. Se o narrador escrevesse sobre esse assunto hoje, poderia detalhar a extensa pesquisa feita em laboratórios, com computadores de alta velocidade e por missões espaciais. Em todas as épocas não falta esforço humano e engenhosidade despendida na busca do que as pessoas querem descobrir. No entanto, mesmo os rápidos avanços da tecnologia não conseguem responder às perguntas profundas que as pessoas fazem hoje.

Embora os seres humanos possam encontrar muitas das coisas que procuram, eles não são capazes apenas por seus esforços de encontrar sabedoria, que é a habilidade em viver de acordo com o caminho de Deus. Os seres humanos são bem-sucedidos em multiplicar os fatos que conhecem, mas não conseguem entender como todos esses fatos se relacionam em uma vida significativa. Nenhum ser humano além de Deus pode compreender verdadeiramente o que faz a vida funcionar como deveria. Para descobrir isso, devemos recorrer a Deus, que é o autor da verdadeira sabedoria.

Vivemos num mundo em que quase tudo está à venda. Se alguém tem dinheiro suficiente, geralmente há uma maneira de comprar itens valiosos, desfrutar de experiências prazerosas e até mesmo alcançar posições poderosas. Há, no entanto, experiências prazerosas, e até mesmo alcançar posições poderosas. Há, no entanto, limites para o que a riqueza humana pode comprar. Como ensina Jó 28, a sabedoria não pode ser comprada nem mesmo com o melhor ouro. A sabedoria não está reservada ao maior lance. Não é uma mercadoria que pode ser vendida e trocada por quem é privilegiado. Pelo contrário, é um dom dado por Deus àqueles que o pedem (Tiago 1:5-8).



Apesar de nossos avanços em tecnologia e engenharia, ainda não entendemos completamente o processo pelo qual as pirâmides foram construídas. Jó também nos lembra que nunca seremos capazes de compreender plenamente a sabedoria de Deus.
Na foto estão as pirâmides de Gizé (século XXI a.C.).

A sabedoria reside em Deus, que é o criador e soberano de todos. Deus disse aos humanos que, se eles querem sabedoria, então eles devem recebê-la

dele. A sabedoria é encontrada no temor, ou reverência, do Senhor. Ao reverenciar o Senhor, a pessoa escolhe o caminho da vida que a honra, e essa escolha leva à habilidade em viver como Deus pretende. Olhando isso do outro lado, a pessoa que possui compreensão é aquela que evita o mal, porque ao reverenciar a Deus também se rejeita a maldade que é contrária ao que Deus valoriza. Sabedoria, então, não é o mesmo que conhecimento, mas é uma abordagem da vida que começa com a humilde submissão ao Senhor.

## Ilustrando o texto

***Apesar de todos os avanços que os seres humanos fazem, somente Deus compreende a vida em sua totalidade.***

Tecnologia: O ritmo de pesquisa e descoberta está aumentando exponencialmente em todas as áreas de aprendizagem. Por exemplo, um laptop padrão usado por estudantes hoje tem muito mais capacidade do que os computadores que guiaram as missões Apollo à Lua.

História: Consideramos tão bem as maravilhas tecnológicas de hoje que deixamos de apreciar o quão avançadas eram as culturas antigas. As grandes pirâmides do Egito, a perícia náutica dos fenícios e as estradas e aquedutos do Império Romano, bem como as maravilhas do Império Inca exibidas em Machu Picchu, no Peru, tudo isso foram feitos incríveis de engenharia, especialmente quando consideramos que foram feitos sem o auxílio de computadores e máquinas modernas. Algumas das maneiras pelas quais essas maravilhas foram empreendidas continuam a permanecer um mistério.

***A sabedoria, que vem apenas da submissão a Deus, é superior à riqueza.***

Biografia: **Howard Hughes.** Muitas pessoas, como Howard Hughes (1905-76), o texano que se tornou um dos homens mais ricos do mundo, não conseguem encontrar sentido e felicidade na vida. A riqueza humana não pode produzir o que realmente importa na vida. Hughes, um talentoso produtor de cinema e aviador, e um bilionário, era um hipocondríaco com germofobia, finalmente se tornando severamente recluso. No final de sua vida, ele ficou nu na cama em quartos de hotel escuros, considerando-os uma zona livre de germes. Ele usava caixas de lenço de papel nos pés para protegê-los e queimava suas roupas se alguém próximo a ele ficasse doente.

Citação: **Ernest Hemingway.** Hoje, grande ênfase é dada à educação e, por isso, municípios, estados e o governo federal dedicam vastos recursos a ela. O

pressuposto é que, se as pessoas receberem mais educação, isso levará a uma melhor qualidade de vida para toda a nossa sociedade.

Ernest Hemingway (1899-1961), um escritor inteligente e influente do século XX, escreveu certa vez que "a felicidade em pessoas inteligentes é a coisa mais rara que conheço". Hemingway, que tirou a própria vida em 1961, conhecia muitas pessoas inteligentes e infelizes. Ele viveu duas guerras mundiais, a Grande Depressão, quatro esposas e um número desconhecido de relacionamentos românticos fracassados.

---

43

. Richard S. Hess apresenta uma excelente discussão da sabedoria bíblica em conjunto com outras antigas concepções de sabedoria do Oriente Próximo em seu artigo "Wisdom Sources", em Longman e Enns, *Dictionary*, 894–901.

# Emprego 29

# Jó relembra os bons velhos tempos

## Grande ideia *Antes de sua adversidade, Jó desfrutava da bênção de Deus e da estima de sua comunidade.*

## Temas-chave de Jó 29

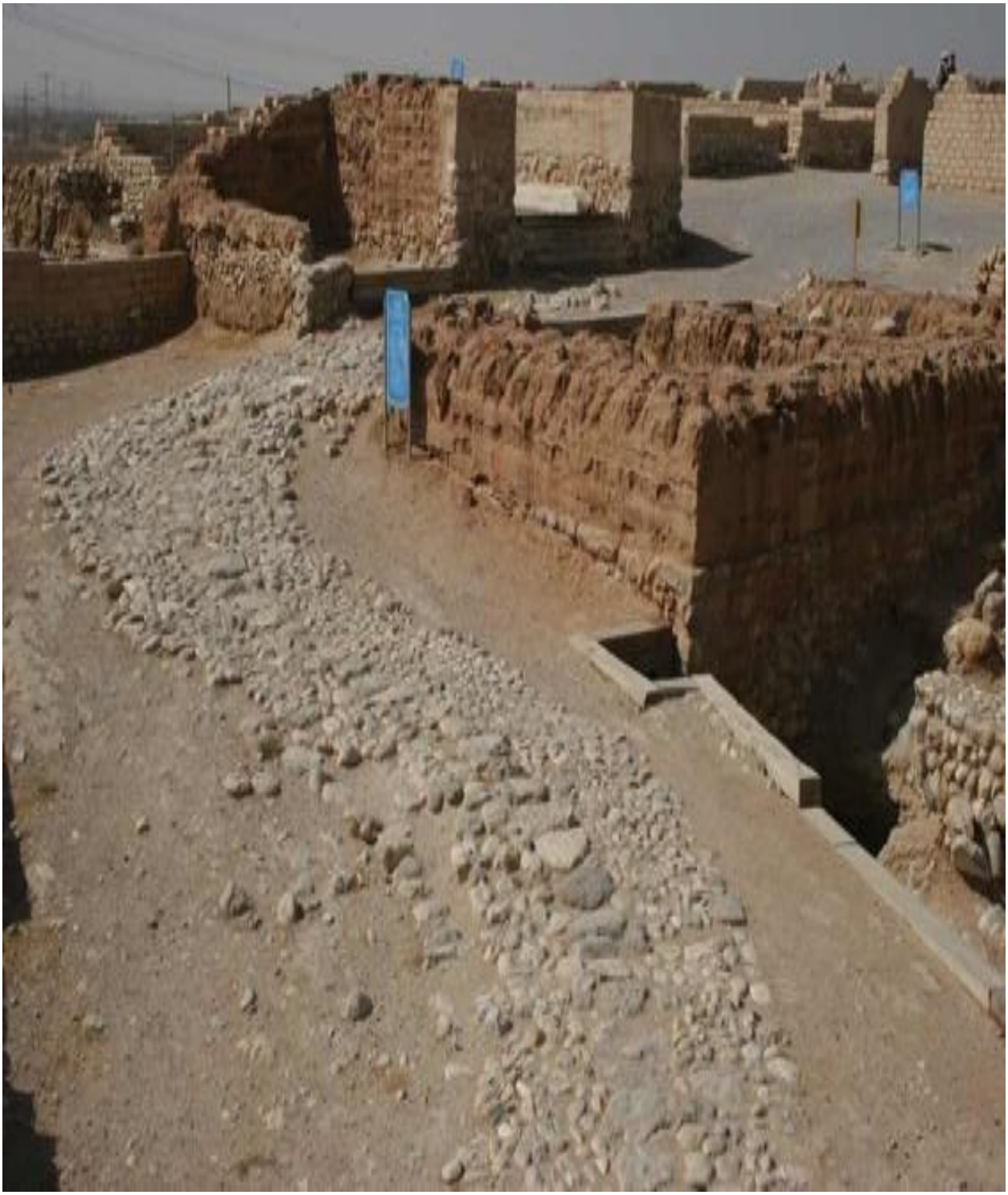
- No passado, Jó experimentou a proteção, a comunhão e a bênção de Deus.
- A estima passada de Jó em sua comunidade era inquestionável.
- Jó usou sua posição exaltada para ajudar os necessitados.
- Jó era um canal da bênção de Deus para os outros.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** O silêncio dos amigos de Jó após o capítulo 25 indica que eles desistiram de sua tentativa de responder a Jó por sua própria sabedoria. No capítulo 27, Jó começou um testemunho formal (*mashal*), no qual defendeu sua inocência diante de Deus. Após o interlúdio do narrador no capítulo 28, lembrando ao leitor que a sabedoria está enraizada no temor do Senhor (28:28), Jó retoma seu testemunho em 29:1. No capítulo 29, Jó relembra sua antiga felicidade, diante de sua adversidade. Durante esse tempo delicioso, sua vida foi amplamente abençoada, assim como ensina o princípio da retribuição. Em 29:2–6, Jó descreve sua experiência com a bênção de Deus. Em 29:7–17, Jó retrata sua estima em sua comunidade. Em 29:18–

20, Jó se lembra de esperar que a bênção em sua vida continuasse inabalável. O capítulo se encerra em 29:21–25 com Jó descrevendo seu efeito positivo sobre os outros ao seu redor.

**Contexto histórico e cultural** Em 29:7, Jó fala sobre tomar seu lugar no portão da cidade. No antigo Oriente Próximo, o portão da cidade desempenhou um papel semelhante à ágora grega posterior e ao fórum romano. Como centro da vida comunitária, o portão combinava as atividades do mercado comercial (2 Reis 7:17-18), o tribunal legal (Deut. 21:19; Rute 4,1), e o intercâmbio intelectual de ideias (Sl 127,5). Em Provérbios 1:21 e 8:3, a Sabedoria personificada clama na porta como o mestre mestre dos humanos. Ter um assento no portão é desfrutar de um privilégio reservado aos cidadãos mais proeminentes (Gênesis 19:1; Prov. 31:23), por isso reflete o status elevado de Jó como "o maior homem entre todos os povos do Oriente" (Jó 1:3).



Em Jó 29, Jó relembra sua vida antes de suas dificuldades começarem. Era uma pessoa importante que "foi à porta da cidade" e tomou "assento na praça pública" (29:7). As escavações descobriram câmaras de portões com bancos na entrada de muitas cidades. Esta vista de Beersheba mostra o portão interno de quatro câmaras que se abre para a praça pública. A câmara do portão superior ainda contém os restos de bancos. Era aqui que homens proeminentes da comunidade realizavam transações comerciais e julgavam casos legais.

**Insights Interpretativos 29:2** *Como eu anseio pelos meses que se passaram, pelos dias em que Deus cuidou de mim!* Os termos "meses" e "dias" podem indicar a duração geral do calvário de Jó. Ele conta o tempo não em horas ou em anos, mas em dias e meses. Sua adversidade, então, foi relativamente breve, mas muito intensa. Enquanto Jó reflete sobre seu tempo de bênçãos passadas antes que a adversidade virasse sua vida de cabeça para baixo, ele pinta um belo quadro do cuidado bondoso de Deus sobre ele. Durante aqueles dias de halcyon, Deus o vigiava protetivamente (Cf. Sl. 91:11; 121:7-8). Jó está ciente e aprecia a bênção de Deus, mas não manifesta um sentimento de direito, como se este fosse o seu direito.

**29:6** *quando meu caminho estava encharcado de creme.* A vida pregressa de Jó foi tão abençoada que só a linguagem do exagero é adequada para começar a descrevê-la. Assim como a terra de Canaã é frequentemente descrita como uma terra que flui com leite e mel (por exemplo, Exod. 3:8), agora Jó diz que as delícias festivas de creme e azeite fluíram por toda a sua vida. Até mesmo a rocha estéril irrompeu com óleo, o que é um retrato da bênção ilimitada de Deus sobre Ele (cf. provisão de Javé para Israel em Deut. 32:13). Sem dúvida, a experiência anterior de Jó foi cheia de celebrações luxuosas, tudo da mão de Deus.

**29:11–16** *Eu vesti a justiça como minha roupa, a justiça era meu manto e meu turbante.* Em contraste com as falsas acusações de Elifaz, em 22:6–9, sobre os maus-tratos de Jó a pessoas vulneráveis, Jó afirma que sua estima era merecida, porque seu comportamento em relação aos necessitados estava acima da reprovação. Jó usou sua posição exaltada na comunidade para trazer justiça aos impotentes, que muitas vezes são oprimidos pelos poderosos. "Justiça" fala do que está de acordo com um padrão, especificamente o padrão do que Deus valoriza como moralmente correto. "Justiça" refere-se à ação que deve ser tomada para tornar uma situação justa aos olhos de Deus. Por seu compromisso consistente com a retidão e a justiça, Jó tem vivido de acordo com o padrão divino para os governantes (Sl. 72:1–2, 12–14), e imitou o exemplo da justiça de Javé (Sl. 85:10–14).

**29:17** *Quebrei as presas dos ímpios.* Jó fez mais do que apenas ter um sentimento compassivo para com os necessitados. Jó assumiu o risco de enfrentar e combater malfeitores predatórios ao se opor ativamente àqueles que estavam oprimindo as pessoas vulneráveis em sua sociedade. Ele não se limitou a proferir chavões abstratos de apoio, mas atingiu a fonte da opressão, arrebatando as vítimas do alcance daqueles que as maltrataram.

**29:18–19** *Pensei: "Morrerei em minha própria casa".* Jó não estava sendo presunçoso ou arrogante, mas porque ele tinha vivido de acordo com o caminho de Deus, ele esperava que sua vida honrando a Deus resultasse em bênção divina. Durante seu tempo passado de prosperidade, Jó assumiu que a fórmula de retribuição garantia bênção para ele. Ele estava confiante de que Deus continuaria a honrá-lo por causa de sua vida justa. Consequentemente, Jó tinha todas as expectativas de uma vida longa (28:18) e segura (28:19). O termo traduzido "casa" é a palavra familiar para um ninho, por isso pinta um lindo quadro de um fim pacífico para uma boa vida dentro de uma família unida.

**29:20** *O arco será sempre novo em minha mão.* Além de ser uma arma familiar do guerreiro, o arco também é usado na Bíblia como um retrato de vigor físico e virilidade. Em Gênesis 49:24, é usado em paralelo com braços fortes. Em seu antigo estado de bênção, Jó antecipou que manteria a força de sua juventude. Ele não podia prever nada que pudesse fazer sua glória desaparecer, mas esperava permanecer ativo e influente durante toda a sua vida. Consequentemente, a severa adversidade que ele está experimentando foi uma grande surpresa para ele.

**29:23–24** *A luz do meu rosto era preciosa para eles.* Apesar do que os amigos disseram, Jó não está interessado apenas em preservar sua própria riqueza. Em vez disso, Jó se vê como um canal das bênçãos de Deus para os outros. Com sua generosidade, Jó trouxe alegria e ajuda aos necessitados. Seu comportamento alegre animou e encorajou os outros. Por seu espírito positivo, Jó tornou as pessoas ao seu redor melhores.

**29:25** *Eu habitei como rei entre suas tropas.* Jó conclui sua lembrança de sua condição passada descrevendo como ele vivia em sua comunidade como se fosse um rei profundamente amado e respeitado. Ele foi influente em dirigir sua comunidade de boas maneiras. Sua vida virtuosa beneficiou a todos que entraram em contato com ele. Jó consolou aqueles que choraram, o que é um contraste gritante com o tratamento que recebeu de seus amigos durante sua própria adversidade. Quando Jó precisa do mesmo tipo de ministério reconfortante, ninguém está disposto ou capaz de fazer por ele como ele fez por outros que estavam sofrendo.

**Insights teológicos** Ao longo do Antigo Testamento, o governo de Javé é caracterizado pela retidão e justiça (Sl. 89:14), e em particular ele protege as pessoas vulneráveis, como os pobres, os estrangeiros, a viúva e os órfãos. Espera-se que aqueles que são piedosos compartilhem desse mesmo tipo de

compaixão como expressão natural de uma vida comprometida com Javé e seus valores. Na lei mosaica, Javé condena a opressão do estrangeiro, viúva e órfão (Êx. 22:21-24). Mais do que isso, Javé chama seu povo fiel para servir de campeão para aqueles que são oprimidos (Amós 5:14-15). Foi assim que Jó ministrou aos necessitados, como ele relata em 29:11–17.

Quando Jesus começou seu ministério público em Nazaré (Lucas 4:16–21), ele leu e aplicou a si mesmo as palavras proféticas de Isaías 61:1–2. Este oráculo que Jesus cumpriu enfatizou a chegada das boas novas de Deus para os necessitados e que Jesus cumpriu enfatizou a chegada das boas novas de Deus para os necessitados e libertação para os oprimidos:

> O Espírito do Senhor está sobre mim,
> porque me ungiu para anunciar
> boas novas aos pobres.
> Ele me enviou para proclamar a liberdade para os
> prisioneiros e a recuperação da visão para os
> cegos,
> Libertar os oprimidos, proclamar o ano do
> favor do Senhor.

## Ensinando o texto

Quando entramos em tempos difíceis, muitas vezes nos vemos refletindo sobre o quanto a vida era melhor antes que as adversidades chegassem. Em Jó 29, Jó se lembra dos bons velhos tempos em que era abençoado por Deus e estimado em sua comunidade. Suas palavras iniciais, "How I long", indicam que Jó anseia pelo retorno daqueles dias deliciosos. Em seus relacionamentos com Deus e com outras pessoas, Jó encontrou alegria e realização, e isso é um contraste com a tristeza e o ridículo que passaram a marcar sua vida. A Bíblia muitas vezes exorta o povo de Deus a se lembrar das bênçãos passadas de Deus, porque ao nos lembrarmos do bem que Deus fez em nossas vidas, também nos lembramos de que o próprio Deus é bom mesmo quando a vida se torna difícil.

Naqueles bons dias, a vida parecia funcionar como a fórmula da retribuição dizia que deveria. Jó estava vivendo uma vida justa, e Deus o recompensou com proteção, comunhão e bênção. Como resultado, Jó sentiu-se seguro aos cuidados de Deus, realizado em seu relacionamento com Deus e abençoado pela bondade de Deus para com ele. Nas palavras de Jó (1:21), Javé deu, e Jó desfrutou de seus dons em todas as áreas da vida.

Muitas pessoas que alcançam uma posição elevada tornam-se egocêntricas e insensíveis às necessidades dos outros, mas isso não aconteceu na vida de Jó. Em vez disso, Jó usou sua posição como líder na comunidade para ajudar os necessitados. Ouviu seus gritos de socorro. Ele assumiu a causa daqueles que não tinham posição ou voz. Ele interveio para resgatar aqueles que haviam se tornado vítimas de opressores perversos. Por esse meio, Jó é um exemplo da diferença positiva e prática que pessoas justas e honradoras de Deus devem fazer em sua sociedade.

Jó reconhece que Deus quis que ele fosse um canal de bênção para outras pessoas. Como Deus o havia abençoado amplamente, Jó estava na posição de influenciar muitos outros para o bem. Seu sábio conselho forneceu discernimento e orientação àqueles que o ouviam. Sua afirmação trouxe ânimo e alegria aos oprimidos. Seu conforto levantou os corações tristes daqueles que choravam.

Com sua vida justa, Jó ajudou e elevou todos aqueles ao seu redor, e nos ensina que as bênçãos de Deus não são para gastar em nós mesmos, mas para compartilhar com os outros.



Jó fez justiça na porta da cidade quando "resgatou os pobres que clamavam por socorro", assistiu os órfãos e "assumiu o caso do estrangeiro" (29:12, 16). Aqui está o interior de uma câmara de portão em Beersheba mostrando os bancos onde os homens importantes da comunidade se reuniam para ouvir casos legais.

## Ilustrando o texto

***Quando a adversidade chega, as lembranças da fidelidade passada de Deus podem nos sustentar.***

Histórias pessoais: Lembrar as demonstrações de Deus de sua fidelidade no passado pode fornecer um poderoso antídoto contra o desânimo e pode nos ajudar a ver além das circunstâncias presentes. Um exemplo bíblico é o Salmo

63, no qual o salmista relata seu intenso anseio por Deus diante de ameaças e adversidades. Ele declara:

> Na minha cama lembro-me de ti;
> Penso em você através dos relógios da noite.
> Porque você é minha ajuda,
> Eu canto à sombra de suas asas. (Sl. 63:6–7)

Através da lembrança, o salmista passa do anseio para a confiança confiante em Deus. Lembrar-se de Deus, que é sua ajuda e que ele experimentou poderosamente no passado (63:2-3), leva à confiança mesmo diante de ameaças assassinas. Este tema de lembrar a fidelidade passada de Deus é parte integrante dos mandamentos de Deus a Israel, vistos, por exemplo, no estabelecimento do sábado (Deut. 5:15). Há experiências particulares da fidelidade de Deus que você aproveita em tempos difíceis? Conte uma época em que a memória da fidelidade passada de Deus forneceu encorajamento ou sustento em momentos de dificuldade, quando essa fidelidade pode ter parecido mais distante ou onde a bondade de Deus pode ter sido colocada em dúvida.

***Há pessoas, como Jó, que usam sua posição e autoridade para fazer o bem.***

Filme: ***Para matar um pássaro zombeteiro*****.** Neste filme duradouro, vencedor do Oscar
(1962) baseado no romance de Harper Lee, Atticus Finch, o personagem principal (interpretado por Gregory Peck), é um advogado que escolhe defender um homem negro acusado injustamente em um cenário racista. Quando termina o seu último discurso de defesa, permanece na sala de audiências e, quando está vazia, faz a sua saída. O público negro, confinado à varanda, esperou e, quando ele sai, todos se levantam para mostrar seu amor e respeito. Atticus Finch é o tipo de homem que se imagina que Jó era.

Biografia: **Sam Walton.** Embora seja muito comum ouvir os ricos como um grupo vilipendiado e generalizado como ganancioso, mercenário e carente de impulsos generosos, isso é um grande exagero. Essas qualidades podem marcar qualquer um. Por outro lado, particularmente conhecido por sua filosofia de ajudar seus funcionários é Sam Walton, o fundador do Walmart. Seu programa de participação nos lucros ajudou aqueles que trabalharam para ele a se beneficiar do sucesso da loja. Ele queria ter certeza de que seus funcionários sabiam que ele os respeitava. Ele queria que eles fossem encorajados, desafiados a trabalhar duro por meio de incentivos positivos e

introduziu estratégias de trabalho inovadoras para garantir que todos se sentissem valorizados e motivados.[44º]

História: Por muitos anos, a empresa de investimentos E. F. Hutton, uma das empresas financeiras mais respeitadas dos Estados Unidos, foi tão estimada que seus famosos anúncios apresentavam a frase "Quando E. F. Hutton fala, as pessoas ouvem". A confiança que essa empresa inspirou (ou pelo menos almejou) é paralela a como Jó era estimado pelas pessoas de sua comunidade.

Biografia: **Henri Nouwen.** O conhecido padre e escritor católico Henri Nouwen (1932-96) deixou sua brilhante carreira de professor em Harvard para ministrar a deficientes mentais na comunidade L'Arche em Toronto. Da mesma forma, Jó cuidava ativamente dos necessitados de sua época.

Biografia: **William Wilberforce.** Wilberforce (1759-1833) foi um político e filantropo britânico. Converteu-se ao cristianismo evangélico em 1785, evento que mudou profundamente sua vida e introduziu em sua consciência uma grande paixão pela reforma. Ele usou sua posição no Parlamento britânico no início do século XIX como o meio de apressar o fim da escravidão em todo o Império Britânico. Até sua renúncia do Parlamento por causa de problemas de saúde, ele fez parte do movimento para abolir completamente a escravidão. Através da vida deste cristão fiel, Deus trouxe grandes bênçãos para milhões de pessoas oprimidas.

---

44 . http://www.evancarmichael.com/Famous-Entrepreneurs/591/Lesson-1-Motivate-YourWorkers.html.

# Das alturas da honra às profundezas da humilhação

## Big Idea *Jó descreve como ele se sente rejeitado pelos outros e por Deus.*

## Temas-chave do trabalho 30

- Jó sente-se ridicularizado por aqueles a quem costumava ajudar.
- Jó acredita que sua adversidade de Deus levou outros a humilhá-lo.
- Jó sente-se sob ataque de Deus.
- Jó não vê esperança para o futuro.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em termos gerais, Jó 29 e 30 são uma exposição das palavras de Jó em 1:21. Ao olhar para o passado, ele vê que o Senhor lhe deu tanta bênção e honra (Jó 29). No presente, porém, o Senhor tirou tudo isso (Jó 30). Esses capítulos descrevem o contraste chocante entre o antes delicioso e o depois sombrio da experiência de Jó. As expressões "mas agora" (30:1) e "e agora" (30:9, 16) sinalizam a trágica reversão na vida de Jó da prosperidade para a dor, da honra para a humilhação. Em 30:1–15, Jó lamenta a rejeição que sente de sua comunidade. Em 30:16–23, ele reclama de sua aparente rejeição por Deus. Quando Jó olha para frente, ele antecipa apenas o desespero, sem qualquer perspectiva de alívio (30:24-31).

**Antecedentes históricos e culturais** Como Jó critica as pessoas que zombam dele,

Ele usa uma linguagem forte que implica que eles são cães (30:1), e então sua descrição deles em 30:2-8 os representa como tão desesperados que vivem quase como animais. Além do Egito, no mundo antigo os cães não eram os animais de estimação adoráveis que pensamos hoje. Em vez disso, eles eram na maioria das vezes catadores cruéis, mais parecidos com o que associamos a coiotes e hienas. Eles eram tipicamente vistos em situações desprezíveis, como comer um cadáver humano (2 Reis 9:36) ou lamber seu próprio vômito (Prov. 26:11). Os homens que tratam Jó com grande desonra procuram qualquer alimento que possam encontrar, até mesmo comendo ervas salgadas que recolhem no pincel (30:4). Vivendo como animais (30:7), eles têm uma existência miserável à margem da sociedade, assim como Nabucodonosor faz durante o tempo de sua insanidade (Dn 4:33).

**Insights Interpretativos 30:1–10** *Mas agora eles zombam de mim.* A palavra traduzida como "zombaria" no versículo 1 é o mesmo termo hebraico traduzido como "sorriu" em 29:24, pois Jó no passado trouxe bênçãos sobre outras pessoas e tornou suas vidas melhores. Esse jogo de palavras marca a profunda mudança que transformou a prosperidade de Jó no passado em dor no presente. Anteriormente, Jó gozava de respeito e estima em sua comunidade, até mesmo dos maiores cidadãos. Agora a ralé está zombando e desprezando-o (30:8). A compaixão de Jó (30:25) foi rudemente recompensada com desprezo, pois as pessoas mais inidôneas o tratam com desrespeito. Jó usa o padrão literário de reversão trágica, que também aparece com destaque no livro de Lamentações, pois contrasta negativamente sua situação atual com seu passado.

**30:11** *Agora que Deus desamarrou meu arco e me afligiu, eles se livraram da contenção.* A imagem de um arco sem amarras indica que a força de Jó se foi (em contraste com a imagem de vitalidade em 29:20; cf. Sl. 18:34). Deus deixou Jó indefeso diante de seus oponentes, então os ímpios entram para acabar com ele. Seus inimigos são incontidos, porque não se sentem mais maravilhados com a alta posição de Jó, que no passado era a indicação da bênção e aprovação divinas. Se a adversidade de Jó evidencia que Deus está contra ele, então o que impediria seus inimigos? Consequentemente, eles se amontoam em Jó quando ele está caído.



Quando Jó declara que Deus desamarrou seu arco (30:11), ele está expressando sua vulnerabilidade e indefesa. Neste alívio assírio, os servos estão amarrando e testando os arcos do rei (palácio em Nínive, 645–635 a.C.).

**30:12–14** *eles constroem suas rampas de cerco contra mim.* Em 30:12–15, Jó usa a imagem de uma cidade sob ataque militar para descrever como ele se

sente bombardeado por aqueles que zombam e o desprezam (30:9–10). Com essa metáfora, Jó expressa a sensação de perigo, medo, dor e desespero que o dominou. Aqueles que zombam dele têm prazer em derrotá-lo e humilhá-lo. Eles têm a intenção de destruí-lo tão completamente que ele nunca pode se recuperar (30:13). Em vez de sentir compaixão por Jó, eles exploram sua calamidade para seu próprio benefício.

**30:15** *minha dignidade é afastada como pelo vento.* Em contraste com a grande honra que desfrutou no passado, Jó agora se sente profundamente envergonhado. Toda a sua dignidade anterior explodiu como joio, que é a consequência que deve vir para os ímpios e não para um homem justo como Jó (Sl 1,4). A evidência de seu status elevado – seus filhos, riqueza, saúde e poder – se foi, e ele agora se sente totalmente humilhado pelas pessoas mais humildes.

**30:16–19** *Ele me joga na lama.* Jó sente como se sua vida estivesse desaparecendo (30:16) enquanto ele suporta a dor constante (30:17) que o estrangula ou castiga (30:18). O mais doloroso é que, além de seus opressores humanos, Deus também parece estar lutando contra ele. Jó sente que Deus está empregando seu grande poder para humilhar Jó, jogando-o no lamaçal.

**30:21–23** *Você se volta contra mim impiedosamente, com a força de sua mão você me ataca.* Como os salmistas, Jó clama a Deus, esperando que Deus responda, mas em vez disso, Deus parece se voltar contra ele. Há um possível jogo de palavras no texto hebraico. A palavra que Jó usa para "atacar" soa muito parecida com a palavra para Satanás, ou o adversário, em Jó 1–2, exceto que a consoante final é *m* em vez de *n*. O tratamento de Deus parece sádico para Jó, pois o leva ao que parece ser a morte certa (30:22-23).



Em 30:21, Jó diz de Deus: "Com a força da tua mão me atacas". O braço poderoso pronto para atacar é uma das poses registradas para os faraós egípcios. Neste alívio em Medinet Habu, Ramsés III segura uma arma em sua mão erguida, pronto para ferir os prisioneiros que ele segura com o outro (Dinastia XX, século XII a.C.).

**30:24–26** *No entanto, quando eu esperava o bem, o mal veio.* Jó insiste mais uma vez que ele ministrou aos outros em sua aflição (30:24-25), mas Deus não o recompensou ou cuidou dele em sua necessidade. O princípio da retribuição sustenta que Deus abençoa aqueles que agem em retidão, mas Jó recebeu o oposto do que espera de Deus. Este é o mesmo tipo de maus-tratos que o salmista recebe de pessoas pecadoras no Salmo 35:11-16, mas não é o que Jó espera receber do Deus justo.

**30:27** *A agitação dentro de mim nunca para, dias de sofrimento me confrontam.* O sofrimento de Jó penetra muito além de sua dor física. Ao olhar para frente, ele não consegue ver nada além da perspectiva de adversidade contínua. Esse trauma psicológico o deixou perplexo e confuso.

**30:28** *Vou enegrecido, mas não pelo sol.* A autodescrição de Jó pode se referir ao versículo 19, onde ele diz que sua condição é tão terrível que ele começou a chorar por sua própria morte em pó e cinzas. As cinzas que ele colocou sobre sua cabeça fizeram sua pele parecer negra. No versículo 30, um termo hebraico diferente é usado quando Jó diz que sua pele "fica preta" e descasca. Isto provavelmente se refere a uma doença de pele que escurece sua pele e a faz murchar e cair (cf. 2:7-8).

**30:29** *Tornei-me irmão de chacais, companheiro de corujas.* Chacais e corujas são conhecidos por sua natureza solitária, mas também emitem sons estridentes (Cf. Mic. 1:8) em vez de tons que aumentam a vida (30:31). Da mesma forma, Jó se sente sozinho e isolado dos outros humanos e de Deus. Sua adversidade tem profundas repercussões físicas, psicológicas, teológicas e sociais que lhe são profundamente dolorosas.

**Insights teológicos** Em 30:19, Jó reclama que Deus o reduziu a pó e cinzas. Essa expressão é usada apenas algumas vezes no Antigo Testamento, e funcionará com destaque na resposta final de Jó a Javé em 42:6. Quando Deus cria o primeiro ser humano em Gênesis 2:7, ele toma o pó da terra e então sopra nele seu sopro vivificante. Essa combinação do material e do imaterial é o que permite que Adão se torne um ser vivo. No mundo antigo, poeira e cinzas eram comumente usadas como sinais de luto, porque eram imagens que apenas o corpo material sem vida permanecia após a morte de uma pessoa. A autodescrição de Jó indica que ele se sente tão humilhado que está tão bom quanto morto. Tudo o que resta é o seu corpo físico, e mesmo isso está em um estado miserável de fato (30:28, 30).

## Ensinando o texto

À medida que Jó muda sua atenção do passado (Jó 29) para o presente (Jó 30), suas emoções mudam profundamente. No lugar da alegria que tinha no passado, sua vida agora é consumida pela tristeza. Em vez de gozar de honra, ele agora sofre humilhação. Este não é um dia de folga ocasional; Toda a vida de Jó foi devastada. Jó agora se sente rejeitado por todos. Outras

pessoas em sua comunidade se voltaram contra ele, e Deus parece não se importar mais com ele. Não é à toa que Jó sente tanta dor.

Várias vezes no livro Jó descreve em detalhes como ele ajudou aqueles em Várias vezes no livro Jó descreve em detalhes como ele ajudou aqueles que precisam. Em particular, Jó tem sido compassivo e generoso com os pobres e oprimidos. Agora, no entanto, essas mesmas pessoas que Jó ajudou no passado se voltaram contra ele. Eles zombam dele, cospem nele e se aproveitam de sua condição debilitada. Mesmo que eles próprios sejam pessoas desesperadas que não se encaixam na sociedade humana normal, eles atacam Jó quando ele está em baixo. Isso é profundamente doloroso para Jó porque atinge seu caráter e honra.

Como Jó considera o tratamento que dão a ele, ele acredita que sua adversidade de

Deus fez com que outros o humilhassem. Como Deus parece ter destruído o poder e a posição de Jó, os outros não sentem nenhuma restrição em tratá-lo mal. Em essência, eles pensam que Deus, com seu exemplo, lhes deu luz verde para atacar Jó. Portanto, eles não hesitam em explorar a fraqueza de Jó. O adversário reclamou anteriormente que Javé havia colocado uma cerca de proteção em torno de Jó, mas agora essa barreira de proteção se foi, e Jó sente o ataque daqueles que o detestam.

Ainda mais doloroso para Jó é sua sensação de que Deus o está atacando diretamente, não apenas indiretamente através dos inimigos humanos. Deus parece estrangulá-lo e jogá-lo na lama. Em vez de responder ao pedido de socorro de Jó, Deus parece se voltar contra ele impiedosamente, então Jó está convencido de que ele vai morrer. Jó está confiante de que Deus é soberano sobre tudo o que acontece na vida, então Jó tem que concluir que o que está acontecendo com ele deve ser atribuído a Deus, mesmo que pareça fora de caráter para Deus agir dessa maneira. É isso que torna a situação de Jó tão dolorosa e desconcertante para ele.

Porque Jó se sente rejeitado pelos humanos e por Deus, ele não pode ver nenhuma esperança para o futuro. Se ele tivesse apenas opressores humanos, então poderia contar com Deus para intervir por ele. Mas como Deus parece estar no ataque, não há mais a quem recorrer para pedir ajuda. Jó, portanto, sente-se totalmente sozinho em sua dor, como um animal solitário isolado de qualquer um que o ajude. Tudo o que Jó pode fazer em sua adversidade é chorar e lamentar.



A dor e a angústia de Jó o fazem gemer e uivar, fazendo sons como esse chacal faria.

Esse grito patético de Jó apresenta grandes desafios para o professor. O livro de Jó é um registro honesto de como Jó se sente em sua grande aflição, e na medida em que faz paralelo com muitos dos salmos de lamento, que revelam os sentimentos de seus escritores. No entanto, assim como os salmos de lamento passam da dor para o louvor à medida que o salmista leva o problema ao Senhor, também Jó 30 deve ser lido no contexto de todo o livro. Neste momento da história, Jó está magoado e confuso, mas no final ele terá uma melhor compreensão de Deus e seus caminhos. Assim, a experiência de dor de Jó neste capítulo é um retrato preciso do que ele sente neste momento, mas deve ser visto no contexto de toda a história de sua experiência de confiar em Deus.

## Ilustrando o texto

***Às vezes, podemos nos sentir rejeitados por Deus e pelos humanos e não ver esperança para o futuro.***

Literatura: **"Um Emprego das Planícies", de William Humphrey.** Este conto, publicado em 1965 e ambientado durante a Grande Depressão, é uma versão moderna da vida de Jó. O personagem principal, um fazendeiro simples, mas "irrepreensível e íntegro" chamado Dobbs, vai de ter uma fazenda e família bem-sucedidas para perder progressivamente tudo e até mesmo se tornar vítima de um ciclone. Finalmente, ele diz em seu inglês áspero: "Para que serve tudo isso, alguém por favor me dirá? O que eu fiz para merecer isso? Trabalhei duro a vida toda. Sempre paguei minhas contas. Nunca piquei, nem joguei, nunca bebi, nunca corri atrás das mulheres. Sempre honrei minha velha mamãe e meu pai. Fiz o melhor que pude para sustentar minha esposa e minha família, e tentei criar meus filhos decentes e tementes a Deus. Fui à igreja regular... E o que eu tenho a mostrar para isso?" Mais tarde, seu desânimo é completo, e ele "[senta-se] alternadamente desejando estar morto e tremendo de pavor para que seu desejo ímpio não seja atendido".[45]

Filme: ***Um Homem Sério*.** Os diretores deste filme, os irmãos Coen, parecem muitas vezes interessados no destino de homens e mulheres deixados em um mundo sem transcendência. Em *Um Homem Sério* (2009), o personagem principal, interpretado por Michael Stuhlbarg, é Larry, um judeu cuja vida em todas as áreas, tanto pessoal quanto profissionalmente, começa a desmoronar. Ele começa a questionar sua fé, recorrendo a vários rabinos com suas perguntas. Em vez de ter respostas úteis e envolver Larry em boas discussões ou mesmo expressar empatia genuína, esses religiosos se mostram densos, incompreensíveis e indiferentes. Isso certamente representa como Jó deve se sentir quando Deus parece distante.

Literatura: ***Ben Hur*, de Lew Wallace.** Nesta história publicada em 1880, o personagem-título, Ben Hur, é injustamente acusado e condenado a servir como escravo nas minas, um destino que na época era o equivalente a uma sentença de morte. Assim como Jó deve ter se sentido preso por seu destino, também Ben Hur só podia acreditar que morreria nas minas. No entanto, por um imprevisto, ele é libertado da escravidão e elevado a uma posição elevada.

---

45. Humphrey, "Jó das Planícies", p. 128.

# O Juramento Final de Inocência de Jó

## Big Idea *Jó rejeita as acusações contra ele e pede a Deus que emita seu veredicto justo.*

## Temas-chave do trabalho 31

- Jó reconhece que Deus o conhece completamente.
- Jó anseia que Deus o trate com justiça.
- A falta de culpa de Jó abrange toda a sua vida.
- Jó está confiante de que Deus decidirá a seu favor.

## Entendendo o texto

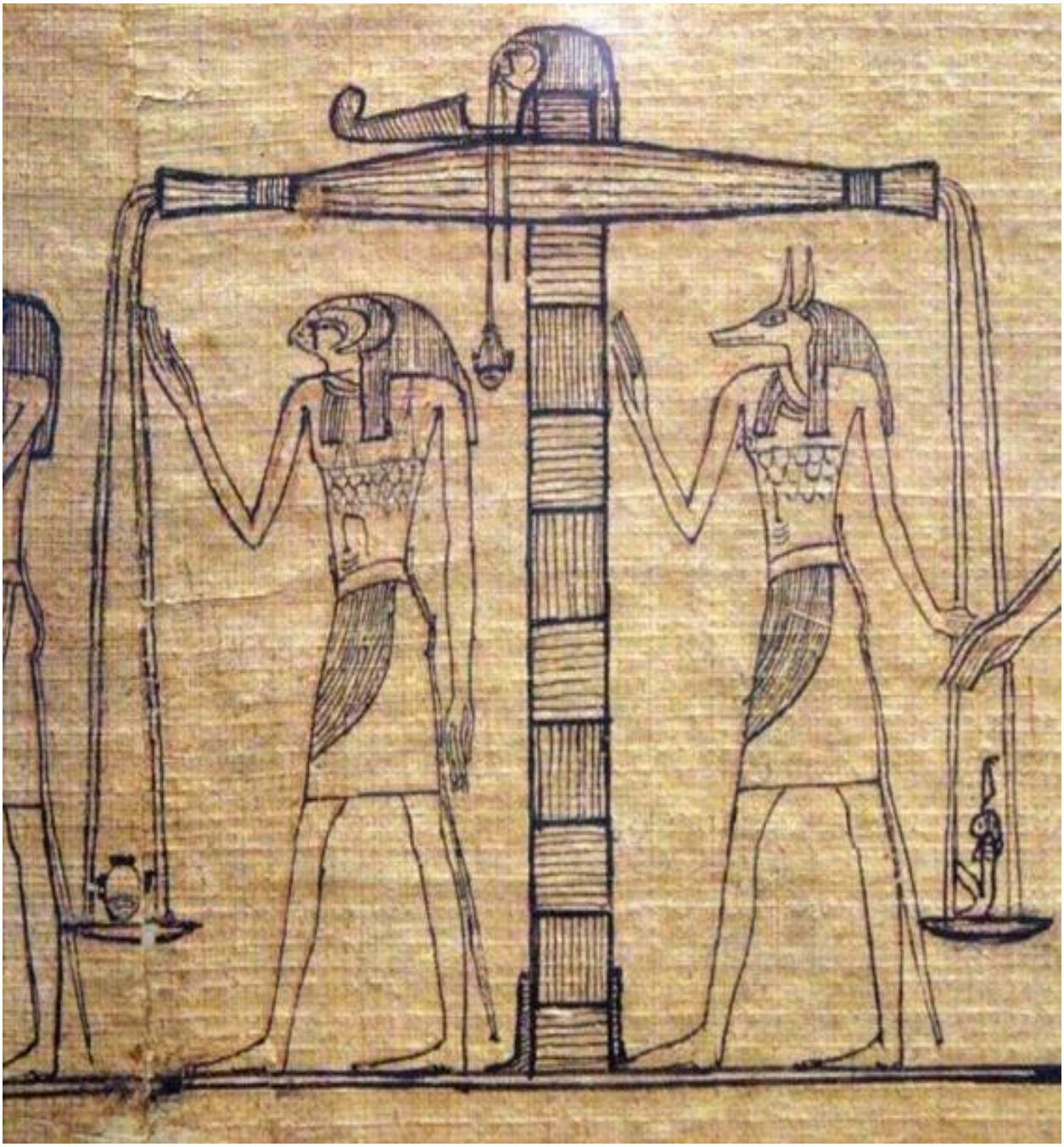
**O texto em contexto** Este capítulo traz a uma conclusão clímax o longo diálogo entre Jó e seus três amigos em Jó 3-27, seguido pelo interlúdio do narrador no capítulo 28 e a confissão final de Jó de sua inocência nos capítulos 29-31. Apesar de todas as adversidades e de todas as acusações dos amigos, Jó ainda está convencido de que é inocente. Não disposto a seguir o conselho dos amigos e proferir uma confissão inventada e insincera de pecado apenas para fazer cessar seu sofrimento, Jó mantém firmemente sua integridade. Em Jó 31, Jó descansa seu caso depois de declarar seu juramento final de inocência. Para fazer isso, Jó pronuncia uma série de fortes juramentos pelos quais jura que tanto suas ações quanto suas atitudes estão corretas diante de Deus. Jó continua a pensar no âmbito da teologia da retribuição, embora tenha notado que nem sempre se aplica na vida, por isso afirma que é inocente e exige justiça de Deus. No final deste capítulo, o palco está preparado para Yavé dar seu veredicto, mas antes que ele o faça, o jovem Eliú entrará em cena e terá sua palavra nos capítulos 32-37. Somente depois que Javé finalmente

fala é que Jó reconhece que os caminhos de Deus não podem ser adequadamente explicados pelos humanos (42:2-6).

**Antecedentes históricos e culturais** Em seu juramento final de inocência, Jó emprega a antiga estratégia legal da confissão negativa, uma abordagem também encontrada em textos egípcios e hititas. Jó lista as várias acusações que foram levantadas contra ele, e depois nega todas. Várias vezes, Jó usa a forma: "Se eu cometi esse crime, então que Deus me puna com essa consequência horrível". Outras vezes, Jó afirma a condição, mas deixa a consequência indefinida. Por esse meio, Jó, como réu, invoca a Deus como juiz para condená-lo em toda a extensão da lei ou então para inocentá-lo da acusação errônea. Se Jó é culpado, então ele convidou Deus a atingi-lo com penas horríveis. Se Deus não exigir a punição, então sua falha em fazê-lo absolverá tacitamente Jó das acusações contra ele. Por esse procedimento legal, até mesmo o silêncio de Deus o juiz pode inocentar Jó.

**Insights Interpretativos 31:1** *Fiz um convênio com meus olhos de não olhar lascivamente para uma moça.* Jó começa seu juramento com uma declaração que estabelece desde o início a extensão da inocência ética que ele está reivindicando. Ele declara que fez um pacto, ou um compromisso vinculativo, de não olhar para uma jovem. A leitura da NVI reflete como esse versículo tem sido muitas vezes tomado como antecipação da exposição de Jesus da lei de Deus em Mateus 5:27–28, com Jó se comprometendo a não olhar para uma jovem com intenção sexualmente impura. No entanto, o advérbio "lascivamente" não está explicitamente no texto hebraico. Portanto, talvez seja melhor ler Jó como não procurando moças para coletar como esposas de famílias poderosas com as quais ele queria construir alianças poderosas (Cf. Deut. 17:17; 1 Reis 11:1-3).

**31:5–8** *deixe Deus me pesar em balanças honestas e ele saberá que sou irrepreensível.* Jó está convencido de que não divergiu do caminho de Deus para se desviar para a falsidade e o engano (31:5), então ele desafia Deus a avaliá-lo com precisão, confiante de que isso demonstrará que ele é irrepreensível. O leitor percebe que Deus já disse duas vezes ao adversário que Jó era irrepreensível, em 1:8 e 2:3. Se Jó transgrediu o caminho de Deus, então ele convida Deus a dar suas colheitas aos outros (31:8; cf. Lv. 26:16; Mc. 6:15) ou então destruir completamente suas colheitas.



Jó quer que Deus avalie sua vida e o ache irrepreensível, pesando-o em balanças honestas (31:6). Isso traz à mente o ritual de pesagem do coração que os egípcios acreditavam que ocorria quando o falecido passava pelo netherworld. O coração foi pesado para determinar se era puro. O ritual é retratado aqui neste desenho em papiro (séculos IV a I a.C.).

**31:9–10** *Se meu coração foi seduzido por uma mulher.* A negação do adultério por Jó é especialmente chocante em sua linguagem. Os termos "porta", "moer" e "dormir" (31:9-10) eram eufemismos comuns para a atividade sexual. Jó propõe que, se ele foi culpado de adultério, então a

punição apropriada para seu pecado é que sua própria esposa seja explorada sexualmente por outros. Jó não está tentando transferir as consequências de seu pecado para sua esposa. Em vez disso, ele está tão confiante de que é inocente dessa acusação que expressa o que seria o castigo mais humilhante para um homem no mundo antigo suportar.

**31:13–15** *Aquele que me fez no ventre não os fez?* No tratamento de seus escravos, Jó foi muito além do que é exigido na lei mosaica (Cf. Exod. 21:1-11; Lev. 25:39-55; Deut. 15:12-18). No antigo Oriente Próximo, os escravos eram tipicamente considerados como propriedade, mas Jó vê seus escravos como companheiros humanos feitos por Deus. Portanto, ele os tratou humanamente, como pessoas detentoras de direitos humanos, assim como ele.

**31:16–23** *Se neguei os desejos dos pobres.* Elifaz anteriormente acusou Jó de maltratar os necessitados (22:7-9), então agora Jó nega enfaticamente a acusação. Ele contrapõe que tem tido um interesse especial na situação daqueles que dependem da generosidade dos outros. Jó insiste que tratou os órfãos e viúvas como se fossem sua própria família (31:18). Ele não abusou de seu status elevado na comunidade para tirar vantagem dos pobres em processos judiciais (31:21). Seu cuidado com os necessitados emerge de sua reverência a Deus (31:23).

**31:24–28** *Se eu depositei minha confiança no ouro.* Em seu discurso anterior, Elifaz insinuou que Jó era materialista (22:23-26), mas agora Jó insiste que ele não depositou sua confiança em sua riqueza (31:24-25; cf. Sl. 62:10). Jó não comprometeu seu compromisso com Deus nem pelo materialismo nem pela idolatria (31:26-28), porque ele considera ambos como atos pecaminosos que constituem infidelidade a Deus.



Jó nega adorar o sol e a lua (31:26-27), que era uma prática comum no mundo antigo. Esta estela mostra Nabonido, rei da Babilônia, com a mão erguida diante de três símbolos divinos: crescente, disco alado e estrela. Estes representam o pecado o deus da lua, Shamash o deus do sol e Ishtar ou Vênus (século VI a.C.).

**31:29–30** *Se eu me regozijei com o infortúnio do meu inimigo.* É natural que os seres humanos pecadores tenham prazer na derrota de seus inimigos (Cf. Obad. 12), mas Jó diz que não se deleitou quando seu inimigo sofreu um desastre. Em suas palavras e em suas atitudes, Jó obedece a Deus não pecando nem mesmo contra aqueles que o fizeram mal (Prov. 24:17-18).

Só um homem de irrepreensibilidade impecável se atreveria a fazer uma afirmação como esta. Com o seu juramento, Jó convida Deus a sondar os seus motivos e atitudes interiores, não apenas as suas acções ostensivas (Cf. Sl. 139, 23-24).

**31:31–32** *Minha porta estava sempre aberta para o viajante.* No mundo antigo, a hospitalidade para com estranhos era vista como uma obrigação solene (por exemplo, Gênesis 18:1-8; 19:1-3), e Deus ordena que seu povo seja fiel nessa graça (Lev. 19:34; Rm 12:13; Hb. 13:2).Jó é conhecido por sua generosidade para com estranhos, até mesmo servindo-lhes carne (31:31), que normalmente era reservada apenas para ocasiões especiais de celebração. É evidente que Jó deu de coração, não a contragosto.

**31:35–37** *Assino agora minha defesa — que o Todo-Poderoso me responda.* Jó está firmemente confiante de sua inocência, então ele imaginativamente assina seu nome para este argumento jurídico final, e então ele pede a Deus para quebrar seu silêncio e governar a favor de Jó. Jó está tão certo de que Deus o inocentará que está ansioso para proclamar o veredicto publicamente. Ele imagina usar o veredicto da inocência orgulhosamente em seu ombro (Cf. Is. 22:22) ou como uma coroa (31:36; cf. Zc 6:9-15), para que todos possam lê-lo.

**31:38–40** *se a minha terra clamar contra mim.* As palavras de Jó nos versículos 38–40 parecem se encaixar logicamente antes de sua assinatura no versículo 35, então é possível que um erro de escriba tenha perdido os três últimos versículos do capítulo. Jó afirma que seu comportamento justo se estende até mesmo à forma como ele tratou sua terra. Ele tem sido um mordomo fiel sobre a terra de Deus, então sua terra não clamou em reclamações sobre como Jó a explorou. Pela última vez, Jó convida Deus a julgar exatamente medida por medida se Jó não agiu como ele disse. Neste caso, Deus deveria fazer com que a terra produzisse briares e ervas daninhas em vez de trigo e cevada.

**Insights teológicos** A negação de Jó de que ele maltratou os pobres e os oprimidos (31:16-23) reflete um tema bíblico generalizado. Em toda a Bíblia, o povo de Deus é ordenado a cuidar dos necessitados. Os profetas do Antigo Testamento frequentemente pronunciam o julgamento divino por causa do fracasso do povo em lidar com justiça com os pobres e os fracos (Is. 1:16–17; Jr. 7:5–7; Amós 4:1; Mal. 3:5). O Novo Testamento também condena veementemente aqueles que não demonstram compaixão e buscam justiça para os necessitados (Mt. 25:41–46;Tiago 2:1–7; 5:1– 6). Javé é

consistentemente apresentado como o pai do órfão e o protetor da viúva (Sls. 68:5; 146:9), de modo que os humanos que oprimem os necessitados violam o mandamento de Deus e desprezam seu caráter por suas ações injustas.

## Ensinando o texto

Ao longo do livro de Jó, Jó foi alvo de inúmeras acusações. Ao longo do livro de Jó, Jó tem sido alvo de inúmeras acusações. No prólogo, o adversário acusa Jó de ter motivos egoístas. Então, os três amigos inventam todos os tipos de pecados que justificariam as grandes adversidades de Jó. Jó sabe em seu coração que essas acusações são falsas, então em seu juramento final em Jó 31 ele rejeita todas elas na linguagem mais forte possível. Na verdade, Jó chega a dizer que, se as acusações são precisas, então Deus deveria derramar castigos horríveis sobre ele. Jó não foi intimidado por seus acusadores a fazer uma confissão insincera de pecados que ele não cometeu.

Jó claramente trabalha a partir da percepção de que Deus conhece todas as coisas. Isso significa que Deus sabe o que Jó fez e o que não fez. Mais do que isso, Deus sabe o que está no coração de Jó, quando os outros só podem especular sobre os motivos e desejos de Jó. Para Jó, a onisciência de Deus é um consolo porque Jó sabe que foi irrepreensível diante de Deus. O conhecimento perfeito de Deus também permitirá que Deus chegue a um veredicto que realmente se encaixe nos fatos do caso. Porque Deus nos conhece completamente, podemos ter certeza de que Ele sempre fará o que é certo para nós.

Jó anseia por justiça de Deus. Ele está bem ciente das muitas maneiras pelas quais os seres humanos pecam pública e privadamente em suas ações e atitudes. Ao examinar sua própria vida em busca do pecado, Jó não consegue discernir como pode ter perdido a marca de Deus. Como Jó, precisamos examinar nossa vida cuidadosamente, para que possamos honrar o Senhor em nossas ações, atitudes, pensamentos e motivos. Nas palavras do Salmo 19:14, nosso desejo deve ser que as palavras de nossa boca e a meditação de nosso coração sejam agradáveis aos olhos de Deus.

À medida que Jó progride através de sua confissão de inocência, ele aborda todas as áreas de sua vida. Sua falta de culpa permeia sua interação com as mulheres, seus negócios, seu tratamento de seus servos, seu cuidado com os pobres, seu uso do dinheiro, sua atitude para com seus inimigos, sua hospitalidade para com estranhos e seu uso da terra, bem como seu compromisso com Deus somente. Todas as partes da vida que muitas vezes

são consideradas como atividades seculares estão incluídas na falta de culpa de Jó diante de Deus. Jó demonstra que não deve haver distinção entre o que é sagrado e o que é secular — toda a vida deve ser vivida de uma maneira que honre e tema ao Senhor.

Jó assina seu juramento final com a confiança de que Deus, em sua justiça, decidirá a favor de Jó. Jó não sabe por que passou por essa adversidade severa, mas sabe que Deus é justo e sabe que foi irrepreensível em todas as áreas de sua vida. Como Jó, podemos enfrentar situações em nossas vidas que não conseguimos entender. Mas devemos sempre nos apegar à certeza de que o Senhor é fiel e justo, para que Ele finalmente leve todas as coisas ao seu devido fim.

Como Jó emprega sua estratégia jurídica de confissão negativa, ele pode estar atravessando

a linha quando ele tenta manipular Deus para respondê-lo, mesmo que apenas tacitamente. O autor não descreve o pensamento interior de Jó, então não podemos ter certeza se esse é o caso. No entanto, Jó está pelo menos muito perto de tentar colocar Deus em uma caixa, como também às vezes tentamos fazer pelas promessas ou ameaças que fazemos a Ele. No final, Deus não é compelido pela estratégia de Jó, mas permanece livre para fazer o que ele determinou soberanamente, apesar do que Jó possa desejar ou esperar. Nós também devemos permitir que Deus seja Deus em nossas vidas, em vez de tentar ditar a Ele o que Ele deve fazer, como Ele deve fazê-lo e quando nosso prazo é para Sua ação.



Este papiro contém a estratégia legal de confissão negativa que Jó usa no capítulo 31. Aqui o morto, Ani, dirige-se a trinta e três dos deuses e declara que é puro, listando todas as coisas que não fez.Por exemplo, ele não destruiu suprimentos de alimentos, matou, mentiu, espionou ou foi impaciente (Declaração de Inocência, Feitiço 125, do Livro dos Mortos [Papiro de Ani]).

# Ilustrando o texto

***Para uma pessoa íntegra, não há desconexão entre caráter e comportamento.***

Literatura: ***Um Conto de Natal*, de Charles Dickens.** Nesta amada novela de Natal (1843), Ebenezer Scrooge é um homem rico que descarta os pobres como mera população excedente, ignora a miséria daqueles que trabalham para ele e zomba de qualquer expectativa social. Depois de três visões que lhe mostram sua vida terrível e as consequências de seu comportamento, seu coração é mudado. Após essa transformação, Patinhas se torna extraordinariamente generoso com os necessitados. Nessa generosidade, ele se espelha em Jó.

História: Abraham Lincoln foi criticado por escolher Edwin Stanton, um de seus rivais políticos, para estar em seu gabinete. Lincoln explicou que a melhor maneira de derrotar um inimigo é transformá-lo em um amigo.

***Quando ansiamos pela justiça de Deus, devemos colocar nosso caso nas mãos de Deus.***

Literatura: **"Um Emprego das Planícies", de William Humphrey.** Este conto é baseado na história de Jó, embora certamente não seja idêntico a ele em sua conclusão filosófica. O personagem principal, Dobbs, é um fazendeiro rico e bem-sucedido e um homem simples e bom. Ele perde tudo materialmente e finalmente se deseja morto, exceto que ele está preocupado com o destino de sua família. Em um momento, sentado sob os escombros de sua casa, ele diz à família, no que parece ser uma entrega de suas circunstâncias a Deus: "'Bem, agora, todos, aqui estamos todos, todos juntos, sãos e salvos. Sejamos gratos por isso. Agora, para manter o ânimo, vamos cantar uma música. Todos juntos agora, em alto e bom som. Pronto?' E com ele carregando a liderança em seu tenor nasal, eles cantaram: 'Jesus me ama, isso eu sei, porque a Bíblia me diz isso'."[46]

---

46 . Humphrey, "Jó das Planícies", p. 128.

## Emprego 32

# Eliú faz sua aparição

## Grande ideia *O jovem Eliú afirma conhecer a verdade que escapou de Jó e seus amigos.*

## Temas-chave do trabalho 32

- O narrador descreve Eliú como zangado contra Jó e os amigos.
- Eliú afirma ter recebido compreensão do Espírito de Deus.
- Eliú considera os argumentos dos amigos ineficazes.
- Eliú está pronto para explodir com o que quer dizer a Jó.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Depois que Jó conclui suas palavras em 31:40, o leitor espera ouvir Javé falar para resolver o debate entre Jó e seus amigos. Em vez disso, um jovem chamado Eliú entra em cena e, nos seis capítulos seguintes, ele segura o palco. Em seu longo e ininterrupto discurso, Eliú resume os pontos levantados por Jó e os amigos, muitas vezes citando ou aludindo a suas palavras específicas. Ele concorda com eles que Deus envia o sofrimento como seu julgamento sobre o pecado, mas ele acrescenta que Deus também pode usar o sofrimento para refinar o caráter humano. Assim, para Eliú, o sofrimento é ao mesmo tempo punitivo e formativo. Eliú supõe que ele tem a palavra final nesta discussão, mas Javé manterá essa prerrogativa nos capítulos 38 –
41. Na estrutura do livro, os discursos de Eliú ampliam a tensão dramática enquanto o leitor fica esperando que Javé traga resolução para o caso de Jó.

Jó 32 começa com a descrição de Eliú pelo narrador (32:1–5). Então Eliú descreve a si mesmo em 32:6–22. Ele afirma ser inspirado por Deus (32:6-

10), expressa impaciência com os amigos e com Jó (32:11-16) e articula a intenção de falar (32:17-22).

**Contexto histórico e cultural** Em 32:19, Eliú compara sua intenção urgente de falar ao vinho engarrafado em odres novos e pronto para estourar. No mundo antigo, o vinho era tipicamente armazenado em peles de animais (Jr. 13:12), que podiam se expandir à medida que o vinho fermentava. No Novo Testamento, Jesus usa a mesma imagem em Mateus 9:17 para explicar como seu ensinamento não pode ser confinado a velhas maneiras de pensar que se tornaram rígidas e inflexíveis. Até mesmo novos odres têm que ser ventilados, ou então eles vão explodir sob a pressão do vinho fermentado dentro deles.[47º]

**Insights interpretativos 32:2** *Eliú . . . ficou muito zangado com Jó por se justificar em vez de Deus.* O sentido provável do hebraico é que Eliú percebe que Jó se considera mais justo do que Deus. Para Eliú, quando Jó mantém sua alegação de inocência, ele está insinuando que sua justiça é superior à de Deus. Eliú não pode tolerar que Jó levante uma questão sobre a justiça de Deus. Ele sente que deve defender a honra e o caráter de Deus contra a acusação falaciosa de Jó.

**32:3–5** *sua ira foi despertada.* O narrador diz repetidamente que Eliú está com raiva (32:2, 3, 5). Eliú está zangado com Jó por se justificar mais do que Deus (32:2).Ele também está zangado com os amigos, porque eles não foram capazes de refutar Jó, e eles desistiram da tentativa de fazê-lo (32:3, 5). Para Eliú, a situação de Jó parece clara o suficiente, e ele está agitado porque as coisas chegaram a um impasse e não a uma resolução. A ênfase repetida na raiva de Eliú e sua juventude pode muito bem ter a intenção de alertar o leitor de que Eliú, apesar de toda sua teologia louvável e boas intenções, não fornece a resposta final para a situação de Jó. Isso aguardará os discursos de Javé no final do livro.



Em Jó 32, Eliú chega ao local e começa seu discurso. Pode-se imaginar esse jovem apaixonado se parecendo muito com os antigos oradores gregos que são bem conhecidos por seus discursos eloquentes. Aqui é mostrada a estatueta de um orador (século I a.C. ao século I d.C.).

**32:6–7** *Eu sou jovem em anos, e você é velho.* Com essas palavras, Eliú começa um extenso prelúdio de seus discursos (32:6–22). A sabedoria tradicional valoriza os idosos, porque seus longos anos lhes deram a

oportunidade de acumular muita observação da vida (Prov. 4:1-9) e, portanto, eles podem se tornar especialistas em sabedoria. No pensamento sábio, os jovens são os aprendizes, e recebem instruções dos mais velhos (Prov. 1:8). Eliú diz que deferiu a antiguidade de Jó e dos amigos. No entanto, ele está profundamente decepcionado com suas respostas, então ele decide agora falar pela verdade.

**32:8** *Mas é o espírito em uma pessoa... Isso lhes dá compreensão.* Eliú argumenta que os anciãos não têm um canto sobre a sabedoria. Embora ele seja jovem, ele também tem o espírito de compreensão dentro dele. Esta expressão poderia referir-se, de um modo geral, ao espírito que todos os seres humanos têm porque foram feitos à imagem de Deus (Gn 2, 7), mas o mais provável é que Eliú esteja a afirmar que, ao falar, o Espírito de Deus comunica através dele (cf. 33, 4). O entendimento, então, não é a única posse dos idosos (32:9); Eliú tem a mesma capacidade de compreensão que eles. A percepção que ele recebeu da inspiração divina não é limitada por sua idade ou experiência de vida. A afirmação de Eliú aqui é semelhante ao que Elifaz sustentou para si mesmo no capítulo 4.

**32:9** *Não são só os velhos que são sábios.* Ao fazer essa observação, Eliú se identifica com ensinamentos encontrados em outras partes da Bíblia. Em Eclesiastes 4:13-16, um menino pobre, mas sábio, é considerado melhor do que um rei velho e tolo. No Salmo 119:98–100, o salmista diz que a palavra de Javé o torna mais sábio do que os idosos. Tanto José quanto Daniel confundem seus anciãos por sua sabedoria dada por Deus. Em Lucas 2:46–47, o menino Jesus surpreende os estudiosos no templo com suas perguntas e respostas perspicazes.

**32:10–14** *Por isso digo: Escutai-me.* Em 32:10–14, Eliú se dirige aos três amigos. Ele esperou e os ouviu falar, mas eles não foram bem-sucedidos em refutar Jó (32:11-12). Alegaram em vão ter encontrado sabedoria; o que eles realmente fizeram foi pedir a Deus para responder a Jó (32:13). Eliú resolve responder a Jó de forma mais persuasiva do que os amigos fizeram (32:14), e de fato ele se aproxima da marca, mas Javé sozinho dará a resposta completa e final.

**32:15–20** *Devo esperar, agora que eles estão em silêncio?* A partir do versículo 15, Eliú se afasta dos amigos para falar com Jó especificamente. Na opinião de Eliú, os amigos falharam, então ele não vê necessidade de esperar que eles falem mais. Ele decide expressar sua opinião que está brotando dentro dele (32:17-20). Sua linguagem túrgica faz Eliú soar pomposo em vez de ser um professor sério de sabedoria.

Em 15:2, Elifaz perguntou retoricamente se um homem sábio deveria se encher de conhecimento ventoso. Eliú aqui parece estar fazendo exatamente isso, pois ele se descreve comicamente como um saco de vento que tem que falar para obter alívio da flatulência dentro dele (32:18-20). Eliú indica que está pronto para explodir e que seu único alívio é falar imediatamente. Ele é realmente cheio de palavras (32:18), mas elas vêm de seu ventre, que era considerado como a sede das paixões e não da reflexão raciocinada. Este parece ser mais um sinal do autor de que as aspirações de Eliú ao falar com Jó são melhores do que as respostas que ele lhe dá.



Eliú diz que está tão cheio de palavras que é como um novo odre pronto para estourar (32:19). Aqui é mostrado um servo carregando uma pele de vinho ou pele d'água (Persépolis, Irã, 358–338 a.C.).

**32:21–22** *Não mostrarei parcialidade, nem bajularei ninguém.* Eliú afirma que ele é incapaz de parcialidade, o que o torna um observador imparcial ou um

juiz que fala apenas a verdade (cf. o desejo de Jó por um árbitro imparcial em 9:33).

Além disso, ele diz que Deus o tiraria se ele falasse insinceramente (32:22). Depois de seu longo e promissor prelúdio, os discursos reais de Eliú são um tanto decepcionantes em comparação. Quando Javé finalmente fala, ele se dirige a Jó e aos três amigos, mas não diz nada sobre Eliú (42:7-9). Eliú é preciso na defesa da justiça de Deus, mas no contexto maior do livro, ele pode ser melhor visto como uma figura irônica. Em suas palavras apaixonadas e ornamentadas, ele às vezes diz o que não pretende (32:18-20). Ele é repetidamente descrito pelo narrador como zangado (32:2-5), o que na tradição da sabedoria é um traço de um tolo (Prov. 29:22). Em sua avaliação de Jó, Eliú ignora a avaliação de Javé sobre ele como justo (1:8; 2:3).

**Os intérpretes de Insights Teológicos** têm visto Eliú de uma ampla variedade de maneiras, com alguns avaliando-o positivamente como falando em nome de Javé e outros o descartando como intrusivo e vazio. Para avaliar com precisão seu papel no livro, várias características textuais devem ser consideradas. Eliú não é mencionado nem antes nem depois de falar. Em contraste com os outros personagens, Eliú tem uma genealogia incluída, e ele parece estar relacionado a Abraão, embora viva fora de Israel, na área próxima a Dedan e Tema (Jr. 25:23). As palavras de Eliú relembram o que os amigos e Jó já disseram, mas também olham para frente para prenunciar a entrada de Javé. Eliú é representado pelo narrador como raivoso, e sua introdução de si mesmo parece ter um tom bombástico. Quando Javé fala, ele não critica Eliú, como faz com os três amigos, mas também não elogia Eliú, como faz Jó. Eliú não tem conhecimento dos eventos narrados no prólogo, por isso não discerne corretamente os antecedentes da adversidade de Jó.

Quando todas essas evidências são tomadas em conjunto, parece que Eliú resume os argumentos de Jó e dos amigos, e ele aponta suas deficiências. Sua própria posição assume que a fórmula da retribuição se aplica ao caso de Jó, mas acrescenta o ponto importante de que o sofrimento pode ser formativo e punitivo. Eliú aspira ao papel do juiz que decidirá o caso, mas seu tom raivoso e seus deslizes de fala não intencionais sugerem que o autor quer que o leitor o interprete como uma figura bem-intencionada, mas irônica, que prepara o terreno para Javé, o verdadeiro juiz.

## Ensinando o texto

Enquanto Jó e os três mestres da sabedoria falavam nos capítulos 3–31, um jovem chamado Eliú ouvia atentamente o que eles diziam. Finalmente chegou o momento em que todos os homens mais velhos estão em silêncio, então Eliú entra na conversa. Com grande autoconfiança, o jovem Eliú afirma conhecer a verdade que escapou a Jó e seus amigos. Quando Jó conclui suas palavras em 31:40, o leitor espera que Javé fale em seguida, mas Eliú adia a resolução divina do caso. Quando Eliú começa a falar, o leitor se pergunta se talvez a juventude terá sucesso onde o raciocínio dos mais velhos falhou. No entanto, um tom autoconfiante não é necessariamente um indicador de sabedoria genuína.

O narrador descreve Eliú muito mais completamente do que os outros oradores do livro. Em particular, ele repetidamente retrata Eliú como zangado - zangado com Jó, zangado com os amigos e zangado porque o debate parece ter sido abandonado em vez de resolvido. Com essa descrição, o narrador fornece uma lente através da qual Eliú deve ser visto. É verdade que a raiva às vezes pode ser justificada, se for dirigida às coisas que desonram a Deus, e que o próprio Deus está zangado com o pecado (Êx. 4:14; Deut. 4:25; Sl. 7:6). No entanto, na literatura de sabedoria, a raiva não é a marca do sábio, mas do tolo, então as palavras de Eliú devem ser avaliadas com isso em mente.

Na sabedoria tradicional, a sabedoria reside nos anciãos, que tiveram a oportunidade de observar a vida amplamente. Eliú está bem ciente de sua juventude, então ele afirma que recebeu sua visão do sopro do Todo-Poderoso, que dá compreensão aos humanos. Em vez de competir frente a frente com os velhos mestres da sabedoria, Eliú tenta um fim ao insistir que recebeu sua visão diretamente de Deus.



Eliú afirma que, embora seja jovem, suas palavras contêm sabedoria dada por Deus. Esta estatueta egípcia mostra um escriba sentado aos pés de Thoth, o deus do conhecimento, da ciência e da sabedoria (1450-1280 a.C.).

Eliú classifica os argumentos dos amigos como ineficazes. Ele os ouviu atentamente enquanto tentavam provar que Jó estava errado, mas eles não foram capazes de fazê-lo. Eliú insiste que responderá a Jó com argumentos diferentes e melhores, e ele fornece uma importante reafirmação da justiça de Deus, juntamente com sua observação de que Deus pode usar a adversidade por razões formativas, não apenas como punição pelo pecado, como os amigos

têm argumentado. No entanto, muito do que Eliú diz repete o que já foi declarado, e seu novo material não explica totalmente a situação de Jó.

Eliú é quase cômico quando diz que está cheio de palavras e que precisa falar para encontrar alívio nas palavras que estão prontas para explodir dentro dele. Apesar de toda a sua boa teologia, que em muitos aspectos supera a dos três amigos, Eliú confunde seu senso de urgência apaixonada com compreensão genuína. Há muitas pessoas como Eliú, cuja confiança em suas opiniões é melhor do que sua compreensão da situação. Eles estão ansiosos para falar, mas não percebem que muitas palavras não são necessariamente iguais à sabedoria sã. Pessoas como Eliú acabam dizendo muito, mas podem contribuir com menos substância para a discussão do que supõem.
Quando muitos parecem ansiosos para oferecer suas opiniões, às vezes com muita paixão, precisamos ter o cuidado de medir tudo o que eles dizem pelas verdades da Palavra de Deus, porque a verdadeira sabedoria vem de Deus.

## Ilustrando o texto

***Mesmo quando conselheiros e figuras públicas estão confiantes, eles podem estar errados.***

Televisão: Apresentadores de talk shows noturnos e comediantes (por exemplo, David Letterman, Conan O'Brien e Jon Stewart) são muitas vezes espirituosos, impetuosos e cheios de ridículo, mas quando não combinados com alternativas construtivas, seus comentários adicionam pouca compreensão às questões do dia. Eliú está zangado com todos os oradores anteriores que se dirigiram a Jó; Impaciente com seus argumentos, ele afirma oferecer argumentos melhores. Ele, no entanto, também tem pouca sabedoria.

Literatura: ***J.B.*, de Archibald MacLeish.** Nesta versão existencial do livro de Jó publicado em 1952, J.B. (o personagem de Jó) responde a um de seus acusadores com as seguintes palavras, que são apropriadas diante de conselhos errados:

> O seu é o conforto mais cruel de todos,
> Fazendo do Criador do Universo o
> miscriador da humanidade —
>
> Uma parte para os crimes que Ele pune.[48º]

Livro: ***Na Sala de Espera de Deus*, de Lehman Strauss.** Depois de pregar por muitos anos sobre a resposta do cristão ao sofrimento, Strauss (1911-97)

aprendeu em primeira mão sobre a aflição e a dor do desamparo e do desespero quando sua esposa, Elsie, sofreu um grave derrame. Ele escreve em seu livro *In God's Waiting Room* (1984) que há um abismo entre conhecer a verdade intelectualmente e conhecê-la por experiência pessoal. Ele se pergunta se há algo de errado em um ministro e professor da Bíblia estar "perplexo". Ele conclui que tal perplexidade faz com que a pessoa se aproxime de Deus, que a adversidade de Deus pode ser um presente para seu filho. Esta é a postura de um verdadeiro conselheiro e não a de Eliú.

Citação: **Blaise Pascal.** Provavelmente citando Isaías 45:15, Pascal afirma: "Uma religião que não afirma que Deus está oculto não é verdadeira. *Vere tu es Deus absconditus* – verdadeiramente você é um Deus oculto."[3]

47 . Para uma discussão adicional sobre o significado da linguagem de Eliú comparando-se a um odre completo, ver Clines, *Jó 21–37*, 722–23.

48 . . . Maklesh, *J. B.*, 126.

3 . Pascal, *Pensées de Pascal*, 242.

# Emprego 33

# Eliú pede a Jó que escute

## Big Idea *Elihu apresenta uma explicação simples para a complexa situação de Jó.*

## Temas-chave do trabalho 33

- Eliú declara que tem a resposta que Jó precisa ouvir.
- Eliú resume os discursos de Jó ao ouvi-los.
- Eliú explica como Deus se comunica através dos sonhos e da dor.
- Eliú mantém a perspectiva de restauração para Jó.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Depois de seu longo prelúdio no capítulo 32, Eliú agora se lança em seus discursos a Jó. O capítulo 33 é o primeiro de quatro discursos ininterruptos (nos capítulos 33, 34, 35 e 36–37) de Eliú nos capítulos 32–37. Eliú fala mais do que qualquer outra pessoa no livro, com exceção de Jó. Na verdade, Eliú fala mais do que Javé nos capítulos 38–41. Em Jó 33, Eliú se dirige diretamente a Jó, exortando-o a ouvir a sabedoria que ele pretende lhe ensinar. Como o prelúdio de Eliú indicou, ele está muito confiante de que entende a situação de Jó e que pode apontar Jó na direção certa. Ficará evidente, no entanto, que Eliú promete mais do que pode cumprir.

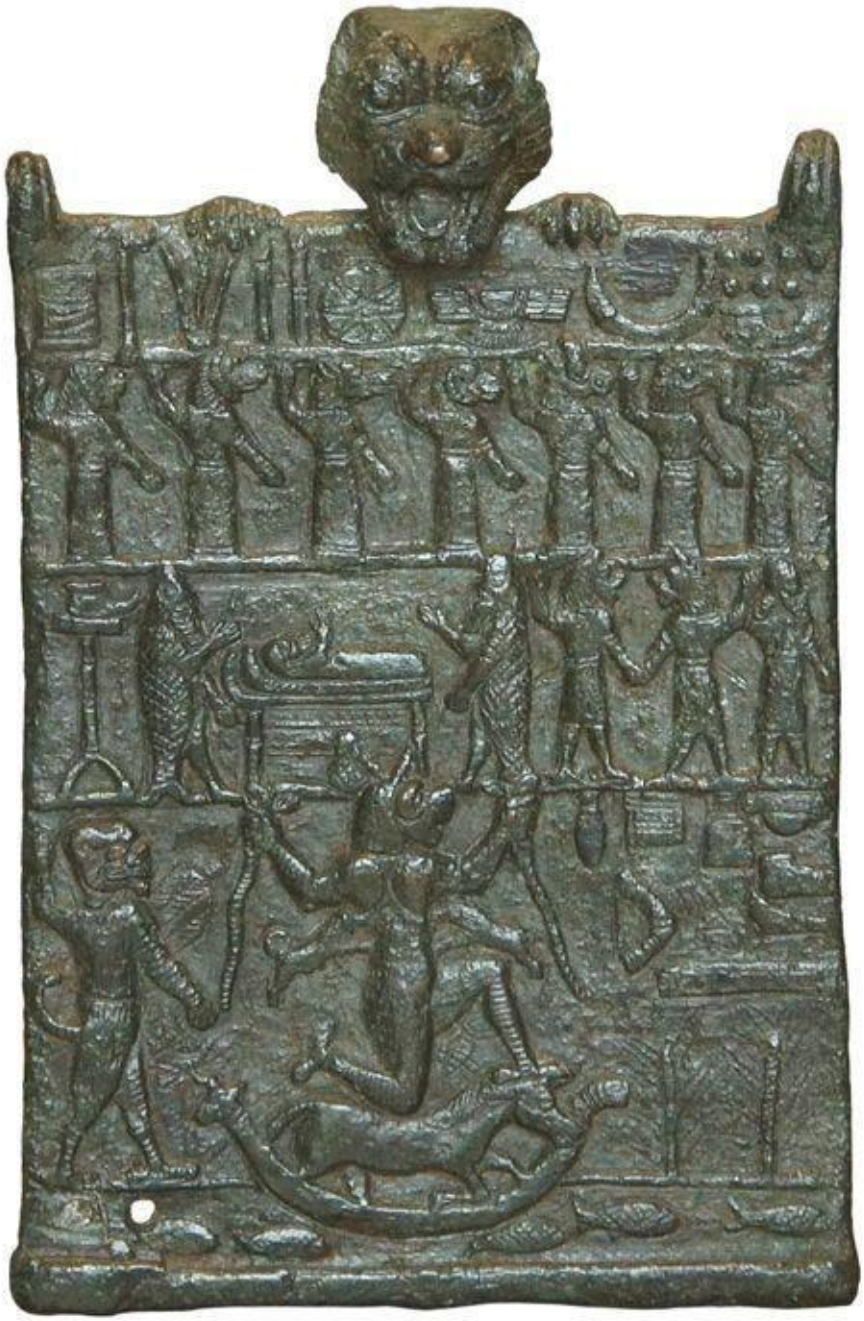
**Contexto histórico e cultural** Quando Eliú declara a Jó em 33:6, "Eu também sou um pedaço de barro", ele alude a uma imagem que é encontrada tanto na Bíblia quanto na literatura antiga do Oriente Próximo. A narrativa da criação em Gênesis descreve o primeiro ser humano, Adão, como sendo formado por Deus a partir do pó da terra (Gn 2:7). Outras passagens bíblicas referem-se aos humanos como argila que Deus esculpe (Jó 10:9; Isaías 45:9; 64:8; Jr. 18:6; Rm 9:20–21). Na
Epopeia mesopotâmica de Gilgamesh, a deusa da criação belisca o barro para formar Enkidu. Nos textos bíblicos, a imagem dos humanos como barro geralmente se concentra na obra soberana de Deus na vida dos indivíduos e das nações, moldando-os de acordo com seu plano. Em todos os casos, a argila sugere que os seres humanos são os destinatários das ações de Deus enquanto Ele molda e dirige suas vidas.



Eliú diz que é como Jó diante de Deus porque também é formado a partir do barro (33:6). Outras culturas antigas do Oriente Próximo falam sobre a humanidade ser formada a partir do barro. Aqui é mostrado um fragmento da Tábua I do Épico de Gilgamesh, onde a deusa da criação belisca a argila para formar Enkidu.

**Insights interpretativos 33:4** *O Espírito de Deus me fez; Todo-poderoso me dá vida.* Com essas palavras, Eliú ecoa o que disse anteriormente, em 32:8, quando deu a entender que fala por revelação especial de Deus. Ele afirma possuir uma fonte melhor de sabedoria do que Jó ou os amigos, porque ele recebeu sua visão diretamente de Deus, não indiretamente através da observação da vida. Com efeito, Eliú sugere que ele é a voz da sabedoria (Prov. 8:7-8). Por esse meio, ele procura estabelecer suas credenciais como superior a Jó no conhecimento.

**33:5** *Responda-me então, se puder.* Eliú assume o tom de promotor ao se dirigir diretamente a Jó. Jó tem se considerado o autor, mas Eliú tenta obrigá-lo ao papel de réu culpado. Eliú parece estar excessivamente impressionado com seu próprio intelecto, porque as palavras "se você puder" implicam que Jó de fato não pode respondê-lo. Não há registro no livro de que Jó arrisque uma resposta a Eliú, mas em vez disso, Javé fala quando Eliú termina finalmente no final do capítulo 37.



Eliú sugere que Deus fale enquanto castiga as pessoas "em um leito de dor" (33:19), a fim de levá-las ao arrependimento. Orações de confissão resultariam então em restauração. Outras culturas antigas do Oriente Próximo também acreditavam que a doença poderia ter uma origem sobrenatural, seja atribuída a deuses ou demônios. Amuletos como o mostrado aqui da Mesopotâmia foram criados para afastar doenças induzidas por demônios. O registro do meio mostra curandeiros especiais vestindo vestes de pele de peixe realizando o ritual prescrito sobre a pessoa doente, a fim de restaurar sua saúde (Neo-Assírio, século IX a.C.).

**33:8–11** *Mas você disse em minha audição: Eu ouvi as mesmas palavras.* Eliú declara que está citando as próprias palavras de Jó, mas o que Eliú diz nos

versículos 9–11 inclina a posição de Jó de uma maneira simplista que não abrange o modo de pensar total de Jó. Eliú descreve Jó dizendo que ele é inocente (quatro vezes no v. 9) e que Deus o fez mal (quatro vezes no vv. 10–11). Com este resumo enviesado dos discursos de Jó, Eliú expressa os equívocos dos amigos sobre Jó mais do que a posição real de Jó, que é muito mais complexa do que isso.

### Sabedoria e o Castigo de Deus a Seus Filhos

A discussão de Eliú sobre o uso do castigo por Deus é paralela ao ensinamento de sabedoria encontrado em Provérbios 3:11–12:

> Meu filho, não despreze a disciplina do
> SENHOR, e não se ressinta de sua
> repreensão,
> porque o SENHOR disciplina aqueles que
> ama, como pai o filho em que se
> deleita.

O texto de Provérbios é retomado em Hb. 12:5–11 para encorajar os cristãos a abraçar a disciplina de Deus como seu processo de produzir uma colheita de justiça e paz em suas vidas. Da mesma forma, Tiago 1:2–4 ensina que as provações devem ser bem-vindas, porque cultivam perseverança e maturidade no povo de Deus.

**33:12** *nisto não tens razão, pois Deus é maior do que qualquer mortal.* Esta crítica de Eliú a Jó soa oca, porque Jó concorda com Eliú e os três amigos sobre a grandeza de Deus (cf. 9, 19). A verdadeira questão de Jó não é sobre a transcendência de Deus, mas sobre a justiça de Deus para com ele. Eliú concebe a situação de Jó como uma questão de teologia abstrata, mas Jó está tentando compreender como sua experiência de adversidade pode ser reconciliada com a soberania e a justiça de Deus. Eliú não ouviu Jó tão bem quanto ele pensa que ouviu.

**33:13–14** *Porque Deus fala — ora de um jeito, ora de outro—, embora ninguém o perceba.* No versículo 14, Eliú rebate a queixa de Jó no versículo 13 de que Deus não responde aos humanos quando eles clamam a ele. Eliú insiste que Deus fala de várias maneiras aos seres humanos, até mesmo a pecadores como Jó. Eliú continuará nos versículos 15–22 para explicar como Deus usa os sonhos e a dor para se comunicar com as pessoas. O problema não é a falta de comunicação de Deus, mas a incapacidade ou falta de vontade de Jó de ouvir a Deus. De acordo com Eliú, ao insistir

erroneamente em sua inocência, Jó tornou-se surdo ao que Deus tem dito a ele o tempo todo.

**33:15–18** *Em sonho, em visão da noite.* Eliú afirma em 33:15–18 que uma das maneiras pelas quais Deus se comunica com os humanos é por meio de sonhos e visões. Deus usa essas mensagens inquietantes para alertar os pecadores e afastá-los de seus erros e orgulho. O propósito de Deus é impedir que as pessoas prossigam em seus pecados. A implicação de Eliú é que Jó precisa prestar atenção às advertências que está recebendo de Deus, em vez de descartá-las como não aplicáveis a ele.

**33:19–22** *Ou alguém pode ser castigado em um leito de dor.* Eliú fala em termos gerais de "alguém" experimentando dor, mas é claro que ele tem Jó especificamente em mente. A descrição de Eliú da pessoa com dor nos versículos 19–22 se assemelha muito às doenças físicas de Jó em 3:24; 16:8; 19:20; e 30:17. Ao castigar as pessoas com dor, Deus lhes dá a oportunidade de se arrependerem em vez de prosseguirem para a morte (veja a barra lateral). Eliú sugere que Jó não deve rejeitar sua dor como um intruso indesejado, mas deve valorizá-la como agente de convicção de Deus que pode levar à sua restauração.

**33:23–28** *Mas se houver um anjo ao seu lado.* No início do livro, Jó expressou seu desejo de um mediador para representar seu caso diante de Deus (16:19; 19:25). Eliú agora levanta a possibilidade de um anjo que pode restaurar uma pessoa à retidão e interceder por essa pessoa diante de Deus. Isso exige, no entanto, que a pessoa confesse quaisquer pecados (33:27). Como os amigos, Eliú acha que a adversidade de Jó foi causada por seu pecado pessoal. Assim, Eliú repete seu conselho a Jó, embora Jó tenha firmemente afirmado que ele é inocente de qualquer delito e não tem pecado para confessar.

**33:29–30** *Deus faz todas essas coisas a uma pessoa... para recuá-los do poço.* Eliú conclui seu primeiro discurso resumindo o que disse nos versículos 13–28. Ele alega que o propósito de Deus ao se comunicar com os seres humanos por meio de sonhos e dores é levá-los ao arrependimento. Deus procura libertar pecadores como Jó do precipício do julgamento divino que se aproxima deles. Na visão de Eliú, Deus é justo, mas também é gracioso ao estender o perdão àqueles que se arrependem de seus pecados.

**33:31–33** *Preste atenção, Jó, e ouça-me.* Eliú implora a Jó que esteja atento a ele, em vez de afastá-lo. Eliú está convencido de que tem a sabedoria de que Jó precisa (33:33) e que o que ele disse vindicará Jó (33:32). Mais uma vez, Eliú parece superestimar sua capacidade de compreender e aconselhar Jó.

**Insights teológicos** A descrição de Eliú da comunicação de Deus aos humanos por meio de sonhos e visões (33:15-18) se encaixa na teologia maior da revelação divina na Bíblia. Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, Deus usa os sonhos para se comunicar com inúmeras pessoas, incluindo José,
Samuel, Daniel, Paulo e João. Os sonhos, portanto, são meios legítimos pelos quais
Deus revela a sua verdade aos seres humanos. No entanto, a Bíblia também adverte contra aqueles que falsamente afirmam receber um sonho de Deus quando não o fizeram. Charlatães como este são denunciados em linguagem muito forte em Deuteronômio 13:1-5 e Jeremias 23:25-32. Embora nenhum julgamento definitivo seja feito no texto bíblico, o sonho de Elifaz que ele descreve em Jó 4:12-21 parece ser algo diferente de uma palavra de Deus.



Eliú diz a Jó que Deus não está em silêncio, mas que Deus pode falar através de sonhos ou dor. Esta coluna votiva foi erguida para agradecer ao "Deus supremo" pela proteção por causa de um aviso enviado em sonho (final do século I d.C.).

## Ensinando o texto

Em seu primeiro discurso, em Jó 33, Eliú apresenta uma explicação simples para a complexa situação de Jó. O prólogo revelou que a adversidade de Jó está ligada à disputa entre Javé e o adversário, por isso não é um caso padrão facilmente explicado pela fórmula de retribuição. Os discursos anteriores de Jó debateram-se com inúmeras questões que dominaram sua mente enquanto ele refletia sobre o que aconteceu com ele. Eliú, no entanto, está confiante de que ele decifra o quebra-cabeça que confundiu Jó. A resposta que ele dá caberia em muitos casos, mas não explica a situação específica de Jó.

No início e no final deste discurso, Eliú pede a Jó que o escute, porque ele acredita que ele tem a resposta que Jó precisa ouvir. Sem dúvida, Eliú é sincero em seus motivos, e ele está confiante em seu conhecimento da situação. No entanto, sinceridade nem sempre significa precisão, e confiança não é o mesmo que competência. Como conselheiro, Eliú quer ajudar, e ele acha que está ajudando, mas na realidade ele erra o alvo.

Antes que uma cura possa ser prescrita, a doença deve ser diagnosticada corretamente. Eliú ouviu o que Jó disse, mas seu diagnóstico da condição de Jó é falho. Eliú ouviu Jó dizer duas coisas: ele é inocente e Deus o fez mal. Jó disse de facto estas coisas, mas também disse muito mais do que isso. Ao tentar compreender a situação de Jó, Eliú simplifica demais o que Jó disse. Por causa disso, Eliú reduz o problema de Jó a uma doença facilmente tratada, em vez de reconhecê-lo como a condição complicada que é. De certa forma, o que Elihu declara é análogo a dizer que Jó tem um resfriado comum quando, na realidade, Jó está lutando contra um caso grave de pneumonia. É tentador reduzir situações dolorosas a respostas simples, mas a experiência de Jó revela que a vida é mais complexa do que isso.

Eliú está mais esperançoso para Jó do que os amigos, porque ele mantém a perspectiva de restauração para Jó. Ele percebe que uma das funções mais importantes de um consolador é restaurar a esperança para aquele que é

tentado a desistir. O instinto de Eliú nisso está certo, mesmo que ele não entenda completamente o problema de Jó.

## Ilustrando o texto

***Aqueles que aconselham os outros precisam entender a situação antes de falar.***

Psicologia: ***Fuga da Solidão*****, de Paul Tournier.** Tournier (1898-1986) foi um médico e psicoterapeuta suíço. Ele descreve o que um médico deve fazer por seu paciente, uma descrição que faz um paralelo com o que um conselheiro deve fazer por aqueles que ele ou ela aconselha. Ele escreve: "Muitas vezes ouvi um paciente me dizer que ficou decepcionado com seu médico, que ainda assim cuidou bem dele, 'porque ele não me levou a sério'. O paciente significa que o médico não estava interessado em detalhes, em particular problemas que significavam muito para seu paciente." Em seguida, ele cita um Dr. Dubois que disse: "O paciente deve ser muito mais do que apenas um caso interessante; ele deve se tornar seu amigo".[50] Ouvir detalhes é começar a conhecer a pessoa que se está ouvindo. Era isso que Eliú precisava fazer.

***Aqueles que aconselham os outros precisam ter cuidado para não simplificar demais a situação.***

Literatura: ***J.B.*****, de Archibald MacLeish.** Nesta peça de versos baseada no livro de Jó, MacLeish está respondendo aos horrores que viu em duas guerras mundiais, o Holocausto e os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. Conta a história de um banqueiro milionário americano do século XX a quem Deus permite que seja despojado de tudo. Na cena 1, os membros de uma família abastada da Nova Inglaterra, que estão no centro da história, estão sentados ao redor de uma mesa tendo o jantar de Ação de Graças. A esposa e a mãe desejam que seus filhos sejam mais gratos por seus dons substanciais, porque ela acredita que tal gratidão ganhará o prazer de Deus e que Ele punirá a ingratidão. Ela diz: "Se fizermos a nossa parte, Ele faz a Dele, *Ele sempre fez.* *Se O esquecermos*, Ele o esquecerá. Eternamente. Em tudo."[51] Este é o tipo de simplificação excessiva de que Eliú é culpado.

---

50. Tournier, *Fuga de Lonliness*, 34.

51. . . . Maklesh, *J. B.*, 30.

## Emprego 34

# Eliú Argumenta que Deus Sempre Age com Justiça:

## Grande Ideia *Eliú raciocina que, porque Deus é sempre justo, Jó deve necessariamente ser perverso.*

## Temas-chave do trabalho 34

- Eliú afirma ser a voz da sabedoria.
- Eliú raciocina que a soberania de Deus significa que ele é justo.
- Eliú afirma que Deus já conhece os fatos do caso de Jó.
- Eliú conclui que Jó merece punição por causa de sua rebelião perversa contra Deus.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em seu segundo discurso, no capítulo 34, Eliú adota um tom mais rígido do que em seu primeiro discurso (Jó 33). Adotando a teologia da retribuição dos três amigos, Eliú argumenta deduzidamente da premissa da justiça de Deus para a conclusão necessária de que Jó é um pecador. Porque Deus é absolutamente poderoso e justo, os seres humanos não devem questionar seus caminhos. Ao se opor à forma como Deus o tratou, Jó está provando que não é piedoso. Elihu vê a situação de Jó

estritamente como um caso legal a ser julgado e não como uma dolorosa tragédia pessoal. Assim, Eliú é longo na retórica, mas curto na compaixão. Com efeito, Eliú funciona como outro promotor contra Jó, pois ele defende o governo justo de Deus sobre o mundo. Eliú começa (34:1-9) e termina (34:31-37) este discurso com apelos aos sábios, a quem ele acredita representar, e a parte central de seu discurso, em 34:10-30, é um argumento estendido de que Deus sempre age com justiça.

**Contexto histórico e cultural** Em muitos governos modernos, o Poder Executivo é separado do Poder Judiciário. Nas culturas antigas, e mesmo em alguns governos de hoje, o chefe de Estado também era responsável por julgar o povo. Essa prática é refletida no Antigo Testamento quando os indivíduos apelam ao rei para obter julgamento legal ou proteção (por exemplo, 2 Sam. 15:2; 1 Reis 3:16–28; 2 Reis 8:5–6). No Salmo 101:8, o rei promete trazer julgamento oportuno contra os ímpios da terra. Eliú assume esse arranjo legal quando fala da impossibilidade de Deus perverter a justiça (34:12) e do julgamento de Deus sobre reis e nobres (34:18-19).

**Insights Interpretativos 34:2** *Escutai as minhas palavras, vós sábios.* Como Eliú fala
Jó, ele também se dirige a um público mais amplo. Suas referências a "sábios" (34:2) e "homens de entendimento" (34:10, 34) provavelmente são mais amplas do que apenas os três amigos que já falaram, porque Eliú rejeitou sua reivindicação de sabedoria (32:11-14). Ele quer apresentar uma frente unida de sabedoria contra Jó, e está muito confiante de que tem a resposta que os homens verdadeiramente sábios entendem.

**34:5–8** *Jó diz: "Sou inocente, mas Deus me nega justiça".* A citação de Eliú nos versículos 5–6 geralmente resume o que Jó disse antes, especialmente em 9:15 e 27:2–6. No entanto, Eliú cita seletivamente as palavras de Jó, e então as interpreta de uma maneira que não representa de forma justa o significado de Jó (34:7-8). Ele também negligencia a descrição dos sentimentos e pensamentos conflitantes de Jó sobre Deus e como Jó não consegue compreender por que Deus o está tratando como ele o trata. Eliú reduz todas as evidências em duas afirmações simplistas que ele coloca na boca de Jó: Jó é inocente e Deus é injusto. Mas essas afirmações não representam verdadeiramente tudo o que Jó disse. Os fatos são muito mais complexos do que Eliú indica.

**34:9** *Não há proveito em tentar agradar a Deus.* Jó chega perto de dizer essas palavras em 21:14–15, mas nesse contexto Jó está descrevendo o que os ímpios clamam. Eliú insiste que Jó é realmente um dos ímpios (34:8), e que os sentimentos anteriores de Jó em 9:29-31 são prova de sua culpa. Eliú, no entanto, não considera como essas palavras foram motivadas pela dor e angústia de Jó ao se sentir abandonado por Deus. Em vez de considerar esse fator, Eliú extrapola as palavras de Jó em uma rejeição total de Deus como moralmente arbitrário.

**34:10–15** *Longe de Deus fazer o mal.* Eliú começa com a premissa de que o Deus Soberano (34:13) é incapaz de fazer o mal, então tudo o que ele faz é justo. Isso leva logicamente à doutrina da retribuição exata (34:11), pela qual Deus retribui a todas as pessoas pelo que fizeram. Qualquer desvio da justiça divina é impensável para Eliú (34:12). Eliú, portanto, não tem lugar em seu sistema teológico arrumado para a possibilidade de um homem justo experimentar adversidades, então ele considera a afirmação de Jó de que ele é inocente como uma impossibilidade teológica. Eliú continua nos versículos 14–15 para argumentar que Deus pode fazer o que quiser, até mesmo fazendo com que toda a raça humana pereça. Com essas palavras, Eliú chega muito perto de afirmar o dogma deísta de que o que quer que seja, está certo.

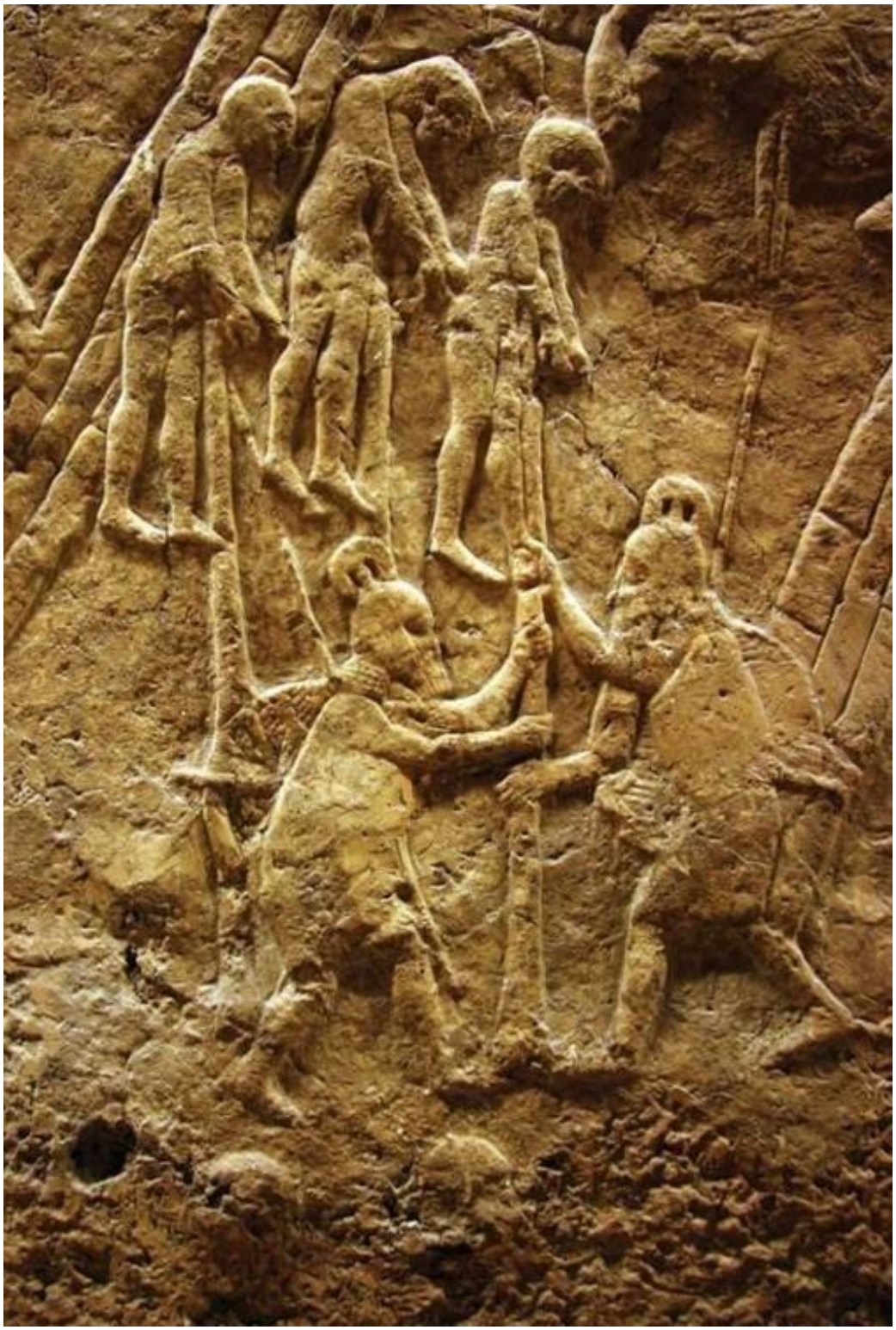
**34:16–20** *Alguém que odeia a justiça pode governar?* Nos versículos 16–20, Eliú descreve Deus como todo-poderoso, governando até mesmo sobre os reis da Terra. Eliú conecta o poder de Deus com sua justiça, refletindo a antiga noção difundida de que o rei é a fonte, intérprete e executor da lei. Dentro desse quadro de pensamento, aquele que exerce o governo é, por definição, justo, de modo que Deus, como governante absoluto, deve ser absolutamente justo em tudo o que faz. A implicação de Eliú é que Jó, ao questionar a justiça de Deus, também está se rebelando contra sua autoridade.



Eliú faz a pergunta: "Alguém que odeia a justiça pode governar?" (34:17). No mundo antigo, os reis eram encarregados pelos deuses de administrar a justiça como governavam. O registro superior da Estela de Hamurabi mostra Hamurabi sendo comissionado pelo deus Shamash para administrar a justiça.

**34:21–23** *Deus não tem necessidade de examinar mais as pessoas.* Nos versículos 21–22, Eliú afirma que Deus vê cada passo que os humanos dão. Consequentemente, não há nada que esteja escondido do Deus onisciente, uma verdade que Jó também afirma (31:4). Ao contrário de um juiz humano em um julgamento, Deus nunca precisa adquirir mais informações do que já possui antes de poder tomar uma decisão justa. Eliú conclui que Jó não pode dizer a Deus nada que ele não saiba completamente. Portanto, o pedido de Jó para um julgamento no qual ele possa apresentar seu caso perante Deus é desnecessário.

**34:24–27** *Ele os pune por sua iniquidade.* Eliú está confiante de que sabe onde Jó deve se encaixar no mundo justo de Deus. Na visão de Eliú, Jó deixou de seguir a Deus (34:27), então Deus o derrubou (34:25), como Deus faz regularmente com os malfeitores. Com essas palavras, Eliú agrupa a adversidade de Jó na categoria geral de castigo divino dos ímpios.



Em 34:26, Eliú afirma que Deus pune os malfeitores onde todos podem vê-los.

Isso traz à mente as ações do vitorioso exército assírio, que empalaria os corpos do inimigo capturado no alto de postes para todos verem. A cena do empalamento

mostrada aqui é do relevo assírio maior que retrata a batalha de Laquis, e suas consequências (700-692 a.C.).

**34:29–30** *Mas, se ele permanecer em silêncio, quem poderá condená-lo?* Eliú concede que Deus nem sempre pode exigir o julgamento imediatamente. Esse silêncio divino, no entanto, não deve ser mal interpretado como falta de controle soberano de Deus. A implicação de Eliú é que a prosperidade anterior de Jó, não sua adversidade atual, era a anomalia. A pergunta que Jó deveria estar fazendo é por que Deus permitiu que ele prosperasse antes, apesar de sua maldade. O que Jó está recebendo agora de Deus é a justa retribuição que ele merece por seu pecado.

**34:33** *Deus deveria então recompensá-lo em seus termos, quando você se recusar a se arrepender?* Para Eliú, o próximo passo é simples: Jó precisa se arrepender de seu pecado. Nisso, Eliú ecoa o que Elifaz disse anteriormente (22:21-30). Eliú percebe que a bola está no campo de Jó, não no tribunal de Deus, como Jó insistiu no final de sua confissão final de inocência no capítulo 31. Deus, além disso, não mudará suas regras de justiça, por mais que Jó reclame com ele.

**34:34–35** *Os homens de entendimento declaram . . . : "Jó fala sem conhecimento".* Ao chegar ao final de seu segundo discurso, Eliú afirma falar por todos os homens que realmente entendem. Ele está extremamente confiante em sua análise da situação de Jó, e igualmente certo de que Jó fala sem conhecimento e discernimento.

**34:36–37** *Ao seu pecado acrescenta a rebelião.* No versículo 36, Eliú expressa seu desejo de que Deus exija seu julgamento completo sobre o ímpio Jó. A lógica rígida de Eliú levou-o a concluir que Jó não é de todo uma vítima, como ele alegou. Pelo contrário, ele é um tolo obstinado, um escarnecedor cujas palavras contra Deus são motivadas por um espírito de rebelião.

**Insights teológicos** Em Gênesis 2:7, a criação do primeiro ser humano é descrita como Deus formando o corpo físico a partir do pó da terra e, em seguida, respirando nele seu sopro de vida. Esse sopro divino continua a sustentar os seres humanos durante toda a duração de suas vidas (Ecles. 3:19-21; 12:7), até ser retirado no momento da morte. Eliú se refere a isso em 34:14–15, quando argumenta que se Deus pretendesse retirar seu espírito e respirar, então toda a humanidade pereceria junta. Quando isso ocorre, os humanos retornam ao pó do qual foram feitos (Jó 21:26; Sl. 104:29). O

Antigo Testamento diz pouco sobre uma ressurreição futura (Dn 12:2 é uma rara exceção), mas no Novo Testamento a ressurreição de Cristo provoca a revelação da ressurreição dos humanos, na qual o corpo corruptível presente é transformado em um corpo incorruptível e glorificado (1 Coríntios 15:42-57).

## Ensinando o texto

Em Jó 34, enquanto Eliú responde a Jó, ele segue a mesma linha de raciocínio que os três amigos tomaram. Embora Eliú reconheça que Deus pode não exigir julgamento imediatamente, ele aceita a estrutura básica da teologia da retribuição. Portanto, Eliú raciocina que, porque Deus é sempre justo, e Jó está passando por adversidades, Jó deve ser mau. Para Eliú, essa é a única maneira razoável de explicar a situação. O sistema teológico de Eliú não permite a possibilidade de um homem justo experimentar adversidades apesar de sua inocência. Como os amigos, Eliú demonstra que reduzir a teologia a uma fórmula simples pode não representar adequadamente toda a verdade de Deus sobre o assunto.

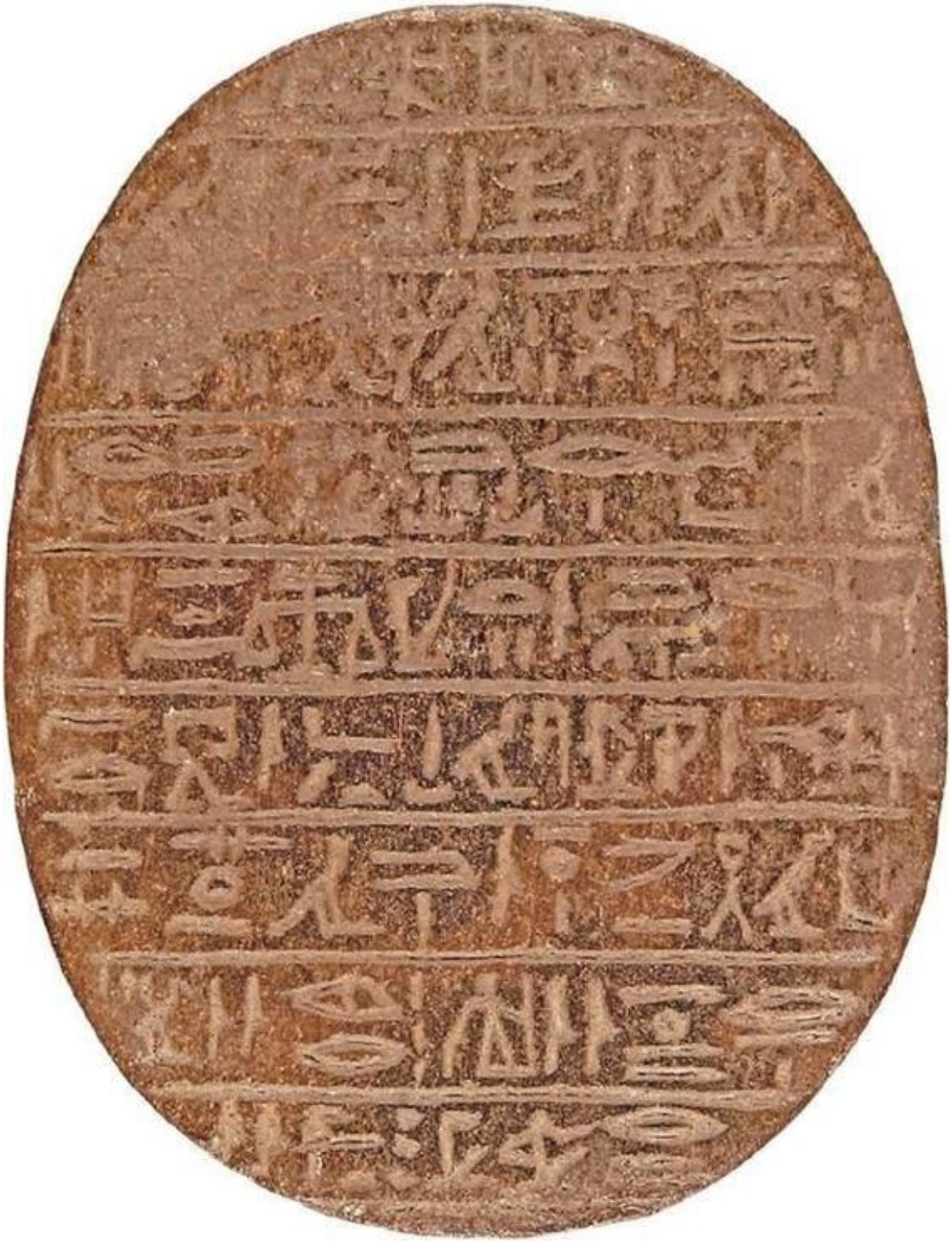
Eliú começa e termina este discurso afirmando ser a voz da sabedoria. Ele chama aqueles que são sábios a se unirem a Ele para discernir o que é certo. Ele afirma que os sábios que realmente entendem concordam com ele que Jó falou sem conhecimento. Em sua própria mente, Eliú alcançou a sabedoria, mas o que ele conclui sobre Jó não será validado por Javé quando ele falar no capítulo 42. Podemos dar respostas que parecem convincentes para nós mesmos e para os outros, mas na verdade podem ser imprecisas e prejudiciais. Às vezes é melhor não dar uma resposta, mas apontar a pessoa para Deus, que só sabe a resposta.

Eliú raciocina que, porque Deus é soberano, ele deve ser justo. Em outras palavras, como autoridade suprema, Deus faz as regras, e Ele está sempre certo. Eliú chega muito perto de dizer que tudo o que acontece na vida é bom e correto, simplesmente porque ocorre no mundo governado pelo Deus Soberano. Essa visão simplista da vida, no entanto, não considera que há incidentes na vida que entristecem a Deus e que há erros humanos que o ofendem profundamente.

Deus triunfará sobre todo pecado e erro no final, mas enquanto isso vivemos em um mundo contaminado por muitos males. A morte e ressurreição de Cristo são o pagamento inicial da vitória final que Deus realizará para aqueles que estão em Cristo (1 Cor. 15:12-28).

Tanto Jó quanto Eliú concordam que Deus sabe de todas as coisas, inclusive de cada passo que Jó dá. Jó considera isso como uma base promissora

para abordar Deus com seu caso. Eliú tem a opinião oposta, pois insiste que Deus já conhece todos os fatos da situação de Jó, então ele tem todas as provas que poderia precisar para julgar o caso de Jó. Jó acredita que Deus sabe que seu coração é inocente, mas Eliú rebate que Deus sabe que Jó é culpado. Eliú conclui que a insistência de Jó em levar seu caso diante de Deus é realmente uma demonstração de sua atitude rebelde. Para Eliú, Jó merece punição de Deus, porque seu coração é perverso e rebelde. Ao tentar analisar a situação de Jó logicamente, Eliú interpreta mal o coração de Jó. Elihu dá uma resposta fria e teórica quando o que Jó precisa é de apoio compassivo. Eliú tenta resolver um quebra-cabeça teológico, mas não consegue aliviar a dor do coração de Jó. Embora outras pessoas possam e interpretem mal nossos corações, o Senhor sempre nos entende perfeitamente, e Sua onisciência é um grande conforto.



Jó acredita que Deus sabe que seu coração é inocente. Eliú acredita que Jó merece punição porque seu coração é perverso. No Egito, o coração do falecido seria pesado contra a pena de Maat, que simbolizava a verdade e a justiça. Para que seus próprios corações não testemunhassem contra eles, as múmias tinham

escaravelhos de coração fechados em seus embrulhos no peito. No verso desse escaravelho, uma inscrição do Livro dos Mortos, Feitiço 30, pede ao coração do falecido: "Não se levante contra mim como testemunha; não me contradigam no tribunal; não sejais hostis a mim na presença do Guardião do Equilíbrio" (Escaravelho do Coração de Hati-iay, ca. 1567–1085 a.C.; tradução de http://art.thewalters.org/detail/19093/heart-scarab-of-hati-iay/).

## Ilustrando o texto

***As promessas de Deus de abençoar os fiéis não devem ser transformadas em provas de fogo que julgam os feridos.***

Lição de objeto: Use um telescópio ou binóculos para destacar este ponto. Quando vista através de uma extremidade, a ótica pode fazer algo distante parecer muito próximo e claro; Quando vistos através da outra extremidade, eles têm o efeito oposto, fazendo com que algo muito próximo pareça muito menor e mais distante. Explique-lhes que, da mesma forma, provérbios e declarações de verdade sobre a justiça de Deus e o desejo de abençoar os justos nos ajudam a ver o caráter e o coração de um Deus imenso e invisível com bastante clareza; Por outro lado, quando tentamos avaliar a causa do sofrimento humano através dessas mesmas promessas, acabamos olhando pela mesma lente, mas na direção errada. Nesses casos, nossa visão das coisas acaba distorcida à medida que Deus fica menor e menos imanente e o valor das pessoas fica reduzido à soma de suas obras, em vez da imensidão da graça de Deus para elas.

***Mesmo quando ninguém mais entende nosso coração ou nossos motivos, Deus entende e sua onisciência é um grande conforto.***

Clipes de TV: Considere usar um clipe de um programa baseado em avaliação em que antiguidades ou memorabilia são avaliadas por especialistas e itens de grande valor são distinguidos de falsificações. Isso poderia ser usado como trampolim para discutir a noção de perícia. Quando o dono leva a quinquilharia para a loja de penhores ou para o show de antiguidades, ele pode ter uma ideia do que vale. Mas até que o perito avaliador verifique o valor do objeto, a precisão da avaliação do proprietário é altamente discutível. Da mesma forma, a avaliação humana de nossas próprias motivações e intenções é altamente discutível; no último dia, porém, o Deus onisciente dará sua avaliação e haverá reivindicação pública para aqueles que são justos por meio de Cristo e humilhação pública para os ímpios.

Experiência Humana: Estimule a reflexão sobre as seguintes questões: "Se você fosse acusado de um crime e jogado na cadeia, para quem você ligaria com seu único telefonema? Quem confiaria em você e acreditaria em sua inocência, antes mesmo de ouvir seu lado dos acontecimentos? Por que fariam isso?Eles são fãs cegos e preconceituosos, ou eles realmente conhecem seu personagem tão profundamente? Quem são os que ficariam do seu lado, te perdoariam e te amariam, mesmo que você *fizesse* isso?" Saliente que Deus conhece nossos corações ainda melhor do que nós. O Senhor nos conhece e às nossas motivações *completamente* e ainda nos ama, quer sejamos inocentes em uma determinada situação ou não, e Ele nos ama o suficiente para nos perdoar e nos redimir à custa de Seu Filho único, *mesmo quando* fomos culpados de pisoteá-lo em nossa ignorância.

# Emprego 35

# Eliú descreve Deus como muito distante e desapegado para ouvir Jó

## Grande Ideia *Eliú considera Deus absolutamente transcendente e, portanto, despreocupado com as ações humanas.*

## Temas-chave do trabalho 35

- Eliú interpreta mal a alegação de inocência de Jó.
- Eliú vê Deus tão acima dos humanos que eles não o afetam.
- Eliú raciocina que, se Deus não ouve os humanos em geral, então ele não ouve Jó especificamente.
- Eliú conclui que Jó fala sem conhecimento.

## Entendendo o texto

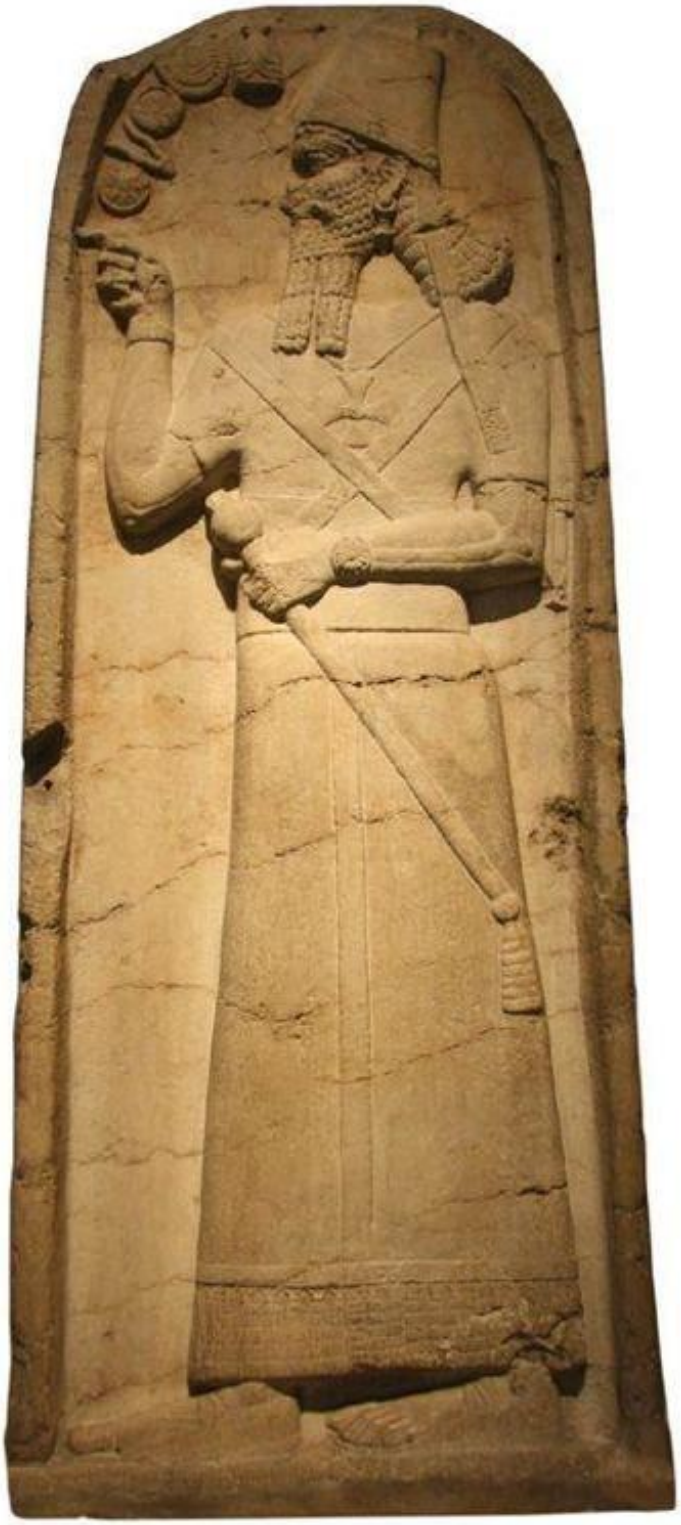
**O texto em contexto** Em seu terceiro discurso, em Jó 35, Eliú tenta resumir As reivindicações de Jó e depois as rebate.Eliú, no entanto, não entendeu realmente o significado de Jó, mas em vez disso, ele exagera as palavras angustiantes de Jó em passagens como 7:17-21 em uma visão de Deus como totalmente impermeável às ações humanas. Seguindo o exemplo dos três amigos antes dele, Eliú enfatiza tanto a transcendência de Deus que conclui que os seres humanos não podem afetar a Deus nem por seus pecados nem

por suas ações justas. Deus está tão acima dos humanos que não presta atenção ao que eles dizem e fazem. Eliú declara que Jó não tem motivos para seu processo legal contra Deus e que suas palavras são apenas conversa fiada. Embora Eliú se considere mais sábio do que Jó e os amigos, ele não oferece nenhuma visão adicional além do que já foi sugerido pelos outros.

**Contexto histórico e cultural** Em Jó 35:10 Eliú argumenta que as pessoas que são oprimidas clamam de dor, mas não conseguem orar ao Deus que as criou. O Deus a quem devem rezar é aquele "que dá cânticos à noite". Esta referência suscitou uma ampla variedade de interpretações, incluindo a visão dos cânticos como a palma do trovão divino (Cf. Salmo 29) e a música das esferas celestiais (Sl. 19, 2-4). Alguns estudiosos apelam para um homônimo que significa "proteção". Embora o significado preciso dessa frase não seja claro, as outras referências bíblicas à noite como um momento de perigo e ao canto à noite em antecipação à libertação de Deus parecem se encaixar bem no pensamento de Eliú (veja mais discussão sobre esse versículo em "Insights teológicos" abaixo).[52º]

**Insights Interpretativos 35:2–3** *Você diz: "Eu estou no direito, não em Deus".* A cláusula final neste versículo é ambígua, e a edição anterior da NVI a torna "Eu serei inocentado por Deus". Eliú interpreta Jó como dizendo que ele é mais justo do que Deus, mas que sua justiça não lhe traz lucro (35:3). É verdade que Jó disse em 10:7 e 27:5 que ele é inocente, mas Eliú aqui coloca palavras na boca de Jó que Jó não pretendia. Em 21:15, Jó realmente disse que são os ímpios que reclamam que servir a Deus não lhes traz nenhum ganho, embora em 9:21–23 ele tenha percebido Deus julgando os inocentes e os ímpios de forma idêntica. Eliú parece ver Jó sob a luz mais negativa, em vez de levar em conta o trauma emocional do qual Jó falou.

**35:4** *Gostaria de responder a você e a seus amigos com você.* Na superfície, Eliú parece educado, mas mais uma vez ele assume o papel do mestre mestre explicando o que só ele entende. Com um tom condescendente, Eliú está extremamente confiante de que tem a resposta que escapou aos outros (cf. 32, 11-22; 33, 2). Ninguém mais pode compreender essa situação, mas Eliú pode!



Em 35:5, Eliú diz a Jó para olhar para os céus para perceber o quão distante e transcendente Deus está. Nesta estela assíria, o rei Ashurnasirpal II (884-859 a.C.) em uma pose típica tem a mão erguida em direção aos símbolos dos vários deuses que adora.

**35:5–7** *Se você pecar, como isso o afeta? . . . Se você é justo, o que você dá a ele?* Direcionando a atenção para os céus (35:5), Eliú retrata Deus como tão absolutamente transcendente que há um abismo vasto e intransponível entre Deus e os humanos. Isso leva Eliú a concordar com as palavras de Elifaz em 22:2–3 de que Deus é tão alto que seu governo do mundo não é afetado nem pelo pecado humano nem pela justiça humana. Por essa visão, o Deus transcendente está distante e desprendido e, portanto, indiferente ao que os humanos fazem.

**35:8** *Sua iniquidade só afeta seres humanos como você, e sua justiça somente outras pessoas.* Eliú declara que as ações humanas são significativas apenas dentro da esfera humana. Somente os humanos sofrem a opressão de outras pessoas, e somente os humanos se beneficiam da bondade dos outros. Todas essas ações humanas não significam nada de bom ou ruim para o Deus transcendente. Da perspectiva elevada de Deus, o que os humanos fazem é insignificante. A implicação do que Eliú diz é que não há como o Deus supremo estar preocupado o suficiente com uma situação humana para responder ao clamor de Jó ou intervir em seu favor. Isso, no entanto, claramente entra em conflito com o prólogo do livro, no qual Javé está muito ciente da vida de Jó e preocupado com sua condição, bem como com o Salmo 8:4, onde Javé está atento aos humanos e cuida deles.

### O Livro de Jó e o Deísmo

Embora o livro de Jó seja muito anterior à ascensão do Deísmo há cerca de trezentos anos, há algumas semelhanças significativas entre o que Eliú propôs e o que os Deístas muito mais tarde ensinaram. O deísmo enfatiza a transcendência de Deus a ponto de ele não estar ativamente envolvido na vida humana. Os deístas, assim como Eliú, empregam um pensamento lógico estrito de causa e efeito para raciocinar até chegar às conclusões. O mundo de Deus, de acordo com o Deísmo, é como um relógio intrincado que continua trabalhando mecanicamente sem intervenção divina. Embora o deísmo não mantenha agora a proeminência que já teve, ele ainda tem influência significativa no nível popular, porque muitas pessoas, especialmente adolescentes, vivem pelo sistema de crenças que tem sido descrito como deísmo terapêutico moralista.[um]

[a] Para uma explicação perspicaz do Deísmo, ver Sire, *Universe Next Door*, pp. 47–65. O termo "deísmo terapêutico moralista" foi cunhado por Christian Smith e Melinda Lundquist Denton com base em sua extensa pesquisa sobre as crenças religiosas dos adolescentes americanos em *Soul Searching*.

**35:9** *As pessoas clamam sob uma carga de opressão.* Eliú é cético em relação aos apelos humanos a Deus, porque para ele eles cheiram a interesse próprio. Ele diz que Deus não presta atenção a esses gritos (35:13), porque ele não se impressiona com os convertidos que só se voltam para ele quando sua situação é terrível. Eliú implica que os clamores de Jó a Deus não são expressões sinceras de sua fé e devoção, mas sim esquemas insinceros para manipular Deus para vir em seu auxílio.

**35:10–11** *Mas ninguém diz: "Onde está Deus, meu Criador?"* Eliú argumenta que os humanos que clamam por alívio da opressão (35:9) não estão sinceramente buscando a Deus. O que eles precisam fazer é submeter-se ao ensinamento de Deus (35:11), para que possam aprender Sua sabedoria. Do jeito que está, querem usufruir dos privilégios da pós-graduação sem precisar se submeter ao regime do aluno.

**35:12–13** *Deus não dá ouvidos ao seu apelo vazio, o Todo-Poderoso não presta atenção a ele.* O leitor percebe que a condição de Jó é complexa, mas Eliú oferece apenas uma análise banal dela. No pensamento de Eliú, todos os seres humanos são pecadores, então Deus não ouve seus clamores. Se esta fosse toda a história, no entanto, destruiria qualquer possibilidade de comunicação ou relacionamento entre Deus e os humanos. Além disso, reduziria Deus a um ser completamente previsível.



Eliú explica a Jó que a razão pela qual Deus não ouve e responde aos peticionários é por causa de sua iniquidade (35:13). Tábuas auriculares como essas foram criadas para lembrar aos egípcios que seus deuses ouviam tudo. Mas às vezes ouvidos eram adicionados às pinturas para lembrar o deus de ouvir um pedido particular.

**35:14–15** *Quanto menos, então, ele ouvirá quando você disser que não o vê.* Nos versículos 14–15, Eliú distorce palavras que Jó proferiu anteriormente.

Jó disse em 9:11 que não pode ver a Deus. Ele levou seu caso legal diante de Deus em 23:4 e 31:35. Jó expressou sua esperança em Deus em 13:15 e 14:14. Ele reclamou em 9:24; 12:6; e 21:17 que Deus não está agindo com justiça para com ele. Eliú pega as palavras de Jó e as gira para que soem como uma rejeição arrogante de Deus, mas isso não é um senso preciso do espírito e da intenção de Jó.

**35:16** *Então Jó abre a boca com conversa fiada.* Adotando o mesmo tom duro dos três amigos que o antecederam, Eliú conclui que as palavras de Jó são vazias. Ele usa o termo hebraico *hebel*, que é encontrado repetidamente no livro de Eclesiastes e é frequentemente traduzido como "vaidade". Para Eliú, as palavras de Jó não têm substância ou valor, por isso ele as descarta como inúteis e insubstanciais. Na literatura da sabedoria, o sábio é contido na fala, mas o tolo fala muitas palavras (Prov. 10:19; Eccles. 10:14). Com efeito, Eliú insiste que Jó não é nada sábio, mas que seu prato vazio evidencia que ele é realmente um tolo. Como essa cobrança deve cortar Jó no coração!

**Insights teológicos** Na Bíblia, a noite é frequentemente descrita como um tempo repleto de perigos (Cânticos 3:8), por isso pode provocar desânimo e desespero (Sl. 30:5). No entanto, como 35:10 indica, Deus pode dar cânticos na noite como Ele fornece proteção para o seu povo (Sl. 121:6). No Salmo 42:8, o canto de Javé está com o salmista na noite, como um paralelo com a bondade divina que ministra ao salmista durante o dia. No Salmo 77:6, o salmista se lembra de seu canto na noite, enquanto seu coração medita sobre como Deus o ajudou no passado. Quando Paulo e Silas estão presos na prisão de Filipos, eles cantam louvores a Deus à meia-noite (Atos 16:25), e nesse momento o Senhor intervém para libertá-los de sua escravidão.

## Ensinando o texto

A Bíblia ensina que Deus é transcendente e imanente. Como Deus transcendente, ele é exaltado sobre toda a sua criação. Como Deus imanente, ele está envolvido em sua criação. Essas verdades teológicas são igualmente ensinadas nas Escrituras, por isso devem ser mantidas juntas em vez de colocadas umas contra as outras, como faz Eliú.

Eliú se concentra tanto na transcendência absoluta de Deus que chega à conclusão errônea de que Deus não está preocupado com as ações humanas. Ele imagina Deus como distante e indiferente às questões humanas. Ao

negligenciar o envolvimento de Deus em sua criação, Eliú acaba com uma percepção distorcida de Deus que o leva a julgar mal Jó.

Eliú também interpreta mal a alegação de inocência de Jó. Ele ouviu o que Jó tem Eliú também interpreta mal a alegação de inocência de Jó. Ele ouviu o que Jó disse, mas não compreende o significado pretendido por Jó. Portanto, Eliú distorce as palavras de Jó para dizer que Jó insiste que ele está no certo e que Deus não está certo. Eliú também conclui erroneamente que Jó desistiu da vida justa porque não há lucro a ser obtido por não pecar. Em vez de realmente ouvir Jó, Eliú filtra o que Jó diz através de suas próprias suposições. Isso não é justo com Jó, porque distorce o que ele realmente quer dizer. Eliú demonstra que aquele que conforta deve primeiro ouvir atentamente e realmente ouvir o coração de uma pessoa em dor.

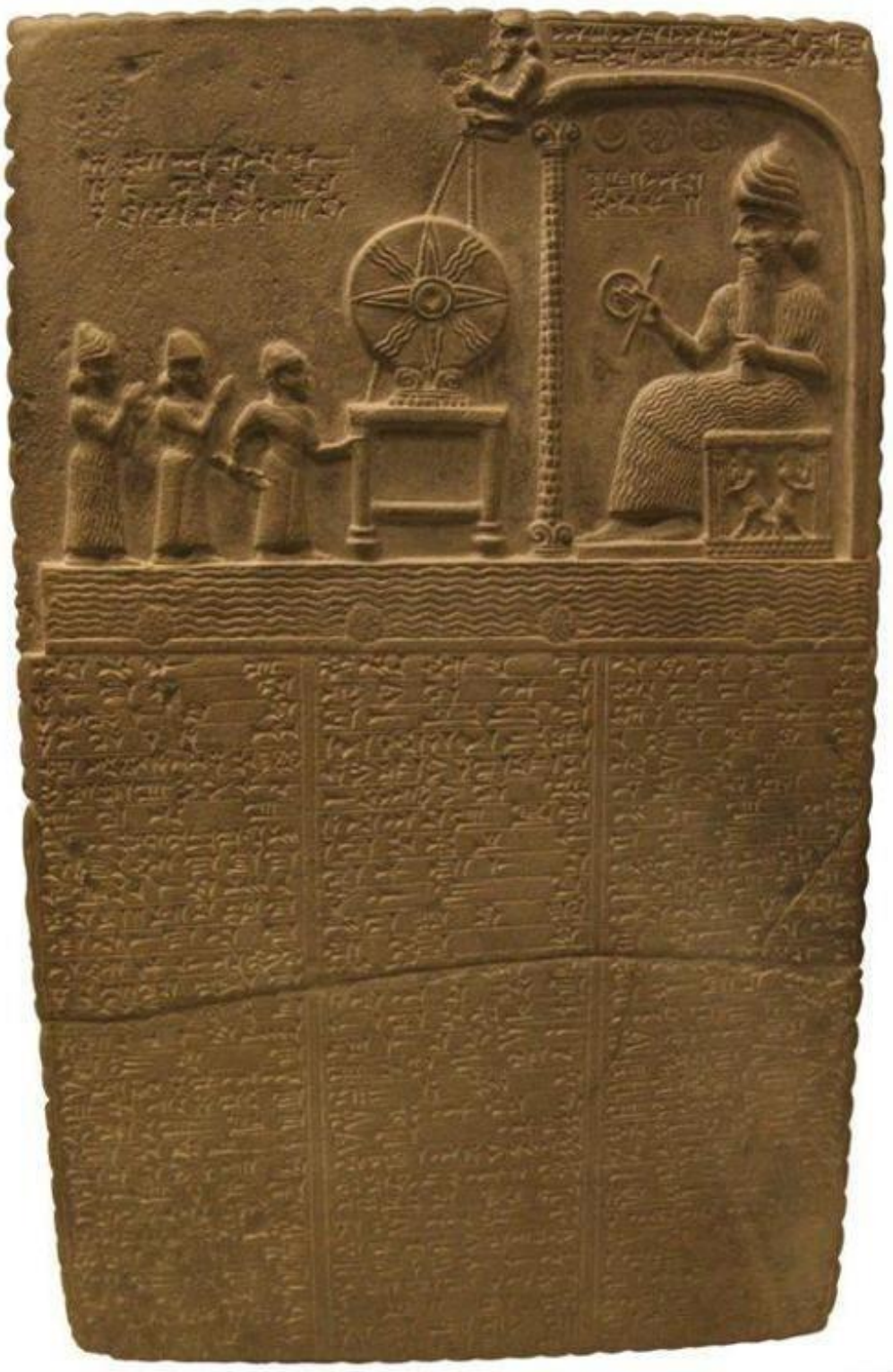
Porque Eliú enfatiza a transcendência de Deus, ele vê Deus tão acima dos humanos que eles não o afetam, não importa o que façam. Se os humanos pecam ou são justos, isso não faz diferença para Deus, de acordo com Eliú. Deus está distante e distante, e não se preocupa com as questões humanas. Eliú argumenta que, como isso é verdade para os humanos em geral, é ainda mais verdadeiro para um indivíduo como Jó. No pensamento de Eliú, Deus criou o mundo, mas ele não está ativamente preocupado com a vida dos meros humanos que ele criou. No entanto, o livro de Salmos e os profetas apresentam repetidamente Deus como atento aos clamores de seu povo e ativo em vir em seu auxílio (veja a barra lateral "Por que orar?"). Deus é realmente grande, mas também é bom.

## Ilustrando o texto

***Deus é transcendente e imanente.***

Metáfora Humana: Convide seus ouvintes a refletir sobre a relação entre uma criança in utero e sua mãe. A experiência e a influência da mãe transcendem em muito a da criança; Ela vê, ouve, entende e interage em assuntos que não estão apenas além dos sentidos da criança, mas também muito mais complexos do que qualquer realidade que a criança já tenha experimentado. A existência da mãe transcende a da criança de inúmeras maneiras sobre as quais a criança nunca poderia sequer começar a adivinhar. Ao mesmo tempo, porém, não há relação humana mais imanente; a criança literalmente vive e se move e tem seu ser (Atos 17:28) dentro do útero da mãe e extrai tudo o que é necessário para a vida da conexão orgânica com a mãe através da placenta e do

cordão umbilical.  Da mesma forma, os caminhos e pensamentos de Deus são mais altos do que os nossos, e Ele existe em uma realidade que está tão além de nossas contas que não podemos começar a imaginá-la ou descrevê-la.
No entanto, Ele está tão imanente e intimamente ligado a nós que, além de sua providência e graça, nunca poderíamos respirar ou viver um dia.



Na realidade, Deus é transcendente e imanente. Deus quer estar em um relacionamento com a sua criação. Uma compreensão semelhante dos deuses pode ser ilustrada por esta tábua mesopotâmica. Aqui, o deus sol Shamash é retratado em tamanho grande e entronizado acima das águas dos céus para mostrar sua

transcendência. No entanto, ele permite a aproximação do rei babilônico e de duas divindades menores, três figuras muito menores, para comunicar sua imanência (Sippar, 860-850 a.C.).

Ano Cristão: Este é um ótimo lugar para se conectar com a ideia da Encarnação e a história do Natal. De muitas maneiras, Deus nunca responde a todas as perguntas levantadas no livro de Jó até que envie seu Filho para se encarnar e revelar todo o caráter redentor do sofrimento justo. A ideia de que Deus é apenas transcendente é colocada em repouso na manjedoura, e a suposição de que o sofrimento só vem aos pecadores é totalmente refutada na cruz. Peça aos ouvintes que se perguntem o que Eliú pensaria do Natal e o que ele poderia ter a dizer sobre a transcendência de Deus se estivesse ajoelhado ao lado de Maria e José no estábulo de Belém. Pergunte como o nome Emanuel (Deus conosco) ministra ao coração de pessoas que sofrem como Jó.

## Por que orar?

As palavras de Eliú a Jó levantam uma questão que aflige muitos cristãos hoje. Se Deus é todo-poderoso e onisciente, para que Ele cumpra Sua vontade, então qual é o propósito de nossas orações? Podemos obrigar Deus a mudar de ideia, ou a fazer algo diferente do que Ele já determinou? Se não pudermos, então nossas orações são apenas uma perda de tempo e palavras?

A Bíblia não explica como nossas orações funcionam dentro do plano soberano de Deus, mas a Bíblia claramente nos ordena a orar a Deus, com a certeza de que Ele nos ouvirá e nos responderá. Nossa parte é confiar em Deus e obedecer ao Seu mandamento, orando a Ele sobre nossas necessidades e preocupações. A parte de Deus é realizar o que Ele sabe que é melhor para o seu povo e para a sua própria glória. Como tudo isso funciona em conjunto é um mistério que o Senhor não nos revelou, assim como não explicou a Jó tudo sobre sua adversidade. A oração nos conduz em direção ao Deus em quem podemos confiar, mesmo quando não conseguimos compreender seus caminhos conosco.

***Deus não está desprendido; Ele ouve o que temos a dizer e responde imanentemente com compaixão e graça que fluem de Sua santidade e perfeição transcendentes.***

Bíblia: Há uma variedade de passagens que você pode citar que confirmam a natureza apaixonada e presente do coração de Deus para o seu povo. Tente olhar para Isaías 49:13–18, Sofonias 3:17 e João 1:1–14. Sinta-se à vontade para pesquisar a Bíblia em espírito de oração e adicionar suas próprias passagens à lista. Compartilhar tais referências com os ouvintes garantir-lhes-á

que, não importa como os Eliús do mundo insistam que Deus está separado, a própria Palavra revelada de Deus sobre si mesmo implora para diferir.

Testemunho: Convide uma ou duas pessoas a prestar um breve testemunho sobre uma ocasião em que tiveram certeza de que Deus estava com elas. Pode ter sido uma sensação de sua presença em um momento de crise, uma intervenção sobrenatural em resposta à oração, uma resposta direta a um pedido de insight ou direção, ou de muitas outras maneiras.

---

[52]. Clines, *Jó 21–37*, 790, 798–99, fornece uma discussão detalhada sobre as alternativas interpretativas em Jó 35:10.

# Emprego 36

# Eliú aponta para o benefício corretivo do sofrimento

## Grande Ideia *Eliú insiste que Deus está procurando corrigir Jó.*

## Temas-chave do trabalho 36

- Eliú está indevidamente confiante em seu perfeito conhecimento.
- Eliú ensina que Deus usa a aflição para corrigir os pecadores.
- Eliú desafia Jó a aceitar a correção de Deus.
- Eliú vê Deus como grande e além da compreensão humana.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** O quarto e último discurso de Eliú também é o mais longo, pois engloba os capítulos 36 e 37. O seu tom neste discurso é mais compassivo e construtivo do que nos seus três discursos anteriores. Eliú agora considera as consequências do sofrimento e não apenas sua causa. Ele discute o que o sofrimento pode produzir, não o que o precipita. Ele raciocina que o sofrimento é a disciplina de Deus pela qual os seres humanos podem ser construídos. O sábio aceitará o sofrimento e se tornará melhor por causa dele, mas o tolo resiste ao sofrimento e é destruído ao responder a ele com hostilidade. Embora Eliú não seja preciso em sua avaliação de por que Jó

está sofrendo, o que ele diz neste discurso ajuda a preparar o terreno para o aparecimento de Javé no capítulo 38, com sua resolução da situação de Jó.

**Contexto histórico e cultural** Em Jó 36:14, Eliú afirma que as pessoas ímpias que rejeitam a correção de Deus morrerão jovens entre as prostitutas masculinas dos santuários. Nas religiões de fertilidade cananeia e mesopotâmica, tanto homens quanto mulheres eram empregados na prostituição culta, como adoradores envolvidos em atos sexuais em um esforço para obter a bênção dos deuses em suas plantações. No Antigo Testamento, as relações homossexuais em geral e sua ocorrência na prostituição ritual em particular são consideradas abominações para Javé (Lev. 18:22; 19:29; 20:13; Deut. 23:17–18; 2 Reis 23:7). A referência aqui à moribunda jovem poderia apontar para os efeitos desastrosos das doenças venéreas (Prov. 7, 23). Com esta imagem, Eliú pinta o fim horrível e vergonhoso que Jó experimentará se não responder positivamente à correção de Deus de seu pecado.

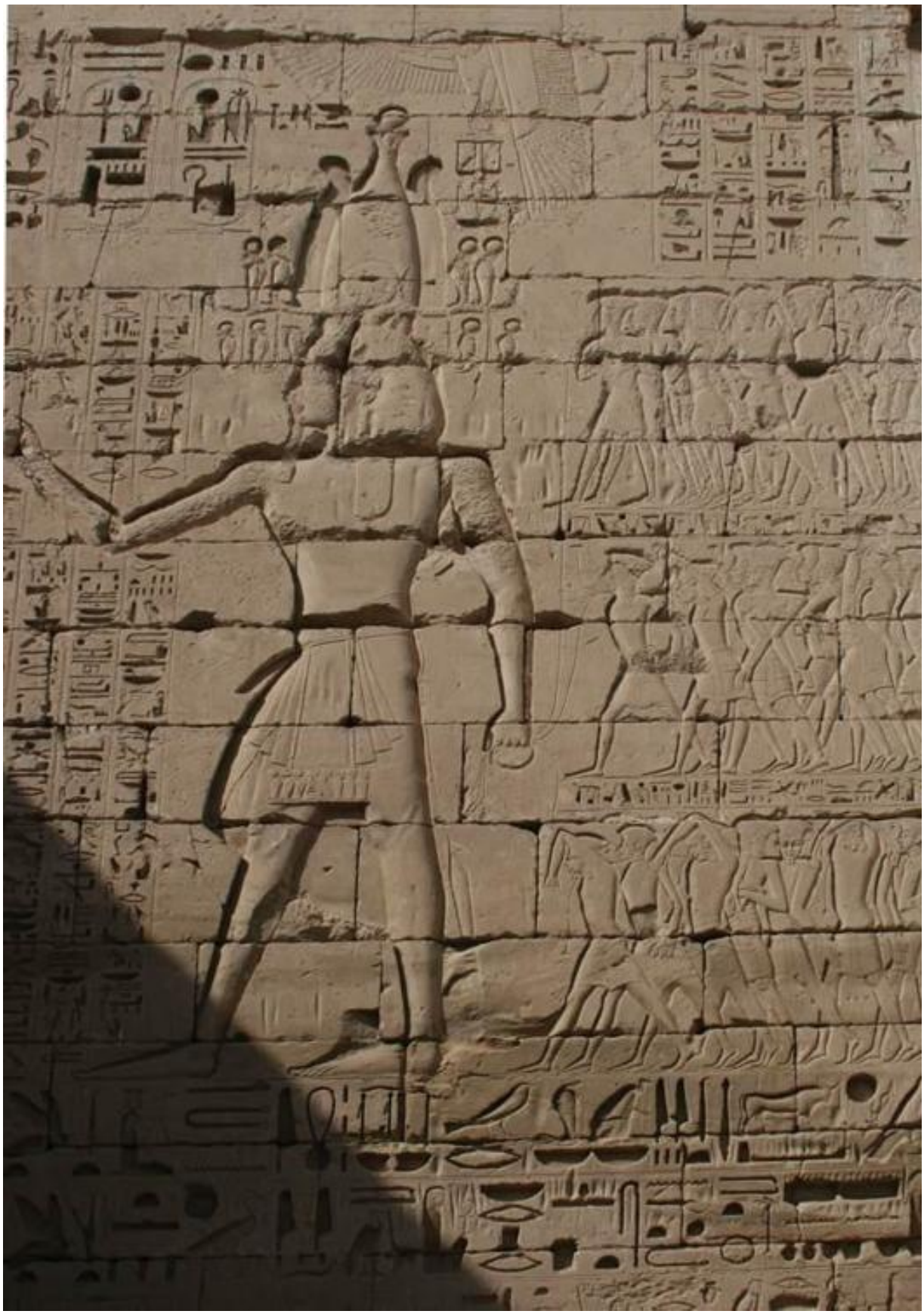
**Insights interpretativos 36:2** *Tenha paciência comigo um pouco mais.* Eliú provavelmente sente que Jó e os amigos estão perdendo o interesse no que ele tem a dizer. Afinal, Eliú fala sem interrupção há muito tempo, então eles provavelmente estão ficando impacientes para que ele termine. Em 35:16 Eliú acusou Jó de multiplicar palavras, mas ele supera Jó, soando como um brinquedo falante que não desiste. Seu "pouco mais" se transforma em seu discurso mais longo, englobando os capítulos 36 e 37.

**36:3** *Atribuirei justiça ao meu Criador.* Em 35:2, Eliú interpretou erroneamente Jó como chamando a justiça de Deus em conta. Eliú agora insiste que defenderá a justiça de Deus. Eliú afirma que o que ele diz é certo, porque ele recebeu seu conhecimento de longe, do Deus que está certo.

**36:4** *Aquele que tem conhecimento perfeito está contigo.* Mais uma vez, Eliú apresenta com confiança suas próprias credenciais. No prólogo, Jó foi três vezes descrito como *tam*, perfeito ou irrepreensível em seu comportamento (1:1, 8; 2:3).Agora, Eliú usa um termo intimamente relacionado para descrever o conhecimento perfeito que ele afirma ter. Mais tarde, em 37:16, Eliú afirmará que Deus é perfeito no conhecimento. Assim, Eliú tanto quanto diz que, por ter recebido seu conhecimento de Deus, ele é a voz do conhecimento de Deus. Discordar de Eliú, então, equivaleria a discordar do próprio Deus.

**36:5–7** *Ele não mantém os ímpios vivos... Ele não tira os olhos dos justos.* Eliú reafirma novamente a legitimidade da fórmula de retribuição. Segundo ele, Deus destrói os ímpios (36:6) e exalta os justos (36:7). Em 21:7–16, Jó

questionou a validade da fórmula de retribuição, apresentando evidências substanciais de que os ímpios realmente prosperam na vida.
Eliú, no entanto, ignora totalmente os fatos que discordam de sua conclusão.
**36:8–14** *Ele os faz ouvir a correção.* Eliú agora desenvolve um novo ponto que qualifica significativamente a fórmula de retribuição. Ele diz que Deus usa a adversidade para revelar aos humanos seu pecado (36:8-9). Esta é realmente a misericórdia severa de Deus para com eles, porque através da dor da adversidade Deus os desafia a se arrependerem de seu mal. Se eles responderem à correção de Deus com arrependimento, desfrutarão de Sua prosperidade (36:11). Se, no entanto, eles se recusarem a ouvir a Deus, eles perecerão (36:12-14). No pensamento de Eliú, a adversidade é motivada pelo pecado pessoal, mas também pode ter o efeito positivo da correção (Cf. Prov. 3:11-12; Hb. 12:5-7), bem como o efeito negativo da punição. Como o pecador responde à adversidade de Deus faz toda a diferença.



Eliú afirma que se as pessoas se encontram presas em correntes, é porque pecaram e estão sendo corrigidas por Deus (36:8-9). Este relevo de Medinet Habu, Egito, mostra Ramsés III segurando correntes que unem três grupos de prisioneiros (século XII a.C.).

**36:16–21** *Ele está cortejando você das mandíbulas da aflição.* Neste versículo, Eliú deixa de expor princípios gerais (36:2–15) para falar diretamente com Jó sobre sua situação específica. Eliú retrata Deus procurando seduzir Jó, pela adversidade, de volta a um lugar de bênção (Cf. Oséias 2:14). Jó, no entanto, ficou preocupado com sua disputa legal contra Deus (36:17). Jó precisa responder positivamente às ternas aberturas de Deus em vez de resistir a Ele. Se Jó não responder a Deus, ele terá que suportar o julgamento que é devido às pessoas más.

**36:22–23** *Deus é exaltado em Seu poder. Quem é um professor como ele?* Eliú descreve Deus como transcendente tanto em seu poder quanto em sua pedagogia, ecoando o que Jó disse sobre Deus em 21:22. Eliú não percebe tudo o que está afirmando ao descrever Deus como o mestre incomparável. Quando Javé fala nos capítulos 38–41, ele demonstra que mestre ele é, pois seus pensamentos estão acima de todos os pensamentos humanos (Cf. Is. 55:8-9; Rm 11:33-34). O que Javé ensina supera em muito o que Eliú é capaz de compreender.

**36:24** *Lembre-se de exaltar sua obra, que as pessoas elogiaram em canções.* Eliú pede a Jó que pare de reclamar contra Deus e, em vez disso, o louve. O louvor silenciaria as objeções de Jó e o capacitaria a aceitar a correção de Deus. Com esse conselho, Eliú ecoa os salmos de lamento, nos quais os salmistas se voltam para Deus em seus momentos de aflição e, ao fazer isso, descobrem que sua dor é transformada em louvor (por exemplo, Sl. 30:8-12). Eliú aconselha Jó a seguir esse caminho bem desgastado que é familiar aos fiéis adoradores de Deus.

**36:27–30** *Ele tira as gotas de água.* Em 36:26–37:5, Eliú descreve graficamente o poder de Deus em uma tempestade (esp. 36:32–33). Esta tempestade, como também no Salmo 29, é uma indicação visível da grandeza de Deus, que excede a compreensão humana (36:26, 29). Com esta ilustração, Eliú começa uma transição para o discurso de Javé a partir de uma tempestade, que começa em 38:1.

**36:31** *É assim que ele governa as nações.* Eliú traça um paralelo entre como Deus dirige o mundo natural e como Ele governa o mundo dos humanos.

Em ambas as áreas, Deus é transcendente e controlado, mas também é imanente. Assim como Deus está ativamente envolvido na formação da tempestade, também Ele está envolvido nos assuntos dos humanos. Essa afirmação na verdade mina o que Eliú disse anteriormente, em 35:6-7, onde ele argumentou que Deus não está preocupado com o que os humanos fazem, se é bom ou ruim.



Eliú ilustra a grandeza de Deus descrevendo seu controle de uma tempestade: "Ele enche suas mãos de relâmpagos e ordena que atinja sua marca" (36:32). Outras culturas antigas do Oriente Próximo também associavam as tempestades ao poder

divino. Aqui o deus sírio Hadad está em um touro, com relâmpagos em seus punhos (744-727 a.C.).

**Insights teológicos** Jó 36:27 começa uma descrição colorida de como Deus governa o mundo natural. Em todo o Antigo Testamento, a natureza dá testemunho da grandeza de Deus. Os salmos da natureza são especialmente claros ao descrever como os céus declaram a glória, ou imponência, de Deus (Sl. 19:1).[53] À medida que Deus demonstra seu poder na natureza, os seres humanos são levados a louvá-lo (Sl. 104:33-34) e a encontrar sua paz nele (Sl. 29:11). Por mais poderosas que sejam as forças da natureza, a natureza não é independente de Deus, mas está firmemente sob seu controle. O mundo natural é um dos contextos primários em que Deus se revela aos homens (Rm 1, 18-20).

## Ensinando o texto

Eliú acredita na validade do princípio da retribuição, que Deus abençoa os justos e pune os ímpios. No entanto, ele acrescenta uma característica ao que os três amigos declararam em sua teologia da retribuição. Eliú diz que Deus se esforça para corrigir os pecadores, para que eles se afastem de seus caminhos perversos e de Seu caminho justo. Isso, Eliú insiste, é o que Deus está procurando fazer na vida de Jó. Em outras palavras, Deus aflige os pecadores de tal forma que eles podem se arrepender de seus pecados e obedecê-Lo. A adversidade, então, pode ser a misericórdia severa de Deus que leva os pecadores a se voltarem para Ele e aceitarem Seu perdão gracioso. Em tempos de dor, as pessoas podem ser estimuladas a se voltarem para Deus.

Embora Eliú apresente algumas verdades importantes para Jó contemplar, seu tom soa orgulhoso e arrogante. Ele está indevidamente confiante de que descobriu a vida em geral e a situação de Jó em particular. Na verdade, ele chega a dizer que tem conhecimento perfeito, expressão que usará novamente no capítulo 37 para o conhecimento de Deus. Mesmo que Eliú fosse preciso em sua análise da situação de Jó, seria muito difícil para Jó aceitar conselhos de alguém que parece tão presunçoso e seguro. Ao não mantermos um espírito humilde, podemos diluir qualquer efeito positivo que queiramos ter sobre aqueles a quem ministramos. É por isso que Gálatas 6:1 nos adverte que, ao restaurar aquele que pecou, devemos fazê-lo com gentileza.

Eliú enfatiza que Deus usa a aflição para corrigir os pecadores. Este é um princípio que pode ser observado muitas vezes na Bíblia, bem como na experiência de muitos cristãos de hoje. Deus, em sua graça, não descarta os pecadores, mas continua a buscar e salvar aqueles que estão perdidos (Lucas 19:10). Deus, então, vai além do princípio da retribuição, pois graciosamente estende a oportunidade de arrependimento e restauração àqueles que merecem apenas o seu julgamento.Ao fazer isso, Deus fornece um exemplo para continuarmos estendendo a mão àqueles que pecaram, em vez de descartá-los como desesperados.

Onde Eliú erra é ao aplicar essa verdade à situação específica de Jó. Ele assume que a adversidade de Jó deve ser a correção de Deus, então ele desafia Jó a responder com arrependimento. Eliú é incapaz de reconhecer que, se Deus trata os pecadores melhor do que eles merecem, então talvez seja possível para um homem justo como Jó experimentar adversidades piores do que o que ele merece. Em outras palavras, se o princípio da retribuição não se sustenta absolutamente de um lado, então talvez também não se mantenha absolutamente do outro lado. A maneira de Deus de trabalhar com os humanos é provavelmente muito mais complexa do que a simples fórmula de retribuição permite.

## Ilustrando o texto

***A obra de Deus com os humanos é mais complexa do que Eliú entende.***

Literatura: ***Orgulho e Preconceito*****, de Jane Austen.** Neste romance britânico do século XIX (1813), Elizabeth Bennet está convencida de que Fitzwilliam Darcy é arredio e julgador, enquanto ele está convencido de que Elizabeth não é seu igual social e intelectual. Assim, cada um desdenha do outro. Mais tarde na história, ambos percebem que suas percepções foram parcial ou totalmente falhas. Como Eliú, eles não são tão perfeitos em conhecimento quanto supõem inicialmente.

Filme: ***Dia da Marmota*****.** Neste filme (1993), o personagem principal, um adorável egocêntrico interpretado por Bill Murray, recebe repetidas oportunidades de mudar suas ações até que finalmente acerte as coisas. Eliú diz com razão que Deus usa a aflição para que as pessoas possam se arrepender de seus pecados, mas ele falha em reconhecer que Deus, como a

realidade que o personagem de Bill Murray vem a compreender, é mais gracioso e complexo do que poderíamos supor ou merecer.

Citação: **Madame Jeanne Guyon.** Madame Guyon (1647-1717), muitas vezes considerada como a líder do movimento quietista (passivismo espiritual – "deixe ir e deixe Deus"), no que provavelmente é uma simplificação excessiva, escreveu certa vez: "Se saber respostas às perguntas da vida é absolutamente necessário para você, então esqueça a jornada. Você nunca vai conseguir, pois esta é uma jornada de incognoscíveis – de perguntas sem resposta, enigmas, incompreensíveis e, acima de tudo, coisas injustas."[54º]

Hino: **"Deus se move de uma maneira misteriosa", de William Cowper.** Este hino de Cowper (1731–1800) tem sido uma fonte de conforto e bênção para muitos do povo de Deus. No entanto, poucas pessoas sabem das circunstâncias que levaram à sua composição. Como cristão, Cowper estava muitas vezes nas profundezas do desespero, nunca tendo se recuperado da morte de sua mãe quando era criança. Na verdade, ele viveu com depressão profunda, o que hoje pode ser considerado doença mental, enquanto ainda escrevia seus hinos inspiradores. Numa noite de nevoeiro, ele chamou uma carruagem puxada por cavalos e pediu para ser levado para a Ponte de Londres, no rio Tâmisa. Superado pela depressão, ele pretendia cometer suicídio. Mas depois de duas horas dirigindo através da névoa, o cocheiro de Cowper confessou que estava perdido. Revoltado com a demora, Cowper deixou a carruagem para encontrar a ponte a pé. Depois de caminhar apenas uma curta distância, ele descobriu que estava em sua própria porta. A carruagem andava em círculos. Imediatamente condenado, reconheceu a mão restritiva de Deus. Ele percebeu que a saída para seus problemas era olhar para Deus, não pular no rio. Profundamente consolado, sentou-se e escreveu estas palavras duradouras:

> Deus se move de uma maneira misteriosa
> Suas maravilhas para realizar;
> Ele planta Seus passos no mar E
> cavalga sobre a tempestade.
>
> Nas profundezas de minas insondáveis
> De habilidade nunca falhando
> Ele valoriza Seus brilhantes desígnios
> E opera Sua vontade soberana.
>
> Vós, santos temerosos, tomai nova coragem;
> As nuvens que tanto temeis são
> grandes com misericórdia e

quebrarão em bênçãos sobre
vossa cabeça.

Não julgueis o Senhor pelo débil senso,
Mas confiai n'Ele para a Sua
graça; Por trás de uma
providência carrancuda Ele
esconde um rosto sorridente.

Seus propósitos amadurecerão rápido,
Desdobramento a cada hora;
O botão pode ter um sabor
amargo, mas doce será a flor.

A incredulidade cega
certamente errará e
examinará Sua obra em vão;
Deus é Seu próprio intérprete,
E Ele tornará isso claro.

***Às vezes, os justos e obedientes experimentam adversidades piores do que merecem.***

História Missionária: **Paul Carlson.** Muitos missionários foram mortos em um único ano durante a rebelião de Simba de 1964 a 1965. De fato, como relata Ruth Tucker, "o terror desencadeado sobre cristãos congoleses inocentes e missionários estrangeiros deixou milhares de mortos e ainda mais a sofrer de cicatrizes físicas e emocionais que permaneceriam com eles pelo resto de suas vidas". Um desses missionários, Paul Carlson, estava no Congo há apenas dois anos. Como médico, ele havia respondido a uma carta detalhando uma necessidade urgente no Congo. Deixando a esposa e dois filhos, ele foi; Logo se convencendo da necessidade, assumiu um compromisso radical. Depois veio a rebelião. Carlson, que atendia cerca de duzentos pacientes por dia em uma região remota, foi levado pelos rebeldes e submetido a meses de tortura brutal antes de sua morte.[55º]

---

[53] . Para uma breve descrição dos salmos da natureza, ver Estes, *Handbook*, p. 159.

[54.] Guyon, *Torrentes Espirituais*, 48.

[55.] Tucker, *De Jerusalém a Irian Jaya*, pp. 426–27.

# Emprego 37

# Elihu termina com um floreio

## Grande Ideia *Eliú desafia Jó a considerar as implicações que as maravilhas de Deus na natureza têm para sua vida.*

## Temas-chave de Jó 37

- Eliú vê a tempestade como a voz de Deus.
- Eliú diz que Deus governa o mundo natural para realizar seus variados propósitos.
- Eliú considera Jó como ignorante dos caminhos de Deus.
- Eliú afirma que a majestade de Deus está além do alcance humano, então os humanos devem reverenciá-lo.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** Em Jó 37, Eliú completa seu discurso final, que começou no capítulo 36. Ao longo do capítulo 37, ele continua a empregar as imagens de tempestade que ele começou a desenvolver em 36:27, enquanto usa essa linguagem vívida para imaginar o incrível poder e majestade de Deus. A descrição animada de Eliú da obra de Deus no mundo da natureza antecipa o que Javé comunicará a Jó quando ele aparecer no capítulo 38. Eliú é um orador habilidoso que termina com um brilhante florescimento retórico. Embora Eliú pense que fala por Deus, Javé falará por si mesmo nos capítulos 38–41, e no epílogo ele não se referirá ao que Eliú disse.

**Contexto histórico e cultural** As imagens de tempestade que Eliú usa em Jó 37 eram familiares em textos antigos do Oriente Próximo. Nos mitos cananeus, Baal é o deus da tempestade que trovejava contra seus inimigos, e na literatura mesopotâmica Adad desempenha o mesmo papel. Em 1 Reis 18, o profeta Elias organiza uma disputa com os profetas de Baal, a fim de demonstrar ao povo de Israel que Javé é o único Deus verdadeiro, que merece sua adoração. Depois que os profetas de Baal tentam, mas não conseguem fazer com que seu deus envie um raio para acender seu sacrifício, Javé responde à oração de Elias de forma dramática e inegável. No Salmo 29, uma tempestade é retratada como a voz de Javé, claramente rebatendo e rejeitando as falsas alegações dos adeptos de Baal e Adad.



Eliú descreve uma tempestade como Deus liberando relâmpagos e sua voz trovejando (37:3–4). Na mitologia do antigo Oriente Próximo, Baal e Adad desempenham o papel de deus da tempestade. O relevo nesta estela retrata o

deus da tempestade mesopotâmica conhecido como Adad ou Hadad (Babilônia, século IX a.C.).

**Insights interpretativos 37:1** *Nisso, meu coração bate e salta de seu lugar.* Ao observar a poderosa demonstração de poder de Deus na tempestade, Eliú tem uma forte resposta emocional. Essa forte onda de adrenalina é semelhante ao que Habacuque (Hab. 3:6) e o salmista no Salmo 29 sentem ao ver o incrível poder de Deus evidenciado no mundo natural. Em 37:8, a tempestade tem um efeito comparável sobre os animais, que correm para se abrigar em suas tocas.

**37:5** *Ele faz grandes coisas além do nosso entendimento.* Anteriormente, em 36:4, Eliú presumiu que ele era perfeito em conhecimento, mas aqui ele tem que reconhecer que as obras de Deus excedem o que os humanos podem entender. Isso naturalmente leva a uma pergunta para o leitor: se o que Deus faz no mundo natural está além da compreensão humana, então a situação de Jó também não poderia estar além do que os humanos podem compreender? Eliú expressa a verdade teológica de que os caminhos de Deus são inescrutáveis, mas ele não parece compreender as possíveis implicações do que ele está dizendo para a situação de Jó. Ele está se movendo na direção certa, mas não leva sua linha de pensamento longe o suficiente.

**37:6–13** *Ele traz as nuvens para castigar as pessoas, ou para regar sua terra e mostrar seu amor.* Por meio de suas ações inescrutáveis, Deus realiza uma variedade de propósitos. Em contraste com a fórmula de retribuição simplista que os amigos e Eliú expuseram , não há um único propósito que governe tudo o que Deus faz no mundo. Às vezes, Deus age para corrigir o mal, como fez ao libertar o povo de Israel da escravidão no Egito. Por vezes, Deus age em benefício da sua criação, independentemente de qualquer consideração humana (cf. 38, 26). Às vezes, Deus age por seu amor leal por seu povo. Essa gama de propósitos divinos é muito mais ampla do que o princípio da retribuição permitirá, e ainda assim a súplica direta de Eliú a Jó no versículo 14 sugere que ele acredita que sabe o que Deus está fazendo na situação particular de Jó.

**37:14** *Ouça isto, Jó, pare e considere as maravilhas de Deus.* Mais uma vez, Eliú apela a Jó para considerar as maravilhas de Deus no mundo natural. Usando a estratégia de ensino familiar da sabedoria tradicional (por exemplo, Prov. 6:6), Eliú chama Jó para observar e ser sábio. Eliú segue essa súplica com uma série de perguntas retóricas nos versículos 15–20 que sugerem o quão pouco Jó realmente entende dos caminhos de Deus e o quanto ele precisa aprender. A implicação de Eliú é clara: se Jó não pode entender as

relações de Deus no mundo da natureza, então como ele pode razoavelmente esperar compreender como Deus trabalha com humanos como ele? O que Eliú não considera, no entanto, é que a mesma pergunta poderia ser feita a ele. Em seu esforço para provar que Jó não pode entender os caminhos de Deus, Eliú conseguiu se acusar pela mesma incapacidade de compreender o que Deus está fazendo.

**37:16** *aquelas maravilhas daquele que tem perfeito conhecimento.* Eliú descreve Deus como tendo conhecimento total, e isso corresponde ao que o salmista diz em Salmos 139:1–6. Eliú, no entanto, também afirmou que ele mesmo é perfeito em conhecimento (36:4), e é aí que ele errou o alvo. Eliú não sabe tudo o que acha que sabe. Ele criticou Jó por falar além do que ele sabe, mas Eliú é culpado de fazer isso também. Eliú é crítico de Jó, mas ele não é crítico de si mesmo. Ao tentar remover o cisco do olho de Jó, Eliú negligenciou considerar a trave em seu próprio olho (Mt. 7:3).



Em 37:18, Eliú pergunta a Jó se ele pode se unir a Deus para "espalhar os céus, duro como um espelho de bronze fundido". Isso reflete a visão antiga do céu como uma cúpula sólida. O espelho de bronze visto aqui é do Egito (ca. século XIV a.C.).

**37:21–22** *Agora ninguém pode olhar para o sol.* Nos versículos 21–24, Eliú descreve a quebra de uma tempestade quando a luz do sol flui através das nuvens. Esta imagem vívida da natureza é uma ilustração apropriada da majestade impressionante do Deus Todo-Poderoso. Os humanos são advertidos

contra olhar para o sol, mesmo durante um eclipse solar, porque sua luz é tão intensa que pode facilmente causar cegueira. Da mesma forma, nenhum ser humano pode compreender a majestade de Deus. Na melhor das hipóteses, a majestade de Deus pode ser vislumbrada apenas em parte, porque os humanos finitos não têm a capacidade de entender a medida completa da grandeza de Deus. Ele está além da compreensão humana.

**37:23** *O Todo-Poderoso está além do nosso alcance e exaltado em poder.* Os seres humanos não podem compreender Deus em sua grandeza, e nem podem por seus esforços manipular o que Deus faz. Eles podem, no entanto, ter certeza de que Deus é sempre justo e justo em Suas relações. Deus, então, não espera que os humanos compreendam tudo o que Ele faz, mas Ele quer que eles confiem Nele para fazer o que é justo e correto. Com essas palavras, Eliú antecipa — mais do que imagina — a conclusão do livro, quando Jó reconhecerá que não pode entender os caminhos de Deus e, no entanto, se submeterá a ele (42:2–6).

**37:24** *Portanto, as pessoas o reverenciam.* As palavras finais de Eliú neste versículo são ambíguas, e várias traduções as renderam de maneiras díspares. A NVI lê a linha final desta maneira: "Pois ele não tem consideração por todos os sábios de coração?" Francis Andersen, em seu comentário sobre Jó, adapta a leitura da Septuaginta: "Certamente todos os sábios de coração o temem!"[56] O ponto geral do versículo é que os humanos sábios reverenciarão a Deus mesmo quando não puderem compreender tudo o que Ele faz. Isso remete à afirmação de 28,28, que afirmava o princípio básico da sabedoria tradicional, de que o temor do Senhor é sabedoria (Cf. Prov. 9,10; Ecles. 12,13). Ser sábio não significa que se sabe tudo, mas que se reverencia e confia no Senhor, que conhece todas as coisas perfeitamente.

**Insights teológicos** No mundo antigo, a natureza era muitas vezes considerada como habitada por uma vasta gama de divindades. A Bíblia é distinta, no entanto, em sua insistência de que há apenas um Deus, Javé, que criou o mundo por si mesmo, e que governa o mundo e tudo o que nele existe. No Antigo Testamento, e especialmente na literatura de sabedoria, o mundo natural é um dos contextos em que Deus se revela e sua sabedoria aos seres humanos. Eliú chama Jó para ouvir e considerar as maravilhas de Deus (37:14). No Salmo 8, o salmista exclama que o Deus que mostrou seu esplendor na natureza também pensou nos seres humanos e os colocou em uma posição de grande responsabilidade em governar as obras de suas mãos. O livro de Provérbios frequentemente aponta aspectos no mundo natural que

ilustram princípios da sabedoria de Deus. No Novo Testamento, Jesus usa o cuidado de Deus com os pássaros e as flores como justificativa para confiar nele para suprir todas as necessidades, em vez de ficar ansioso (Mt. 6:25–34).

## Ensinando o texto

Eliú conclui seus discursos com uma descrição dramática de uma tempestade. Com esta imagem, ele enfatiza as maravilhas de Deus na natureza. Como Deus governa na natureza, no entanto, também tem implicações profundas para humanos como Jó. Eliú fala diretamente com Jó enquanto ele o exorta a parar e considerar as maravilhas de Deus. Uma coisa é observar o poder de Deus na natureza, outra bem diferente é viver à luz dessa observação. Ao nosso redor, Deus dá provas tangíveis de sua grandeza, e precisamos considerar como o grande Deus que se revelou no mundo físico pode satisfazer plenamente as necessidades de nossas vidas.

Eliú retrata com precisão Deus como governando o mundo natural a fim de realizar seus variados propósitos. O que Deus escolhe fazer não pode ser reduzido a um único propósito que se adapte a cada situação. Em vez disso, às vezes Deus opera em seu mundo de uma maneira que pune os malfeitores. Outras vezes ele trabalha no mundo físico para fins que não afetam diretamente os seres humanos. Às vezes, as ações de Deus são destinadas a trazer bênçãos sobre os seres humanos como a expressão de Seu amor e compromisso com eles. O propósito específico de Deus em qualquer ação particular pode muito bem ser difícil ou mesmo impossível para os seres humanos discernirem. Mas podemos ter certeza de que o que Deus está fazendo se encaixa em Seu plano geral.

Eliú parece firmemente convencido de que Jó é ignorante dos caminhos de Deus, então ele exorta Jó a considerar as maravilhas de Deus. Considerar significa pensar cuidadosamente ou meditar sobre o significado do que Deus fez. Se Jó ponderasse as perguntas retóricas que Eliú lhe colocou, perceberia que não compreende como Deus controla o mundo da natureza. Essa percepção deve naturalmente levar Jó a admitir que também não entende o que Deus está fazendo em sua vida. Da mesma forma, esse padrão de pensamento nos moverá na direção certa em direção a uma maior confiança em Deus.

Em suas palavras finais, Eliú afirma que a majestade de Deus, como demonstrado na natureza, está além do alcance humano. Quando seres

humanos como Jó reconhecem a transcendência de Deus, eles devem responder a Ele em reverência. Os atos poderosos de Deus devem levar os seres humanos a respeitar e temer a Deus ainda mais. Quando o livro termina no capítulo 42, é precisamente isso que acontece na vida de Jó, à medida que seu medo de Javé se move para um nível mais profundo através do que ele aprende sobre Deus a partir de sua experiência de adversidade. Como ensina Tiago 1:2–8, as provações podem desenvolver nossa fé, assim como fazem com Jó.

## Ilustrando o texto

***Deus governa o mundo natural para realizar Seus variados propósitos.***

Natureza: Um vídeo com as imagens e sons de uma tempestade vívida capturaria a força das imagens que Elihu descreve e chamaria a atenção do seu público.

Natureza: As tempestades são mais frequentemente consideradas forças destrutivas, mas às vezes podem ter efeitos benéficos marcantes. Por exemplo, as raras tempestades que chegam a regiões desérticas podem fazer com que as flores germinem depois de muitos anos de aparente esterilidade. Imagens ou vídeos de um deserto em flor podem ilustrar 37:13, em que um dos propósitos de Deus para a tempestade é regar a terra.



O poder e a majestade de Deus são revelados na natureza. Eliú usa exemplos de tempestades de neve e tempestades de chuva que obedecem ao mandamento de Deus (37:6). Esta imagem mostra as consequências de uma rara tempestade de neve em Israel.

Natureza: Eliú usa a luz do sol para retratar como os seres humanos não podem observar toda a majestade de Deus. É perigoso ver o sol diretamente, mas assistir a um vídeo de um eclipse solar pode fornecer uma boa noção de como a luz do sol é inspiradora. Esse fenômeno natural só aponta para a maior grandiosidade do poder e conhecimento inigualáveis de Deus. Nossa resposta a Ele deve ser de reverencial admiração e adoração.

***Eliú é rígido e limitante quando aplica o governo de Deus aos humanos.***

Livro: ***Seu Deus é Pequeno Demais*, de J. B. Phillips.** Phillips (1906-82) foi um pregador e escritor britânico que foi encorajado em sua escrita por C. S. Lewis. Em seu livro *Your God Is Too Small* (1952), Phillips discute as várias maneiras pelas quais visões inadequadas de Deus são prejudiciais à vida espiritual das pessoas. Alguns deles estão vendo Deus como um policial, uma ressaca parental, um grande velho, Deus em uma caixa, diretor administrativo e assim por diante. Algumas dessas categorias se encaixam bem nas opiniões de Deus expressas por Eliú e os outros amigos de Jó. O autor conclui este livro dizendo: "Nunca podemos ter uma concepção muito grande de Deus".[4]

---

[56]. Andersen, *Jó*, 268.

## Emprego 38

# Javé Fala como Mestre Mestre

**Big Idea** *Yahweh coloca questões sobre o mundo físico para*

---

[4]. Phillips, *seu Deus é muito pequeno*, 135.

*demonstrar que o conhecimento de Jó é muito limitado para explicar como Deus funciona em seu mundo.*

## Temas-chave do trabalho 38

- Javé assume o papel de professor em relação a Jó.
- Javé pergunta a Jó sobre seu conhecimento da criação da terra.
- Javé pergunta a Jó sobre sua compreensão de como o tempo funciona dentro da ordem do mundo de Deus.
- Javé pergunta a Jó sobre sua capacidade de controlar os céus.

# Entendendo o texto

**O texto em contexto** Ao longo dos discursos nos capítulos 3-37, os vários oradores humanos afirmam saber o que Javé pensa sobre a situação de Jó, mas no capítulo 38 Javé finalmente quebra seu silêncio e fala por si mesmo. Javé aborda Jó em 38:1–40:2, concentrando-se em seu projeto para o mundo (38:2), e então Jó responde brevemente em 40:3–5. Javé volta a falar em 40:6–41:34, enfatizando sua justiça no mundo (40:8), e então Jó profere sua resposta final em 42:1–6. Esses discursos divinos são o clímax retórico do livro, enquanto Javé fala em poesia vívida e brilhante.

Como mestre mestre, Javé faz mais de setenta perguntas sem resposta a Jó. Essas perguntas não se destinam a humilhar ou intimidar Jó, mas sim a revelar-lhe as muitas maravilhas inexplicáveis das obras de Deus no mundo. Javé faz uso de uma técnica pedagógica hábil, fazendo perguntas para ajudar Jó a descobrir o que ele não sabe (Cf. Is. 40:12-31). À medida que Jó percebe o quanto não compreende sobre o mundo de Deus, ele está disposto a aceitar uma posição humilde diante de Javé, que sabe de todas as coisas. Javé não responde às perguntas que Jó tem feito, mas aponta Jó em uma direção completamente diferente. Ele quer que Jó aprenda que a sabedoria divina é superior até mesmo ao melhor entendimento humano. Javé sabe o que está fazendo em seu mundo e na vida de Jó.

**Contexto histórico e cultural** As palavras em 38:36 foram traduzidas de muitas maneiras por várias traduções, mas a NVI provavelmente é precisa ao falar de dois pássaros, o íbis e o galo. Javé pergunta a Jó: "Quem dá sabedoria ao íbis ou dá entendimento ao galo?" No pensamento egípcio, essas aves eram notáveis por causa de sua capacidade de sinalizar mudanças que vinham no clima. O íbis previa quando o rio Nilo subiria e o galo cantava para indicar a aproximação da manhã ou da chuva.[58] Os instintos inatos dessas aves não podiam ser explicados pelos humanos, eles lhes foram dados por Javé, seu criador.



Javé pergunta a Jó: "Quem dá a sabedoria ao íbis?" (38:36). No pensamento egípcio, o íbis previu quando o Nilo se levantaria. Esta estátua ibis é do século IV a.C.

**Insights Interpretativos 38:1** *Então o SENHOR falou a Jó fora da tempestade.* Em 31:35, Jó desafiou Deus a responder-lhe, mas então Eliú começou a falar. No capítulo 38, Javé quebra o silêncio. Ignorando Eliú, que tem falado nos seis capítulos anteriores, Javé se dirige diretamente a Jó. Esse mesmo ato

de comunicação é, por si só, uma evidência de que a relação de Jó com Javé ainda está intacta. Javé fala de uma tempestade, como faz em outras partes do Antigo Testamento. Às vezes, uma tempestade provoca a ira divina (Zc 9:14), mas também pode sugerir a chegada de Javé ao falar com seu povo (Êx. 19:16-20:21). Anteriormente, uma tempestade era a causa da dor de Jó (1:19; 9:17), mas agora é o cenário para a comunicação de Javé com ele.

**38:2** *Quem é este que obscurece meus planos com palavras sem conhecimento?* As palavras iniciais de Javé, "Quem é este?" introduzem o tema central de seus discursos. Javé quer que Jó entenda quem é Javé e quem é Jó. Jó tem falado além do que realmente sabe, porque ele, como um humano finito, não está em posição de falar com precisão sobre os planos de Javé para o mundo ou para ele pessoalmente. Yahweh tem um design que supera qualquer coisa que Jó possa compreender ou descrever.

**38:3** *Eu te questionarei, e tu me responderás.* No capítulo 31, Jó pensou que sua estratégia legal de confissão negativa colocaria Deus na defensiva e o obrigaria a governar, pelo menos indiretamente, sobre a inocência de Jó, mas Javé não será manipulado tão facilmente. Javé toma a iniciativa de fazer as perguntas e exigir que Jó lhe responda. Com esse interrogatório rigoroso, Javé demonstrará quão inadequada é a compreensão de Jó. Javé sabe todas as respostas para as perguntas que ele coloca, mas Jó não tem resposta para uma única pergunta divina.

**38:4–7** *Onde você estava quando lancei o alicerce da Terra?* Javé descreve o momento da criação da terra, quando as estrelas cantaram juntas e os anjos gritaram de alegria (38:7). Como Provérbios 8:22–31 afirma, a sabedoria estava presente na criação, mas nenhum ser humano estava lá para observá-la. Nem mesmo o primeiro humano estava lá para ver como Javé construiu a terra, e certamente Jó não estava lá para testemunhar isso. Javé pressiona Jó no versículo 5 perguntando-lhe: "Quem marcou as dimensões [da Terra]?" Essa pergunta obriga Jó a admitir o que ele não sabe, mas o que Javé sabe perfeitamente, e implica que Javé vai levar Jó a novas fronteiras de entendimento além de qualquer coisa que ele tenha compreendido antes.

**38:8–11** *Quem fechou o mar atrás de portas quando ele irrompeu do ventre?* Javé aqui usa a imagem do parto para imaginar a doma do mar. No antigo pensamento do Oriente Próximo, o mar era muitas vezes a personificação do caos, mas na Bíblia o mar está sob controle divino (Gênesis 1:2; Ap 21:1). Javé impõe limites firmes ao mar (38:10-11; cf. Sl. 104:5-9), com a costa arenosa como seu limite (Jr. 5:22). Javé pinta um belo quadro de palavras

usando as nuvens e as trevas como os panos com os quais ele envolve o mar (38:9).

**38:12–15** *Você já deu ordens à manhã, ou mostrou ao amanhecer o seu lugar?* Na narrativa da criação, Deus diz: "Haja luz", e a luz passa a existir (Gn 1:3). Com Sua luz, Deus frustra as pessoas maliciosas que praticam seu mal sob a capa das trevas (Jó 24:13-17). A pergunta de Javé exige uma resposta negativa de Jó, mesmo que Jó tenha tentado em vão amaldiçoar o dia em 3:3–10. Como humano, Jó não pode assumir a prerrogativa de Javé de dar ordens à manhã.

**38:16–18** *As portas da morte lhe foram mostradas?* Em 3:16–19 e 14:13–15, Jó expressa um desejo pelo Seol. No entanto, as perguntas de Javé em 38:16–18 indicam que Jó não entende verdadeiramente a morte e a região subterrânea, de modo que seu desejo pela sepultura nasce da ignorância e não do conhecimento

**38:22–30** *Qual é o caminho para o lugar onde o raio está disperso?* Em 38:22–30, Javé pergunta a Jó sobre os fenômenos meteorológicos que ele pode observar. Jó pode ver os efeitos do trabalho de Javé, mas ele não consegue entender como Javé realiza o que ele faz no clima. Jó tem que admitir que seu conhecimento de neve, granizo, raios, vento, chuva e gelo é profundamente deficiente. Mesmo o que Jó experimenta ele não consegue compreender ou explicar.

Ao direcionar a atenção de Jó para o deserto, Javé indica que ele envia chuva para lugares onde não há humanos para lucrar com isso (38:26-27). Os humanos podem perceber isso como desnecessário ou mesmo um desperdício de recursos, mas os propósitos de Javé para a Terra vão muito além das preocupações especificamente humanas. Seus caminhos são mais elevados do que os caminhos dos seres humanos, e seus pensamentos ultrapassam a perspicácia humana (Cf. Is. 55:8-9). Da perspectiva de Javé, a terra pertence a ele e, embora ele a faça funcionar para os seres humanos, ela existe para seu próprio propósito divino (Sl. 24:1). Os seres humanos são, de fato, uma parte importante de seu plano, mas não são o foco exclusivo de seu interesse e de sua graça luxuosa.Como o intercâmbio entre Javé e o adversário no prólogo indica, há aspectos do plano e da atividade de Javé que podem incluir o envolvimento humano, mas transcendem as preocupações meramente humanas.

**38:31–33** *Você pode ligar as correntes das Plêiades?* Nos versículos 31–33, Javé pergunta sobre a capacidade de Jó de controlar os fenômenos celestes,

que eram frequentemente usados para presságios no antigo Oriente Próximo. Jó é capaz de dirigir os movimentos das constelações e, assim, determinar o curso da história? Ele pode traçar as leis que regem os movimentos dos corpos celestes? As respostas negativas implícitas a essas perguntas afirmam que as estrelas estão sob o controle de Javé (cf.
Isaías 40:26) e muito além do alcance de Jó.



Em 38:32, Javé pergunta a Jó: "Você pode trazer as constelações em suas estações?" A disposição e o movimento das estrelas eram muito estudados no mundo antigo. A tábua cuneiforme circular fortemente restaurada mostrada aqui é um planisfério que

mapeia os céus (século VIII a.C.). Ele divide o céu noturno em oito seções, e a constelação de Gêmeos e as Plêiades foram identificadas.

**38:39–41** *Você caça a presa da leoa e sacia a fome dos leões?* Javé agora deixa de perguntar sobre o mundo físico não vivo (38:4–38) para direcionar a atenção de Jó para o mundo animal (38:39–39:30), uma transição que realmente começou no versículo 36 com a referência ao íbis e ao galo (veja a discussão em "Contexto Histórico e Cultural"), mudando assim o foco para mais perto do próprio Jó. Há inúmeros aspectos do domínio zoológico em que Jó tem que admitir sua falta de conhecimento e controle. Tanto os leões predadores (38:39-40) quanto os corvos, que se alimentam de carniça (38:41), recebem seu alimento além da capacitação humana (Cf. Sl. 147:9). Mais uma vez, Javé implica que sua sábia ordenação de seu mundo não se restringe ao que o princípio da retribuição prevê ou considera justo e necessário.

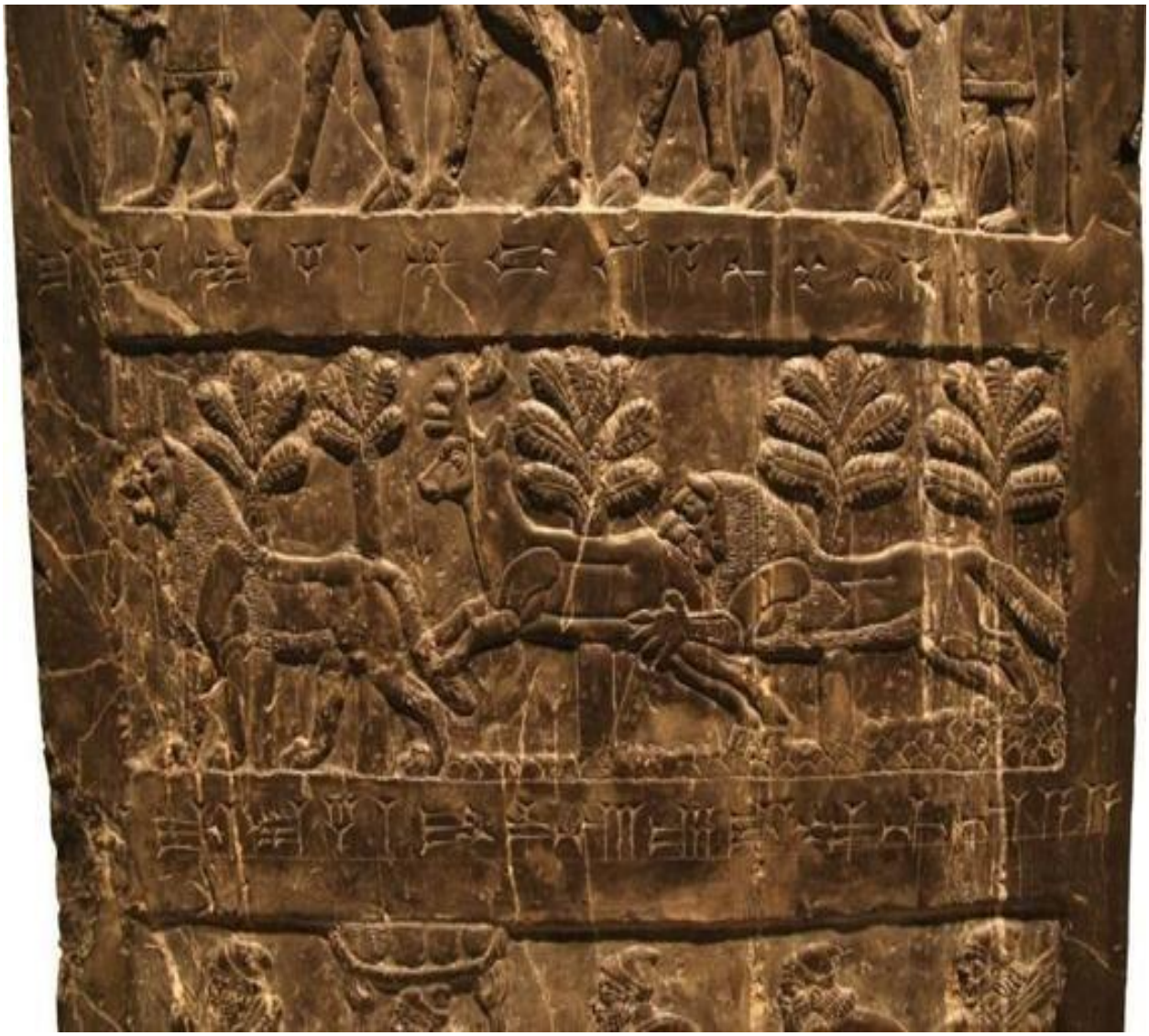
**Insights teológicos** O ponto principal de Javé em seus discursos é que o mundo deve ser entendido em termos do que ele está fazendo nele. A incapacidade de Jó de responder às perguntas divinas demonstra que ele não consegue entender como Javé governa o mundo da natureza. Consequentemente, Jó não deve esperar compreender como Javé trabalha com humanos como ele. Os humanos finitos não estão em posição de chamar Javé para prestar contas, assim como um pedaço de cerâmica pode ditar ao oleiro (Is. 45:9; Rm 9:20-21). Jó e os amigos têm perguntado por que Jó passou por adversidades, mas esta é a pergunta errada. A verdadeira questão é: "Quem é Javé, e ele pode ser confiável no que está fazendo em seu mundo?"

## Ensinando o texto

Quando Javé finalmente fala em Jó 38, ele não responde às perguntas que Jó levantou anteriormente. Em vez disso, Javé assume o papel do professor, e ele faz perguntas a Jó. Quando termina, Javé, o mestre mestre, faz mais de setenta perguntas, e Jó é incapaz de responder a uma única. Quando Jó concluiu sua confissão de inocência no capítulo 31, ele pensou que o Deus Todo-Poderoso teria que dar seu veredicto sobre a inocência ou culpa de Jó. Javé, no entanto, não é compelido pela estratégia jurídica de Jó. Em vez de seguir o que Jó estabeleceu para ele, Javé tem seu próprio plano de aula pelo

qual ele instrui Jó.Como o livro de Provérbios demonstra, como Jó, somos alunos da escola de sabedoria de Deus. Em sua escola, precisamos estar atentos ao que Deus diz, precisamos aceitar seus ensinamentos ansiosamente em vez de insistir em nosso próprio caminho, e devemos assimilar suas lições para que elas afetem todas as áreas de nossas vidas.

O propósito de Javé ao fazer tantas perguntas a Jó é demonstrar a Jó as limitações de seu conhecimento. Todas as perguntas de Javé estão relacionadas ao mundo físico que Jó observou por toda a sua vida. À medida que Jó considera cada pergunta, ele tem que admitir em sua própria mente repetidas vezes que não sabe a resposta. No momento em que ele fez essa admissão mental mais de setenta vezes, Jó não pode escapar da conclusão de que seu conhecimento é lamentavelmente inferior ao que Jó não pode escapar da conclusão de que seu conhecimento é lamentavelmente inferior ao que Javé possui. Com essa humilde realização, Jó tem que aceitar o fato de que ele é finito em seu conhecimento, mas que Javé é infinito no que ele sabe. Se isso é verdade sobre o mundo físico, então também deve ser verdade sobre a experiência de Jó. Jó não entende o que aconteceu com ele, mas Javé entende completamente.



"Você caça a presa para a leoa?" é uma pergunta que Javé faz para ajudar Jó a tomar consciência do quão pouco ele realmente entende (38:39). Este registro do Obelisco Negro de Shalmaneser III (858–824 a.C.) mostra um leão perseguindo um veado.

Como leitores, estamos cientes dos fatores do prólogo que Jó é incapaz de discernir. Como agora temos a Bíblia completa, temos mais da revelação de Deus do que estava disponível quando o livro de Jó foi escrito, muito antes da morte e ressurreição de Cristo. No entanto, ainda hoje há muita coisa que Deus sabe que não deu a conhecer a nós, humanos. Então, como Jó, precisamos colocar nossa confiança em Deus, que tudo sabe, em vez de esperar entender todos os paradoxos intrigantes em nossas vidas.

As perguntas de Javé sobre o mundo físico levam Jó a confiar mais nele e adorá-lo. Da mesma forma, o Senhor colocou diante de nós na natureza um fluxo constante de evidências para nos convencer de Seu poder e sabedoria. Ao olharmos para o mundo de Deus, temos nossa atenção voltada para Ele, e somos encorajados a apreciar Sua grandeza no mundo e para nossas vidas.

## Ilustrando o texto

***Deus nos ensina que o seu conhecimento é infinito enquanto o nosso é finito.***

Televisão: **Perry Mason.** Na antiga série de televisão *Perry Mason*, baseada nos romances de Erle Stanley Gardner, o personagem-título (interpretado por Raymond Burr) era conhecido por sua habilidade de usar perguntas durante seu interrogatório para destruir o argumento legal apresentado pelo advogado de acusação. Seus interrogatórios habilidosos ilustram a abordagem de Javé a Jó, trazendo uma perspectiva correta.

Arte: **William Blake.** A décima quarta gravura no livro ilustrado de Blake (1757-1827) sobre o livro de Jó é comumente chamada de *When the Morning Stars Sang Together*, e ilustra Jó 38:7: "enquanto as estrelas da manhã cantavam juntas e todos os anjos gritavam de alegria". Nesta gravura, Blake retrata os anjos e Deus acima, enquanto os humanos estão abaixo deles em uma postura de humildade. Isso ilustra a posição humilde dos seres humanos, que não estavam presentes na criação para testemunhar a obra de Deus.

Natureza: Em raras ocasiões, a chuva pode fazer com que um deserto irrompa em flor. Por exemplo, em 2005, a chuva de inverno fez com que o deserto do Atacama, no Chile, se tornasse um prado gigante de belas flores de cores vivas.

Natureza: As constelações e seus movimentos, a turbulência dos mares e outros fenômenos naturais – todos estão sob o controle de Deus e ilustram visualmente as maravilhas sobre as quais Deus fala a Jó.

Literatura: ***O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien.** Este livro, que foi publicado postumamente em 1977 pelo filho de Tolkien, Christopher, apresenta uma representação poética da criação do mundo. Esta descrição é imaginativa e também especulativa, porque nenhum ser humano estava lá para observar a obra criativa de Deus.

***Quando Deus fala, Ele pode não responder diretamente às nossas perguntas.***

Livro: ***Perguntando a Deus por quê*, de Elisabeth Elliot.** Elliot (n. 1926) perdeu seu marido, Jim, no Equador em 1956. Sua única filha tinha dez meses. Elliot entende o sofrimento e fala sobre ele com frequência. Ela escreve: "O salmista muitas vezes questionava a Deus e Jó também. Deus não respondeu às perguntas, mas respondeu ao homem – com o mistério de si mesmo. Ele não nos deixou totalmente no escuro. Sabemos muito mais sobre seus propósitos do que o pobre velho Jó, mas Jó confiava nele. Ele não é apenas o Todo-Poderoso – o nome favorito de Jó para ele. Ele também é nosso Pai, e o que um pai faz nem sempre é compreendido pelo filho".[5]

---

58. Balentine, *Jó*, 657.

---

5. Elliot, *Sobre Perguntar a Deus Por Quê*, 18.

## Emprego 39

# Javé pergunta a Jó sobre animais

**A** *compreensão e o controle limitados dos animais por Big Idea Job demonstrar a incapacidade dos humanos de compreender como Javé ordenou o seu mundo.*

## Temas-chave de Jó 39

- Javé pergunta sobre o ibex, que Jó pode ver, mas sobre cujos hábitos ele sabe pouco. Javé
- direciona a atenção de Jó para o burro selvagem, que prospera em lugares que os humanos não frequentam.
- Javé fez o avestruz agir de maneiras que não fazem sentido para os humanos.
- Javé pergunta se Jó pode controlar o poderoso cavalo de guerra.

## Entendendo o texto

**O texto em contexto** No capítulo 39, Javé continua a fazer perguntas a Jó. Depois de considerar as características do mundo físico não vivo em 38:4–38, em 38:39 Javé começou a concentrar suas perguntas no reino animal, e esse tópico continua durante todo o capítulo 39. Todos os animais que Yahweh cita vivem além do controle dos humanos. A maioria deles é totalmente selvagem, e até mesmo o cavalo de guerra é domado apenas parcialmente. Jó não compreende as várias características da vida desses animais, mas o capítulo implica claramente que Javé os conhece completamente. Há muita

coisa acontecendo no mundo de Javé que escapa ao conhecimento dos humanos, então esses aspectos de seu propósito não dependem dos interesses humanos. Jó, portanto, precisa ver o que está acontecendo em sua vida em termos do plano muito maior e mais amplo de Javé. Este capítulo leva diretamente ao desafio de Javé a Jó para respondê-lo, em 40:1–2.

**Contexto histórico e cultural** Nos tempos antigos, já no período paleolítico, a arte rupestre apresentava imagens do boi selvagem. Textos literários ugaríticos falam do deus Baal caçando um boi selvagem na região da Alta Galileia. Na literatura e arte egípcia e mesopotâmica, os reis são descritos como caçadores de animais selvagens, incluindo os auroques (NIV: "boi selvagem") referidos em Jó 39:9–12. O auroque nunca foi domado antes de ser extinto há cerca de quatrocentos anos, mas tornou-se o ancestral do gado domesticado de hoje.

**Insights Interpretativos 39:1–4** *Você sabe quando as cabras da montanha dão à luz?* A cabra da montanha aqui é o ibex que hoje pode ser visto na área de En Gedi, em Israel. É um animal esquivo que só pode ser observado à distância, e resiste à domesticação pelos humanos. Com as lentes teleobjetivas, os humanos agora podem aprender alguns dos hábitos de animais como o ibex, mas até tempos recentes pouco se sabia de seus padrões de vida. Jó não consegue detectar nem mesmo o período de gestação de sua prole, em contraste com o conhecimento da criação de animais que ele deve ter para seus animais domesticados (1:3). No entanto, mesmo que não seja criado por humanos, o ibex é capaz de administrar muito bem pelo instinto que Deus lhe deu. Jó, no entanto, praticamente não tem conhecimento nem mesmo dos detalhes mais básicos do ibex.



As perguntas de Javé ajudam Jó a perceber o quão pouco ele entende sobre o mundo animal. Em 39:1–4 Jó é perguntado quando e como o ibex dá à luz seus filhotes. Na foto está um ibex com seus filhos pequenos.

**39:5–8** *Quem deixou o burro selvagem ir livre?* É evidente pelas perguntas de Javé sobre o burro selvagem que ele libertou esse animal do controle humano. O burro selvagem é hábil em sobreviver no deserto, mesmo prosperando em lugares onde os humanos raramente se aventuram. Evita a comoção e o confinamento da vida urbana, felizes em manter-se longe dos humanos, que a distrairiam e tentariam domesticá-la para seus próprios propósitos. Essa independência tem um custo, porque o burro selvagem precisa buscar alimento no deserto estéril.

**39:9–12** *O boi selvagem consentirá em servi-lo?* O boi selvagem, ou auroque, está extinto, mas no Antigo Testamento é uma imagem familiar para a força

(por exemplo, Deut. 33:17; Sl. 92:10). Seu poder e afastamento fizeram com que fosse o jogo de prêmios para caçadas reais no antigo Egito. Sem dúvida, esse animal era visto por muitos humanos como um grande recurso potencial para atividades como arar e transportar materiais. Os auroques, no entanto, não abririam mão de sua liberdade por uma vida de trabalho domesticado. Por mais que os humanos quisessem aproveitar sua força prodigiosa para seus próprios propósitos, os auroques não seriam domados por eles. Do ponto de vista humano, esta é uma rica fonte de energia que não dá em nada, mas era assim que os auroques funcionavam dentro do mundo de Javé. Mais uma vez, Jó tem que perceber que a vida como Yavé a projetou não gira em torno das preocupações humanas, então humanos como Jó não estão em posição de falar definitivamente sobre como Javé deve governar seu mundo.

### Cavalos no Antigo Oriente Próximo e no Antigo Testamento

Os cavalos foram provavelmente domesticados pela primeira vez na Ásia Central por volta de 4000 a.C., e o primeiro registro escrito de cavalos domados na Mesopotâmia data de cerca de 2300 a.C. A partir de 1600 a.C., carruagens puxadas por cavalos são atestadas como sendo usadas pelos hititas e egípcios.

Quando os israelitas deixaram o Egito, foram perseguidos pelo faraó e suas forças de carruagem (Exod. 14). Mais tarde, depois que os israelitas se estabeleceram na terra prometida, eles foram afligidos pelos cananeus, que tinham a vantagem militar distinta das carruagens de ferro (Josu. 11:4–9; Judg. 4:1–3). O primeiro rei israelita a empregar cavalos e carros foi Salomão, cujo acúmulo militar desobedeceu à ordem de Javé em Deut. 17:16. Tanto Israel quanto seus inimigos usaram cavalos extensivamente em suas batalhas.

Frequentemente, o Senhor advertiu Seu povo contra colocar sua confiança em recursos militares, como cavalos (Is. 30:16; 31:1). Em vez disso, eles deveriam confiar no Senhor para sua defesa (Sl. 20:7; 33:16–19).

**39:13–18** *Ela não se importa que seu trabalho tenha sido em vão.* A descrição de Javé do avestruz em 39:13-18 revela um pássaro que parece tão inclinado à ineficiência que nos faz rir.[60] A mãe avestruz põe seus ovos na areia, o que pode colocar seus filhotes em risco (39:14-15; cf. Lam. 4:3). Ela é facilmente distraída, então ela parece negligenciar seus filhotes (39:16), embora isso também possa ser interpretado como uma estratégia para afastar os predadores deles. O avestruz não recebeu sabedoria ou bom senso de Deus (39:17), por razões que só ele conhece. Tem, no entanto, grande

velocidade, o que lhe permite fugir de um cavalo. Na verdade, os avestruzes foram cronometrados correndo a cinquenta quilômetros por hora, e eles também têm grande capacidade de manobra. Essas características enigmáticas do avestruz fazem com que os humanos coçam a cabeça e se perguntem por que Javé fez isso como ele fez. A aparente ineficiência do avestruz contrasta com o sistema arrumado da teologia da retribuição, em que tudo na vida é explicado em termos simples e lógicos.

**39:19–25** *Você dá força ao cavalo?* Em 39:19–25, Javé pinta uma magnífica imagem de palavras de um incrível cavalo de guerra. Este é o único animal nesta seção que não é selvagem, mas mesmo que tenha sido treinado por humanos para uso em batalha, ainda é aterrorizante de se ver (veja a barra lateral). No calor do conflito, o cavalo de guerra não é completamente dominado pelo seu cavaleiro, porque pode tornar-se imprudente na sua ânsia de batalha (Jr. 8, 6). Suas características poderosas não são o resultado de seu treinamento por humanos, porque os humanos podem aproveitar apenas em parte o poder que Javé deu a este animal. Nenhum ser humano pode assumir o crédito pela eficácia do cavalo de guerra.



Em 39:21–22, Javé descreve um cavalo de guerra como entrando na briga, "sem medo de nada", como a imagem capturada neste relevo assírio de uma carruagem puxada por cavalos indo para a batalha (palácio em Nínive, 645–635 a.C.).

**39:26–30** *O falcão levanta voo pela sua sabedoria?* Jó 39:26–30 apresenta o falcão e a águia, que voam muito acima do domínio dos humanos. Nenhum ser humano, como Jó, os ensinou a voar, mas sua habilidade soberba vem de Javé. Essas aves de rapina vivem em lugares inacessíveis que os humanos não podem se aproximar (39:28), e nenhum humano pode dizer-lhes quando voar ou onde nidificar (39:27). O falcão e a águia demonstram que há muito no projeto de Javé para o mundo que os humanos não conhecem ou controlam.

Jó, então, deve perceber que há muito que ele deve deixar com Javé, no reino do mistério.

**Insights teológicos** Na Bíblia, os professores de sabedoria geralmente apontam para aspectos da natureza a partir dos quais o aprendiz pode descobrir padrões para entender a vida. Em Provérbios 6:6–11, a observação da formiga revela que os humanos precisam ser diligentes em vez de preguiçosos. Em Mateus 6:26–34, Jesus dirige a atenção para os pássaros e as flores, a fim de ensinar que Deus provê todas as necessidades daqueles que buscam primeiro o seu reino e a sua justiça. Quando Javé instrui Jó, no entanto, ele usa a natureza de uma maneira diferente. Suas perguntas obrigam Jó a olhar para a natureza e reconhecer o que não sabe. Como resultado, Jó tem que admitir os limites de seu entendimento, para que ele confie em Javé, que entende todas as coisas, incluindo o que ele está fazendo na vida de Jó.

## Ensinando o texto

No capítulo 39, quando Javé questiona Jó sobre vários animais, torna-se cada vez mais evidente que Jó, como humano, entende pouco sobre cada um dos animais citados por Javé, e ele é ainda menos capaz de controlá-los. Todos os animais podem ser observados à distância por Jó, mas sua compreensão de como eles vivem é muito limitada. O interrogatório persistente de Javé e as descrições dos animais obrigam Jó a reconhecer que ele é virtualmente ignorante sobre partes consideráveis do mundo de Deus. Além disso, Jó não tem capacidade de controlar o que os animais fazem, porque eles funcionam separados dos humanos. Mesmo quando os humanos domesticaram animais para seu próprio uso, os animais mantêm o potencial de afirmar sua própria vontade e fazer o que quiserem.

Jó pode muito bem ter visto a cabra da montanha, ou ibex, pulando sobre os penhascos. O ibex, no entanto, mantém distância dos humanos, então Jó não pode observar quando ele tem seus filhotes, ou mesmo calcular quanto tempo é o período de gestação. Embora Jó possa observar algumas das ações desse animal, ele sabe pouco sobre seus hábitos. Como seus filhotes nascem, como amadurecem e quando partem por conta própria são mistérios para Jó, mas essas coisas são totalmente compreendidas por Javé.

Algumas das criaturas de Deus fazem pouco sentido para os humanos. As pessoas olham para o avestruz e riem, porque percebem que é irrefletido,

descuidado e tolo. É o que acontece, porque Deus não dotou o avestruz de sabedoria e bom senso. No plano divino, nem tudo foi pensado para funcionar com eficiência, como bem demonstra o avestruz. No entanto, Deus também permitiu que o avestruz escapasse de predadores e humanos com a intenção de capturá-lo, dando-lhe velocidade incomum e capacidade de manobra especializada. O avestruz é a lição objetiva de Deus para nós de que Ele trabalha de maneiras que podem escapar do nosso entendimento, mas que Ele sabe o que está fazendo. Portanto, precisamos confiar Nele mesmo quando não podemos compreender todos os Seus caminhos.




Javé usa exemplos do reino animal para mostrar a Jó que só Javé entende e controla todas as coisas. Essa ideia de exercer controle sobre o mundo animal é ilustrada em cenas conhecidas como "dona" ou "amante dos animais". Este vaso de meados do terceiro milênio a.C. mostra uma figura feminina entre dois grandes gatos

enquanto segura uma grande serpente em cada mão. Se isso representa uma divindade, um herói ou um sacerdote está em debate, mas é claro que essa figura está exercendo domínio e poder.

Esses exemplos do mundo animal ensinam a Jó, e nos ensinam, algumas verdades fundamentais que precisamos ter esclarecidas em nossas mentes. O plano de Javé inclui mais do que apenas preocupações humanas. Há muitos aspectos da vida que nós, humanos, podemos entender apenas em parte. A capacidade dos humanos de controlar a vida é limitada, porque Javé não colocou tudo sob nosso domínio. Portanto, devemos perceber que existem limites significativos para o que podemos saber e controlar em nossas vidas. Em vez de supor que compreendemos perfeitamente até mesmo nossa própria experiência, devemos estar dispostos a confiar em Javé, que sozinho conhece e controla todas as coisas.

## Ilustrando o texto

***O plano de Javé abrange mais do que apenas preocupações humanas.***

Bíblia: Faça referência a algumas passagens da Bíblia que mencionam pardais e pássaros do céu, como Salmos 84:1–4; Mateus 6:25–26; ou Mateus 10:29–30. Saliente que costumamos ler essas passagens para nos assegurar de que somos de valor para Deus, e as passagens claramente carregam isso como sua mensagem principal. No entanto, essas passagens também mostram que até mesmo os cânticos de bem-estar e adoração dessas menores criaturas importam para Deus e têm um lugar em seu plano para a criação. Sua sabedoria e providência administram estações e colheitas para eles também, e ele ouve seus gemidos junto com toda a criação para a redenção que ele trará em Cristo (Rm 8:9). A boa notícia é que, se Deus cuida perfeita e brilhantemente de criaturas tão pequenas, certamente temos certeza de que Ele fará muito mais por nós. A notícia muito humilhante, no entanto, é que sua resposta às nossas necessidades não é apenas sobre nós; Também leva em consideração pardais, ibex, nações e nebulosas distantes, todos dando glória a ele. Deus nunca nos rejeitará dizendo que tem peixes maiores para fritar, mas também nunca nos dirá que o mundo gira em torno de nós.

***Mesmo um olhar superficial ao redor do mundo criado deve nos fazer saber que não estamos no comando ou totalmente "no conhecimento".***

Ciência: Reserve um tempo para compartilhar um ou dois fatos científicos interessantes sobre os níveis ocultos de complexidade por trás até mesmo de um fenômeno natural aparentemente simples que é relevante para seus ouvintes. Por exemplo, cerca de duzentos músculos estão envolvidos em dar um único passo; ou considere que vinte aminoácidos se combinam para formar mais de cinquenta mil proteínas diferentes no corpo humano. Lembre aos ouvintes que Jesus disse que até os cabelos de nossas cabeças estão contados (Lucas 12:7) e que a ciência estima que esse número seja bem mais de cem mil na cabeça média de jovens adultos. Se há tantas coisas que não sabemos sobre o que está acontecendo com nossos próprios corpos, quanto mais está acontecendo no mundo ao nosso redor ou em reinos espirituais que estão além de nosso alcance e, no entanto, totalmente conhecidos por Deus? Desafie os ouvintes a passar algum tempo assistindo a programas ou lendo livros para encontrar exemplos semelhantes da maravilha da natureza e da magnífica complexidade dos sistemas que encontramos no mundo criado.

Histórias pessoais: Reserve um tempo para contar sobre uma época em que você foi forçado a olhar para o mistério e admitir o quão pouco você realmente entendia sobre o que Deus estava fazendo em sua vida. Fale sobre como foi admitir sua própria ignorância e seus sentimentos de perda e pânico que estavam relacionados a esse tipo de desamparo. Em seguida, preste testemunho sobre como você descobriu que a dependência de Deus, que é onisciente e bom, o moldou, e como aceitar o mistério e descansar nas mãos do Antigo dos Dias é uma experiência construtiva, especialmente em tempos de sofrimento ou perda como o de Jó.

---

60º. Uma descrição sucinta dos hábitos peculiares do avestruz é dada em Walton, *IVP Bible Background Commentary*, 510.

## Emprego 40

# Javé dirige a atenção de Jó para o gigante

## Big Idea *Job não está em posição de pôr em causa a justiça de Javé.*

## Temas-chave do trabalho 40

- Jó está começando a sentir o efeito das perguntas de Javé.
- Javé define a questão central para Jó.
- Jó é incapaz de controlar o mundo, como só Javé faz.
- Yahweh aponta para Behemoth como uma demonstração vívida de como Jó é limitado dentro do mundo de Yahweh.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Depois de fazer a Jó inúmeras perguntas sobre seu conhecimento dos domínios físico e animal não vivos (Jó 38–39), Javé pergunta se Jó está qualificado para instruí-lo (40:1–2). Jó responde com uma resposta tímida e evasiva (40:3-5). Javé, então, desafia Jó a ouvi-lo novamente (40:6–14). Ele dirige a atenção de Jó para Behemoth como um exemplo especialmente incrível da obra criativa divina (40:15-24). Nos capítulos 38 e 39, Javé se concentrou em um grande número de características incognoscíveis no mundo natural. Agora, a partir de 40:6, Javé amplia para ver intensamente duas criaturas, Behemoth (cap. 40) e Leviathan (cap. 41). No primeiro conjunto de perguntas de Javé, Jó aprendeu que não consegue compreender a ordem de Javé no mundo. Ao considerar Behemoth e Leviathan, Jó percebe que Yahweh controla totalmente todas as ameaças à sua ordem.

**Contexto histórico e cultural** A descrição do Behemoth em 40:15-24 tem uma série de paralelos com artefatos na arte e literatura egípcia e ugarítica (cananeia). No Egito, há muitas imagens antigas e referências literárias ao hipopótamo, e este enorme animal também era conhecido por existir na Palestina naquela época da história. Muitas das características contidas nas palavras de Javé a Jó se encaixariam bem no hipopótamo, especialmente sua vida na água (40:21-23). Na literatura ugarítica, o Leviatã (que Javé discutirá no cap. 41) é uma besta mitológica, de modo que alguns estudiosos consideraram tanto o Behemoth no capítulo 40 quanto o Leviatã como símbolos mitológicos do caos, em vez de como animais literais como os dos capítulos 38 e 39. Em ambos os casos, Javé afirma claramente que está no controle até mesmo dessas bestas, que nenhum humano pode dominar.



A descrição de Javé do Behemoth (40:15–24) contém muitas características do hipopótamo, que era considerado um animal muito poderoso e perigoso. Amuletos de hipopótamos, como o mostrado aqui (1800 a.C.), foram colocados em túmulos egípcios para permitir que o falecido exercesse controle sobre essa besta.

**Insights Interpretativos 40:2** *Aquele que contende com o Todo-Poderoso o corrigirá?* Essa pergunta ecoa as palavras anteriores de Javé a Jó em 38:2. Javé se recusa a ser colocado na defensiva, respondendo às acusações e

reclamações de Jó. Em vez disso, ele coloca o ônus da prova diretamente sobre Jó, quando ele pergunta se Jó está qualificado para instruí-lo. Se Jó não pode responder às perguntas de Javé, então ele não tem legitimidade para reprovar Javé. Jó, então, deve responder às perguntas que Javé lhe faz e, por esse meio, mostrar que ele tem compreensão suficiente para chamar Javé à responsabilidade, ou então ele deve admitir que não pode responder às perguntas divinas. Se esse for o caso, então Jó será obrigado a ceder à sabedoria superior de Javé, em vez de encontrar culpa nele.

**40:4–5** *Eu sou indigno — como posso responder a você? Coloquei a mão sobre a boca.* Os intérpretes tomaram a resposta de Jó a Javé em 40:4–5 de duas maneiras contrastantes.[61] Alguns vêem isso como o humilde reconhecimento de Jó de que ele estava errado. Essa representação implicaria que Javé concorda com os amigos que Jó pecou. No entanto, em 42:7–9 é evidente que Javé afirma Jó como certo contra os amigos, que estão errados. Outros intérpretes afirmam, com razão, que Jó diz que ele é "pequeno" e não que pecou, como os amigos insistiram. Essa visão vê Jó começando a se afastar de argumentar contra Javé e começando a aceitar o que Javé fez em sua vida. Como a resposta de Jó é apenas provisória, Javé segue com uma segunda rodada de perguntas e observações em 40:6–41:34, o que leva à resposta final de Jó em 42:1–6.

Jó se descreve como indigno ou insignificante, e não como certo ou errado. Ele não reitera sua alegação anterior de inocência, mas também não se retrata do que disse antes. Ele diz que não vai acrescentar ao que disse anteriormente, mas também não retoma. Jó está começando a sentir o efeito cumulativo das perguntas de Javé, que ele não pode responder, e isso o está movendo em direção à humildade. Jó está começando a perceber que há muitos aspectos do mundo de Javé que ele não entende, e é provável que sua própria experiência também esteja nessa área de mistério. A resposta de Jó neste momento ainda não resolve a questão, mas é um passo nessa direção.

**40:7** *Prepare-se como um homem; Eu vou te questionar, e você vai me responder.* Como em 38:3, Javé novamente desafia Jó a se levantar, a se preparar para atividades extenuantes. Esse interrogatório renovado exigirá todos os esforços que Jó puder reunir, já que Javé o matriculou em um curso de pós-graduação na escola divina da sabedoria. Usando a conhecida imagem bíblica de cingir a própria veste inserindo-a no cinto (Cf. Exod. 12:11; 1 Reis 18:46; Jr. 1:17; 1 Pe 1:13 KJV), Javé exorta Jó a preparar-se para um formidável desafio intelectual e teológico.

**40:8** *Você desacreditaria minha justiça? Você me condenaria a me justificar?* Jó disse anteriormente (27:2; cf. 9:24) que Deus lhe negou justiça, aparentemente argumentando a partir do pressuposto da teologia da retribuição que sua inocência não merece a adversidade que recebeu. Javé agora põe em causa a legitimidade da argumentação de Jó. Se Jó é inocente, é necessariamente o caso de Javé ter sido injusto? Existe outra alternativa? Javé coloca a questão central: ele tem que ser injusto para que Jó seja justificado? Implicitamente, Javé está dizendo que Jó pode estar intrigado com o que Javé está fazendo, mas que Jó não está em posição de repreendê-lo.

**40:9–13** *Você tem um braço como o de Deus, e sua voz pode trovejar como a dele?* Em Êxodo 15:16 e Salmo 44:3, o braço de Deus é uma imagem para o seu poder. A pergunta de Javé aqui implica que Jó não pode mais exercer julgamento moral do que ele pode controlar o mundo natural. Os capítulos 38 e 39 já mostraram que Jó é inadequado em seu conhecimento do mundo natural, e ele é incapaz de controlá-lo. Em 40:10–13, Javé desafia Jó com comandos impossíveis que nenhum ser humano pode cumprir. A conclusão lógica é que Jó é totalmente desqualificado para culpar Javé. Jó não é Javé, e ele não pode fazer o que o Senhor Soberano faz.

**40:14** *Então eu mesmo admitirei a você que sua própria mão direita pode salvá-lo.* Supondo que Jó não pode cumprir o que os mandamentos divinos nos versículos 10–13 exigem, Javé conclui que ele não cederá a Jó. Jó não pode governar o mundo pela justiça, porque ele não é igual a Javé. Jó não pode exercer autoridade no mundo físico, por isso não deve tomar para si a responsabilidade de ditar a Javé como administrar o reino moral da vida. Jó não tem motivos para culpar Javé por escolher não agir como a fórmula de retribuição exige. Javé sustenta que só ele está no controle, e ele não tem intenção de ceder sua autoridade a Jó ou a qualquer outro ser humano.

**40:15–24** *Olhe para Behemoth, que eu fiz junto com você.* Estudiosos têm debatido extensivamente a identidade deste animal. O termo "Behemoth" é a forma plural para a palavra hebraica genérica para um animal. O número plural provavelmente tem uma força intensa, fazendo com que signifique "a grande besta". A linguagem em 40:15–24 descrevendo Behemoth faz paralelos em muitos aspectos como os animais literais são retratados em Jó 38–39. Behemoth tem características físicas poderosas (40:16-18), exerce domínio sobre outros animais (40:19-22), e é destemido diante de rios furiosos (40:23) e humanos (40:24). Muitas vezes foi tirado para fotografar o

hipopótamo, mas outras sugestões incluem o búfalo de água, o elefante, ou um monstro marinho mitológico. Mesmo que o Behemoth não possa ser controlado pelos humanos, Javé o fez e o controla com segurança, para que não seja uma ameaça à ordem divina no mundo (40:19). Somente Javé tem poder suficiente para dominar essa parte formidável de sua criação. Behemoth, como Jó, é uma criatura que funciona dentro do mundo de Javé e sob a autoridade de Javé.



Em 40:24, Javé pede a Jó que fotografe tentando capturar e domar Behemoth. Esta criatura tradicionalmente tem sido ligada ao hipopótamo; neste relevo da

tumba egípcia, homens em barcos com arpões e cordas estão caçando vários deles (túmulo de Ka-gemni, Saqqara, Egito, ca. 2321–2290 a.C.).

**Insights teológicos** A Bíblia frequentemente usa o dispositivo literário da personificação para comunicar, em termos compreensíveis para os seres humanos, aspectos do ser e da atividade de Deus. Por exemplo, Javé pergunta a Jó em 40:9 se ele tem um braço como o de Deus e se sua voz pode trovejar como a de Deus. O braço ou a mão de Deus fala de seu poder (Êx. 6:6), e sua voz representa sua comunicação. De maneira semelhante, o olho do Senhor é uma imagem para o seu conhecimento (Sl. 33:18). Seu ouvido indica sua abertura para ouvir (Sl. 17:6). O ombro do Senhor é um retrato de sua aceitação da responsabilidade (Is. 9:6). Todas essas personificações fazem uso de aspectos familiares do corpo humano para comunicar como Javé, que não está confinado por um corpo físico, age.

## Ensinando o texto

À medida que o livro avança rapidamente em direção à sua conclusão, torna-se cada vez mais evidente que Jó não está em posição de colocar Javé em questão. Anteriormente, na seção de diálogo, Jó fez várias declarações sobre Deus ao vê-lo através das lentes da teologia da retribuição e de sua própria experiência de adversidade. Enquanto Jó mantinha sua inocência, ele veio reclamar que Deus não o havia recompensado com a bênção que ele merecia. Javé ainda não está pronto para pronunciar seu veredicto sobre a alegação de inocência de Jó, mas ele rebate a implicação de Jó de que, se ele é inocente, então Deus deve ser injusto com ele. Por seu questionamento persistente, Javé demonstra que Jó sabe muito menos do que ele pensa que sabe e que Jó pode controlar muito pouco no mundo. Quando somos tentados a reclamar contra Deus ou a questionar Seus caminhos em nossas vidas, devemos lembrar que também somos limitados em nosso conhecimento. Porque não podemos compreender tudo o que Deus está fazendo, devemos confiar Nele para agir de acordo com Seu caráter justo e sábio.

Javé define a questão central para Jó e para o leitor. Jó, trabalhando no âmbito da teologia da retribuição, ligou a justiça de Javé à sua própria justiça. Para o pensamento de Jó, se ele foi justo, e ele está confiante de que foi, então Javé não foi apenas para ele. Ao perguntar a Jó: "Você desacreditaria minha

justiça? Você me condenaria a me justificar?" Javé abre a possibilidade de haver outra alternativa que Jó não considerou para explicar essa situação. Isso exigiria que o princípio da retribuição fosse alterado. Talvez a adversidade de Jó se deva a algum outro motivo que transcenda a fórmula da retribuição. Assim como daremos a alguém em quem confiamos o benefício da dúvida, também precisamos ter cuidado para não pular para o julgamento contra o Senhor. Pode muito bem haver mais acontecendo no plano sábio de Deus do que o que podemos entender e apreciar no momento.

Javé deixa dolorosamente evidente que Jó é incapaz de controlar o mundo, porque essa é apenas a prerrogativa de Javé. Porque Jó não pode fazer o que Javé faz, Javé não precisa ceder às exigências de Jó. É Jó quem precisará se curvar a Javé, e não o contrário. Somos sempre criaturas que vivem no mundo do Criador, por isso devemos aceitar humildemente o nosso lugar no desígnio soberano de Deus para o seu mundo.

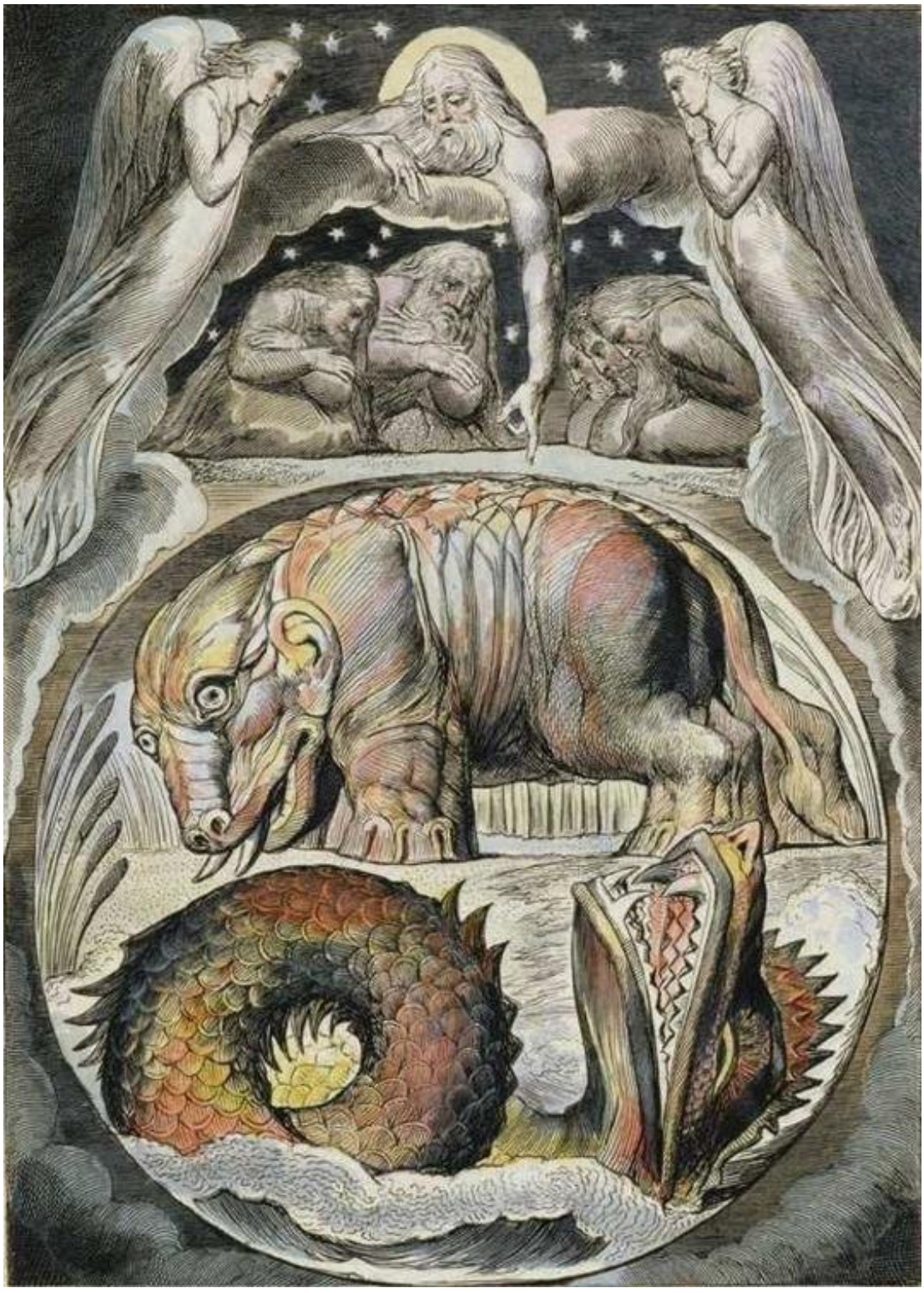
Javé obriga Jó a olhar para Behemoth, um animal não especificado, mas incrível. Esta poderosa besta não pode ser vencida por outros animais ou por humanos, e mesmo os rios revoltos não a frustram. Este animal é novamente um lembrete vívido para Jó de quão limitado ele é no mundo de Javé. Ele é o maior de todos os homens do Oriente, mas comparado com o Senhor, Jó tem conhecimento irrisório e poder fraco. Ao vislumbrarmos a grandeza do mundo de Deus, também devemos reconhecer que somos dependentes dEle.

## Ilustrando o texto

***Mesmo as maiores pessoas são débeis quando comparadas ao Deus vivo.***

Filme: Faça referência a um filme de super-herói popular que será familiar para seus ouvintes. Você pode querer experimentar um herói clássico, como Superman, Homem-Aranha ou Capitão América. Reserve um tempo para listar alguns dos atributos que o herói tem que são nobres, e como eles são amplificados pelos poderes e responsabilidades sobre-humanos do herói. Então note que a maioria dos heróis e deuses de todas as idades deste mundo são realmente apenas versões maiores da humanidade. Eles podem ter habilidades, estatura, poderes e longevidade além do que é natural para os humanos, mas são, no entanto, governados basicamente pelos mesmos motivos, necessidades, falhas e instintos que atormentam a humanidade. Compare isso com o Deus da Bíblia, que obviamente *não* é uma invenção da

imaginação humana. Reflita sobre as maneiras pelas quais a sabedoria, o poder e a justiça do Senhor diferem quantitativa e qualitativamente da nossa. Compare os milagres de Deus com as façanhas do herói em questão e mostre como o Deus da Bíblia não está nem no mesmo campo de jogo com os heróis e deuses desta época.



Behemoth e Leviathan, do Livro de Jó de William Blake (placa 15, ca. 1793, gravura em linha colorida à mão)

Texto do Hino: Leia em voz alta o texto do hino "Imortal, Invisível" para a congregação, fazendo uma pausa para expor o significado de certas linhas ou

para deixar seu significado afundar. Pergunte se o Deus descrito pelo autor do hino é algo parecido com o Deus que eles vieram adorar e experimentar. Se não, pergunte por que os humanos são tentados a diluir a majestade de Deus e o que perdemos quando perdemos de vista seu poder e grandeza indescritíveis.

***Mesmo a inocência moral não dá ao ser humano o direito de julgar a justiça de Deus.***

Bíblia: Considere a resposta de Jesus à vontade do Pai no jardim de Gesthemane e na paixão. Ao contrário de todos os outros seres humanos, Jesus realmente estava sem pecado e estava totalmente acima de qualquer reprovação moral. No entanto, ele não usou essa inocência como base de qualquer queixa contra a vontade de seu Pai ao enviá-lo à cruz. Em vez disso, ele submeteu sua vontade às três vezes do Pai e obedientemente ofereceu seu corpo por castigo imerecido, sem queixas ou resmungos. Se alguma vez houve uma pessoa inocente cuja integridade lhe conferiu o direito de reclamar de sofrimento imerecido, foi Jesus. No entanto, mesmo ele se recusou a difamar a justiça de seu Pai ou questionar o direito de seu Pai de insistir que ele carregasse uma cruz que ele não havia ganhado.

Bíblia: Reflita sobre o texto do Pai Nosso, prestando especial atenção às palavras "Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade, na terra como no céu". Lembre aos ouvintes que os cristãos se submetem à realeza de Deus e concordam em viver sob o domínio de sua justiça, por mais insondável que possa parecer às vezes. Convide-os a juntarem-se a vocês na oração, talvez com pausas para reflexão. Peça-lhes que considerem se estão resmungando contra a vontade de Deus ou julgando Sua justiça por seus próprios padrões, e peça-lhes que incluam isso na seção "perdoai-nos nossas dívidas" da oração.

---

61º. Clines, *Jó 38–42*, 1139–40, discute várias das principais interpretações da resposta de Jó a Javé em 40:4–5.

## Emprego 41

# Javé aponta emprego para o Leviatã

## O Leviatã da Grande Ideia *não pode ser controlado por Jó, mas está sob o controle de Javé.*

## Temas-chave do trabalho 41

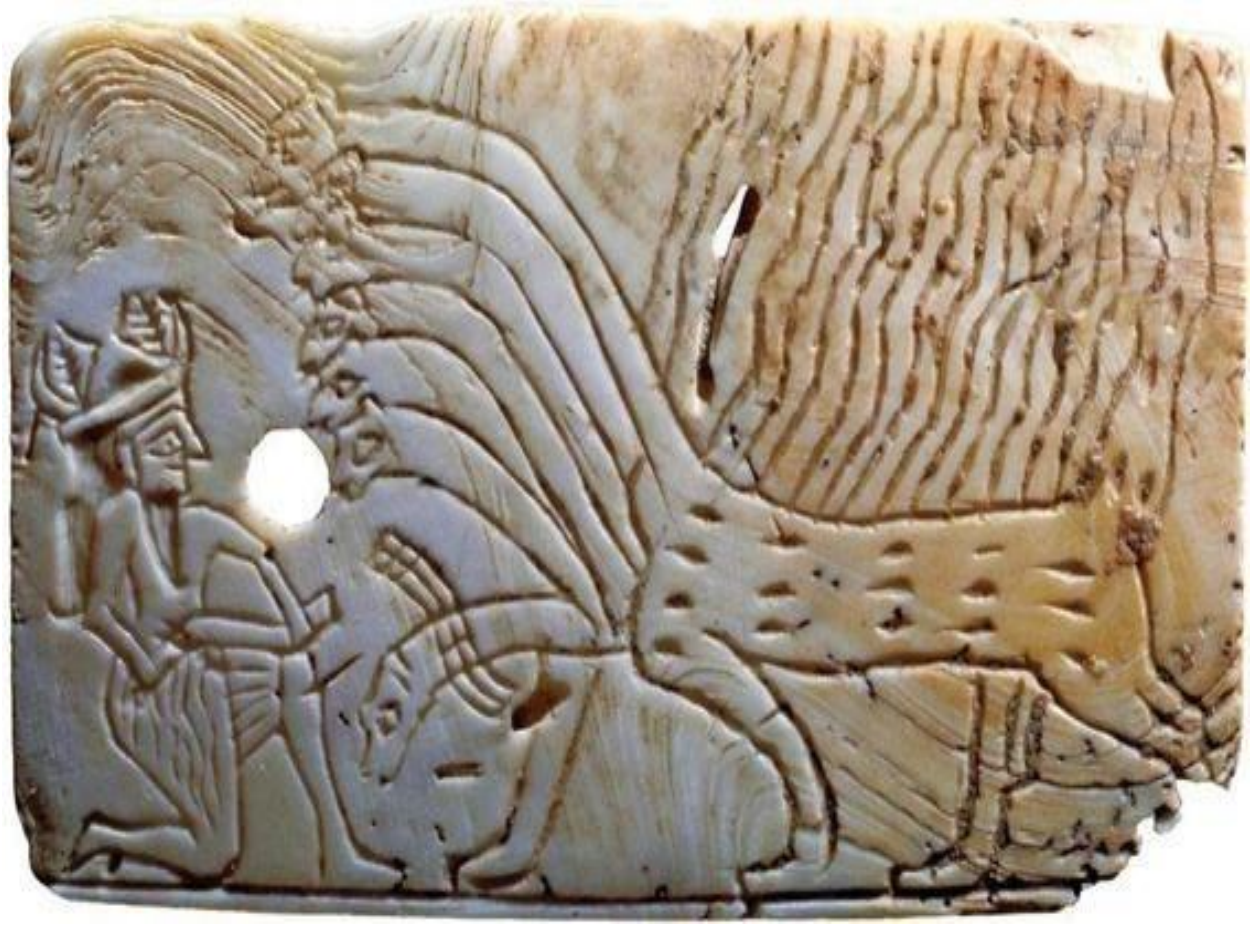
- Javé ensina que, como Jó não pode domar ou subjugar o Leviatã, ele certamente não pode controlar o que Javé faz em seu mundo.
- Javé descreve o Leviatã como impermeável a todas as tentativas humanas de controlá-lo.
- Javé revela as características formidáveis do Leviatã.
- A autoridade de Javé abrange todas as criaturas debaixo do céu, incluindo Leviatã e Jó.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** O tão esperado discurso de Javé a Jó nos capítulos 38–41 culmina com a emocionante descrição de Javé da criatura marinha Leviatã (Jó 41). Depois da enxurrada de perguntas sem resposta de Javé, esta lição final de objeto finalmente murcha os vestígios restantes da resistência de Jó, de modo que ele responde humildemente a Javé em 42:1–6. Tudo o que resta depois da resposta de Jó é o epílogo (42:7-17), no qual Javé afirmará a inocência de Jó e restaurará uma medida completa de bênção a Jó.

**Contexto histórico e cultural** Na literatura mitológica ugarítica (cananeia), Lotan era uma criatura marinha retorcida com sete cabeças que foi derrotada por Baal. A descrição do Leviatã em Jó 41, bem como referências a ele em Salmos 74:14 e Isaías 27:1, provavelmente toma emprestada essa imagem antiga familiar para se referir a qualquer fator que ameace trazer desordem ao mundo de Javé.

A Bíblia, no entanto, é muito clara que Javé triunfou sobre o Leviatã e até chegou a jogar no mar (Sl. 104:26). Em Apocalipse 12:3–9, a derrota de Satanás é retratada com o mesmo tipo de imagem, como um grande dragão com sete cabeças é lançado do céu pelo anjo Miguel. Consequentemente, na história da interpretação bíblica cristã, o anticristo enquanto causa estragos na terra é frequentemente descrito como cavalgando sobre o Leviatã.[62º]



No mundo antigo, o Leviatã era visto como um monstro que ameaçava desencadear o caos no mundo. Esta escultura de concha retrata um monstro de sete cabeças com chamas disparando de suas costas. Uma divindade se ajoelha diante da poderosa criatura, pronta para a batalha.

**Insights Interpretativos 41:1** *Você pode puxar o Leviatã com um anzol ou amarrar sua língua com uma corda?* Mais uma vez, Javé faz uma pergunta retórica que espera uma resposta negativa de Jó. O Leviatã não é uma truta ou baixo que pode ser capturado com um gancho e linha. Esta feroz criatura marinha apresentada na antiga literatura mitológica do Oriente Próximo é forte demais para qualquer humano derrotar.

O Leviatã está claramente fora do alcance do controle de Jó.

**41:3–5** *Continuará implorando por misericórdia?* Nos versículos 3–5, Javé usa o humor para reforçar na mente de Jó o quão ridículo e fútil seria para qualquer humano supor que ele pudesse domar o Leviatã. Essa criatura poderosa dificilmente pediria a Jó que fosse gentil com ela (41:3). Não há chance de que ela se submeta voluntariamente a tornar-se escrava (41:4; cf. Exod. 21:6). Jó seria tão bobo a ponto de pensar que poderia treiná-lo como um animal de estimação para uma garotinha liderar com uma coleira (41:5)? Não, o Leviatã é poderoso demais para um ser humano como Jó controlar.

**41:10** *Ninguém é feroz o suficiente para despertá-lo. Quem, então, é capaz de se colocar contra mim?* Javé aqui argumenta do menor para o maior. Nenhum ser humano pode domar o Leviatã (cf. 3, 8), então como alguém poderia esperar obrigar Javé a agir de maneira particular? No capítulo 31, Jó expôs sua defesa legal e, em seguida, desafiou Javé a respondê-lo. Javé afirma agora que ninguém pode apresentar um processo contra ele no tribunal (cf. 33:5), nem mesmo Jó. A autoridade de Javé é tão suprema que ele não é obrigado a se submeter a qualquer intimação que os humanos possam fazer contra ele. Jó, portanto, não será capaz de forçar Javé a indicar sua inocência por meio de sua estratégia de confissão negativa. Os planos mais bem traçados de Jó não darão em nada diante do Deus Soberano.

### Linguagem mitológica na Bíblia

A extensa descrição do Leviatã em Jó 41, com suas evidentes alusões à literatura mitológica antiga, levanta algumas questões teológicas e interpretativas importantes. No mundo antigo, o Leviatã era amplamente visto como um monstro mítico que ameaçava o caos, mas foi derrotado pelo deus cananeu Baal. Quando Javé e outros na Bíblia se referem ao Leviatã, eles não estão alegando que os mitos cananeus eram relatos factuais; em vez disso, eles usaram essa criatura como um símbolo literário familiar de resistência ao domínio divino. Dessa forma, eles foram capazes de tornar seu ponto compreensível para as pessoas no antigo Oriente Próximo.

Da mesma forma, os pregadores de hoje podem citar um personagem em um livro ou filme de ficção para fazer um ponto retórico poderoso. Mesmo que eles possam se referir a personagens fictícios como Cinderela, Darth Vader ou Frodo, todos percebem que não estão afirmando que esses personagens literários realmente existiram como pessoas reais. Em vez disso, falantes eficazes usam linguagem vívida para aumentar o efeito retórico de suas mensagens.

**41:11** *Tudo debaixo do céu me pertence.* Por mais formidável que seja o Leviatã, ele está sob o domínio de Javé, porque tudo debaixo do céu lhe

pertence (Cf. Sl. 24:1; 50:10). Jó é incapaz de domar o Leviatã (41:1–9), mas Javé o controla completamente. Claramente, então, Jó não é igual a Javé, então ele terá que se submeter diante do Senhor do mundo inteiro, assim como Leviatã deve.

**41:12** *Não deixarei de falar dos membros do Leviatã.* Com essas palavras, Javé começa uma descrição extensa e detalhada das incríveis características do Leviatã. Em alguns aspectos, o Leviatã parece o crocodilo, mas outros detalhes sugerem um animal mais fantástico, como os dragões que respiram fogo dos mitos. Esse retrato vívido nos versículos 12-32 produz choque e admiração em Jó, e mesmo os leitores de hoje não podem deixar de ficar impressionados com a grandeza e o poder dessa incrível criatura. Nenhum outro animal pode igualá-lo.

**41:15–17** *eles se apegam e não podem ser separados.* Nos versículos 15–17, as escamas do Leviatã são descritas como impenetráveis, como uma fileira de escudos que são selados juntos. Ninguém é capaz de mergulhar uma espada entre as escamas em um esforço para matá-la. Mais tarde, nos versículos 23–29, o Leviatã é descrito como não tendo nenhuma vulnerabilidade que possa ser explorada enquanto os humanos tentam derrotá-lo. Claramente, será necessário poder e habilidade sobrenaturais para derrubar essa criatura. Só Javé está à altura deste desafio.



Javé descreve as costas do Leviatã como sendo como fileiras de escudos firmemente presos (41:15–17). Este relevo, que mostra guarda-costas assírios posicionados com seus escudos fazendo uma defesa impenetrável, é um retrato da inexpugnabilidade do Leviatã (palácio em Nínive, 640-620 a.C.).

**41:18–21** *Seu hálito incendeia brasas.* A descrição do Leviatã nos versículos 18–21 como respirando fogo não é adequada para nenhum animal literal. Por essa razão, parece melhor ver o Leviatã como uma alusão literária a uma criatura fantástica como um dragão. Essa criatura estaria completamente além do alcance de experiência ou controle de Jó.

**41:26–29** *ri do barulho da lança.* Assim como o burro selvagem ri desdenhosamente da cidade (39:7) e o avestruz ri do cavalo e do cavaleiro que procuram pegá-la (39:18), também o Leviatã ri do guerreiro que tenta atacá-la. Todos os esforços humanos para domar ou derrotar este animal são ineficazes e ridículos. No entanto, embora o Leviatã seja impermeável aos esforços humanos para controlá-lo, ele está firmemente sob o controle soberano de Javé (41:11).

**41:33** *Nada na terra é igual — uma criatura sem medo.* O Leviatã é destemido, porque não tem predador nem igual na terra. É evidente, então, que Jó deve ser inferior a esse animal poderoso. No entanto, o Leviatã é uma criatura que está sob a autoridade de Javé, seu criador. Se Javé é Senhor sobre o Leviatã, então ele certamente é Senhor sobre a vida de Jó também. Assim como Jó deve reconhecer sua inferioridade diante do Leviatã, também ele deve aceitar seu status subordinado diante de Javé. O mundo ordenado de Javé inclui até mesmo criaturas indisciplinadas, como o Leviatã, que Jó não pode controlar. Javé, no entanto, está totalmente no controle, então Jó deve aceitar humildemente seu lugar subordinado diante de Deus.

**41:34** *Despreza todos os que são altivos, é rei sobre todos os que se orgulham.* O Leviatã não tem páreo no mundo criado. É mais poderoso até do que os humanos, que se orgulham de suas próprias conquistas, e não se submeterá ao seu controle. No entanto, o poderoso Leviatã deve se curvar diante de Javé, a quem tudo pertence (41:11).

**Insights teológicos** No mundo antigo, os deuses pagãos eram tipicamente vistos como governando áreas locais específicas. Por exemplo, em 1 Reis 20:23, quando o exército sírio é derrotado por Israel, eles assumem que o deus de Israel deve controlar as montanhas, então planejam atacar Israel da próxima vez na planície, onde supunham que o deus de Israel não teria jurisdição. Javé, no entanto, não é como as falsas divindades das nações, porque tudo debaixo do céu lhe pertence (Jó 41:11). A regra universal de Javé é mantida consistentemente em toda a Bíblia, tanto no Antigo Testamento (Êx. 19:5; Sl 24:1; 47:2; Isaías 40:22–26; Dn 2:20–21) quanto no Novo Testamento (Mt. 28:18–20; Ap 19:15–16). O Deus da Bíblia é o Senhor de todos, e ele não compartilhará sua glória, autoridade ou adoração com ninguém. É por isso que todo joelho se curvará e toda língua confessará que Jesus é o Senhor (Fp 2:9-11).

## Ensinando o texto

O capítulo final dos discursos de Javé se concentra exclusivamente no grande animal marinho, o Leviatã. Quando Yavé direciona a atenção de Jó para o Leviatã, descreve o animal em detalhes e faz perguntas a Jó sobre ele, fica claro que, embora o Leviatã não possa ser controlado por Jó, ele está firmemente sob o controle de Javé. Jó desejado não pode ser controlado por Jó, está firmemente sob o controle de Javé. Jó queria que Deus respondesse à sua queixa legal, e ele expressou seu desejo de que um árbitro julgasse entre ele e Deus. Este capítulo, no entanto, revela que Jó não tem status para fazer essas exigências a Deus Todo-Poderoso. Como humano, Jó é inferior ao Leviatã, e o Leviatã é inferior a Javé, então Jó deve assumir uma postura submissa diante do Criador. Como Jó, devemos deixar Deus ser Deus, e devemos viver em submissão fiel a Ele, em vez de exigir que Deus faça o que achamos certo.

Como Yahweh descreve as escamas protetoras que cobrem o poderoso corpo do Leviatã, é evidente que este animal é impermeável ao ataque humano. As armas humanas não podem encontrar nenhuma vulnerabilidade para explorar, então elas saltam inofensivamente do Leviatã. Este animal feroz parece ter seu próprio caminho, até mesmo fazendo o mar girar como um caldeirão fervente. Está totalmente fora do controle de qualquer pessoa. Da mesma forma, há fatores em nossa experiência que não podemos controlar e adversidades que não podemos evitar. No entanto, todas essas coisas que podem nos alarmar estão sob o controle do Senhor, que em todas as coisas trabalha para o bem daqueles que O amam (Rm 8:28).



O Leviatã está sob a autoridade e o controle de Deus, embora "as flechas não o façam fugir; os estilingues são como joio para ela" (41:28). Mesmo o exército assírio, com seus experientes estilingues e arqueiros, não conseguiu subjugar essa besta. Este registro de um relevo assírio maior ilustrando o ataque a Laquise é do palácio de Nínive (700-692 a.C.).

Por mais poderoso e incomparável que o Leviatã seja na terra, é uma criatura subordinada a Javé, o Criador a quem tudo o que está debaixo do céu pertence. O Leviatã vive sob a autoridade de Javé, mesmo que o que ele faz esteja muito além do controle dos humanos. Como Jó não pode controlar o Leviatã, mas o Leviatã é controlado por Javé, Jó deve aceitar a conclusão inegável de que ele também vive sob a autoridade de Javé. Sua resposta adequada deve ser reconhecer Javé como Senhor de todos e submeter-se à autoridade de Javé sobre sua vida. Como Jó, também nós devemos reconhecer que somos criaturas limitadas e finitas que devem humildemente

ceder ao controle soberano do Senhor sobre nossas vidas. É isto que significa esperar em Deus (Rm 5, 3-5).

## Ilustrando o texto

***Deus aponta para o Leviatã para mostrar como tudo está sob o controle de Deus.***

Natureza: Não é possível determinar conclusivamente o que representa o Leviatã animal específico. Como o crocodilo e a baleia compartilham algumas características com o Leviatã, ver esses animais em ação dá uma noção do grande poder da criatura retratada em Jó 41.

Literatura: ***Moby Dick*, de Herman Melville.** Neste romance épico do século XIX, a grande baleia do título é muitas vezes referida como Leviatã, uma alusão ao poderoso animal em Jó 41. A descrição a seguir mostra um pouco desse poder:

> Como que para lançar um terror rápido neles, a essa altura sendo o primeiro assaltante, Moby Dick havia se virado e agora vinha buscar as três tripulações. Mas antes que esse limite próximo fosse conquistado, e ainda assim todos os três barcos estavam lisos como os três mastros do navio aos seus olhos; a Baleia Branca agitando-se em velocidade furiosa, quase num instante por assim dizer, correndo entre os barcos de mandíbulas abertas e cauda amarrada, ofereceu uma batalha terrível por todos os lados; e sem se importar com os ferros que lhe saltavam de cada barco, parecia apenas com a intenção de aniquilar cada tábua separada de que aqueles barcos eram feitos.[6]

Mais tarde, "ambas as mandíbulas, como enormes tesouras, morderam a nave completamente em twain".

Literatura: Como mencionado nesta unidade, os dragões aparecem com destaque em muitas peças da literatura de fantasia. Por exemplo, em *O Hobbit* (1937), de J. R. R. Tolkien (1892-1973), o dragão Smaug tem muitos atributos e comportamentos (grande idade; forma alada, ardente e reptiliana; um pardal roubado dentro do qual ele jaz em seu tesouro; perturbação por um roubo; e vingança aérea violenta nas terras todas) que são derivados diretamente do velho "night-scather" sem nome, " o monstro Grendel em *Beowulf*, o velho épico inglês. *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), de C. S. Lewis (1898-1963), também apresenta uma imagem vívida de um dragão.

---

[6]. Melville, *Moby Dick*, 400.

De muitas maneiras, esses dragões lendários ecoam a descrição de Yahweh do Leviatã.

62
. Balentine, *Jó*, 687.

## Emprego 42

# O trabalho chega ao fim

### Big Idea *Jó percebe que os caminhos de Javé são mais maravilhosos do que ele já soube antes, e ele vem desfrutar das bênçãos renovadas de Javé sobre sua vida.*

### Temas-chave do trabalho 42

- Jó reconhece que já falou além do que realmente sabia.
- Jó muda de ideia e aceita humildemente seu status finito como criatura diante de Javé.
- Javé elogia Jó e reprova os amigos.
- Javé restaura a fortuna e a família de Jó.

## Entendendo o texto

**O Texto em Contexto** Depois que Javé fala a Jó nos capítulos 38 e 39, Jó responde provisoriamente a ele em 40:3–5. A segunda rodada de

perguntas de Javé, em 40:6–41:34, com suas descrições detalhadas de Behemoth e Leviatã, então evoca uma resposta mais definitiva de Jó em 42:1–6. Em sua segunda resposta, Jó reconhece que chegou a uma compreensão mais precisa de quem é Javé e também de quem ele mesmo é como um mortal finito vivendo sob a autoridade de Javé.

No epílogo (42:7-17), Javé traz resolução para a situação de Jó. Javé afirma a inocência de Jó contra as acusações dos amigos, instrui os amigos a pedirem a Jó que ore por eles e restaura a família e a fortuna de Jó. O epílogo contém muitos links textuais de volta ao prólogo (caps. 1 e 2), de modo que juntos eles formam o quadro literário para o livro.Jó não recebe uma explicação para sua adversidade, e a disputa entre Javé e o adversário não lhe é revelada. Mesmo depois de sua restauração, aparentemente Jó tem que viver dentro dos limites desse mistério divino.



No epílogo, Javé devolve Jó à sua antiga prosperidade. Tanto seu gado quanto sua prole são restaurados, e sua vida é abençoada mais do que era antes. A cena ao lado do Padrão de sua mostrada aqui lembra a nova situação de Jó. Aqui os banqueteiros jantam ao som de cantor e harpista, enquanto a abundância da terra em gado e outros bens desfila diante deles (Mesopotâmia, século XXI a.C.).

**Contexto histórico e cultural** O narrador fala em detalhes inusitados sobre as três filhas que nascem de Jó após a conclusão de suas adversidades. Primeiro,

ele os nomeia (42:14), embora os nomes dos filhos de Jó não sejam declarados. Todos os seus nomes reflectem a sua beleza excepcional (cf. 42, 15): Jemimá significa pomba (cf. Cânticos 2, 14), Quezias, refere-se à canela, ou cássia (cf. Exod. 30, 24; Sl 45, 8), e Keren-Happuch fala de uma garrafa que contém coloração preta usada para sombra dos olhos (cf. 2 Reis 9, 30; Jr. 4, 30; Ez 23, 40). Também é mencionado que Jó dá a suas filhas uma herança junto com seus irmãos.
Em Israel, as filhas geralmente não herdavam propriedades, a menos que não houvesse filhos vivos na família (Nm 27:1–11; 36:1–12). Na literatura grega e cananeia antiga, havia alguns casos de filhas herdando propriedades, mas isso não era a norma no mundo antigo.

**Insights Interpretativos 42:2** *Eu sei que você pode fazer todas as coisas.* Nos versículos 2–3, Jó cinco vezes usa termos que se referem a conhecimento, planos e entendimento. Essa linguagem evidencia que Jó chegou a um reconhecimento ampliado da sabedoria e do poder de Javé ao contemplar as perguntas que Javé lhe fez nos capítulos 38–41. Jó agora sabe melhor o quanto Javé entende mais do que ele.Jó percebe que sua adversidade deve estar dentro do propósito de Javé, que não pode ser frustrado por nenhuma força (Cf. Dn 4,35). Javé soberanamente dirige a história para seus próprios fins, que podem muito bem ser inescrutáveis para os humanos (Prov. 16:9; 20:24; 21:1).

**42:3–4** *Certamente falei de coisas que não entendi.* Jó reafirma a pergunta de Javé a ele em 38:2, mas agora ele responde admitindo que no passado falou além do que realmente entendia. Jó não confessa que pecou, como os amigos insistiram que ele deveria (cf. as palavras de Zofar em 11:13-15). Em vez disso, ele reconhece que anteriormente falava com muita confiança sobre assuntos que, de fato, excedem o alcance de seus conhecimentos. As perguntas de Javé mudaram o entendimento de Jó, de modo que ele agora percebe o quanto não sabia.

**42:5** *Mas agora os meus olhos te viram.* No versículo 4, Jó reafirma as palavras de Yavé de exame cruzado em 38:3 e 40:7. Anteriormente, em 19:25–27, Jó expressou seu desejo de ver a Deus. Agora, a maior compreensão de Jó do conhecimento superior de Javé aumentou drasticamente sua percepção de Javé, então Jó diz que seus olhos o viram. Tudo o que Jó sabia antes era apenas muito boato quando comparado com o que ele veio a saber de Javé.

**42:6** *Portanto, eu me desprezo e me arrependo em pó e cinzas.* Este versículo é a chave para entender todo o livro de Jó, mas foi traduzido de muitas

maneiras diversas.[64] Isso não pode ser o arrependimento de Jó do pecado, ou então os amigos estariam certos em sua avaliação dele. No versículo 7, Javé deixa muito claro que os amigos não falaram a verdade, e os instrui a oferecer um holocausto e pedir a Jó que interceda por eles em oração. O termo "desprezar" aqui pode ser melhor traduzido como "retratar" ou "retratar" e, portanto, refere-se à retirada de Jó de sua reivindicação legal contra Deus. Jó arrepende-se no sentido de mudar de ideias, ao perceber que é apenas pó e cinzas (Gn 18, 27), um mero humano diante do transcendente Javé. Diante do Soberano Senhor, Jó é uma criatura finita que é limitada em seu conhecimento. Porque Jó agora reconhece o quão pouco ele realmente sabe em comparação com o onisciente Javé, ele se retrata de sua insistência para que Javé lhe responda (31:35). Jó se submete a Javé, sem qualquer conhecimento de que Javé lhe restituirá a bênção no epílogo.

**42:7–9** *você não falou a verdade sobre mim, como meu servo Jó.* No epílogo, Javé avalia cada um dos personagens principais (exceto Eliú, a quem ele ignora totalmente), e o que ele diz sobre eles é determinante para interpretar o livro. Os amigos tentaram proteger a reputação de Javé insistindo que Jó deve ter pecado, mas extrapolando o princípio da retribuição em uma acusação de Jó, eles reduziram Javé a uma divindade previsível que está confinada por uma fórmula fixa. Javé particularmente destaca Elifaz para críticas, o que é irônico, porque em 22:23-27 Elifaz disse que Jó só pode interceder pelos outros se primeiro se arrepender de seus pecados. Javé agora pede a Jó que retome seu papel de mediador e interceda em oração por seus amigos, que irritaram Javé por não falar a verdade (42:8-9), assim como anteriormente ele ofereceu sacrifícios por seus próprios filhos caso eles tivessem pecado contra Deus em seus corações (1:5).

Pode parecer surpreendente ouvir Javé insinuar que Jó falou a verdade, em contraste com o que os amigos disseram erradamente. Inúmeras vezes em seus discursos, Jó faz perguntas difíceis sobre a justiça e a equidade de Deus, e muitas vezes reclama que foi maltratado por Deus. Como Jó se dirige a Deus pode ser comparado com os salmos de lamento, nos quais os salmistas em sua dor frequentemente expressam suas dúvidas, medos e perguntas ao Senhor (por exemplo, Sl. 13:1-2). Como seres humanos, avaliamos os outros pelo que os ouvimos dizer e os vemos fazer, mas o Senhor sabe completamente o que está no coração de Seu povo, e Ele avaliou Jó com base nisso com base no perfeito entendimento.

**42:10** *o LORD restaurou sua fortuna e deu-lhe o dobro do que tinha antes.* Essas bênçãos divinas restauradas não dependem da confissão de Jó de seus próprios pecados (ao contrário do que Bildad previu em 8:7), mas são concedidas por Javé depois que Jó obedientemente intercede por seus amigos. Depois de todas as palavras duras que lhe dirigiram, isto poderia ser um pouco doloroso para Jó, mas ainda assim ele vence o mal com o bem (Rm 12, 21). Nisso, Jó não é motivado por interesse próprio, como o adversário cobrou erroneamente em 1:9-11.

**42:11** *todos os que o tinham conhecido antes vieram e comeram com ele em sua casa.* Javé restaurou a relação vertical entre Jó e ele, e curou também as relações horizontais entre Jó e outras pessoas que já foram próximas a ele. Durante seu tempo de necessidade, a família e os amigos mais próximos de Jó o abandonaram (19:13-19), mas agora eles voltam para a comunhão com ele. Mesmo que sua crise tenha acabado, Jó ainda tem que lidar com a perda considerável que ele incorreu, especialmente a morte de seus filhos. Sua solidão e dor são substituídas por comunidade e regozijo, enquanto Jó recebe consolo e encorajamento tardios.



Os amigos de Jó voltam para ter comunhão com ele e cada um lhe traz um pedaço de prata e um anel de ouro (42:11). Antes das moedas, os pagamentos de prata eram feitos cortando pedaços de bobinas, como a mostrada aqui.

**42:12–17** *E assim morreu Jó, um homem velho e cheio de anos.* Yahweh duplas

Os animais de Jó sobre o que ele tinha antes de sua calamidade (42:10, 12). Ele também dá a Jó mais sete filhos e três filhas especialmente adoráveis (42:13–15). Jó passa a viver 140 anos (o dobro da expectativa de vida típica citada em Sl. 90:10), e ele vê seus bisnetos (42:16). Com uma linguagem que ecoa as experiências de Abraão (Gn 25:8), Isaque (Gn 35:29) e Davi (1 Cron. 29:28), Jó é descrito como vivendo uma vida muito boa e satisfatória. A longa vida que ele desfruta é uma das bênçãos oferecidas pela sabedoria em Provérbios 3:2, 16; 4:10; 9:11; 10:27.

**Insights teológicos** Na seção final do livro, Jó recebe bênção renovada de Javé, de modo que o livro como um todo confirma a legitimidade geral da teologia da retribuição. No entanto, também ensina claramente que o princípio da retribuição não deve ser pressionado em uma fórmula rígida que deve valer para cada caso específico. Dentro do mundo que é ordenado e governado por Javé, há fatores que parecem anômalos para os humanos, como o avestruz, que parece ter pouco sentido (39:13-18). Há casos observáveis em que os malfeitores prosperam (Jó 21; cf. Pss. 49 e 73), e a adversidade de Jó evidencia que coisas ruins podem acontecer com pessoas justas. No entanto, o todo-poderoso e onisciente Javé realiza seu propósito inescrutável, que transcende tudo o que a mente humana pode compreender. O livro de Jó não responde a todas as nossas perguntas, mas chama a atenção para Javé, que sozinho sabe todas as respostas, embora nem sempre opte por disponibilizá-las aos humanos. Jó nos obriga a confiar no caráter de Javé mesmo quando não conseguimos compreender todos os seus caminhos.

## Ensinando o texto

No capítulo 42, o longo e complexo livro de Jó chega a uma conclusão satisfatória. Após a longa seção de diálogos, na qual Jó fica cada vez mais perplexo e agitado, ele finalmente percebe que deve retirar sua queixa legal contra Javé. Jó não recebe respostas para todas as suas perguntas, mas está disposto a confiar em Javé, que sabe todas as respostas. Jó demonstra que a pessoa de fé deve encontrar respostas no caráter do Senhor, mesmo quando restam muitas perguntas sobre por que Deus faz o que faz.

O longo questionamento de Javé nos capítulos 38–41 teve seu efeito pretendido sobre Jó. À medida que Jó considera todas as perguntas sem resposta que Javé lhe colocou, ele chega à conclusão de que Javé sabe muito

mais do que ele. Anteriormente, Jó falava com confiança sobre coisas que agora reconhece que realmente não sabia. Antes, Jó via Javé através das lentes do que ele pensava entender, mas agora ele se vê através das lentes do que Javé realmente entende plenamente. Quando Jó olha através das lentes de Javé, ele reconhece que ele mesmo é muito limitado em seu próprio conhecimento, mas que Javé é onisciente. Se insistirmos em ver Deus através das lentes de nossa experiência, nossa compreensão de Deus será pequena e distorcida. O que precisamos fazer é ver nossa experiência através das lentes do Senhor como a Bíblia o revela, alguém que é todo-poderoso, onisciente e sempre bom e que controla as coisas que não podemos entender.



Jó deve orar por seus amigos ao apresentarem holocaustos de sete touros e sete carneiros diante do Senhor (42:8). Este registro mostra uma cena da câmara de oferendas de Merib, onde um touro está sendo sacrificado e outros animais estão sendo trazidos como oferendas (século XXI a.C.).

No epílogo, Javé deixa claro que Jó não pecou, como os amigos acusaram repetidamente. Em vez disso, Javé está zangado com os três amigos porque eles não falaram a verdade, como Jó. Javé os orienta a oferecer holocaustos e a pedir a Jó que ore em seu favor. Por esse meio, Javé esclarece que Jó é realmente o homem justo que ele elogiou no prólogo. O onisciente Javé conhece o coração puro de Jó. Ao lutarmos contra a adversidade, nós, como Jó, podemos fazer perguntas que parecem perigosas, e podemos até expressar sentimentos que são crus, mas podemos ter certeza de que o Senhor examina nossos corações e conhece nossos pensamentos (Sl. 139:23-24) e que Ele nos guiará em Seu bom caminho.

## Ilustrando o texto

***Tendo visto a onipotência de Deus, Jó cede a Deus com grande humildade.***

Livro: ***Na Sala de Espera de Deus*, de Lehman Strauss.** Neste livro, Strauss escreve: "Espero encontrar Jó um dia. Agradeço-lhe o seu rico legado. Ele me ajudou a considerar minha provação, não como os dardos ardentes de Satanás (Ef. 6:16), mas como 'as flechas do Todo-Poderoso' (Jó 6:4). Aquele que enviou as flechas amarrou e curou as feridas. Em Seu próprio tempo e para Seu bom propósito, Ele os curará perfeitamente."[65º]

Hino: ***"Ó amor que não me deixa ir", de George Matheson.*** Estas palavras poderiam muito bem ter sido o grito exausto do coração de Jó:

Ó Amor que não me deixa ir,
Descanso em ti a minha alma cansada;
Eu te devolvo a vida que devo,
para que nas tuas profundezas do
oceano seu fluxo seja mais rico,
mais pleno.

Ó luz que foll'west todo o meu caminho,
Eu te entrego a minha tocha flick'ring;
Meu coração restaura seu raio
emprestado, Que em teu sol arde seu

dia que seja mais brilhante, mais
justo.

Ó Alegria que me procura através da dor,
Não posso fechar o meu coração a ti;
Eu traço o arco-íris através da
chuva, E sinto que a promessa não
é vã, Que morn será sem lágrimas.

***Javé vinga Jó, deixando claro que ele é um homem justo.***

História da Igreja / Biografia: **John Knox.** John Knox (ca. 1514–1572), que liderou a Reforma Protestante na Escócia, sofreu muito no processo de obedecer ao chamado de Deus em sua vida. Ele já foi feito escravo de galé para os franceses;em outra época, exilou-se na Alemanha e na Suíça. Depois que o protestantismo se tornou a religião estatal da Escócia em 1560, Knox presidiu o comitê que produziu o documento fundamental para a Igreja Escocesa. Ele foi descrito como tendo tido "uma luta dolorida de uma existência, lutando com Papas e Principados; na derrota, na contenda, na luta ao longo da vida... Uma luta dolorida: mas ele venceu!" "'Você tem esperança?', perguntaram-lhe em seu último momento, quando ele não conseguia mais falar. Ele levantou o dedo, apontou para cima, e assim morreu! Honra a ele! Suas obras não morreram. A letra de sua obra morre, como a de todos os homens;mas o espírito dela, nunca." Essa é a reivindicação de Deus de um homem cujo texto era João 17:3: "E esta é a vida eterna, para que te conheçam o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem enviaste".[66]

---

64. Para um resumo detalhado das questões exegéticas e alternativas interpretativas para Jó 42:6, veja a discussão lúcida em Clines, *Jó 38–42*, 1218–23.

65º. Strauss, *Na Sala de Espera de Deus*, 38.

66. Frank Boreham, "John Knox (1514?–1572)", em *A Frank Boreham Treasury*, 25, 31.

# Bibliografia

## Recursos recomendados


Alden, Roberto L.; *Trabalho*. O Novo Comentário Americano 11. Nashville: Broadman e Holman, 1993.

Andersen, Francisco I.; *Trabalho: Introdução e Comentário*. Comentários do Antigo Testamento de Tyndale. Downers Grove, IL: Acadêmico do IVP, 2008.

Atkinson, David. *A Mensagem de Jó*. A Bíblia fala hoje. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1991.

Balentine, Samuel E.; *Trabalho*. Smyth & Helwys Comentário Bíblico. Macon, GA: Smyth & Helwys, 2006.

Clines, David J. A.; *Jó 1–20*. Palavra Comentário Bíblico 17. Dallas: Word, 1989.

———. *Jó 21–37*. Palavra Comentário Bíblico 18A. Nashville: Thomas Nelson, 2006.

———. *Jó 38–42*. Palavra Comentário Bíblico 18B. Nashville: Thomas Nelson, 2011.

Estes, Daniel J.; *Manual sobre os Livros de Sabedoria e Salmos*. Grand Rapids: Baker Acadêmico, 2005.

Habel, Normando C.; *O Livro de Jó*. Biblioteca do Antigo Testamento. Filadélfia: Westminster, 1985.

Hartley, João E.; *O Livro de Jó*. Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

Kidner, Derek. *A Sabedoria de Provérbios, Jó e Eclesiastes*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1985.

Longman, Tremper, III, e Peter Enns, eds. *Dicionário do Antigo Testamento: Sabedoria, Poesia e Escritos*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2008.

Murphy, Roland E.; *O Livro de Jó: Uma Breve Leitura*. Nova Iorque: Paulist, 1999.

Ryken, Leland, James C. Wilhoit e Tremper Longman III, eds. *Dicionário de Imagens Bíblicas*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1998.

Smick, Elmer B. "Jó". In *The Expositor's Bible Commentary*, editado por Frank E. Gaebelein, 4:843–1000. Grand Rapids: Zondervan, 1988.

Walton, João H., ed. *Zondervan Ilustrado Fundos Bíblicos Comentário*. Grand Rapids: Zondervan, 2009.

Walton, John H., Victor H. Matthews e Mark W. Chavalas, eds. *Comentário de fundo bíblico do IVP: Antigo Testamento*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000.

Wilson, Geraldo H.; *Trabalho*. Novo Comentário Bíblico Internacional: Série Antigo Testamento 10. São Paulo: Hendrickson, 2007.

Zuck, Roy B.; *Trabalho*. Comentário Bíblico de Todos. Chicago: Moody, 1978.


## Outros Trabalhos


Allen, Joel S. "Jó 3: História da Interpretação". Em Longman e Enns, *Dicionário do Antigo Testamento*, pp. 361–71.

Bernardin, José Cardeal. *O Dom da Paz*. São Paulo: Loyola, 1997.
Boreham, Frank. *Um Tesouro de Frank Boreham.* Compilado por Peter Gunther. Chicago: Moody, 1984.

Bunyan, João. *O Progresso do Peregrino*. 1678. Reimpressão, Chicago: Moody Press, 2007.

Clines, David J. A. "Quarto de Dias Gone: Jó 24 e a Ausência de Deus". In *God in the Fray: A Tribute to Walter Brueggemann*, editado por Tod Linafelt e Timothy K. Beal, pp. 242–58. Minneapolis: Fortaleza, 1998.

Guindaste, Estêvão. "O Barco Aberto". Em *O Barco Aberto e Outros Contos de Aventura*, pp. 1–63. Nova Iorque: Doubleday & McClure, 1898.

Dickens, Carlos. *Tempos difíceis*. Clássicos do Mundo de Oxford. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Dickinson, Emília. *Os poemas completos de Emily Dickinson.* Editado por Thomas H. Johnson. Boston: Little, Brown, 1960.

Elliot, Isabel. *Sobre perguntar a Deus por quê*. Nova Jérsei: Fleming Revell, 1989.

———. *Essas cinzas estranhas*. Nova Iorque: Harper & Row, 1975.

Estes, Daniel J. "Como flechas na mão de um guerreiro (Salmo CXXVII)." *Vetus Testamentum* 41 (1991): 304-11.

Guyon, Jeanne. *Torrentes espirituais*. Augusta, ME: Livros Cristãos, 1984.

Hardy, Tomás. *Tess dos D'Urbervilles.* 1891. Reimpressão, Nova Iorque: Airmont, 1965.

Herbert, Jorge. "Aflição (IV)". In *George Herbert e os poetas religiosos do século XVII*, editado por Mario A. Di Cesare, 39. Nova Iorque: W. W. Norton, 1978.

Hopkins, Gerard Manley. *Poemas e Prosa*. Nova Iorque: Penguin, 1985.

Humphrey, Guilherme. "Um Emprego das Planícies". In *Story and Structure*, editado por Laurence Perrine e Thomas R. Arp. 6ª ed., Chicago: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

Karaagac, João. *John McCain: Um Ensaio de História Militar e Política*. Lanham, MD: Lexington, 2000.

Keller, Timóteo. *O Deus Pródigo*. Nova Iorque: Dutton, 2008.

Kushner, Haroldo S.; *Quando coisas ruins acontecem com pessoas boas*.Nova Iorque: Schocken, 1981.

Pereira, C. S.; *O Regresso do Peregrino*. 1933. Reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
———. *Reflexões sobre os Salmos*. Nova Iorque: Harcourt, Brace, Janovich, 1958.

Lincoln, Abraão. *Os Discursos e Cartas de Abraham Lincoln: 1832–1865.* Biblioteca de Todos. Nova Iorque: E. P. Dutton, 1907.

Longman, Tremper, III e Daniel G. Reid. *Deus é um guerreiro.* Estudos em Teologia Bíblica do Antigo Testamento. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

MacLeish, Archibald. *J.B.* Boston: Houghton Mifflin, 1958.

Manning, Brennan. *O Menino do Abba: O Grito do Coração pelo Pertencimento Íntimo.* Colorado Springs: NavPress, 1994.

Melville, Herman. *Moby Dick.* Editado por Luther S. Mansfield e Howard P. Vincent. Nova Iorque: Hendricks House, 1952.

Monteiro, Patrícia D.; *O Guerreiro Divino no Primitivo de Israel.* Monografias Semíticas de Harvard 5. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.

Milton, João. *Paraíso Perdido*. Nova Iorque: Penguin, 2003.

Pascal, Blaise. *Pensées de Pascal.* Introdução de T. S. Eliot. Nova Iorque: Dutton, 1958.

Pereira, J. B.; *Seu Deus é muito pequeno*. Nova Iorque: Macmillan, 1954.

Senhor, Tiago W. *O universo ao lado*. 5ª ed., Downers Grove, IL: IVP Acadêmico, 2009.

Smith, Christian e Melinda Lundquist Denton. *Soul Searching: A Vida Religiosa e Espiritual dos Adolescentes Americanos*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

Strauss, Lehman. *Na Sala de Espera de Deus*. Chicago: Moody Press, 1985.

Dez Boom, Corrie. *O Esconderijo*. Nova Iorque: Bantam, 1971.

Tournier, Paulo. *Fuja da solidão*. Traduzido por John S. Gilmour. Filadélfia: Westminster, 1977.

Oliveira, A. W.; *Renovado Dia a Dia*: *Um Devocional Diário.* Compilado por G. B. Smith. Colina do Acampamento, PA: Fleming H. Revell, 1950.

Tucker, Rute. *De Jerusalém a Irian Jaya*. Grand Rapids: Padeiro, 1983.

Wiesel, Elie. *A Prova de Deus*. Nova Iorque: Schocken, 1995.

Wolterstorff, Nicolau. *Lamento por um Filho*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

Yancey, Felipe. *Decepção com Deus*. Grand Rapids: Zondervan, 1988.

# Créditos da Imagem

Salvo indicação em contrário, fotos, ilustrações e mapas são direitos autorais © do Baker Photo Archive.

**O Baker Photo Archive reconhece a permissão das seguintes instituições e indivíduos.**

Fotos nas páginas 32, 52, 198 © Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Aegyptisches e Papyrussammlung, Berlim, Alemanha.

Fotos nas páginas 42, 44, 54, 64, 83, 99, 104, 113, 117, 124, 152, 158, 172, 190, 208, 213, 216, 226, 233, 234, 238, 242, 252, 254 são © Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Britânico, Londres, Inglaterra.

Foto na página 196 © Baker Photo Archive. Cortesia do Metropolitan Museum of Art, Nova York.

Fotos nas páginas 4, 21, 57, 95, 106, 143, 207, 220 © Baker Photo Archive. Cortesia do Musée du Louvre; Permissão para fotografar e filmar. Louvre, Paris, França.

Fotos nas páginas 87, 129, 189, 200, 257 © Baker Photo Archive. Cortesia do Oriental Institute Museum, Chicago / Universidade de Chicago.

Foto na página 50 © Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Pergamon, Berlim.

Foto na página 59 © Baker Photo Archive. Cortesia do Museu Skirball, Hebrew Union College–Jewish Institute of Religion, 13 King David Street, Jerusalém 94101.

Foto na página 224 © Baker Photo Archive. Cortesia do Ministério de Antiguidades da Turquia e do Museu Arqueológico de Istambul.

Foto na página 16 © Baker Photo Archive. Cortesia do Museu do Vaticano.

### Créditos de imagem adicionais

Foto na página 119 © Bisitun, Irã / The Bridgeman Art Library.

Foto na página 246 © Blake, William (1757–1827) *Fitzwilliam Museum, Universidade de Cambridge, Reino Unido* The Bridgeman Art Library.

Foto na página 212 © Arquivo Carol M. Highsmith, Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias [número de reprodução, LC-DIG-highsm-13921].

Foto na página 195 © Croquant cortesia do Musée historique et archéologique de l'Orléanais, França / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 39 © Daniel Baránek / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 62 © Dr. James C. Martin e o Museu de Israel. Coleção do Museu de Israel, Jerusalém, e cortesia da Autoridade de Antiguidades de Israel, exposta no Museu de Israel, Jerusalém.

Foto na página 162 por E. A. Wallis Budge (1857–1937) / Wikimedia Commons.

Foto na página 171 © Museu Egípcio, Turim, Itália / De Agostini Picture Library / The Bridgeman Art Library.

Foto na página 78 © Museu Nacional Egípcio, Cairo, Egito / Biblioteca de Arte Bridgeman.

Fotos nas páginas 13, 108 por Gustave Doré / Wikimedia Commons.

Foto na página 31 do Horniman Museum, Londres, Reino Unido / Foto © Heini Schneebeli / The Bridgeman Art Library.

Foto na página 34 © Jim Henderson / Crooktree.com.

Ilustração na página 135 © John H. Walton, desenho de Alva Steffler.

Foto na página 144 © Kathryn Hooge.

Foto na página 90 © Kim Walton.

Foto na página 203 © Kim Walton. Cortesia do Ministério Grego de Antiguidades e do Museu Arqueológico de Salónica, Grécia.

Fotos nas páginas 10, 27, 29, 45, 92, 138, 183, 240, 251 © Kim Walton. Cortesia do Museu Britânico, Londres, Inglaterra.

Fotos nas páginas 137, 166 © Kim Walton. Cortesia do Museu de Israel, Jerusalém, e cortesia da Autoridade de Antiguidades de Israel.

Fotos nas páginas 111, 160, 201 © Kim Walton. Cortesia do Musée du Louvre; Permissão para fotografar e filmar. Louvre, Paris, França.

Foto na página 80 © Kim Walton. Cortesia do Metropolitan Museum of Art, Nova York.

Foto na página 258 © Kim Walton. Cortesia do Neues Museum, Berlim, Alemanha.

Foto na página 214 © Kim Walton. Cortesia do Oriental Institute Museum, Chicago / Universidade de Chicago.

Fotos nas páginas 68, 147 © Kim Walton. Cortesia do Museu Pergamon, Berlim, Alemanha.

Foto na página 100 © Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias [número de reprodução, LC-DIGmatpc-03493].

Foto na página 133 © Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias [número de reprodução, LCUSZ62-90564].

Foto na página 72 © Logaritmo / Wikimedia Commons.

Foto na página 151 © Marcus L. Brown, Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias [número de reprodução, LC-USZ62-45067].

Fotos nas páginas 60, 70, 85, 97 © Marie-Lan Nguyen / Wikimedia Commons. Cortesia do Musée du Louvre; Permissão para fotografar e filmar. Louvre, Paris, França.

Foto na página 88 © Mark A. Wilson / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Fotos nas páginas 131, 192 © Mary Evans Picture Library.

Foto na página 74 © Nick Taylor, CC-by-2.0.

Foto na página 66 © Olaf Tausch / Wikimedia Commons, CC-by-3.0.

Foto na página 168 © Private Collection / Peter Newark American Pictures / The Bridgeman Art Library.

Foto na página 48 © Rama. Cortesia do Musée d'archéologie méditerranéen de Marseille / Wikimedia Commons, CC-by-sa-2.0-fr.

Foto na página 156 © Rasbak / Wikimedia Commons, CC-by-sa-3.0.

Foto na página 154 © Ridolfo di Arpo Guariento (ca. 1310–ca. 1370) / Museo Civico, Pádua, Itália *Alinari* The Bridgeman Art Library.

Foto nas páginas 230–31 © Stephen Sandoval, CC-by-2.0.

A foto na página 19 é a foto da Marinha dos EUA feita pelo Especialista em Comunicações de Massa de 3ª Classe Dylan McCord / Wikimedia Commons.

Foto na página 210 © Walters Art Museum, Baltimore, EUA / The Bridgeman Art Library.

Foto na página 7 © William Blake (1757–1827) *Fitzwilliam Museum, Universidade de Cambridge, Reino Unido* The Bridgeman Art Library.

Foto na página 228 © Yoel Ben-Avraham, CC-by-nd-2.0.

Fotos nas páginas 15, 37 © The Yorck Project / Wikimedia Commons.

Fotos nas páginas 102, 122, 248–49 © Zev Radovan / www.BibleLandPictures.com.

# Contribuintes

*Editores Gerais*

Mark L. Strauss John H. Walton *Editor Associado, Ilustrando o Texto*

Desenvolvimento da série Rosalie de Rosset

Jack Kuhatschek Brian Vos

*Editor de Projetos*

Tiago Korsmo

*Design de Interiores*

Brian Brunsting Michael Williams *Conteúdo Visual*

Kim Walton

*Direção da Capa*

Paula Gibson

Michael Cozinheiro

# Índice


Abraão, 148, 197
Adad, 224, 225 Adão e Eva, 113 vício, 127 adultério, 189 adversidade, 11–12 distorce a visão de Deus, 42, 64, 65–66, 98 resposta piedosa, 14 mistério de, 145 não correlacionado ao comportamento, 123 de justos, 167–68, 207 e pecado, 41, 126, 142, 220 como cansativo, 17

advogado, para Jó, 100, 102
aflição, 16, 17, 186 vida após a morte, 29, 86, 87–88, 101
Aquenáton, 74, 78
ambiguidade, 111 arte antiga do Oriente Próximo, 242 crianças em, 147-48 deuses de, 26, 134, 143 literatura mitológica de, 56, 75, 93, 152, 159, 248-49 tratados de, 104, 125 adoração em, 68

anjos, 11, 29, 203 angústia, 38
animais, 76, 233, 236–41
anticristo, 249 braço de Deus, 244, 245 flechas, 39, 41, 42, 46, 123, 124 cinzas, 84, 184, 185, 256 monte de cinzas, 22, 154
Ashurnasirpal II, 213
astronomia, 56 Aton, 134
Atrahasis, 45
Agostinho, 16
auroques, 237

Baal, 56, 102, 152, 224, 225, 236, 248
esterilidade, 112 bem-aventuranças, 35

Behemoth, 76, 242–43, 245, 246
Bildad, 47, 50–55, 62–63, 68, 87, 110–14, 130, 146, 152–56
aves, 171, 239 nascimento, 65 amargura, 63, 104 Blake, William, 6, 7, 235 bem-aventurança, 35, 36, 176–80, 256–57

cegueira, 226 barcos de papiro, 59 fronteira, entre a terra e o mar, 159 pedras de fronteira, 147 proa, 178 sopro de Deus, 28, 46, 185, 209 enxofre, 112 flecha com ponta de bronze, 122–23, 124 bullying, 150 Bunyan, John, 97, 139

Mitos cananeus, 248, 250

caos, 44, 56, 152, 160, 232 caráter, de Jó, 17 castigos, 202 partos, 94, 232 sem filhos, 148 filhos, como garantia, 147-48 filhos de Jó, 33, 51, 89, 113-14, 166, 255, 257 filhos de ímpios, 130 lixão da cidade, 18 portão da cidade, 176, 177, 179 cidade sob ataque militar, 183 argila, 200 pó de limpeza, 59 nuvens, 134, 137, 159

comunidade
isolamento de, 118, 120
restauração de, 257
compaixão, 116, 118, 185, 191, 206, 211
confissão de pecado, 36 confiança, 27
consolação, 94 constelações, 233
correção, 219–20, 221–22
aconselhamento, 30, 31, 71, 204 aliança com os olhos, 188–89 Guindaste, Estêvão, 108, 139 criação, 159–60, 200, 232
crocodilo, 250, 253 prostituição culto, 218
maldição, da criação, 47 amaldiçoando a Deus, 16, 18

escuridão, 21, 65, 106 como morte, 111 da sabedoria humana, 77
noite escura da alma, 85 dias, 176
morte, 20-21, 62, 64-65, 89, 209, 232
como decadência, 106, 107 derrota, 113 como liberdade da dor, 46
desesperança de, 106 como existência sombria, 23 como nivelador social, 22
decadência, 45 deísmo, 112, 207, 214 desespero, 38–39, 41
Dickens, Charles, 55, 193
disciplina, 34, 35, 36, 202
desânimo, 100 trovão divino, 212 guerreiro divino, 39, 42, 98, 154 cães, 182 dupla retribuição, 50 dragões, 250, 253 sonhos, 28, 202–3 poeira, 184, 185, 209, 256

Ea, 92
Ear Tablets, 214 Terra, como disco plano, 158–59 Imagens de consumo, 124, 126
Eclesiastes, 46, 47, 131, 173, 215
Edom, 1 ancião, sabedoria de, 94, 195, 198 elefante, 245
Eliú, 3, 60, 153, 172, 188, 194–98, 200–201, 206–11, 212–16, 218–22, 224–29, 256
Elias, 225

Elifaz, 26–30, 32–36, 38, 39, 40, 46, 47, 50, 60, 68, 92–96, 130, 134–39, 256
Eliseu, 11
Elliot, Elisabeth, 79, 235
Enkidu, 200
Enoka, 30
Epílogo, 8, 35, 137, 254–59
Ester, 74
eternidade, plantada no coração humano, 172
Eusébio, 1
mal, 210
correção de, 225
e Deus, 15, 42
evitação, 173
*Ver também* problema dos malfeitores, 75, 146–50, 257.
*Ver também* existencialismo perverso, 25
experiência, 68, 258
extorsão, 136

fé, 18, 43, 143, 149
falsidade, 131
falso testemunho, 81
fome, 34
fatalismo, 33
órfão, 41
gordura, 95
medo, como terror, 142
temor do Senhor, 3, 60, 79, 173–74, 227, 228
comunhão, restauração de, 257
conhecimento finito, 234
fogo, 112, 125, 250
primogênito, 110
flauta, 128
tolo, 33
alimento forrageador, 147
esquecendo Deus, 52, 53
geração anterior, 51–52
amigos de Jó, 2–3, 16–17, 18, 26, 128–32, 144, 188, 256
como consoladores, 98, 107
como tolos, 105
como impreciso e insensível, 120
a frustração de Jó com, 38-42, 98, 128
como zombadores, 105, 107
silêncio de, 14, 15, 152
como "médicos inúteis", 80-81
*Ver também* Bildad; Elifaz; Zophar
"cheio de problemas", 87
futilidade, 45

gentileza, 221
Gilgamesh, 75, 86, 200
cingindo a roupa, 243
melancolia, 64–65

Deus
aborda Jó, 3, 230–35 raiva dos amigos de Jó, 258 atributos de, 36 vigilância constante de, 87 libertação de, 212 como distante, 135 como inimigo de Jó, 117–18, 120 eternidade de, 87 e mal, 15, 42 (*ver também* problema do mal) exaltado acima das nuvens, 134, 137, 138 fidelidade de, 192 bondade de, 216 grandeza de, 159, 160-61, 202 ocultação de, 61, 64, 82, 84, 141, 143, 144, 153, 199 imanência de, 154, 215, 216-17, 221 incompreensibilidade de, 34, 226, 240, 257-58 justiça de, 26, 101, 102, 120, 130, 143, 150, 151, 153, 158, 167, 178, 192, 202, 206, 208, 219, 226–27
ouve gritos, 214, 216 como mestre mestre, 230, 234 como misterioso, 53, 75, 145 onipresença de, 46, 142 onisciência de, 23, 48, 191, 219 poder de, 56, 57, 60, 161-62, 208, 221, 224-25, 235, 244, 255 propósitos de, 225 justiça de, 178, 226-27 silêncio de, 84, 88, 90, 120, 136, 141, 144, 188, 208 soberania de, 4–5, 15, 16, 34, 41, 48, 53, 76–79, 138, 144, 210, 251–52 fala de várias maneiras, 202 esplendor na natureza, 227–28 transcendência de, 3, 34, 58, 71, 78–79, 132, 137, 159, 220–21, 228, 256, 257 transcendência superenfatizada, 135, 154, 155, 212, 213–14, 215 como guerreiro contra Jó, 99 sabedoria de, 56, 235, 255
Sem Deus, 52
98 como caprichoso e arbitrário, 143
ouro, 140–41, 172, 174 graça, 168, 222
sepultura, 87–88, 107

Habacuque, 101

Hadad, 220, 224
Hamurabi, 207
mão de Deus, 83
mãos, 70

Ana, 35, 148, 154 harpa, 128 coração, 52, 70, 210 céus, 160 céus e terra, como testemunhas, 125 *hebel*, 46, 131, 215 sebe, em torno de Jó, 9–10, 22, 24, 117 *hesed*, 41 hipopótamo, 242, 245
historicidade, de Jó, 3–4 sem-teto , 150 relações homossexuais, 218 honra, 123 esperança, 30, 31, 45, 53, 65, 71, 72, 82, 88, 89, 90, 100, 106, 120 desesperança, 46, 63, 66, 72, 107, 120
cavalos, 238

hospitalidade, de Jó, 190–91, 192
"vento quente do leste", 93 casa, 178
humanidade como corrupta diante de Deus, 153, 154 finitude de, 57, 233-34, 253 fragilidade de, 29 conhecimento limitado de, 161-62, 172, 234
humilhação, de Jó, 182–86
humildade, 94, 243
Humphrey, William, 6, 186, 193 Hino ao Sol, 74, 78

ibex, 236, 237, 239 íbis, 230–31
idolatria, 190 *Ilíada*, 98 imagem de Deus, 154, 155 Emanuel, 217 salmos imprecatórios, 21, 41, 46, 99 encarnação, 216–17 injustiça, 26, 65, 150

chacais, 185
James, em Jó, 93
Jemimá, 255
Jesus Cristo início do ministério público de, 178–79 morte de, 113, 131, 210, 235 inocência de, 247 zombado em seu julgamento, 107 súplicas pela humanidade pecaminosa, 119 ressurreição de, 65, 113, 209, 210, 235 sofrimento de, 73

Jó se dirige a Deus, 56–61, 62–64, 80–84, 86–90, 99, 129 culpabilidade de, 8, 27, 52–53, 64, 65, 75, 82–83, 189–90, 192, 219 coragem e candura de, 47–48 morte de, 257 desafio de, 2 frustração com amigos, 38–42, 98, 128 generosidade de, 178, 185, 190–91 imprecação de, 166 inocência de, 34, 57, 58, 63–64, 74, 81–82, 98, 100, 141, 165–67, 176, 188–92, 202, 215, 245, 254
integridade de, 40–41, 42, 78, 167
intercede por amigos, 137, 256, 258–59
isolamento de, 140 conhecimento limitado de, 239, 255–56, 258
juramento de, 165 paciência de, 2 piedade de, 27, 42, 93, 135, 206 oração de, 137
refuta argumento de amigos, 128–32 retratação de, 256 juventude relativa de, 94 restauração de, 255, 256–57 perguntas retóricas de, 20, 21, 23 justiça de, 9, 12, 14, 194, 259 pecado de, 82, 93, 96, 135 doença de pele de, 16, 18, 70, 110, 184 reivindicação de, 81-82 riqueza de, 96
Jonas, 165 alegria, 64 justiça, 50, 117, 150, 177, 178, 192 de Deus, 53, 54

Keren-Happuch, 255
Quezias, 255 reino de Deus, 150 reis, julgamento de, 206
conhecimento, de Elifaz, 94 Kushner, Haroldo, 161

Salmos de Lamento, 12, 21, 34, 38, 47, 96, 101, 118, 186, 220
Linguagem jurídica, 104, 116
Leviatã, 20, 56, 160, 242–43, 248–53;
Lewis, C. S., 55, 145, 180, 229, 253

limites de vida de, 87
complexidades de, 78-79
como fugazes, 46, 52, 59, 87, 89 fragilidade de, 45, 89
futilidade de, 46, 47 como tenda, 111 problemas de, 87, 89
luz, 21, 106, 111, 130, 232 leões, 28, 233
ouvindo, 71, 139 lógica, 68 de Bildad, 50, 51, 53–54, 55, 155–56 de Elifaz, 94 de Zofar, 68, 71–72
solidão, 140 Pai Nosso, 247 Lotan, 248

MacLeish, Archibald, 6, 199, 204–5 larvas, 45, 154, 156, 158, 159, 161 Marduk, 44, 152, 160
Maria, Magnificat de, 35, 125, 154 *mashal*, 165 "conversa sem sentido", 165 mediador, 60
Melville, Herman, 43, 253
misericórdia, 58, 168, 220
Messias, 76 Michael, 249
parteira, 20 alistamento militar, 44 mineração, 170–71 *Moby Dick*, 43, 253
zombadores, 105, 107, 182–83 dinheiro, 190
meses, 45, 176 estrelas da manhã, 20

Mot, 110, 111 mariposa, 29 mãe e filho, 216
motivos, 11 cabra da montanha, 236, 239
montanhas, 57–58, 89
luto, 14, 17, 100, 184, 185 música, 49

Mistério, da obra de Deus, 53, 145 mitologia, 79, 163, 250

nações, 77 natureza, 224, 229, 239, 253
analogias de, 50, 54, 86, 89–90
evidência de, 76, 160, 235

O poder de Deus sobre, 57, 60 como revelação de Deus, 227–28
Salmos da Natureza, 221 Confissão negativa, 56, 188, 192, 231
noite, 215 Noé, geração de, 136 meio-dia dom, 70

Observação, 28, 30, 34, 146
*Odisseia*, 85, 98 descendência, 112 profetas do Antigo Testamento, 191
oliveiras, 93 opressão, 63, 65, 136, 146, 147–48, 150, 177–79, 186, 191, 213, 214 ordem nas alturas do céu, 152 órfãos, 41, 146, 191 avestruz, 238, 239–40 párias, 18 corujas, 185

dor, 23–24, 99, 102, 186, 201, 202–3
planta de papiro, 51 parcialidade, 197
Pascal, Blaise, 97, 199 idade patriarcal, 1
*Perry Mason* (programa de TV), 84, 235 perseverança, 93, 202
personificação, na Bíblia, 245
pestilência, 32 médicos, 80–81, 84
*Peregrino do Progresso*, 97, 139
planta, desenraizada e murcha, 52 Plêiades, 60, 233 poesia, 6, 113 politeísmo, 101, 152
pobres, 146, 147–48, 149, 150, 190–91 louvor, 215, 220–21
oração, 138, 217 pregação Jó, 6–7 pregação para o público errado, 136 orgulho, 93, 94, 123, 160 problema do mal, 3, 29, 76, 101, 125 prólogo, para Jó, 8, 14, 65, 154, 197, 203, 213, 219, 255, 259 prosperidade, 95, 137 proteção, 212 "Provérbio das Cinzas", 80 Provérbios, 4, 5, 17, 234 providência, 63, 114, 240 pureza, 154

Rá, 134
discriminação racial, 169
*Raabe*, 160 Raabe, 56 chuva, 33, 235 mãos levantadas, 68 Ramsés III, 219 corvos, 233
rebelião, 209 redentor, 116, 118, 119
refinamento da impureza, 140–41, 142, 143 lembrando de Deus, 53
arrependimento, 70–72, 74, 100, 209, 221, 256
repetição e variação, 14 Resheph, 32 descanso, 22
ressurreição, 22–23, 86, 87–88, 90, 101, 118–19, 209

princípio da retribuição, 4, 5, 17, 79, 168, 245, 238, 257
Bildad é, 50, 51, 53–54, 111, 112, 113, 152–53, 155
Eliú é, 204, 206, 219–20, 221–22, 225 Elifaz é, 27–28, 35, 94, 95, 96, 137–39
dos amigos de Jó, 26, 38, 40–41, 84, 105–6, 128–29, 142, 146
Jó em, 42, 47, 59, 65, 74–79, 105, 130–32, 149, 166, 178, 179, 184, 188, 246
Zofar, 71, 122–23, 126 revelação, 28, 68 homem rico e Lázaro, 125 justos, adversidade de, 113, 136, 168, 207 justiça, 177, 178
Galo, 230–31

pano de saco, 100 sarcasmo, 33, 75, 93, 135, 159, 161 *satanás*, 8
Satanás, 9, 249 escalas, 38, 189
mar, 160, 232 monstros marinhos, 44, 46, 160 ver a Deus, 256
autoexame, 144 serpente, tentação de Adão, 93 impureza sexual, 189 Shaddai (título), 34
sombra da morte, 21 *shalom*, 35
Shamash, 134, 216 vergonha, 123, 183
Seol, 44, 161, 232 Shu, 162 silêncio, de amigos de Jó, 14, 15, 152 pecado, 47 Elifaz em, 94 de humanidade, 96 de Jó, 82, 93, 96 e sofrimento, 3, 112, 142, 220
doença de pele, de Jó, 16, 18, 70, 110, 184 escravocrata, 22 escravos, 190 sono, 46 sabão, 59 Sodoma e Gomorra, 112, 115 canções na noite, 212, 215 "filhos de Deus", 8, 9 faíscas, 32, 33 aranha, 52
estrelas, 56, 154, 233 natimorto, 64
estoicismo, 12, 21, 33, 43, 47
tempestades, 58, 137, 221, 224–25, 229, 231
Strauss, Lehman, 199, 259
riachos, 38 sofrimento, 2, 120
perseverança, 93
como punitivo e formativo, 194, 197, 218–22 de justos, 73, 113, 136 e pecado, 3, 30, 68
*Veja também*
dor Servo Sofredor,

73 suicídio, 40
enxofre, 112 sol, 226, 229 espada, 33

pandeiro, 128

Tanino, 44, 56 lágrimas, 101 tecnologia, 173, 174–75
dez (número), 116
Dez mandamentos, 137
tenda, 35, 111, 112 terror, 142 teodiceia, 29

60 como aberto e flexível, 132
*Ver também* trovoada princípio de retribuição, 221, 225, 227
Tiamat, 44
Tolkien, J. R. R., 48, 235, 253
língua do astuto, 93 Tournier, Paulo, 30–31, 204 tradição, 50, 51, 53, 54, 68, 76 confiando em Deus, 17, 24, 42 tumulto, 22

perguntas sem resposta, 3, 5, 23, 160, 230, 248, 255, 258
compreensão, 52 sob o sol, 173 submundo, 44

vaidade, 12, 215
doença venérea, 218
vingança, 43, 168
mulher virtuosa, 173

wadis, 38, 39 cavalo de guerra, 238–39 lavagem, 59 terrenos baldios, 77
búfalos de água, 245
vapor de água, 159
fraqueza, 29 riqueza, 95, 136, 167, 190 clima, 232
baleia, 253
perguntas "por que", 20, 21, 161 perverso Jó como, 129, 209 prosperidade de, 75, 76, 128, 132, 136 punição de, 59, 87, 90, 112, 113-14, 124-25, 126, 168, 208 felicidade temporal de, 123-24, 126, 129, 130
*Ver também* viúvas
malfeitoras, 146, 191
esposa de Jó, 16, 18, 22, 189 burro selvagem, 69, 237, 250 boi selvagem, 236, 237 vinho, 194 sabedoria, 1–2, 3, 4
e circunstâncias, 36 Eliú em diante, 206–7 busca humana, 171–74 reside em Deus, 173–74
caminho de, 22
Reis Magos, 206–7, 209
Ventre, 64

complexidade mundial e ambiguidade
de, 33 como templo, 160
vermes, 45, 106, 148, 154, 156, 158, 159, 161
adoração, 10 ira de Deus, 231

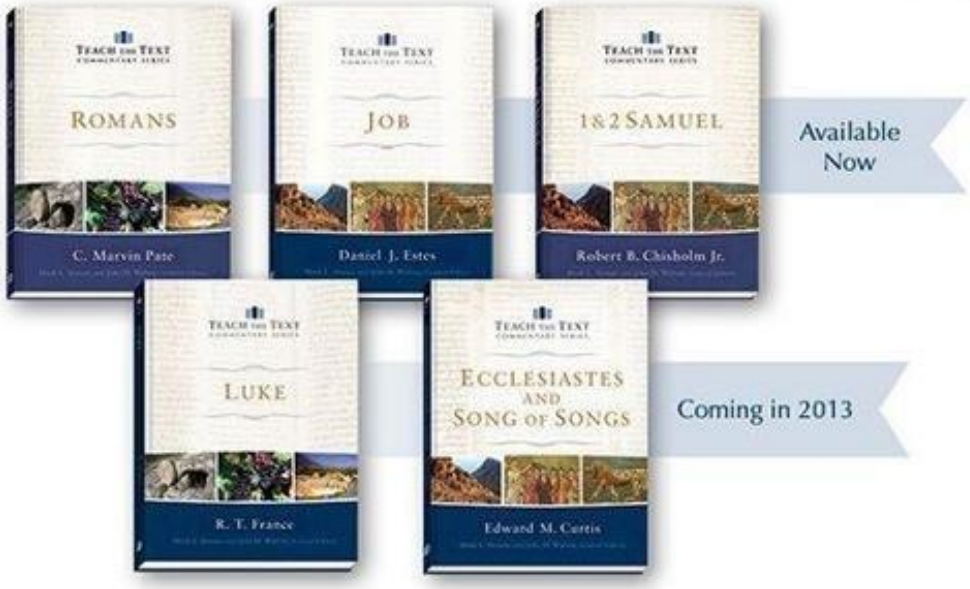
Xerxes, 74, 75 anos

Javé (nome), 76. *Ver também* Deus Yamm, 44, 56
Yancey, Philip, 61, 84–85, 103 jovens, sabedoria
de, 196, 198

Zaphon, 159
Sião, 159
Zofar, 50, 68–72, 122–26, 146, 152, 165, 167

TEACH THE TEXT
COMMENTARY SERIES

Focused Biblical Scholarship to
TEACH THE TEXT EFFECTIVELY




Available Now

Coming in 2013

"Most commentaries are either too technical or too light to be of much help, leaving us to wander through the text on our own. Accurately balanced between good scholarship and solid preaching perspectives, these commentaries provide an unusually deep and relevant approach to the text. If you take preaching and teaching the Word seriously you must take this series seriously as well."

—**Joe Stowell**, President, Cornerstone University

**www.teachthetextseries.com**

BakerBooks
Relevant. Intelligent. Engaging.

Available wherever books and ebooks are sold.
Like us on • Follow us on ReadBakerBooks

Site: www.bakerbooks.com Descontos de quantidade: www.direct2church.com

Twitter: ReadBakerBooks

Facebook: BakerBooks

# Focused Biblical Scholarship to Teach the Text Effectively

The Teach the Text Commentary Series gives pastors the best of biblical scholarship and presents the information needed to move seamlessly from the meaning of the text to its effective communication. By keeping the discussion in each carefully selected preaching unit to six pages of focused commentary, the volumes allow pastors to quickly grasp the most important information. Each unit of the commentary includes the big idea and key themes of the passage; sections dedicated to understanding, teaching, and illustrating the text; and full-color illustrations, maps, and photos.

The Book of Job presents a challenge to the modern preacher and teacher, as it communicates its message in a way that is unfamiliar to most contemporary believers. But the issues it addresses—suffering, our response to it, and how God works in the world—are nevertheless relevant to the church in our day. Job teaches the surpassing sovereignty, freedom, and wisdom of God and emphasizes that even though the answers to our questions may remain hidden from us, God can be trusted. In this commentary, Daniel J. Estes provides carefully organized guidance for interpreting, teaching, and illustrating the important truths found in Job.

"Few commentaries help the reader move beyond study to thoughtful application, and fewer still move beyond application to teaching. That's why I am thrilled with the Teach the Text Commentary Series from Baker. I highly recommend it."

—George H. Guthrie, Benjamin W. Perry Professor of Bible, Union University, Jackson, TN

"Teach the Text is the kind of commentary I have wanted for a long time. It deals with the kinds of questions that busy pastors have to ask and answer in order to preach the Scriptures every week."

—Haddon Robinson, Harold John Ockenga Professor of Preaching, Gordon-Conwell Theological Seminary

"Pastors, communicators, and fellow Bible teachers, shove some books over and make room on your shelves. The Teach the Text Commentary Series was specifically envisioned with us in the lens. Here is the best of biblical scholarship made accessible, applicable, and relevant to life right here on the hot pavement where we need it most."

—Beth Moore, author and teacher

Daniel J. Estes (PhD, University of Cambridge) is distinguished professor of Bible at Cedarville University and the author of the commentary on Song of Songs in the Apollos Old Testament Commentary series, *Hear, My Son: Teaching and Learning in Proverbs 1–9*, and the *Handbook on the Wisdom Books and Psalms*.

Cover design: LUCAS Art & Design
Cover art: image of mountains © Matt Moyer/National Geographic Society/Corbis;
Samuel Lamenting David © Zev Radovan/Bridgeman Art Library

BakerBooks
a division of Baker Publishing Group

# Índice


Página da Série
Página de Título
Página de Direitos Autorais
Dedicatória
Conteúdo
Bem-vindo à Série de Comentários Ensine o Texto
Introdução à Série de Comentários Ensine o Texto
Abreviaturas
Introdução ao trabalho
Trabalho 1
Trabalho 2
Trabalho 3
Trabalho 4
Trabalho 5
Trabalho 6
Trabalho 7
Trabalho 8
Trabalho 9
Trabalho 10
Trabalho 11
Trabalho 12
Emprego 14
Emprego 15
Emprego 16
Emprego 17
Emprego 18
Emprego 19
Emprego 20
Emprego 21
Emprego 22
Emprego 23

Emprego 24
Emprego 25
Emprego 26
Emprego 27
Emprego 28
Emprego 29
Emprego 30
Emprego 31
Emprego 33
Emprego 34
Emprego 35
Emprego 36
Emprego 37
Emprego 38
Emprego 39
Emprego 40
Emprego 41
Emprego 42
Bibliografia
Créditos da Imagem
Índice
Voltar Anúncio
Contracapa